UM CLÁSSICO ESPIRITUAL MODERNO

EU SOU AQUILO

TAT TWAM ASI

CONVERSAÇÕES COM

SRI NISARGADATTA MAHARAJ

2ª EDIÇÃO REVISADA

EDITORA ADVAITA

UM CLÁSSICO ESPIRITUAL MODERNO

EU SOU AQUILO

TAT TWAM ASI

CONVERSAÇÕES COM
SRI NISARGADATTA MAHARAJ

2ª EDIÇÃO REVISADA

TRADUÇÃO DE
LUIZ JORGE SALIBA

REVISÃO DA 2ª EDIÇÃO
ANDREA MARAZZI

Trancoso
EDITORA ADVAITA
2014

BIOGRAFIA

Quando perguntavam sobre a data de seu nascimento, o Mestre replicava brandamente que ele nunca nasceu.

As poucas informações existentes sobre ele foram coletadas com familiares e amigos e, muitas vezes, são incongruentes. Conta-se que ele nasceu na lua cheia de Março de 1897, que coincide com o festival Hanuman Jayanti, quando os hindus homenageiam Hanuman, o famoso deus-macaco do Ramayana. Por isso, o recém-nascido recebeu o nome de Maruti (outro nome de Hanuman).

O garoto cresceu quase sem instrução, numa família pobre e seu pai trabalhava como serviçal numa residência em Bombay. Mais tarde a família mudou-se para uma pequena fazenda num vilarejo próximo à floresta de Ratnagiri, Maharastra. Maruti auxiliava seu pai nos afazeres da fazenda e suas diversões eram tão simples como seu trabalho, mas ele foi contemplado com uma mente inquisitiva, que borbulhava com questões de todos os tipos.

Quando Maruti completou dezoito anos, seu pai faleceu deixando a viúva e seus seis filhos. Isto obrigou Maruti a mudar-se para Bombay em busca de melhores rendimentos para ajudar a família. Após trabalhar algum tempo como auxiliar em um escritório, ele conseguiu montar uma pequena loja onde vendia roupas para crianças, tabacos e cigarros artesanais (beedes). Dizem que esse negócio cresceu e lhe proporcionou alguma estabilidade financeira. Nesse período ele se casou e teve um filho e três filhas.

Até a meia idade, Maruti viveu uma vida normal, como a de qualquer outro indiano. Um amigo lhe apresentou um dia ao Mestre Sri Siddharameshwar Maharaj e este foi seu ponto de mutação. O Guru lhe deu um mantra e algumas instruções sobre meditação. Logo de sua prática, Maruti começou a ter visões, chegando a entrar em trance algumas vezes. Alguma coisa explodiu dentro dele dando nascimento a uma consciência cósmica e um sentido de vida eterna. A identidade de Maruti, o pequeno comerciante, se dissolveu, e a personalidade de Sri Nisargadatta emergiu.

Após sua experiência de iluminação, Sri Nisagardatta Maharaj começou a viver uma vida dupla. Ele continuava conduzindo seus negócios, mas não era mais o mercador preocupado com o lucro. Mais tarde deci-

diu abandonar sua família e sua loja (como é costume na Índia) e viver como peregrino. Com os pés descalços encaminhou-se para os Himalaias onde planejava passar o resto de seus anos em busca da vida eterna. Mas logo retrocedeu e percebeu a futilidade dessa busca. A vida eterna não era algo para ser desejado. Ele já a possuía. Tendo ido além da ideia de "eu sou este corpo", ele penetrou num estado mental tão cheio de alegria, paz e glória que qualquer coisa lhe parecia inútil se comparada a essa sensação.

Embora sem instrução, seus diálogos são iluminadores num grau extraordinário. Embora tenha nascido e crescido na pobreza, ele é o mais rico dos homens, pois é o dono de uma ilimitada abundância de conhecimento perene. Ele é caloroso e gentil, perspicaz e bem-humorado, absolutamente sem medos e totalmente verdadeiro, inspirando, guiando e dando suporte a todos que o procuram.

Qualquer tentativa de escrever uma nota biográfica sobre tal homem é frívola e fútil. Porque ele não é um homem com um passado ou um futuro, ele é o presente vivo-eterno e imutável. Ele é o Self que se tornou todas as coisas.

NOTA IMPORTANTE

Usamos a palavra "Consciência", com a letra inicial maiúscula, quando nos referimos à presença onde não há sentido de "eu". Refere-se à consciência pura e impessoal. O estado original e eterno, além da percepção, do tempo, do espaço e de qualquer identificação mundana.

Usamos a palavra ***"consciência"***, com a letra inicial minúscula, quando nos referimos à sensação de existir, ao sentimento "eu sou" identificado com um objeto, uma entidade, à consciência no nível da percepção manifestada dentro do tempo e do espaço.

SUMÁRIO

1 O Sentido de 'Eu Sou' 11
2 A obsessão com o corpo 13
3 Viver o presente 15
4 O mundo real está além da mente 18
5 O que nasce deve morrer 20
6 A meditação 22
7 A mente 23
8 O eu está além da mente 26
9 Respostas da memória 30
10 Testemunhar 32
11 Consciência e consciência 35
12 A pessoa não é a realidade 36
13 O supremo, a mente e o corpo 40
14 As aparências e a realidade 45
15 O gnani 49
16 A ausência de desejos, a maior bem-aventurança 52
17 O sempre presente 58
18 Para conhecer o que você é, encontre o que você não é 60
19 A realidade está na objetividade 64
20 O Supremo está além de tudo 67
21 Quem sou eu? 72
22 A vida é amor e o amor é vida 77
23 A discriminação leva ao desapego 81
24 Deus é o autor de tudo; o gnani, de nada 87
25 Agarre-se ao 'Eu Sou' 93
26 A personalidade, um obstáculo 98
27 O que não tem início começa sempre 103
28 Todo sofrimento nasce do desejo 108
29 Viver é a única finalidade da vida 112
30 Você é livre agora 117
31 Não subestime a atenção 121
32 A vida é o guru supremo 126
33 Tudo acontece por si mesmo 131
34 A mente é a própria inquietude 138
35 O maior guru é seu ser interior 144
36 Matar fere o que mata, não o que morre 150
37 Além da dor e do prazer há felicidade 156
38 Prática espiritual é vontade afirmada e reafirmada 162
39 Nada tem existência por si mesmo 168
40 Apenas o eu é real 173
41 Desenvolva a atitude da testemunha 177
42 A realidade não pode ser enunciada 180
43 A ignorância pode ser reconhecida, não gnana 186
44 O 'Eu Sou' é verdadeiro, tudo o mais é inferência 191
45 O que vem e vai não tem existência 195
46 A consciência de ser é felicidade 201
47 Observe sua mente 205
48 A consciência é livre 208
49 A mente causa insegurança 217

50 A consciência de si é a testemunha....221
51 Seja indiferente ao sofrimento e ao prazer....225
52 Ser feliz – e fazer feliz – é o ritmo da vida....232
53 Desejos satisfeitos, mais desejos procriados....235
54 O corpo e a mente são sintomas de ignorância....239
55 Abandone tudo e você ganha tudo....244
56 Ao surgir a consciência, o mundo surge....249
57 Além da mente, não há sofrimento....254
58 A perfeição é o destino de todos....258
59 O desejo e o medo são estados autocentrados....263
60 Viva os fatos, não as fantasias....267
61 A matéria é a própria consciência....270
62 A testemunha aparece no supremo....276
63 A ideia de ser o agente é escravidão....281
64 Tudo o que lhe agrada o retém....285
65 Uma mente silenciosa é tudo o que você precisa....291
66 Toda a busca de felicidade é miséria....295
67 A experiência não é a coisa real....302
68 Busque a origem da consciência....307
69 A impermanência é a prova da irrealidade....310
70 Deus é o fim de todo desejo e conhecimento....316
71 Autoconsciência, você aprende sobre si mesmo....322
72 O que é puro, imaculado e independente é real....328
73 A morte da mente é o nascimento da sabedoria....336
74 A verdade está aqui e agora....343
75 Em paz e silêncio você cresce....351
76 Saber que você não sabe é o conhecimento verdadeiro....356
77 'Eu' e 'Meu' são ideias falsas....363
78 Todo conhecimento é ignorância....367
79 A pessoa, a testemunha e o supremo....373
80 Consciência....378
81 A causa raiz do medo....384
82 A perfeição absoluta está aqui e agora....389
83 O verdadeiro guru....395
84 Seu guru é sua meta....402
85 O 'Eu Sou' é a fundamento de toda experiência....406
86 O desconhecido é o lar do real....414
87 Mantenha a mente em silêncio e você deve descobrir....421
88 O verdadeiro conhecimento não é o conhecimento obtido através da mente....425
89 o Progresso na vida espiritual....431
90 Renda-se a seu próprio ser....435
91 Prazer e felicidade....442
92 Vá além da ideia 'eu sou o corpo'....445
93 O homem não é o autor....450
94 Você está além do espaço e do tempo....454
95 Aceite a vida como ela vier....459
96 Abandone as recordações e as esperanças....464
97 A mente e o mundo não estão separados....469
98 A liberdade da auto identificação....476
99 O percebido não pode ser o que percebe....483
100 A compreensão leva à liberdade....490
101 O gnani não agarra nem segura....494
Glossário....502

1
O SENTIDO DE 'EU SOU'

Pergunta: Faz parte da experiência cotidiana que, ao despertarmos, o mundo repentinamente apareça. De onde ele vem?

Maharaj: Antes que qualquer coisa passe a existir, deve haver alguém a quem ela apareça. Todos os aparecimentos e desaparecimentos pressupõem uma mudança em relação a um fundo imutável.

P: Antes de despertar, eu estava inconsciente.

M: Em que sentido? No de haver esquecido ou no de não ter experienciado? Você não experiência mesmo quando inconsciente? Você pode existir sem conhecer? Um lapso na memória é uma prova de inexistência? E você pode falar legitimamente sobre sua própria inexistência como uma experiência real? Você nem mesmo pode dizer que sua mente não existia. Não despertou ao ser chamado? E, ao despertar, não foi o sentido de 'eu sou' que surgiu primeiro? Alguma semente de consciência deve ter existido mesmo durante o sono ou o desmaio. Ao despertar, a experiência passa a funcionar: 'Eu sou – o corpo – no mundo'. Pode parecer que ela surja na sequência, mas, de fato, tudo é simultâneo, uma única ideia de ter um corpo em um mundo. Pode haver a sensação de 'eu sou' sem ser uma pessoa ou outra?

P: Eu sempre sou alguém com recordações e hábitos. Não conheço outro 'eu sou'.

M: Talvez algo o impeça de conhecer? Quando você não sabe o que os demais sabem, o que faz?

P: Busco a fonte do conhecimento que possuem através da instrução deles.

M: Não é importante para você saber se é um mero corpo ou outra coisa? Ou, talvez, nada em absoluto? Você não vê que todos os seus problemas são os problemas de seu corpo – alimento, vestuário, casa, família, amigos, nome, fama, segurança, sobrevivência. Tudo isto perde seu significado no momento em que você compreende que talvez não seja um mero corpo.

P: Que benefício há em saber que não sou o corpo?

M: Mesmo dizer que você não é o corpo não é totalmente verdadeiro. Em certo modo, você é todos os corpos, corações e mentes, e muito mais. Aprofunde-se no sentido de 'eu sou' e você descobrirá. Como você encontra uma coisa que você perdeu ou esqueceu? Você a mantém em mente até que a lembre. O sentido de ser, de 'eu sou', é o primeiro a emergir. Pergunte-se de onde ele vem ou simplesmente observe-o tranquilamente. Quando a mente permanece no 'eu sou', sem mover-se, você entra num estado que não pode ser verbalizado, mas pode ser experienciado. Tudo o que necessita fazer é tentar e tentar novamente. Afinal de contas, o sentido de 'eu sou' está sempre com você, apenas você acrescentou a ele todo tipo de coisas – corpo, sentimentos, pensamentos, ideias, posses, etc. Todas estas autoidentificações são enganosas. Devido a elas, você aceita ser o que não é.

P: Então, o que sou eu?

M: É suficiente saber o que você não é. Você não necessita saber o que você é. Porque, enquanto o conhecimento significar descrição em termos do já conhecido, perceptual, ou conceitual, não poderá haver conhecimento de si mesmo, pois tudo o que você é não pode ser descrito, exceto como negação total. Tudo que você pode dizer é: 'Eu não sou isto, eu não sou aquilo'; você não pode dizer significativamente 'isto é o que sou'. Simplesmente não tem sentido. O que você pode assinalar como 'isto' ou 'aquilo' não pode ser você mesmo. Certamente, você não pode ser 'outra coisa'. Você não é nada que possa ser percebido ou imaginado. E, ainda assim, sem você não pode haver nem percepção nem imaginação. Você observa o coração sentindo, a mente pensando, o corpo atuando – o próprio ato de perceber mostra que você não é o que você percebe. Pode haver percepção ou experiência sem você? Uma experiência tem que 'pertencer' a alguém. Alguém deve vir e proclamá-la como própria. Sem um experienciador, a experiência não é real. O experienciador é o que dá realidade à experiência. Uma experiência que você não possa ter, que valor tem para você?

P: O sentido de ser o experienciador, o sentido de 'eu sou', não é também uma experiência?

M: Obviamente, tudo o que se experimenta é uma experiência. E, em cada experiência, surge seu experienciador. A memória cria a ilusão de continuidade. Na realidade, cada experiência tem seu próprio experienciador, e o sentido de identidade se deve ao fator comum na raiz de to-

das as relações entre experienciador e experiência. A identidade e a continuidade não são a mesma coisa. Exatamente como cada flor tem sua cor própria, mas todas as cores são causadas pela mesma luz, do mesmo modo aparecem muitos experienciadores na Consciência não separada e indivisível, cada um separado na memória, mas idêntico em essência. Esta essência é a raiz, o fundamento, a 'possibilidade' atemporal e ilimitada de toda experiência.

P: Como posso chegar a ela?

M: Você não necessita chegar a ela, pois você é ela. Se você lhe der uma oportunidade, chegará a você. Abandone seu apego ao irreal e o real aparecerá por si mesmo, suave e tranquilamente. Deixe de imaginar-se sendo ou fazendo isto ou aquilo, e a percepção de que você é a fonte e o coração de tudo despontará em você. Com isto surgirá um grande amor que não será escolha ou predileção, nem apego, mas um poder que torna todas as coisas queridas e dignas de amor.

2
A OBSESSÃO COM O CORPO

Pergunta: Maharaj, você está sentado diante de mim e eu estou aqui a seus pés. Qual é a diferença básica entre nós?

Maharaj: Não há nenhuma diferença básica.

P: Ainda deve haver alguma diferença real. Eu venho a você, você não vem a mim.

M: Porque você imagina diferenças, você vai aqui e ali em busca de pessoas 'superiores'.

P: Você também é uma pessoa superior. Você reivindica conhecer o real, enquanto eu não o conheço.

M: Disse-lhe alguma vez que você não o conhece e que, portanto, é inferior? Que aqueles que inventaram tais distinções as provem. Eu não pretendo conhecer o que você não conhece. De fato, sei muito menos que você.

P: Suas palavras são sábias, seu comportamento nobre, sua graça todo-poderosa.

M: Não sei nada disso, e não vejo diferença entre mim e você. Minha vida é uma sucessão de fatos iguais aos seus. Apenas sou imparcial e vejo o que está acontecendo como um espetáculo passageiro, enquanto você se atém às coisas e se move com elas.

P: O que o fez tão desapaixonado?

M: Nada em particular. Aconteceu que eu acreditei em meu Guru. Ele me disse que eu não era nada senão meu eu e acreditei nele. Ao acreditar nele, comportei-me de forma correspondente, e cessei de preocupar-me com o que não era eu nem meu.

P: Por que você teve a sorte de confiar em seu mestre totalmente, enquanto nossa confiança é nominal e verbal?

M: Quem pode dizer isto? Aconteceu assim. As coisas acontecem sem causa e razão e, apesar de tudo, que importa quem é quem? Esta alta opinião que tem de mim é só a sua opinião. A qualquer momento você pode mudá-la. Por que dar tanta importância às opiniões, inclusive as suas?

P: Ainda assim, você é diferente. Sua mente parece estar sempre calma e feliz. E ocorrem milagres a seu redor.

M: Eu não sei nada de milagres e me pergunto se a natureza admite exceções a suas leis. A menos que concordemos que tudo seja um milagre. No que diz respeito à minha mente, tal coisa não existe. Existe a consciência na qual ocorrem todas as coisas. É bastante óbvio e dentro da experiência de todos. Simplesmente você não olha com suficiente cuidado. Olhe bem e verá o que eu vejo.

P: O que você vê?

M: Vejo que você também pode ver, aqui e agora, mas você vê o foco errado de sua atenção. Você não presta atenção a si mesmo. Sua mente está apenas com coisas, pessoas e ideias, nunca consigo mesmo. Foque a si mesmo, torne-se consciente de sua própria existência. Veja como você funciona, observe os motivos e os resultados de suas ações. Estude a prisão que construiu a seu redor, por inadvertência. Por conhecer o que você não é, chegará a conhecer-se. O caminho de regresso a si mesmo passa pela recusa e rejeição. Uma coisa é certa: o real não é imaginário, não é um produto da mente. Mesmo o sentido de 'eu sou' não é contínuo, embora seja um indicador útil; mostra onde buscar, mas não o que buscar. Somente olhe bem para isto. Uma vez convencido que verdadeiramente não pode dizer sobre si mesmo nada exceto 'eu sou', e de que

nada que possa ser apontado pode ser seu si mesmo, a necessidade do 'eu sou' acaba – você já não tende a verbalizar o que você é. Tudo o que você necessita é desfazer-se da tendência de definir seu si mesmo. Todas as definições dizem respeito somente a seu corpo e suas expressões. Uma vez que perca esta obsessão com o corpo, você reverterá a seu estado natural, espontaneamente e sem esforço. A única diferença entre nós é que eu estou consciente de meu estado natural, enquanto você está confuso. Do mesmo modo que o ouro convertido em ornamentos não tem nenhuma vantagem sobre o ouro em pó, exceto para a mente, assim nós somos um no ser – diferimos apenas na aparência. Descobrimos isto sendo sérios, através da busca, averiguando, questionando diariamente e a cada instante, entregando a própria vida a esta descoberta.

3
VIVER O PRESENTE

Pergunta: Pelo que posso ver, não há nada errado com meu corpo e nem com meu ser real. Ambos não são de minha fabricação e não necessitam ser melhorados. O que se perdeu foi 'o corpo interno', chame-o mente, consciência, antahkarana, seja o nome que for.

Maharaj: O que você considera que não vai bem em sua mente?

P: Está inquieta, ávida pelo agradável e temendo o desagradável.

M: O que está errado em buscar o agradável e em evitar o desagradável? Entre as margens da dor e do prazer, flui o rio da vida. É só quando a mente se nega a fluir com a vida, e encalha nas margens, que ela se torna um problema. Fluir com a vida significa aceitação: acolher o que vem e deixar partir o que se vai. Não deseje, não tema, observe como e quando o real acontece, posto que você não é o que acontece, mas a quem acontece. Finalmente você nem sequer é o observador. Você é a última potencialidade da qual a consciência toda-abrangente é a manifestação e expressão.

P: Ainda assim, entre o corpo e o eu há uma nuvem de pensamentos e sentimentos que não servem nem ao corpo nem ao eu. Estes pensa-

mentos e sentimentos são frágeis, transitórios e sem sentido, mera poeira mental que cega e sufoca, e que aí estão, obscurecendo e destruindo.

M: Certamente, a recordação de um evento não pode passar pelo próprio evento. Tampouco pode a antecipação. Há algo excepcional, único, no evento presente, o qual o anterior, ou o posterior, não tem. Há uma certa vivacidade nele, certa atualidade; ele sobressai como se estivesse iluminado. No presente, existe o 'selo da realidade', que nem o passado nem o futuro têm.

P: O que dá ao presente este 'selo de realidade'?

M: Não há nada peculiar no evento presente que o diferencie do passado e do futuro. Por um instante, o passado foi real e o futuro o será. O que faz o presente tão diferente? Obviamente, minha presença. Eu sou real porque estou sempre agora, no presente, e o que está agora comigo compartilha minha realidade. O passado está na memória; o futuro, na imaginação. Não há nada no próprio evento presente que o faça sobressair como real. Pode ser algo simples, de ocorrência periódica, como as batidas do relógio. Apesar de sabermos que os sons sucessivos são idênticos, a batida presente é bastante diferente da anterior e da próxima, tal como as lembramos ou as esperamos. Uma coisa focalizada no agora está comigo, pois eu estou sempre presente; é minha própria realidade que eu transmito ao evento presente.

P: Mas nós tratamos as recordações como se fossem reais.

M: Só consideramos as coisas rememoradas quando vêm ao presente. O esquecido não conta até que seja relembrado, o que implica trazê-lo ao agora.

P: Sim, posso ver que no agora há algum fator desconhecido que dá realidade momentânea à atualidade transitória.

M: Não necessita dizer que ele é desconhecido, já que você o vê em constante operação. Desde que você nasceu, isto já mudou? As coisas e os pensamentos mudam todo o tempo. Mas o sentimento de que o que existe agora é real nunca mudou, mesmo no sonho.

P: No sono profundo não há experiência da realidade presente.

M: O vazio do sono profundo deve-se inteiramente à falta de recordações especificas. Mas há uma recordação geral de bem-estar. Há uma diferença de sentimentos quando digo 'eu estava dormindo profundamente' ou 'eu estava ausente'.

P: Repetiremos o assunto com que começamos: entre a origem da vida e sua expressão (que é o corpo), há a mente e seus estados em constante mudança. O fluxo de estados mentais é interminável, sem sentido e doloroso. A dor é o fator constante. O que chamamos prazer não é senão uma pausa, um intervalo entre dois estados dolorosos. O desejo e o medo são a trama e a urdidura do viver, e ambos são feitos de dor. Nossa pergunta é: pode haver uma mente feliz?

M: O desejo é a recordação do prazer, e o medo é a recordação da dor. Ambos não deixam a mente descansar. Os momentos de prazer são meras pausas no fluxo da dor. Como a mente pode ser feliz?

P: Isto é verdadeiro quando desejamos prazer ou esperamos a dor. Mas existem momentos de uma alegria inesperada, não antecipada. Pura alegria não contaminada pelo desejo – não buscada, não merecida, um dom de Deus.

M: Ainda assim, a alegria é apenas alegria contra um fundo de dor.

P: A dor é um fato cósmico ou puramente mental?

M: O universo é completo, e onde há plenitude, onde nada falta, o que pode causar a dor?

P: O universo pode ser completo como um todo, mas incompleto nos detalhes.

M: Uma parte do todo vista em relação com o todo também é completa. Só quando é vista isoladamente, torna-se deficiente e, portanto, uma sede da dor. O que produz esse isolamento?

P: As limitações da mente, certamente. A mente não consegue ver o todo pela parte.

M: Bom o suficiente. A mente, por sua própria natureza, divide e opõe. Pode haver alguma outra mente que una e harmonize, que veja o todo na parte e a parte completamente relacionada com o todo?

P: A outra mente – onde buscá-la?

M: Indo além da mente que limita, divide e opõe. Terminando com os processos mentais como os conhecemos. Quando isto chega ao fim, aquela mente nasce.

P: Nesta nova mente, ainda há lugar para a alegria e a aflição?

M: Não como nós as conhecemos, como desejáveis ou repugnantes. Torna-se mais uma questão de amor que busca expressão e encontra

obstáculos. A mente inclusiva é amor em ação, batalhando contra as circunstâncias, inicialmente frustrado, e finalmente vitorioso.

P: Entre o espírito e o corpo, é o amor que constrói a ponte?

M: Que outra coisa? A mente cria o abismo, o coração o atravessa.

4
O MUNDO REAL ESTÁ ALÉM DA MENTE

Pergunta: Em várias ocasiões foi feita a pergunta sobre se o universo está sujeito à lei da causalidade, ou se existe e funciona fora dessa lei. Você parece defender a ideia de que ele não tem causa, que tudo, embora pequeno, careça de causa, surgindo e desaparecendo sem razão conhecida alguma.

Maharaj: Causalidade significa sucessão no tempo de eventos no espaço, espaço este físico ou mental. Tempo, espaço e causalidade são categorias mentais que surgem e desaparecem com a mente.

P: Enquanto a mente operar, a causalidade será uma lei válida.

M: Como todas as coisas mentais, a chamada lei de causalidade contradiz a si mesma. Nada na existência tem uma causa particular; o universo inteiro contribui para a existência inclusive da menor coisa; nada poderia ser como é, sem que o universo fosse o que é. Quando a origem e o fundamento de todas as coisas é a única causa de tudo, falar de causalidade como lei universal é incorreto. O universo não está limitado por seu conteúdo, porque suas potencialidades são infinitas, além de ser uma manifestação, ou expressão, de um princípio fundamental e totalmente livre.

P: Sim, pode-se ver que, finalmente, falar de algo como a única causa de outra coisa é totalmente incorreto. Ainda assim, na vida real, invariavelmente, iniciamos a ação com vistas a um resultado.

M: Sim, há muita atividade deste tipo devido à ignorância. Se as pessoas soubessem que nada ocorre a menos que todo o universo faça com que aconteça, realizariam muito mais com muito menos gasto de energia.

P: Se tudo é uma expressão da totalidade das causas, como podemos falar de uma ação intencional dirigida a uma realização?

M: O próprio desejo de realizar algo também é uma expressão do universo inteiro. Ele meramente mostra que a energia potencial surgiu em um ponto determinado. É a ilusão do tempo que o faz falar de causalidade. Quando o passado e o futuro são vistos no agora atemporal, como partes de um padrão comum, a ideia de causa e efeito perde sua validade e é substituída pela liberdade criativa.

P: Apesar disto, eu não posso imaginar como algo possa existir sem uma causa.

M: Quando digo que alguma coisa não tem causa, quero dizer que pode ser sem uma causa particular. Sua própria mãe não foi necessária para lhe dar nascimento; você poderia ter nascido de alguma outra mulher. Mas não poderia ter nascido sem o sol e sem a terra. Mesmo estes não poderiam ter causado seu nascimento sem o fator mais importante, seu próprio desejo de nascer. É o desejo que dá nascimento, que dá nome e forma. O desejável é imaginado e procurado, e se manifesta como algo tangível ou concebível. Desse modo é criado o mundo em que vivemos, nosso mundo pessoal. O mundo real está além do alcance da mente; nós o vemos através da rede de nossos desejos divididos entre dor e prazer, certo e errado, interior e exterior. Para ver o universo como ele é, você deve ir além da rede. Não é difícil fazê-lo, porque a rede está cheia de buracos.

P: O que quer dizer por buracos? E como encontrá-los?

M: Olhe para a rede e suas muitas contradições. Você faz e desfaz a cada passo. Você quer paz, amor, felicidade, e trabalha duro para criar dor, ódio e guerra. Você quer longevidade e abusa da alimentação, quer amizade e explora os outros. Veja sua rede feita de tais contradições e elimine-as – o fato de vê-las as fará desaparecer.

P: Já que ver minhas contradições as fará desaparecer, não existe uma conexão causal entre o meu ver e o desaparecimento delas?

M: A causalidade, mesmo como conceito, não se aplica ao caos.

P: Em que medida o desejo é um fator causal?

M: Um dos muitos. Para tudo há inumeráveis fatores causais. Mas a fonte de tudo o que existe é a Possibilidade Infinita, a Realidade Suprema, que está em você e que lança seu poder, luz e amor em cada experiência. Mas esta fonte não é uma causa, e nenhuma causa é uma fonte.

Por isso digo que nada tem causa. Você pode tentar conjeturar como algo acontece, mas não pode saber porque uma coisa é como é. Uma coisa é como é porque todo o universo é como é.

5
O QUE NASCE DEVE MORRER

Pergunta: A consciência que testemunha é permanente ou não?

Maharaj: Não é permanente. O conhecedor surge e desaparece com o conhecido. Aquilo no qual ambos, o conhecedor e o conhecido, surgem e desaparecem está além do tempo. Palavras como permanente e eterno não têm aplicação aqui.

P: No sono profundo não existem nem o conhecido nem o conhecedor. O que mantém o corpo sensível e receptivo?

M: Seguramente, você não pode dizer de nenhum modo que o conhecedor estava ausente. Não havia experiência de coisas e pensamentos, isso é tudo. Mas a ausência de experiência também é experiência. É como entrar em uma sala escura e dizer: 'Não vejo nada'. Um homem cego de nascimento não sabe o que significa escuridão. De maneira similar, só o conhecedor sabe que ele não sabe. O sono profundo é meramente um lapso da memória. A vida continua.

P: E o que é a morte?

M: É a mudança no processo de viver de um corpo individual. A integração acaba, e a desintegração se estabelece.

P: E o que acontece com o conhecedor? Com o desaparecimento do corpo, desaparecerá o conhecedor?

M: Exatamente como o conhecedor do corpo aparece no nascimento, na morte ele desaparece.

P: E não restará nada?

M: Restará a vida. A consciência necessita de um veículo e de um instrumento para sua manifestação. Quando a vida produzir outro corpo, outro conhecedor virá a existir.

P: Há uma conexão causal entre os sucessivos corpos-conhecedores ou corpos-mentes?

M: Sim, existe algo que poderia ser chamado o corpo da memória, ou corpo causal, um registro de tudo o que foi pensado, desejado e feito. É como uma nuvem de imagens agrupadas.

P: O que é este sentido de uma existência separada?

M: É um reflexo em um corpo separado da única realidade. Neste reflexo, confunde-se ilimitado e limitado, tomados como o mesmo. Desfazer esta confusão é o propósito da Ioga.

P: A morte não desfaz esta confusão?

M: Na morte, só morrerá o corpo. A vida não morrerá, a consciência não morrerá, a realidade não morrerá. E a vida nunca é tão viva como depois da morte.

P: Mas volta-se a renascer?

M: O que nasceu deve morrer. Só o que não nasceu é imortal. Encontre o que é isto que nunca dorme e nunca desperta, e cujo pálido reflexo é nosso sentido de 'eu'.

P: O que devo fazer para encontrá-lo?

M: Como você encontra alguma coisa? Pondo o coração e a mente nela. Deve haver interesse e recordação constantes. Recordar o que necessita ser recordado é o segredo do êxito. Chega-se a ele mediante a seriedade.

P: Quer dizer que simplesmente o desejo de descobrir é suficiente? Certamente, serão necessárias competência e oportunidades.

M: Estas chegarão com a seriedade. O que é supremamente importante é libertar-se das contradições; a meta e o caminho não devem estar em níveis diferentes; a vida e a luz não devem opor-se; o comportamento não deve trair as crenças. Chame isto de honestidade, integridade, totalidade; você não deve voltar atrás, desfazer, arrancar, abandonar o terreno conquistado. Tenacidade de propósito e honestidade na busca o levarão a sua meta.

P: Tenacidade e honestidade são dotes, sem dúvida! Eu não tenho nenhum traço deles.

M: Tudo chegará à medida que avançar. Primeiro dê o primeiro passo. Todas as bênçãos vêm de dentro. Volte-se para dentro. Você já conhece o 'eu sou'. Esteja com ele todo o tempo que possa até que volte a ele espontaneamente. Não há caminho mais simples e mais fácil.

6
A MEDITAÇÃO

Pergunta: Todos os professores aconselham a meditar. Qual é o propósito da meditação?

Maharaj: Conhecemos o mundo exterior das sensações e dos atos, mas sabemos muito pouco de nosso mundo interior de pensamentos e sentimentos. O propósito primário da meditação é tornar-nos conscientes de nossa vida interior e familiarizar-nos com ela. O propósito final é alcançar a fonte da vida e da consciência.

A propósito, a prática da meditação afeta profundamente nosso caráter. Somos escravos do que não conhecemos e mestres do que sabemos. Qualquer vício ou debilidade que descubramos em nós, e o compreendamos em suas causas e mecanismos, será vencido pelo mero fato de o conhecer; o inconsciente se dissolve quando é trazido ao consciente. A dissolução do inconsciente libera energia; a mente se sente adequada e fica quieta.

P: Qual é a utilidade de uma mente quieta?

M: Quando a mente está quieta, chegamos a conhecer-nos como a pura testemunha. Nos retiramos da experiência e do experimentador, e nos mantemos à parte na pura Consciência, a qual fica entre e além de ambas. A personalidade, baseada na autoidentificação, em imaginar-se que se é algo – 'Eu sou isto, Eu sou aquilo' –, continua, mas apenas como uma parte do mundo objetivo. Sua identificação com a testemunha se rompe.

P: Posso compreender que vivo em muitos níveis, e a vida em cada nível requer energia. O Eu, por sua própria natureza, delicia-se em todas as coisas, e suas energias fluem para fora. O propósito da meditação não é represar as energias nos níveis superiores, ou empurrá-las para trás e para cima para permitir que os níveis superiores também prosperem?

M: Não é tanto uma questão de níveis, mas de gunas (qualidades). A meditação é uma atividade sattvica e se propõe à completa eliminação de tamas (inércia) e rajas (mobilidade). Puro sattva (harmonia) é a perfeita libertação da inquietação e da preguiça.

P: Como fortalecer e purificar sattva?

M: Sattva sempre é puro e forte. É como o sol. Pode parecer que está obscurecido por nuvens e pó, mas apenas do ponto de vista do percebedor. Trabalhe com as causas do obscurecimento, não com o sol.

P: Qual é a utilidade de sattva?

M: Qual é a utilidade da verdade, da bondade, da harmonia, da beleza? Elas são suas próprias metas. E se manifestam espontaneamente e sem esforço quando as coisas são deixadas a si mesmas, quando não se interfere com elas, nem são evitadas ou desejadas, ou conceituadas, mas experienciadas em plena Consciência. Tal Consciência é sattva. Ela não usa as coisas ou as pessoas – dá a elas plenitude.

P: Como eu não posso melhorar sattva, devo trabalhar só com tamas e rajas? Como devo fazê-lo?

M: Observando sua influência em você e sobre você. Seja consciente deles quando estão operando, observe suas expressões em seus pensamentos, palavras e ações, e gradualmente a atração sobre você diminuirá, e a clara luz de sattva emergirá. Não é um processo nem difícil nem prolongado; a seriedade é a única condição para o êxito.

7
A MENTE

Pergunta: Há livros muito interessantes escritos por muita gente aparentemente competente, nos quais se nega o sentido ilusório do mundo (embora não sua transitoriedade). Segundo eles, existe uma hierarquia de seres, do mais baixo ao mais alto; em cada nível, a complexidade do organismo permite e reflete a profundidade, o alcance e a intensidade da consciência, sem alguma culminação visível ou cognoscível. Uma lei suprema governa por toda parte: a evolução das formas para o crescimento e enriquecimento da consciência, e a manifestação de suas infinitas possibilidades.

Maharaj: Isto pode ser assim ou não. Mesmo se for assim, só o será do ponto de vista da mente, mas, de fato, todo o universo (mahadakash) existe apenas na consciência (chidakash), enquanto eu tenho meu apoio no Absoluto (paramakash). No ser puro, surge a consciência; na consci-

ência, o mundo aparece e desaparece. Tudo o que existe sou eu, tudo o que existe é meu. Antes de todos os começos, depois de todos os finais – Eu sou. Tudo tem sua existência em mim, no 'eu sou' que resplandece em todo ser vivo. Inclusive a não existência é impensável sem mim. O que quer que aconteça, eu tenho que estar presente para testemunhá-lo.

P: Por que nega a existência ao mundo?

M: Eu não nego o mundo. Vejo-o como uma aparição na consciência, a qual é a totalidade do conhecido na imensidade do desconhecido.

O que começa e acaba é uma mera aparência. Pode-se dizer que o mundo aparece, mas não que é. A aparência pode durar muito em alguma escala temporal e ser muito breve em outra, mas, em última instância, dá no mesmo. Qualquer coisa limitada pelo tempo é momentânea e não tem nenhuma realidade.

P: Certamente, você vê o mundo real que o rodeia. Você parece comportar-se normalmente!

M: Isso é o que lhe parece. O que em seu caso ocupa todo o campo da consciência é só uma partícula no meu. O mundo dura apenas por um instante. Sua memória é a que o faz pensar que o mundo continua. Eu não vivo na memória. Eu vejo o mundo como é, uma aparição momentânea na consciência.

P: Em sua consciência?

M: Toda a ideia de 'eu' e 'meu', mesmo do 'eu sou', está na consciência.

P: Então, seu 'ser absoluto' (paramakash) é inconsciente?

M: A ideia de inconsciência existe apenas na consciência.

P: Então, como você sabe que está no estado supremo?

M: Porque estou nele. Ele é o único estado natural.

P: Você pode descrevê-lo?

M: Só mediante a negação, como sem causa, independente, sem relação, indiviso, sem componentes, inabalável, inquestionável, inalcançável mediante esforço. Toda definição positiva é da memória e, portanto, não é aplicável. Ainda assim, meu estado é supremamente real e, portanto, possível, realizável, alcançável.

P: Você não estaria imerso atemporalmente em uma abstração?

M: A abstração é mental e verbal, e desaparece no sonho ou no desmaio, reaparecendo no tempo. Eu estou em meu próprio estado (swaru-

pa), atemporalmente no agora. O passado e o futuro só existem na mente – eu sou agora.

P: O mundo também existe agora.

M: Que mundo?

P: O mundo ao redor de nós.

M: O mundo que tem em sua mente é o seu, não o meu. Que sabe de mim quando mesmo minha conversa com você ocorre apenas em seu mundo? Você não tem nenhuma razão para crer que meu mundo é idêntico ao seu. Meu mundo é real, verdadeiro, tal como é percebido, enquanto o seu aparece e desaparece de acordo com o estado de sua mente. Seu mundo é algo estranho e você tem medo dele. Meu mundo sou eu mesmo. Estou em casa.

P: Se você fosse o mundo, como poderia ser consciente dele? O sujeito da consciência não é diferente de seu objeto?

M: A consciência e o mundo aparecem e desaparecem juntos, de modo que são dois aspectos do mesmo estado.

P: Durante o sono profundo eu não sou e o mundo continua.

M: Como você sabe?

P: Eu o sei ao despertar. Minha memória o diz.

M: A memória está na mente, a qual continua durante o sono profundo.

P: Ela está parcialmente em suspensão.

M: Mas sua imagem do mundo não é afetada. Enquanto a mente existir, seu corpo e seu mundo existirão. Seu mundo é produto da mente, é subjetivo, está encerrado na mente, é fragmentário, temporal, pessoal, suspenso pelo fio da memória.

P: O mesmo que o seu?

M: Oh, não. Eu vivo em um mundo de realidades, enquanto o seu é de imaginações. O seu mundo é pessoal, privado, não compartilhável, intimamente seu. Ninguém pode entrar nele, ver como você vê, ouvir como você ouve, sentir suas emoções e pensar seus pensamentos. Em seu mundo, você está verdadeiramente só, encerrado em seu sonho sempre variável que você toma por vida. Meu mundo é um mundo aberto, comum a todos, acessível a todos. Em meu mundo há comunidade, introspecção, amor, qualidade real; o indivíduo é o total, a totalidade – no indivíduo. Todos são um e o Um é todos.

P: O seu mundo está cheio de coisas e pessoas como o meu?

M: Não, está cheio de mim mesmo.

P: Mas você vê e ouve como nós?

M: Sim, parece que ouço e falo e atuo, mas para mim simplesmente acontece, como para você acontece a digestão ou a transpiração. O aparelho corpo-mente ocupa-se disto, mas me deixa fora. Assim como você não necessita preocupar-se com o crescimento dos cabelos, eu não necessito preocupar-me com as palavras e com as ações. Simplesmente ocorrem e me deixam indiferente, pois em meu mundo nunca nada dá errado.

8
O EU ESTÁ ALÉM DA MENTE

Pergunta: Como uma criança, com frequência, experimentei estados de felicidade completa próximos ao êxtase. Mais tarde, eles cessaram; mas, desde que vim para a Índia, reapareceram, particularmente depois que encontrei você. Ainda assim, apesar de serem maravilhosos, estes estados não duram. Eles chegam e se vão, e não se sabe quando voltarão.

Maharaj: Como algo pode ser estável em uma mente que em si mesma não é estável?

P: Como posso estabilizar a mente?

M: Como pode uma mente instável tornar-se estável? Claro que não pode. É da natureza da mente vagar. Tudo o que você pode fazer é mudar o foco da consciência para além da mente.

P: Como isto é feito?

M: Recuse todos os pensamentos exceto um: o pensamento 'eu sou'. A mente se rebelará a princípio, mas, com paciência e perseverança, cederá e permanecerá quieta. Uma vez que você esteja quieto, as coisas começarão a acontecer espontaneamente e de forma muito natural, sem qualquer interferência de sua parte.

P: Posso evitar esta prolongada batalha com a minha mente?

M: Sim, você pode. Simplesmente viva sua vida como vier, mas muito alerta, vigilante, permitindo que tudo ocorra da maneira que ocorrer,

fazendo as coisas naturais de modo natural, sofrendo, gozando – como for a vida. Esta também é uma maneira de viver.

P: Bom, então posso também casar-me, ter filhos, levar um negócio... Ser feliz.

M: Claro que sim. Você pode ser feliz ou não; leve a vida no seu ritmo.

P: Ainda assim eu quero felicidade.

M: A verdadeira felicidade não pode ser encontrada nas coisas que mudam e morrem. O prazer e a dor se alternam inexoravelmente. A felicidade vem do Ser e só pode ser achada no Ser. Encontre seu ser real (swarupa) e tudo o mais virá com ele.

P: Se meu eu real é paz e amor, por que sou tão inquieto?

M: Não é que seu ser real seja inquieto, mas seu reflexo na mente assim o parece, pois a mente é inquieta. Ela é como o reflexo da lua na água movida pelo vento. O vento do desejo move a mente, e o 'eu', que não é senão um reflexo do Eu na mente, parece mutável. Mas estas ideias de movimento, de inquietude, de prazer e dor, estão todas na mente. O Eu está além da mente, consciente, mas despreocupado.

P: Como alcançá-lo?

M: Você é o Ser, aqui e agora. Deixe a mente em paz, seja consciente e desapegado e você compreenderá que permanecer alerta, mas destacado, observando como os fatos vão e vêm, é um aspecto de sua verdadeira natureza.

P: Quais são os outros aspectos?

M: Os aspectos são infinitos em número. Compreenda um e compreenderá todos.

P: Diga-me algo que possa ajudar-me.

M: Você conhece melhor o que necessita!

P: Estou inquieto. Como posso obter a paz?

M: Para que você necessita paz?

P: Para ser feliz.

M: Não é feliz agora?

P: Não, não sou.

M: O que o faz infeliz?

P: Eu tenho o que não quero e quero o que não tenho.

M: Por que não inverter isto? Queira o que tem e não se preocupe com o que não tem.

P: Eu quero o que é agradável e não quero o que é doloroso.

M: Como você sabe o que é agradável e o que não é?

P: Por experiências passadas, certamente.

M: Guiado pela memória, você tem perseguido o agradável e tentado escapar do desagradável. Você foi bem-sucedido?

P: Não, não fui. O agradável não dura. A dor se manifesta novamente.

M: Que dor?

P: O desejo de prazer e o medo da dor são estados de aflição. Há um estado de completo prazer?

M: Cada prazer, físico ou mental, necessita de um instrumento. Os instrumentos físicos e mentais são materiais, portanto se fatigam e se desgastam. O prazer que proporcionam necessariamente é limitado em intensidade e duração. A dor é a tela de fundo de todos seus prazeres. Você os deseja porque sofre. Por outro lado, a própria busca do prazer é a causa da dor. É um circulo vicioso.

P: Posso ver o mecanismo de minha confusão, mas não vejo minha saída disto.

M: O próprio exame do mecanismo mostra a saída. Depois de tudo, sua confusão está só na sua mente, a qual nunca se rebelou até agora contra a confusão, nem chegou a lidar com ela. Só se rebelou contra a dor.

P: De modo que tudo o que posso fazer é permanecer confundido?

M: Esteja alerta. Investigue, observe, pergunte, aprenda tudo quanto possa sobre a confusão, como funciona, qual é seu efeito em você e nos demais. Vendo claramente a confusão, você se liberta dela.

P: Quando olho para mim, vejo que meu mais forte desejo é criar um monumento, construir algo que me sobreviva. Inclusive quando penso em um lar – esposa e filhos – é porque ele é sólido, duradouro, um testemunho de mim mesmo.

M: Correto, construa um monumento a si mesmo. Como propõe fazê-lo?

P: Não importa o que construo, desde que seja permanente.

M: Certamente, você pode ver por si mesmo que nada é permanente. Tudo se gasta, quebra e se dissolve. O próprio alicerce sobre o qual se constrói cede um dia. O que você pode construir que sobreviva a tudo?

P: Intelectualmente, verbalmente, estou consciente de que tudo é transitório. Ainda assim, de algum modo meu coração quer a permanência. Quero criar algo duradouro.

M: Então tem que construir sobre algo duradouro. O que você tem que seja duradouro? Nem seu corpo nem sua mente durarão. Tem que buscar em outra parte.

P: Desejo a permanência, mas não a encontro em nenhum lugar.

M: Você mesmo não é permanente?

P: Nasci e devo morrer.

M: Você pode dizer verdadeiramente que não existia antes de nascer, e poderá dizer depois da morte: 'Agora não existo mais?' Você não pode dizer, pela sua própria experiência, que não existe. Só pode dizer: 'eu sou'. Os demais tampouco podem dizer-lhe que 'você não existe'.

P: Não há 'eu sou' no sono.

M: Antes de fazer afirmações tão incisivas, examine cuidadosamente seu estado de vigília. Cedo descobrirá que está cheio de intervalos em que a mente está vazia. Perceba quão pouco você recorda, mesmo quando totalmente desperto. Não pode dizer que não estava consciente durante o sono. Simplesmente não recorda. Uma lacuna na memória não é necessariamente uma lacuna na consciência.

P: Posso chegar a recordar meu estado de sono profundo?

M: Certamente! Ao eliminar os intervalos de inadvertência durante suas horas de vigília, gradualmente você eliminará o longo intervalo de desatenção que você chama sono. Então estará consciente de que você está dormindo.

P: Ainda assim, o problema da permanência, da continuidade da existência, não é resolvido.

M: A permanência é uma mera ideia, nascida da ação do tempo. Por sua vez, o tempo depende da memória. Você chama permanência a uma memória contínua através do tempo ilimitado. Você quer eternizar a mente, o que não é possível.

P: Então, o que é eterno?

M: Aquilo que não muda com o tempo. Você não pode eternizar algo transitório – apenas o imutável é eterno.

P: Estou familiarizado com o sentido geral do que você diz. Não anseio mais conhecimento, tudo o que quero é paz.

M: Você pode ter toda a paz que queira, basta que a peça.

P: É o que peço.

M: Deve pedir com um coração indiviso e viver uma vida integrada.

P: Como?

M: Separe-se de tudo o que inquiete sua mente. Renuncie a tudo o que altere sua paz. Se quiser paz, mereça-a.

P: Com certeza, todo mundo merece a paz.

M: Só a merecem aqueles que não a perturbam.

P: De que modo eu perturbo a paz?

M: Sendo escravo de seus desejos e temores.

P: Inclusive quando são justificados?

M: As reações emocionais, nascidas da ignorância ou da inadvertência, nunca são justificadas. Busque uma mente clara e um coração limpo. Tudo o que necessita é permanecer tranquilamente alerta, investigando a natureza real de você mesmo. Este é o único caminho para a paz.

9
RESPOSTAS DA MEMÓRIA

Pergunta: Alguns dizem que o universo foi criado; outros, que sempre existiu e que está sempre passando por transformações. Alguns dizem que está sujeito a leis eternas. Outros negam inclusive a causalidade. Alguns dizem que o mundo é real; outros, que não tem nenhuma existência, seja qual for.

Maharaj: De que mundo você está falando?

P: Do mundo de minhas percepções, certamente.

M: O mundo que você pode perceber é, sem dúvida, um mundo muito pequeno. E é um mundo inteiramente privado. Tome-o por um sonho e deixe-o de lado.

P: Como posso considerá-lo um sonho? Um sonho não dura.

M: Quanto durará seu pequeno mundo?

P: Apesar de tudo, meu pequeno mundo é apenas uma parte do total.

M: A ideia de um mundo total não é uma parte de seu mundo pessoal? O universo não vem lhe dizer que você é uma parte dele. Foi você

que inventou uma totalidade que o contenha como parte. De fato, tudo o que você conhece é seu próprio mundo privado, por mais que o tenha mobiliado com imaginações e esperanças.

P: Certamente, a percepção não é imaginação!

M: Que outra coisa seria? A percepção é reconhecimento, não é assim? Algo inteiramente desconhecido pode ser sentido, mas não pode ser percebido. A percepção envolve memória.

P: Concedido, mas a memória não a converte em ilusão.

M: A percepção, a imaginação, a esperança, a antecipação, a ilusão – todas estão baseadas na memória. Dificilmente existem quaisquer linhas fronteiriças entre elas. Simplesmente se fundem umas com as outras. Todas são respostas da memória.

P: Não obstante, a memória existe para provar a realidade do meu mundo.

M: Quanto recorda você? Tente escrever de memória o que esteve pensando, dizendo e fazendo no dia trinta do mês passado.

P: Sim, há um vazio.

M: Não está tão mal. Você se lembra de muita coisa – a memória inconsciente faz o mundo em que vive tão familiar.

P: Admito que o mundo em que vivo é subjetivo e parcial. E quanto a você? Em que tipo de mundo você vive?

M: Meu mundo é exatamente como o seu. Eu vejo, ouço, sinto, penso, falo e atuo em um mundo que percebo exatamente como você o percebe. Mas para você isto é tudo, para mim é quase nada. Sabendo que o mundo é uma parte de mim mesmo, não lhe dou mais atenção que a que você dá aos alimentos que comeu. Enquanto eles estão sendo preparados para serem comidos, eles estão separados de você e sua mente está neles; uma vez engolidos, você se torna totalmente inconsciente deles. Eu comi o mundo e não necessito mais pensar nele.

P: Você não se torna completamente irresponsável?

M: Como poderia? Como poderia causar mal a algo que é um comigo mesmo? Pelo contrário, sem pensar no mundo, qualquer coisa que fizer o beneficiará. Enquanto o corpo se ajusta inconscientemente, assim eu estou incessantemente ativo pondo em ordem o mundo.

P: Todavia, você está consciente do imenso sofrimento do mundo?

M: Certamente, estou, muito mais que você.

P: Então, o que você faz?

M: Olho-o através dos olhos de Deus e percebo que tudo está bem.

P: Como pode dizer que tudo está bem? Veja as guerras, a exploração, a luta cruel entre o cidadão e o Estado.

M: Todos estes sofrimentos foram fabricados pelo homem e está dentro de seu poder acabar com eles. Deus ajuda o homem a encarar os resultados de seus atos e exige que o equilíbrio seja restaurado. O karma é a lei que trabalha pela retidão, é a mão curativa de Deus.

10
TESTEMUNHAR

Pergunta: Estou cheio de desejos e quero satisfazê-los. Como obter o que eu quero?

Maharaj: Você merece o que deseja? De um modo ou de outro você tem que trabalhar para realizar seus desejos. Ponha energia neles e espere os resultados.

P: De onde retirar a energia?

M: O próprio desejo é energia.

P: Então, por que não se realizam todos os desejos?

M: Talvez não tenham sido suficientemente fortes e duradouros.

P: Sim, esse é meu problema. Quero coisas, mas sou preguiçoso quando chega o momento da ação.

M: Quando seu desejo não for claro nem forte, não poderá tomar forma. Além disso, se seus desejos forem pessoais, para seu próprio prazer, a energia que você lhes dá, necessariamente, será limitada; ela não poderá ser maior do que a que você tem.

P: Ainda assim, frequentemente, as pessoas comuns alcançam o que desejam.

M: Depois de desejá-lo muito e por muito tempo. Ainda assim, seus feitos serão limitados.

P: E os desejos não egoístas?

M: Quando você desejar o bem comum, o mundo inteiro desejará com você. Faça seu o desejo da humanidade, e trabalhe por ele. Você não poderá falhar.

P: A humanidade é o trabalho de Deus, não o meu. Eu me interesso em mim mesmo. Não tenho o direito de ver meus legítimos desejos realizados? Eles não prejudicarão ninguém. Meus desejos são legítimos. Eles são corretos, por que não se realizam?

M: Os desejos são corretos ou impróprios de acordo com as circunstâncias, dependendo de como os olhar. A distinção entre correto e incorreto só é válida para o indivíduo.

P: Quais são as normas para tal distinção? Como posso saber quais de meus desejos são corretos e quais são incorretos?

M: Em seu caso, os desejos que levam à tristeza são incorretos e aqueles que levam à felicidade são corretos. Mas você não deve esquecer os outros. A tristeza e a felicidade deles também contam.

P: Os resultados estão no futuro. Como posso saber quais serão?

M: Utilize sua mente. Recorde. Observe. Você não é diferente dos outros. A maioria das experiências deles também é válida para você. Pense clara e profundamente, entre em toda a estrutura de seus desejos e de suas ramificações. Eles são a parte mais importante de sua constituição mental e emocional, e afetam poderosamente suas ações. Recorde, você não pode abandonar o que não conhece. Para ir além de você mesmo, você deve conhecer a si mesmo.

P: O que quer dizer conhecer a mim mesmo? Ao conhecer a mim mesmo, que é exatamente o que chego a saber?

M: Tudo o que você não é.

P: E não o que eu sou?

M: O que você é, você já é. Conhecendo o que você não é, você se livra disto, permanecendo em seu próprio estado natural. Tudo ocorre muito espontaneamente e sem esforço.

P: E o que descobrirei?

M: Descobrirá que não há nada a descobrir. Você é o que é e isto é tudo.

P: Mas, finalmente, o que sou eu?

M: A negação final de tudo que não é você.

P: Não entendo!

M: É essa ideia fixa de que você tem que ser uma coisa ou outra que o cega.

P: Como posso desfazer-me desta ideia?

M: Se você confia em mim, acredite quando eu lhe digo que você é a pura Consciência que ilumina a consciência e seu conteúdo infinito. Compreenda isso e viva de acordo. Se você não acredita em mim, então volte-se para dentro de si mesmo, e pergunte-se 'O que sou Eu?', ou focalize sua mente no 'Eu Sou', o qual é Ser puro e simples.

P: De que depende minha fé em você?

M: Em sua capacidade de ver no coração dos demais. Se você não puder olhar em meu coração, olhe dentro do seu.

P: Não posso fazer nenhuma das duas coisas.

M: Purifique-se mediante uma vida útil e bem ordenada. Vigie seus pensamentos, sentimentos, palavras e ações. Isto clareará sua visão.

P: Não devo primeiro renunciar a tudo e viver uma vida sem lar?

M: Você não pode renunciar. Pode deixar sua casa e criar problemas para sua família, mas os apegos estão na mente e não o deixarão até que conheça sua mente por dentro e por fora. Primeiro o começo – conheça a si mesmo, tudo além virá por acréscimo.

P: Mas você já me disse que sou a Realidade Suprema. Isto não é autoconhecimento?

M: Certamente, você é a Realidade Suprema! Mas, e daí? Cada grão de areia é Deus; sabê-lo é importante, mas isso é só o começo.

P: Bem, você me disse que eu sou a Realidade Suprema. Acreditei em você. O que tenho que fazer agora?

M: Já lhe falei. Descubra tudo o que você não é. Corpo, sentimentos, pensamentos, ideias, tempo, espaço, ser e não ser, isto ou aquilo – nada concreto ou abstrato que você possa apontar é você. Uma mera afirmação verbal não bastará – você pode repetir uma fórmula interminavelmente sem nenhum resultado. Você deve observar-se continuamente - especialmente sua mente - momento a momento, sem perder nada. Este testemunhar é essencial para a separação entre o eu e o não eu.

P: Este testemunhar – não é minha natureza real?

M: Para ser a testemunha, deve haver algo para testemunhar. Estamos ainda na dualidade!

P: E ser testemunha da testemunha? Consciência da Consciência?

M: Juntar palavras não o levará longe. Vá para seu interior e descubra o que você não é. Nada mais importa.

11
CONSCIÊNCIA E CONSCIÊNCIA

Pergunta: Que você faz quando está adormecido?
Maharaj: Estou cônscio de estar adormecido.
P: O sono não é um estado de inconsciência?
M: Sim, estou cônscio de estar inconsciente.
P: E quando está desperto, ou sonhando?
M: Estou cônscio de estar desperto ou sonhando.
P: Não o entendo. O que você quer dizer exatamente? Deixe-me esclarecer os meus termos; por estar adormecido quero dizer inconsciente, por estar desperto quero dizer consciente, por estar sonhando quero dizer consciente da própria mente, mas não das cercanias.
M: Bom, é quase o mesmo para mim. Ainda assim, parece que há alguma diferença. Em cada estado, você esquece os outros dois, enquanto, para mim, há apenas um estado de ser, incluindo e transcendendo os três estados mentais de vigília, do dormir e do sonhar.
P: Você vê um rumo e um propósito no mundo?
M: O mundo é apenas um reflexo de minha imaginação. Posso ver o que quiser. Mas por que eu deveria inventar modelos de criação, evolução e destruição? Não os necessito. O mundo está em mim, o mundo sou eu mesmo. Não o temo e não desejo encerrá-lo em uma imagem mental
P: Voltando ao sono. Você sonha?
M: Certamente.
P: Quais são os seus sonhos?
M: Ecos do estado de vigília.
P: E seu sono profundo?
M: A consciência do cérebro está suspensa.
P: Está, então, inconsciente?
M: Inconsciente de minhas cercanias – sim.
P: Não totalmente inconsciente?
M: Permaneço cônscio de que estou inconsciente.
P: Você utiliza os termos 'cônscio' e 'consciente'. Não são a mesma coisa?

M: A Consciência é primordial; é o estado original, sem princípio nem fim, sem causa, sem apoio, sem partes, sem mudança. A consciência está em contato, um reflexo contra uma superfície, um estado de dualidade. Não pode haver consciência sem a Consciência, mas pode haver Consciência sem a consciência, como no sono profundo. A Consciência é absoluta, a consciência é relativa a seu conteúdo; a consciência é sempre de alguma coisa. A consciência é parcial e mutável; a Consciência é total, imutável, tranquila e silenciosa. E é a matriz comum de toda experiência.

P: Como se vai além da consciência, para a Consciência?

M: Já que a Consciência é a que faz possível a consciência, há Consciência em todo estado de consciência. Portanto, a própria consciência de ser consciente já é um movimento na Consciência. O interesse em seu fluxo de consciência o levará à Consciência. Não é um novo estado. Ele é imediatamente reconhecido como a existência básica, original que é a própria vida, e também o amor e a alegria.

P: Já que a realidade está sempre conosco, em que consiste a autorrealização?

M: A realização é apenas o oposto da ignorância. Tomar o mundo como real e ao próprio eu como irreal é ignorância, a causa da aflição. Conhecer o eu como a única realidade e todo o restante como temporal e transitório é liberdade, paz e alegria. Tudo é muito simples. Em vez de ver as coisas como as imagina, aprenderá a vê-las como elas são. Quando puder ver as coisas como são, também você se verá como você é. É como limpar um espelho. O mesmo espelho que lhe mostra como é o mundo, também lhe mostrará sua própria face. O pensamento 'eu sou' é um pano de limpeza. Use-o.

12
A PESSOA NÃO É A REALIDADE

Pergunta: Por favor, diga-nos como você atingiu?
Maharaj: Encontrei meu Guru quando tinha 34 anos e atingi aos 37.
P: O que aconteceu, qual foi a mudança?

M: O prazer e a dor perderam sua influência sobre mim. Eu estava livre de desejos e temores. Encontrei-me pleno, sem necessitar nada. Vi que, no oceano da pura Consciência, sobre a superfície da consciência universal, as inumeráveis ondas dos mundos fenomênicos surgiam e desapareciam sem princípio nem fim. Como consciência, todas são minhas. Como eventos, todos são meus. Há um misterioso poder que cuida deles. Este poder é Consciência, Ser, Vida, Deus, não importa o nome que lhe dê. É o alicerce, o último apoio de tudo o que existe, da mesma forma que o ouro é a base de todas as joias. E é tão intimamente nosso! Abstraia o nome e a forma das joias e o ouro se tornará óbvio. Liberte-se do nome e da forma, e dos desejos e temores que eles criam e, então, o que permanecerá?

P: O nada.

M: Sim, o vazio permanece. Mas o vazio está cheio até a borda. É o eterno potencial, enquanto a consciência é o eterno presente.

P: Você quer dizer futuro quando fala em potencial?

M: Passado, presente, futuro – todos estão ali. E infinitamente mais.

P: Mas, visto que o vazio é vazio, é de pouca utilidade para nós.

M: Como pode dizer isto? Sem a ruptura na continuidade, como poderá haver um renascer? Pode haver renovação sem morte? Mesmo a escuridão do sono é refrescante e rejuvenescedora. Sem a morte, estaríamos atolados para sempre em uma eterna senilidade.

P: Não existe a imortalidade?

M: Quando a vida e a morte são vistas como mutuamente essenciais, como dois aspectos de uma existência, isto é a imortalidade. Ver o fim no princípio e o princípio no fim é a insinuação da eternidade. Definitivamente, a imortalidade não é continuidade. Apenas o processo de mudança continua. Nada dura.

P: A Consciência dura?

M: A Consciência não está no tempo. O tempo só existe na consciência. Além da consciência, onde estão o tempo e o espaço?

P: Dentro do campo de sua consciência também está o seu corpo.

M: Certamente. Mas a ideia de 'meu corpo' como distinto de outros corpos não existe. Para mim é 'um corpo', não 'meu corpo', 'uma mente', não 'minha mente'. A mente cuida do corpo muito bem, não necessito interferir. O que é necessário fazer é feito de um modo normal e natural.

Você pode talvez não ser muito consciente de suas funções fisiológicas, mas, quando se trata de pensamentos, sentimentos, desejos e temores, você se torna agudamente autoconsciente. Para mim, estes também são em grande medida inconscientes. Vejo-me falando para as pessoas ou fazendo coisas de um modo correto e apropriado, sem ser muito consciente disto. Parece-me como se eu vivesse minha vida física, a vida de vigília, de forma automática, reagindo com espontaneidade e perfeitamente.

P: Esta resposta espontânea chega como um resultado da realização, ou mediante treinamento?

M: Por ambos. A devoção à sua meta o faz viver uma vida limpa e ordenada, dada à busca da verdade e a ajudar as pessoas; e a realização faz a nobre virtude fácil e espontânea, eliminando para sempre os obstáculos na forma de desejos, temores e ideias erradas.

P: Você não tem mais desejos e temores?

M: Meu destino foi nascer como um homem simples e comum, um humilde comerciante com pouca educação formal. Minha vida era do tipo comum, com desejos e temores comuns. Quando, através da fé em meu mestre e pela obediência ás suas palavras, eu realizei meu verdadeiro Ser, deixei para trás minha natureza humana para que cuidasse de si mesma, até que seu destino se esgotasse. Ocasionalmente, na mente aparece uma velha reação, emocional ou mental, mas é logo advertida e descartada. Afinal, enquanto carregamos o fardo da pessoa, estamos expostos a suas idiossincrasias e hábitos.

P: Você não tem medo da morte?

M: Eu já estou morto.

P: Em que sentido?

M: Estou duas vezes morto. Não só estou morto para meu corpo, mas também para a minha mente.

P: Bom, você não parece morto de forma alguma!

M: Isto é o que você diz! Parece que conhece meu estado melhor do que eu!

P: Sinto muito, mas simplesmente não o entendo. Você diz que é incorpóreo e desprovido de pensamentos, mas eu o vejo muito vivo e articulado.

M: Você está consciente do trabalho tremendamente complexo que, sem interrupção, é levado a cabo em seu cérebro e corpo? Não, de forma

alguma. Ainda assim, para alguém de fora, tudo parece acontecer inteligentemente e com um propósito. Por que não admitir que toda a vida pessoal possa mergulhar em grande medida por baixo do limiar da consciência e, ainda assim, progredir sadia e harmoniosamente?

P: Isto é normal?

M: O que é normal? É sua vida, obcecada por desejos e pelo medo, cheia de discórdias e lutas, sem sentido e sem alegria, uma vida normal? É normal ser agudamente consciente de seu corpo? É normal ser despedaçado pelos sentimentos e torturado pelos pensamentos? Um corpo e uma mente sadios vivem quase totalmente desapercebidos por seu dono; apenas ocasionalmente, através da dor e do sofrimento, pedem atenção e introspecção. Por que não estender o mesmo a toda vida pessoal? Pode-se funcionar corretamente, respondendo bem e de modo total a qualquer coisa que aconteça, sem ter que trazê-la ao foco da Consciência. Quando o autocontrole se converte em sua segunda natureza, a Consciência muda seu foco para níveis de existência e de ação mais profundos.

P: Não o transforma em um robô?

M: Que dano há em fazer o que é habitual e repetitivo automaticamente? É automático de qualquer forma. Mas, quando também é caótico, causa dor e sofrimento, e exige atenção. Todo o propósito de uma vida limpa e bem ordenada é liberar o homem da prisão do caos e da carga de aflição.

P: Parece que você está a favor de uma vida computadorizada?

M: O que está errado em uma vida livre de problemas? A personalidade é um mero reflexo do real. Por que o reflexo não deve ser fiel ao original, como algo natural, de uma maneira automática? A pessoa necessita ter planos próprios? A vida, da qual é uma expressão, guiá-la-á.

Quando você realiza que a pessoa é uma mera sombra da Realidade, e não a própria Realidade, você deixa de se afligir e de se preocupar. Aceita ser guiado por dentro, e a vida se torna uma jornada no desconhecido.

13
O SUPREMO, A MENTE E O CORPO

Pergunta: Pelo que nos disse, parece que você não é totalmente consciente de seu ambiente. A nós, você parece extremamente desperto e ativo. Nós não podemos talvez acreditar que esteja em um tipo de estado hipnótico que não deixa vestígio de nenhuma recordação. Pelo contrário, sua memória parece excelente. Como entenderemos sua afirmação de que o mundo e tudo o que ele encerra não existe, no que toca a você?

Maharaj: É tudo uma questão de foco. A sua mente está enfocada no mundo; a minha está focada na realidade. É como a lua à luz do dia – quando o sol brilha, a lua quase não é visível. Ou observe como você se alimenta. Enquanto o alimento estiver na boca, você estará consciente dele; uma vez engolido, já não o interessará mais. Seria problemático tê-lo constantemente na mente até que fosse eliminado! A mente, normalmente, teria que estar em suspensão – a atividade incessante é um estado mórbido. O universo funciona por si mesmo – sei disto. O que mais necessito saber?

P: De modo que um gnani sabe o que está fazendo apenas quando presta atenção; de outro modo, ele simplesmente atua, sem se preocupar.

M: O homem médio não é consciente de seu corpo como tal. Ele é consciente de suas sensações, sentimentos e pensamentos. Mesmo estes, uma vez que se estabeleça o desapego, afastam-se do centro da consciência e acontecem espontaneamente e sem esforço.

P: Então, o que está no centro da consciência?

M: Isto a que não se pode dar nome e forma, já que não tem qualidades e está além da consciência. Você pode dizer que ele é um ponto na consciência, o qual está além da consciência. Como um buraco no papel, o qual está no papel e, ao mesmo tempo, não está no papel, assim o estado supremo está no próprio centro da consciência e ao mesmo tempo além dela. É como se fosse uma abertura na mente através da qual a mente seria inundada de luz. A abertura não é sequer a luz. É simplesmente uma abertura.

P: Uma abertura é simplesmente o vazio, a ausência.

M: Isso mesmo. Do ponto de vista da mente, é apenas uma abertura para que a luz da Consciência entre no espaço mental. Por si mesma, a luz só pode ser comparada a uma massa de Consciência pura que é sólida, densa, como uma rocha, homogênea e imutável, livre de padrões mentais de nome e forma.

P: Há alguma conexão entre o espaço mental e a morada suprema?

M: O supremo dá existência à mente. A mente dá existência ao corpo.

P: E o que há além?

M: Dando um exemplo. Um venerável iogue, um mestre na arte da longevidade, com mais de mil anos de idade, vem me ensinar sua arte. Eu respeito e admiro sinceramente seus êxitos e, ainda assim, tudo o que posso dizer a ele é: De que me serve a longevidade? Estou além do tempo. Por muito duradoura que seja a vida, é apenas um momento e um sonho. Do mesmo modo, estou além de todos os atributos. Eles aparecem e desaparecem em minha luz, mas não podem descrever-me. O universo é todas as formas e nomes, baseado em qualidades e diferenças, enquanto eu estou além de tudo isto. O mundo existe porque eu sou, mas eu não sou o mundo.

P: Mas você está vivendo no mundo!

M: Isso é o que você diz! Sei que existe um mundo, o qual inclui este corpo e esta mente, mas não os considero mais 'meus' que outras mentes e outros corpos. Eles estão aí, no tempo e no espaço, mas eu sou atemporal e ilimitado.

P: Mas, já que tudo existe por sua luz, você não seria o criador do mundo?

M: Eu não sou nem a potencialidade nem a atualização, nem a realidade das coisas. Em minha luz, elas vão e vêm como partículas de pó dançando no raio de sol. A luz ilumina as partículas, mas não depende delas. Nem se pode dizer que as criou. Nem sequer se pode dizer que as conheça.

P: Estou lhe fazendo uma pergunta e você está respondendo. Você está consciente da pergunta e da resposta?

M: Na realidade, não estou escutando nem respondendo. No mundo dos eventos, a pergunta e a resposta acontecem. Nada acontece para mim. Tudo simplesmente acontece.

P: E você é a testemunha?

M: O que a testemunha significa? Mero conhecimento. Choveu e agora a chuva acabou. Não me molhei. Sei que choveu, mas não fui afetado. Somente testemunhei a chuva.

P: O homem totalmente realizado, que mora espontaneamente no estado supremo, parece comer, beber e tudo o mais. Ele é consciente disto, ou não?

M: Isto no qual a consciência acontece, a consciência universal ou mente, nós chamamos o éter da consciência. Todos os objetos da consciência formam o universo. O que está além de ambos, apoiando-os, é o estado supremo, um estado de quietude e silêncio absolutos. Quem quer que vá ali desaparece. As palavras ou a mente não podem alcançá-lo. Você pode chamá-lo Deus, ou Parabrahman, ou Realidade Suprema, mas estes nomes são dados pela mente. É o estado sem nome, sem conteúdo, sem esforço e espontâneo, além do ser e do não ser.

P: Mas se segue sendo consciente?

M: Assim como o universo é o corpo da mente, a consciência é o corpo do supremo. Ela não é consciente, mas dá origem à consciência.

P: Em minhas ações diárias, muitas coisas ocorrem por hábito, automaticamente. Eu estou consciente do propósito geral, mas não de cada movimento em detalhe. À medida que minha consciência se amplia e aprofunda, os detalhes tendem a retirar-se, deixando-me livre para as tendências gerais. Não acontece o mesmo para um gnani, e ainda mais?

M: No nível da consciência – sim. No estado supremo, não. Este estado é inteiramente um e indivisível, um único e sólido bloco de realidade. O único modo de conhecê-lo é sê-lo. A mente não pode alcançá-lo. Para percebê-lo, não se requer o uso dos sentidos; para conhecê-lo, não é necessária a mente.

P: Assim é como Deus conduz o mundo.

M: Deus não está administrando o mundo.

P: Então, quem o faz?

M: Ninguém. Tudo ocorre por si mesmo. Você está fazendo a pergunta e dando a resposta. E você conhece a resposta quando faz a pergunta. Tudo é um jogo na consciência. Todas as divisões são ilusórias. Você só pode conhecer o falso, o verdadeiro você mesmo deve sê-lo.

P: Há a consciência testemunhada e a consciência que testemunha. É a segunda a suprema?

M: Existem as duas – a pessoa e a testemunha, o observador. Quando as vê como um, e vai além, você está no estado supremo. Ele não é perceptível, pois é o que torna possível a percepção. Está além do ser e do não ser. Não é nem o espelho nem a imagem no espelho. É o que é – a realidade atemporal, incrivelmente dura e sólida.

P: O gnani – ele é a testemunha ou o Supremo?

M: Ele é o Supremo, certamente, mas também pode ser visto como a testemunha universal.

P: Mas continua sendo uma pessoa?

M: Quando você acredita ser uma pessoa, você vê pessoas em todo lugar. Na realidade não há pessoas, apenas feixes de recordações e hábitos. No momento da realização, a pessoa acaba. A identidade permanece, mas a identidade não é uma pessoa. É inerente à própria realidade. A pessoa não tem nenhuma existência em si mesma; ela é um reflexo na mente da testemunha, o 'eu sou', que novamente é um modo de ser.

P: O Supremo é consciente?

M: Nem consciente nem inconsciente. Digo-o por experiência.

P: Pragnanam Brahma.O que é Pragna?

M: É o conhecimento que não é autoconsciente da própria vida.

P: É vitalidade, energia de vida, vivacidade?

M: A energia vem em primeiro lugar. Pois tudo é uma forma de energia. A consciência está mais diferenciada no estado de vigília. Um pouco menos no sonho. Ainda menos no sono profundo. É homogênea – no quarto estado. Além, está a inexpressável realidade monolítica, a morada do gnani.

P: Cortei a mão. Já sarou. Que poder a fez sarar?

M: O poder da vida.

P: O que é esse poder?

M: É consciência. Tudo é consciente.

P: Qual é a origem da consciência?

M: A própria consciência é a origem de tudo.

P: Pode existir vida sem consciência?

M: Não, nem consciência sem vida. Ambas são uma. Mas, na realidade, só o Supremo é. O resto é questão de nomes e formas. E, enquanto se aferrar à ideia de que apenas o que tem forma e nome existe, o Supremo lhe parecerá não existente. Quando entender que os nomes e as formas são cascas vazias sem nenhum conteúdo seja qual for, e que o real

não tem nome nem forma, que é pura energia de vida e luz de consciência, então estará em paz – imerso no profundo silêncio da realidade.

P: Se o tempo e o espaço forem meras ilusões e você está além, diga-me, por favor, que tempo faz em Nova Iorque. Faz calor ou está chovendo?

M: Como poderia falar para você? Tais coisas necessitam treinamento especial. Ou simplesmente viajar até Nova Iorque. Eu posso estar muito seguro de estar além do tempo e do espaço e, ao mesmo tempo, ser incapaz de localizar-me à vontade em algum ponto do tempo e do espaço. Não tenho suficiente interesse; não vejo nenhum propósito em seguir um treinamento ióguico especial. Simplesmente ouvi falar de Nova Iorque. Para mim, é uma palavra. Por que teria que conhecer mais do que encerra a palavra? Cada átomo pode ser um universo, tão complexo como o nosso. Tenho que os conhecer todos? Poderia – se treinasse.

P: Ao fazer a pergunta sobre o tempo em Nova Iorque, onde cometi o erro?

M: O mundo e a mente são estados de ser. O supremo não é um estado. Ele penetra todos os estados, mas não é um estado de outra coisa. É inteiramente sem causa, independente, completo em si mesmo, além do tempo e do espaço, da mente e da matéria.

P: Por que sinal o reconhece?

M: Esta é a questão, ele não deixa rastro. Não há como reconhecê-lo. Deve ser visto diretamente, abandonando toda a busca de sinais e aproximações. Quando forem abandonados todos os nomes e formas, o real estará com você. Não necessita buscá-lo. A pluralidade e a diversidade são apenas o jogo da mente. A realidade é uma só.

P: Se a realidade não deixasse evidência, não se poderia falar sobre ela.

M: A realidade é. Não se pode negá-la. Ela é profunda e obscura, um mistério além do mistério. Mas ela é, enquanto tudo mais meramente acontece.

P: É o Desconhecido?

M: Está além de ambos, o conhecido e o desconhecido. Mas eu o chamaria mais conhecido que desconhecido, pois, quando algo é conhecido, é o real que é conhecido.

P: O silêncio é um atributo do real?

M: Isto também é da mente. Todos os estados e condições são da mente.

P: Qual é o lugar do samadhi?

M: Não fazer uso da própria consciência é samadhi. Você simplesmente deixou a mente em paz. Você não quer nada, nem do corpo nem da mente.

14
AS APARÊNCIAS E A REALIDADE

Pergunta: Repetidamente, você tem dito que os eventos não têm causa, que uma coisa simplesmente ocorre e que não se pode apontar uma causa. Certamente, tudo têm uma ou diversas causas. Como compreender a não causalidade das coisas?

Maharaj: Do ponto de vista mais elevado, o mundo não tem causa.

P: Mas qual é sua própria experiência?

M: Tudo é sem causa. O mundo não tem causa.

P: Não estou perguntando sobre as causas que levaram à criação do mundo. Quem viu a criação do mundo? Ele pode existir mesmo sem um princípio, existindo sempre. Mas eu não estou falando do mundo. Eu admito que o mundo exista – de algum modo. E contém muitas coisas. Com certeza, cada uma delas deve ter uma causa, ou diversas causas.

M: Uma vez que tenha criado para você mesmo um mundo no tempo e no espaço, governado pela causalidade, estará limitado a buscar e achar causas para tudo. Você faz a pergunta e impõe uma resposta.

P: Minha pergunta é muito simples: Eu vejo todo tipo de coisas e compreendo que cada uma deve ter uma causa ou certo número de causas. Você diz que elas não têm causa, de seu ponto de vista. Mas para você nada tem ser e, portanto, a questão da causalidade não seria colocada. Por sua vez, você parece admitir a existência das coisas, mas nega a causalidade. Isto é o que não posso entender. Uma vez que aceite a existência das coisas, por que rejeitar suas causas?

M: Eu só vejo consciência e sei que todas as coisas são apenas consciência, assim como você sabe que as imagens na tela do cinema são apenas luz.

P: Ainda assim, os movimentos da luz têm uma causa.

M: A luz não se move em absoluto. Você sabe muito bem que o movimento é ilusório, uma sequência de interceptações e colorações em um filme. O que se move é o filme – o qual é a mente.

P: Isto não faz a imagem sem causa. O filme existe, e os atores e os técnicos, o diretor, o produtor, e os vários fabricantes. O mundo é governado pela causalidade. Tudo está interligado.

M: Certamente, tudo está interligado. E, portanto, tudo tem inumeráveis causas. Todo o universo contribui para a mínima coisa. Uma coisa é como é porque o mundo é como é. Veja, você negocia com adornos de ouro; e eu, com ouro. Entre os diferentes adornos não há nenhuma relação causal. Quando você refunde um adorno para fazer outro, não haverá nenhuma relação causal entre os dois. O fator comum será o ouro. Mas você não pode dizer que o ouro é a causa. Ele não pode ser chamado de causa porque por si mesmo não causa nada. É refletido na mente como o 'eu sou', como o nome e a forma particular do adorno. Ainda assim, tudo é apenas ouro. Do mesmo modo, a realidade faz tudo possível e, ainda assim, nada que faça uma coisa o que é – seu nome e forma – vem da realidade.

Mas por que se preocupar tanto sobre a causalidade? Que importam as causas quando as próprias coisas são transitórias? Deixemos vir o que vem e deixemos ir o que vai – por que se apegar às coisas e investigar suas causas?

P: Do ponto de vista relativo, tudo deve ter uma causa.

M: De que lhe serve o ponto de vista relativo? Você é capaz de olhar do ponto de vista absoluto – por que voltar ao relativo? Você tem medo do absoluto?

P: Estou receoso. Tenho medo de adormecer em minhas ditas certezas absolutas. Para viver uma vida decentemente, os absolutos não ajudam. Quando você precisar de uma camisa, comprará o tecido, chamará um alfaiate e tudo o mais.

M: Toda esta conversa mostra ignorância.

P: E qual é a visão do conhecedor?

M: Só há luz e a luz é tudo. Tudo o mais é apenas uma imagem feita de luz. A imagem está na luz e a luz está na imagem. A vida e a morte, ser e não ser – abandone todas essas ideias. Elas não têm utilidade para você!

P: De que ponto de vista você nega a causalidade? Do relativo – o universo é a causa de tudo. Do absoluto – nada existe de forma alguma.

M: De qual estado você está perguntando?

P: Do estado de vigília diário, no qual todas estas discussões acontecem.

M: No estado de vigília surgem todos estes problemas, pois esta é sua natureza. Mas você não está sempre neste estado. Que bem você pode fazer em um estado em que cai e do qual sai desamparadamente? De que modo pode ajudá-lo saber que as coisas estão relacionadas causalmente – como elas podem parecer estar em seu estado de vigília?

P: O mundo e o estado de vigília aparecem e desaparecem juntos.

M: Quando a mente está tranquila, absolutamente em silêncio, o estado de vigília não existe mais.

P: Palavras como Deus, universo, o total, o absoluto, o supremo, são somente ruídos no ar, pois não se pode agir sobre eles.

M: Está propondo perguntas que só você pode responder.

P: Não me deixe de lado assim! Você é muito rápido em falar na totalidade, no universo e em tais coisas imaginárias! Elas não podem vir e proibi-lo de falar em nome delas. Odeio essas generalizações irresponsáveis! E você tende a personalizá-las. Sem a causalidade, não haverá ordem nem será possível uma ação com propósito.

M: Você quer conhecer todas as causas de cada evento? É possível?

P: Sei que não é possível! Tudo o que eu quero saber é se há causas para tudo e se as causas podem ser influenciadas e, com isto, afetar os eventos?

M: Para influir nos eventos não é necessário conhecer as causas. Que modo tão indireto de fazer as coisas! Você não é a origem e o fim de cada evento? Controle-o na própria origem.

P: Toda manhã, pego o jornal e leio com desânimo que as penas do mundo – a pobreza, o ódio e as guerras – persistem. Minhas perguntas se referem ao fato da dor, à causa, ao remédio. Não me deixe de lado dizendo que isto é Budismo! Não me ponha etiquetas. Sua insistência na

não causalidade elimina toda a esperança do mundo sempre em mutação.

M: Você está confundido porque acredita que está no mundo, não que o mundo está em você. Quem veio primeiro – você ou seus pais? Você imagina que nasceu em certo lugar, em certo dia, que você tem um pai e uma mãe, um corpo e um nome. Este é seu pecado e sua calamidade! Com toda certeza, você pode mudar seu mundo se trabalhar sobre ele. Por todos os meios, trabalhe. Quem o deterá? Eu nunca o desencorajei. Com causas ou sem causas, você fez este mundo e você poderá mudá-lo.

P: Um mundo sem causa está inteiramente além de meu controle.

M: Pelo contrário, está totalmente dentro de seu poder mudar o mundo do qual você é a única origem e fundamento. O que foi criado pode sempre ser dissolvido e recriado. Tudo acontecerá como você quiser, desde que você realmente o queira.

P: Tudo o que quero é saber como agir em relação às aflições do mundo.

M: Você mesmo as criou com seus desejos e temores. Agora, lide com elas. Tudo ocorreu por ter esquecido de seu próprio ser. Tendo dado realidade à imagem na tela, ama as pessoas e sofre por elas, e trata de salvá-las. Não é exatamente assim. Você tem que começar com você mesmo. Não há outro modo. Trabalhe, certamente. Não há mal algum em trabalhar.

P: O seu universo parece conter toda experiência possível. O indivíduo traça uma linha através dele e experimenta estados agradáveis e desagradáveis. Isto provoca as perguntas e a busca, as quais ampliam a perspectiva e habilitam o indivíduo a ir além de seu mundo estreito e autocriado, limitado e autocentrado. Este mundo pessoal pode ser mudado – no tempo. O universo é atemporal e perfeito.

M: Tomar as aparências pela realidade é um pecado doloroso e a causa de todas as calamidades. Você é a Consciência infinitamente criativa, toda-abarcante e eterna – a consciência. Todo o resto é local e temporal. Não esqueça o que você é. Enquanto isto, trabalhe o conteúdo de seu coração. O trabalho e o conhecimento devem ir lado a lado.

P: Meu próprio sentimento é que meu desenvolvimento espiritual não está em minhas mãos. Fazer planos próprios e levá-los a cabo não levam a parte alguma. Vou simplesmente em círculos ao redor de mim

mesmo. Quando Deus considerar o fruto maduro, Ele o arrancará e o comerá. Seja qual for o fruto que Lhe pareça verde, ele permanecerá na árvore do mundo um dia mais.

M: Você pensa que Deus o conhece? Ele não conhece nem mesmo o mundo.

P: O seu é um Deus diferente. O meu é diferente do seu, o meu é misericordioso. Ele sofre conosco.

M: Você ora para salvar alguém, enquanto milhares morrem. E, se todos deixarem de morrer, não haverá espaço na terra.

P: Eu não tenho medo da morte. Meu interesse está na aflição e no sofrimento. Meu Deus é um Deus simples e um pouco desamparado. Ele não tem poder para obrigar-nos a ser sábios. Só pode ficar e esperar.

M: Se você e seu Deus são desamparados, não implica que o mundo é acidental? E se é assim, a única coisa que você pode fazer é ir além dele.

15
O GNANI

Pergunta: Sem o poder de Deus, nada pode ser feito. Sem Ele, você mesmo não estaria aqui falando para nós.

Maharaj: Tudo é Sua ação, sem dúvida. Mas o que tem que ver comigo, já que não quero nada? O que pode Deus me dar ou retirar de mim? O que é meu é meu, e o era mesmo quando Deus não existia. Certamente, é uma coisa pequenina, uma partícula – o sentido de 'eu sou', o fato de ser. Este é meu próprio lugar, ninguém o deu a mim. A terra é minha; o que nela cresce, de Deus.

P: Você arrendou a terra a Deus?

M: Deus é meu devoto e fez tudo isto por mim.

P: Não existe Deus separado de você?

M: Como poderia existir? 'Eu sou' é a raiz, Deus é a árvore. A quem deveria adorar e para quê?

P: Você é o devoto ou o objeto de devoção?

M: Nenhum dos dois, eu sou a própria devoção.

P: Não há suficiente devoção no mundo.

M: Você está sempre pensando em melhorar o mundo. Acredita realmente que o mundo espera que você o salve?

P: Não sei quanto posso fazer pelo mundo. Tudo o que posso fazer é tentar. Há alguma outra coisa que gostaria que eu fizesse?

M: Sem você, existe um mundo? Você conhece tudo acerca do mundo, mas de você mesmo nada sabe. Você próprio é a ferramenta de seu trabalho, não tendo outras ferramentas. Por que você não cuida das ferramentas antes de pensar no trabalho?

P: Eu posso esperar, enquanto o mundo não pode.

M: Por não inquirir, faz com que o mundo continue esperando.

P: Esperando o quê?

M: Alguém que possa salvá-lo.

P: Deus dirige o mundo, Deus o salvará.

M: Isto é o que você diz! Deus veio e lhe disse que o mundo é criação e preocupação Dele, e não de você?

P: Por que isto deveria ser minha única preocupação?

M: Considere. O mundo em que você vive, quem mais o conhece?

P: Você o conhece. Todos o conhecem.

M: Veio alguém de fora de seu mundo para dizer isto a você? Eu mesmo e todos os demais aparecemos e desaparecemos em seu mundo. Todos estamos a sua mercê.

P: Isto não pode ser tão ruim! Eu existo no seu mundo como você existe no meu.

M: Você não tem evidência alguma de meu mundo. Você está completamente ocupado no mundo que você mesmo fez.

P: Estou vendo. Completamente, mas – sem esperança?

M: Dentro da prisão de seu mundo aparece um homem que lhe diz que o mundo de dolorosas contradições, o qual você criou, não é contínuo nem permanente e se baseia em um equívoco. Ele pede a você para que saia dele do mesmo modo pelo qual entrou. Você entrou nele ao esquecer o que você é, e sairá dele conhecendo-se a si mesmo como é.

P: De que modo isto afetaria o mundo?

M: Quando você estiver livre do mundo, então poderá fazer algo por ele. Enquanto for seu prisioneiro, você é incapaz de mudá-lo. Pelo contrário, qualquer coisa que fizer agravará a situação.

P: A retidão me libertará.

M: A retidão, sem dúvida, fará de você e de seu mundo um lugar cômodo, mesmo feliz. Mas de que lhe serviria? Não há realidade nele. Ele não poderia durar.

P: Deus ajudará.

M: Para ajudar, Deus deveria conhecer sua existência. Mas você e seu mundo são estados de sonho. Nos sonhos você pode sofrer agonias. Ninguém o sabe e ninguém poderá ajudá-lo.

P: De modo que todas as minhas perguntas, minha busca e estudo não servem para nada?

M: Estes são apenas o despertar de um homem cansado de dormir. Não são as causas do despertar, mas seus primeiros sinais. Mas você não deve fazer perguntas fúteis cujas respostas já conhece.

P: Como obter uma resposta verdadeira?

M: Fazendo uma pergunta verdadeira, não verbalmente, mas atrevendo-se a viver de acordo com suas luzes. Um homem disposto a morrer pela verdade a alcançará.

P: Outra pergunta. A pessoa existe. O conhecedor da pessoa também. Há a testemunha. O conhecedor e a testemunha são idênticos, ou são estados separados?

M: O conhecedor e a testemunha são dois ou um? Quando o conhecedor é visto como separado do conhecido, a testemunha está só. Quando o conhecido e o conhecedor são vistos como um, a testemunha se faz um com eles.

P: Quem é o gnani? A testemunha ou o supremo?

M: O gnani é o supremo e também a testemunha. É tanto o ser como a Consciência. Em relação à consciência ele é a Consciência; em relação ao universo é o ser puro.

P: E a pessoa? O que vem primeiro, a pessoa ou o conhecedor?

M: A pessoa é uma coisa muito pequena. Realmente ela é um composto, não se pode dizer que exista por si mesma. Desapercebida, simplesmente ela não existe. Ela é apenas a sombra da mente, a soma total de recordações. O ser puro é refletido no espelho da mente como o conhecer. O que é conhecido toma a forma de uma pessoa, baseada na recordação e no hábito. É apenas uma sombra ou projeção do conhecedor na tela da mente.

P: O espelho e o reflexo estão aí. Mas onde está o sol?

M: O supremo é o sol.

P: Ele deve ser consciente.

M: Não é nem consciente nem inconsciente. Não pense nele em termos de consciência ou inconsciência. É a vida que contém a ambas e está além delas.

P: A vida é tão inteligente. Como pode ser inconsciente?

M: Você fala do inconsciente quando há um lapso na memória. Na realidade só há consciência. Toda a vida é consciente, toda consciência – vida.

P: Mesmo as pedras?

M: Mesmo as pedras são conscientes e estão vivas.

P: O problema é que eu sou propenso a negar a existência ao que não posso imaginar.

M: Você seria mais sábio se negasse a existência ao que imagina. É o imaginado que é irreal.

P: Todo o imaginável é irreal?

M: A imaginação baseada nas recordações é irreal. O futuro não é inteiramente irreal.

P: Que parte do futuro é real e qual não?

M: O inesperado e imprevisível é real.

16
A AUSÊNCIA DE DESEJOS, A MAIOR BEM-AVENTURANÇA

Pergunta: Encontrei-me com muitas pessoas realizadas, mas nunca com um homem liberado. Você já conheceu algum homem liberado, ou a liberação significa, entre outras coisas, abandonar também o corpo?

Maharaj: O que você entende por realização e liberação?

P: Por realização quero dizer uma experiência maravilhosa de paz, bondade e beleza, quando o mundo faz sentido e há uma unidade que a tudo permeia de substância e essência. Apesar de tal experiência não durar, não pode ser esquecida. Brilha na mente como recordação e desejo. Sei do que estou falando porque tenho tido tais experiências.

Por liberação quero dizer estar permanentemente neste estado maravilhoso. O que pergunto é se a liberação é compatível com a sobrevivência do corpo.

M: O que está errado com o corpo?

P: O corpo é muito débil e de breve duração. Cria necessidades e desejos. Limita-nos dolorosamente.

M: E daí? Que as expressões físicas sejam limitadas. Mas a liberação é liberação do ser de suas ideias falsas e autoimpostas; ela não está contida em alguma experiência particular, por mais gloriosa que seja.

P: Ela dura para sempre?

M: Toda experiência é limitada no tempo. Tudo o que teve um princípio deverá ter um fim.

P: De modo que a liberação, em meu sentido da palavra, não existe?

M: Pelo contrário, sempre se é livre. Você é consciente e livre para ser consciente. Ninguém pode tirar isto de você. Você já se conheceu alguma vez estando inconsciente ou não existindo?

P: Eu posso não lembrar, mas isto não desmente que não tenha ocasionalmente estado inconsciente.

M: Por que não se afasta da experiência, indo para o experimentador, e compreendendo todo o alcance da única afirmação verdadeira que pode fazer: 'eu sou'?

P: Como isto é feito?

M: Aqui não há 'como'. Simplesmente conserve na mente o sentimento 'eu sou', fundindo-se nele até que sua mente e seu sentimento se tornem um. Por tentativas repetidas, você topará com o equilíbrio adequado de atenção e afeto, e sua mente estará firmemente estabelecida no pensamento-sentimento 'eu sou'. Não importa o que você pense, diga ou faça, este sentido de ser imutável e afetuoso permanecerá como o sempre presente fundamento da mente.

P: E você o chama liberação?

M: Chamo-o normal. O que há de errado em ser, conhecer e atuar sem esforço e com muita alegria? Por que considerá-lo tão inusual a ponto de esperar a destruição imediata do corpo? O que está errado com o corpo para que tenha que morrer? Corrija sua atitude em relação ao corpo e não o incomode. Não o mime, não o torture. Simplesmente deixe-o ir, a maior parte das vezes abaixo do limiar da atenção consciente.

P: A recordação de minhas experiências maravilhosas me assombra. Quero-as de volta.

M: Porque você as quer de volta, não pode tê-las. O estado de ansiedade por qualquer coisa bloqueia toda experiência mais profunda. Nada de valor pode ocorrer a uma mente que sabe exatamente o que quer, porque nada que a mente possa imaginar e querer será de muito valor.

P: Então, o que vale a pena querer?

M: Queira o melhor. A mais alta felicidade, a maior liberdade. A ausência dos desejos é a maior bem-aventurança.

P: Estar livre de desejos não é a liberdade que eu quero. Eu quero a liberdade de satisfazer meus desejos.

M: Você é livre para satisfazer seus desejos. De fato, você não está fazendo outra coisa.

P: Eu tento, mas existem obstáculos que me deixam frustrado.

M: Supere-os.

P: Não posso, sou demasiado fraco.

M: O que o faz fraco? Que é esta fraqueza? Outros satisfazem seus desejos, por que você não?

P: Talvez me falte energia.

M: O que aconteceu a sua energia? Para onde ela foi? Não a dispersou em muitos desejos e ocupações contraditórios? Você não tem uma provisão infinita de energia.

P: Por que não?

M: Seus objetivos são pequenos e baixos. Não pedem por mais. Apenas a energia de Deus é infinita porque Ele não quer nada para si mesmo. Seja como Ele e todos os seus desejos se realizarão. Quanto maiores forem seus objetivos e mais amplos seus desejos, mais energia terá para sua satisfação. Deseje o bem de todos e o universo trabalhará com você. Mas, se quiser seu próprio prazer, terá que ganhá-lo duramente. Antes de desejar, mereça.

P: Eu me dedico ao estudo da filosofia, da sociologia e da educação. Creio que necessito mais desenvolvimento mental antes de poder sonhar com a autorrealização. Estou no caminho correto?

M: Para ganhar a vida é necessário algum conhecimento especializado. O conhecimento geral desenvolve a mente, não há dúvida. Mas, se passar toda sua vida juntando conhecimento, você construirá um muro

ao seu redor. Para ir além da mente, não é necessária uma mente bem dotada.

P: Então, o que é necessário?

M: Desconfiar de sua mente, e ir além.

P: O que acharei além da mente?

M: A experiência direta de ser, conhecer e amar.

P: Como se vai além da mente?

M: Há muitos pontos de partida – todos levam à mesma meta. Pode começar com um trabalho desinteressado, abandonado os frutos da ação; pode então deixar de pensar e terminar abandonando todos os desejos. Aqui, abandonar (tyaga) é o fator operativo. Ou você pode não se preocupar com nada do que queira ou pense, ou faça, permanecendo parado no pensamento e sentimento 'eu sou', enfocando o 'eu sou' firmemente em sua mente. Todo tipo de experiências pode chegar a você – permaneça inabalável no conhecimento de que tudo o que pode ser percebido é transitório, e que apenas o 'eu sou' perdura.

P: Eu não posso dedicar toda a minha vida a tais práticas. Tenho que atender às minhas obrigações.

M: Não deixe de atender às suas obrigações! A ação na qual não esteja emocionalmente envolvido e que seja benéfica, e não cause sofrimento, não o limitará. Você pode ocupar-se em várias direções e trabalhar com enorme empenho e, ainda assim, permanecer interiormente livre e quieto, com a mente como um espelho que a tudo reflete sem ser afetada.

P: Tal estado é realizável?

M: Não falaria dele se assim não fosse. Por que haveria de ocupar-me com fantasias?

P: Todos citam as escrituras.

M: Aqueles que conhecem apenas as escrituras nada conhecem. Conhecer é ser. Eu sei do que falo não por ter lido ou por ter ouvido.

P: Estou estudando Sânscrito com um professor, mas realmente só estou lendo as escrituras. Eu busco a autorrealização, e vim obter a orientação necessária. Por favor, diga-me o que fazer.

M: Já que leu as escrituras, por que pergunta a mim?

P: As escrituras mostram as linhas gerais, mas o indivíduo necessita de instruções pessoais.

M: Seu próprio Ser é seu mestre final (sadguru). O mestre externo (guru) é meramente um sinal no caminho. Só seu mestre interno caminhará com você até a meta, pois ele é a meta.

P: O mestre interior não é encontrado facilmente.

M: Já que está em você e com você, a dificuldade não pode ser séria. Olhe para dentro e o encontrará.

P: Quando olho para dentro, encontro sensações e percepções, pensamentos e sentimentos, desejos e medos, lembranças e expectativas. Estou imerso nesta nuvem e não vejo nada mais.

M: Este que vê tudo isto, e o nada também, é o mestre interior. Só ele é, todo o restante parece ser. Ele é seu próprio ser (swarupa), sua esperança e segurança de liberdade; encontre-o e agarre-se a ele, e estará a salvo e seguro.

P: Eu acredito em você, mas, quando se trata da própria constatação deste eu interior, isto me escapa.

M: A ideia 'isto me escapa', de onde surge?

P: Na mente.

M: E quem conhece a mente?

P: A testemunha da mente conhece a mente.

M: Veio alguém para você e lhe disse: 'Eu sou a testemunha da mente'?

P: Claro que não. Ele seria apenas outra ideia na mente.

M: Então, quem é a testemunha?

P: Eu sou.

M: Assim, você conhece a testemunha porque você é a testemunha. Você não necessita ver a testemunha em sua frente. Aqui, de novo, ser é conhecer.

P: Sim, vejo que eu sou a testemunha, a própria Consciência. Mas, de que modo isto me beneficia?

M: Que pergunta! Que tipo de benefício você espera? Não é suficiente conhecer o que você é?

P: Qual a utilidade do autoconhecimento?

M: Ele o ajuda a entender o que você não é e o mantém livre de ideias, ações e desejos falsos.

P: Se eu sou apenas a testemunha, que importa o correto e o incorreto?

M: O que o ajuda a conhecer a si mesmo é correto; o que o impede, incorreto. Conhecer o ser real de si mesmo é bem-aventurança, esquecê-lo é dor.

P: A consciência-testemunhante é o verdadeiro Ser?

M: É o reflexo do real na mente (buddhi). O real está além. A testemunha é a porta pela qual você vai além.

P: Qual é o propósito da meditação?

M: Ver o falso como falso é meditação. Isto deve continuar todo o tempo.

P: Disseram-nos para que meditemos regularmente.

M: O exercício diário deliberado de discriminar entre o verdadeiro e o falso, e a renúncia do falso, é meditação. Há muitos tipos de meditação para começar, mas, finalmente, todos se fundem em um.

P: Diga-me, por favor, qual é o caminho mais curto para a autorrealização?

M: Nenhum caminho é curto ou longo, mas algumas pessoas são mais sérias que outras. Posso contar-lhe de mim mesmo. Eu era um homem simples, mas confiei no meu Guru. O que ele me disse para fazer, eu fiz. Disse-me que me concentrasse no 'eu sou', e o fiz. Disse-me que estou além de tudo o que se pode perceber ou conceber-se, e eu acreditei nele. Dei-lhe meu coração e minha alma, toda minha atenção e todo o meu tempo disponível (eu tinha que trabalhar para manter minha família). Como resultado da fé e da dedicação sincera, percebi meu ser (swarupa) em três anos.

Você pode escolher qualquer caminho que lhe convier; sua seriedade determinará o grau de progresso.

P: Nenhuma sugestão para mim?

M: Estabeleça-se firmemente na Consciência do 'eu sou'. Este é o princípio e também o fim de todo esforço.

17
O SEMPRE PRESENTE

Pergunta: Os maiores poderes da mente são o entendimento, a inteligência e o discernimento. O homem tem três corpos: o físico, o mental e o causal (prana, mana, karana). O físico reflete seu ser; o mental, seu conhecer; e o causal, sua alegre criatividade. Certamente, todos estes são formas na consciência, mas parecem estar separados, com qualidades próprias. A inteligência (buddhi) é o reflexo na mente do poder de conhecer (chit). É o que faz a mente capaz de conhecer. Quanto mais brilhante for a inteligência, mais profundo, amplo e verdadeiro será o conhecimento. Conhecer coisas, conhecer pessoas e conhecer a si mesmo são funções da inteligência. A última é a mais importante e contém as duas anteriores. A má compreensão de si mesmo e do mundo conduz a falsas ideias e desejos, os quais novamente levam à escravidão. O entendimento correto de si mesmo é necessário para liberar-se do cativeiro da ilusão. Eu entendo tudo isto em teoria, mas, quando chega a prática, vejo que fracasso irremediavelmente em minhas respostas a situações e pessoas e, pelas minhas reações inapropriadas, não faço senão aumentar minha escravidão. A vida é demasiado rápida para minha mente lenta e preguiçosa. Compreendo, tardiamente, quando os velhos erros já foram repetidos.

Maharaj: Então, qual é o problema?

P: Eu necessito de uma resposta à vida, não só inteligente, mas também muito rápida. Não poderá ser rápida a menos que seja perfeitamente espontânea. Como alcançar tal espontaneidade?

M: O espelho nada pode fazer para atrair o sol. Só pode manter-se limpo. Logo que a mente estiver pronta, o sol brilhará nela.

P: A luz é do Eu ou da mente?

M: De ambos. Por si mesma, ela não tem causa e é invariável, e é colorida pela mente ao mover-se e mudar. É muito parecido ao cinema. A luz não está no filme, mas o filme dá cor à luz e, ao interceptá-la, parece que a faz mover-se.

P: Você está agora no estado perfeito?

M: A perfeição é um estado da mente quando é pura. Eu estou além da mente, qualquer que seja seu estado, puro ou impuro. A Consciência é minha natureza; finalmente, eu estou além do ser e do não ser.

P: A meditação me ajudará a alcançar seu estado?

M: A meditação o ajudará a encontrar seus vínculos, a afrouxá-los, desatá-los e soltar suas amarras. Quando já não estiver apegado a nada, você terá feito sua parte. O resto será feito para você.

P: Por quem?

M: Pelo mesmo poder que o trouxe até aqui, que impulsionou seu coração a desejar a verdade e a sua mente a buscá-la. É o mesmo poder que o mantém vivo. Pode chamá-lo Vida ou o Supremo.

P: O mesmo poder me matará no tempo devido.

M: Você não estava presente no seu nascimento? Não estará presente em sua morte? Encontre aquele que sempre está presente e seu problema de resposta perfeita e espontânea estará resolvido.

P: A percepção do eterno e a resposta adequada e sem esforço aos eventos temporais sempre mutáveis são duas questões diferentes e separadas. Você parece mesclá-las em uma. O que o faz funcionar assim?

M: Perceber o eterno é tornar-se o eterno, o todo, o universo, com tudo o que ele contém. Cada evento é o efeito e a expressão do todo, e está em harmonia fundamental com o todo. Toda resposta do todo deve ser correta, sem esforço e instantânea.

Ela não poderá ser de outro modo, se for correta. Uma resposta retardada seria uma resposta incorreta. O pensamento, o sentimento e a ação devem ser um e simultâneos com a situação que os exige.

P: Como isto acontece?

M: Eu já lhe falei. Encontre aquele que estava presente em seu nascimento e que testemunhará sua morte.

P: Meu pai e minha mãe?

M: Sim, seu pai-mãe, a origem da qual você veio. Para resolver um problema, tem que ir até sua origem. Apenas na dissolução do problema nos solventes universais da investigação e do desapego, você poderá encontrar sua solução correta.

18
PARA CONHECER O QUE VOCÊ É, ENCONTRE O QUE VOCÊ NÃO É

Pergunta: Seu modo de descrever o universo como composto de matéria, mente e espírito, é um entre tantos. Há outros modelos aos quais o universo também se adequaria, e não se sabe realmente que modelo é verdadeiro e qual não. Acaba-se suspeitando que todos os modelos são apenas verbais e que nenhum deles pode conter a realidade. Segundo você, a realidade consiste em três extensões: a extensão da matéria-energia (mahadakash), a extensão da consciência (chidakash) e a do puro espírito (paramakash). A primeira é algo que tem movimento e inércia. Isto nós o percebemos. Também sabemos que percebemos que somos conscientes e que também somos cientes de ser conscientes. Assim, pois, temos duas coisas: matéria-energia e consciência. A matéria parece estar no espaço, enquanto a energia está sempre no tempo, sempre conectada com a mudança, e medida pelo grau de alteração. A consciência parece estar aqui e agora, em um único ponto do tempo e do espaço. Mas parece que você sugere que a consciência também é universal – o que a faz atemporal, ilimitada e impessoal. Eu posso compreender que, de algum modo, não há contradição entre o atemporal e ilimitado e o aqui e agora, mas não posso compreender a consciência impessoal. Para mim, a consciência sempre está localizada, centrada, individualizada, uma pessoa. Parece que você diz que pode existir o perceber sem um percebedor, conhecer sem um conhecedor, amar sem um amante, atuar sem um ator. Sinto que a trindade do conhecer, conhecedor e conhecido pode ser vista em cada movimento da vida. A consciência implica um ser consciente, um objeto da consciência e o fato de ser consciente. Isto que é consciente eu o chamo uma pessoa. Uma pessoa vive no mundo, é parte dele, afeta-o e é afetada por ele.

Maharaj: Por que não investiga quão reais são o mundo e a pessoa?

P: Oh, não! Não necessito investigar. Basta que a pessoa não seja menos real que o mundo em que ela existe.

M: Então, qual é a pergunta?

P: As pessoas são reais e os universais conceituais, ou os universais reais e as pessoas imaginárias?

M: Ambos não são reais.

P: Sem dúvida, sou bastante real para merecer sua resposta, e eu sou uma pessoa.

M: Não quando está adormecido.

P: A submersão não é ausência. Embora adormecido, eu sou.

M: Para ser uma pessoa, você deve ser autoconsciente. Você é sempre consciente?

P: Não quando eu durmo, certamente, nem quando estou desfalecido ou drogado.

M: Durante as horas de vigília você está continuamente autoconsciente?

P: Não, algumas vezes estou mentalmente ausente, ou simplesmente absorto.

M: Você é uma pessoa nos intervalos da autoconsciência?

P: Certamente, sou a mesma pessoa todo o tempo. Lembro-me de mim mesmo como fui ontem ou no ano passado. Definitivamente, sou a mesma pessoa.

M: De modo que para ser uma pessoa necessita de memória?

P: Certamente.

M: E, sem memória, o que é você?

P: Uma memória incompleta exige uma pessoa incompleta. Sem memória, não posso existir como pessoa.

M: Sem dúvida, você pode existir sem memória. Assim acontece quando dorme.

P: Apenas no sentido de permanecer vivo. Não como uma pessoa.

M: Já que você admite que como uma pessoa você tem apenas existência intermitente, poderia dizer-me o que é você nos intervalos, quando não experiencia a si mesmo como pessoa?

P: Eu sou, mas não como uma pessoa. Desde que não sou consciente de mim mesmo nos intervalos, só posso dizer que existo, mas não como uma pessoa.

M: Devemos chamá-la existência impessoal?

P: Eu a chamaria de preferência existência inconsciente; eu sou, mas não sei que eu sou.

M: Você acaba de dizer agora: 'Eu sou, mas não sei que eu sou'. Você poderia dizer isto sobre seu ser em um estado inconsciente?

P: Não, não poderia.

M: Só poderia descrevê-lo no tempo pretérito: 'Não soube. Estava inconsciente.', no sentido de não relembrar.

P: Estando inconsciente, como eu poderia lembrar, e o quê?

M: Você estava realmente inconsciente ou simplesmente não se lembra?

P: Como posso distinguir?

M: Considere-o. Lembra-se de cada instante de ontem?

P: Certamente, não.

M: Estava então inconsciente?

P: Certamente, não.

M: Então, você está consciente e mesmo assim não se lembra?

P: Sim.

M: Talvez você estivesse consciente no sono e simplesmente não se lembra.

P: Não, não estava consciente. Estava adormecido. Não me comportei como uma pessoa consciente.

M: De novo, como sabe?

P: Disseram-me aqueles que me viram dormir.

M: Tudo o que eles podem certificar é que o viram deitado tranquilamente, com os olhos fechados e respirando regularmente. Eles não poderiam saber se você estava consciente ou não. Sua única prova é a sua própria memória. Uma prova muito incerta!

P: Sim, admito que, em meus próprios termos, sou apenas uma pessoa durante minhas horas de vigília. O que sou nos intervalos, eu não sei.

M: Ao menos sabe que não sabe! Já que finge não ser consciente nos intervalos entre as horas de vigília, esqueça-se dos intervalos. Consideremos apenas as horas de vigília.

P: Sou a mesma pessoa em meus sonhos.

M: De acordo. Consideremos, juntos, a vigília e o sonhar. A diferença está meramente na continuidade. Se seus sonhos fossem de uma continuidade consistente, trazendo de volta noite após noite o mesmo ambiente e as mesmas pessoas, você não poderia saber qual é a vigília e qual

o sonho. A partir de agora, pois, quando falarmos do estado de vigília, deveremos incluir também o estado de sonho.

P: De acordo. Sou uma pessoa em uma relação consciente com um mundo.

M: São o mundo e a relação consciente com ele essenciais para ser uma pessoa?

P: Mesmo encerrado em uma caverna continuo sendo uma pessoa.

M: Isso implica em um corpo e uma caverna. E um mundo no qual eles possam existir.

P: Sim, posso ver. O mundo e a consciência do mundo são essenciais à minha existência como pessoa.

M: Isto faz a pessoa uma parte do mundo, ou vice-versa. Os dois são um.

P: A consciência está sozinha. A pessoa e o mundo aparecem na consciência.

M: Você o disse: aparecem. Poderia acrescentar: desaparecem?

P: Não, não posso. Só posso ser consciente de minha aparência e de meu mundo. Como pessoa, não posso dizer: 'O mundo não existe'. Sem um mundo, eu não existiria para falar sobre ele. Porque existe um mundo, eu estou ali para dizer: 'Há um mundo'.

M: Pode ser o contrário. Por causa de você, há um mundo.

P: Para mim tal afirmação não tem sentido.

M: Esta falta de sentido pode desaparecer com a investigação.

P: Começamos por onde?

M: Tudo o que sei é que tudo que depende não é real. O real é verdadeiramente independente. Desde que a existência da pessoa depende da existência do mundo e está circunscrita e definida pelo mundo, ela não pode ser real.

P: Não pode ser um sonho, certamente.

M: Mesmo um sonho tem existência, quando é conhecido e apreciado, ou sustentado. O que quer que pense e sinta tem existência. Mas pode não ser o que você acredita. A pessoa que você pensa ser pode ser algo muito diferente.

P: Eu sou o que sei que sou.

M: Você não pode dizer que você é o que você pensa ser! Suas ideias sobre si mesmo mudam dia a dia e de momento a momento; sua autoimagem é a coisa mais mutável que você tem. Ela é totalmente vulnerá-

vel, à mercê de algo passageiro. Um desgosto, a perda do trabalho, um insulto, e sua própria imagem, a qual você chama uma pessoa, muda profundamente. Para conhecer o que você é, você deve em primeiro lugar investigar e conhecer o que não é. E, para conhecer o que você não é, você deve observar-se cuidadosamente, rejeitando tudo o que não tenha relação necessária com o fato básico: Eu sou. As ideias – eu nasci em um dado lugar, em tal data, de meus pais, e agora sou assim e assado, vivendo em, casado com, pai de, empregado por, e assim por diante – não são inerentes ao sentido 'eu sou'. Nossa atitude comum é 'Eu sou isto'. Separe, consistente e perseverantemente, o 'eu sou' do 'isto' ou do 'aquilo' e tente sentir o que significa ser, simplesmente ser, sem ser 'isto' ou 'aquilo'. Todos os nossos hábitos resistem a isto e a tarefa de combatê-los é longa e, às vezes, difícil, mas um entendimento claro ajuda muito. Quanto mais claramente entender que no nível da mente você só pode ser descrito em termos negativos, mais rapidamente chegará ao fim da busca e à compreensão de seu ser ilimitado.

19
A REALIDADE ESTÁ NA OBJETIVIDADE

Pergunta: Sou pintor e ganho a vida pintando quadros. Isto tem algum valor do ponto de vista espiritual?

Maharaj: Quando você pinta, em que pensa?

P: Quando pinto, há apenas o ato de pintar e eu.

M: O que faz você então?

P: Eu pinto.

M: Não, você não pinta. Você vê a pintura acontecendo. Você só observa, todo o restante acontece.

P: O quadro está pintando a si mesmo? Ou há um 'eu' mais profundo ou algum deus que está pintando?

M: A própria consciência é o maior pintor. O mundo inteiro é um quadro.

P: Quem pintou o quadro do mundo?

M: O pintor está no quadro.

P: O quadro está na mente do pintor e o pintor está no quadro, o qual está na mente do pintor que, por sua vez, está no quadro! Esta infinidade de estados e dimensões não é um absurdo? No momento em que falamos do quadro na mente, que, por sua vez, está no quadro, chegamos a uma sucessão interminável de testemunhas, a testemunha maior testemunhando a menor. É como estar entre dois espelhos e pensando na multidão!

M: Exato. Só há você e os dois espelhos; entre os dois, suas formas e nomes são inumeráveis.

P: Como você vê o mundo?

M: Vejo um pintor pintando um quadro. Ao quadro chamo mundo; ao pintor, Deus. Eu não sou nem um nem o outro. Não crio nem sou criado. Contenho tudo e nada me contém.

P: Quando vejo uma árvore, um rosto, um pôr do sol, o quadro é perfeito. Quando fecho os olhos, a imagem mental é desmaiada e confusa. Se é a minha mente que projeta a imagem, por que necessito abrir os olhos para ver uma linda flor e, com os olhos fechados, eu a veja vagamente?

M: Porque seus olhos externos são melhores que os seus olhos internos. Sua mente está totalmente voltada para fora. À medida que você aprende a observar seu mundo mental, você o perceberá mais perfeito e mais colorido que aquele que o corpo pode proporcionar. Certamente, você necessitará algum treinamento. Mas, por que discutir? Você imagina que o quadro deve vir do pintor que realmente a pintou. Você passa o tempo todo buscando as origens e as causas. A causalidade só existe na mente; a memória dá a ilusão de continuidade, e a repetição cria a ideia de causalidade. Quando as coisas ocorrem juntas repetidamente, tendemos a ver uma ligação causal entre elas. Isto cria um hábito mental, mas um hábito não é uma necessidade.

P: Você acaba de dizer que o mundo é obra de Deus.

M: Recorde que a linguagem é um instrumento da mente; foi feita pela mente para a mente. Uma vez que admita uma causa, então Deus será a última causa, e o mundo, o efeito. São diferentes, mas não separados.

P: As pessoas falam da visão de Deus.

M: Quando você vê o mundo, vê Deus. Não se pode ver Deus separado do mundo. Além do mundo, ver Deus é ser Deus. A luz pela qual

você vê o mundo, o qual é Deus, é a minúscula faísca 'eu sou', aparentemente tão pequena e, ainda assim, a primeira e a última em todo ato de amor e conhecimento.

P: Devo ver o mundo para ver Deus?

M: De que outro modo? Sem mundo não há Deus.

P: O que permanecerá?

M: Você permanecerá como ser puro.

P: E o que sucederá com o mundo e com Deus?

M: Puro ser (avyakta).

P: É o mesmo que a Grande Expansão (paramakash)?

M: Pode chamá-lo assim. As palavras não importam, posto que não o alcançam. Elas retrocedem em negação total.

P: Como ver o mundo como Deus? O que significa ver o mundo como Deus?

M: É como entrar em uma habitação escura. Você não vê nada – pode tocar, mas não ver – nem cores, nem perfis. A janela se abre e a habitação se enche de luz. As cores e as formas se manifestam. A janela é a doadora de luz, mas não sua origem. O sol é a fonte. De modo similar, a matéria é como a habitação escura; a consciência – a janela – inunda a matéria com sensações e percepções, e o supremo é o sol, a fonte da matéria e da luz. A janela pode estar aberta ou fechada, o sol brilha todo o tempo. Ela faz toda a diferença para a habitação, não para o sol. Ainda assim, tudo isto é secundário para a pequena coisa que é o 'eu sou'. Sem o 'eu sou', não há nada. Todo o conhecimento se refere ao 'eu sou'. As ideias falsas sobre este 'eu sou' conduzem à servidão; a compreensão correta conduz à liberdade e à felicidade.

P: O 'eu sou' e o 'existe' são o mesmo?

M: O 'eu sou' se refere ao interior; 'existe', ao externo. Ambos têm como base o sentimento de ser.

P: É o mesmo que a experiência da existência?

M: Existir significa ser algo, uma coisa, um sentimento, um pensamento, uma ideia. Toda existência é particular. Apenas o ser é universal, no sentido de que cada ser é compatível com todos os outros seres. A existência confronta; o ser – nunca. A existência significa devir, mudar, nascer e morrer, e nascer outra vez, enquanto no ser há uma paz silenciosa.

P: Se eu criei o mundo, por que o fiz mau?

M: Todos vivem em seu próprio mundo. Nem todos os mundos são igualmente bons ou maus.

P: O que determina a diferença?

M: A mente que projeta o mundo e lhe dá cor a seu modo. Quando você encontra um homem, é um estranho. Quando se casa com ele, converte-se em seu ser. Quando brigam, ele se converte em inimigo. É sua atitude mental a que determina o que ele é para você.

P: Posso ver que meu mundo é subjetivo. Isto o faz também ilusório?

M: É ilusório enquanto subjetivo, e só nessa medida. A realidade está na objetividade.

P: Que significa objetividade? Você disse que o mundo é subjetivo e agora fala de objetividade. Tudo não é subjetivo?

M: Tudo é subjetivo, mas o real é objetivo.

P: Em que sentido?

M: Ele não depende de recordações e esperanças, desejos e temores, preferências e desagrados. Tudo é visto como é.

P: É o que você chama o quarto estado (turiya)?

M: Chame-o como queira. Ele é sólido, estável, sem mudança, sem princípio nem fim, sempre novo, sempre fresco.

P: Como é alcançado?

M: A ausência de desejo e de medo o levará ali.

20
O SUPREMO ESTÁ ALÉM DE TUDO

Pergunta: Você diz que a realidade é uma. A unidade, a unicidade, é um atributo da pessoa. Então a realidade é uma pessoa, com o universo como seu corpo?

Maharaj: O que quer que você possa dizer será tanto verdadeiro quanto falso. As palavras não vão além da mente.

P: Eu apenas tento compreender. Você nos fala da Pessoa, do Eu e do Supremo (vyakti, vyakta, avyakta). A luz da Consciência Pura (pragna) enfocada como 'eu sou' no Eu (jivatma), como consciência (chetana),

ilumina a mente (antahkarana) e, como vida (prana), vitaliza o corpo (deha). Tudo isto está muito bem no que se refere às palavras. Mas, quando trato de distinguir em mim mesmo a pessoa do Eu e o Eu do Supremo, fico confuso.

M: A pessoa nunca é o sujeito. Você pode ver uma pessoa, mas você não é a pessoa. Você é sempre o Supremo que aparece em um dado ponto do tempo e do espaço como a testemunha, uma ponte entre a Consciência Pura do Supremo e a consciência múltipla da pessoa.

P: Quanto olho para mim mesmo, vejo que sou diversas pessoas lutando entre si mesmas pelo uso do corpo.

M: Elas correspondem às várias tendências (samskara) da mente.

P: Posso fazer a paz entre elas?

M: Como poderia? Elas são tão contraditórias! Veja-as como são – meros hábitos de pensamentos e sentimentos, acumulações de recordações e desejos.

P: Mas todas dizem 'eu sou'.

M: Apenas porque você se identifica com elas. Quando compreender que qualquer coisa que apareça diante de você não pode ser você mesmo e não pode dizer 'eu sou', ver-se-á livre de todas estas 'pessoas' e de suas exigências. O sentido 'eu sou' é seu, não pode abrir mão dele, mas pode comunicá-lo a qualquer coisa, como quando diz: sou jovem, sou rico, etc. Tais autoidentificações são claramente falsas e são a causa das limitações.

P: Agora posso entender que não sou a pessoa, mas aquele que, quando refletido na pessoa, dá a ela o sentido de ser. Agora, com relação ao Supremo? De que modo conhecerei a mim mesmo como o Supremo?

M: A fonte da consciência não pode ser um objeto na consciência. Conhecer a fonte é ser a fonte. Quando você entende que você não é a pessoa, mas a testemunha pura e calma, e que a Consciência destemida é seu verdadeiro ser, você é o ser. Ele é a fonte, a Possibilidade Inesgotável.

P: Existem muitas fontes ou apenas uma para tudo?

M: Depende de como o veja, de que extremo. Os objetos no mundo são muitos, mas o olho que os vê é um. O maior sempre aparece como um ao menor e o menor como múltiplo ao maior.

P: As formas e nomes são todos de um único e mesmo Deus?

M: De novo, tudo depende de como você olhar para isto. No nível verbal, tudo é relativo. O Absoluto deve ser experienciado, não discutido.

P: Como o Absoluto é experienciado?

M: Ele não é um objeto que possa ser reconhecido e armazenado na memória. Está especialmente no presente e no sentimento. Tem mais relação com o 'como' que com o 'quê'. Está na qualidade, no valor; sendo origem de tudo, está em tudo.

P: Se ele é a origem, por que e como manifesta a si mesmo?

M: Ele dá nascimento à consciência. Tudo o mais está na consciência.

P: Por que há tantos centros de consciência?

M: O universo objetivo (mahakadash) está em constante movimento, projetando e dissolvendo inumeráveis formas. Quando uma forma é infundida com vida (prana), a consciência (chetana) aparece pela reflexão da Consciência na matéria.

P: Como o Supremo é afetado?

M: O que pode afetá-lo e como? A nascente não é afetada pelas sinuosidades do rio, nem o metal pela forma da joia. A luz é afetada pela imagem na tela? O Supremo faz todas as coisas possíveis, isto é tudo.

P: Como é que algumas coisas acontecem e outras não?

M: A busca de causas é um passatempo da mente. Não existe dualidade de causa e efeito. Tudo é sua própria causa.

P: Então não é possível uma ação intencional?

M: Tudo o que digo é que a consciência contém tudo. Na consciência tudo é possível. Você pode ter causas se as quiser, em seu mundo. Outro talvez se contente com uma só causa – a vontade de Deus. A raiz é uma: o sentido de 'eu sou'.

P: Que relação há entre o Eu (Vyakta) e o Supremo (Avyakta)?

M: Do ponto de vista do ser, o mundo é o conhecido, o Supremo – o Desconhecido. O Desconhecido dá nascimento ao conhecido, e segue sendo o Desconhecido. O conhecido é infinito, mas o Desconhecido é uma infinidade de infinitos. Assim como o raio de luz nunca é visível até que seja interceptado por partículas de pó, do mesmo modo o Supremo faz com que tudo seja conhecido, permanecendo ele mesmo desconhecido.

P: Significa que o Desconhecido é inacessível?

M: Oh, não. O Supremo é o mais fácil de ser alcançado, pois ele é o seu próprio ser. Basta parar de pensar e desejar qualquer outra coisa exceto o Supremo.

P: E se não desejar nada, nem mesmo o Supremo?

M: Então é como se estivesse morto, ou você é o Supremo.

P: O mundo está cheio de desejos. Todos querem uma coisa ou outra. Quem deseja? A pessoa ou o eu?

M: O eu. Todos os desejos santos e profanos vêm do eu; todos dependem do sentido 'eu sou'.

P: Eu posso compreender os desejos santos (satyakama) emanando do ser. Eles podem ser uma expressão do aspecto da bem-aventurança de Sadchitananda (Existência – Consciência – Felicidade) do Eu. Mas por que desejos profanos?

M: Todos os desejos visam a felicidade. Suas formas e qualidades dependem da psique (antahkarana). Onde predomina a inércia (tamas), encontramos perversões. Junto com a energia (rajas), surgem as paixões. Com a lucidez (sattva), o motivo por trás do desejo é a boa vontade, a compaixão, a impulso de fazer feliz em vez de ser feliz. Mas o Supremo está além de tudo e, ainda assim, devido à sua permeabilidade infinita, todos os desejos convincentes podem ser satisfeitos.

P: Que desejos são convincentes?

M: Os desejos que destroem seus sujeitos ou objetos, ou que não diminuem ao serem satisfeitos, são autocontraditórios e não podem ser satisfeitos. Só os desejos motivados pelo amor, pela boa vontade e pela compaixão, são benéficos para o sujeito e para o objeto, e podem ser plenamente satisfeitos.

P: Todos os desejos são dolorosos, os santos e os profanos.

M: Eles não são o mesmo, e a dor não é a mesma. A paixão é dolorosa; a compaixão – nunca. Todo o universo se esforça para satisfazer um desejo nascido da compaixão.

P: O Supremo conhece a si mesmo? O Impessoal é consciente?

M: A fonte de tudo tem tudo. Qualquer coisa que flua dela deve estar lá em forma de semente. E da mesma forma que a semente é a última de inumeráveis sementes, e contém a experiência e a promessa de inumeráveis florestas, assim o Desconhecido contém tudo o que foi ou pode tem

sido, e tudo o que será ou possa ser. Todo o campo do devir está aberto e é acessível; o passado e o futuro coexistem no eterno agora.

P: Você está vivendo no Desconhecido Supremo?

M: Onde, se não?

P: O que o faz falar assim?

M: Nunca um desejo surgiu em minha mente.

P: Estão você está inconsciente?

M: Claro que não! Sou totalmente consciente, mas, como nenhum desejo ou temor entra em minha mente, há um perfeito silêncio.

P: Quem conhece o silêncio?

M: O silêncio conhece a si mesmo. É o silêncio da mente silenciosa, quando as paixões e os desejos estão silenciados.

P: Você experiencia o desejo de vez em quando?

M: Os desejos são apenas ondas na mente. Você conhece uma onda quando vê uma. Um desejo é só uma coisa entre outras tantas. Não sinto desejo algum de satisfazê-lo, não há necessidade de fazer algo sobre ele. A liberação dos desejos significa isto: a compulsão para satisfazê-los está ausente.

P: Por que surgem os desejos?

M: Porque você imagina que nasceu e que morrerá se não cuidar de seu próprio corpo. O desejo de uma existência encarnada é a causa raiz dos problemas.

P: Mas muitos jivas se encarnam. Certamente, não pode ser um erro de julgamento. Deve existir um propósito. Qual poderia ser?

M: Para conhecer a si mesmo, o eu deve enfrentar seu oposto – o não eu. O desejo leva à experiência. A experiência conduz à discriminação, ao desapego, ao autoconhecimento – liberação. E o que é a liberação depois de tudo? Saber que você está além do nascimento e da morte. Ao esquecer quem é você, e imaginar-se uma criatura mortal, criou para si mesmo tantos problemas que tem que acordar como de um sonho mau.

A investigação também o acorda. Não é necessário esperar o sofrimento; é melhor investigar a felicidade, pois a mente está em harmonia e em paz.

P: Quem é exatamente o último experimentador – o Ser ou o Desconhecido?

M: Certamente, o Ser.

P: Então, por que introduzir a noção do Desconhecido Supremo?

M: Para explicar o Ser.

P: Mas existe alguma coisa além do Ser?

M: Fora do Ser não há nada. Tudo é um e tudo está contido no 'eu sou'. Nos estados de sono e de vigília, ele é a pessoa; no sono profundo e em turiya, é o Ser; além da presteza vigilante de turiya jaz a grande paz silenciosa do Supremo. Mas, na verdade, tudo é um em essência e relacionado em aparência. Na ignorância, o que vê se converte no visto; na sabedoria, ele é a visão.

Mas, por que se preocupar com o Supremo? Conheça o conhecedor e tudo será conhecido.

21
QUEM SOU EU?

Pergunta: Aconselham-nos a adoração da realidade personificada como Deus ou como o Homem Perfeito. Foi dito que não tentemos a adoração do Absoluto, como algo demasiado difícil para uma consciência centrada no cérebro.

Maharaj: A verdade é simples e aberta a todos. Por que complicá-la? A verdade é amorosa e amável. Inclui tudo, aceita tudo, purifica tudo. É o falso que é difícil e a origem do problema. Ele sempre quer, espera, exige. Sendo falso, ele é vazio, sempre em busca de confirmação e nova garantia. Teme e evita a investigação. Identifica-se com qualquer coisa em que possa apoiar-se, por muito débil e momentânea que seja. O que quer que obtenha, ele perde, e pede mais. Portanto, não confie no consciente. Nada do que você possa ver, sentir ou pensar é assim. Mesmo o pecado e a virtude, o mérito e o demérito não são o que parecem. Usualmente, o mau e o bom são questão de convenções e costumes, e são rechaçados ou aceitos de acordo com as palavras que são usadas.

P: Não há desejos bons e maus, elevados e baixos?

M: Todos os desejos são maus, mas alguns são piores que outros. Persiga qualquer desejo, ele sempre lhe acarretará problemas.

P: Mesmo o desejo de ser livre de desejos?

M: Por que ter algum desejo? Desejar um estado livre de desejos não o liberará. Nada pode libertá-lo porque você é livre. Veja-se com a claridade livre de desejos, isso é tudo.

P: Leva tempo conhecer a si mesmo.

M: Como o tempo poderia ajudá-lo? O tempo é uma sucessão de momentos; cada momento aparece do nada e desaparece no nada, para não reaparecer jamais. Como poderia construir sobre algo tão fugaz?

P: O que é permanente?

M: Busque em você mesmo o permanente. Aprofunde em seu interior e encontre o que é real em você.

P: Como buscar a mim mesmo?

M: O que quer que aconteça, acontecerá a você. Faça o que fizer, o agente estará em você. Encontre o sujeito de tudo o que você é como uma pessoa.

P: Que outra coisa eu posso ser?

M: Descubra. Mesmo se eu lhe disser que você é a testemunha, o observador silencioso, não terá nenhum sentido para você a menos que encontre o caminho para seu próprio ser.

P: Minha pergunta é: Como encontrar o caminho para o próprio ser?

M: Abandone todas as perguntas exceto uma: 'Quem sou eu?'. Depois de tudo, o único fato de que está certo é que você é. O 'eu sou' é certo. O 'Eu sou isto' não é. Lute para descobrir o que você é na realidade.

P: Não tenho feito outra coisa durante os últimos sessenta anos.

M: Que há de errado em se esforçar? Por que buscar resultados? O próprio esforço é sua verdadeira natureza.

P: Esforçar-se é doloroso.

M: Você o faz doloroso ao buscar resultados. Lute sem buscar resultados, lute sem ambição.

P: Por que Deus me fez como sou?

M: De que Deus você está falando? O que é Deus? Não é ele a própria luz que torna possível a pergunta? O próprio 'eu sou' é Deus. A própria busca é Deus. Na busca, você descobrirá que não é nem o corpo nem a mente, e que o amor do si mesmo em você é pelo si mesmo em todos. Os dois são um. A consciência em você e a consciência em mim, aparentemente duas, realmente uma, buscam a unidade, e isto é amor.

P: Como encontrar o amor?

M: O que ama agora? O 'eu sou'. Dê a ele seu coração e sua mente e não pense em nada mais. Quando isto for feito sem esforço e de forma natural, será o estado mais elevado. Nele, o próprio amor é o amante e o amado.

P: Todo o mundo quer viver, existir. Isto não é amor a si mesmo?

M: Todo desejo tem sua origem no si mesmo. Tudo é questão de escolher o desejo correto.

P: Correto e incorreto variam com o costume e com o hábito. Os padrões mudam de acordo com as sociedades.

M: Rechace todos os padrões tradicionais. Deixe-os para os hipócritas. Apenas o que o libera do desejo, do medo e das falsas ideias é bom. Enquanto preocupar-se com o pecado e com a virtude, não terá paz.

P: Admito que o pecado e a virtude são normas sociais. Mas podem existir pecados e virtudes espirituais. Por espiritual quero dizer o absoluto. Existe algo como o pecado e a virtude absolutos?

M: O pecado e a virtude se referem a uma pessoa apenas. Sem uma pessoa pecadora ou virtuosa, o que é o pecado ou a virtude? No nível do absoluto não há pessoas; o oceano da Consciência pura não é nem virtuoso nem pecaminoso. O pecado e a virtude são invariavelmente relativos.

P: Posso eliminar essas noções desnecessárias?

M: Não enquanto você mesmo pensa ser uma pessoa.

P: Através de que sinal eu saberei que estou além do pecado e da virtude?

M: Por liberar-se de todo o desejo e temor, da própria ideia de ser uma pessoa. Alimentar ideias como 'sou um pecador', 'não sou um pecador' é pecado. Identificar-se com o particular é todo o pecado que existe. O impessoal é real, o pessoal aparece e desaparece. 'eu sou' é o Ser impessoal. 'Eu sou isto' é a pessoa. A pessoa é relativa e o Ser puro – fundamental.

P: Sem dúvida, o Ser puro não é inconsciente, nem destituído de discriminação. Como pode estar além do pecado e da virtude? Diga-nos, por favor, ele tem inteligência ou não?

M: Todas estas perguntas surgem de sua crença de que você é uma pessoa. Vá além do pessoal e veja.

P: O que quer dizer exatamente quando me pede que pare de ser uma pessoa?

M: Não peço que você pare de ser – você não pode. Eu lhe peço somente para parar de imaginar que você nasceu, que tem pais, que é um corpo, que vai morrer e assim por diante. Apenas tente, comece: não é tão difícil quanto parece.

P: Pensar-se como o pessoal é o pecado do impessoal.

M: De novo o ponto de vista pessoal! Por que insiste em corromper o impessoal com suas ideias de pecado e virtude? São ideias irrelevantes. O impessoal não pode ser descrito em termos de bem e mal. Ele é Ser – Sabedoria – Amor – todos absolutos. Há aí lugar para o pecado? E a virtude é apenas o oposto do pecado.

P: Falamos da virtude divina.

M: A verdadeira virtude é a natureza divina (swarupa).O que você é realmente é sua virtude. Mas o contrário do pecado, o que você chama virtude, é apenas obediência nascida do medo.

P: Então por que se esforçar em ser bom?

M: Isto o mantém em movimento. Você se move continuamente até que encontra Deus. Então Deus o leva a Ele mesmo – e o faz como Ele é.

P: O mesmo ato é considerado natural em um momento e pecado em outro. O que o converte em pecaminoso?

M: Qualquer coisa que faça contra seu melhor conhecimento é pecado.

P: O conhecimento depende da memória.

M: Recordar seu ser é virtude, esquecê-lo é pecado. Tudo se resume a este elo mental ou psicológico entre o espírito e a matéria. Podemos chamar a este elo de psique (antahkarana). Quando a psique é tosca, sem desenvolvimento, bastante primitiva, estará sujeita a ilusões grosseiras. À medida que ela cresce em amplitude e sensibilidade, chegará a ser um elo perfeito entre a matéria e o espírito puro, e dará sentido à matéria e expressão ao espírito.

Há o mundo material (mahakadash) e o espiritual (paramakash). Entre ambos está a mente universal (chidakash), que é também o coração universal (premakash). É a sabedoria do amor que faz dos dois um.

P: Algumas pessoas são estúpidas, outras inteligentes. A diferença está na psique de cada uma. As maduras têm mais experiência. Assim como uma criança cresce por comer e beber, dormir e brincar, a psique

do homem é modelada por tudo o que ele pensa, sente e faz, até que seja suficientemente perfeita para servir de ponte entre o espírito e o corpo. Como uma ponte que permite o tráfego entre as margens, assim a psique une a origem e sua expressão.

M: Chame-a amor. A ponte é amor.

P: Em última instância, tudo é experiência. O que quer que pensemos, sintamos ou façamos, é experiência. Por trás, está o experimentador. Assim tudo o que sabemos consiste nestes dois itens, o experienciador e a experiência. Mas os dois são realmente um – o experienciador é a experiência. Ainda assim, o experienciador crê que a experiência está fora. Do mesmo modo, o espírito e o corpo são um; eles apenas aparecem como dois.

M: Para o Espírito não há um segundo.

P: Então, a quem aparece o segundo? Parece-me que a dualidade é uma ilusão induzida pela imperfeição da psique. Quando a psique for perfeita, a dualidade não mais será vista.

M: Você o disse.

P: Não obstante, devo repetir minha muito simples pergunta: quem faz a distinção entre o pecado e a virtude?

M: O que tem um corpo peca com o corpo; o que tem uma mente peca com a mente.

P: Indubitavelmente, a mera posse de um corpo e de uma mente não compele ao pecado.

Deve haver um terceiro fator na raiz disto. Volto repetidamente a esta questão do pecado e da virtude porque neste tempo os jovens afirmam que não existe pecado, que não é preciso ser débil e que se deve seguir o desejo do momento. Não aceitam nem a tradição nem a autoridade, e só podem ser influenciados por um pensamento honesto e sólido. Se não cometem certos atos, é mais por medo da polícia que por convicção. Sem dúvida, deve haver algo no que dizem, pois vemos como nossos valores mudam de um lugar para o outro e de um tempo para o outro. Por exemplo – matar em guerra hoje é uma grande virtude e, talvez, no próximo século seja considerado um crime horrível.

M: Um homem que se move com a terra necessariamente experienciará dias e noites. Aquele que fica com o sol não conhecerá a escuridão. Meu mundo não é o seu. Tal como vejo, todos vocês estão atuando em

um cenário. Não há realidade em suas idas e vindas. E os problemas de vocês são tão irreais!

P: Talvez sejamos sonâmbulos ou sujeitos a pesadelos. Você não pode fazer nada?

M: Eu estou fazendo: entrei em seu estado de sonho para dizer-lhe – 'Pare de causar danos a si mesmo e aos demais; pare de sofrer, desperte'.

P: Então por que não despertamos?

M: Vocês despertarão. Não serei frustrado. Pode levar algum tempo. Quando começarem a questionar seus sonhos, o despertar não estará longe.

22
A VIDA É AMOR E O AMOR É VIDA

Pergunta: A prática da Ioga é sempre consciente? Ou pode ser totalmente inconsciente, abaixo do limiar da Consciência?

Maharaj: No caso de um principiante, a prática da Ioga é frequentemente deliberada e requer grande determinação. Mas aqueles que estiveram praticando com sinceridade durante muitos anos estão dedicados à autorrealização todo o tempo, conscientemente ou não. O sadhana inconsciente é mais efetivo porque é espontâneo e constante.

P: Qual é a posição do homem que por algum tempo foi um sincero estudante de Ioga e depois desanimou, e abandonou todos seus esforços?

M: O que um homem parece fazer, ou não fazer, é frequentemente enganoso. Sua aparente letargia pode significar simplesmente que está juntando forças. As causas de nosso comportamento são muito sutis. Não se deve condenar afoitamente, nem sequer elogiar. Recorde que a Ioga é o trabalho do eu interior (vyakta) sobre o eu exterior (vyakti). Tudo o que o exterior faz é meramente em resposta ao interior.

P: Não obstante, o exterior ajuda.

M: Quanto, e de que modo, poderá ajudar? Ele tem algum controle sobre o corpo e pode melhorar sua postura e respiração. Sobre os pensa-

mentos e sentimentos da mente, tem pouco controle, pois ele mesmo é a mente. O interior é o que pode controlar o exterior. O exterior será sábio ao obedecer.

P: Se é o interior o que é finalmente responsável pelo desenvolvimento espiritual do homem, por que o exterior é tão exortado e encorajado?

M: O exterior pode ajudar mantendo-se quieto e livre de desejo e de medo. Você talvez tenha notado que todos os conselhos ao exterior têm forma negativa: não faça, pare, abstenha-se, abandone, sacrifique-se, submeta-se, veja o falso como falso. Mesmo a menor descrição da realidade é dada através de negações – 'não isto, não aquilo', (neti, neti). Todos os positivos pertencem ao eu interior, como todos os absolutos – à Realidade.

P: Como podemos distinguir o interior do exterior na experiência real?

M: O interior é a fonte de inspiração, o exterior é movido pela memória. A fonte não é localizável, enquanto toda recordação começa em alguma parte. Assim, o exterior sempre está determinado, enquanto o interior não pode ser contido em palavras. O erro dos estudantes consiste em imaginar o interior como algo que se pode adquirir, esquecendo que tudo o que pode ser percebido é transitório e, portanto, irreal. Só aquele que faz possível a percepção, chame-o Vida ou Brahman, ou do que você quiser, é real.

P: A Vida tem um corpo para sua autoexpressão?

M: O corpo busca viver. Não é a vida que necessita do corpo; é o corpo o que necessita da vida.

P: A vida faz isto deliberadamente?

M: O amor atua de forma deliberada? Sim e não. A vida é amor e amor é vida. O que mantém o corpo unido a ela senão o amor? Que é o desejo senão amor do eu? Que é o medo senão o desejo de proteção? E que é o conhecimento senão o amor à verdade? Os meios e as formas podem ser incorretos, mas o motivo por trás deles é sempre o amor – o amor do eu e do meu. O eu e o meu podem ser pequenos, ou podem explodir e abraçar o universo, mas o amor permanece.

P: A repetição do nome de Deus é muito comum na Índia. Há alguma virtude nela?

M: Quando você conhece o nome de alguma coisa ou de uma pessoa, poderá encontrá-la facilmente. Chamando Deus por Seu nome você O faz vir a você.

P: Em que forma Ele vem?

M: De acordo com o que você espera. Se ocorrer que tenha má sorte e uma alma santa lhe der um mantra para ter boa sorte, e o repetir com fé e devoção, sua má sorte é obrigada a mudar. A fé resoluta é mais forte que o destino. O destino é o resultado de causas principalmente acidentais e, portanto, está tecido frouxamente. Confiança e boa esperança o vencerão facilmente.

P: Quando se recita um mantra, o que ocorre exatamente?

M: O som do mantra cria a forma que encarnará o Eu. O Eu pode encarnar-se em qualquer forma – e operar através dela. Depois de tudo, o Eu expressa a si mesmo na ação – e um mantra é antes de tudo energia em ação. Ele atua sobre você e sobre seu ambiente.

P: O mantra é tradicional. Deve ser assim?

M: Desde tempos imemoriais, uma ligação foi criada entre certas palavras e energias correspondentes, e foi reforçada por inumeráveis repetições. É como uma estrada para caminhar. É um caminho fácil – só se requer fé. Você confiará no caminho para levá-lo a seu destino.

P: Na Europa, não existe a tradição de um mantra, exceto em algumas ordens contemplativas. Que utilidade tem para um jovem ocidental moderno?

M: Nenhuma, a menos que se sinta muito atraído. O procedimento correto para ele é aderir ao pensamento de que ele é a base de todo o conhecimento, a Consciência imutável e perene de tudo o que acontece aos sentidos e à mente. Se ele se lembrar disto todo o tempo, de forma consciente e alerta, ele é obrigado a quebrar os vínculos da não Consciência e emergirá à vida pura, à luz e ao amor. A ideia 'sou somente a testemunha' purificará o corpo e a mente e abrirá o olho da sabedoria. Então, o homem vai além da ilusão, e seu coração fica livre de todos os desejos. Assim como o gelo torna-se água, e a água se transforma em vapor, e o vapor se dissolve no ar e desaparece no espaço, da mesma maneira o corpo se dissolve na pura Consciência (chidakash) e então no puro Ser (paramakash), o qual está além de toda existência e não existência.

P: O homem realizado come, bebe, dorme. O que o faz agir assim?

M: O mesmo poder que move o universo também o move.

P: Estão todos movidos pelo mesmo poder: qual a diferença?

M: Só esta: O homem realizado sabe o que os demais meramente ouvem, mas não experimentam. Intelectualmente podem parecer convencidos, mas, na ação, a escravidão os trai, enquanto o homem realizado sempre estará certo.

P: Todos dizem 'eu sou'. O homem realizado também diz 'eu sou'. Onde está a diferença?

M: A diferença está no significado atribuído às palavras 'eu sou'. Para o homem realizado, a experiência 'Eu sou o mundo, o mundo é meu' é supremamente válida. Ele sente, pensa e atua integralmente e em unidade com tudo o que vive. Talvez nem sequer conheça a teoria e a prática da autorrealização e tenha nascido e sido criado livre de noções religiosas e metafísicas. Mas, em seu entendimento e compaixão, não haverá a mínima falha.

P: Posso encontrar-me com um vagabundo, desnudo e faminto, e perguntar-lhe: 'Quem é você?' Ele pode responder: 'Eu sou o Eu Supremo'. 'Bem', eu lhe digo, 'já que você é o Eu Supremo, mude seu estado atual'. O que ele fará?

M: Ele perguntará a você: 'Que estado? Que é necessário mudar? Que há de errado em mim?'.

P: Por que ele responderia desta forma?

M: Porque ele já não está mais limitado pelas aparências, não se identifica com o nome e a forma. Ele usa a memória, mas a memória não pode usá-lo.

P: Todo o conhecimento não é baseado na memória?

M: O conhecimento inferior, sim. O mais elevado conhecimento, o conhecimento da Realidade, é inerente à verdadeira natureza do homem.

P: Posso dizer que eu não sou aquilo de que sou consciente, nem a própria consciência?

M: Enquanto você for um buscador, é melhor que se aferre à ideia de que você é a consciência pura, livre de todo conteúdo. Ir além da consciência é o estado supremo.

P: O desejo de realização se origina na consciência ou além?

M: Na consciência, certamente. Todo desejo nasce da memória e está dentro do campo da consciência. O que está além está livre de todo o es-

força. O próprio desejo de ir além da consciência ainda está na consciência.

P: Há alguma marca, ou sinal do além na consciência?

M: Não, não pode haver.

P: Então, qual é o elo entre os dois? Como pode haver uma passagem entre dois estados que não tem nada em comum? A Consciência pura não é o elo entre ambos?

M: Mesmo a Consciência pura é uma forma de consciência.

P: Então, que há além? O vazio?

M: O vazio novamente se refere apenas à consciência. Plenitude e vazio são termos relativos. O Real está, na verdade, além; além não em relação à consciência, mas além de qualquer tipo de relação. A dificuldade nasce com a palavra 'estado'. O Real não é um estado de alguma outra coisa – não é um estado da mente ou da consciência ou da psique –, nem é algo que tenha um princípio e um fim, ser e não ser. Contém todos os opostos, mas não está no jogo dos opostos. Não o interprete como o fim de uma transição. Existe por si mesmo, depois que a consciência como tal deixa de ser. Então as palavras 'Eu sou um homem' ou 'Eu sou Deus' não têm sentido. Apenas no silêncio e na obscuridade isto pode ser visto ou ouvido.

3
A DISCRIMINAÇÃO LEVA AO DESAPEGO

Maharaj: Vocês estão todos encharcados porque está chovendo a cântaros. Em meu mundo faz sempre um tempo esplêndido. Não há noite nem dia, nem calor nem frio. Ali não me incomodam as preocupações e os pesares. Minha mente está livre de pensamentos porque não há desejos que me escravizem.

Pergunta: Existem dois mundos?

M: Seu mundo é transitório, mutável. Meu mundo é perfeito, imutável. Pode dizer-me o que quiser de seu mundo, escutarei com atenção,

até com interesse e, ao mesmo tempo, não esquecerei, por um só momento, que o seu mundo não existe, que você está sonhando.

P: O que diferencia o seu mundo do meu?

M: Meu mundo não tem características pelas quais possa ser identificado. Você nada pode falar sobre ele. Eu sou meu mundo. Meu mundo sou eu mesmo. É completo e perfeito. Toda impressão é apagada, toda experiência – rejeitada. Não necessito nada, nem sequer a mim mesmo, pois a mim mesmo eu não posso perder.

P: Nem mesmo Deus?

M: Todas essas ideias e distinções existem em seu mundo; no meu, não há nada parecido. Meu mundo é único e muito simples.

P: Nada acontece ali?

M: O que acontece em seu mundo, apenas tem validade ali, provocando uma resposta. Em meu mundo nada acontece.

P: O próprio fato de que você experiencia seu próprio mundo implica a dualidade inerente a toda experiência.

M: Verbalmente, sim. Mas suas palavras não me alcançam. Meu mundo não é verbal. Em seu mundo, o não dito não tem existência. No meu – as palavras e seus conteúdos não têm nenhuma existência. Em seu mundo nada permanece, no meu – nada muda. Meu mundo é real, enquanto o seu é feito de sonhos.

P: Ainda assim nós estamos conversando.

M: A conversa acontece no seu mundo. No meu, há um eterno silêncio. Meu silêncio canta, meu vazio é repleto, não me falta nada. Você não pode conhecer meu mundo até que esteja ali.

P: Parece que só você está em seu mundo.

M: Como você pode dizer só ou não, quando as palavras não se aplicam? Certamente, eu estou só, pois eu sou tudo.

P: Você alguma vez vem a nosso mundo?

M: Que é ir e vir para mim? Novamente são palavras. Eu sou. De onde eu sou para vir, e para onde ir?

P: De que me serve o seu mundo?

M: Você deve considerar com maior atenção o seu próprio mundo, examine-o criticamente e, repentinamente, um dia você se encontrará no meu.

P: Que ganho com ele?

M: Não ganha nada. Você abandona o que não é seu e encontra o que nunca perdeu – seu próprio ser.

P: Quem é o governante de seu mundo?

M: Aqui não há governante nem governado. Não há nenhuma dualidade. Você está meramente projetando suas próprias ideias. Suas sagradas escrituras e seus deuses não têm nenhum sentido aqui.

P: Ainda assim, você tem um nome e uma forma, e mostra consciência e atividade.

M: Em seu mundo parece assim. No meu, só tenho que ser. Nada mais. Vocês são ricos com suas ideias de posse, de quantidade e qualidade. Eu sou completamente sem ideias.

P: Em meu mundo há angústia, perturbação e desespero. Você parece estar vivendo de algum rendimento oculto, enquanto eu devo escravizar-me para viver.

M: Faça o que lhe agradar. É livre para abandonar seu mundo pelo meu.

P: Como seria feita esta passagem?

M: Veja seu mundo como é, não como o imagina. A discriminação levará ao desapego; o desapego assegurará a ação correta; a ação correta construirá a ponte interna para seu ser real. A ação é uma prova de sinceridade. Faça o que lhe é dito, diligentemente e com fé, e todos os obstáculos se dissolverão.

P: Você é feliz?

M: Em seu mundo seria o mais miserável. Despertar, comer, falar, voltar a dormir – o que é um incômodo!

P: De modo que nem sequer deseja viver?

M: Viver, morrer – que palavras sem sentido são estas! Quando me vê vivo, estou morto. Quando pensa que estou morto, eu estou vivo. Quão confuso você está!

P: Quão indiferente você é? Todas as dores de nosso mundo não são nada para você.

M: Sou totalmente consciente de seus problemas.

P: Então, o que você faz por eles?

M: Não necessito fazer nada. Eles vêm e vão.

P: Os problemas desaparecem pelo próprio ato de lhes dar atenção?

M: Sim. A dificuldade pode ser física, emocional ou mental; mas sempre é individual. Calamidades em grande escala são a soma de inu-

meráveis destinos individuais, e leva tempo para pô-los em ordem. Mas a morte nunca é uma calamidade.

P: Mesmo quando um homem é morto?

M: A calamidade é para o assassino.

P: Ainda assim, parece que há dois mundos, o meu e o seu.

M: O meu é real; o seu, mental.

P: Imagine uma rocha com um buraco, e uma rã no buraco. A rã pode passar toda a vida em felicidade perfeita, sem distrações, sem perturbações. Fora da rocha o mundo continua. Se alguém falasse à rã sobre mundo exterior, ela diria: 'Não existe tal coisa. Meu mundo é de paz e de felicidade. Seu mundo é só uma estrutura verbal, não tem nenhuma existência'. O mesmo acontece com você. Quando nos diz que o nosso mundo simplesmente não existe, não há base comum para a discussão. Ou dando outro exemplo. Vou a um doutor e me queixo de dor no estômago. Ele me examina e diz: 'Você está bem'. 'Mas isto dói', eu lhe digo. 'Sua dor é mental', ele reafirma. Eu digo 'Não me ajuda saber que minha dor é mental. Você é um médico, cure-me de minha dor. Se não puder curar-me, você não é meu médico'.

M: Muito bem.

P: Você construiu a ferrovia, mas por falta de ponte nenhum trem pode passar. Construa a ponte.

M: Não há a necessidade de uma ponte.

P: Deve existir algum elo entre seu mundo e o meu.

M: Não há necessidade de elo entre um mundo real e um mundo imaginário, já que não pode existir nenhum.

P: Então, o que podemos fazer?

M: Investigue seu mundo, aplique sua mente a ele, examine-o criticamente, escrutine cada ideia sobre ele; isto será suficiente.

P: O mundo é demasiado grande para ser investigado. Tudo o que sei é que eu sou, que o mundo é, que o mundo me causa problemas e eu os causo ao mundo.

M: Minha experiência é que tudo é beatitude. Mas o desejo de beatitude cria a dor. Desse modo, a beatitude converte-se na semente da dor. Todo o universo de dor nasce do desejo. Pare de desejar o prazer e nem mesmo saberá o que é a dor.

P: Por que o prazer deve ser a semente da dor?

M: Porque devido ao prazer você comete muitos pecados. E os frutos do pecado são o sofrimento e a morte.

P: Você diz que o mundo não nos serve para nada – é apenas uma tribulação. Eu sinto que não pode ser assim. Deus não é um louco desta espécie. O mundo me parece uma grande empresa para converter potencial em atual, a matéria em vida, o inconsciente em Consciência plena. Para perceber o supremo, necessitamos a experiência dos opostos. Como para construir um templo necessitamos pedra e cimento, madeira e ferro, vidros e mosaicos, do mesmo modo, para converter um homem em um sábio divino, um mestre da vida e da morte, será necessário o material de toda experiência. Da mesma forma que uma mulher vai ao mercado, compra todo o tipo de provisões, volta para casa, cozinha, assa o pão e dá de comer a seu marido, assim nós mesmos nos assamos gentilmente no fogo da vida e alimentamos nosso Deus.

M: Bem, se você assim pensa, aja de acordo. Alimente seu Deus, sem dúvida.

P: Uma criança vai à escola e aprende muitas coisas que logo não lhe servirão. Mas, à medida que aprende, cresce. Desse modo, nós passamos pelas inumeráveis experiências e as esquecemos, mas, neste ínterim, crescemos todo o tempo. E o que é um gnani senão um homem com genialidade para o real! Este meu mundo não pode ser um acidente. Deve existir um plano por trás dele, ele tem sentido. Meu Deus tem um plano.

M: Se o mundo é falso, então o plano e seu criador também são falsos.

P: Outra vez, você nega o mundo. Não há ponte entre nós.

M: Não há necessidade de uma ponte. Seu equívoco jaz na sua crença de que você nasceu. Você nunca nasceu e nunca morrerá, mas você acredita que nasceu em certa data e lugar e que esse corpo particular é seu.

P: O mundo existe, eu sou. Estes são fatos.

M: Por que se preocupa com o mundo antes de ocupar-se de si mesmo? Você quer salvar o mundo, não é assim? Você pode salvar o mundo antes de salvar a si mesmo? E o que quer dizer ser salvo? Salvo de quê? Da ilusão. A salvação é ver as coisas como elas são. Realmente, eu não me vejo relacionado com ninguém nem com nada. Nem mesmo a um eu, não importa o que esse eu possa ser. Eu permaneço indefinido para sempre. Estou dentro e além – íntimo e inalcançável.

P: Como chegou a isso?

M: Confiando em meu Guru. Ele me disse: 'Só tu és', e eu não duvidei dele. Eu estava meramente confuso sobre isto, até que entendi que era absolutamente verdadeiro.

P: Convicção por repetição?

M: Por autorrealização. Dei-me conta que sou absolutamente consciente e feliz e de que só por erro atribuí ser-consciência-felicidade ao corpo e ao mundo dos corpos.

P: Você não é um homem instruído. Não leu muito, e no que leu, ou ouviu, talvez não houvesse contradições. Eu fui muito bem educado, li muito, e descobri que os livros e os mestres se contradizem entre si sem nenhuma esperança. Daí que tudo o que li ou ouvi foi posto em dúvida. 'Pode ser que seja assim, pode ser que não' é a minha primeira reação. E como minha mente é incapaz de decidir o que é verdade e o que não é, fico atado em minhas dúvidas. Na loga, uma mente duvidosa é uma desvantagem tremenda.

M: Alegra-me ouvir isto; mas meu Guru também me ensinou a duvidar de tudo, e absolutamente. Ele disse: 'Nega existência a tudo exceto seu ser'. Através do desejo, você criou o mundo com suas dores e prazeres.

P: Isto deve também ser doloroso?

M: O que mais? Por sua própria natureza, o prazer é limitado e transitório. Da dor nasce o desejo, na dor busca a satisfação, e termina na dor da frustração e do desespero. A dor é o segundo plano do prazer, toda busca de prazer nasceu na dor e acabará na dor.

P: Tudo o que diz é claro para mim. Mas quando chega algum problema físico ou mental, minha mente torna-se monótona e cinza, e busca alívio freneticamente.

M: Que importa? A mente é a que é monótona ou inquieta, não você. Veja, todo tipo de coisas ocorrem nesta habitação. Acaso sou eu que as faço ocorrer? Simplesmente ocorrem. O mesmo acontece com você; a meada do destino desvela a si mesma e atualiza o inevitável. Você não pode mudar o curso dos eventos, mas pode mudar sua atitude, e o que realmente importa é a atitude e não o mero evento. O mundo é a morada de desejos e temores. Não pode encontrar paz nele. Para encontrar paz tem que ir além do mundo. A causa raiz do mundo é o amor a si mesmo. Por isso buscamos prazer e evitamos a dor. Substitua o amor a si mesmo

pelo amor do Eu e o quadro muda. Brahma, o Criador, é a soma total de todos os desejos. O mundo é o instrumento para sua satisfação. A alma agarra qualquer prazer que deseja e o paga em lágrimas. O tempo acerta todas as contas. A lei do equilíbrio reina suprema.

P: Para ser um super-homem, primeiro deve-se ser um homem. A humanidade é o fruto de inumeráveis experiências. O desejo leva à experiência. Desse modo, em seu próprio tempo e nível, o desejo é correto.

M: Tudo isto é verdade em certo modo. Mas chegará um dia quando você acumulou o suficiente e deverá começar a construir. Então ordenar e descartar (viveka-vairagya) serão absolutamente necessários. Tudo deve ser examinado atentamente, e o desnecessário destruído sem contemplações. Acredite-me, não pode haver demasiada destruição, pois, na realidade, nada tem valor. Seja apaixonadamente desapaixonado, isto é tudo.

14
DEUS É O AUTOR DE TUDO; O GNANI, DE NADA

Pergunta: Alguns Mahatmas (seres iluminados) afirmam que o mundo não é um acidente nem um jogo de Deus, mas o resultado e a expressão de um poderoso plano de trabalho que visa ao despertar e ao desenvolvimento da consciência por todo o universo. Da inércia à vida, da inconsciência à consciência, do embotamento à clara inteligência, do equívoco à claridade – esta é a direção na qual se move o mundo, incessante e implacavelmente. Certamente, há momentos de descanso e escuridão aparentes, nos quais o universo parece adormecido, mas o descanso chega ao fim e o trabalho sobre a consciência é retomado. Do nosso ponto de vista, o mundo é um vale de lágrimas, um lugar do qual se deve escapar o quanto antes possível, e de qualquer modo; para os seres iluminados, o mundo é bom e serve a um bom propósito. Eles não negam que o mundo é uma estrutura mental e que, finalmente, tudo é um, mas vêem e dizem que a estrutura tem sentido e serve a um propósito supremamente desejável. O que chamamos a vontade de Deus não é o capricho de uma

divindade brincalhona, mas a expressão de uma absoluta necessidade de crescimento em amor, sabedoria e poder, de atualizar os potenciais infinitos da vida e da consciência.

Assim como um jardineiro cultiva as flores nascidas de uma pequena semente até uma perfeição gloriosa, da mesma forma, Deus, em seu próprio jardim, cultiva entre outros seres homens que chegam a super-homens, que conhecem e amam, e trabalham com Ele.

Quando Deus descansa (pralaya), aqueles cujo crescimento não chegou a completar-se se tornam inconscientes por certo tempo, enquanto os perfeitos, os que foram além de todas as formas e conteúdos da consciência, permanecem conscientes do silêncio universal. Quando chega a hora do surgimento de um novo universo, os adormecidos são despertados, e começam seus trabalhos. Os mais avançados despertam primeiro e preparam o terreno para os menos avançados, os quais encontram, desse modo, formas e padrões de comportamento adequados para seu posterior crescimento.

Essa é a história. A diferença em relação a seu ensinamento é esta: você insiste em que o mundo não é bom e deve ser evitado. Eles dizem que o desgosto em relação ao mundo é uma etapa passageira, necessária, ainda que temporária, e que é logo substituída por um amor que a tudo permeia e por uma vontade firme de trabalhar com Deus.

Maharaj: Tudo o que você diz é correto no caminho de saída (pravritti). No caminho de regresso (nivritti), é necessário anular-se a si mesmo. O lugar que eu ocupo está onde nada é (paramakash); nem os pensamentos nem as palavras chegam ali. Para a mente, tudo é obscuridade e silêncio. Então a consciência começa a agitar-se e a mente (chidakash) desperta, a qual projeta o mundo (mahadakash), construído de memória e de imaginação. Uma vez que o mundo surja, tudo o que você diz pode ser assim. A natureza da mente é imaginar metas, esforçar-se por elas, buscar meios e caminhos, revelar a visão, a energia e a coragem. Todos estes são atributos divinos, eu não os nego. Mas eu tenho meu lugar onde não existe nenhuma diferença, onde as coisas não existem, nem as mentes que as criaram. Ali estou em meu lar. Qualquer coisa que ocorra não me afeta – as coisas operam nas coisas, isso é tudo. Livre de memória e esperanças, eu sou fresco, inocente, sincero. A mente é o grande trabalhador (mahakarta) e necessita de descanso. Não necessitando de nada, não tenho medo. De quem ter medo? Não há separação, não so-

mos seres separados. Só existe um Eu, a Realidade Suprema, na qual o impessoal e o pessoal são um.

P: Tudo o que quero é ser capaz de ajudar o mundo?

M: Quem diz que não pode ajudar? Você decidiu sobre a ajuda, meios e necessidades e meteu-se em um conflito entre o que deve fazer e o que pode fazer, entre a necessidade e a capacidade.

P: Mas por que fazemos isto?

M: Sua mente projeta uma estrutura e você se identifica com ela. Na própria natureza do desejo está o impelir a mente a criar um mundo para dar-lhe satisfação. Mesmo um pequeno desejo pode criar uma longa linha de ações; o que faria um forte desejo? O desejo pode produzir um universo; seus poderes são miraculosos. Como um palito de fósforo pode incendiar um bosque, assim um desejo pode acender o fogo da manifestação. O próprio propósito da criação é satisfazer o desejo. O desejo pode ser nobre ou não, o espaço (akash) é neutro – pode-se preenchê-lo com o que se gostar. Deve-se ter muito cuidado com o que se deseja. No que diz respeito às pessoas que quer ajudar, elas estão em seus mundos respectivos por causa de seus desejos, e não há uma maneira de ajudá-las exceto através de seus desejos. Você só pode ensinar-lhes a ter desejos corretos para que possam elevar-se acima deles e a libertar-se da necessidade de criar e recriar mundos de desejos, moradas de dor e de prazer.

P: Chegará um dia em que o espetáculo terminará; um homem deve morrer, um universo chega ao fim.

M: Como uma pessoa que dorme e esquece tudo, e desperta para um novo dia, ou morre e surge para uma nova vida, assim os mundos de desejo e de temor dissolvem-se e desaparecem. Mas a testemunha universal, o Eu Supremo, nunca dorme e nunca morre. O Grande Coração bate eternamente, e a cada batida um novo universo vem a ser.

P: Ele é consciente?

M: Ele está além de tudo o que a mente possa conceber. Está além do ser e do não ser. Ele é o Sim e o Não para todas as coisas, além e interior, criando e destruindo, inimaginavelmente real.

P: Deus e o Mahatma são um ou dois?

M: Eles são um.

P: Deve existir alguma diferença?

M: Deus é o Autor de tudo, o gnani é um não autor. O próprio Deus não diz: 'Estou fazendo tudo'. Para Ele, as coisas acontecem por sua própria natureza. Para o gnani, tudo é feito por Deus. Ele não vê nenhuma diferença entre Deus e a natureza. Ambos, Deus e o gnani conhecem a si mesmos como o centro imóvel do mutável, a testemunha eterna do transitório. O centro é um ponto de vazio; a testemunha, um ponto de Consciência pura; eles sabem que são nada, portanto nada pode resistir-lhes.

P: Como isto é visto e sentido em sua experiência pessoal?

M: Sendo nada, sou tudo. Eu sou tudo; tudo é meu. Como meu corpo se move pelo meu mero pensamento de movimento, assim ocorrem as coisas quando penso nelas. Lembre-se, eu não faço nada, simplesmente vejo as coisas acontecerem.

P: As coisas acontecem como você quer que ocorram, ou você quer que aconteçam como ocorrem?

M: As duas coisas. Eu aceito e sou aceito. Sou tudo e tudo sou eu mesmo. Sendo o mundo, não tenho medo do mundo. Sendo tudo, o que temeria? A água não teme a água nem o fogo, o fogo. Não tenho medo também, pois não sou nada que possa experimentar medo ou possa estar em perigo.

Eu não tenho forma, nem nome. É o apego ao nome e a forma que dá luz ao medo. Eu não tenho apegos. Eu sou nada, e o nada não tem medo de coisa alguma. Pelo contrário, tudo tem medo do Nada, porque quando algo toca o Nada, ela se torna nada. É como um poço sem fundo, o que cai nele desaparece.

P: Deus não é uma pessoa?

M: Enquanto você pensa ser uma pessoa, Ele também é uma pessoa. Quando você é tudo, você O vê como tudo.

P: Posso mudar os fatos mudando a atitude?

M: A atitude é o fato. Ter raiva, por exemplo. Posso estar furioso, passeando de um extremo a outro da habitação; ao mesmo tempo sei o que sou, um centro de sabedoria e amor, um átomo de existência pura. Tudo se acalma e a mente se funde no silêncio.

P: Não obstante, você está irritado algumas vezes.

M: Com quem e por que teria que me aborrecer? A raiva veio e se dissolveu ao lembrar-me de mim mesmo. É tudo um jogo dos gunas

(qualidades da matéria cósmica). Quando me identifico com eles, sou escravo deles. Quando me aparto, sou mestre deles.

P: Pode você influir no mundo com sua atitude? Ao separar-se do mundo, perde toda a esperança de ajudá-lo.

M: Como poderia ser? Tudo é meu próprio eu – não posso ajudar-me? Eu não me identifico com alguém em particular porque eu sou tudo, o particular e o universal.

P: Então pode ajudar-me, a pessoa em particular?

M: Mas sempre o estou ajudando – desde dentro. Meu eu e seu ser são um. Eu sei disto, mas você, não. Essa é toda a diferença – e não pode durar.

P: E como você ajuda o mundo inteiro?

M: Gandhi está morto e, não obstante, sua mente impregna a terra. O pensamento de um gnani impregna a humanidade e trabalha incessantemente pelo bem. Sendo anônimo, vindo de dentro, é mais poderoso e convincente. Assim é como o mundo melhora – o interno ajudando e bendizendo o externo. Quando morre um gnani, ele deixa de existir no mesmo sentido em que um rio deixa de existir quando se funde com o oceano; o nome e a forma não existem mais, mas a água permanece e se faz uma com o oceano. Quando um gnani se une à mente universal, toda sua bondade e sabedoria se convertem na herança da humanidade e elevam todo ser humano.

P: Nós estamos apegados à nossa personalidade. Valorizamos muito nossa individualidade, o que nos diferencia dos outros. Parece que você denuncia ambas como inúteis. De que nos serve o seu imanifestado?

M: Imanifestado, manifestado, individualidade, personalidade (nirguna, saguna, vyakta, vyakti); tudo isto são meras palavras, pontos de vista, atitudes mentais. Não têm realidade neles. O real é experienciado no silêncio. Você se apega à personalidade, mas você só é consciente de ser uma pessoa apenas quando está com problemas. Quando não tem dificuldades, você não pensa em si mesmo.

P: Você não me disse nada sobre a utilidade do Imanifestado.

M: Sem dúvida, você deve dormir para poder despertar. Deve morrer para viver, fundir para modelar novamente, destruir para construir, aniquilar antes de criar. O Supremo é o solvente universal, corrói todos os recipientes, queima todos os obstáculos. Sem a negação absoluta de tudo, a tirania das coisas seria absoluta. O Supremo é o grande harmoni-

zador, a garantia do equilíbrio final e perfeito – da vida em liberdade. Ele o dissolve e, desse modo, reafirma seu verdadeiro ser.

P: Tudo está bem em seu próprio nível. Mas como funciona na vida diária?

M: A vida diária é uma vida de ação. Goste dela ou não, você deve funcionar. Tudo o que fizer para si mesmo se acumula e se torna explosivo, e um dia explodirá e destruirá você e seu mundo. Quando você engana a si mesmo crendo que trabalha para o bem de todos, ainda piora mais as coisas, pois não deve ser guiado por suas ideias do que é bom para os outros. Um homem que declara saber o que é bom para os demais é perigoso.

P: Como se deve trabalhar então?

M: Nem para você nem para os demais, mas pelo próprio trabalho. Uma coisa que valha a pena fazer é seu próprio propósito e significado. Não converta nada em um meio para alcançar alguma coisa. Não limite. Deus não cria uma coisa para servir outra. Cada uma é feita para si mesma. Tendo sido feita para si mesma, não interfere. Você está usando coisas e pessoas para propósitos estranhos a elas mesmas e está causando estragos no mundo e em você mesmo.

P: Nosso ser real está todo o tempo conosco, diz você. Como é que não nos damos conta?

M: Sim, você sempre é o Supremo. Mas sua atenção está fixada nas coisas físicas ou mentais. Quando sua atenção estiver fora de uma coisa e, todavia, ainda não estiver em outra, no intervalo você é ser puro. Quando, através das práticas da discriminação e do desapego (viveka-vairagya), você perde de vista os estados mentais e sensórios, surge o ser puro como o estado natural.

P: Como se acaba com este sentido de separação?

M: Enfocando a mente no 'eu sou', no sentimento de ser, dissolve-se o 'Eu sou isto e aquilo'; o que permanece é o 'sou apenas a testemunha', e isto também submerge no 'Eu sou tudo'. Então o todo se converte no Um e o Um – você mesmo, não separado de mim. Abandone a ideia de um 'eu' separado e a questão de 'quem experimenta?' não surgirá.

P: Você fala por sua própria experiência. Como posso torná-la minha?

M: Você fala de minha experiência como distinta da sua porque crê que estamos separados. Mas não estamos. Em um nível mais profundo,

minha experiência é sua experiência. Indague profundamente dentro de você mesmo e descobrirá isto, fácil e simplesmente. Siga na direção do 'eu sou'.

25
AGARRE-SE AO 'EU SOU'

Pergunta: Você está sempre contente ou triste? Conhece a alegria e a tristeza?

Maharaj: Chame-os como quiser. Para mim são apenas estados da mente, e eu não sou a mente.

P: O amor é um estado mental?

M: Novamente, depende do que quer dizer por amor. O desejo é, certamente, um estado mental. Mas a percepção da unidade está além da mente. Para mim, nada existe por si mesmo. Tudo é o Eu, tudo é meu próprio eu. Ver a mim em todos, e todos em mim, certamente é amor.

P: Quando vejo algo agradável, eu o quero. Quem o quer exatamente? O eu ou a mente?

M: A pergunta está mal colocada. Não há 'quem'. Há desejo, medo, raiva, e a mente diz – eu sou isto, isto é meu. Não há nada que possa ser denominado 'eu' ou 'meu'. O desejo é um estado da mente percebido e nomeado pela mente. Sem a mente que percebe e nomeia, onde está o desejo?

P: Mas há um perceber sem nomear?

M: Certamente. O nomear não pode ir além da mente, enquanto perceber é a própria consciência.

P: Quando alguém morre, o que acontece exatamente?

M: Nada acontece. Algo se torna nada. Nada era, nada permanece.

P: Há seguramente alguma diferença entre o vivo e o morto. Você fala do vivo como morto e do morto como vivo.

M: Por que você se preocupa com a morte de um homem e não se preocupa com a de milhões que morrem a cada dia? Universos inteiros estão implodindo e explodindo a todo momento – devo chorar por eles? Uma coisa é muito clara para mim: tudo o que existe, vive e se move

tem sua existência na consciência, e eu estou dentro e fora da consciência. Estou nela como a testemunha, estou além como Ser.

P: Com certeza, você se preocupa quando seu filho adoece, não é assim?

M: Não fico afobado. Simplesmente, faço o necessário. Não me preocupo sobre o futuro. Em minha natureza há uma resposta correta a cada situação. Não paro para pensar o que fazer. Atuo e sigo adiante. Os resultados não me afetam. Nem sequer me importa se são bons ou maus. Quaisquer que sejam, assim o são; se voltarem a mim, tratarei com eles novamente. Ou, de preferência, acontece de tratar com eles novamente. Não existe intenção deliberada em fazer qualquer coisa. As coisas acontecem como elas acontecem, não porque as faço acontecer, mas é porque Eu sou que elas acontecem. Na realidade, nunca acontece nada. Quando a mente estiver inquieta, fará com que Shiva dance, como as águas inquietas de um lago fazem a lua dançar. Tudo é aparência, devido a ideias erradas.

P: Não há dúvida de que você é consciente de muitas coisas e se comporta de acordo com sua natureza. Você trata uma criança como uma criança e um adulto como um adulto.

M: Como cada gota do oceano carrega o gosto do oceano, assim cada momento traz consigo o sabor da eternidade. Definições e descrições têm seu lugar como incentivos úteis para a busca, mas você deve ir além delas, dentro daquilo que é indefinível e indescritível, exceto em termos negativos.

P: Eu existo em seu mundo assim como você existe no meu?

M: Certamente, você é e eu sou. Mas apenas como pontos na consciência; não somos nada à parte da consciência. Isto deve ser bem entendido: o mundo pende do fio de consciência; sem consciência não há mundo.

P: Há muitos pontos na consciência; há tantos mundos?

M: Tome o sonhar como exemplo. Em um hospital pode haver muitos pacientes, todos adormecidos, todos sonhando, cada um sonhando seu sonho pessoal, privado, independente, não afetado, tendo um só fator em comum – a enfermidade. De modo similar, em nossa imaginação do mundo real, tornamo-nos divorciados da experiência comum e nos encerramos em uma nuvem pessoal de desejos e temores, imagens e pensamentos, ideias e conceitos.

P: Isto eu posso entender. Mas, qual poderia ser a causa desta tremenda variedade de mundos pessoais?

M: A variedade não é tão grande. Todos os sonhos estão sobrepostos a um mundo comum. Até certo ponto se formam e influem uns aos outros. A unidade básica opera apesar de todos. Na raiz disto tudo está o esquecimento de si mesmo; não saber quem Eu sou.

P: Para esquecer se deve saber. Eu sei quem eu sou antes de esquecê-lo?

M: Certamente. O auto esquecimento é inerente ao autoconhecimento. A consciência e a inconsciência são dois aspectos de uma vida. Eles coexistem. Para conhecer o mundo, você esquece o ser – para conhecer o ser, você esquece o mundo. Que é o mundo depois de tudo? Uma coleção de recordações. Aferre-se a algo importante, agarre-se ao 'eu sou' e deixe tudo o mais. Isto é sadhana. Na percepção, não há nada a que se agarrar, nem nada a esquecer. Tudo é conhecido, nada é lembrado.

P: Qual é a causa do esquecimento de si mesmo?

M: Não há causa nenhuma porque não há esquecimento. Os estados mentais se sucedem uns aos outros, e cada um apaga o anterior. Lembrar de si mesmo é um estado mental e o esquecimento de si mesmo é outro. Alternam-se como o dia e a noite. A realidade está além de ambos.

P: Certamente, deve existir alguma diferença entre esquecer e não saber. O não saber não necessita de causa. O esquecimento pressupõe um conhecimento prévio e também a tendência ou capacidade de esquecer. Admito que não posso investigar a razão do não saber, mas o esquecimento deve ter algum fundamento.

M: Não há tal coisa como não saber. Só há esquecimento. O que está errado em esquecer? Esquecer é tão simples quanto recordar.

P: Não é uma calamidade esquecer de si mesmo?

M: Tão mau como lembrar de si mesmo continuamente. Há um estado além do esquecimento e do não esquecimento – o estado natural. Lembrar, esquecer – são todos estados mentais, limitados pelo pensamento, limitados pela palavra. Tome, por exemplo, a ideia de ter nascido. Disseram que eu havia nascido. Eu não lembro. Dizem-me que devo morrer. Não espero isto. Você me diz que esqueci, ou que me falta imaginação. Mas eu simplesmente não posso lembrar do que nunca aconteceu, nem esperar o claramente impossível. Corpos nascem e corpos morrem, mas o que é isto para mim? Os corpos vão e vêm na consciên-

cia e a própria consciência tem suas raízes em mim. Eu sou a vida, e a mente e o corpo são meus.

P: Você diz que na raiz do mundo está o esquecimento de si mesmo. Para esquecer, devo recordar. O que esqueci para lembrar? Eu não esqueci que Eu sou.

M: Este 'eu sou' também pode ser parte da ilusão.

P: Como pode ser? Você não pode provar-me que eu não sou. Mesmo convencido de que não sou, eu sou.

M: A realidade não pode ser provada nem desmentida. Dentro da mente você não pode, mas além da mente não necessita. No real, a pergunta 'o que é real?' não surge. O manifestado (saguna) e o imanifestado (nirguna) não são diferentes.

P: Neste caso tudo é real.

M: Eu sou tudo. Como eu mesmo, tudo é real. Separado de mim, nada é real.

P: Eu não sinto que o mundo seja o resultado de um erro.

M: Você pode dizer isto só depois de uma investigação total, não antes. Certamente, quando você discernir e abandonar tudo o que for falso, o que permanece será real.

P: Algo permanece?

M: Permanece o real. Mas não se deixe enganar pelas palavras!

P: Desde tempos imemoriais, durante inumeráveis nascimentos, eu construo, melhoro e embelezo meu mundo. Não é nem perfeito nem irreal. É um processo.

M: Você está equivocado. O mundo não tem nenhuma existência separada de você. Em cada instante é apenas um reflexo de você mesmo. Você o cria, você o destrói.

P: E o construo de novo, melhorado.

M: Para melhorá-lo, deve desmenti-lo. Deve-se morrer para viver. Não há renascer, exceto através da morte.

P: O seu universo pode ser perfeito. Meu universo pessoal está melhorando.

M: Seu universo pessoal não existe por si mesmo. É meramente uma visão distorcida e limitada do real. O que necessita melhorar não é o universo, mas seu modo de olhá-lo.

P: Como você o vê?

M: É um cenário em que se representa um drama mundial. A qualidade da atuação é tudo o que importa; não o que os atores digam ou façam, mas como o dizem e fazem.

P: Eu não gosto desta ideia de lila (drama). Prefiro comparar o mundo a um pátio de trabalho onde nós somos os construtores.

M: Você leva as coisas muito seriamente. Que há de mal em representar um drama? Você só tem um propósito enquanto não for completo (purna); até então, a perfeição, a plenitude é o propósito. Mas quando você é completo em si mesmo, plenamente integrado, interna e externamente, então você desfruta do universo, não trabalha nele. Ao que não estiver integrado pode parecer que trabalha duro, mas isto é sua ilusão. Os desportistas parecem que fazem tremendos esforços; o único motivo é jogar e mostrar-se.

P: Quer dizer que Deus está simplesmente se divertindo, ocupado em uma ação sem propósito?

M: Deus não é só verdadeiro e bom como também é belo (satyam-shivam-sundaram). Ele cria a beleza – pela alegria disto.

P: Bem, então a beleza é seu propósito!

M: Por que introduz o propósito? O propósito implica movimento, mudança, um sentido de imperfeição. Deus não pretende nenhuma beleza – tudo o que faz é belo. Diria você que uma flor está tentando ser bela? É bela por sua própria natureza. De modo semelhante, Deus é a própria perfeição, não um esforço para a perfeição.

P: O propósito preenche a si mesmo na beleza.

M: Que é o belo? Qualquer coisa percebida através da felicidade é bela. A felicidade é a essência da beleza.

P: Você fala de Sat-Chit-Ananda. O que eu sou é óbvio. O que conheço é óbvio. Que sou feliz não é em absoluto óbvio. Para onde foi minha felicidade?

M: Seja totalmente consciente de seu próprio ser e será conscientemente feliz. Porque separa sua mente de si mesmo e a põe no que você não é, você perde o sentido de bem-estar, de estar bem.

P: Há dois caminhos diante de nós: o caminho do esforço (yoga marga) e o caminho sem esforço (bhoga marga). Ambos levam à mesma meta – a liberação.

M: Por que você chama bhoga um caminho? E como pode o não esforço levá-lo à perfeição?

P: O perfeito renunciante (yogi) encontrará a realidade. O perfeito apreciador (bhogi) também chegará a ela.

M: Como pode ser isso? Não são contraditórios?

P: Os extremos se encontram. Ser um perfeito Bhogi é mais difícil do que ser um perfeito Iogue. Sou um homem humilde e não posso aventurar juízos de valor. Ambos, o Iogue e o Bhogi, afinal de contas, estão interessados na busca da felicidade. O Iogue a quer permanentemente, o Bhogi está satisfeito com o intermitente. Às vezes, o Bhogi luta mais duramente que o Iogue.

M: De que vale a felicidade quando se tem que lutar e trabalhar por ela? A verdadeira felicidade é espontânea e sem esforço.

P: Todos os seres buscam a felicidade. Só diferem nos meios. Alguns a buscam dentro e são chamados Iogues; outros a buscam fora e são condenados como Bhogis. Mas eles necessitam um do outro.

M: O prazer e a dor se alternam. A felicidade é inabalável. O que se pode buscar e encontrar não é o verdadeiro. Encontre o que nunca perdeu, encontre o inalienável.

26
A PERSONALIDADE, UM OBSTÁCULO

Pergunta: Do modo que eu vejo, o mundo é uma escola de Ioga e a própria vida é a prática da Ioga. Todos se esforçam pela perfeição, e que é a Ioga senão esforço? Não há nada desprezível nas denominadas pessoas 'comuns' e suas vidas 'comuns'. Elas lutam duramente e sofrem tanto quanto o Iogue, apenas não são conscientes do seu verdadeiro propósito.

Maharaj: Em que modo são suas pessoas comuns – Iogues?

P: A última meta é a mesma. O que o Iogue assegura com a renúncia (tyaga) o homem comum compreende através da experiência (bhoga). O caminho da Bhoga é inconsciente e, portanto, repetitivo e prolongado, enquanto o caminho da Ioga é deliberado e intenso, e, portanto, pode ser mais rápido.

M: Talvez períodos de Ioga e Bhoga se alternem. Primeiro Bhogi, depois iogue, então novamente Bhogi, depois outra vez Iogue.

P: Qual pode ser o propósito disto?

M: Desejos fracos podem ser eliminados mediante a introspecção e a meditação, mas aqueles fortes, profundamente enraizados, devem ser satisfeitos, e seus frutos, doces ou amargos, saboreados.

P: Por que então devemos honrar os Iogues e falar mal dos Bhogis? Em certo modo, todos são Iogues.

M: Na escala humana de valores, o esforço deliberado é considerado louvável. Na realidade, o Iogue e o Bhogi seguem suas próprias naturezas, de acordo com as circunstâncias e oportunidades. A vida do Iogue é governada por um só desejo, encontrar a Verdade; o Bhogi serve a muitos mestres. Mas o Bhogi se converte em Iogue e o Iogue pode voltar ao ataque de Bhoga. O resultado final é o mesmo.

P: Contam que Buda disse que é tremendamente importante ter ouvido que existe a iluminação, uma reversão completa e uma transformação na consciência. A boa notícia é comparada a uma faísca em uma carga de algodão; lentamente, mas sem pausas, tudo se converterá em cinzas. De modo similar, a boa notícia da iluminação, mais cedo ou mais tarde, produzirá uma transformação.

M: Sim, primeiro ouvir (shravana), depois lembrar (smarana), ponderar (manana), e assim por diante. Estamos em um terreno familiar. O homem que ouve a boa notícia converte-se em um Iogue, enquanto o restante continua em sua Bhoga.

P: Mas você concorda que, ao viver uma vida – simplesmente viver a vida monótona do mundo, tendo nascido para viver e morrido para nascer –, o homem avança por seu mero volume, como o rio que acha seu caminho para o mar pela mera massa de água que recolhe.

M: Antes que o mundo existisse, a consciência existia. O mundo surge na consciência, dura na consciência, e na consciência pura se dissolve. Na raiz de tudo está o sentimento 'eu sou'. O estado mental 'há um mundo' é secundário, pois, para ser, não necessito do mundo, o mundo necessita de mim.

P: O desejo de viver é algo tremendo.

M: A liberdade do impulso de viver é ainda maior.

P: A liberdade da pedra?

M: Sim, a liberdade da pedra, e muito mais além. Liberdade ilimitada e consciente.

P: Não se requer a personalidade para reunir experiência?

M: Para alguém como você agora, a personalidade é só um obstáculo. A autoidentificação com o corpo pode ser boa para uma criança, mas o verdadeiro crescimento depende de que se deixe o corpo de lado. Normalmente, ter-se-ia que superar os desejos corporais no início da vida. Inclusive o Bhogi, que não rechaça os gozos, não necessita ansiar por aqueles que já provou. O hábito, o desejo de repetição, frustra o Iogue e o Bhogi.

P: Por que segue menosprezando a pessoa (vyakti) como se não tivesse importância? A personalidade é o fato primário de nossa existência. Ela ocupa todo o cenário.

M: Enquanto continuar sem vê-la como um mero hábito, construído na memória, estimulado pelo desejo, você seguirá crendo que é uma pessoa, vivendo, sentindo, pensando, ativa, passiva, contente ou triste. Pergunte a você mesmo: 'É assim?', 'Quem sou eu?', 'O que há por trás e além de tudo isto?', e logo descobrirá seu erro. E está na própria natureza do erro deixar de existir quando visto.

P: A Ioga do viver, da própria vida, nós poderíamos chamar de Ioga Natural (nisarga yoga). Isto me lembra da Ioga Primordial (adhi yoga), mencionada no Rig Veda, que era descrita como o casamento da vida com a mente.

M: Uma vida vivida com ponderação, em total Consciência, é por si mesma Nisarga Ioga.

P: Que quer dizer o casamento da vida com a mente?

M: Viver na Consciência espontânea, na consciência de viver sem esforço, estando totalmente interessado na própria vida – tudo isto está implicado.

P: Sharada Devi, a esposa de Sri Ramakrishna Paramahansa, frequentemente repreendia seus discípulos por esforçarem-se demasiado. Comparava-os às mangas arrancadas da árvore antes do amadurecimento. 'Por que a pressa?', estava acostumada a dizer. 'Espere até que você esteja totalmente maduro, suave e doce'.

M: Quanta razão tinha! Há tantos que tomam o amanhecer pelo entardecer, uma experiência momentânea por uma realização completa e, por excesso de orgulho, destroem inclusive o pouco que tinham ganha-

do. A humildade e o silêncio são essenciais para um sadhaka, por mais avançado que seja. Só um gnani totalmente maduro pode permitir-se a completa espontaneidade.

P: Parece que há escolas de Ioga onde o estudante, depois da iluminação, é obrigado a guardar silêncio durante 7 ou 12, ou 15, ou 25 anos. Inclusive Bhagavan Sri Ramana Maharshi obrigou-se a vinte anos de silêncio antes de começar a ensinar.

M: Sim, o fruto interno deve amadurecer. Até então a disciplina, o viver na Consciência, deve prosseguir. Gradualmente, a prática se fará mais e mais sutil, até que se torne completamente sem forma.

P: Krishnamurti também fala de viver na Consciência.

M: Ele sempre aponta para o 'final'. Sim, finalmente, todas as Iogas acabam na sua adhi yoga, o casamento da consciência (a noiva) com a vida (o noivo). A consciência e o ser (sad-chit) se encontram na felicidade (ananda). Para que a felicidade surja, deve haver encontro, contato, a afirmação da unidade na dualidade.

P: Buda também disse que, para a realização do Nirvana, tem-se que se dirigir aos seres vivos. A consciência necessita da vida para crescer.

M: O próprio mundo é contato – a totalidade de todos os contatos atualizados na consciência. O espírito toca a matéria e daí resulta a consciência. Tal consciência, tingida por recordações e expectativas, torna-se escravidão. A experiência pura não compromete; a experiência colhida entre o desejo e o temor é impura e cria carma.

P: Pode existir felicidade na unidade? Não implica toda felicidade em contato e, portanto, dualidade?

M: Não há nada errado na dualidade desde que não crie conflito. Multiplicidade e variedade sem luta são pura alegria. Na consciência pura, há luz. Para o calor, o contato é necessário. Acima da unidade do ser está a união do amor. O amor é o significado e o propósito da dualidade.

P: Eu fui adotado. Não conheço meu próprio pai. Minha mãe morreu quando nasci. Meu pai adotivo, para agradar minha mãe adotiva, a qual não tinha filhos, adotou-me quase por acidente. Ele é um homem simples, um dono e motorista de caminhão. Minha mãe cuida da casa. Tenho 24 anos agora. Há dois anos e meio ando viajando, inquieto, buscando. Quero viver uma vida boa, uma vida santa. O que devo fazer?

M: Volte para casa, cuide do negócio de seu pai, cuide de seus pais na velhice. Case-se com a moça que o está esperando, seja leal, seja simples, seja humilde. Oculte sua virtude, viva em silêncio. Os cinco sentidos e as três qualidades (gunas) são seus oito passos na Ioga. E o 'eu sou' é o Grande Recordador (mahamantra). Pode aprender deles tudo o que necessita saber. Esteja atento, inquira sem cessar. Isso é tudo.

P: Se simplesmente viver a própria vida nos libera, por que não estamos todos liberados?

M: Todos estão sendo liberados. O importante não é o que você vive, mas como você vive. A ideia da iluminação é de máxima importância. Simplesmente saber que há tal possibilidade nos transforma toda a visão. Atua como um fósforo aceso em um monte de serragem. Todos os grandes mestres não fizeram outra coisa. Uma faísca de verdade pode queimar uma montanha de mentiras. O oposto também é verdadeiro. O sol da verdade permanece oculto atrás da nuvem da autoidentificação com o corpo.

P: Esta difusão da boa notícia da iluminação parece muito importante.

M: Simplesmente ouvi-la é uma promessa de iluminação. O próprio encontro com um Guru é a garantia da iluminação. A perfeição é doadora de vida e criativa.

P: Alguma vez o homem realizado pensa: 'Estou realizado?' Ele não fica atônito quando as pessoas lhe dão tanta importância? Ele mesmo não acredita ser um ser humano comum?

M: Nem comum, nem extraordinário. Apenas um ser consciente e afetuoso de maneira intensa. Ele olha para si mesmo sem cair em autodefinições e autoidentificações. Não se conhece como algo separado do mundo. Ele é o mundo. É livre por completo de si mesmo, como um homem muito rico que continuamente dá suas riquezas. Ele não é rico, pois nada tem; não é pobre, pois dá em abundância. Simplesmente não tem propriedade. De modo similar, o homem realizado não tem ego; perdeu a capacidade de identificar-se com qualquer coisa. Ele existe sem localização, sem lugar, além do espaço e do tempo, além do mundo. Está além das palavras e dos pensamentos.

P: Bom, para mim é um profundo mistério. Sou um homem simples.

M: É você o que é profundo, complexo, misterioso, difícil de entender. Eu sou a própria simplicidade quando comparado com você. Eu sou

o que é, sem distinção alguma entre o interno e o externo, o meu e o seu, o bom e o mau. O que o mundo é, eu sou; o que eu sou, o mundo é.

P: Como acontece que cada homem cria seu próprio mundo?

M: Quando algumas pessoas estão adormecidas, cada uma sonha seu próprio sonho. Apenas ao despertar a questão de muitos sonhos diferentes aparecerá, e se desfará quando todos eles forem vistos como sonhos, como algo imaginado.

P: Mesmo os sonhos têm um fundamento.

M: Na memória. Mesmo então, o que é lembrado é apenas outro sonho. A memória do falso não pode senão dar origem ao falso. Não há nada errado com a memória como tal. O que é falso é seu conteúdo. Relembre fatos, esqueça opiniões.

P: O que é um fato?

M: O que é percebido na Consciência pura, sem estar afetado pelo desejo e pelo medo, é o fato.

27
O QUE NÃO TEM INÍCIO COMEÇA SEMPRE

Pergunta: No outro dia perguntei a você sobre os dois caminhos de crescimento: a renúncia e o desfrute (yoga e bhoga). A diferença não é tão grande quanto parece, o Iogue renuncia para apreciar; o Bhogi aprecia para renunciar. O Iogue renuncia em primeiro lugar; o Bhogi primeiro desfruta.

Maharaj: E daí? Deixe o Iogue com sua Ioga e o Bhogi com sua Bhoga.

P: O caminho da Bhoga me parece o melhor. O Iogue é como uma manga verde, separada prematuramente da árvore e posta para amadurecer em uma cesta de palha. Sem ar e superaquecida, ela amadurece, mas o sabor e a fragrância verdadeiros se perderam. A manga deixada na árvore cresce até o tamanho normal, tem cor e doçura, uma alegria em todos os sentidos. No entanto, a Ioga obtém todos os louvores e a Bhoga – todas as maldições. Tal como eu vejo, a Bhoga é a melhor das duas.

M: O que o faz dizer isto?

P: Tenho observado os iogues e seus enormes esforços. Mesmo quando compreendem, nota-se certo amargor ou compressão. Parece que passam muito tempo em transes e, quando falam, meramente citam suas escrituras. No melhor dos casos, tais gnanis são como flores – perfeitas, mas pequenas, espalhando suas fragrâncias em um curto raio. Há outros que são como florestas – ricos, variados, imensos, cheios de surpresas, um mundo em si mesmos. Deve existir alguma razão para esta diferença.

M: Você mesmo o disse. Segundo você, um atrofiou-se em sua loga, enquanto o outro floresceu em Bhoga.

P: Não é assim? O Iogue teme a vida e busca a paz, enquanto o Bhogi é aventureiro, cheio de humor, indo adiante. O Iogue está limitado por um ideal, enquanto o Bhogi sempre está disposto a explorar.

M: É uma questão de querer muito ou estar satisfeito com pouco. O Iogue é ambicioso, enquanto o Bhogi meramente é aventureiro. O Bhogi parece ser rico e mais interessante, mas, na realidade, não é assim. O Iogue é estreito como o fio de uma faca. Ele tem que ser – para cortar profunda e suavemente, para penetrar sem erro as múltiplas camadas do falso. O Bhogi adora em muitos altares; o Iogue não serve a ninguém, exceto a seu próprio Eu verdadeiro.

Não tem sentido opor o Iogue ao Bhogi. O caminho de saída (pravritti) precede necessariamente ao caminho de retorno (nivritti). Julgar – colocar marcas – é ridículo. Tudo contribui para a perfeição final. Alguns dizem que há três aspectos da realidade – Verdade-Sabedoria-Felicidade. Aquele que busca a Verdade torna-se um Iogue, aquele que busca a sabedoria se converte em gnani; aquele que busca a felicidade se converte em homem de ação.

P: Falaram-nos da felicidade da não dualidade.

M: Tal felicidade é mais da natureza de uma grande paz. O prazer e a dor são os frutos das ações – justos ou injustos.

P: O que faz a diferença?

M: A diferença está entre o dar e o tomar. Qualquer que seja o modo de aproximação, no fim todos se tornarão um.

P: Se não há diferença na meta, por que discriminar entre várias aproximações?

M: Que cada um aja de acordo com sua natureza. Em qualquer caso, o propósito derradeiro não deixará de ser cumprido. Todas as suas dis-

criminações e classificações estão muito bem, mas não existem em meu caso. Assim como a descrição de um sonho pode ser detalhada e acurada embora sem qualquer fundamento, igualmente o seu modelo não se ajusta exceto às suas próprias presunções. Você começa com uma ideia e termina com a mesma ideia vestida diferentemente.

P: Como você vê as coisas?

M: Um e todos são o mesmo para mim. A mesma consciência (chit) aparece como ser (sat) e como felicidade (ananda); Chit em movimento é Ananda; Chit imóvel é ser.

P: Não obstante, ainda está fazendo uma distinção entre movimento e imobilidade.

M: A não distinção fala em silêncio. As palavras transmitem distinções. O imanifesto (nirguna) não tem nome, todos os nomes se referem ao manifesto (saguna). É inútil lutar com palavras para expressar o que está além delas. A consciência (chidananda) é espírito (purusha), a consciência é matéria (prakriti). O espírito imperfeito é a matéria, a matéria perfeita é espírito. No princípio, como no fim, tudo é um.

Todas as divisões estão na mente (chitta); não há nenhuma na realidade (chit). O movimento e o repouso são estados da mente e não podem existir sem seus opostos. Por si mesmo nada se move, nada repousa. É um grave erro atribuir existência absoluta à construções mentais. Nada existe por si mesmo.

P: Parece que você identifica o repouso com o Estado Supremo.

M: Há o repouso como estado mental (chidaram) e existe o repouso como um estado de ser (atmaram). O primeiro vem e vai, enquanto o verdadeiro repouso é o próprio coração da ação. Por desgraça, a linguagem é uma ferramenta mental e funciona só com opostos.

P: Como testemunha, você está trabalhando ou em repouso?

M: Testemunhar é uma experiência, e o repouso é a liberação da experiência.

P: Eles não podem coexistir, como o tumulto das ondas e a quietude das profundezas coexistem no oceano.

M: Além da mente não existe tal coisa como a experiência. A experiência é um estado dual. Você não pode falar da realidade como de uma experiência. Uma vez que isto seja entendido, você não mais verá o ser e o devir como separados e opostos. Na realidade são um e inseparáveis,

como raízes e ramos da mesma árvore. Ambos só podem existir à luz da consciência que, de novo, surge no despertar do sentido de 'eu sou'. Este é o fato primário. Se você o perde, perde tudo.

P: A sensação de ser é apenas um produto da experiência? O grande dito (Mahavakya) tat-sat é um mero modo de intelecção?

M: O que quer que se fale é apenas fala. O que quer que se pense é apenas pensamento. O significado real é inexplicável, embora experimentável. O Mahavakya é verdadeiro, mas suas ideias são falsas, pois todas as ideias (kalpana) são falsas.

P: A convicção 'Eu sou Aquilo' é falsa?

M: Certamente. A convicção é um estado mental. N''Aquilo' não existe nenhum 'eu sou'. Quando surge o sentido de 'eu sou', 'Aquilo' é obscurecido, da mesma forma que ao sair o sol as estrelas se apagam. Mas assim como com o sol vem a luz, com a sensação de ser vem a felicidade (chidananda). A causa da felicidade é buscada no 'não eu' e, assim, começa a escravidão.

P: Em sua vida diária você é sempre consciente de seu estado real?

M: Nem consciente, nem inconsciente. Eu não necessito de convicções. Eu moro na coragem. A coragem é minha essência, a qual é amor da vida. Estou livre de recordações e antecipações, sem preocupar-me com o que sou e com o que não sou. Não sou viciado em autodescrições; soham e brahmasmi ('Eu sou Ele', 'Eu sou o Supremo') não me servem para nada, porque tenho a coragem de ser como nada e de ver o mundo como ele é, isto é, nada. Soa simples, mas tente-o!

P: Mas, o que lhe dá coragem?

M: Quão distorcido é seu modo de ver! A coragem necessita ser dada? Sua pergunta implica que a ansiedade é o estado normal e que a coragem é anormal. É ao contrário. A ansiedade e a esperança nascem da imaginação – eu sou liberado de ambas. Sou um ser simples e não necessito nada em que me apoiar.

P: A menos que você conheça a si mesmo, de que lhe serve seu ser? Para ser feliz com o que você é, você deve conhecer o que é.

M: O ser brilha como saber, e o saber é cálido no amor. Tudo é um. Você imagina separações e cria problemas para si mesmo com perguntas. Não se interesse demasiadamente em formulações. O ser puro não pode ser descrito.

P: A menos que uma coisa seja cognoscível e agradável, não me servirá para nada. Antes de tudo, deverá tornar-se parte de minha experiência.

M: Você está reduzindo a realidade ao nível da experiência. Como a realidade pode depender da experiência quando é seu próprio fundamento (adhar)? A realidade está no próprio fato da experiência, não em sua natureza. Afinal de contas, a experiência é um estado mental, enquanto ser não é de nenhum modo um estado mental.

P: Outra vez estou confuso! O ser está separado do conhecer?

M: A separação é uma aparência. Exatamente como o sonho não está separado do sonhador, assim o conhecer não está separado do ser. O sonho é o sonhador, o conhecimento é o conhecedor, a distinção é meramente verbal.

P: Agora posso ver que sat e chit são um. Mas o que acontece com ananda? O ser e a consciência sempre estão juntos, mas a felicidade apenas brilha ocasionalmente.

M: O estado despreocupado do ser é felicidade; o estado perturbado é o que aparece como o mundo. Na não dualidade há felicidade; na dualidade – experiência. O que vem e vai é a experiência com sua dualidade de prazer e dor. A felicidade não é para ser conhecida. Sempre se é felicidade, mas nunca se é abençoado. A felicidade não é um atributo.

P: Tenho outra pergunta a fazer. Alguns Iogues alcançam sua meta, mas ela não serve para os outros. Eles não sabem ou não são capazes de compartilhar com os demais. Aqueles que podem compartilhar o que têm iniciam outros. Onde está a diferença?

M: Não há diferença. O seu ponto de vista é incorreto. Não há outros a quem ajudar. Um homem rico, quando transfere toda sua fortuna para sua família, não terá nem uma moeda para dar a um mendigo; do mesmo modo é o sábio (gnani), despido de todos seus poderes e posses. Nada, literalmente nada, pode ser dito dele. Ele não pode ajudar ninguém porque ele é todos. Ele é o pobre e também sua pobreza, o ladrão e também seu roubo. Como se pode dizer que ele ajuda quando não está separado? Aquele que se pensa como separado do mundo que o ajude.

P: Ainda assim há dualidade, aflição, há a necessidade de ajuda. Denunciá-lo como mero sonho não serve para nada.

M: A única coisa que pode ajudar é despertar do sonho.

P: Um despertador é necessário.

M: O qual, novamente, está no sonho. O despertador significa o começo do fim. Não há sonhos eternos.

P: Mesmo quando não têm início?

M: Tudo começa com você. Que outra coisa não tem início?

P: Eu começo ao nascer.

M: Isso é o que lhe disseram. É assim? Viu-se a si mesmo iniciando?

P: Eu inicio agora mesmo. Tudo o mais é memória.

M: Correto. O que não tem início começa sempre. Do mesmo modo, eu dou eternamente porque nada tenho. Ser nada, ter nada, não guardar nada para si mesmo é o maior presente, a mais elevada generosidade.

P: Não resta nenhum interesse próprio?

M: Certamente estou interessado em mim mesmo, mas o eu é tudo. Na prática, toma a forma de boa vontade, universal e inesgotável. Pode chamá-la amor que abarca tudo, que redime tudo. Tal amor é supremamente ativo – sem a sensação de fazer.

28
TODO SOFRIMENTO NASCE DO DESEJO

Pergunta: Vim de um país distante. Eu tive algumas experiências internas próprias e gostaria de comparar impressões.

Maharaj: Claro que sim. Você conhece a si mesmo?

P: Eu sei que não sou o corpo. Tampouco sou a mente.

M: O que o faz dizê-lo?

P: Não sinto que sou o corpo. Sinto que estou em todo lugar, por toda parte. Com referência à mente, posso ligá-la ou desligá-la, por assim dizer. Isto me faz sentir que não sou a mente.

M: Quando você sente que está em todos as lugares no mundo, você permanece separado do mundo? Ou você é o mundo?

P: As duas coisas. Algumas vezes sinto que não sou nem a mente nem o corpo, mas um único olho que tudo vê. Quando aprofundo nisso, descubro que sou tudo o que vejo, e o mundo e meu eu se tornam um.

M: Muito bem. E os desejos? Tem algum?

P: Sim, eles surgem, breves e superficiais.

M: E o que faz com eles?

P: O que posso fazer? Eles vêm e vão. Eu olho para eles. Algumas vezes vejo meu corpo e minha mente ocupados em satisfazê-los.

M: De quem são estes desejos que são satisfeitos?

P: Eles são parte do mundo em que vivo. Existem simplesmente como as árvores e as nuvens.

M: Eles não são o sinal de alguma imperfeição?

P: Por que deveriam ser? São como são, e eu sou como sou. Como poderia afetar-me o aparecimento e o desaparecimento dos desejos? Certamente, eles afetam a forma e o conteúdo da mente.

M: Muito bem. Em que trabalha?

P: Sou oficial de justiça.

M: O que isto significa?

P: Os infratores juvenis são postos em liberdade condicional, e há oficiais especiais que vigiam o comportamento deles, ajudando-os a se preparar e encontrar emprego.

M: Você deve trabalhar?

P: Quem trabalha? O trabalho acontece.

M: Você necessita trabalhar?

P: Necessito, para ganhar dinheiro. Eu gosto dele porque me põe em contato com seres vivos.

M: Para que os necessita?

P: Pode ser que eles me necessitem, e são seus destinos que me fizeram ficar com este emprego. No final das contas, é uma só vida.

M: Como chegou a seu estado atual?

P: Os ensinamentos de Sri Ramana Maharshi me colocaram no caminho. Depois encontrei Douglas Harding, que me ajudou mostrando-me como trabalhar com o 'Quem sou eu?'.

M: Foi repentino ou gradual?

P: Totalmente repentino. Como algo totalmente esquecido que volta à mente. Ou como um relâmpago instantâneo de entendimento. 'Quão simples', disse, 'Quão simples, não sou o que pensava ser! Não sou nem o percebido nem o que percebe, sou apenas o perceber'.

M: Nem sequer o perceber, mas aquele que faz possível tudo isto.

P: Que é o amor?

M: Quando o sentido de distinção e separação está ausente, pode chamá-lo amor.

P: Por que tanto estresse sobre o amor entre o homem e a mulher?

M: Porque o elemento da felicidade é muito proeminente nele.

P: Não é assim em todo amor?

M: Não necessariamente. O amor pode causar dor. Então, chame-o compaixão.

P: O que é felicidade?

M: A harmonia entre o interior e o exterior é felicidade. Por outro lado, a autoidentificação com as causas externas é sofrimento.

P: Como acontece a autoidentificação?

M: O eu, por sua própria natureza, conhece apenas a si mesmo. Por falta de experiência, o que quer que ele perceba toma-a por si mesmo. Golpeado, aprende a discernir (viveka) e a viver só (vairagya). Quando o comportamento correto (uparati) se torna normal, um poderoso impulso interno (mumukshutva) o faz buscar sua própria origem. A vela do corpo se acende e tudo se torna claro e brilhante (atmaprakash).

P: Qual é a verdadeira causa do sofrimento?

M: A autoidentificação com o limitado (vyaktitva). As sensações como tais, por muito fortes que sejam, não causam sofrimento. É a mente, confundida por ideias erradas, viciada em pensar 'Eu sou isto, Eu sou aquilo', que teme perder e anseia ganhar, e sofre quando fica frustrada.

P: Um amigo meu estava acostumado a ter, noite após noite, sonhos horríveis. Dormir o aterrorizava. Nada podia ajudá-lo.

M: A companhia dos verdadeiramente bons (satsang) o ajudaria.

P: A própria vida é um pesadelo.

M: A amizade nobre (satsang) é o remédio supremo para todas as enfermidades, físicas ou mentais.

P: Geralmente não se consegue encontrar tal amizade.

M: Busque dentro de você. Seu próprio eu é o seu melhor amigo.

P: Por que a vida é tão cheia de contradições?

M: Ela serve para romper o orgulho mental. Nós devemos compreender quão pobres e impotentes nós somos. Enquanto nos enganarmos com o que imaginamos ser, conhecer, ter, fazer, nós estaremos em uma triste situação, sem dúvida. Só na autonegação completa há uma oportunidade de descobrir nosso ser real.

P: Por que dar tanta importância à autonegação?

M: Tanto quanto dar importância à autorrealização. O eu falso deve ser abandonado antes que o eu real possa ser encontrado.

P: O ser que você escolheu chamar falso é para mim perturbadoramente real. É o único ser que conheço. O que você denomina eu real é um mero conceito, um modo de falar, uma criação da mente, um fantasma atrativo. Meu eu do dia a dia não é uma beleza, admito-o, mas é meu único e próprio eu. Você diz que sou, ou tenho, outro eu. O que você vê é real para você, ou quer que eu acredite no que você mesmo não vê?

M: Não tire conclusões precipitadas. O concreto não necessita ser o real, o que se concebe não precisa ser falso. As percepções baseadas nas sensações e as que a memória deu forma implicam um percebedor, cuja natureza você nunca se preocupou em examinar. Dedique a ele toda sua atenção, examine-o com amoroso cuidado e descobrirá as alturas e profundezas do ser as quais jamais sonhou, mergulhado que está em sua fraca imagem de você mesmo.

P: Necessito estar em condições adequadas para examinar-me com proveito.

M: Você deve ser sério, decidido, verdadeiramente interessado. Deve estar cheio de boa vontade em relação a si mesmo.

P: Sou muito egoísta.

M: Não o é. Você está todo o tempo destruindo a si mesmo e o que é seu ao servir deuses estranhos, hostis e falsos. Sem dúvida, seja egoísta do modo certo. Deseje o bem para si mesmo, trabalhe naquilo que seja bom para você. Destrua tudo o que se interponha entre você e a felicidade. Seja tudo, ame tudo, seja feliz e faça felizes os demais. Não há felicidade maior.

P: Por que há tanto sofrimento no amor?

M: Todo sofrimento nasce do desejo. O amor verdadeiro nunca é frustrado. Como poderia frustrar-se o sentido de unidade? O que pode ser frustrado é o desejo de expressão. Tal desejo é da mente. Como com todas as coisas mentais, a frustração é inevitável.

P: Qual é o lugar do sexo no amor?

M: O amor é um estado de ser. O sexo é energia. O amor é sábio; o sexo, cego. Uma vez entendida a natureza verdadeira do amor e do sexo, não haverá conflito ou confusão.

P: Há tanto sexo sem amor.

M: Sem amor tudo é nocivo. A própria vida sem amor é nociva.

P: O que pode fazer-me amar?
M: Você é o próprio amor – quando não tem medo.

29
VIVER É A ÚNICA FINALIDADE DA VIDA

Pergunta: O que significa fracassar na Ioga? Quem fracassa na Ioga (yoga bhrashta)?

Maharaj: Trata-se apenas de algo que permaneceu incompleto. Aquele que não pôde completar sua Ioga por alguma razão diz-se que fracassou na Ioga. Tal fracasso é apenas temporário, porque na Ioga não pode haver derrota. Esta batalha é ganha sempre, pois é uma batalha entre o verdadeiro e o falso. O falso não tem chance.

P: Quem fracassa? A pessoa (vyakti) ou o eu (vyakta)?

M: A pergunta está malfeita. Não é uma questão de fracasso, nem no prazo curto nem no longo. É como viajar por uma longa e difícil estrada em um país desconhecido. De todos os inumeráveis passos, apenas o último o leva a seu destino. No entanto, você não considera seus passos anteriores como fracassos. Cada um o aproximou da meta, ainda quando teve que retroceder para desviar de um obstáculo. Na realidade, todos os passos o levam a sua meta, pois estar sempre em movimento, aprendendo, descobrindo, esclarecendo, é seu destino eterno. Viver é a única finalidade da vida. O eu não se identifica com o fracasso ou com o êxito – a própria ideia de converter-se nisto ou naquilo é impensável. O eu compreende que o sucesso e o fracasso são relativos e se relacionam entre si, que são a própria trama e a urdidura da vida. Aprenda de ambos, e vá além. Se não aprendeu, repita.

P: O que devo aprender?

M: A viver sem egoísmo. Para isso, você deve conhecer seu próprio ser verdadeiro (swarupa) como indomável, destemido, sempre vitorioso. Uma vez que saiba, com certeza absoluta, que nada pode perturbá-lo exceto sua imaginação, você desconsiderará seus desejos e temores, conceitos e ideias, e viverá só pela verdade.

P: Qual pode ser a razão para que alguns tenham êxito e outros fracassem na Ioga? É o destino ou o caráter, ou simplesmente um acidente?

M: Ninguém jamais falha na Ioga. É só uma questão de grau de progresso. No princípio, é lento e, no final, rápido. Quando se está inteiramente maduro, a realização é explosiva. Ocorre espontaneamente ou à mais leve alusão. O rápido não é melhor que o lento. O amadurecer lentamente e o rápido florescer se alternam. Ambos são naturais e corretos.

Mas tudo isto é assim apenas na mente. Como eu o vejo, não há nada disto. No grande espelho da consciência, as imagens aparecem e desaparecem, e apenas a memória lhes dá continuidade. E a memória é material – destrutível, perecível, transitória. Sobre fundamentos tão débeis, nós construímos um sentido de existência pessoal que é vago, intermitente, como um sonho. Esta vaga persuasão – 'Eu sou assim e assado' – obscurece o estado imutável da consciência pura e nos faz crer que nascemos para sofrer e morrer.

P: Assim como uma criança não pode deixar de crescer, da mesma forma um homem, obrigado pela natureza, progride. Por que se esforçar? Onde está a necessidade da Ioga?

M: Todo o tempo há progresso. Tudo contribui para o progresso. Mas este é o progresso da ignorância. Os círculos da ignorância podem aumentar sempre, mas permanecem como escravidão mesmo assim. No seu devido tempo, aparece um Guru para ensinar-nos e alentar-nos a praticar a Ioga, e ocorre um amadurecimento do qual resulta a dissolução da noite imemorial da ignorância diante do sol nascente da sabedoria. Mas, na realidade, nada aconteceu. O sol sempre está ali, para ele não há noite; a mente, cega pela ideia de 'Eu sou o corpo', fia interminavelmente seu fio de ilusão.

P: Se tudo é uma parte de um processo natural, onde está a necessidade de esforço?

M: Mesmo o esforço é parte do processo. Quando a ignorância se torna obstinada e dura e o caráter se perverte, o esforço e sua dor são inevitáveis. Em completa obediência à natureza, não há esforço. A semente da vida espiritual cresce em silêncio e na obscuridade até a hora designada.

P: Encontramo-nos com pessoas que, na velhice, tornaram-se infantis, mesquinhos, briguentos e rancorosos. Como puderam deteriorar-se tanto?

M: Não foram iogues perfeitos, tendo seus corpos sob completo controle. Ou não cuidaram de proteger seus corpos do decaimento natural. Não se deve tirar conclusões sem entender todos os fatores. Sobretudo, não se deve fazer juízo de inferioridade ou superioridade. A juventude é mais uma questão de vitalidade (prana) que de sabedoria (gnana).

P: Pode-se envelhecer, mas por que perder toda a atenção e discriminação?

M: A consciência e a inconsciência, enquanto no corpo, dependem da condição do cérebro. Mas o eu está além de ambos, além do cérebro, além da mente. A falha do instrumento não se reflete no seu usuário.

P: Disseram-me que um homem realizado nunca fará nada indecoroso, que sempre se comportará de um modo exemplar.

M: Quem apresentou o exemplo? Por que um homem liberado deveria necessariamente seguir as convenções? No momento em que ele se torna previsível, não pode ser livre. Sua liberdade consiste em ser livre para realizar a necessidade do momento, para obedecer à necessidade da situação. A liberdade de fazer o que se gosta é, na realidade, escravidão, enquanto ser livre para fazer o que se deve fazer, o que é correto, é a liberdade real.

P: Ainda assim, deve haver um modo de distinguir quem está realizado e quem não está. Se um não é distinguível do outro, para que serve a realização?

M: Aquele que se conhece não tem dúvidas sobre isto. Nem se preocupa se os demais reconhecem ou não o seu estado. Raro é o homem realizado que revela sua realização, e afortunados são aqueles que o encontram, já que ele o faz para assegurar-lhes o bem-estar permanente.

P: Quando se olha ao redor, fica-se revoltado pelo volume de sofrimento desnecessário que está ocorrendo. As pessoas que devem ser ajudadas não recebem ajuda. Imagine um grande hospital com a enfermaria cheia de incuráveis, tossindo e gemendo. Se você tivesse autoridade para matá-los e acabar com a tortura, não o faria?

M: Deixaria que eles decidissem.

P: Mas se o destino deles é sofrer? Como você pode interferir no destino?

M: O destino deles é o que acontece. Não há frustração do destino. Você quer dizer que a vida de todos está determinada por completo ao nascer? Que ideia estranha! Se fosse assim, o poder que o determinasse cuidaria para que ninguém sofresse.

P: E o que me diz sobre causa e efeito?

M: Cada momento contém a totalidade do passado e cria a totalidade do futuro.

P: Mas o passado e o futuro existem?

M: Só na mente. O tempo está na mente, o espaço está na mente. A lei de causa e efeito é também um modo de pensar. Na realidade tudo está aqui e agora e é um. A multiplicidade e a diversidade existem apenas na mente.

P: No entanto, você está a favor de aliviar o sofrimento, mesmo através da destruição do corpo enfermo e incurável.

M: De novo, você olha de fora, enquanto eu olho de dentro. Eu não vejo um ser que sofre, sou eu quem sofre. Eu o conheço por dentro e faço o que é correto, espontaneamente e sem esforço. Não sigo regras nem as estabeleço. Eu fluo com a vida – fiel e irresistivelmente.

P: Mas você parece ser um homem prático com total controle de seu ambiente imediato.

M: Que outra coisa espera que seja? Um desajustado?

P: Ainda assim você não pode ajudar muito os demais.

M: Claro que posso ajudar. Você também pode. Todos podem ajudar. Mas o sofrimento é recriado a todo o momento. Só o homem pode destruir em si mesmo as raízes da dor. Os demais só podem ajudar a tratar a dor, mas não de sua causa, que é a estupidez abismal da humanidade.

P: Um dia esta estupidez terminará?

M: No homem, certamente. A qualquer momento. Na humanidade – tal como nós a conhecemos – só depois de muitos anos. Na criação – nunca, pois a própria criação está enraizada na ignorância; a própria matéria é ignorância. Não saber, e não saber que não se sabe, é a causa de sofrimento sem fim.

P: Falaram-nos dos grandes avatars, os salvadores do mundo.

M: Salvaram-no? Eles vieram e se foram – e o mundo se arrasta vagarosamente. Certamente, eles fizeram muito e abriram novas dimensões na mente humana. Mas falar de salvar o mundo é um exagero.

P: Não há salvação para o mundo?

M: Que mundo quer salvar? O mundo que você mesmo projeta? Salve-o você mesmo. Meu mundo? Mostre-me meu mundo e eu lidarei com ele. Não estou consciente de nenhum mundo separado de mim mesmo, que sou livre para salvar ou não. O que você tem a ver com salvar o mundo quando tudo o que o mundo necessita é ser salvo de você? Saia do quadro e veja se fica algo para salvar.

P: Parece que você insiste no ponto de que, sem você, seu mundo não teria existido e, portanto, a única coisa que você pode fazer por ele é encerrar o espetáculo. Esta não é uma saída. Mesmo se o mundo fosse de minha própria criação, este conhecimento não o salvaria. Só o explicaria. A questão continua: Por que criei um mundo tão miserável e o que posso fazer para mudá-lo? Você parece dizer: Esqueça-o totalmente e admire sua própria glória. Sem dúvida, você não quer dizer isto. A descrição da enfermidade e de suas causas não a cura. O que necessitamos é do remédio correto.

M: A descrição e a causalidade são o remédio para uma enfermidade causada pela obtusidade e pela estupidez. Como uma deficiência é curada administrando o fator que falta, assim as enfermidades do viver são curadas com uma boa dose de desapego inteligente (viveka-vairagya).

P: Você não pode salvar o mundo dando conselhos de perfeição. As pessoas são como são. Elas devem sofrer?

M: Enquanto forem como são, não há fuga do sofrimento. Remova o sentido de separação e não haverá conflito.

P: Uma mensagem impressa pode ser apenas papel e tinta. O que importa é o texto. Analisando o mundo em seus elementos e qualidades, perdemos o mais importante – seu significado. Reduzindo tudo a um sonho, você desconsidera a diferença entre o sonho de um inseto e o sonho de um poeta. Admito que tudo é sonho, mas nem tudo é igual.

M: Os sonhos não são iguais, mas o sonhador é um. Eu sou o inseto. Eu sou o poeta – no sonho. Mas, na realidade, não sou nem um nem o outro. Estou além de todos os sonhos. Sou a luz na qual aparecem e desaparecem todos os sonhos. Estou dentro e fora do sonho. Como um homem com dor de cabeça que conhece a dor e também sabe que ele não é a dor, assim eu conheço o sonho, eu mesmo sonhando e não sonhando – tudo ao mesmo tempo. Eu sou o que sou antes, durante e depois do sonho. Mas não sou o que vejo nos sonhos.

P: Tudo é questão de imaginação. Um imagina que está sonhando, outro imagina que não está sonhando. Eles não são o mesmo?

M: Sim e não. Não sonhar, como um intervalo entre os sonhos é, certamente, uma parte do sonhar. Não sonhar, como uma serena permanência e um morar atemporal na realidade, não tem nada a ver com sonhar. Neste sentido, nunca sonho e nunca sonharei.

P: Se sonhar e escapar do sonho são imaginações, qual a saída?

M: Não há necessidade de uma saída! Você não vê que a saída é também parte do sonho? Tudo o que você tem que fazer é ver o sonho como sonho.

P: Se começar a prática de negar tudo como se fosse um sonho, aonde isto me levaria?

M: Para onde quer que o leve, será um sonho. A própria ideia de ir além do sonho é ilusória. Por que ir a alguma parte? Simplesmente se dê conta de que está sonhando um sonho ao qual chama mundo, e pare de buscar saídas. O sonho não é seu problema. Seu problema é que você gosta de uma parte do sonho e não de outra. Ame tudo ou nada, e pare de queixar-se. Quando tiver visto o sonho como um sonho, terá feito tudo o que necessita ser feito.

P: O sonhar é causado pelo pensamento?

M: Tudo é um jogo de ideias. No estado livre de toda ideia (nirvikalpa samadhi) não se percebe nada. A ideia raiz é 'eu sou'. Ela dispersa o estado de consciência pura e é seguida por inumeráveis sensações e percepções, sentimentos e ideias que, em sua totalidade, constituem Deus e Seu Mundo. O 'eu sou' permanece como a testemunha, mas é pela vontade de Deus que tudo acontece.

P: Por que não por minha vontade?

M: De novo você se dividiu em Deus e testemunha. Ambos são um.

30
VOCÊ É LIVRE AGORA

Pergunta: Há tantas teorias sobre a natureza do homem e do universo. A teoria da criação, a teoria da ilusão, a teoria do sonho – um número incontável. Qual a verdadeira?

Maharaj: Todas são verdadeiras, todas são falsas. Pode escolher seja qual for que você gostar mais.

P: Você parece favorecer a teoria do sonho.

M: Todas são modos distintos de juntar palavras. Alguns favorecem um modo, outros favorecem outro. As teorias não são nem corretas nem erradas. São tentativas de explicar o inexplicável. Não é a teoria que importa, mas o modo em que é posta à prova. A verificação da teoria é o que a faz frutífera. Experimente qualquer teoria que gostar – se você for sincero e honesto, a conquista da realidade será sua. Como ser vivo, você está preso a uma situação insustentável e dolorosa, e está buscando uma saída. Estão lhe sendo oferecidos diversos planos de sua prisão, nenhum totalmente verdadeiro. Mas todos eles têm algum valor apenas se você for absolutamente sério. É a seriedade que liberta e não a teoria.

P: A teoria pode enganar e a seriedade, cegar.

M: Sua sinceridade o guiará. A devoção à meta da liberdade e da perfeição o fará abandonar todas as teorias e sistemas e viver em sabedoria, inteligência e amor ativo. As teorias podem ser boas como pontos de partida, mas devem ser abandonadas, quanto antes melhor.

P: Há um Iogue que diz que, para a realização, não são necessários os oito passos da Ioga; que o poder da vontade basta para consegui-la. É suficiente concentrar-se na meta, confiando inteiramente no poder da vontade pura para obter, sem esforço e rapidamente, o que outros levam décadas para conseguir.

M: A concentração, a total confiança, a pura vontade! Não é surpreendente se, com tais recursos, alguém conquista imediatamente. Esta Ioga da vontade está bem para o buscador maduro, que eliminou todos os desejos menos um. Afinal de contas, que é a vontade senão a firmeza do coração e da mente. Com uma firmeza semelhante, tudo pode ser alcançado.

P: Sinto que o Iogue não queria dizer mera firmeza de propósito, dando como resultado uma busca e aplicação incessantes. Ele queria dizer que, com a vontade fixada na meta, não são necessários nem aplicação nem busca. O mero fato de querer atrai seu objeto.

M: Qualquer nome que lhe dê: vontade, firmeza de propósito ou inteira dedicação da mente, você volta à seriedade, à sinceridade e à honestidade. Quando sua seriedade é total, você dobra todo incidente, cada segundo de sua vida dedicado a seu propósito. Você não gasta energia e

tempo em outras coisas. Está totalmente dedicado, chame-a de vontade, amor, ou simplesmente honestidade. Somos seres complexos, em guerra interna e externa. Contradizemo-nos todo o tempo, desfazendo hoje o trabalho de ontem. Estamos obstruídos, não é uma surpresa. Um pouco de integridade faria uma grande diferença.

P: O que é mais poderoso, o desejo ou o destino?

M: O desejo dá forma ao destino.

P: E o destino dá forma ao desejo. Meus desejos estão condicionados pela hereditariedade e pelas circunstâncias, pelas oportunidades e acidentes, pelo que chamamos destino.

M: Sim, você pode falar assim.

P: Até que ponto eu sou livre para desejar o que quero desejar?

M: Você é livre agora. O que é isto que quer desejar? Deseje-o.

P: Certamente sou livre para desejar, mas não sou livre para agir sobre meu desejo. Outros desejos me desencaminharão. Meu desejo não é forte o bastante, mesmo se ele tiver minha aprovação. Outros desejos, os quais eu desaprovo, são mais fortes.

M: Talvez esteja enganando a si mesmo. Talvez esteja dando expressão a seus verdadeiros desejos, e aqueles que você aprova são mantidos na superfície em nome da respeitabilidade.

P: Pode ser como você diz, mas esta é outra teoria. O fato é que não me sinto livre para desejar o que penso que deveria e, quando parece que meus desejos são corretos, não atuo de acordo com eles.

M: Tudo é devido à debilidade da mente e à desintegração do cérebro. Reordene e reforce sua mente e você verá que seus pensamentos e sentimentos, palavras e ações alinhar-se-ão na direção de sua vontade.

P: De novo um conselho de perfeição! Integrar e reforçar a mente não são tarefas fáceis. Como se começa?

M: Você só pode começar de onde está. Você está aqui e agora, não pode sair do aqui e do agora.

P: Mas o que posso fazer aqui e agora?

M: Pode ser consciente de seu ser – aqui e agora.

P: Isso é tudo?

M: Isto é tudo. Não há nada mais a fazer.

P: Durante todo o meu estado de vigília e de sonho, sou consciente de mim mesmo, e isto não me ajuda muito.

M: Você era consciente de pensamentos, sentimentos e atos. Você não estava consciente de seu ser.

P: Que novo fator você quer que eu incorpore?

M: A atitude de puro testemunhar, de observar os fatos sem tomar parte neles.

P: O que isto fará por mim?

M: A debilidade da mente é devida à falta de inteligência, de entendimento, que por sua vez é o resultado da não Consciência. Lutar pela Consciência congrega e fortalece a mente.

P: Posso ser totalmente consciente do que está acontecendo e, ainda assim, totalmente incapaz de influir de algum modo.

M: Você está equivocado. O que acontece é uma projeção de sua própria mente. Uma mente fraca não pode controlar suas próprias projeções. Seja consciente, portanto, de sua mente e suas projeções. Você não pode controlar o que não conhece. Por outro lado, o conhecimento dá poder. Na prática, é muito simples. Para controlar-se, conheça-se.

P: Posso, talvez, chegar a controlar-me, mas serei capaz de lidar com o caos no mundo?

M: Não há caos no mundo exceto o caos que sua mente cria. É um caos autocriado no sentido de que em seu próprio centro está a ideia falsa de si mesmo como uma coisa separada e diferente das outras coisas. Na realidade, você não é uma coisa nem separado. Você é a potencialidade infinita, a possibilidade inesgotável. Porque você é, tudo pode ser. O universo é apenas uma manifestação parcial de sua capacidade ilimitada de vir a ser.

P: Descubro que estou totalmente motivado pelo desejo do prazer e pelo medo da dor. Por mais nobre que seja o meu desejo, e justificado o meu medo, o prazer e a dor são os dois polos entre os quais oscila minha vida.

M: Vá à origem de ambos, do prazer e da dor, do desejo e do temor. Observe, investigue, tente entender.

P: O desejo e o medo são sentimentos causados por fatores mentais e físicos. Estão presentes e são facilmente observáveis. Mas por que existem? Por que desejo prazer e temo a dor?

M: O prazer e a dor são estados mentais. Enquanto pensar que você é a mente, ou melhor, o corpo-mente, estará obrigado a se fazer tais perguntas.

P: E quando entender que não sou o corpo, libertar-me-ei do desejo e do temor?

M: Enquanto houver um corpo e uma mente para proteger o corpo, operarão as atrações e as repulsões. Elas existirão na área dos eventos, mas não o preocuparão. O foco de sua atenção estará em outro lugar. Você não será distraído.

P: Elas ainda estarão ali. Nunca se será completamente livre?

M: Você é completamente livre mesmo agora. O que você chama de destino (karma) é apenas o resultado de sua própria vontade de viver. Quão forte é esta vontade você pode julgar pelo horror universal à morte.

P: Muitas vezes as pessoas morrem voluntariamente.

M: Só quando a alternativa é pior que a morte. Mas tal disposição para morrer flui da mesma origem que a vontade de viver; uma origem mais profunda ainda que a própria vida. Ser um ser vivo não é o estado final; há algo além, muito mais maravilhoso, que não é ser nem não ser, viver nem não viver. É um estado de Consciência pura, além das limitações do espaço e do tempo. Uma vez abandonada a ilusão de que se é um corpo-mente, a morte já não aterroriza, torna-se uma parte do viver.

31
NÃO SUBESTIME A ATENÇÃO

Pergunta: Como eu o vejo, você parece ser um homem pobre, com meios muito limitados, enfrentando todos os problemas da pobreza e da velhice, como os demais homens.

Maharaj: Se eu fosse rico, que diferença isto faria? Eu sou o que eu sou. De que outra maneira poderia ser? Não sou rico nem pobre, sou eu mesmo.

P: Ainda assim, você também experiencia prazer e dor.

M: Experiencio-os na consciência, mas não sou nem a consciência nem seu conteúdo.

P: Você diz que, em nosso ser real, somos todos iguais. Como é que sua experiência é tão diferente da nossa?

M: Minha experiência real não é diferente. O que difere é minha atitude e minha avaliação. Eu vejo o mesmo mundo que você vê, mas não do mesmo modo. Não há nada de misterioso nele. Todos veem o mundo através da ideia que têm de si mesmos. Da mesma maneira que você pensa a si mesmo, assim você pensa que o mundo é. Se você se imagina como separado do mundo, o mundo parecerá separado de você, e você experimentará desejo e medo. Eu não vejo o mundo como separado de mim, e assim não há nada para eu desejar ou temer.

P: Você é um ponto de luz no mundo. Nem todo mundo o é.

M: Não há absolutamente nenhuma diferença entre mim e os demais, exceto em que eu me conheço como eu sou. Eu sou tudo. Sei disto com toda a certeza e você não.

P: Portanto dá no mesmo se diferimos ou não.

M: Não, não fazemos assim. A diferença está apenas na mente e é temporária. Eu era como você, você será como eu.

P: Deus fez um mundo muito diversificado.

M: A diversidade só existe em você. Veja-se como é e verá o mundo como ele é – um só bloco de realidade, indivisível, indescritível. Seu próprio poder criativo projeta sobre ele uma imagem e todas suas perguntas se referem a essa imagem.

P: Um logue tibetano escreveu que Deus cria o mundo com um propósito e o governa de acordo com um plano. O propósito é bom e o plano, muito sábio.

M: Tudo isto é temporário; eu estou tratando com o eterno. Os deuses e seus universos vêm e vão, os avatars se sucedem uns aos outros sem cessar e, no final, regressamos à origem. Eu falo apenas da origem atemporal de todos os deuses com todos os seus universos, passados, presentes e futuros.

P: Você os conhece todos? Lembra deles?

M: Quando algumas poucas crianças montam uma brincadeira para divertir-se, o que há aí para ver e recordar?

P: Por que a metade da humanidade é masculina e a outra feminina?

M: Para a felicidade de todos. O impessoal (avyakta) se converte no pessoal (vyakta) para que haja felicidade na relação. Pela graça de meu Guru, posso ver, com o mesmo olho, tanto o impessoal quanto o pessoal. Ambos são um para mim. Na vida, o pessoal se funde ao impessoal.

P: Como o pessoal emerge do impessoal?

M: Os dois são apenas aspectos da única realidade. Não é correto dizer que um precede o outro. Todas estas ideias pertencem ao estado de vigília.

P: O que traz o estado de vigília?

M: Na raiz de toda a criação repousa o desejo. O desejo e a imaginação promovem e reforçam um ao outro. O quarto estado (turiya) é um estado de puro testemunhar, de consciência desapegada, sem paixão e sem palavras. É como o espaço que não é afetado pelo que quer que ele contenha. Os problemas corporais e mentais não o alcançam – eles estão fora, 'lá', enquanto a testemunha está sempre 'aqui'.

P: Que é o real, o subjetivo ou o objetivo? Estou inclinado a crer que o universo objetivo é o real e que minha psique subjetiva é mutável e transitória. Você parece reivindicar a realidade de seus estados internos subjetivos e negar toda realidade ao mundo externo, concreto.

M: Ambos, o objetivo e o subjetivo são mutáveis e transitórios. Não há nada real neles. Encontre o permanente no efêmero, o único fator constante em toda experiência.

P: Qual é este fator constante?

M: Que eu lhe dê vários nomes e designe de diversos modos não o ajudará muito, a menos que você tenha a capacidade de ver. Um homem de pouca visão não verá o papagaio no ramo de uma árvore por muito que o incite a olhar. No melhor dos casos verá o seu dedo apontando. Antes de tudo, purifique sua própria visão, aprenda a ver em vez de encarar, e você perceberá o papagaio. Também, você deve estar ávido para ver. Você necessita tanto claridade quanto seriedade para chegar ao autoconhecimento. Você necessita maturidade de coração e de mente, a qual vem através da séria aplicação na vida diária do pouco que você entendeu. Na Ioga não há compromissos.

Se quiser pecar, peque de todo o coração e abertamente. Os pecados também têm suas lições a ensinar ao pecador sincero, como as virtudes – ao santo sincero. É a mescla dos dois que resulta tão desastrosa. Nada pode bloquear-lhe tão eficazmente como o compromisso, pois lhe falta sinceridade, sem a qual nada pode ser feito.

P: Aprovo a austeridade, mas, na prática, gosto decididamente da vida luxuosa. O hábito de perseguir o prazer e de fugir da dor está tão enraizado em mim que todas minhas boas intenções – bastante vivas no nível teórico – não encontram raízes em minha vida diária. Dizer-me

que não sou honesto não me ajuda, porque simplesmente não sei como me tornar honesto.

M: Você não é honesto nem desonesto – dar nome a estados mentais só serve para expressar sua aprovação ou desaprovação. O problema não é seu – é apenas de sua mente. Comece por dissociar-se de sua mente. Recorde-se resolutamente que você não é a mente, e que seus problemas não são seus.

P: Posso dizer a mim mesmo: 'Não sou a mente, não me interessam seus problemas', mas a mente continua existindo e seus problemas seguem sendo os mesmos. Não me diga agora, por favor, que é porque não sou suficientemente sério e que deveria ser mais honesto! Já o sei e admito, e apenas lhe pergunto – como isto é feito?

M: Pelo menos pergunta! É suficiente para começar. Continue refletindo, perguntando-se, desejando encontrar um caminho. Seja consciente de si mesmo, observe sua mente, dê a ela toda sua atenção. Não busque resultados rápidos; pode ser que não note nenhum. Sem que você o saiba, sua psique empreenderá uma mudança, haverá mais claridade em seu pensamento, caridade em seu sentimento, pureza em sua conduta. Você não tem que tratar de consegui-las, ainda assim você testemunhará a mudança. Pois o que você é agora é o resultado da falta de atenção, e o que virá a ser será fruto da atenção.

P: Por que a mera atenção faz toda a diferença?

M: Até agora sua vida foi obscura e inquieta (tamas e rajas). A atenção, o estado de alerta, a Consciência, a claridade, a viveza, a vitalidade, todas são manifestações de integridade, de unidade com sua verdadeira natureza (sattva). A natureza de sattva é reconciliar e neutralizar rajas e tamas, e reconstruir a personalidade de acordo com a verdadeira natureza do eu. Sattva é o servente fiel do eu, sempre atento e obediente.

P: E deverei chegar a isto através da mera atenção?

M: Não subestime a atenção. Ela significa interesse e também amor. Para conhecer, fazer, descobrir, ou criar, você deve dar o seu coração a ela – o que significa atenção. Todas as bênçãos fluem dela.

P: Você nos aconselha a concentrar-nos no 'eu sou'. Isto também é uma forma de atenção?

M: O que seria, se não isto? Dê toda sua atenção ao mais importante de sua vida – você mesmo. De seu universo pessoal, você é o centro; sem conhecer o centro, o que poderia conhecer?

P: Mas como conhecer a mim mesmo? Para conhecer-me, tenho que estar distante de mim mesmo. Mas o que está distante de mim mesmo não pode ser eu. De modo que parece que não posso conhecer-me, só o que tomo por mim mesmo.

M: Correto. Assim como não pode ver o seu rosto senão apenas como um reflexo no espelho, do mesmo modo só poderá conhecer sua imagem refletida no espelho imaculado da pura Consciência.

P: Como posso obter esse espelho imaculado?

M: Obviamente, retirando as manchas. Veja as manchas e remova-as. O ensinamento antigo é totalmente válido.

P: Que é visão e o que é remoção?

M: A natureza do espelho perfeito é tal que você não pode vê-lo. Qualquer coisa que veja será necessariamente uma mancha. Afaste-se dela, abandone-a, veja-a como algo que não quer.

P: Tudo o que se percebe são manchas?

M: Tudo são manchas.

P: O mundo inteiro é uma mancha.

M: Sim, é.

P: Que horror! De modo que o universo não tem valor?

M: Tem um valor tremendo. Por ir além do universo, você percebe seu próprio ser.

P: Mas por que ele surgiu em primeira instância?

M: Você saberá quando terminar.

P: Isto irá acabar?

M: Para você, sim.

P: Quando começou?

M: Agora.

P: Quando terminará?

M: Agora.

P: Agora não termina?

M: Você não deixa que termine.

P: Quero que termine.

M: Não, não quer. Toda sua vida está conectada com o universo. O passado e o futuro, seus desejos e seus temores, todos têm suas raízes no mundo. Sem o mundo onde você está, quem é você?

P: Mas isso é exatamente o que acabo de descobrir.

M: E eu estou lhe dizendo exatamente isto: encontre um ponto de apoio além e tudo será fácil e claro.

32
A VIDA É O GURU SUPREMO

Pergunta: Nós dois viemos de países distantes; um de nós é inglês e o outro, americano. O mundo em que nascemos está caindo aos pedaços e, como somos jovens, isto nos importa. Os velhos esperam que morrerão a própria morte, mas os jovens não têm tal esperança. Alguns de nós podemos recusar a matar, mas ninguém pode recusar-se a ser morto. Nós podemos esperar pôr o mundo em ordem em nosso tempo de vida?

Maharaj: O que o faz pensar que o mundo vai perecer?

P: Os instrumentos de destruição tornaram-se incrivelmente poderosos. Também nossa própria produtividade está destruindo a natureza e nossos valores culturais e sociais.

M: Você está falando do tempo presente. Tem sido assim em todas as partes e sempre? A situação desesperadora pode ser temporária e local. Uma vez terminada, será esquecida.

P: A escala da catástrofe iminente é incrivelmente grande. Vivemos em meio de uma explosão.

M: Todo homem sofre só e morre só. Os números são irrelevantes. Há tanta morte quando morre um milhão quanto quando morre um.

P: A natureza mata aos milhões, mas isso não me assusta. Pode existir tragédia ou mistério nisso, mas não crueldade. O que me horroriza é o sofrimento fabricado pelo homem, a destruição e a desolação. A natureza é magnífica em suas ações e destruições. Mas, nos atos do homem, há mesquinharia e loucura.

M: Correto. De modo que o sofrimento e a morte não são seu problema, mas a mesquinharia e a loucura em que estão enraizados. Não seria a mesquinhez também uma forma de loucura? E não seria a loucura o mau uso da mente? O problema da humanidade não é outro senão o mau uso da mente. Todos os tesouros da natureza e do espírito estão abertos para o homem que deseja usar sua mente de forma correta.

P: Qual é o uso correto da mente?

M: O medo e a ganância causam o mau uso da mente. O uso correto da mente está no serviço ao amor, à vida, à verdade, à beleza.

P: É mais fácil dizer que fazer isso. O amor à verdade, ao homem, à boa vontade – quanto luxo! Necessitamos muitíssimo de tudo isto para acertar o mundo, mas quem os vai proporcionar?

M: Você pode passar uma eternidade buscando em outro lugar a verdade e o amor, a inteligência e a boa vontade, implorando a Deus e ao homem – tudo em vão. Tem que começar em você mesmo, com você mesmo – esta é a lei inexorável. Você não pode mudar a imagem sem mudar a face. Primeiro perceba que seu mundo é apenas um reflexo de você mesmo, e pare de encontrar faltas no reflexo. Ponha a atenção em você. Corrija-se mental e emocionalmente. O físico seguirá de modo automático. Você fala tanto de reformas econômicas, sociais e políticas. Deixe as reformas e se ocupe do reformador. Que tipo de mundo pode criar um homem que é estúpido, ambicioso, sem coração?

P: Se tivermos que esperar uma mudança no coração, nós teremos que esperar indefinidamente. Seu conselho de perfeição também é um conselho de desesperança. Quando todos forem perfeitos, o mundo será perfeito. Que truísmo inútil!

M: Não disse isto. Eu apenas disse: Você não pode mudar o mundo antes de mudar a si mesmo. Não disse 'antes de mudar todo mundo'. Não é necessário, nem possível, mudar os outros. Mas se você pode mudar a si próprio verá que nenhuma outra mudança será necessária. Para mudar de imagem, você simplesmente substitui o filme, você não ataca a tela do cinema!

P: Como pode estar tão seguro de si mesmo? Como sabe que o que diz é verdadeiro?

M: Não é de mim que estou seguro, estou seguro de você. Tudo o que necessita é deixar de buscar fora o que só pode encontrar dentro. Corrija sua visão antes de atuar. Você está sofrendo um agudo equívoco. Clarifique sua mente, purifique seu coração, santifique sua vida – este é o modo mais rápido de mudar seu mundo.

P: Tantos santos e místicos viveram e morreram, e não mudaram meu mundo.

M: Como o poderiam fazer? O seu mundo não é o deles, nem o deles é o seu.

P: Com toda a segurança, há um mundo de fatos comum a todos.

M: O mundo das coisas, da energia e da matéria? Mesmo se houvesse tal mundo comum de coisas e forças, não é o mundo em que vivemos. O nosso é um mundo de sentimentos e ideias, de atrações e repulsões, de escalas de valores, de motivos e incentivos; totalmente um mundo mental. Biologicamente, nós necessitamos muito pouco; nossos problemas são de uma ordem bem diferente. Os problemas criados pelos desejos, pelo medo e pelas ideias erradas só podem ser resolvidos no nível da mente. Você deve conquistar sua própria mente e, para isso, deve ir além dela.

P: Que quer dizer ir além da mente?

M: Você foi além do corpo, não foi? Você não acompanha de perto sua digestão, sua circulação ou sua eliminação. Tornaram-se automáticos. Do mesmo modo, a mente deve trabalhar automaticamente, sem exigir atenção. Isto não acontecerá a menos que a mente funcione sem falhas. A maior parte do tempo, nós somos conscientes do corpo e da mente porque constantemente demandam atenção. A dor e o sofrimento são apenas os gritos do corpo e da mente que pedem atenção. Para ir além do corpo, deve-se ser sadio; para ir além da mente, deve-se tê-la em perfeita ordem. Não pode deixar problemas atrás de você e ir além. Estes problemas o impedirão de ir adiante. 'Recolha seu lixo' parece ser a lei universal. E é também uma lei justa.

P: Permita-me que lhe pergunte como você foi além da mente?

M: Pela graça de meu Guru.

P: Que forma tomou sua graça?

M: Ele me disse o que é verdadeiro.

P: O que ele falou a você?

M: Disse-me que eu sou a Realidade Suprema.

P: E o que você fez?

M: Acreditei nele e recordei-me disto.

P: Isso foi tudo?

M: Sim, eu me lembrava dele, recordava o que ele havia me dito.

P: Você quer dizer que isto foi suficiente?

M: O que mais necessita ser feito? Já era o bastante recordar o Guru e suas palavras. Meu conselho para você é ainda menos difícil que isto – simplesmente lembre de você mesmo. 'Eu sou' é suficiente para curar sua mente e levá-lo além. Só tenha um pouco de confiança. Eu não o en-

ganarei. Por que o faria? Quero algo de você? Desejo-lhe o melhor, tal é minha natureza. Por que teria que enganá-lo?

O sentido comum dirá também que, para realizar um desejo, você deve pôr a mente nele. Se você quiser conhecer sua verdadeira natureza, deverá recordar a si mesmo todo o tempo, até que o segredo de seu ser lhe seja revelado.

P: Por que a lembrança de si mesmo leva à autorrealização?

M: Porque são dois aspectos do mesmo estado. A recordação de si mesmo está na mente; a autorrealização, além dela. A imagem no espelho é a da face além do espelho.

P: Muito bem. Mas qual o propósito?

M: Para ajudar outros, deve-se estar além da necessidade de ajuda.

P: Tudo o que quero é ser feliz.

M: Seja feliz para fazer feliz.

P: Deixe que os demais se ocupem deles mesmos.

M: Senhor, você não está separado. A felicidade que não pode ser compartilhada é falsa. Só o que se pode compartilhar é em verdade desejável.

P: Correto, mas necessito de um Guru? O que você me diz é simples e convincente. Devo lembrar disto. Isto não faz de você o meu Guru.

M: O crucial não é honrar uma pessoa, mas a estabilidade e a profundidade de sua devoção à tarefa. A própria vida é o Guru Supremo; esteja atento às suas lições e obedeça às suas ordens. Quando você personaliza a fonte destas lições e ordens, você tem um Guru externo; quando as toma diretamente da vida, o Guru é interior. Recorde, pergunte-se, reflita, viva com ela, ame-a, cresça com ela, faça-a própria – a palavra de seu Guru, externo ou interno. Ponha tudo nisto e obterá tudo. Eu o fiz. Todo meu tempo foi dado a meu Guru e ao que ele me falou.

P: Sou escritor de profissão. Pode dar-me algum conselho – especificamente?

M: Escrever é um talento e uma habilidade. Cresça em talento e desenvolva a habilidade. Deseje o que vale a pena desejar e deseje-o bem. Como abrir caminho na multidão, passando entre as pessoas, encontre da mesma forma seu caminho entre os eventos, sem perder sua direção geral. Será fácil, se você for sério.

P: Muitas vezes você mencionou a necessidade de ser sério. Mas não somos homens de uma única vontade. Somos uma acumulação de dese-

jos e de necessidades, instintos e impulsos. Eles rastejam uns sobre os outros, ora um dominando, ora outro, mas nunca por muito tempo.

M: Não há necessidades, só desejos.

P: Comer, beber, abrigar o corpo, viver?

M: O desejo de viver é o desejo fundamental. Tudo o demais depende dele.

P: Vivemos porque devemos.

M: Vivemos porque ansiamos pela existência sensorial.

P: Uma coisa tão universal não pode ser um erro.

M: Certamente, não é um erro. Em seu lugar e tempo próprios, nada está errado. Mas, quando você está interessado na verdade, na realidade, você deve questionar todas as coisas, mesmo sua própria vida. Ao afirmar a necessidade de experiência sensorial e intelectual, você limita sua investigação à busca de conforto.

P: Eu busco felicidade, não conforto.

M: Além do conforto do corpo e da mente, que felicidade conhece?

P: Há alguma outra?

M: Descubra por você mesmo. Questione todas as compulsões, não mantenha nenhum desejo como legítimo. Vazio de posses físicas e mentais, livre de toda preocupação, esteja aberto ao descobrimento.

P: É uma parte da tradição espiritual indiana que o mero viver na proximidade de um santo ou sábio conduz à liberação e que não são necessários outros meios. Por que não organiza um Ashram para que pessoas possam viver próximas a você?

M: No momento em que fundo uma instituição, converto-me em seu prisioneiro. De fato, eu estou disponível para todos. Teto e comida em comum não darão uma melhor acolhida às pessoas. 'Viver próximo' não significa respirar o mesmo ar. Significa confiar e obedecer, não deixar que se percam as boas intenções do mestre. Tenha sempre seu Guru no coração e recorde suas instruções – isso é a permanência real na verdade. A proximidade física é menos importante. Faça de toda sua vida uma expressão de sua fé e amor pelo seu mestre – isto é morar realmente com o Guru.

33
TUDO ACONTECE POR SI MESMO

Pergunta: Um gnani morre?

Maharaj: O gnani está além da vida e da morte. O que tomamos por inevitável – nascer e morrer – mostra-se a ele como apenas um modo de expressar movimento no imóvel, mudança no que não muda, fim no interminável. Para o gnani, é óbvio que nada nasce e nada morre, que nada dura e nada muda, tudo é como é – atemporalmente.

P: Você diz que o gnani está além. Além do quê? Além do conhecimento?

M: O conhecimento tem seu amanhecer e seu ocaso. A consciência nasce e sai do ser. É uma questão de observação e ocorrência diárias. Todos nós sabemos que algumas vezes somos conscientes e em outras, não. Quando não estamos conscientes, ela aparece para nós como uma escuridão ou um vazio. Mas um gnani é ciente de si mesmo não como consciente ou inconsciente, mas puramente como Consciência, uma testemunha dos três estados da mente e de seus conteúdos.

P: Quando começa este testemunhar?

M: Para um gnani, nada tem princípio nem fim. Do mesmo modo que o sal se dissolve na água, igualmente tudo se dissolve no ser puro. A sabedoria está eternamente negando o irreal. Ver o irreal é sabedoria. Além disto, repousa o inefável.

P: Existe em mim a convicção de que 'Eu sou o corpo'. Concordo que falo a partir da ignorância. Mas o estado de sentir-se o corpo, o corpo-mente, a mente-corpo, ou mesmo a mente pura – quando começou?

M: Você não pode falar de um começo da consciência. As próprias ideias de começo e de tempo estão dentro da consciência. Para falar significativamente do começo de algo, você deve sair dele. E, no momento que sair, compreenderá que ele não existe e que nunca existiu. Só há a realidade, na qual nenhuma 'coisa' tem ser próprio. Assim como as ondas são inseparáveis do oceano, da mesma forma toda a existência está enraizada no ser.

P: O fato é que aqui e agora estou lhe perguntando: Quando apareceu o sentimento de 'Eu sou o corpo?' Ao nascer? Ou esta manhã?

M: Agora.

P: Mas recordo também de tê-lo ontem!

M: A memória de ontem só existe agora.

P: Mas, sem nenhuma dúvida, eu existo no tempo. Tenho um passado e um futuro.

M: Assim é como você imagina – agora.

P: Deve ter existido um princípio.

M: Agora.

P: E o final?

M: O que não tem princípio não pode terminar.

P: Mas eu sou consciente de minha pergunta.

M: Uma pergunta falsa não pode ser respondida. Apenas pode ser vista como falsa.

P: Para mim é real.

M: Quando pareceu real a você? Agora.

P: Sim, e bastante real para mim – agora.

M: Que há de real em sua pergunta? Ela é um estado mental. Nenhum estado mental pode ser mais real que a própria mente. A mente é real? Ela é apenas uma série de estados, todos eles transitórios. Como se pode considerar real uma sucessão de estados transitórios?

P: Como as contas de um colar, os eventos seguem os eventos – para sempre.

M: Todos eles estão inseridos na ideia básica: 'Eu sou o corpo'. Mas mesmo isto é um estado mental e não dura. Vem e vai como todos os demais estados. A ilusão de ser o corpo-mente existe apenas porque não é investigada. A não investigação é o fio no qual estão inseridos todos os estados mentais. É como a obscuridade em uma habitação fechada. Ela existe – aparentemente. Mas, quando a habitação é aberta, para onde vai a obscuridade? Não vai a nenhuma parte porque não estava ali. Todos os estados mentais, todos os nomes e formas de existência, têm suas raízes na não inquirição, na não investigação, na imaginação e na credulidade. É correto dizer 'eu sou', mas dizer 'Eu sou isto' ou 'Eu sou aquilo' é um sintoma de falta de investigação, de falta de exame, de fraqueza mental ou letargia.

P: Se tudo é luz, como surgiu a escuridão? Como pode haver escuridão em meio à luz?

M: Não há escuridão em meio à luz. O esquecimento de si mesmo é a escuridão. Quando estamos absorvidos em outras coisas, no não eu, esquecemos o eu. Não há nisto nada não natural. Mas por que esquecer o eu através de um excesso de apego? A sabedoria consiste em não esquecer nunca o eu como a fonte sempre presente do experimentador e de sua experiência.

P: Em meu estado natural, a ideia 'Eu sou o corpo' vem espontaneamente, enquanto a ideia 'Eu sou ser puro' deve ser imposta à mente como algo verdadeiro, mas não experienciado.

M: Sim, sadhana (prática) consiste em lembrar-se forçosamente do puro ser que se é, que não se é algo em particular, nem uma soma de particularidades, nem mesmo a totalidade de todas as particularidades que constituem o universo. Tudo existe na mente, mesmo o corpo é a combinação na mente de um vasto número de percepções sensoriais, e cada percepção é também um estado mental. Se disser 'Eu sou o corpo', mostre-o.

P: Aqui está.

M: Apenas quando você pensa nele. O corpo e a mente são estados intermitentes. A soma total destes instantes cria a ilusão de existência. Investigue o que é permanente no transitório, real no irreal. Isto é sadhana.

P: O fato é que estou pensando em mim mesmo como o corpo.

M: De todas as maneiras, pense em você mesmo. Mas não introduza a ideia de um corpo na imagem. Só há uma corrente de sensações, percepções, recordações e ideias. O corpo é uma abstração criada por nossa tendência a buscar a unidade na diversidade – a qual novamente não está incorreta.

P: Disseram-me que pensar 'Eu sou o corpo' é um defeito da mente.

M: Por que falar isso? Tais expressões criam problemas. O eu é a fonte de tudo, e de tudo – o destino final. Não há nada externo.

P: Quando a ideia do corpo se torna obsessiva, não há algo totalmente errado?

M: Não existe nada errado na ideia de um corpo, nem mesmo na ideia 'Eu sou um corpo'. Mas limitar-se a um só corpo é um erro. Na realidade, toda existência, toda forma é minha própria e está dentro de minha consciência. Não posso dizer o que sou porque as palavras descrevem apenas o que não sou. Eu sou, e porque eu sou, tudo é. Mas eu es-

tou além da consciência e, portanto, na consciência, não posso dizer o que eu sou. Ainda assim, eu sou. A pergunta 'Quem sou eu?' não tem resposta. Nenhuma experiência pode respondê-la, pois o eu está além de toda experiência.

P: Ainda assim, a pergunta 'Quem sou eu?' deve ser de alguma utilidade?

M: Ela não tem nenhuma resposta na consciência e, portanto, ajuda a ir além da consciência.

P: Aqui estou – no momento presente. Que há de real nisto e o que não é? Por favor, não me diga que minha pergunta está errada. Questionar minhas perguntas não me leva a nenhuma parte.

M: Sua pergunta não está errada. É desnecessária. Você disse: 'Aqui e agora eu sou'. Pare aí, isto é real. Não converta um fato em uma pergunta. Aí está seu erro. Você não é nem o conhecer nem o não conhecer, nem a mente, nem a matéria; não tente descrever-se em termos de mente e matéria.

P: Agora mesmo chegou um rapaz com um problema. Você disse a ele umas palavras e o jovem se foi. Você o ajudou?

M: Certamente.

P: Como pode estar tão seguro?

M: Ajudar é minha natureza.

P: Como chegou a sabê-lo?

M: Não necessito sabê-lo. Opera por si mesmo.

P: Não obstante, você fez uma declaração. Em que se baseia?

M: No que as pessoas me dizem. Mas é você que pede provas. Não necessito delas. Reparar as coisas é minha natureza, a qual é satyam, shivam,sundaram (o verdadeiro, o bom, o belo).

P: Quando a pessoa vem a você buscando conselho e você o dá, de onde vem o conselho e mediante que poder ajuda?

M: Seu próprio ser atua sobre sua mente e induz uma resposta.

P: E qual é seu papel?

M: Em mim, o homem e seu ser vêm juntos.

P: Por que o eu não ajuda o homem sem você?

M: Mas eu sou o eu! Você me imagina separado, daí sua pergunta. Não existe 'meu eu' e 'seu ser'. Existe o Eu, o Eu único de todos. Confundido pela diversidade dos nomes e das formas, das mentes e dos corpos, você imagina múltiplos eus. Nós dois somos o eu, mas parece que

você não está convencido. Esta conversa sobre o eu pessoal e o eu universal é a etapa do aprendiz; vá além, não permaneça encalhado na dualidade.

P: Voltando ao homem que necessita de ajuda. Ele vem a você.

M: Se ele vier, ele está certo que receberá ajuda. Porque estava destinado a receber ajuda, veio. Não há nada fantástico nisto. Eu não posso ajudar alguns e rechaçar outros. Todos os que vêm são ajudados, pois tal é a lei. Apenas a forma de ajuda varia segundo a necessidade.

P: Por que ele deve vir aqui para receber conselho? Não pode recebê-lo de dentro?

M: Ele não escutaria. Sua mente está voltada para fora. Mas, de fato, toda experiência está na mente, e mesmo vir a mim e receber ajuda está tudo dentro dele mesmo. Em vez de buscar uma resposta no interior dele mesmo, imagina uma resposta fora. Para mim não há um eu, nem homem, nem dar. Tudo isto é uma mera agitação na mente. Eu sou paz e silêncio infinitos nos quais nada aparece, pois tudo o que aparece – desaparece. Ninguém vem pela ajuda, ninguém oferece ajuda, ninguém obtém ajuda. Tudo isto é quase uma exibição na consciência.

P: Ainda assim, o poder de ajudar existe e há alguém ou algo que revela este poder, chame-o Deus, ou Eu, ou a Mente Universal. O nome não importa, mas o fato sim.

M: Esta é a posição que o corpo-mente toma. A mente pura vê as coisas como são – bolhas na consciência. Estas bolhas aparecem, desaparecem e reaparecem – sem ter um ser real. Não se pode atribuir a elas nenhuma causa particular, já que cada uma é causada por todas e afeta a todas. Cada bolha é um corpo e todos estes corpos são meus.

P: Quer você dizer que tem o poder de fazer tudo corretamente?

M: Não há poder separado de mim. É inerente à minha própria natureza. Chame-o criatividade. De um pedaço de ouro se pode fazer muitas joias – todas continuarão sendo ouro. De modo similar, em qualquer papel que eu possa aparecer, e em qualquer função que eu possa realizar – sigo sendo o que sou: o 'eu sou' imóvel, inabalável e independente. O que você chama o universo, a natureza, é minha criatividade espontânea. O que quer que aconteça – acontece. Mas minha natureza é tal que tudo termina em alegria.

P: Tenho o caso de um menino que ficou cego porque a mãe estúpida lhe deu metanol. Eu estou pedindo a você que o ajude. Você está cheio

de compaixão e, obviamente, está desejando ajudar. Mediante que poder pode você ajudá-lo?

M: O caso está registrado na consciência. Está ali – indelevelmente. A consciência operará.

P: Faz alguma diferença que eu peça a sua ajuda?

M: O seu pedido é parte da cegueira do menino; porque ele está cego, você pede. Você não acrescentou nada.

P: Mas sua ajuda será um novo fator?

M: Não, tudo está contido na cegueira do menino. Tudo está nela: a mãe, o menino, você e eu, e tudo mais. É um evento.

P: Quer dizer que mesmo nossa discussão do caso estava predestinada?

M: Como, se não? Todas as coisas contêm seu futuro. O menino aparece na consciência. Eu estou além. Eu não dou ordens à consciência. Sei que acertar as coisas está na natureza da Consciência. Deixe que a consciência cuide de suas criações! A dor do menino, sua piedade, meu escutar e a atividade da consciência – tudo isto é um só fato – não o divida em compartimentos, fazendo perguntas a seguir.

P: De que modo estranho funciona sua mente!

M: Você é estranho, não eu. Eu sou normal. Eu sou sadio. Vejo as coisas como são e, portanto, não tenho medo delas. Mas você tem medo da realidade.

P: Por que deveria ter medo?

M: É a ignorância de si mesmo a que lhe dá medo e que o impede de perceber que tem medo. Não tente não ter medo. Primeiramente, quebre a parede da ignorância.

As pessoas têm medo de morrer porque não sabem o que é a morte. O gnani morreu antes de sua morte, e viu que não havia nada a temer. No momento em que você conhece seu ser verdadeiro, você não tem mais medo de nada. A morte dá poder e liberdade. Para ser livre no mundo, você deve morrer para o mundo. Então o universo é seu, converte-se em seu próprio corpo, uma expressão e uma ferramenta. A felicidade de ser absolutamente livre está além de toda descrição. Por outro lado, aquele que tem medo da liberdade não pode morrer.

P: Quer dizer que aquele que não pode morrer não pode viver?

M: Expresse-o como quiser; apego é escravidão, desapego é liberdade. Ansiar é escravizar-se.

P: Mas podemos supor que se você estiver salvo, o mundo estará salvo?

M: Como uma totalidade, o mundo não necessita salvação. O homem comete erros e cria aflição; quando entra no campo da Consciência, a consciência do gnani, tudo se acerta. Tal é sua natureza.

P: Podemos observar o que poderíamos chamar progresso espiritual. Um homem egoísta se torna religioso, domina-se a si mesmo, refina seus pensamentos e sentimentos, dedica-se a práticas espirituais, realiza seu verdadeiro ser. Esse progresso é regido pela causalidade ou é acidental?

M: Do meu ponto de vista tudo acontece por si mesmo, muito espontaneamente. Mas o homem imagina que trabalha por um incentivo, para uma meta. Sempre pensa em um prêmio e luta por ele.

P: Um homem rude, não evoluído, não trabalhará sem uma recompensa. Não seria correto oferecer-lhe incentivos?

M: Ele criará incentivos para si mesmo de qualquer modo. Ele não sabe que a natureza da consciência é crescer. Progredirá de motivo em motivo e perseguirá Gurus para satisfazer seus desejos. Quando, pelas leis de seu ser, ele encontra o caminho de retorno (nivritti), então abandonará todos os motivos, pois seu interesse pelo mundo terminou. Ele não quer nada – nem dos demais nem de si mesmo. Morre para tudo e se converte no Todo. Não querer nada e não fazer nada – essa é a verdadeira criação! Observar o universo surgindo e desaparecendo no próprio coração é uma maravilha.

P: O grande obstáculo para o esforço interno é o tédio. O discípulo fica enfadado.

M: A preguiça e a inquietude (tamas e rajas) funcionam juntas e reduzem a claridade e a harmonia (sattva). Tamas e Rajas devem ser conquistados antes que Sattva possa aparecer. Tudo virá em seu devido tempo, espontaneamente.

P: Então não há necessidade de esforço?

M: Quando o esforço for necessário, ele aparecerá. Quando a ausência de esforço se faz essencial, ela mesma se imporá. Você não necessita empurrar a vida. Simplesmente flua com ela e se entregue completamente à tarefa do momento presente, que é morrer agora para o agora. Pois viver é morrer. Sem morte não pode existir vida.

Inteire-se da coisa principal, que o mundo e o eu são um e perfeitos. Apenas a sua atitude tem falhas e necessita de reajuste.

Este processo ou reajuste é o que você chama sadhana. Chega-se a ele acabando com a indolência e utilizando toda a sua energia para dar lugar à claridade e à caridade. Mas, na realidade, todas estas coisas são sintomas de um crescimento inevitável. Não tenha medo, não resista, não atrase. Seja o que é. Não há nada a temer. Confie e tente. Experimente honestamente. Conceda a seu ser real a oportunidade de dar forma a sua vida. Você não se arrependerá.

34
A MENTE É A PRÓPRIA INQUIETUDE

Pergunta: Sou sueco de nascimento. Agora estou ensinando Hatha Ioga no México e nos Estados Unidos.

Maharaj: Onde a aprendeu?

P: Tive um mestre nos Estados Unidos, um swami indiano.

M: O que isto deu a você?

P: Deu-me boa saúde e um meio de vida.

M: Bom o bastante. É tudo o que você quer?

P: Busco paz mental. Desgostaram-me todas as coisas cruéis que os chamados cristãos fizeram em nome de Cristo. Durante algum tempo estive sem religião. Logo me senti atraído pela Ioga.

M: O que você ganhou?

P: Estudei a filosofia da Ioga e isto me ajudou.

M: Em que lhe ajudou? Por que sinais você concluiu que foi ajudado?

P: A boa saúde é algo muito tangível.

M: Não há dúvida de que é muito agradável sentir-se apto. É prazer tudo o que espera da Ioga?

P: O gozo do bem-estar é a recompensa da Hatha Ioga, mas a Ioga em geral dá mais que isso. Isto responde a muitas perguntas.

M: O que entende você por Ioga?

P: Todo o ensinamento da Índia – evolução, reencarnação, karma e tudo mais.

M: Tudo bem, você adquiriu todo o conhecimento que queria. Mas de que modo você é beneficiado por ele?

P: Deu-me paz mental.

M: Deveras? Sua mente está em paz? Concluiu sua busca?

P: Não, ainda não.

M: Naturalmente. Não existirá fim para isto, porque não existe paz mental. Mente significa perturbação; a própria inquietude é a mente. A Ioga não é um atributo da mente, nem um estado mental.

P: Alguma medida de paz eu obtive da Ioga.

M: Examine-a com cuidado e verá que a mente está fervilhando com pensamentos. Ocasionalmente, pode ficar vazia, mas, depois de um tempo, ela volta para a sua inquietude habitual. Uma mente sossegada não é uma mente pacífica.

Você diz que quer pacificar sua mente. Quem quer pacificar a mente é, ele mesmo, pacífico?

P: Não, não estou em paz. Eu tenho a ajuda da Ioga.

M: Você não vê a contradição? Por muitos anos você buscou sua paz mental, e não pôde encontrá-la porque uma coisa essencialmente inquieta não pode estar em paz.

P: Há alguma melhora.

M: A paz que assegura ter encontrado é muito frágil; qualquer coisa pode rachá-la. O que você chama paz é apenas ausência de perturbação. Dificilmente merece o nome de paz. A paz verdadeira não pode ser perturbada. Pode você reivindicar uma paz mental que seja inexpugnável?

P: Estou esforçando-me.

M: Esforçar-se também é uma forma de inquietude.

P: Então, o que resta?

M: O ser não necessita ser aquietado. É a própria paz, não algo que está em paz. Apenas a mente está inquieta. Tudo o que ela conhece é a inquietude em seus muitos modos e graus. O agradável é considerado superior e o doloroso é desprezado. O que chamamos progresso é meramente uma mudança do desagradável para o agradável. Mas as mudanças por si mesmas não podem levar-nos ao imutável, pois tudo o que tem um início deve ter um fim. O real não começa; apenas se revela

como sem princípio nem fim, todo-abrangente, todo-poderoso, primeiro motor imóvel, atemporalmente imutável.

P: Então, o que se deve fazer?

M: Através da Ioga, você acumulou conhecimento e experiência. Isto não pode ser negado. Mas qual a utilidade disto tudo para você? Ioga significa unir, juntar. O que é que você tem que reunir, juntar?

P: Estou tratando de unir a personalidade novamente ao eu real.

M: A personalidade (vyakti) é apenas um produto da imaginação. O eu (vyakta) é a vítima desta imaginação. O que o limita é tomar-se pelo que não é. Não se pode dizer que a pessoa exista por direito próprio; é o eu que acredita que existe uma pessoa e é consciente de sê-la. Além do eu (vyakta) repousa o imanifesto (avyakta), a causa incausada de todas as coisas. Mesmo falar de reunir a pessoa com o eu não é correto, porque não existe a pessoa, apenas uma imagem mental que dá uma realidade falsa criada pela convicção. Nada foi dividido e nada há a unir.

P: A Ioga ajuda na busca e no encontro do eu.

M: Você pode encontrar o que perdeu. Mas não pode encontrar o que não perdeu.

P: Se nunca houvesse perdido nada, estaria iluminado. Mas não estou. Estou buscando. Não é minha própria busca uma prova de ter perdido algo?

M: Isso só mostra que você acredita que perdeu algo. Mas quem acredita? E o que acredita ter perdido? Perdeu uma pessoa como você? Que é o ser que está buscando? Que é exatamente o que espera encontrar?

P: O conhecimento verdadeiro do eu.

M: O conhecimento verdadeiro do eu não é um conhecimento. Não é algo que se encontra buscando, olhando em todas as partes. Não é algo que seja encontrado no espaço ou no tempo. O conhecimento é apenas memória, um padrão de pensamento, um hábito mental. Tudo isto é motivado pelo prazer e pela dor. Estimulado pelo prazer e pela dor, você busca conhecimento. Ser o que se é está completamente além de toda motivação. Você não pode ser você mesmo por alguma razão. Você é você mesmo e não necessita nenhuma razão.

P: Praticando a Ioga, deverei encontrar a paz.

M: Pode existir paz separada de você? Você está falando por experiência própria ou somente pelos livros? Seu conhecimento dos livros é

útil para começar, mas logo terá que ser substituído pela experiência direta que, por sua própria natureza, é inefável.

As palavras podem ser usadas também para destruir; de palavras, imagens são construídas; pelas palavras, elas são destruídas. Você entrou no presente estado através do pensamento verbal; deve sair dele do mesmo modo.

P: Alcancei certo grau de paz interior. Tenho que destruí-la?

M: O que alcançou pode ser perdido novamente. Só quando compreender a verdadeira paz, a paz que nunca perdeu, esta paz permanecerá com você porque nunca esteve distante. Em lugar de buscar o que não tem, descubra aquilo que nunca perdeu: isto que está aí antes do começo e depois do fim de todas as coisas; aquilo para o qual não há nem nascimento nem morte. Aquele estado imóvel, que não é afetado pelo nascimento e pela morte de um corpo ou de uma mente, é o estado que você deve perceber.

P: Quais os meios para tal percepção?

M: Na vida nada pode ser conseguido sem superar obstáculos. Os obstáculos para a clara percepção do próprio ser verdadeiro são o desejo de prazer e o medo da dor. É a motivação prazer-dor a que se interpõe no caminho. A própria libertação de todas as motivações, o estado em que os desejos não surgem, é o estado natural.

P: Requer tempo este abandono dos desejos?

M: Se o deixar para o tempo, serão necessários milhões de anos. Abandonar um desejo após outro é um processo prolongado sem fim. Deixe em paz seus desejos e seus medos, preste toda atenção ao sujeito, àquele que está por trás da experiência do desejo e do medo. Pergunte: Quem deseja? Permita que cada desejo o devolva a você mesmo.

P: A raiz de todos os desejos e temores é a mesma – o desejo de felicidade.

M: A felicidade que você pode imaginar e desejar é mera satisfação física ou mental. Tal prazer sensório ou mental não é a felicidade real, absoluta.

P: Mesmo os prazeres sensórios e mentais, e o sentido geral de bem-estar, os quais aparecem com a saúde mental ou física, devem ter suas raízes na realidade.

M: Eles têm suas raízes na imaginação. O homem a quem dão uma pedra, e se afirma que é um diamante de enorme valor, estará infinita-

mente contente até que se dê conta de seu engano; do mesmo modo, o prazer perde seu sabor forte, e a dor, suas farpas, quando o eu é conhecido. Ambos são vistos como são – respostas condicionais, meras reações, simples atrações e repulsões, baseadas em recordações ou preconceitos. Usualmente o prazer e a dor são experimentados quando esperados. Tudo é questão de hábitos e convicções adquiridos.

P: Bem, o prazer pode ser imaginário, mas a dor é real.

M: O prazer e a dor sempre vão juntos. A libertação de um significa a libertação de ambos. Se não lhe importar o prazer, não terá medo da dor. Mas existe uma felicidade que não é nem um nem o outro, que está completamente além. A felicidade que você conhece é descritível e mensurável. É objetiva, poderíamos dizer. Mas o objetivo não pode ser seu. Seria um grave erro identificar-se com algo externo. Este revolver de níveis não leva a parte alguma. A realidade está além do subjetivo e do objetivo, além de todos os níveis, além de toda distinção. Definitivamente não é sua origem, fonte ou raiz. Estas vêm da ignorância da realidade, não da própria realidade, a qual é indescritível, além do ser e do não ser.

P: Segui muitos mestres, estudei muitas doutrinas e, ainda assim, nada me deu o que queria.

M: O desejo de encontrar o eu será satisfeito sem nenhuma dúvida, desde que não deseje nada mais. Mas você deve ser honesto consigo mesmo e realmente não desejar mais nada. Se, no ínterim, você quiser muitas outras coisas e estiver dedicado a persegui-las, seu propósito principal poderá ser atrasado até que você se torne mais sábio e deixe de estar dividido entre desejos contraditórios. Vá para dentro, sem desviar-se, sem olhar para fora.

P: Mas meus desejos e medos ainda existem.

M: Onde estão senão em sua memória? Entenda que suas raízes estão na expectativa nascida da recordação – e eles deixarão de obcecá-lo.

P: Compreendi muito bem que o serviço social é uma tarefa interminável, pois a melhoria e o decaimento, o progresso e o retrocesso vão um ao lado do outro. Podemos vê-los em todas as partes e em todos os níveis. O que resta então?

M: Complete qualquer trabalho que tenha empreendido. Não se dedique a novas tarefas, a menos que as exija uma situação concreta de sofrimento e alívio de sofrimento. Primeiro encontre a si mesmo, e bênçãos sem fim seguirão. Nada beneficia tanto o mundo como o abandono

dos lucros. Um homem que não pensa mais em termos de perdas e ganhos é o verdadeiro homem não violento, pois está além de todo o conflito.

P: Sim, sempre estive atraído pela ideia de ahimsa (não violência).

M: Antes de tudo, ahimsa significa o que diz: 'Não ferir'. Não é apenas fazer o bem que vem primeiro, mas deixar de ferir, de não aumentar o sofrimento. Agradar os outros não é ahimsa.

P: Não estou falando de agradar, mas creio totalmente em ajudar os demais.

M: A única ajuda que vale a pena oferecer é libertar da necessidade de ajuda ulterior. Uma ajuda reiterada não é ajuda em absoluto. Não fale em ajudar alguem, a não ser que possa colocá-lo além de toda necessidade de ajuda.

P: Como se vai além da necessidade de ajuda, e como se pode ajudar outros a fazer isto?

M: Quanto tiver entendido que toda existência em separação e limitação é dolorosa, e estiver disposto e capaz de viver integralmente, em unidade com toda vida, como ser puro, você foi além da necessidade de ajuda. Você pode ajudar outro por preceito e exemplo e, sobretudo, por seu ser. Você não pode dar o que não tem, e você não tem o que não é. Só pode dar o que é – e disto você pode dar ilimitadamente.

P: Mas é verdade que toda existência é dolorosa?

M: Que outra pode ser a causa desta busca universal pelo prazer? Um homem feliz busca a felicidade? Quão inquietas estão as pessoas! Como estão em movimento constante! É porque têm dor que buscam alívio no prazer. Toda a felicidade que podem imaginar está na garantia do prazer repetido.

P: Se o que sou, como eu sou, a pessoa que acredito ser, não pode ser feliz, o que deverei fazer então?

M: Só poderá deixar de ser como parece que é agora. Não há nada cruel no que digo. Despertar um homem de um pesadelo é compaixão. Você vem aqui porque tem dor, e tudo o que digo é: Desperte, conheça-se, seja você mesmo. O fim da dor não está no prazer. Quando você se dá conta de que está além da dor e do prazer, só e inexpugnável, então a busca da felicidade cessará e a aflição resultante também. Pois a dor aponta para o prazer e o prazer acaba em dor, implacavelmente.

P: Não pode haver felicidade no estado final?

M: Nem dor, só liberdade. A felicidade depende de uma coisa ou de outra e pode ser perdida; a liberdade de tudo não depende de nada e não pode ser perdida. A liberdade do sofrimento não tem causa e, portanto, não pode ser destruída. Compreenda esta liberdade.

P: Não nasci para sofrer como consequência de meu passado? É possível a liberdade de alguma maneira? Nasci por minha própria vontade? Não sou apenas uma criatura?

M: Que é o nascimento e a morte senão o começo e o fim de uma corrente de fatos na consciência? Devido à ideia de separação e limitação, eles são dolorosos. Ao alívio momentâneo da dor chamamos prazer – e construímos castelos no ar esperando um prazer interminável que denominamos felicidade. Tudo é um mal-entendido e um equívoco. Desperte, vá além, viva realmente.

P: Meu conhecimento é limitado, meu poder insignificante.

M: Sendo a origem de ambos, o eu está além do poder e do conhecimento. O observável está na mente. A natureza do eu é pura Consciência, puro testemunhar, não afetada pela presença ou pela ausência de conhecimento ou preferências.

Tenha seu ser fora deste corpo de nascimento e morte, e todos seus problemas serão resolvidos. Eles existem porque você acredita que nasceu para morrer. Desengane-se e seja livre. Você não é uma pessoa.

35
O MAIOR GURU É SEU SER INTERIOR

Pergunta: Em todas as partes tenho ouvido que a libertação dos desejos e das inclinações é a primeira condição para a autorrealização. Mas eu acho esta condição impossível de ser satisfeita. A ignorância de si mesmo causa os desejos, e os desejos perpetuam a ignorância. Um verdadeiro círculo vicioso.

Maharaj: Não há condições a realizar. Não há nada a fazer, nada para abandonar. Apenas olhe e lembre, qualquer coisa que perceba não é nem você, nem sua. Está aí no campo da consciência, mas você não é nem o

campo nem o conteúdo, nem mesmo o conhecedor do campo. É sua ideia de que tem que fazer coisas que o confunde nos resultados de seus esforços – o motivo, o desejo, o fracasso, o sentido de frustração – tudo isto o detém. Simplesmente veja o que acontece, e saiba que você está além.

P: Quer dizer que devo abster-me de fazer algo?

M: Você não pode! O que tem de ser feito deve ser feito! Se parar repentinamente, você estará em conflito.

P: É uma questão de que o conhecedor e o conhecido tornem-se um?

M: Ambos são ideias na mente e as palavras que as expressam. Não há eu nelas. O eu não é nenhuma delas, nem está entre elas, nem além. Buscá-lo no nível mental é fútil. Deixe de buscar e veja – ele está aqui e agora – é este 'eu sou' que você conhece tão bem. Tudo o que necessita fazer é deixar de pensar que você está no campo da consciência. A menos que tenha considerado estes temas cuidadosamente, escutar-me uma vez não lhe servirá. Esqueça suas experiências passadas e seus sucessos, permaneça nu, exposto aos ventos e às chuvas da vida e terá uma oportunidade.

P: A devoção (bhakti) tem algum lugar em seu ensinamento?

M: Quando você não está bem, você vai ao médico que lhe diz o que anda mal e qual é o remédio. Se tiver confiança nele, a coisa é simples: Você toma o remédio, segue as restrições da dieta e se cura. Mas se não confia nele, pode correr o risco ou estudar medicina! Em todos os casos, o que o faz mover-se é seu desejo de cura, não o médico.

Sem confiança, não há paz. Você sempre acredita em alguém ou em outra pessoa – pode ser sua mãe ou sua esposa. De todas as pessoas, o conhecedor do eu, o homem liberado, é o que merece mais confiança. Mas meramente confiar não é o bastante. Você deve também desejar. Sem o desejo de liberdade, de que servirá a confiança de que poderá obter a liberdade? O desejo e a confiança devem ir juntos. Quanto mais forte for o desejo, mais facilmente virá a ajuda. O maior Guru não poderá fazer nada enquanto o discípulo não estiver desejoso de aprender. O ânimo e a seriedade são muito importantes. A confiança chegará com a experiência. Seja devotado a sua meta – e a devoção àquele que pode guiá-lo virá. Se seu desejo e confiança forem fortes, eles funcionarão e o levarão a sua meta, já que você não se atrasará com suas hesitações e contemporizações.

O maior Guru é seu ser interior. Verdadeiramente, ele é o mestre supremo. Só ele poderá levá-lo a sua meta, e só ele o receberá ao final do caminho. Confie nele e não necessitará um Guru externo. Mas, novamente, o desejo de encontrá-lo tem que ser muito forte e você não deverá fazer nada que crie obstáculos e atrasos. E não gaste energia e tempo com arrependimentos. Aprenda com seus erros e não os repita.

P: Não se importa que eu faça uma pergunta pessoal...?

M: Sim, adiante.

P: Vejo-o sentado em uma pele de antílope. Como isto concorda com a não violência?

M: Por toda minha vida, fui fabricante de cigarros, ajudando as pessoas a estragar a saúde. E, em frente a minha porta, a municipalidade construiu um lavatório público que estraga minha saúde. Neste mundo violento, como poderemos nos manter longe da violência de algum tipo ou de outro?

P: Certamente, toda violência evitável deve ser evitada. E, apesar disso, na Índia, cada santo tem sua pele de tigre, de leão, de leopardo ou de antílope para sentar-se.

M: Talvez seja porque na antiguidade não havia plásticos disponíveis e uma pele era o melhor para afastar a umidade. O reumatismo não tem encanto nem mesmo para um santo! Desse modo nasceu a tradição de que, para as meditações prolongadas, necessitava-se de uma pele. Como a membrana do tambor em um templo, assim é a pele de antílope de um logue. Dificilmente percebemos isto.

P: Mas um animal teve que ser morto.

M: Nunca ouvi que um logue tenha matado um tigre para obter sua pele. Os que matam não são logues, e os logues não matam.

P: Você não deveria manifestar sua desaprovação recusando-se a usar a pele?

M: Que ideia! Eu desaprovo o universo inteiro, por que só uma pele?

P: O que está errado no universo?

M: Esquecer seu Ser é o maior dano; dele decorrem todas as calamidades. Ocupe-se do mais importante, o menos importante cuidará de si mesmo. Você não arruma uma habitação escura. Primeiro abre as janelas, deixa entrar a luz, e tudo é muito mais fácil. De modo que deixemos de esperar a melhoria dos demais até que nos vejamos a nós próprios como somos – e mudemos. Não há necessidade de dar voltas e mais vol-

tas em interminável questionamento; encontre você mesmo e tudo irá para seu próprio lugar.

P: O impulso de voltar à origem é muito raro. É de algum modo natural?

M: Ir para fora é natural no princípio; ir para dentro – no final. Mas, na realidade, os dois são um, exatamente como expirar e inspirar são um.

P: Do mesmo modo, o corpo e o que mora no corpo não são um?

M: Eventos no tempo e no espaço – nascimento, morte, causa e efeito – podem ser considerados como um; mas o corpo e o encarnado não são da mesma ordem de realidade. O corpo existe no tempo e no espaço, transitório e limitado, enquanto o morador é atemporal e sem limites, eterno e todo-abrangente. Identificar um com o outro é um grave erro e causa de sofrimento sem fim. Você pode falar do corpo e da mente como um, mas o corpo-mente não é a realidade subjacente.

P: Quem quer que seja, o morador controla o corpo e, portanto, é responsável por ele.

M: Há um poder universal que controla e é responsável.

P: E assim posso fazer o que quiser e lançar a culpa em algum poder universal? Fácil demais!

M: Sim, muito fácil. Simplesmente descubra o 'Um que move' por trás de tudo o que se move, e deixe tudo para Ele. Se você não hesitar nem enganar, este será o caminho mais curto para a realidade. Permaneça sem desejo e sem medo, abandonando todo o controle e toda a responsabilidade.

P: Que loucura!

M: Sim, loucura divina. Que está errado em abandonar a ilusão do controle e da responsabilidade pessoais? Ambos existem apenas na mente. Certamente, enquanto você imaginar que está no controle, imaginar-se-á que é responsável. Um implica o outro.

P: Como pode o universal ser responsável pelo particular?

M: Toda a vida na terra depende do sol. Ainda assim, você não pode culpar o sol por tudo o que acontece, apesar de ser a causa última. A luz é a causa da cor da flor, mas ela nem a controla nem é diretamente responsável. Torna-a possível, isso é tudo.

P: O que não gosto de tudo isto é o de amparar-se em algum poder universal.

M: Você não pode discutir com fatos.

P: Que fatos? Os seus ou os meus?

M: Os seus. Você não pode negar meus fatos porque não os conhece. Se pudesse conhecê-los, não iria negá-los. Aqui está o problema. Você toma suas imaginações por fatos e meus fatos, por imaginações. Eu sei com certeza que tudo é um. As diferenças não separam. Ou você é responsável por tudo ou por nada. Imaginar que você tem o controle e a responsabilidade por um corpo é apenas a aberração do corpo-mente.

P: No entanto você é limitado por seu corpo.

M: Apenas em questões pertencentes ao corpo. Isto não me importa. É como resistir às estações do ano. Vêm e vão – dificilmente me afetam. Do mesmo modo, os corpos-mentes vêm e vão – a vida está eternamente buscando novas expressões.

P: Enquanto você não puser toda a carga do mal em Deus, estarei satisfeito. Sei que pode haver um Deus para todos, mas, para mim, é mais um conceito projetado pela mente humana. Pode ser que ele seja uma realidade para você, mas, para mim, a sociedade é muito mais real que Deus porque sou tanto criatura quanto prisioneiro da sociedade. Os seus valores são a sabedoria e a compaixão; os valores da sociedade, um astuto egoísmo. Eu vivo em um mundo bastante diferente do seu.

M: Ninguém o obriga.

P: Ninguém obriga você, mas eu sou forçado. Meu mundo é um mundo maligno, cheio de lágrimas, trabalho pesado e dor. Explicá-lo intelectualmente, expondo teorias de evolução e karma, é meramente acrescentar um insulto à injúria. O Deus de um mundo maligno é um Deus cruel.

M: Você é o deus de seu mundo e ambos são estúpidos e cruéis. Deixemos que Deus seja um conceito – sua própria criação. Descubra quem você é, como veio à vida, ansiando pela verdade, bondade e beleza em um mundo maligno. De que lhe serve argumentar contra ou a favor de Deus, se nem sequer sabe quem é Deus e do que está falando. O Deus nascido do medo e da esperança, moldado pelo desejo e pela imaginação, não pode ser o Poder Que É, a Mente e o Coração do universo.

P: Reconheço que o mundo em que vivo e o Deus em que acredito são ambos criaturas da imaginação. Mas, de que modo foram criados pelo desejo? Por que imagino um mundo tão doloroso e um Deus tão indiferente? O que está errado em mim para que me torture tão cruelmen-

te? O homem iluminado chega e me diz: 'É só um sonho que tem que acabar', mas não é, ele mesmo, parte do sonho? Sinto-me aprisionado e não vejo a saída. Você diz que é livre. De que é livre? Pelos céus, não me alimente com palavras, ilumine-me, ajude-me a despertar, já que é você quem vê como me agito no sonho!

M: Quando digo que sou livre, simplesmente afirmo um fato. Se você é um adulto, está livre da infância. Eu estou livre de toda descrição e identificação. Qualquer coisa que você possa ouvir, ver ou pensar, eu não sou isso. Estou livre de ser uma percepção ou um conceito.

P: Ainda assim tem um corpo e depende dele.

M: Novamente, supõe que seu ponto de vista é o único correto. Repito: Eu não fui, nem sou, nem serei um corpo. Para mim isto é um fato. Eu também tive a ilusão de ter nascido, mas meu Guru me fez ver que o nascimento e a morte são meras ideias – nascer é meramente a ideia: 'Eu tenho um corpo'. E a morte: 'Eu perdi meu corpo'. Agora, quando sei que não sou um corpo, o corpo pode estar aí ou não, qual a diferença? O corpo-mente é como um quarto. Ele está lá, mas eu não preciso viver nele o tempo todo.

P: Mas há um corpo e você cuida dele.

M: O poder que criou o corpo cuida dele.

P: Estamos saltando de um nível para o outro todo o tempo.

M: Há dois níveis a considerar – o físico – dos fatos – e o mental – das ideias. Eu estou além de ambos. Nem seus fatos nem suas ideias são meus. O que eu vejo está além. Passe para o meu lado e veja comigo.

P: O que quero dizer é muito simples. Enquanto acreditar que 'Eu sou o corpo', não deverei dizer: 'Deus cuidará de meu corpo'. Deus não o fará. Ele o deixará morrer de fome, adoecer e morrer.

M: Que outra coisa espera de um mero corpo? Porque está tão ansioso sobre ele?Porque pensa que é o corpo, quer que ele seja indestrutível. Você pode aumentar bastante o tempo de sua vida mediante práticas apropriadas, mas para que bem final?

P: É melhor viver muito e com boa saúde. Isto nos dá a oportunidade de evitar os erros da infância e da juventude, as frustrações da maturidade, a miséria e a imbecilidade da velhice.

M: Sem dúvida, viva por muito tempo. Mas você não é o senhor. Você pode decidir os dias de seu nascimento e de sua morte? Não estamos falando a mesma língua. A sua é uma conversa de faz de conta,

onde tudo depende de suposições e hipóteses. Você fala com segurança de coisas das quais não está seguro.

P: No entanto, estou aqui.

M: Todavia, não está aqui. Eu estou aqui. Entre! Mas você não o faz. Você quer que eu viva sua vida, sinta do seu modo, empregue sua linguagem. Eu não posso, e isto não o ajudará. Você deve vir a mim. As palavras são da mente, e a mente obscurece e distorce. Daí a necessidade absoluta de ir além das palavras e vir para o meu lado.

P: Assuma o controle.

M: Eu o estou fazendo, mas você resiste. Você considera reais os conceitos, enquanto os conceitos são uma deformação da Realidade. Pare de construir conceitos e permaneça em silencio, atento. Dedique-se a isso com seriedade e tudo irá bem para você.

36
MATAR FERE O QUE MATA, NÃO O QUE MORRE

Pergunta: Há mil anos viveu e morreu um homem. Sua identidade (antahkarana) reapareceu em um corpo novo. Por que ele não lembra sua vida anterior? E se o faz, pode esta lembrança tornar-se consciente?

Maharaj: Como você sabe que a mesma pessoa reapareceu no corpo novo? Um corpo novo pode significar uma pessoa completamente nova.

P: Imagine um pote de ghee (manteiga clarificada indiana). Quando o pote quebra, o ghee permanece e pode ser transferido para outro pote. O pote velho tem seu próprio aroma, o novo – o seu. O ghee levará os aromas de um pote para o outro. Do mesmo modo, a identidade pessoal é transferida de corpo para corpo.

M: Está correto. Quando há o corpo, suas peculiaridades afetam a pessoa. Sem o corpo, temos a identidade pura no sentido do 'eu sou'. Mas, quando você renasce em um novo corpo, onde está o mundo que experienciava antes?

P: Cada corpo experiencia seu próprio mundo.

M: No corpo presente, é o velho corpo apenas uma ideia ou uma recordação?

P: Certamente, uma ideia. Como pode um cérebro recordar o que não experienciou?

M: Você respondeu a sua própria pergunta. Por que jogar com ideias? Contente-se com aquilo do qual pode ter certeza. E a única coisa da qual pode ter certeza é 'eu sou'. Permaneça com ele e rejeite tudo o mais. Isto é loga.

P: Posso rejeitar apenas verbalmente. No melhor dos casos, lembro-me de repetir a fórmula: 'Isto não sou eu, isto não é meu. Eu estou além de tudo isto'.

M: Já é o bastante. Primeiro verbalmente, depois mental e emocionalmente e, logo em seguida, na ação. Preste atenção à realidade dentro de si mesmo, e esta virá à luz. É como bater creme para fazer manteiga. Faça-o corretamente e sem parar, e o resultado será certo.

P: Como poderia o absoluto ser resultado de um processo?

M: Tem razão, o relativo não pode resultar no absoluto. Mas o relativo pode bloquear o absoluto, assim como não bater o creme poderia impedir que a manteiga se separe. É o real que cria a necessidade; o interno estimula o externo e o externo responde com interesse e esforço; mas, finalmente, não há nem interno, nem externo; a luz da consciência é o criador e a criatura, o experimentador e a experiência, o corpo e o encarnado. Ocupe-se do poder que projeta tudo isto e seus problemas terminarão.

P: Qual é o poder que projeta?

M: A imaginação estimulada pelo desejo.

P: Eu conheço tudo isso, mas não tenho nenhum poder sobre ele.

M: Esta é outra de suas ilusões, criada pelo desejo de resultados.

P: Que está errado com a ação intencional?

M: Ela não se aplica. Nestes assuntos não há nenhuma questão de propósito, nem de ação. Tudo o que você necessita é escutar, recordar, ponderar. É como se alimentar. Tudo o que pode fazer é morder, mastigar e engolir. Tudo o mais é inconsciente e automático. Escutar, recordar e compreender – a mente é tanto o ator quanto o cenário. Tudo é da mente e você não é a mente. A mente nasce e renasce, não você. A mente cria o mundo e toda sua maravilhosa variedade. Assim como em uma

boa peça de teatro há todo tipo de personagens e situações, também para fazer um mundo se necessita de tudo um pouco.

P: Ninguém sofre em uma obra de teatro.

M: A menos que se identifique com ela. Não se identifique com o mundo e não sofrerá.

P: Outros sofrerão.

M: Então faça seu mundo perfeito, sem dúvida. Se você acredita em Deus, trabalhe com Ele. Se não, converta-se em um. Ou veja o mundo como uma peça ou trabalhe nele com toda sua força. Ou as duas coisas.

P: Que me diz da identidade do homem que vai morrer? Que acontece quando morre? Você concorda que ele continua em outro corpo?

M: Continua e, ainda assim, não continua. Tudo depende de como você olhar para isto. Que é a identidade, depois de tudo? Continuidade na memória? Você pode falar de identidade sem memória?

P: Sim, posso. A criança pode não conhecer seus pais, mas as características hereditárias estarão presentes.

M: Quem as identifica? Alguém com uma memória para registrar e comparar. Você não vê que a memória é a urdidura de sua vida mental? E a identidade é meramente um padrão de fatos no tempo e no espaço. Mude o padrão e você muda o homem.

P: O padrão é significativo e importante. Tem seu próprio valor. Se disser que um tapete é apenas fios coloridos, você perderá o mais importante – sua beleza. Ou se descrever um livro como papel com traços de tinta, perderá seu significado. A identidade é valiosa porque é a base da individualidade, isto que nos faz únicos e insubstituíveis. 'eu sou' é a intuição da singularidade.

M: Sim e não. A identidade, a individualidade, a singularidade – elas são os aspectos mais valiosos da mente, mas apenas da mente. 'Eu sou tudo o que existe' é também uma experiência igualmente válida. O particular e o universal são inseparáveis. São dois aspectos do inominado, visto tanto de fora quanto de dentro. Desgraçadamente, as palavras só mencionam, mas não comunicam. Tente ir além das palavras.

P: O que morre com a morte?

M: A ideia 'Eu sou o corpo' morre; a testemunha não morre.

P: Os Jainas acreditam em uma multiplicidade de testemunhas, para sempre separadas.

M: Essa é a sua tradição baseada na experiência de certas grandes personagens. A única testemunha reflete a si mesma nos inumeráveis corpos como 'eu sou'. Enquanto durarem os corpos, por muito sutis que sejam, o 'eu sou' aparecerá como muitos. Além do corpo só há apenas o Um.

P: Deus?

M: O Criador é uma pessoa cujo corpo é o mundo. O Inominado está além de todos os deuses.

P: Sri Ramana Maharshi morreu. Que diferença isto fez para ele?

M: Nenhuma. O que ele era, ele é – a Realidade Absoluta.

P: Mas, para o homem comum, a morte faz uma diferença.

M: O que ele acreditava ser antes da morte continua sendo depois da morte. Sua autoimagem sobrevive.

P: No outro dia se falou sobre o uso pelo gnani de peles de animais para a meditação, etc. Não fiquei convencido. É fácil justificar tudo se referindo à tradição e ao costume. Os costumes podem ser cruéis, e a tradição, corrupta. Elas explicam, mas não justificam.

M: Nunca quis dizer que a ilegalidade se seguirá à autorrealização. Um homem liberado é extremamente cumpridor da lei. Mas suas leis são de seu ser real, não de sua sociedade. Ele guarda as leis sociais e as rompe de acordo com as circunstâncias e a necessidade. Mas nunca será extravagante e desordenado.

P: O que não posso aceitar é a justificação pelo costume e pelo hábito.

M: A dificuldade está em nossos distintos pontos de vista. Você fala da perspectiva do corpo-mente. Eu, desde a da testemunha. A diferença é básica.

P: Ainda assim, crueldade é crueldade.

M: Ninguém o obriga a ser cruel.

P: Aproveitar-se da crueldade de outros é ser cruel por procuração.

M: Se você olhar com cuidado o processo de viver, encontrará crueldade em todo lugar, pois a vida se alimenta da vida. Este é um fato, mas isto não o faz sentir-se culpado por estar vivo. Você começa uma vida de crueldade causando à sua mãe problemas intermináveis. Até o último dia de sua vida você competirá por comida, vestuário, moradia, aferrando-se ao corpo, lutando por suas necessidades, buscando segurança em um mundo de insegurança e morte. Do ponto de vista do animal, ser

morto não é a pior forma de morrer; sem dúvida é preferível à enfermidade e à decadência senil. A crueldade está no motivo, não no fato. Matar fere o que mata, não o que morre.

P: De acordo. Então, não se deve aceitar os serviços dos caçadores e dos carniceiros.

M: Quem quer que você os aceite?

P: Você os aceita.

M: É assim como você me vê! Quão rapidamente acusa, condena, sentencia e executa! Por que começa por mim e não por você?

P: Um homem como você deve dar exemplo.

M: Está pronto a seguir meu exemplo? Eu estou morto para o mundo, não quero nada, nem mesmo viver. Seja como eu sou, faça como eu faço. Você me está julgando por minhas roupas e alimentos, enquanto eu só vejo os seus motivos; se você crê ser o corpo e a mente, e atua de acordo com isso, você é culpável da maior crueldade – a crueldade em relação a seu próprio ser real. Comparadas a esta, todas as demais crueldades não contam.

P: Você está se refugiando na declaração de que não é o corpo. Mas você controla o corpo e é responsável por tudo o que ele faz. Permitir ao corpo uma total autonomia seria uma imbecilidade e uma loucura!

M: Acalme-se. Eu também me oponho à matança de animais pela carne ou pela pele, mas nego-me a dar a isto o primeiro lugar. O vegetarianismo é uma causa que vale a pena, mas não a mais urgente; todas as causas são servidas melhor pelo homem que retornou à sua origem.

P: Quando estive no Sri Ramanashram, senti Bhagavan por todo o lugar, todo-abarcante, a tudo contemplando.

M: Você teve a fé necessária. Aqueles que têm verdadeira fé nele o verão em todo lugar, todo o tempo. Tudo acontece de acordo com sua fé, e sua fé é a forma de seu desejo.

P: A fé que você tem em si mesmo não é também a forma de um desejo?

M: Quando digo 'eu sou', não quero dizer uma entidade separada com um corpo como seu núcleo. Quero dizer a totalidade do ser, o oceano da consciência, o universo inteiro de tudo que é e conhece. Não tenho nada a desejar, pois estou sempre completo.

P: Pode você tocar a vida interior de outra pessoa?

M: Eu sou a pessoa.

P: Não quero dizer identidade de essência ou substância, nem similaridade de forma. Quero dizer entrar realmente nos corações e nas mentes dos outros e participar em suas experiências pessoais. Poderia você alegrar-se ou sofrer comigo, ou apenas inferiria o que sinto mediante a observação e a analogia?

M: Todos os seres estão em mim. Mas trazer a um cérebro o conteúdo de outro cérebro requer um treinamento especial. Não há nada que não possa ser alcançado pelo treinamento.

P: Eu não sou sua projeção, nem você a minha. Eu existo por meu próprio direito, não meramente como criação sua. Esta crua filosofia da imaginação e da projeção não me atrai. Você está me privando de toda a realidade. Quem é a imagem de quem? É você minha imagem ou eu sou a sua? Ou eu sou uma imagem em minha própria imagem! Não, algo está errado em alguma parte.

M: As palavras revelam seu próprio vazio. O real não pode ser descrito, deve ser experienciado. Não posso encontrar melhores palavras para o que conheço. O que digo pode parecer ridículo, mas o que as palavras tentam transmitir é a mais elevada verdade. Tudo é um, por mais que nos queixemos. E tudo está feito para dar satisfação à única meta e fonte de todo o desejo, a quem todos conhecemos como o 'eu sou'.

P: O que está na raiz do desejo é a dor. O impulso básico é escapar da dor.

M: Qual é a raiz da dor? A ignorância de si mesmo. Qual é a raiz do desejo? O impulso de encontrar a si mesmo. Toda a criação trabalha por seu ser e não descansará até que retorne a ela.

P: Quando retornará?

M: Pode retornar quando você quiser.

P: E o mundo?

M: Pode levá-lo consigo.

P: Devo esperar que alcance a perfeição para ajudar o mundo?

M: Certamente, ajude o mundo. Você não ajudará muito, mas o esforço o fará crescer. Não há nada errado na tentativa de ajudar o mundo.

P: Seguramente, houve pessoas, pessoas comuns, que ajudaram muito.

M: Quando chega o momento de ajudar o mundo, a algumas pessoas são dados a vontade, a sabedoria e o poder necessários para causar grandes mudanças.

37
ALÉM DA DOR E DO PRAZER HÁ FELICIDADE

Maharaj: Em primeiro lugar, você deve se dar conta de que você é a prova de todas as coisas, incluindo você mesmo. Ninguém pode provar sua existência porque sua existência deve ser confirmada primeiro por você. Seu ser e seu conhecer você não deve a ninguém. Lembre-se, você é inteiramente independente, não vem de algum lugar e não vai a lugar algum. Você é Consciência e ser atemporal.

Pergunta: Há uma diferença básica entre nós. Você conhece o real, enquanto eu só conheço o funcionamento de minha mente. Portanto, o que você diz é uma coisa, o que eu ouço, outra. O que você diz é verdadeiro; o que eu entendo é falso, embora as palavras sejam as mesmas. Há uma lacuna entre nós. Como eliminar esta lacuna?

M: Abandone a ideia de ser o que acredita ser e não haverá nenhuma lacuna. Ao imaginar-se como separado, você a criou. Não necessita cruzá-la. Somente não a crie. Tudo é você e seu. Não há nenhum outro. Este é um fato.

P: Que estranho! As mesmas palavras que para você são verdadeiras, para mim, são falsas. 'Não há nenhum outro' soa-me obviamente falso.

M: Deixe-as serem falsas ou verdadeiras. As palavras não importam. O que importa é a ideia que você tem de si mesmo, pois o bloqueia. Abandone-a.

P: Desde a infância me ensinaram a pensar que estou limitado a meu nome e minha forma. Uma mera afirmação do contrário não apagará o hábito mental. Seria necessária uma lavagem cerebral assídua – se isso fosse possível.

M: Você a chama lavagem cerebral, eu a chamo Ioga – nivelar todas as rotinas mentais. Você não deve se sentir obrigado a pensar os mesmos pensamentos repetidamente. Vá adiante!

P: É mais fácil dizer do que fazer.

M: Não seja infantil! É mais fácil mudar que sofrer. Saia de sua infantilidade, isso é tudo.

P: Tais coisas não são feitas. Acontecem.

M: Todas as coisas acontecem sempre, mas você deve estar preparado para elas. Prontidão é maturidade. Você não vê o real porque sua mente não está pronta para ele.

P: Se a realidade é minha própria natureza, como posso não estar pronto?

M: Não estar pronto significa ter medo. Você tem medo do que é. Seu destino é a totalidade. Mas você tem medo de perder sua identidade. Isto é infantilidade, apegar-se aos jogos, aos desejos e temores, opiniões e ideias. Deixe tudo isto e esteja pronto para que o real se afirme. Esta autoafirmação é expressa melhor através das palavras: 'eu sou'. Nada mais tem existência. Disto você está absolutamente certo.

P: 'eu sou', certamente, mas 'eu conheço', também. E sei que sou alguém, o dono do corpo, em múltiplas relações com outros proprietários.

M: Tudo é recordação trazida ao agora.

P: Só posso estar certo do que é agora. Passado e futuro, memória e imaginação são estados mentais, mas eles são tudo o que conheço, e existem agora. Você está me falando para abandoná-los. Como se abandona o agora?

M: Você está se movendo para o futuro todo o tempo, goste disto ou não.

P: Estou me movendo do agora ao agora – em verdade não me movo. Tudo o mais se move – não eu.

M: Concedido. Mas sua mente se move. No agora você é ambos, o mutável e o imóvel. Até agora você tem se tomado pelo mutável e negligenciado o imóvel. Vire sua mente às avessas. Despreze o mutável e descobrirá que você é a realidade imutável, sempre presente, inexprimível, mas sólida como uma rocha.

P: Se ela existe agora, porque não sou consciente dela?

M: Porque se apega à ideia de que não é consciente dela. Abandone a ideia.

P: Isso não me faz consciente.

M: Espere. Você quer estar nos dois lados da parede ao mesmo tempo. Pode fazê-lo, mas deve remover a parede. Ou compreenda que a parede e seus dois lados são um único espaço, ao qual não se aplicam as ideias de 'aqui' e 'lá'.

P: As analogias nada provam. Minha única queixa é esta: Por que não vejo o que você vê? Por que suas palavras não soam verdadeiras em

minha mente? Faça-me saber só isto; tudo o mais pode esperar. Você é sábio e eu sou estúpido; você vê, eu não. Onde e como devo encontrar minha sabedoria?

M: Se você sabe que é estúpido, não é estúpido de modo algum!

P: Do mesmo modo que saber que estou enfermo não me cura, saber que sou estúpido não me faz sábio.

M: Para saber que está enfermo, não teria que estar sadio inicialmente?

P: Oh, não. Eu conheço por comparação. Se fosse cego de nascença e você me dissesse que conhece as coisas sem tocá-las, enquanto eu necessitaria tocá-las para conhecê-las, sou consciente que estou cego sem saber o que significa ver. Similarmente, sei que me falta algo quando você afirma coisas que eu não posso compreender. Você está me falando tais coisas maravilhosas sobre mim mesmo; segundo você, sou eterno, onipresente, onisciente, supremamente feliz, criador, preservador e destruidor de tudo o que existe, a origem de toda vida, o coração do ser, o senhor e o amado de toda criatura. Você me iguala com a Realidade Última, a origem e a meta de toda existência. Eu apenas tremo porque sei que sou um minúsculo feixe de temores e desejos, uma bolha de sofrimento, um lampejo transitório de consciência em um oceano de escuridão.

M: Antes que existisse a dor, você era. Depois que a dor cessou, você continuou. A dor é transitória, você não.

P: Desculpe-me, mas eu não vejo o que você vê. Desde que nasci e até que eu morra, o prazer e a dor tecerão o padrão de minha vida. Nada sei de ser antes do nascimento e depois da morte. Nem aceito, nem nego. Ouço o que você diz, mas não o sei.

M: Agora você está consciente, não está?

P: Por favor, não me pergunte sobre o depois e sobre o antes. Só conheço o que é agora.

M: É suficiente. Você é consciente. Aferre-se a isso. Há estados dos quais não é consciente. Chame-o ser inconsciente.

P: Ser inconsciente?

M: Consciência e inconsciência não são aplicáveis aqui. A existência está na consciência, a essência é independente da consciência.

P: É vazio? É silêncio?

M: Por que especular? O ser penetra e transcende a consciência. A consciência objetiva é uma parte da consciência pura, não algo além dela.

P: Como você pode chegar a conhecer um estado de ser puro que não é consciente nem inconsciente? Todo conhecimento existe apenas na consciência. Pode existir um estado em que a mente esteja em suspensão. Então apareceria a consciência como a testemunha?

M: A testemunha apenas registra eventos. Na suspensão da mente, até mesmo o sentido 'eu sou' é dissolvido. Não há 'eu sou' sem a mente.

P: Sem a mente é o mesmo que dizer sem pensamentos. O 'eu sou' como pensamento desaparece. O 'eu sou' como o sentido de ser permanece.

M: Toda a experiência diminui com a mente. Sem a mente, não pode haver nem experimentador nem experiência.

P: A testemunha não permanece?

M: A testemunha meramente registra a presença ou ausência de experiência. Em si mesma não é uma experiência, mas se converte em experiência quando aparece o pensamento 'Eu sou a testemunha'.

P: Tudo o que sei é que em algumas vezes a mente funciona e, em outras, para. A experiência de silêncio mental eu a chamo suspensão da mente.

M: Chame-a silêncio ou vazio, ou suspensão, o fato é que os três – experimentador, experienciar e experiência – não existem. Na Consciência, no testemunhar, na autoconsciência, não existe o sentido de ser isto ou aquilo. O ser não identificado permanece.

P: Como um estado de inconsciência?

M: Com respeito a qualquer coisa, ele é o oposto. Está também entre e além de todos os opostos. Não é nem consciência nem inconsciência, nem está entre ambas, nem além das duas. Existe por si mesmo sem relação com nada que possa denominar-se uma experiência ou sua ausência.

P: Que estranho! Você fala dele como se fosse uma experiência.

M: Quando penso nele – converte-se em uma experiência.

P: Como a luz visível que, interceptada por uma flor, converte-se em cor?

M: Sim, pode dizê-lo assim. Está na cor, mas não é a cor.

P: A mesma velha negação quádrupla de Nagarjuna: nem isto nem aquilo, nem ambos, nem um ou outro. Minha mente dá voltas!

M: Sua dificuldade deriva da ideia de que a realidade é um estado de consciência, um entre muitos. Tende a dizer 'Isto é real. Isto não é real. E isto é parcialmente real, parcialmente irreal', como se a realidade fosse um atributo ou qualidade que tivesse várias medidas.

P: Deixe-me colocá-lo de outro modo. Afinal de contas, a consciência se torna um problema só quando é dolorosa. Um estado de bem-aventurança não provoca perguntas. Descobrimos que toda consciência é uma mistura do agradável e do doloroso. Por quê?

M: Toda consciência é limitada e, portanto, dolorosa. Na raiz da consciência repousa o desejo, o impulso de experimentar.

P: Quer dizer que sem desejo pode não existir consciência? E qual seria a vantagem de ser inconsciente? Se tiver que abrir mão do prazer para libertar-me da dor, seria melhor manter ambos.

M: Além da dor e do prazer, há felicidade.

P: De que serve uma felicidade inconsciente?

M: Nem consciente nem inconsciente. Real.

P: Qual é sua objeção à consciência?

M: É uma carga. O corpo significa carga. As sensações, os desejos, os pensamentos – todos são cargas. Toda consciência é de conflito.

P: A realidade é descrita como ser verdadeiro, consciência pura, felicidade infinita. Que tem a ver a dor com ela?

M: O prazer e a dor acontecem, mas a dor é o preço do prazer, e o prazer, a recompensa da dor. Na vida também, frequentemente, você agrada ferindo e fere agradando. Saber que a dor e o prazer são um é paz.

P: Tudo isto é muito interessante, sem dúvida, mas minha meta é muito mais simples. Quero mais prazer e menos dor na vida. O que devo fazer?

M: Enquanto existir consciência, deverá existir prazer e dor. Está na natureza do 'eu sou', da consciência, identificar-se com os opostos.

P: Então de que me serve tudo isto? Não me satisfaz.

M: Quem você é? Quem está insatisfeito?

P: Eu sou, o homem dor-prazer.

M: O prazer e a dor são ananda (bem-aventurança). Aqui estou sentado em frente de você e falando – por minha própria imediata e imutável

experiência – que a dor e o prazer são as cristas e as depressões das ondas no oceano da bem-aventurança. Nas profundezas, existe uma plenitude total.

P: Sua experiência é constante?

M: É atemporal e imutável.

P: Tudo o que eu conheço é o desejo de prazer e o medo da dor.

M: Isto é o que você pensa de si mesmo. Detenha-o. Se não pode romper um hábito de uma vez, considere o modo familiar de pensar e veja sua falsidade. Questionar o habitual é o dever da mente. O que a mente criou, a mente deve destruir. Ou entenda que não há desejos fora da mente, e fique fora.

P: Honestamente, desconfio deste explicar tudo como produto da mente. A mente é apenas um instrumento, como o olho o é. Você pode dizer que a percepção é criação? Eu vejo o mundo através da janela, não na janela. Tudo o que você disse parece coerente devido à seu fundamento comum, mas eu não sei se esse fundamento está na realidade ou apenas na mente. Só posso ter uma imagem mental. O que isto significa para você, eu não sei.

M: Enquanto você permanecer na mente, você me verá nela.

P: Quão inadequadas são as palavras para o entendimento!

M: Sem palavras, o que há para entender? A necessidade de entender surge dos mal-entendidos. O que eu digo é verdadeiro, mas para você é só uma teoria. Como você saberá que é verdade? Escute, recorde, medite, visualize, experimente. Aplique-o também à sua vida diária. Tenha paciência comigo e, acima de tudo, tenha paciência com você mesmo, pois você é seu único obstáculo. O caminho o leva através de você para além de você mesmo. Enquanto acreditar que só o particular é real, consciente e feliz, e rejeitar a realidade não dual como algo imaginado, um conceito abstrato, você me verá distribuindo conceitos e abstrações. Mas, uma vez que tenha tocado o real dentro de seu próprio ser, você me verá descrevendo o que para você é o mais próximo e o mais querido.

38
PRÁTICA ESPIRITUAL É VONTADE AFIRMADA E REAFIRMADA

Pergunta: Os ocidentais que vêm vê-lo ocasionalmente encontram uma dificuldade peculiar. A própria noção de um homem liberado, de um homem realizado, um conhecedor do eu, um conhecedor de Deus, um homem além do mundo, é algo que desconhecem. Tudo o que têm em sua cultura cristã é a ideia de um santo, um homem pio, cumpridor da lei, temente a Deus, que ama os demais, devoto, algumas vezes propenso a êxtases, e confirmado por alguns poucos milagres. A própria ideia de um gnani é alheia à cultura ocidental, algo exótica e considerada incrível. Mesmo quando sua existência é aceita, ele é olhado com desconfiança, como um caso de euforia autoinduzida causada por posturas físicas e atitudes mentais estranhas. A própria ideia de uma nova dimensão na consciência parece-lhes inconcebível e improvável.

O que os ajudará é a oportunidade de ouvir um gnani relatar sua própria experiência de realização, suas causas e começos, progressos e sucessos e sua prática atual na vida diária. Muito do que ele disser seguirá sendo estranho, inclusive não terá sentido, mas permanecerá neles um sentimento de realidade, uma atmosfera de experiência atual, inefável, mas muito real, um centro a partir do qual se possa viver uma vida exemplar.

Maharaj: A experiência pode ser incomunicável. Alguém pode comunicar uma experiência?

P: Sim, se for um artista. A essência da arte é a comunicação do sentimento, da experiência.

M: Para receber comunicação, você deve ser receptivo.

P: Certamente. Deve existir um receptor. Mas se o transmissor não transmite, para que serve o receptor?

M: O gnani pertence a todos. Doa a si mesmo incessantemente e por completo a quem quer que venha até ele. Se não for um doador, não será um gnani. Qualquer coisa que tenha, ele compartilha.

P: Mas, pode compartilhar o que ele é?

M: Quer dizer se ele poderia converter outros em gnani? Sim e não. Não, já que os gnanis não são feitos, realizam-se eles mesmos como tais quando retornam para a origem, sua natureza real. Eu não posso transformá-lo no que você já é. Tudo o que posso dizer-lhe é que caminho eu percorri, e convidá-lo a que o siga.

P: Isto não responde a minha pergunta. Penso no ocidental cético e crítico que nega a própria possibilidade de estados de consciência superiores. Recentemente, as drogas abriram uma brecha na incredulidade dessa gente, mas sem afetar sua visão materialista do mundo. Com drogas ou sem drogas, o corpo segue sendo o fato primário, e a mente, o secundário. Além da mente não veem nada. De Buda em diante, o estado de autorrealização tem sido descrito em termos negativos, como 'isto não, aquilo não'. É inevitável? Não será possível esclarecê-lo se não o descrever. Admito que nenhuma descrição verbal será adequada quando o estado descrito estiver além das palavras. Ainda assim, também estará nas palavras. A poesia é a arte de pôr em palavras o inefável.

M: Não faltam poetas religiosos. Recorra a eles para o que você quer. No que concerne a mim, meu ensinamento é simples: confie em mim por um tempo e faça o que lhe digo. Se perseverar, descobrirá que sua confiança estava justificada.

P: E o que fazer com a pessoa que está interessada, mas não pode confiar?

M: Se pudessem estar comigo, chegariam a confiar em mim. Uma vez que confiem em mim, seguirão meu conselho e descobrirão por si mesmos.

P: Não estou lhe pedindo agora que descreva o treinamento, mas seus resultados. Você tem ambos. Você está disposto a dizer-nos tudo sobre o treinamento, mas, quando chega aos resultados, você se nega a compartilhar. Ou nos diz que seu estado está além das palavras, ou que não há nenhuma diferença; que onde vemos diferenças, você não vê nenhuma. Nos dois casos, ficamos sem discernir nada de seu estado.

M: Você discerniria o meu estado quando não pode discernir o seu próprio? Quando falta o próprio instrumento do discernimento, não será importante encontrá-lo primeiro? É como um homem cego que quer aprender a pintar antes de recuperar sua visão. Você quer conhecer meu estado – mas conhece o estado de sua esposa ou de seu empregado?

P: Só estou pedindo algumas indicações.

M: Bem, dar-lhe-ei uma pista muito significativa – onde você vê diferenças, eu não vejo. Para mim é suficiente. Se você pensa que não é suficiente, eu só posso repetir: é o bastante. Pense muito bem nisto e verá o que eu vejo.

Parece que você quer uma compreensão instantânea, esquecendo que o instante é sempre precedido de uma prolongada preparação. O fruto cai de repente, mas o amadurecimento leva tempo.

Depois de tudo, quando falo para confiar em mim, é apenas por um tempo curto, o suficiente para que comece a mover-se. Quanto mais sério for, menos crença necessitará, pois logo descobrirá que sua fé em mim está justificada. Você quer que eu prove que sou digno de confiança! Como posso fazê-lo e por quê? Afinal de contas, o que eu ofereço a você é o acesso operacional tão corrente na ciência ocidental. Quando um cientista descreve um experimento e seus resultados, você aceita usualmente suas afirmações e repete o experimento tal como ele o descreveu. Uma vez que obtenha os mesmos resultados, ou similares, não necessita seguir confiando nele; você confia em sua própria experiência. Animado por ela, você segue adiante e chega no final a resultados substancialmente idênticos.

P: A mente indiana está preparada para experimentos metafísicos por sua cultura e educação. Para o indiano, palavras como 'percepção direta da Realidade Suprema' têm sentido e despertam respostas da própria profundidade de seu ser; mas, para um ocidental, elas pouco significam. Mesmo educado em sua própria variedade de cristianismo, ele não pensa além do que dizem os mandamentos de Deus e as prescrições de Cristo. O conhecimento da realidade em primeira mão não só está além de sua ambição, mas também além de sua concepção. Alguns indianos me dizem: 'Não há esperança. O ocidental não o fará, pois ele não pode. Não lhes diga nada sobre a autorrealização; deixe-o viver uma vida útil e ganhar um renascimento na Índia. Apenas então terá uma oportunidade!' Outros dizem: 'A realidade é igual para todos, mas nem todos são igualmente dotados com a capacidade de apreendê-la. A capacidade virá com o desejo, o qual crescerá em devoção e, no fim, em dedicação total. Com integridade e sinceridade, e uma férrea determinação para vencer todos os obstáculos, o ocidental tem a mesma oportunidade que o homem oriental. Tudo o que necessita é o despertar do interesse'. Para des-

pertar seu interesse no autoconhecimento, ele terá que estar convencido de suas vantagens.

M: Você acredita que é possível transmitir uma experiência pessoal?

P: Não sei. Você fala de unidade, de identidade do que vê com o visto. Quando tudo é um, a comunicação deveria ser possível.

M: Para ter a experiência direta de um país tem-se que ir e viver nele. Não peça o impossível. A vitória espiritual de um homem beneficia, sem dúvida, toda a humanidade, mas para beneficiar outro indivíduo é necessária uma relação pessoal profunda. Tal relação não é acidental e nem todos podem reivindicá-la. Por outro lado, a visão científica é para todos. 'Confie-comprove-saboreie'. Que mais necessita? Por que enfiar à força, garganta abaixo, a Verdade? De qualquer modo, isto não pode ser feito. Sem não ha quem receba, o que pode fazer o doador?

P: A essência da arte é usar uma forma para transmitir uma experiência interior. Claro que deve-se ser sensível ao interior, antes que o exterior possa ser significativo. Como aumentar a sensibilidade?

M: Qualquer que seja a maneira de colocá-lo, dá no mesmo. Doadores há muitos, onde estão os receptores?

P: Você não pode compartilhar sua própria sensibilidade?

M: Sim, posso, mas compartilhar é uma via de mão-dupla. São necessários dois para compartilhar. Quem está disposto a tomar o que eu estou disposto a dar?

P: Você diz que somos um. Isto não é o suficiente?

M: Eu sou um com você. Você é um comigo? Se o for, não fará perguntas. Se não é, se não vê o que eu vejo, o que poderia fazer além de mostrar-lhe o modo de melhorar sua visão?

P: O que você não pode dar não lhe pertence.

M: Eu não reclamo nada como meu. Onde o 'eu' não existe, onde está o 'meu'? Duas pessoas olham para uma árvore. Uma delas vê o fruto escondido entre as folhas e a outra não o vê. Não há outra diferença entre as duas pessoas. O que vê sabe que, com um pouco de atenção, a outra pessoa também verá, mas a questão de compartilhar não surge. Acredite em mim, não sou um avaro que guarda a parte da realidade que é de você. Pelo contrário, sou todo seu, coma-me e beba-me. Mas enquanto você repete verbalmente: 'Dê-me, dê-me', não faz nada para tomar o que é oferecido. Estou lhe mostrando um caminho curto e fácil para que seja capaz de ver o que eu vejo, mas você segue apegado a seus

velhos hábitos de pensamento, sentimento e ação e joga toda a culpa em mim. Eu não tenho nada que você não tenha. O autoconhecimento não é um pedaço de propriedade que possa ser oferecido e aceito. É uma dimensão totalmente nova, onde não há nada a dar ou a tomar.

P: Dê-nos, ao menos, alguma percepção do conteúdo de sua mente em sua vida quotidiana. Comer, beber, falar, dormir – como você sente isto de seu extremo?

M: As coisas comuns da vida eu as experimento exatamente como você. A diferença está no que não experimento. Não experimento medo ou cobiça, ódio ou raiva. Não peço nada, não recuso nada, não guardo nada. Nestas questões não faço concessões. Talvez seja esta a diferença mais marcante entre nós. Eu não faço compromissos, sou fiel a mim mesmo, enquanto você tem medo da realidade.

P: Do ponto de vista do ocidental, existe algo perturbador em seus modos. Sentar-se solitário em um lugar e não parar de repetir: 'Eu sou Deus, eu sou Deus', parece pura loucura. Como persuadir um ocidental que tais práticas conduzem à suprema sanidade?

M: O homem que proclama ser Deus e o homem que duvida dele, estão ambos enganados. Eles falam num sonho.

P: Se tudo é sonhar, o que é despertar?

M: Como descrever o estado deperto na linguagem do mundo dos sonhos? As palavras não descrevem, são apenas símbolos.

P: Mais uma vez a mesma desculpa de que as palavras não podem expressar a realidade.

M: Se você quiser palavras lhe darei algumas das antigas palavras de poder. Repita qualquer uma delas sem cessar; podem produzir maravilhas.

P: Fala sério? Você diria a um ocidental que repetisse 'Om' ou 'Ram' ou 'Hare Krsna' sem cessar, ainda que lhe faltasse completamente a fé e a convicção nascidas do fundo cultural e religioso corretos? Sem confiança e fervor, repetir mecanicamente os mesmos sons alcançaria alguma coisa?

M: Por que não? É o desejo, o motivo oculto, o que importa, não a forma em que se apresenta. Qualquer coisa ele faça, se ele a fizer para encontrar seu próprio ser real, certamente o levará até ele.

P: Não necessitaria de fé na eficiência dos meios?

M: Não necessitaria da fé que é apenas a expectativa de resultados. Aqui só conta a ação. Qualquer coisa que faça pela verdade o levará à verdade. Apenas seja sério e honesto. Dificilmente importa a forma tomada.

P: Então onde está a necessidade de expressar os próprios desejos?

M: Não há necessidade. Não fazer nada dá no mesmo. O mero desejo, não diluído pelo pensamento e pela ação, desejo puro e concentrado, levará você rapidamente à sua meta. O que importa é o verdadeiro motivo, não a forma empregada.

P: Incrível! Como poderia a embotada e tediosa repetição, beirando o desespero, ser efetiva?

M: Os próprios fatos da repetição, do esforço continuado, da resistência e da perseverança, apesar do tédio e do desespero, e da completa falta de convicção, são realmente cruciais. Não são importantes por si mesmos, mas a sinceridade por trás deles é de grande importância. Deve haver um impulso que vem de dentro; e uma influência, de fora.

P: Minhas perguntas são típicas de um ocidental. Lá as pessoas pensam em termos de causa e efeito, meios e objetivos. Não veem que conexão causal possa haver entre uma palavra particular e a Realidade Absoluta.

M: Não há nenhuma, seja qual for. Mas há uma conexão entre a palavra e seu significado, entre a ação e seu motivo. A prática espiritual é a vontade afirmada e reafirmada. Quem não tiver coragem não aceitará o real embora lhe seja oferecido. O único obstáculo é a má vontade nascida do medo.

P: Que há para temer ali?

M: O desconhecido. O não ser, o não conhecer, o não fazer. O além.

P: Quer dizer que, enquanto pode compartilhar conosco sua realização, não pode compartilhar seus frutos?

M: Claro que posso compartilhar os frutos e o estou fazendo o tempo todo. Mas minha linguagem é silenciosa. Aprenda a ouvir e a entender.

P: Não vejo como começar sem convicção.

M: Permaneça comigo algum tempo ou ponha sua mente no que digo e faço, e a convicção virá.

P: Nem todos têm a oportunidade de encontrar-se com você.

M: Encontre seu próprio ser. Esteja com seu próprio ser, escute-o, obedeça-lhe, ame-o, tenha-o sempre em mente. Não necessita outro

guia. Enquanto seu desejo de verdade afetar sua vida diária, tudo estará bem para você. Viva sua vida sem ferir ninguém. Não causar dano é a forma de Ioga mais poderosa, e o levará rapidamente à sua meta. Isto é o que eu chamo nisarga yoga, ou Ioga Natural. É a arte de viver em paz e harmonia, em amizade e amor. Seu fruto é a felicidade sem causa e interminável.

P: Ainda assim, tudo isto pressupõe certa fé.

M: Volte-se para seu interior, e você confiará em si mesmo. Em todo o resto, a confiança chega com a experiência.

P: Quando um homem me diz que conhece algo que eu não conheço, tenho o direito de perguntar: 'O que você sabe que eu não sei?'

M: E se ele lhe disser que não poderá ser transmitido em palavras?

P: Então, o observo com atenção e tento compreender.

M: E isto é exatamente o que quero que você faça! Seja interessado, atento, até que se estabeleça uma corrente de entendimento mútuo. Então, compartilhar será fácil. De fato, toda realização é apenas compartilhar. Você entra em uma consciência mais ampla e a compartilha. A resistência a entrar e a compartilhar é o único obstáculo. Eu nunca falo de diferenças porque para mim não há nenhuma. Você o faz, assim é você quem tem que as mostrar para mim. Certamente, mostre-me as diferenças. Para isto, teria que me compreender, mas então já não falaria de diferenças. Entenda bem uma coisa e terá chegado. O que o impede de conhecer não é a falta de oportunidade, mas a falta de habilidade para focalizar em sua mente o que quer entender. Se pudesse lembrar o que não conhece, isto revelaria a você seus segredos. Mas se você for superficial e impaciente, não sério o bastante para olhar e esperar, você será como uma criança que chora pedindo a lua.

39
NADA TEM EXISTÊNCIA POR SI MESMO

Pergunta: Escutando-o, dou-me conta de que é inútil fazer-lhe perguntas. Quaisquer que sejam elas, invariavelmente, você as desvia e me leva ao fato básico de que eu estou vivendo uma ilusão criada por mim

mesmo, e que a realidade não pode ser expressa em palavras. As palavras só aumentam a confusão, e a única direção prudente é a silenciosa busca interior.

Maharaj: Afinal de contas, a mente é a que cria a ilusão e é ela que fica livre dela. As palavras podem agravar a ilusão; as palavras podem também ajudar a dissipá-la. Não há nada errado em repetir a mesma verdade, frequentemente, até que se torne realidade. O trabalho da mãe não acaba com o nascimento da criança; ela o alimenta dia após dia, ano após ano, até que não seja mais necessária. A pessoa precisa ouvir palavras até que os fatos lhe falem mais alto que elas.

P: De modo que somos crianças que se deve alimentar com palavras?

M: Enquanto você der importância às palavras, continuará uma criança.

P: Tudo bem, então seja a nossa mãe.

M: Onde estava a criança antes de nascer? Não estava com a mãe? Porque já estava com a mãe, ela pôde nascer.

P: Certamente, a mãe não levava a criança quando ela própria ainda era uma criança.

M: Potencialmente, ela era a mãe. Vá além da ilusão do tempo.

P: Sua resposta é sempre a mesma. Uma espécie de mecanismo de um relógio que bate as mesmas horas repetidamente.

M: Nada pode ser feito. Assim como o sol se reflete em um bilhão de gotas de orvalho, da mesma forma o atemporal se repete interminavelmente. Quando repito: 'Eu sou, Eu sou', meramente afirmo e reafirmo um fato sempre presente. Você se cansa de minhas palavras porque não vê a verdade viva por trás delas. Contate-a e encontrará o significado pleno das palavras e do silêncio – de ambos.

P: Você diz que a menina já seria mãe de seu futuro filho. Potencialmente, sim; realmente, não.

M: O pensamento transforma o potencial em real. O corpo e seus assuntos existem na mente.

P: E a mente é consciência em movimento, e a consciência é o aspecto condicionado (saguna) do Eu. O incondicionado (nirguna) é outro aspecto, e além dele está o abismo do absoluto (paramartha).

M: Exato, você o expressou belamente.

P: Mas para mim estas são meras palavras. Ouvi-las e repeti-las não é suficiente, elas devem ser experimentadas.

M: Nada o detém salvo a preocupação com o externo que o impede de focar o interno. Não pode fazer nada, não pode ignorar seu sadhana. Terá que se afastar do mundo e ir para dentro, até que o externo e o interno se fundam, e você possa ir além do condicionado, seja interno ou externo.

P: Sem dúvida, o incondicionado é meramente uma ideia na mente condicionada. Por si mesmo não tem existência.

M: Por si mesmo nada tem existência. Tudo necessita de sua própria ausência. Ser é ser distinto, estar aqui e não lá, ser agora e não em seguida, ser assim e não de outra forma. Exatamente como a água toma a forma do recipiente, assim todas as coisas estão determinadas pelas condições (gunas). Como a água que segue sendo água, independente dos vasilhames, assim como a luz que segue sendo luz, independente das cores que produz, o real segue sendo real, independente das condições nas quais se reflete. Por que manter apenas o reflexo no foco da consciência? Por que não o próprio real?

P: A própria consciência é um reflexo. Como poderia conter o real?

M: Saber que a consciência e seu conteúdo são apenas reflexos mutáveis e transitórios é focar o real. Negar-se a ver a serpente na corda é a condição necessária para ver a corda.

P: Só necessária ou também suficiente?

M: Deve-se saber também que existe a corda e que se parece como uma cobra. De modo similar, deve-se saber que o real existe e que é da natureza da consciência-testemunha. Certamente está além da testemunha, mas, para entrar nele, deve-se entender primeiro o estado de puro testemunhar. A Consciência das condições o leva ao incondicionado.

P: O incondicionado pode ser experienciado?

M: Conhecer o condicionado como o condicionado é tudo o que pode ser dito sobre o incondicionado. Os termos positivos são meras indicações, e enganam.

P: Podemos falar de testemunhar o real?

M: Como poderíamos? Podemos falar apenas do irreal, do ilusório, do transitório, do condicionado. Para ir além, deveremos negar a tudo a existência independente. Todas as coisas são dependentes.

P: De que dependem?

M: Da consciência. E a consciência depende da testemunha.

P: E a testemunha depende do real?

M: A testemunha é um reflexo do real em toda sua pureza. Depende da condição da mente. Onde predominam a claridade e o desapego, surge a consciência-testemunha. É como dizer que, onde a água está limpa e tranquila, a imagem da lua aparece. Ou como a luz do dia que aparece como flashes no diamante.

P: Pode haver consciência sem a testemunha?

M: Sem a testemunha, converte-se em inconsciência, simplesmente vida. A testemunha está latente em cada estado de consciência, como a luz em cada cor. Não pode existir nenhum conhecimento sem o conhecedor e nenhum conhecedor sem sua testemunha. Não apenas você sabe, mas sabe que sabe.

P: Se o incondicionado não pode ser experienciado, pois toda experiência é condicionada, então por que falar dele em tudo?

M: Como poderia haver conhecimento do condicionado sem o incondicionado? Deve existir uma fonte da qual tudo isto flui, um fundamento no qual tudo se apoie. A autorrealização é, antes de tudo, o conhecimento do próprio condicionamento, e a Consciência de que a variedade infinita de condições depende de nossa habilidade infinita de sermos condicionados e de dar origem a esta variedade. Para a mente condicionada, o incondicionado aparece como totalidade bem como a ausência de tudo. Tampouco pode ser experimentado diretamente, mas isto não o faz inexistente.

P: Não seria um sentimento?

M: Um sentimento é também um estado da mente. Como um corpo saudável que não requer atenção, o incondicionado está livre de experiência. Veja a experiência da morte. O homem comum tem medo de morrer porque tem medo da mudança. O gnani não tem medo porque sua mente já está morta. Ele não pensa: 'Eu vivo'. Ele sabe: 'Há vida'. Não há mudança nele e nenhuma morte. A morte parece ser uma mudança no tempo e no espaço. Onde não há nem tempo nem espaço, como poderia existir a morte? O gnani já está morto para o nome e a forma. Como poderia afetar-lhe a perda disso? O homem que está dentro de um trem viaja de um lugar para outro, mas o homem fora do trem não vai a nenhuma parte já que não está limitado pelo destino. Não tem para onde ir,

nada para fazer, nada a vir a ser. Aqueles que fazem planos nascerão para realizá-los. Aqueles que não fazem planos não necessitam nascer.

P: Qual é o propósito do prazer e da dor?

M: Existem por si mesmos ou só na mente?

P: Existem, ainda assim. Não importa a mente.

M: O prazer e a dor são meros sintomas, os resultados de conhecimento e de sentimento incorretos. Um resultado não pode ter propósito próprio.

P: Na economia de Deus, tudo deve ter um propósito.

M: Você conhece o Deus do qual fala tão livremente? Que é Deus para você? Um som, uma palavra escrita, uma ideia na mente?

P: Por seu poder nasci e me mantenho vivo.

M: E sofre e morre. Você está contente?

P: Talvez, por minha própria culpa, sofra e morra. Eu fui criado para a vida eterna.

M: Por que eterna no futuro e não no passado? O que tem um princípio deve ter um fim. Só o que não começa é interminável.

P: Deus pode ser um mero conceito, uma hipótese de trabalho. Mesmo assim, um conceito muito útil!

M: Para isto teria que ser livre de contradições internas, o que não é o caso. Por que não trabalhar com a teoria de que você é sua própria criação e seu próprio criador? Ao menos não existirá um Deus externo com o qual combater.

P: O mundo é tão rico e complexo – como eu poderia tê-lo criado?

M: Você se conhece o suficiente para saber o que pode ou não fazer? Não conhece seus próprios poderes. Você nunca investigou. Comece por você mesmo agora.

P: Todos acreditam em Deus.

M: Para mim, você é seu próprio Deus. Mas, se pensa de outro modo, pense-o até o final. Se há Deus, então tudo é de Deus e tudo é para melhor. Aceite tudo o que vier com um coração alegre e agradecido. E ame a todas as criaturas. Isto também o levará a seu ser.

40
APENAS O EU É REAL

Maharaj: O mundo é apenas um espetáculo cintilante e vazio. Existe e, ainda assim, não existe. Está aí enquanto eu quero vê-lo e participar dele. Quando deixo de interessar-me, dissolve-se. Ele não tem causa e não serve a nenhum propósito. Acontece quando estamos distraídos. Surge exatamente como parece ser, mas nele não há nem profundidade, nem significado. Só o observador é real, chame-o Eu ou Atma. Para o Ser, o mundo é apenas um espetáculo colorido que ele aprecia enquanto dura, e que esquece quando termina. Qualquer coisa que aconteça no palco o faz tremer de terror ou rolar de rir, e ainda assim, está sempre consciente de que é apenas um espetáculo. Sem desejo ou medo, desfruta-o tal como acontece.

Pergunta: A pessoa imersa no mundo tem uma vida de muitos sabores. Ela chora, ri, ama, odeia, deseja e teme, sofre e se alegra. Que vida tem o gnani sem desejo e sem medo? Não vive desamparado em seu isolamento?

M: Seu estado não é tão desolado. Ele experimenta uma bem-aventurança pura, sem causa, concentrada. É feliz e totalmente consciente de que a felicidade é sua própria natureza, e que ele não necessita fazer nada nem lutar por nada para assegurá-la. Ela o acompanha, mais real que o corpo, mais próxima que a própria mente. Você imagina que a felicidade não pode existir sem causa. Para mim, depender de algo para ser feliz é miséria absoluta. O prazer e a dor têm causas, enquanto meu estado é meu próprio, totalmente incausado, independente, inexpugnável.

P: Como uma peça no palco?

M: A peça foi escrita, planejada e ensaiada. O mundo simplesmente surge do nada e volta ao nada.

P: Não há criador? Não estava o mundo na mente de Brahma antes de ser criado?

M: Enquanto você estiver fora de meu estado, você terá Criadores, Preservadores e Destruidores; mas, uma vez comigo, só conhecerá o Eu, e verá a si mesmo em tudo.

P: Apesar disso você funciona.

M: Quando você está tonto, vê o mundo girando ao seu redor. Obcecado com a ideia de meios e fins, trabalhos e propósitos, você me vê aparentemente funcionando. Na realidade apenas vejo. Tudo o que ocorre, ocorre no palco. A alegria e a tristeza, a vida e a morte são reais para o homem cativo; para mim, estão no espetáculo, tão irreais como ele mesmo.

Eu posso perceber o mundo como você, mas você crê estar dentro dele, enquanto eu o vejo como uma gota irisada no vasto espaço da consciência.

P: Nós todos estamos envelhecendo. A velhice não é agradável – dores e sofrimentos, fraqueza e um final próximo. Como se sente o gnani como um homem velho? Como seu ser interior vê sua própria senilidade?

M: À medida que envelhece, sente-se mais e mais feliz, e em paz. Afinal, está indo para casa. Como um viajante que se aproxima de seu destino e recolhe a bagagem, ele deixará o trem sem pesar.

P: Seguramente, há uma contradição. Disseram-nos que o gnani está além da mudança. Sua felicidade nem cresce nem se desvanece. Como poderia tornar-se mais feliz ao envelhecer, apesar da debilidade física e tudo o mais?

M: Não há contradição. O novelo do destino está chegando a seu fim – a mente está feliz. A névoa da existência corpórea está se desfazendo – a carga do corpo é menor a cada dia.

P: Digamos que o gnani esteja enfermo. Pegou uma gripe e as articulações doem e ardem. Qual será seu estado mental?

M: Toda sensação é contemplada com perfeita equanimidade. Não há desejo por ela, nem rejeição. Ela é como é, e ele a olha com um sorriso de amoroso desapego.

P: Ele pode estar desapegado de seu próprio sofrimento, mas ainda assim há sofrimento.

M: Existe, mas não importa. Em qualquer estado em que estou, vejo-o como um estado mental que devo aceitar como é.

P: Dor é dor. Você a experimenta de todo modo.

M: Aquele que experimenta o corpo experimenta suas dores e prazeres. Eu não sou nem o corpo, nem o que experiencia o corpo.

P: Imaginemos que você tenha vinte e cinco anos. Preparam seu casamento e o celebram, e as obrigações domésticas amontoam-se sobre você. Como se sentiria?

M: Como me sinto agora. Você continua insistindo em que meu estado interior seria moldado pelos eventos externos. Simplesmente não é assim. Aconteça o que acontecer, eu permaneço. Na raiz de meu ser está a Consciência pura, uma faísca de luz intensa. Esta faísca, por sua própria natureza, irradia e cria imagens no espaço e fatos no tempo – sem esforço e espontaneamente. Enquanto isto for meramente consciente, não haverá problemas. Mas, quando a mente discriminativa surgir e criar distinções, a dor e o prazer surgirão. Durante o sono, a mente estará em suspensão assim como a dor e o prazer. O processo da criação continuará, mas não será advertido. A mente é uma forma de consciência, e a consciência é um aspecto da vida. A vida cria todas as coisas, mas o Supremo está além de tudo.

P: O Supremo é o mestre e a consciência – sua serva.

M: O mestre está na consciência, não além dela. Em termos de consciência, o Supremo é criação e dissolução, concreção e abstração, o focal e o universal. Mas não é nenhum deles também. As palavras não chegam ali, nem a mente.

P: O gnani parece um ser muito solitário, todo por si mesmo.

M: Está só, mas ele é tudo. Não é nem mesmo um ser. É o ser de todos os seres. Nem mesmo isso. Não há palavras que possam ser aplicadas a ele. Ele é o que é, o fundamento da qual tudo cresce.

P: Você não tem medo de morrer?

M: Vou contar-lhe como morreu o Guru de meu Guru. Depois de anunciar que seu fim estava se aproximando, deixou de comer, sem mudar a rotina da vida diária. No décimo-primeiro dia, na hora das orações, estava cantando e batendo palmas vigorosamente e caiu morto! Simplesmente assim, entre dois movimentos, como uma vela que se apaga. Todos morrem como vivem. Não tenho medo da morte porque não tenho medo da vida. Vivo uma vida feliz e terei uma morte feliz. A miséria é nascer, não morrer. Tudo depende de como você olha para ela.

P: Não pode existir nenhuma evidência de seu estado. Tudo o que sei dele é o que você me diz. Tudo o que vejo é um velho muito interessante.

M: Você é o velho interessante, eu não! Eu nunca nasci. Como poderia envelhecer? O que eu pareço ser para você existe apenas na sua mente. Não estou preocupado com isto.

P: Mesmo como sonho, você é um sonho muito incomum.

M: Eu sou um sonho que pode lhe acordar. Você terá a prova disso no momento em que despertar.

P: Imagine que lhe chegam notícias de que morri. Alguém lhe diz: 'Conhece fulano de tal? Ele morreu'. Qual seria sua reação?

M: Estarei muito feliz que tenha voltado para casa. Realmente contente de vê-lo fora desta loucura.

P: Que loucura?

M: A de pensar que você nasceu e que morrerá, que você é um corpo que exibe uma mente e todas estas tolices. Em meu mundo, ninguém nasce e ninguém morre. Algumas pessoas saem de viagem e regressam, algumas nunca saem. Que diferença há, já que viajaram à terra dos sonhos, cada um envolto em seu próprio sonho? Apenas o despertar é importante. É suficiente conhecer o 'eu sou' como a realidade e, também, o amor.

P: Minha perspectiva não é tão absoluta, daí minha pergunta. Em todo Ocidente, as pessoas andam buscando algo real. Estão se voltando à ciência que lhes diz muitas coisas sobre a matéria, um pouco sobre a mente, e nada sobre a natureza e o propósito da consciência. Para eles a realidade é objetiva, o observável e descritível, diretamente ou por inferência; do aspecto subjetivo da realidade nada sabem. É extremamente importante fazê-los saber que a realidade existe e que é encontrada na liberdade da consciência da matéria e de suas limitações e distorções. A maioria das pessoas não sabe que a realidade existe e que pode ser encontrada e experienciada na consciência. Parece muito importante que ouçam as boas novas de alguém que a tenha experienciado realmente. Tais testemunhas sempre existiram e seu testemunho é precioso.

M: Certamente. O evangelho da autorrealização, uma vez ouvido, nunca será esquecido. Como uma semente deixada na terra, ela esperará a estação adequada e germinará, e crescerá como uma poderosa árvore.

41
DESENVOLVA A ATITUDE DA TESTEMUNHA

Pergunta: Qual é o estado mental diário, hora a hora, de um homem realizado? Como vê, ouve, come, bebe, acorda e dorme, trabalha e descansa? Que prova há de que seu estado é diferente do nosso? Fora do testemunho verbal dos chamados homens realizados, não há modo de verificar objetivamente seu estado. Não existem algumas diferenças observáveis em suas respostas fisiológicas ou nervosas, em seu metabolismo, ou nas ondas do cérebro, ou em sua estrutura psicossomática?

Maharaj: Você pode encontrar diferenças ou não. Tudo depende de sua capacidade de observação. As diferenças objetivas são, contudo, da menor importância. O que importa é sua perspectiva, sua atitude, a qual é de desapego total, de solidão, de afastamento.

P: O gnani não sente dor quando seu filho morre? Ele não sofre?

M: Ele sofre com aqueles que sofrem. O próprio evento é de pouca importância, mas ele está cheio de compaixão pelo ser que sofre, esteja vivo ou morto, no corpo ou fora dele. Afinal de contas, o amor e a compaixão são sua própria natureza. Ele é um com tudo o que vive, e o amor é esta unidade em ação.

P: As pessoas têm muito medo da morte.

M: O gnani não teme nada. Mas se compadece do homem que tem medo. Afinal, é natural nascer, viver e morrer. Ter medo não é. Certamente, dá-se atenção ao evento.

P: Imagine que você esteja doente – febre alta, dores, calafrios. O médico lhe diz que sua condição é séria, que só lhe restam poucos dias de vida. Qual seria sua primeira reação?

M: Nenhuma. Assim como é natural que a varinha de incenso se queime, é natural que o corpo morra. Realmente, é uma questão de pouca importância. O que importa é que eu não sou o corpo nem a mente. Eu sou.

P: Sua família ficará desesperada certamente. O que você lhes diria?

M: As bobagens habituais: não tema, a vida continua, Deus a protegerá, logo estaremos juntos de novo, e assim por diante.

Mas, para mim, toda esta comoção não tem sentido, pois não sou a entidade que se imagina viva ou morta. Eu não nasci, nem posso morrer. Não tenho nada a recordar ou a esquecer.

P: O que me diz das orações pelos mortos?

M: Certamente, ore pelos mortos. Isto lhes agrada muito. Eles são lisonjeados. O gnani não necessita das suas orações. Ele é a resposta às suas orações.

P: Como o gnani se sai depois da morte?

M: O gnani já está morto. Espera que morra outra vez?

P: Seguramente, a dissolução do corpo é um fato importante mesmo para um gnani.

M: Para um gnani não há eventos importantes, exceto quando alguém alcança a meta mais elevada. Só então se alegra seu coração. Tudo o mais não interessa. Todo o universo é seu corpo, toda a vida é sua vida. Do mesmo modo que, em uma cidade iluminada, a lâmpada que queima não afeta a rede, assim a morte de um corpo não afeta o todo.

P: O particular pode não importar ao todo, mas importa ao particular. O todo é uma abstração; o particular, o concreto, é real.

M: Isto é o que você diz. Para mim pode ser de outro modo – o todo é real, a parte vai e vem. O particular nasce e renasce, mudando de nome e de forma; o gnani é a Realidade Imutável que faz possível o que muda. Mas ele não pode dar-lhe a convicção. Deve chegar a ela por sua própria experiência. Comigo tudo é um, tudo é igual.

P: A virtude e o pecado são uma só e a mesma coisa?

M: Estes são valores fabricados pelo homem! Que são para mim? O que termina em felicidade é virtude, o que acaba em dor é pecado. Ambos são estados mentais. O meu não é um estado mental.

P: Nós somos como os cegos que não entendem o que significa ver.

M: Pode dizer como quiser.

P: A prática do silêncio é efetiva como sadhana?

M: Qualquer coisa que faça pela iluminação o aproximará dela. Qualquer coisa que faça, esquecendo-se da iluminação, afasta-lo-á. Mas por que complicar? Simplesmente saiba que você está além e acima de todas as coisas e pensamentos. O que você quer ser já o é. Apenas lembre-se disto.

P: Ouço o que você está dizendo, mas não posso acreditar em você.

M: Eu mesmo estive nessa posição. Mas confiei em meu Guru, e ele provou que estava certo. Confie em mim, se puder. Lembre o que lhe digo: não deseje nada, pois nada lhe falta. A própria busca o impede de encontrar.

P: Você parece tão indiferente a tudo!

M: Não sou indiferente, sou imparcial. Não dou preferência ao eu ou ao meu. Uma cesta de terra e uma cesta de joias não são desejadas. A vida e a morte são o mesmo para mim.

P: A imparcialidade o faz indiferente.

M: Pelo contrário, a compaixão e o amor são meu verdadeiro âmago. Vazio de toda predileção, sou livre para amar.

P: Buda disse que a ideia da iluminação é extremamente importante. A maioria das pessoas passa a vida sem sequer saber que existe algo como a iluminação, não aspirando por ela. Uma vez tendo ouvido sobre ela, semeou-se uma semente que não pode morrer. Portanto, ele enviava seus bhikhus a predicar incessantemente durante oito meses a cada ano.

M: 'Alguém pode dar comida, roupa, abrigo, conhecimento, afeto, mas o maior presente é o evangelho da iluminação', meu Guru costumava dizer isto. Você tem razão, a iluminação é o maior bem. Uma vez que a tenha, ninguém pode tirá-la de você.

P: Se você falasse assim no ocidente, as pessoas o tomariam por louco.

M: Claro que sim! Para o ignorante, tudo o que não pode entender é loucura. E daí? Deixemos que sejam como são. Eu sou como sou, sem nenhum mérito de minha parte, e eles são como são sem nenhuma culpa. A Realidade Suprema se manifesta em inumeráveis modos. As formas e os nomes são infinitos em número. Todos surgem, todos submergem no mesmo oceano, a fonte de tudo é única. Buscar causas e resultados é apenas o passatempo da mente. O que é, é adorável. O amor não é um resultado, é o próprio fundamento do ser. Aonde quer que você for, encontrará o ser, a consciência e o amor. Por que e para quê, fazer diferenças?

P: Quando, por causas naturais, milhares e milhões de vidas se extinguem (como acontece nas inundações e terremotos), não sinto pesar. Mas quando um homem morre pela mão de outro homem, sofro extremamente. O inevitável tem sua própria majestade, mas matar pode ser evitado e, portanto, é cruel e completamente horrível.

M: Tudo acontece como acontece. As calamidades, naturais ou fabricadas pelo homem, acontecem, e não há necessidade de sentir-se horrorizado.

P: Como poderia haver algo sem causa?

M: Em todo evento, o universo inteiro é refletido. A última causa não pode ser rastreada. A própria ideia de causalidade é apenas uma forma de pensar e falar. Não podemos imaginar uma emergência sem causa. Isto, contudo, não prova a existência da causalidade.

P: A natureza não tem mente, portanto é irresponsável. Mas o homem tem uma mente. Por que é tão perversa?

M: As causas da perversidade também são naturais – hereditariedade, meio ambiente, etc. Você condena depressa demais. Não se preocupe com os outros. Primeiro investigue sua própria mente. Quando se der conta que sua mente é também parte da natureza, a dualidade cessará.

P: Há certo mistério que não consigo entender. Como a mente pode ser parte da natureza?

M: Porque a natureza existe na mente; sem a mente, onde estaria a natureza?

P: Se a natureza está na mente, e a mente é minha, eu devo ser capaz de controlar a natureza, o que realmente não é o caso. Forças além de meu controle determinam meu comportamento.

M: Desenvolva a atitude da testemunha e descobrirá por sua própria experiência que o desapego traz controle. O estado de testemunhar está cheio de poder, não há nada passivo nele.

42
A REALIDADE NÃO PODE SER ENUNCIADA

Pergunta: Tenho notado que um novo eu surge em mim, independente do velho eu. De algum modo, coexistem. O velho eu continua com seus modos habituais; o novo deixa que o velho exista, mas não se identifica com ele.

Maharaj: Qual é a principal diferença entre o eu novo e o velho?

P: O velho eu quer tudo definido e explicado. Quer que as coisas se encaixem verbalmente umas às outras. O novo não se preocupa com explicações verbais – aceita as coisas como são e não tenta relacioná-las a coisas lembradas.

M: Você está total e constantemente consciente da diferença entre o habitual e o espiritual? Qual é a atitude do novo eu em relação ao velho?

P: O novo simplesmente olha para o velho. Não é nem amistoso nem hostil, simplesmente aceita o velho eu junto com tudo o mais. Não nega sua existência, mas não aceita seu valor e sua validade.

M: O novo é a negação total do velho. O novo permissivo não é realmente novo. Não é senão uma nova atitude do velho. O realmente novo oblitera completamente o velho. Os dois não podem conviver juntos. Há um processo de autodesnudação, uma constante recusa de aceitar velhas ideias e valores, ou se trata simplesmente de uma tolerância mútua? Qual é a relação entre ambos?

P: Não há uma relação particular. Eles coexistem

M: Quando você fala do velho eu e do novo, a quem tem em mente? Como existe uma continuidade na memória entre os dois, cada um relembrando o outro, como você pode falar de dois eus?

P: Um é escravo dos hábitos, o outro, não. Um conceitua, o outro está livre de todas as ideias.

M: Por que dois eus? Entre o limitado e o livre não pode existir alguma relação. O próprio fato da coexistência prova que são basicamente um. Apenas existe um eu que sempre está no agora. O que você chama o outro eu – velho ou novo – é apenas uma modalidade, outro aspecto do único eu. O eu é único. Você é este eu e tem ideias do que foi ou será. Mas uma ideia não é o eu. Agora mesmo, sentado frente a mim, que eu é você? O velho ou o novo?

P: Os dois estão em conflito.

M: Como pode existir conflito entre o que é e o que não é? O conflito é a característica do velho. Quando o novo emerge, o velho não existe mais. Você não pode falar do novo e do conflito ao mesmo tempo. Mesmo o esforço de lutar pelo novo eu é do velho. Onde há conflito, esforço, luta, desejo de mudança, o novo não existe. Até que ponto você está livre da tendência habitual de criar e perpetuar conflitos?

P: Não posso dizer que agora sou um homem diferente. Mas descobri coisas novas sobre mim mesmo, estados tão diferentes dos que conhecia anteriormente que me sinto justificado ao chamá-los novos.

M: O velho eu é seu próprio eu. O estado que surge de repente e sem causa não leva manchas do eu; pode chamá-lo 'deus'. O que não tem semente nem raiz, o que não germina nem cresce, nem floresce nem dá fruto, o que surge repentinamente e em plena glória, misteriosa e maravilhosamente, pode chamá-lo 'deus'. Isto é inteiramente inesperado, mas inevitável, infinitamente familiar, mas o mais surpreendente, além de toda esperança, mas absolutamente certo. Como não tem causa, carece de impedimento. Só obedece a uma lei: a lei da liberdade. Qualquer coisa que implique uma continuidade, uma sequência, um passar de etapa em etapa, não pode ser o real. Na realidade, não há progresso; ela é final, perfeita, sem relação com coisa alguma.

P: Como posso produzi-la?

M: Não pode fazer nada para produzi-la; mas você pode evitar a criação de obstáculos. Observe sua mente, como surge, como funciona. Ao observar sua mente, você descobre o seu ser como o observador. Quando permanecer quieto, apenas observando, você descobre o seu ser como a luz por trás do observador. A fonte de luz é escura, a fonte do conhecimento é desconhecida. Só a fonte é. Volte para esta fonte e permaneça lá. Não está nem no céu, nem no éter que a tudo abrange. Deus é tudo o que é grande e maravilhoso. Eu não sou nada, não tenho nada, nada posso fazer. E, ainda assim, tudo sai de mim – a fonte sou eu; eu sou a raiz, a origem.

Quando a realidade explodir em você, pode chamá-la experiência de Deus. Ou, melhor, é Deus experienciando você. Deus o conhece quando você se conhece. A realidade não é o resultado de um processo; é uma explosão. Está definitivamente além da mente, mas tudo o que você pode fazer é conhecer bem sua mente. Não que a mente o ajudará, mas, conhecendo-a, poderá evitar que ela o desqualifique. Tem que estar muito alerta ou a mente o enganará. É como vigiar um ladrão – não que você espere qualquer coisa de um ladrão, mas não quer ser roubado. Do mesmo modo, preste muita atenção à mente, sem esperar nada dela.

Ou examine outro exemplo. Despertamos e dormimos. Depois de um dia de trabalho, chega o sono. Agora, sou eu que vou dormir ou é a inadvertência – característica do estado de sono – que vem a mim? Em ou-

tras palavras, estamos acordados porque estamos adormecidos. Não despertamos realmente em um estado de vigília. No estado de vigília, o mundo emerge devido à ignorância e nos leva a um estado de vigília-sonho. Dormir e a vigília são nomes impróprios. Estamos sonhando apenas. A verdadeira vigília e o verdadeiro sonhar só o gnani os conhece. Nós sonhamos que estamos despertos, sonhamos que estamos adormecidos. Os três estados são apenas variedades do sonhar. Tratar tudo como um sonho libera. Enquanto der realidade aos sonhos, você será seu escravo. Ao imaginar que você nasceu como fulano de tal, você se escraviza ao fulano de tal. A essência da escravidão é imaginar que se é um processo, que se tem passado e futuro, que se tem história. De fato, não temos história, não somos um processo, não nos desenvolvemos nem decaímos; além disso veja tudo como um sonho e fique fora dele.

P: Que benefício deriva de escutar você?

M: Estou chamando-o de volta a si mesmo. Tudo o que lhe peço é olhar para si mesmo, em direção a si mesmo, para o interior de si mesmo.

P: Com que propósito?

M: Você vive, pensa, sente. Prestando atenção ao seu viver, ao seu pensar e sentir, você se liberta deles e vai além. Sua personalidade se dissolve e apenas a testemunha permanece. Então você vai além da testemunha. Não pergunte como isto acontece. Simplesmente busque dentro de você.

P: O que estabelece a diferença entre a pessoa e a testemunha?

M: Ambas são modos de consciência. Em uma você deseja e teme, na outra, o prazer e a dor não o afetam, os acontecimentos não o perturbam. Deixe-os vir e ir.

P: Como alguém se estabelece no estado mais elevado, o estado de puro testemunhar?

M: A consciência não brilha por si mesma. Brilha por uma luz além dela. Tendo visto a qualidade onírica da consciência, busque a luz na qual ela aparece e que lhe dá o ser. Há o conteúdo da consciência assim como a Consciência desse conteúdo.

P: Eu sei e sei que sei.

M: É isso, desde que o segundo conhecimento seja incondicional e atemporal. Esqueça o conhecido, mas lembre que você é o conhecedor. Não fique todo o tempo imerso em suas experiências. Lembre que está

além do experienciador, que você nunca nasceu e nunca morrerá. Ao recordar isto, a qualidade do conhecimento puro – a luz da Consciência incondicional – emergirá.

P: Até que ponto se experimenta a realidade?

M: A experiência é de mudança, ela vai e vem. A realidade não é um evento, não pode ser experienciada. Não pode ser perceptível como um evento o é. Se você espera que ocorra um evento para a vinda da realidade, esperará para sempre, já que a realidade nem vai nem vem. Ela é para ser percebida, não esperada. Não é para ser preparada nem antecipada. Mas a própria busca e o desejo da realidade são o movimento, a operação, a ação da realidade. Tudo o que pode fazer é compreender o ponto central, ou seja, que a realidade não é um evento e não acontece, e que tudo o que acontece, tudo que vai e vem, não é a realidade. Veja o evento apenas como um evento, o transitório como transitório, a experiência como mera experiência, e terá feito tudo o que poderia fazer. Então você fica vulnerável à realidade, não está armado contra ela, como quando dava realidade aos eventos e às experiências. Mas, yão logo que existir alguma preferência ou desagrado, você terá erigido uma tela.

P: Você diria que a realidade se expressa na ação em vez de no conhecimento? Ou seria um tipo de sentimento?

M: Nem a ação, nem o sentimento, nem o pensamento, expressam a realidade. Não existe tal expressão da realidade. Você está introduzindo dualidade onde não há nenhuma. Só a realidade é, não há mais nada. Os três estados de vigília, sonho e sono profundo não são eu e não estou neles. Quando eu morrer, o mundo dirá: 'Oh, o Maharaj está morto!' Mas, para mim, estas palavras não terão conteúdo, não terão significado. Quando se faz a cerimônia de adoração ante a imagem do Guru, tudo acontece como se ele despertasse, tomasse banho, comesse ou descansasse, fosse dar um passeio e regressasse bendizendo a todos, e fosse dormir. Cuida-se de tudo até o mínimo detalhe, e ainda assim há um sentido de irrealidade em tudo isto. O mesmo acontece comigo. Tudo acontece como deve, ainda assim não acontece nada; eu faço o que parece ser necessário, mas, ao mesmo tempo, sei que nada é necessário, que a própria vida é apenas um faz de conta.

P: Então por que viver? Por que todo este desnecessário ir e vir, despertar e dormir, comer e digerir?

M: Eu não faço nada, tudo simplesmente acontece; não tenho expectativas, não faço planos, eu apenas observo os eventos acontecendo, sabendo que são irreais.

P: Você sempre foi assim desde o primeiro momento da iluminação?

M: Os três estados seguem como de costume – há despertar, dormir, e despertar de novo, mas não acontecem a mim. Simplesmente acontecem. Para mim nada jamais acontece. Existe algo que não muda, que é imóvel, firme como uma rocha, inexpugnável; uma massa sólida de puro ser-consciência-bem-aventurança. Eu nunca estou fora dela. Nada pode me tirar dela, nenhuma tortura, nenhuma calamidade.

P: Mas, ainda assim, você é consciente!

M: Sim e não. Há paz – profunda, imensa, inabalável. Os eventos são registrados na memória, mas são de nenhuma importância. Dificilmente estou consciente deles.

P: Se eu o entendi bem, este estado não veio mediante cultivo.

M: Não houve nenhuma chegada. Foi assim, sempre. Houve uma revelação e foi repentina. Assim como você, ao nascer, de repente descobriu o mundo, do mesmo modo repentinamente eu descobri meu ser real.

P: Estava tudo nublado e seu sadhana dissolveu a névoa? Quando seu verdadeiro estado tornou-se claro para você, permaneceu sempre claro, ou voltou a obscurecer-se? Sua condição é permanente ou intermitente?

M: Absolutamente estável. Sem importar o que eu faça, permanece como uma rocha, imóvel. Uma vez que você tenha despertado para a realidade, você permanecerá nela. Uma criança não regressa ao útero! É um estado simples, menor que o menor, maior que o maior. É autoevidente e está além da descrição.

P: Há um caminho para ele?

M: Tudo pode tornar-se um caminho, desde que esteja interessado. Simplesmente ficar intrigado com minhas palavras tentando alcançar todo seu significado será sadhana mais que suficiente para derrubar o muro. Nada me perturba. Não ponho resistência aos problemas – portanto, não permanecem comigo. No seu lado há muitos problemas. No meu não há problemas de nenhum tipo. Venha para meu lado. Você está propenso aos problemas. Eu estou imune. Pode ocorrer qualquer coisa – o que é necessário é o interesse sincero. A seriedade faz isto.

P: Eu posso fazê-lo?

M: Certamente. Você é totalmente capaz de passar para meu lado. Apenas seja sincero.

43
A IGNORÂNCIA PODE SER RECONHECIDA, NÃO GNANA

Pergunta: Ano após ano, o seu ensinamento permanece o mesmo. Não parece haver nenhum progresso no que nos diz.

Maharaj: Em um hospital, os enfermos são tratados e ficam bem. O tratamento é rotineiro, quase sem alterações, mas não há nada monótono na saúde. Meu ensinamento pode ser rotineiro, mas seus frutos são novos para cada homem.

P: O que é a realização? Quem é um homem realizado? Pelo que se reconhece um gnani?

M: Não há sinais distintivos de gnana. Apenas a ignorância pode ser reconhecida, não gnana. O gnani não reivindica ser algo especial. Todos aqueles que proclamam sua própria grandeza e singularidade não são gnanis. Estão confundindo algum desenvolvimento pouco comum com a realização. O gnani não mostra inclinação para proclamar-se um gnani. Ele se considera perfeitamente normal, fiel à sua natureza real. Proclamar-se onipotente, onisciente, deidade todo-poderosa, é um claro sinal de ignorância.

P: Pode o gnani transmitir sua experiência ao ignorante? Pode gnana ser transmitido de uma pessoa a outra?

M: Sim, pode. As palavras de um gnani têm o poder de dissipar a ignorância e a obscuridade da mente. O que importa não são as palavras, mas o poder por trás delas.

P: Qual é esse poder?

M: O poder da convicção baseado na realização pessoal, na própria experiência direta.

P: Algumas pessoas realizadas dizem que o conhecimento deve ser ganho, não obtido. Outro pode ensinar, mas aprender depende de cada um.

M: Vem a ser o mesmo.

P: Há muitos que praticaram Ioga durante anos e anos, sem qualquer resultado. Qual pode ser a causa de terem fracassado?

M: Alguns são viciados em transes, com suas consciências em suspensão. Sem consciência plena, que progresso poderia existir?

P: Muitos estão praticando samadhis (estado de absorção arrebatadora). Nos samadhis, a consciência é muito intensa, ainda assim eles não resultam em nada.

M: Que resultados você esperaria? E porque deveria o gnana ser resultado de algo? Uma coisa conduz a outra, mas o gnana não é uma coisa a ser limitada por causas e resultados. Está por completo além da causalidade. É o morar no ser. O Iogue chega a conhecer muitas maravilhas, mas, em relação ao eu, permanece um ignorante. O gnani pode parecer e sentir-se muito comum, mas o eu ele conhece bem.

P: Há muitos que aspiram seriamente o autoconhecimento, mas com escassos resultados. Qual seria a causa disto?

M: Não investigaram suficientemente as origens do conhecimento, não conhecem bem seus sentimentos, sensações e pensamentos. Esta pode ser a causa do atraso. A outra – alguns desejos podem ainda estar vivos.

P: Os altos e baixos são inevitáveis no sadhana. Mesmo assim o buscador sincero segue trabalhando vagarosamente apesar de tudo. O que pode fazer o gnani para tal buscador?

M: Se o buscador é sério, a luz pode ser dada. A luz é para todos e sempre está ali, mas os buscadores são poucos e, entre esses poucos, os que estão prontos são muito raros. O amadurecimento da mente e do coração é indispensável.

P: Você obteve seu próprio estado de realização por meio do esforço ou pela graça de seu Guru?

M: O ensinamento foi do Guru; a confiança, minha. Minha confiança nele fez com que eu aceitasse suas palavras como verdadeiras, que eu aprofundasse nelas, que as vivesse, e assim foi como cheguei a realizar o que eu sou. A pessoa e as palavras do Guru fizeram com que eu confiasse nele, e minha confiança as fez frutíferas.

P: Mas um Guru pode dar a realização sem palavras, sem confiança, simplesmente assim, sem nenhuma preparação?

M: Sim, pode ser feito, mas onde está o que a receberá? Veja você, eu estava tão harmonizado com meu Guru, crendo nele de forma tão completa, com tão pouca resistência em mim, que tudo aconteceu de forma fácil e rápida. Mas nem todos são tão afortunados. A preguiça e a inquietação frequentemente se põem no caminho e, até que sejam vistas e removidas, o progresso será lento. Todos aqueles que se realizaram imediatamente, por um mero toque, olhar ou pensamento, estavam maduros para isso. Mas esses são muito poucos. A maioria necessita tempo para amadurecer. O sadhana é um amadurecimento acelerado.

P: Que faz alguém maduro? Qual é o fator do amadurecimento?

M: Certamente a seriedade, deve-se estar realmente ansioso. Depois de tudo, o homem realizado é o homem mais sério. Tudo o que faz, faz completamente, sem limitações ou reservas. A integridade o levará à realidade.

P: Você ama o mundo?

M: Quando o ferem, você chora. Porquê? Porque ama a si mesmo. Não reprima seu amor limitando-o ao corpo, mantenha-o livre. Então será amor por tudo. Quando todas as autoidentificações são jogadas fora, o que fica é o amor universal. Desprenda-se de todas as ideias sobre si mesmo, mesmo da ideia de que você é Deus. Nenhuma autodefinição é válida.

P: Estou cansado de promessas. Estou cansado de sadhanas que ocupam todo o meu tempo e levam toda minha energia sem dar-me nada. Quero a realidade aqui e agora. Posso tê-la?

M: Claro que pode, desde que realmente esteja farto de tudo, incluindo seus sadhanas. Quando não exigir nada do mundo, nem de Deus, quando não quer nada, não busca nada, não espera nada, então o Estado Supremo virá a você inesperadamente e sem convite!

P: Se um homem absorvido na vida familiar e nos assuntos mundanos levar a cabo seu sadhana, estritamente como prescrevem suas escrituras, ele obterá resultados?

M: Obterá resultados, mas ficará envolto neles como em um casulo.

P: Tantos santos dizem que, quando você está pronto e maduro, você perceberá. Suas palavras podem ser verdadeiras, mas são de pouca utilidade. Deve haver uma saída, independentemente do amadurecimento, o qual necessita de tempo, e do sadhana que requer esforço.

M: Não o chame saída nem caminho; é mais um tipo de habilidade. Nem mesmo isto. Permaneça aberto e tranquilo, isso é tudo. O que busca está tão próximo de você que não há espaço para um caminho.

P: Há tantos ignorantes no mundo e tão poucos gnani. Isto se deve a quê?

M: Não se preocupe com os outros, ocupe-se com você mesmo. Você sabe que você é. Não se sobrecarregue com nomes, simplesmente seja. Qualquer nome ou forma que dê a si mesmo obscurece sua verdadeira natureza.

P: Por que a busca terá que acabar antes que alguém possa perceber?

M: O desejo da verdade é o mais elevado de todos os desejos, mas é ainda um desejo. Todos os desejos devem ser abandonados para que o real seja. Recorde que você é. Este é seu capital de giro. Faça-o girar e terá muitos benefícios.

P: Por que deve existir a busca de qualquer modo?

M: A vida é uma busca, não se pode evitá-la. Quando toda busca cessa, é o Estado Supremo.

P: Por que o Estado Supremo vai e vem?

M: Nem vai nem vem. Ele é.

P: Fala por sua própria experiência?

M: Claro. É um estado atemporal, sempre presente.

P: Para mim ele vai e vem, para você não. Por que esta diferença?

M: Talvez porque eu não tenha desejos. Ou porque você não deseja o Supremo com suficiente força. Você deve se sentir totalmente desesperado quando sua mente perdeu o contato.

P: Tenho lutado toda a minha vida e alcançado tão pouco. Li, escutei – tudo em vão.

M: Ler e escutar tornou-se um hábito para você.

P: Também os abandonei. Já não leio nos dias de hoje.

M: O que abandonou não tem importância agora. Que é o que não abandonou? Descubra e deixe-o. Sadhana é uma busca pelo que abandonar. Esvazie-se completamente.

P: Como um tolo poderia desejar sabedoria? Alguém tem que conhecer o objeto do desejo para desejá-lo. Quando não se conhece o Supremo, como se poderia desejá-lo?

M: O homem naturalmente amadurece e se torna pronto para a realização.

P: Mas qual seria o fator de amadurecimento?

M: A recordação de si mesmo, a Consciência do 'eu sou' amadurece-o poderosa e rapidamente. Abandone toda ideia sobre si mesmo e simplesmente seja.

P: Eu estou cansado de todos os caminhos e meios, habilidades e truques, de todas essas acrobacias mentais. Não há um modo de perceber a realidade direta e imediatamente?

M: Deixe de usar a sua mente e veja o que acontece. Faça essa única coisa meticulosamente. Isso é tudo.

P: Quando era mais jovem, tive experiências estranhas, curtas, mas memoráveis, de ser nada, simplesmente nada, estando ao mesmo tempo plenamente consciente. Mas o perigo reside em que se deseja recriar na memória os momentos que passaram.

M: Tudo isto é imaginação. Na luz da consciência, acontece todo tipo de coisas, e não é necessário dar importância especial a nenhuma delas. A visão de uma flor é tão maravilhosa quanto a visão de Deus. Deixe-as ser. Por que recordá-las e depois converter a recordação em um problema? Seja suave com elas; não as divida em altas ou baixas, internas ou externas, duradouras e transitórias. Vá além, volte à origem, vá ao Eu que sempre é o mesmo, seja o que for que aconteça. A sua fraqueza se deve à convicção de que você nasceu dentro do mundo. Na realidade, o mundo está sendo eternamente recriado em você e por você. Veja tudo como a emanação da luz que é a origem de seu próprio ser. Você descobrirá que nesta luz há amor e energia infinitos.

P: Se eu sou esta luz, por que não a conheço?

M: Para conhecer, necessitaria uma mente conhecedora, uma mente capaz de conhecer. Mas sua mente está sempre correndo, nunca quieta, nunca refletindo plenamente. Como pode ver a lua em toda sua glória quando uma enfermidade escurece seus olhos?

P: Podemos dizer que, apesar do sol ser a causa da sombra, não se pode vê-lo na sombra. Deve-se mudar o ponto de vista.

M: Outra vez você introduziu a trindade de sol, corpo e sombra. Na realidade não há tal divisão. O que estou dizendo não tem nada que ver com dualidades e trindades. Não mentalize nem verbalize. Simplesmente veja e seja.

P: Tenho que ver para ser?

M: Veja o que você é. Não pergunte a outros, nem deixe que outros lhe digam nada sobre você. Olhe dentro de você e veja. Isso é tudo o que o mestre pode dizer. Não há necessidade de ir de um para outro. Todos os poços contêm a mesma água. Retire-a do mais próximo. No meu caso, a água está dentro de mim e eu sou a água.

44
O 'EU SOU' É VERDADEIRO, TUDO O MAIS É INFERÊNCIA

Maharaj: O percebedor do mundo é anterior ao mundo ou surge junto com o mundo?

Pergunta: Que pergunta tão estranha! Por que faz tais perguntas?

M: A menos que saiba a resposta correta, você não encontrará paz.

P: Quando desperto pela manhã, o mundo já está ali, esperando-me. Sem dúvida, o mundo surge primeiro. Eu surjo, mas muito mais tarde. A primeira vez foi ao nascer. O corpo é o intermediário entre mim e o mundo. Sem o corpo, não haveria nem eu nem mundo.

M: O corpo aparece em sua mente; sua mente é o conteúdo de sua consciência; você é a testemunha imóvel do rio da consciência que está eternamente mudando sem mudar você de modo algum. Sua própria imutabilidade é tão óbvia que você nem nota ela. Olhe-se bem e todos os mal-entendidos e enganos se dissolverão. Assim como todas as pequenas vidas aquáticas existem na água e não podem existir sem ela, todo o universo está em você e não pode existir sem você.

P: Nós o chamamos Deus.

M: Deus é apenas uma ideia em sua mente. O fato é você. A única coisa que você sabe com certeza é: 'Aqui e agora Eu sou'. Elimine o 'aqui e agora', e o 'eu sou' permanecerá inexpugnável. O mundo existe na memória, a memória entra na consciência; a consciência existe na Consciência, e esta é o reflexo da luz nas águas da existência.

P: Ainda assim, não posso ver como o mundo está em mim quando o oposto 'Eu estou no mundo' é tão óbvio.

M: Até mesmo dizer 'Eu sou o mundo, o mundo sou eu' é um sinal de ignorância. Mas, quando lembro e confirmo na vida minha identidade com o mundo, surge um poder em mim que destrói a ignorância, queimando-a completamente.

P: A testemunha da ignorância está separada da ignorância? Dizer 'Eu sou ignorante' não é parte da ignorância?

M: Certamente. Tudo o que posso dizer verdadeiramente é: 'eu sou'. Tudo o mais é inferência. Mas a inferência foi transformada em um hábito. Destrua todos os hábitos do pensar e do ver. O sentimento de 'eu sou' é a manifestação de uma causa mais profunda que você pode chamar eu, Deus, Realidade ou qualquer outro nome. O 'eu sou' está no mundo, mas ele é a chave que pode abrir a porta para sair do mundo. A lua que dança na água é vista na água, mas é causada pela lua no céu, não pela água.

P: Apesar de tudo, o ponto principal parece escapar-me. Posso admitir que o mundo em que vivo e me movo, e tenho meu ser, é de minha própria criação, uma projeção de mim mesmo, de minha imaginação, no mundo desconhecido, no mundo como ele é, o mundo de 'matéria absoluta', seja o que for está matéria. O mundo de minha própria criação pode ser totalmente diferente do final, do mundo real, exatamente como a tela do cinema é muito distinta das imagens que são projetadas nela. No entanto, este mundo absoluto existe, totalmente independente de mim mesmo.

M: Assim é, o mundo da Realidade Absoluta, no qual sua mente projetou um mundo de relativa irrealidade, é independente de você pela simples razão de que é você mesmo.

P: Não há contradição nestes termos? Como pode a independência provar a identidade?

M: Examine o movimento de mudança e verá. O que pode mudar enquanto você não muda pode ser dito como independente de você. Mas o que é imutável deve ser um com qualquer outro que seja imutável, já que a dualidade implica interação e a interação significa mudança. Em outras palavras, o absolutamente material e o absolutamente espiritual, o totalmente objetivo e o totalmente subjetivo, são idênticos em substância e essência.

P: Como em uma imagem tridimensional, a luz forma sua própria tela.

M: Qualquer comparação servirá. O ponto principal que deve entender é que você projetou em si mesmo um mundo de sua própria imaginação, baseado em recordações, em desejos e temores, e que você mesmo encarcerou-se nele. Rompa o encantamento e seja livre.

P: Como se rompe o encantamento?

M: Afirme sua independência no pensamento e na ação. Afinal, tudo depende de sua fé em si mesmo, na convicção de que o que você vê e ouve, pensa e sente, é real. Por que não questiona sua fé? Não há dúvida, esse mundo é pintado por você na tela da consciência e é inteiramente seu próprio mundo privado. Apenas o seu sentido de 'eu sou', apesar de estar no mundo, não é do mundo. Por nenhum esforço da imaginação ou da lógica você pode mudar o 'eu sou' pelo 'Eu não sou'. Na própria negação do seu ser você o afirma. Uma vez que você se der conta que o mundo é sua própria projeção, você estará livre dele. Você não precisa libertar-se de um mundo que não existe a não ser em sua imaginação! Seja qual for a imagem, bela ou feia, você a está pintando e não está limitado por ela. Compreenda que não há ninguém que a imponha a você, que isso se deve ao hábito de tomar o imaginário pelo real. Veja o imaginário como imaginário e liberte-se do medo.

Assim como as cores neste tapete são produzidas pela luz, mas a luz não é a cor, assim o mundo é causado por você, mas você não é o mundo.

Isto que cria e sustenta o mundo você pode chamá-lo Deus ou providência, mas, no final das contas, você é a prova de que Deus existe, não o contrário. Pois, antes que qualquer pergunta sobre Deus possa ser feita, você deve existir para fazê-la.

P: Deus é uma experiência no tempo, mas o experimentador é atemporal.

M: Mesmo o experimentador é secundário. Primária é a expansão infinita da consciência, a eterna possibilidade, o potencial incomensurável de tudo o que foi, é, e será. Quando você olha para qualquer coisa, é o Absoluto que você vê, mas você imagina que vê uma nuvem ou uma árvore.

Aprenda a olhar sem imaginação, a escutar sem distorção, isto é tudo. Pare de atribuir nomes e formas ao essencialmente inominável e sem forma; entenda que cada modo de percepção é subjetivo, que o visto ou ouvido, tocado e cheirado, sentido ou pensado, esperado ou imagi-

nado, está na mente e não na realidade, e assim você experienciará a paz e a liberdade do medo.

Mesmo o sentido 'eu sou' é composto de pura luz e do sentimento de ser. O 'eu' existe mesmo sem o 'sou'. Assim, a pura luz está ali, diga você "eu" ou não. Torne-se ciente desta pura luz , e nunca a perderá. A existência no Ser, a Consciência na consciência, o interesse em cada experiência – isso não é descritível, ainda que perfeitamente acessível, pois nada mais existe.

P: Você fala da realidade diretamente – como a primeira causa todo-abrangente, sempre presente, eterna, onisciente, a primeira causa que dá energia a tudo. Há outros mestres que se negam a discutir a realidade em absoluto. Dizem que a realidade está além da mente, enquanto todas as discussões estão dentro do reino da mente, a qual é a morada do irreal. A perspectiva deles é negativa; apontam o irreal e, assim, vão além dele, para o real.

M: A diferença está apenas nas palavras. Afinal de contas, quando eu falo do real, descrevo-o como não irreal, sem limites, atemporal, sem causa, sem princípio nem fim. Vêm a ser o mesmo. Desde que leve à iluminação, que importam as palavras? Importa que você puxe o carro ou o empurre, desde que siga se movendo? Você pode sentir-se atraído pela realidade em um momento dado e sentir repulsa pelo falso em outro; são apenas estados de ânimo que se alternam; ambos são necessários para a perfeita liberdade. Você pode ir por um caminho ou outro – mas cada vez será o caminho correto no momento; simplesmente, vá com toda confiança, não perca tempo duvidando ou hesitando. Muitos tipos de alimento são necessários para fazer uma criança crescer, mas o ato de comer é o mesmo. Teoricamente, todas as abordagens são boas. Na prática, e em um dado momento, você prossegue por um só caminho. Cedo ou tarde, você será obrigado a descobrir que, se realmente quiser encontrar, terá que escavar em um só lugar – dentro de si mesmo.

Nem seu corpo nem sua mente podem dar-lhe o que você busca: ser e conhecer seu ser, e a grande paz que vem com isso.

P: Sem dúvida, deve haver algo importante e valioso em cada abordagem.

M: Em cada caso, o valor está em levá-lo à necessidade de buscar dentro de si mesmo. Jogar com abordagens distintas pode dever-se à resistência a ir para dentro, ao medo de ter que abandonar a ilusão de ser

algo ou alguém em particular. Para encontrar água, você não cava pequenos buracos em diversos lugares, mas perfura profundamente em um só lugar. De modo similar, para encontrar seu ser, terá que explorar a você mesmo. Quando compreender que você é a luz do mundo, também compreenderá que você é o amor dele; que conhecer é amar, e amar, conhecer.

De todos os afetos, o amor a si mesmo vem primeiro. Seu amor pelo mundo é o reflexo de seu amor por você mesmo, pois seu mundo é de sua própria criação. O amor e a luz são impessoais, mas se refletem em sua mente como conhecimento e boa vontade em relação a si próprio. Sempre somos amáveis conosco mesmos, mas não sempre sábios. Um logue é um homem cuja boa vontade é aliada a sabedoria.

45
O QUE VEM E VAI NÃO TEM EXISTÊNCIA

Pergunta: Vim mais para estar com você do que para escutá-lo. Pouco pode ser dito em palavras, muito mais pode ser comunicado em silêncio.

Maharaj: Primeiro as palavras, depois o silêncio. Deve-se estar maduro para o silêncio.

P: Posso viver em silêncio?

M: O trabalho altruísta leva ao silêncio porque, quando você trabalha sem egoísmo, não necessita pedir ajuda. Indiferente aos resultados, você está disposto a trabalhar com os meios mais inadequados. Não há a preocupação de ser muito talentoso e bem equipado. Nem pede reconhecimento ou assistência, simplesmente faz o que é necessário ser feito, deixando o êxito ou o fracasso ao desconhecido. Tudo é causado por inumeráveis fatores, dos quais o esforço pessoal é apenas um. Ainda assim, tal é a magia da mente e do coração humanos, que o mais improvável aconteça quando a vontade e o amor humanos se juntam.

P: O que está errado em pedir ajuda quando o trabalho vale a pena?

M: Onde está a necessidade de pedir ajuda? Isto meramente mostra fraqueza e ansiedade. Trabalhe, e o universo trabalhará com você. Afinal de contas, a própria ideia de fazer a coisa certa lhe chega do desconhecido. No que diz respeito aos resultados, deixe-os ao desconhecido; passe simplesmente pelos movimentos necessários. Você é só um elo na longa cadeia de causalidade. Fundamentalmente, tudo acontece apenas na mente. Quando você trabalha por algo com todo seu coração e firmeza, este algo acontecerá, pois a função da mente é fazer que aconteçam as coisas. Na realidade, nada falta e nada é necessário, todo trabalho só existe na superfície. Nas profundezas, há uma perfeita paz. Todos os problemas surgem porque você definiu a si mesmo e, portanto, limitou-se. Quando não pensa que você é isto ou aquilo, cessa todo conflito. Qualquer tentativa de fazer algo que solucione os seus problemas é obrigada a falhar, pois o que foi causado pelo desejo só pode ser desfeito pela liberação do desejo. Você se encerrou no tempo e no espaço, comprimiu-se no lapso de duração de uma vida e ao volume de um corpo, e criou assim os inumeráveis conflitos da vida e da morte, do prazer e da dor, da esperança e do medo. Você não pode libertar-se dos problemas sem abandonar as ilusões.

P: Uma pessoa é naturalmente limitada.

M: A pessoa não existe. Existem apenas restrições e limitações. A soma total destas define a pessoa. Você pensa que conhece a si mesmo quando conhece o que você é. Mas você nunca sabe quem você é. A pessoa meramente parece ser, como o espaço dentro do pote parece ter a forma, o volume e o odor do pote. Veja que você não é o que você acredita ser. Lute com todas as forças de que dispõe contra a ideia de que você seja nomeável e descritível. Você não é. Negue-se a pensar em si mesmo em termos disto ou daquilo. Não existe outra saída da miséria que você criou para você mesmo através da cega aceitação sem investigação. O sofrimento é uma chamada à investigação; toda dor necessita investigação. O sofrimento é uma chamada à investigação; toda dor necessita investigação. Não seja preguiçoso para pensar.

P: A atividade é a essência da realidade. Não há virtude em não trabalhar. Junto com o pensamento, alguma coisa deve ser feita.

M: Trabalhar no mundo é difícil. Abster-se de todo trabalho desnecessário é ainda mais difícil.

P: Para a pessoa que sou, tudo isto parece impossível.

M: O que você sabe sobre você mesmo? Você só pode ser o que é na realidade; você só pode parecer o que não é. Você nunca se afastou da perfeição. Toda a ideia de auto melhoramento é convencional e verbal. Assim como o sol não conhece a escuridão, o eu não conhece o não eu. É a mente que, por conhecer o outro, torna-se o outro. Mesmo assim, a mente é nada mais que o eu. É o eu que se torna o outro, o não eu, e ainda assim permanece sendo o eu. Tudo o mais é suposição. Do mesmo modo que uma nuvem escurece o sol sem afetá-lo de qualquer modo, a suposição obscurece a realidade sem destruí-la. A própria ideia de destruição da realidade é ridícula; o destruidor sempre é mais real que o destruído. A realidade é o destruidor final. Toda separação, toda espécie de afastamento e alienação, é falsa. Tudo é um – esta é a solução final para todo conflito.

P: Como é que, apesar de tanta instrução e assistência, não progredimos?

M: Enquanto imaginarmos que somos personalidades separadas, uma bem afastada da outra, não podemos compreender a realidade que é essencialmente impessoal. Primeiro, devemos conhecer-nos como testemunhas apenas, centros de observação sem dimensão e atemporais, e então compreender este imenso oceano de pura Consciência que é, ao mesmo tempo, mente e matéria, e além de ambas.

P: Seja o que for na realidade, eu me sinto uma pessoa pequena e separada, uma entre muitas.

M: A ideia de ser uma pessoa se deve à ilusão do tempo e do espaço; você se imagina em certo ponto e ocupando um certo volume; sua personalidade é o resultado de sua auto-identificação com o corpo. Seus pensamentos e sentimentos existem em sucessão, têm sua duração no tempo, e fazem com que imagine a si mesmo, devido à memória, como tendo uma duração. Na realidade, o tempo e o espaço existem em você; você não existe neles. São modos de percepção, mas não os únicos. O tempo e o espaço são como palavras escritas no papel; o papel é real, as palavras, uma mera convenção. Que idade você tem?

P: Quarenta e oito anos!

M: O que o faz dizer quarenta e oito anos? O que o faz dizer: Eu estou aqui? Hábitos verbais nascidos de suposições. A mente cria o tempo e o espaço e entende suas próprias criações como realidade. Tudo está aqui e agora, mas não o vemos. Verdadeiramente, tudo existe em mim e

por mim. Nada mais há. A própria ideia de 'outro' é um desastre e uma calamidade.

P: Qual é a causa da personificação, da autolimitação no tempo e no espaço?

M: Aquilo que não existe não pode ter uma causa. Não existe uma pessoa separada. Mesmo do ponto de vista empírico, é óbvio que tudo é causa de tudo, que tudo é como é porque o universo inteiro é como é.

P: Mas a personalidade deve ter uma causa.

M: Como surge a personalidade? Pela recordação. Ao identificar o presente com o passado e projetando-o no futuro. Pense em si mesmo como algo momentâneo, sem passado ou futuro, e sua personalidade se dissolverá.

P: O 'eu sou' não permanece?

M: A palavra 'permanece' não se aplica aqui. 'eu sou' sempre é novo. Você não necessita recordá-lo para ser. De fato, antes que você possa experienciar qualquer coisa, deve existir o sentido de ser. Neste momento, seu ser está misturado com as experiências. Tudo o que você necessita é desatar o ser do nó das experiências. Uma vez que tenha conhecido o ser puro, sem ser isto ou aquilo, você o distinguirá entre as experiências e não será mais enganado pelos nomes e pelas formas.

A autolimitação é a própria essência da personalidade.

P: Como posso tornar-me universal?

M: Mas você é universal. Você não necessita nem pode tornar-se o que já é. Apenas deixe de imaginar que você é o particular. O que vem e vai não tem existência. Ele deve sua própria aparição à realidade. Você sabe que existe um mundo, mas o mundo o conhece? Todo conhecimento flui de você, assim como toda existência e toda alegria. Compreenda que você é a fonte eterna, e aceite tudo como seu próprio. Tal aceitação é verdadeiro amor.

P: Tudo o que diz soa muito bonito. Mas como alguém faz disto um modo de vida?

M: Nunca tendo saído de casa, você pergunta sobre como voltar. Livre-se das ideias erradas, isso é tudo. Juntar ideias corretas não o levará a nenhum lugar. Simplesmente deixe de imaginar.

P: Não é uma questão de realização, mas de entendimento.

M: Não tente entender! É suficiente que não entenda mal. Não confie em sua mente para alcançar a liberação. É a mente a que o levou à escravidão. Vá além dela totalmente.

O que não tem princípio não pode ter uma causa. Não é que você soubesse o que era e então esqueceu. Uma vez que saiba, não poderá esquecer. A ignorância não tem princípio, mas pode ter um fim. Investigue quem é ignorante, e a ignorância se dissolverá como um sonho. O mundo está cheio de contradições, daí sua busca de harmonia e paz. Mas estas não podem ser encontradas no mundo, pois o mundo é filho do caos. Para encontrar ordem tem que buscar dentro de si mesmo. O mundo surge apenas quando você nasce em um corpo. Sem corpo, não há mundo. Primeiro investigue se você é o corpo. A compreensão do mundo chegará depois.

P: O que você diz soa convincente, mas para que serve à pessoa em particular, para quem sabe que está no mundo e é do mundo?

M: Milhões comem pão, mas poucos conhecem tudo sobre o trigo. E apenas aqueles que conhecem podem melhorar o pão. De modo similar, apenas aqueles que conhecem o eu, que viram além do mundo, podem melhorar o mundo. O valor que eles têm para as pessoas privadas é imenso, pois eles são a única esperança de salvação que elas têm. O que está no mundo não pode salvar o mundo; se realmente se interessar em ajudar o mundo, deverá sair dele.

P: Mas alguém pode sair do mundo?

M: Quem nasceu primeiro, você ou o mundo? Enquanto der prioridade ao mundo, você estará limitado por ele; uma vez que compreenda, sem o menor traço de dúvida, que o mundo está em você e não você no mundo, você estará fora dele. Certamente, seu corpo permanecerá no mundo e do mundo, mas você não será enganado por ele. Todas as escrituras dizem que, antes que o mundo existisse, o Criador era. Quem conhece o Criador? Só o que existia antes do Criador, seu próprio ser real, a origem de todos os mundos com seus criadores.

P: Tudo o que você diz é mantido junto pela sua presunção de que o mundo é sua própria projeção. Você admite que se refere a seu próprio mundo pessoal, subjetivo, o mundo dado a você através de sua mente e seus sentidos. Nesse sentido, cada um de nós vive em um mundo de projeção própria. Estes mundos privados dificilmente se tocam uns com os outros e surgem e se dissolvem no 'eu sou' em seu centro. Mas, com

toda certeza, por trás destes mundos privados, deve existir um mundo objetivo comum, do qual os mundos privados são meras sombras. Nega você a existência de tal mundo objetivo, comum a todos?

M: A realidade não é nem objetiva nem subjetiva, nem matéria nem mente, nem tempo nem espaço. Estas divisões necessitam de alguém a quem acontecer, um centro consciente separado. Mas a realidade é tudo e nada, a totalidade e a exclusão, a plenitude e o vazio, totalmente consistente, absolutamente paradoxal. Você não pode falar sobre ela, pode apenas perder seu ser nela. Quando você nega realidade a tudo, chega a um resíduo que não pode ser negado.

Toda conversa sobre gnana é um sinal de ignorância. É a mente que imagina que não sabe e então vem a saber. A realidade não conhece nada destas contorções. Mesmo a ideia de Deus como criador é falsa. Devo meu ser a qualquer outro ser? Por que Eu sou, tudo é.

P: Como pode ser possível? Uma criança nasce no mundo, não o mundo na criança. O mundo é velho e a criança, nova.

M: A criança nasce em seu mundo. Agora, você nasceu em seu mundo, ou o mundo apareceu a você? Nascer significa criar um mundo ao redor de você como o centro. Mas você criou você mesmo? Ou alguém criou você? Todos criam um mundo para si mesmos e vivem nele, aprisionados pela própria ignorância. Tudo o que temos que fazer é negar realidade à nossa prisão.

P: Justamente como o estado de vigília existe no sonho em forma de semente, assim o mundo que a criança criou ao nascer existia antes de seu nascimento. Com quem está a semente?

M: Com aquele que é testemunha do nascimento e da morte, mas nem nasce nem morre. Só ele é a semente da criação assim como seu resíduo. Não peça à mente que confirme o que está além dela. A experiência direta é a única confirmação válida.

46
A CONSCIÊNCIA DE SER É FELICIDADE

Pergunta: Sou médico de profissão. Comecei com cirurgia, continuei com psiquiatria e também escrevi alguns livros sobre a saúde mental e a cura pela fé. Venho a você para aprender as leis da saúde espiritual.

Maharaj: Quando você tenta curar um paciente, o que tenta curar exatamente? O que é a cura? Quando você pode dizer que o homem está curado?

P: Eu procuro curar o corpo assim como melhorar a ligação entre o corpo e a mente. Também procuro colocar a mente em ordem.

M: Você investigou a conexão entre a mente e o corpo? A que ponto eles estão conectados?

P: A mente está entre o corpo e a consciência que o habita.

M: O corpo não é feito de alimentos? E pode existir uma mente sem alimento?

P: O corpo é construído e mantido pelo alimento. Sem alimento, a mente usualmente fica fraca. Mas a mente não é mero alimento. Há um fator transformador que cria a mente no corpo. O que é este fator transformador?

M: Assim como a madeira produz fogo que não é madeira, o corpo produz a mente que não é corpo. Mas a quem aparece a mente? Quem é o percebedor dos pensamentos e sentimentos que você denomina mente? Há madeira, há fogo e há o desfrutador do fogo. Quem aprecia a mente? O desfrutador é também um resultado do alimento, ou é independente?

P: O percebedor é independente.

M: Como você sabe? Fale de sua própria experiência. Você não é nem o corpo nem a mente. Você diz assim. Como você sabe?

P: Eu realmente não sei. Suponho que seja assim.

M: A verdade é permanente. O real é imutável. O que muda não é real, o que é real não muda. Agora, o que há em você que não muda? Enquanto há alimento, há corpo e mente. Quando termina o alimento, o corpo morre e a mente se dissolve. Mas, o observador morre?

P: Suponho que não. Mas não tenho provas.

M: Você mesmo é a prova. Você não tem, nem pode ter, qualquer outra prova. Você é você mesmo, conhece a si mesmo, ama a si mesmo. Qualquer coisa que a mente fizer, fará pelo amor a seu próprio eu. A própria natureza do ser é amor. O ser é amado, amoroso e amável. O eu é que faz o corpo e a mente tão interessantes, tão queridos. A própria atenção dada a eles vem do eu.

P: Se o eu não é o corpo nem a mente, pode existir sem eles?

M: Sim, pode. Que o eu tenha existência independente do corpo e da mente é questão de experiência real. Ele é ser-consciência-felicidade (Sat-chit-ananda). A Consciência de ser é felicidade.

P: Para você pode ser uma questão de experiência real, mas não é o meu caso. Como chegar à mesma experiência? Que práticas devo seguir, que exercícios devo começar a me dedicar?

M: Para saber que você não é nem o corpo nem a mente, observe-se com firmeza e viva sem deixar-se afetar por eles, completamente indiferente, como se você estivesse morto. Isto significa que você não tem interesse pessoal nem no corpo nem na mente.

P: Perigoso!

M: Não lhe estou pedindo que se suicide. Nem você pode. Você pode apenas matar o corpo, não pode deter o processo mental, nem pode acabar com a pessoa que você acredita ser. Apenas permaneça impassível. Esta completa indiferença, desinteressado do corpo e da mente, é a melhor prova de que, no âmago de seu ser, você não é nem a mente nem o corpo. O que acontece com o corpo e com a mente pode não estar dentro de seu poder mudar, mas você pode sempre colocar um fim à imaginação de si mesmo como corpo e mente. Aconteça o que acontecer, lembre-se de que apenas o corpo e a mente são afetados, não você mesmo. Quanto mais sério for em lembrar o que necessita ser lembrado, mais rapidamente será consciente de si mesmo como é, pois a memória se converterá em experiência. A seriedade revela o ser. O imaginado e o desejado se convertem no real – aqui está o perigo, assim como a saída.

Diga-me, que passos você empregou para separar seu ser real – o qual é imutável em você – de seu corpo e de sua mente?

P: Sou médico, estudei muito, impus-me uma estrita disciplina baseada em exercícios e jejuns periódicos, e sou um vegetariano.

M: Mas o que quer no fundo de seu coração?

P: Quero encontrar a realidade.

M: Que preço está disposto a pagar pela realidade? Qualquer preço?

P: Enquanto em teoria estou disposto a pagar qualquer preço, na vida real me sinto impulsionado repetidamente a comportar-me nos modos que se interpõem entre mim e a realidade. O desejo me leva para longe.

M: Aumente e amplie seus desejos até que nada os possa satisfazer exceto a realidade. Não é o desejo que está errado, mas sua estreiteza e pequenez. O desejo é devoção. Sem dúvida, seja devotado ao real, ao infinito, ao eterno coração do ser. Transforme o desejo em amor. Tudo o que você quer é ser feliz. Todos os seus desejos, quaisquer que sejam, são expressões de sua ânsia de felicidade. Basicamente, você tem boa vontade consigo mesmo.

P: Sei que não devo...

M: Espere! Quem lhe disse que não deve? Que está errado em querer ser feliz?

P: O eu deve ir, eu sei.

M: Mas o eu existe. Seus desejos existem. Sua ânsia de felicidade existe. Por quê? Porque você ama a si mesmo. Sem dúvida, ame-se – sabiamente. O incorreto é amar-se estupidamente até o ponto de se fazer sofrer. Ame-se sabiamente. A indulgência e a austeridade têm o mesmo propósito em vista – torná-lo feliz. A indulgência é o modo estúpido e a austeridade é o modo sábio.

P: Que é austeridade?

M: Austeridade é não voltar a passar por uma experiência uma vez que já tenha passado por ela. Austeridade é evitar o desnecessário, é não antecipar a dor ou o prazer. Austeridade é ter as coisas controladas todo o tempo. O desejo por si mesmo não é incorreto. É a própria vida, o impulso de crescer em conhecimento e experiência.

As escolhas que você faz é que estão erradas. Imaginar que coisas pequenas o farão feliz – alimento, sexo, poder, fama – é enganar a si mesmo. Só algo tão vasto e profundo como o seu ser real pode fazê-lo verdadeiramente feliz de modo duradouro.

P: Já que não há nada basicamente errado no desejo como expressão do amor ao eu, como deveria controlá-lo?

M: Viva sua vida inteligentemente, com os interesses de seu ser mais profundo sempre em mente. Depois de tudo, o que você realmente quer?

Perfeição não; você já é perfeito. O que busca é expressar na ação o que você é. Para isto tem um corpo e uma mente. Vigie-os e faça-os servir.

P: Quem é o operador aqui? Quem deve controlar o corpo e a mente?

M: A mente purificada é a fiel serva do eu. Ela se encarrega dos instrumentos, internos e externos, e os faz servir a seus propósitos.

P: E quais são seus propósitos?

M: O Ser é universal e seus objetivos são universais. Não há nada de pessoal no Ser. Viva uma vida ordenada, mas não a converta em um fim em si mesma. Isto deveria ser o ponto de partida para a grande aventura.

P: Você me aconselha vir à Índia repetidamente?

M: Se você é sério, não necessita andar por aí. Você é você mesmo onde quer que esteja, e você cria seu próprio ambiente. A locomoção e o transporte não lhe darão a salvação. Você não é o corpo; arrastá-lo de um lugar para outro não o levará a lugar nenhum. Sua mente é livre para passear pelos três mundos, use-a totalmente.

P: Se eu sou livre, por que estou em um corpo?

M: Não está no corpo, o corpo está em você! A mente está em você. Acontecem a você. Existem porque os acha interessantes. A sua própria natureza tem a capacidade infinita de desfrutar. Está cheia de animação e afeto. Ela derrama seu brilho em tudo o que entra no seu foco de consciência, e não exclui nada. Não conhece nem o mal nem a feiura; ela espera, confia, ama. Você não sabe quanto perde por não conhecer seu próprio ser real. Você não é nem o corpo nem a mente, nem o combustível, nem o fogo. Eles aparecem e desaparecem segundo suas próprias leis.

Você ama o próprio ser, isso que você é, e tudo o que você faz o faz pela sua própria felicidade. O seu impulso básico é encontrá-lo, conhecê-lo, acalentá-lo. Você ama a si mesmo desde tempo imemorial, mas nunca sabiamente. Use o corpo e a mente sabiamente ao serviço do ser, isso é tudo. Seja verdadeiro para seu próprio ser e ame-o incondicionalmente. Não finja amar os outros como a si mesmo. A menos que os compreenda como um consigo mesmo, não poderá amá-los. Não finja ser o que não é, não recuse ser o que você é. O amor aos demais é o resultado do autoconhecimento, não sua causa. Nenhuma virtude é genuína sem a autorrealização. Quando souber, além de qualquer dúvida, que a mesma vida flui através de tudo o que existe, e que você é esta vida, você amará tudo, natural e espontaneamente. Quando você realizar a

profundidade e a plenitude do amor a si mesmo, saberá que cada ser vivo e o universo inteiro estão incluídos em seu afeto. Mas, quando você olha para qualquer coisa como separada de você, não pode amá-la porque a teme. A alienação causa o medo e o medo aprofunda a alienação. É um círculo vicioso. Apenas a autorrealização poderá rompê-lo. Busque-a resolutamente.

47
OBSERVE SUA MENTE

Pergunta: Na busca do essencial, alguém logo se dá conta da própria imperfeição e da necessidade de um guia ou de um mestre. Isto implicará uma certa disciplina, pois se espera que você confie na sua orientação e siga, implicitamente, seus conselhos e instruções. Apesar disto, as urgências e pressões sociais são tão grandes, os desejos e temores pessoais tão poderosos, que a vontade e a simplicidade da mente, essenciais na obediência, não estão disponíveis. Como estabelecer um equilíbrio entre a necessidade de um Guru e a dificuldade de obedecer-lhe implicitamente?

Maharaj: Não importa muito aquilo que se faz sob a pressão da sociedade e das circunstâncias porque é principalmente mecânico, um mero reagir a impactos. Basta observar-se desapaixonadamente para isolar-se por completo do que está acontecendo. O que foi feito sem prestar atenção, cegamente, pode ser acrescentado ao karma (destino), de outra forma dificilmente interessa. O Guru exige apenas uma coisa: claridade e intensidade de propósito, um sentido de responsabilidade em relação a si mesmo. A própria realidade do mundo deve ser questionada. Quem é o Guru, afinal de contas? O Mestre Supremo é aquele que conhece o estado no qual nem o mundo nem seu pensamento existem. Encontrar o mestre significa alcançar o estado no qual a imaginação já não se confunde com a realidade. Por favor, entenda que o Guru defende a realidade, a verdade, o que é. É um realista no mais elevado sentido da palavra. Não pode, nem poderá chegar a um acordo com a mente e suas ilusões. Ele vem para levar você ao real; não espere que faça outra coisa.

O Guru que você imagina, que lhe dá informação e instruções, não é o Guru real; o Guru real é aquele que conhece o real além do encanto das aparências. Para ele, não têm sentido as perguntas que você faz sobre a obediência e a disciplina, pois a seus olhos não existe a pessoa que você acredita ser. As suas perguntas se referem a uma pessoa inexistente. O que existe para você não existe para ele. O que você considera como certo, ele o nega de forma absoluta. Ele quer que você veja a si mesmo como ele o vê. Então você não necessitará nenhum Guru a quem obedecer e seguir, pois você obedecerá e seguirá sua própria realidade. Compreenda que aquilo que você acredita ser é apenas um fluxo contínuo de eventos; que, enquanto tudo acontece, vem e vai, só você é, o imutável no meio do variável, o autoevidente no meio do inferido. Separe o observador do observado e abandone as falsas identificações.

P: Deve-se descartar tudo o que se interpõe no caminho para encontrar a realidade. Por outro lado, a necessidade de sobreviver em uma dada sociedade obriga a se fazer e suportar muitas coisas. É necessário abandonar a profissão e o nível social para encontrar a realidade?

M: Faça seu trabalho. Quando tiver um momento livre, olhe para o seu interior. O que importa é não perder a oportunidade quando ela se apresenta. Se você for sério, usará plenamente seu tempo livre. Isso basta.

P: Em minha busca pelo essencial e descarte do não essencial, há alguma possibilidade de viver criativamente? Por exemplo, eu gosto de pintar. Ajudar-me-á em algo se dedico minhas horas de ócio a pintar?

M: No que quer que tenha que fazer, observe sua mente. Também deve ter momentos de completa paz interior e quietude, quando sua mente está absolutamente silenciosa. Se você os perde, todo o assunto lhe escapa. No caso contrário, o silêncio da mente dissolverá e absorverá tudo.

Sua dificuldade está em desejar a realidade ao mesmo tempo em que a teme. E a teme porque não a conhece. Você se sente seguro com as coisas familiares. O desconhecido é incerto e, portanto, perigoso. Mas conhecer a realidade é estar em harmonia com ela. E, em harmonia, não há lugar para medo.

Um bebê conhece seu corpo, mas não as distinções baseadas no corpo. Simplesmente é consciente e feliz. Depois de tudo, este foi o propósito para o qual nasceu. O prazer de ser é a forma mais simples de amor

a si mesmo, crescendo mais tarde e se convertendo no amor do ser. Seja como um bebê sem nada a se interpor entre o corpo e o ser. O ruído constante da vida mental está ausente. Em silêncio profundo, o eu contempla o corpo. É como o papel branco no qual nada se escreveu ainda. Seja como esse bebê, em vez de tentar ser isto ou aquilo, seja feliz em ser. Você será uma testemunha totalmente desperta do campo da consciência. Mas não deverá haver sentimentos e ideias entre você e o campo.

P: Estar contente em meramente ser parece o modo mais egoísta de passar o tempo.

M: Um modo muito digno de ser egoísta! Certamente, seja egoísta ao renunciar a tudo exceto o Eu. Quando você ama o Eu e nada mais, você vai além do egoísmo e do altruísmo. Todas as distinções perdem seu significado. O amor de um e o amor a tudo se fundem no amor, pura e simplesmente, a ninguém dirigido ou negado. Permaneça neste amor, vá mais fundo nele, investigue a si mesmo e ame a investigação, e resolverá não só os seus próprios problemas, mas, também, os problemas da humanidade. Você saberá o que fazer. Não faça perguntas superficiais; dedique-se aos fundamentos, às próprias raízes de seu ser.

P: Há um modo de acelerar minha autorrealização?

M: Certamente, há.

P: Quem a acelerará? Você fará isto por mim?

M: Nem você, nem eu faremos isso. Simplesmente acontecerá.

P: Minha vinda aqui provou isto. Esta aceleração se deve à companhia santa? Quando fui embora na última vez, esperava regressar. E o fiz! Agora estou desesperado por ter que voltar logo para a Inglaterra.

M: Você é como uma criança recém-nascida. Já existia antes, mas não era consciente de seu ser. No seu nascimento, surgiu um mundo nela e, com ele, a consciência de ser. Agora só tem que crescer em consciência, isso é tudo. A criança é o rei do mundo – quando crescer, se encarregará de seu reino. Imagine que ela, na infância, tenha caído seriamente enferma e o médico a curou. Isto significa que o jovem rei deve seu reino ao médico? Apenas, talvez, como um dos fatores contribuintes. Houve muitos outros fatores; todos contribuíram. Mas o fator principal, o mais crucial, foi o fato de ter nascido filho de um rei. De modo similar, o Guru pode ajudar. Mas o que ajuda principalmente é ter a realidade no próprio interior; ela própria se afirmará. Definitivamente, ter vindo aqui

o ajudou. Não será a única coisa que vai ajudá-lo. Seu próprio ser é o principal. Sua própria seriedade o testemunha.

P: Perseguir uma vocação nega minha seriedade?

M: Já falei a você. Enquanto você se permite momentos abundantes de paz, pode praticar sua honrada profissão sem nenhum risco. Esses momentos de quietude interior queimarão todos os obstáculos sem falhar. Não duvide da sua eficácia. Experimente.

P: Mas eu tentei!

M: Nunca com total confiança, nunca firmemente. De outro modo não estaria fazendo tais perguntas. Você pergunta porque não está seguro de si mesmo. E não o está porque nunca prestou atenção a si mesmo, apenas às suas experiências. Interesse-se em si mesmo além de toda a experiência, esteja consigo mesmo, ame-se; a segurança final só é encontrada no autoconhecimento. A seriedade é o principal. Seja honesto consigo mesmo e nada o trairá. As virtudes e os poderes são meras fichas para que as crianças brinquem. São úteis no mundo, mas não o retiram dele. Para ir além, você necessita imobilidade vigilante, tranquila atenção.

P: O que acontece com o ser físico da gente?

M: Enquanto tiver saúde, seguirá vivendo.

P: Esta vida de imobilidade interior não afetará a saúde?

M: O seu corpo é alimento transformado. Como for seu alimento, grosseiro ou sutil, assim será sua saúde.

P: E o que acontece com o instinto sexual? Como pode ser controlado?

M: O sexo é um hábito adquirido. Vá além. Enquanto o seu enfoque estiver no corpo, você seguirá nas garras da alimentação e do sexo, do medo e da morte. Encontre você mesmo e seja feliz.

48
A CONSCIÊNCIA É LIVRE

Pergunta: Acabo de chegar do Sri Ramanashram. Passei ali sete meses.

Maharaj: Que práticas você esteve seguindo no Ashram?

P: Concentrei-me o que pude no 'Quem sou eu?'.

M: De que modo o fazia? Verbalmente?

P: Em meus momentos livres ao longo do dia. Algumas vezes murmurava para mim mesmo 'Quem sou eu?' 'Eu sou, mas quem sou eu?' Ou eu o fazia mentalmente. Em algumas ocasiões, tinha alguns sentimentos agradáveis ou entrava em estados de tranquila felicidade. Em geral, eu tentava estar quieto e receptivo em vez de esforçar-me em ter experiências.

M: O que experienciava realmente quando estava no humor adequado?

P: Um sentimento de quietude interior, paz e silêncio.

M: Observou-se ao se tornar inconsciente?

P: Sim, ocasionalmente, e por pouco tempo. De outro modo, estava simplesmente quieto, interna e externamente.

M: Que tipo de quietude era? Algo parecido ao sono profundo, mas consciente ao mesmo tempo. Uma espécie de sono acordado?

P: Sim. Alertamente adormecido (jagrit-sushupti).

M: O principal é libertar-se das emoções negativas – desejo, medo, etc., os 'seis inimigos' da mente. Uma vez que a mente esteja livre deles, o resto virá facilmente. Assim como o tecido, mantido em água com sabão, ficará limpo, a mente se purificará na corrente do sentimento puro.

Quando você senta tranquilamente e observa a si mesmo, todos os tipos de coisas podem vir à superfície. Não faça nada a respeito delas, não reaja a elas; do mesmo modo que vieram, irão embora por si mesmas. Tudo o que importa é a atenção, a total Consciência de si mesmo, ou melhor, da própria mente.

P: Por 'si mesmo' você quer dizer o ser de todos os dias?

M: Sim, a pessoa, a única que é objetivamente observável. O observador está além da observação. O que pode ser observado não é o eu real.

P: Sempre posso observar o observador, em infindável recessão.

M: Você pode observar a observação, não o observador. Você sabe que é o observador final por intuição direta, não por um processo lógico baseado na observação. Você é o que é, mas conhece o que não é. O ser é conhecido como pura existência, o não-ser é conhecido como transitó-

rio. Mas, na realidade, tudo está na mente. Observado, observação e observador são construções mentais. Só o Ser é.

P: Por que a mente cria todas estas divisões?

M: A própria natureza da mente é dividir e particularizar. Não há dano em dividir. Mas a separação vai contra o fato. As coisas e as pessoas são diferentes, mas não estão separadas. A natureza é uma, a realidade é uma. Existem opostos, mas não oposição.

P: Percebo que sou muito ativo por natureza. Aqui, sou aconselhado a evitar a atividade. Quanto mais tento permanecer inativo, maior é o impulso para fazer algo. Isto não só me torna ativo exteriormente, mas me faz lutar interiormente para ser o que, por natureza, não sou. Há algum remédio contra a ânsia de trabalhar?

M: Há uma diferença entre o trabalho e a mera atividade. Toda a natureza trabalha. O trabalho é natureza, a natureza é trabalho. Por outro lado, a atividade está baseada no desejo e no medo, na ânsia de possuir e apreciar, no medo da dor e da aniquilação. O trabalho é do todo para o todo; a atividade, de si mesmo para si mesmo.

P: Há algum remédio contra a atividade?

M: Observe-a, e ela deverá cessar. Utilize toda a oportunidade para recordar-se que está aprisionado, que tudo o que acontece a você se deve ao fato de sua existência corporal. O desejo, o medo, os problemas, a alegria, não poderão aparecer a menos que você exista para que lhe apareçam. Mesmo assim, tudo o que acontece aponta para sua existência como centro de percepção. Seja indiferente aos indicadores e consciente do que apontam. É muito simples, mas deve ser feito. O que importa é a persistência com que você continua voltando para si mesmo.

P: Entro em um peculiar estado de profunda absorção em mim mesmo, mas de modo imprevisível e momentâneo. Não me sinto no controle de tais estados.

M: O corpo é algo material e necessita tempo para mudar. A mente é apenas um conjunto de hábitos mentais, de modos de pensar e sentir e, para mudar, eles devem ser trazidos para a superfície e examinados. Isto também leva tempo. Simplesmente, decida-se e persevere, o resto cuidará de si mesmo.

P: Parece-me que tenho uma ideia clara do que fazer, mas me percebo ficando cansado e deprimido, e buscando companhia humana, perdendo assim o tempo que deveria ser dado para a solidão e a meditação.

M: Faça o que quiser fazer. Não se intimide. A violência o tornará duro e rígido. Não lute contra os obstáculos que vê no seu caminho. Interesse-se por eles, veja-os, observe, investigue. Deixe que as coisas aconteçam – boas ou más. Mas não se deixe afundar pelo que acontece.

P: Qual o propósito de lembrar-se todo o tempo que se é o observador?

M: A mente deve aprender que, além da mente móvel, existe o fundamento da Consciência, o qual não muda. A mente deve conhecer o verdadeiro eu e respeitá-lo, e deixar de encobri-lo, como a lua que obscurece o sol em um eclipse. Compreenda que nada observável, ou que possa ser experienciado, é você, ou o limita. Não tome conhecimento do que não é você mesmo.

P: Devo ser incessantemente consciente para fazer o que você me diz.

M: Ser consciente é estar desperto. Inconsciente significa adormecido. De qualquer modo você é consciente, não necessita tentar sê-lo. O que necessita é ser consciente de ser consciente. Seja consciente deliberada e conscientemente; amplie e aprofunde o campo da Consciência. Você é sempre consciente da mente, mas não é consciente de si mesmo como ser consciente.

P: Como posso entender, você dá distintos significados para as palavras 'mente', 'consciência' (consciousness) e 'Consciência' (awareness).

M: Veja deste modo. A mente produz pensamentos incessantemente, mesmo quando você não os observa. Quando você sabe o que está acontecendo em sua mente, você a chama consciência (consciousness). Este é o seu estado de vigília – sua consciência se move de sensação em sensação, de percepção em percepção, de ideia em ideia, em uma sucessão sem fim. Então vem a 'Consciência' (awareness), a percepção direta dentro do todo da consciência, a totalidade da mente. A mente é como um rio, fluindo sem cessar no leito do corpo; por um momento, você se identifica com alguma oscilação em particular e a chama 'meu pensamento'. Tudo de que você está consciente é sua própria mente; a Consciência é o conhecimento da consciência como um todo.

P: Todos estão conscientes, mas nem todos são Consciência.

M: Não diga: 'Todos estão conscientes'. Diga: 'Há consciência' na qual tudo aparece e desaparece. Nossas mentes são apenas ondas no oceano da consciência. Como ondas, vêm e vão. Como oceano, são infi-

nitas e eternas. Conheça a si mesmo como o oceano do ser, o útero de toda existência. Certamente, tudo isto são metáforas; a realidade está além da descrição. Só sendo a realidade você pode conhecê-la.

P: Vale a pena buscá-la?

M: Sem ela tudo é problema. Se quer viver uma vida sã, feliz, criativa e ter uma imensa riqueza para compartilhar, busque o que você é.

Enquanto a mente estiver centrada no corpo e a consciência na mente, a Consciência é livre. O corpo tem seus impulsos e a mente, suas dores e prazeres. A Consciência é desapegada e inabalável. É lúcida, silenciosa, pacífica, alerta e despreocupada, sem desejo nem temor. Medite nela como seu verdadeiro ser e tente sê-la em sua vida diária, e você deverá compreendê-la em sua plenitude.

A mente está interessada no que acontece, enquanto a Consciência se interessa na própria mente. A criança vai atrás do brinquedo, mas a mãe observa a criança, não o brinquedo.

Observando incessantemente, esvaziei-me por completo e com esse vazio tudo regressou a mim, exceto a mente. Descobri que havia perdido a mente irremediavelmente.

P: Você está inconsciente enquanto nos está falando?

M: Não estou nem consciente nem inconsciente, estou além da mente e de seus vários estados e condições. As distinções são criadas pela mente e se aplicam apenas a ela. Sou a própria pura consciência, a Consciência íntegra de tudo que é. Estou em um estado mais real que o de vocês. As distinções e separações que constituem uma pessoa não me distraem. Enquanto o corpo durar, ele terá suas necessidades como qualquer outro, mas o meu processo mental terminou.

P: Você se comporta como uma pessoa que pensa.

M: Por que não? Mas meu pensamento, como minha digestão, é inconsciente e propositado.

P: Se seu pensamento é inconsciente, como você sabe que ele está correto?

M: Não há nenhum desejo nem temor que o impeça. O que pode fazê-lo incorreto? Uma vez que me conheça e ao que represento, não necessito verificar-me todo o tempo. Quando você sabe que seu relógio marca a hora certa, você não duvida cada vez que o consulta.

P: Quem fala neste próprio momento se não a mente?

M: Este que ouve a pergunta a responde.

P: Mas quem é?

M: Não quem, mas o quê. Eu não sou uma pessoa no seu sentido da palavra, embora eu possa parecer uma pessoa para você. Sou aquele infinito oceano de consciência no qual tudo acontece. Estou também além de toda existência e conhecimento, pura felicidade de ser. Nada existe que eu sinta como separado de mim, portanto sou tudo. Nenhuma coisa sou eu, assim eu sou nada.

O mesmo poder que faz arder o fogo e a água fluir, que faz a semente brotar e a árvore crescer, faz com que responda suas perguntas. Não há nada pessoal sobre mim, embora a linguagem e o estilo possam parecer pessoais. Uma pessoa é um conjunto de padrões de desejos e pensamentos, e ações resultantes; no meu caso não existem tais padrões. Não há nada que eu deseje ou tema – como poderia existir um padrão?

P: Seguramente, você morrerá.

M: A vida escapará, o corpo morrerá, mas isto não me afetará o mínimo. Além do espaço e do tempo eu sou, sem causa, causa de nada e, ainda assim, a própria matriz da existência.

P: Permita-me perguntar como você chegou à sua condição presente?

M: Meu mestre falou-me para agarrar-me tenazmente ao sentido de 'eu sou' e que não me desviasse dele nem por um momento. Segui seu conselho e, em um tempo comparativamente curto, compreendi, dentro de mim mesmo, a verdade de seu ensinamento. Tudo o que fiz foi lembrar constantemente seu ensinamento, seu rosto, suas palavras. Isto acabou com a mente; na quietude da mente, vi a mim mesmo como sou – ilimitado.

P: Sua realização foi repentina ou gradual?

M: Nem uma nem outra. Se é o que se é atemporalmente. É a mente que compreende como e quando ela fica livre de desejos e temores.

P: Mesmo o desejo de realização?

M: O desejo de colocar um fim a todos os desejos é o mais peculiar, da mesma forma que ter medo de estar amedrontado é um temor muito peculiar. Um o impede de agarrar e o outro o impede de escapar. Você pode usar as mesmas palavras, mas os estados não são o mesmo. O homem que busca a realização não está viciado em desejos; ele é um buscador que vai contra o desejo, não com ele. O anseio geral por libertação é apenas o começo; encontrar os meios adequados e usá-los é o próximo passo. O buscador tem apenas uma meta: encontrar seu próprio ser ver-

dadeiro. De todos os desejos, este é o mais ambicioso, pois nada nem ninguém pode satisfazê-lo; o buscador e o buscado são um, e só a busca interessa.

P: A busca acabará. O buscador permanecerá.

M: Não, o buscador se dissolverá, a busca continuará. A busca é a realidade final e atemporal.

P: Busca significa carência, desejo, incompletude e imperfeição.

M: Não, ela significa recusa e rejeição do incompleto e do imperfeito. A busca da realidade é o próprio movimento da realidade. De um certo modo, toda busca é pela felicidade real, ou a felicidade do real. Mas aqui, por busca queremos dizer a busca de si mesmo como a raiz do ser consciente, como a luz além da mente. Esta busca nunca terminará, enquanto a ânsia incessante por tudo mais deve terminar, para que o progresso real aconteça.

Deve-se entender que a busca da realidade, ou de Deus, ou do Guru, e a busca de si mesmos são a mesma coisa: quando um é encontrado, todos são encontrados. Quando 'eu sou' e 'Deus é' tornam-se indistinguíveis em sua mente, então algo acontece e você conhece, sem sombra de dúvida, que Deus é porque você é e você é porque Deus é. Os dois são um.

P: Desde que tudo é predestinado, está predestinada nossa autorrealização? Ou somos livres ao menos nisto?

M: O destino se refere apenas ao nome e à forma. Desde que você não é nem o corpo nem a mente, o destino não tem nenhum controle sobre você. Você é completamente livre. A taça é condicionada por sua forma, material, uso e assim por diante. Mas o espaço no interior da taça é livre. Ele está na taça apenas quando visto em conexão com ela. De outra forma é apenas espaço. Enquanto há um corpo, você aparenta estar encarnado. Sem o corpo, você não está desencarnado – você simplesmente é.

Mesmo o destino é apenas uma ideia. As palavras podem ser postas juntas de muitas maneiras! As frases podem diferir, mas mudam algo no real? Há muitas teorias concebidas para explicar as coisas – todas são plausíveis, nenhuma é verdadeira. Quando você dirigir um carro, você estará sujeito às leis da mecânica e da química: saia do carro e você estará sob as leis da fisiologia e da bioquímica.

P: O que é meditação e para que serve?

M: Enquanto você for um principiante, certas meditações formais, ou orações, poderão ser boas para você. Mas, para o buscador da realidade, existe apenas uma meditação – a recusa rigorosa a abrigar pensamentos. Estar livre de pensamentos é a própria meditação.

P: Como isto é feito?

M: Você começa por permitir que os pensamentos fluam, e os observa. A própria observação aquieta a mente até que ela para totalmente. Uma vez quieta a mente, mantenha-a quieta. Não fique entediado com a paz, esteja nela, vá profundamente para dentro dela.

P: Ouvi acerca de agarrar-se a um pensamento para manter todos os outros afastados. Mas como afastar todos os pensamentos? A própria ideia é também um pensamento.

M: Experimente novamente, não se guie por experiências passadas. Observe seus pensamentos e observe a si mesmo observando os pensamentos. O estado de liberdade de todos os pensamentos acontecerá repentinamente, e você o reconhecerá pela sua felicidade.

P: Você não está de forma alguma interessado sobre o estado do mundo? Olhe para todos os horrores do leste paquistanês. Eles não o afetam em nada?

M: Leio jornais, sei o que está acontecendo! Mas minha reação não é como a sua. Você está buscando uma medida saneadora, enquanto eu estou interessado na prevenção. Enquanto houver causas, deverá haver resultados. Enquanto as pessoas estiverem propensas a dividir e separar, enquanto elas forem egoístas e agressivas, tais coisas acontecerão. Se você quer paz e harmonia no mundo, você deve ter paz e harmonia em seu coração e em sua mente. Tais mudanças não podem ser impostas; devem vir de dentro. Aqueles que abominam a guerra devem expulsá-la de seu sistema. Sem pessoas pacíficas, como você pode ter paz no mundo? Enquanto as pessoas forem como são, o mundo deverá ser como é. Eu estou fazendo a minha parte ao tentar ajudar as pessoas a conhecer a si mesmas como a única causa de suas próprias misérias. Neste sentido, sou um homem útil. Mas o que sou em mim mesmo, o que é meu estado normal, não pode ser expresso em termos de consciência social e utilidade.

Posso falar sobre isto utilizando metáforas ou parábolas, mas sou agudamente consciente que isto não é exatamente assim. Não que não possa ser experienciado. É o próprio experienciar! Mas não pode ser

descrito em termos de uma mente que deva separar e opor para conhecer.

O mundo é como uma folha de papel sobre a qual alguma coisa é datilografada. A leitura e o significado variarão com o leitor, mas o papel é o fator comum, sempre presente, raramente percebido. Quando a fita é removida, a impressão não deixa nenhum traço sobre o papel. Assim é minha mente – as impressões continuam chegando, mas nenhum traço é deixado.

P: Por que você se senta aqui e fala para as pessoas? Qual seu motivo real?

M: Nenhum. Você diz que devo ter um motivo. Eu não estou sentado aqui, nem estou falando; não é necessário procurar motivos. Não me confunda com o corpo. Não tenho nenhum trabalho para fazer, nem deveres a realizar. Esta minha parte, a qual você pode chamar Deus, cuidará do mundo. Este seu mundo, que tantos cuidados necessita, vive e se move em sua mente. Investigue profundamente nele, você encontrará suas respostas ali e somente ali. De que outra parte você espera que elas venham? Existe algo fora de sua consciência?

P: Pode existir sem que eu nunca saiba.

M: Que tipo de existência seria? Pode o ser estar divorciado do conhecer? Todo ser, como todo conhecer, relaciona-se a você. Uma coisa é porque você sabe que é, ou em sua experiência ou em seu ser. Seu corpo e sua mente existem enquanto você assim acreditar. Cesse de pensar que eles são seus e eles se dissolverão. Sem dúvida, deixe seu corpo e sua mente funcionar, mas não os deixe limitá-lo. Se você percebe imperfeições, siga percebendo; a própria atenção que você lhes dá colocará seu coração, sua mente e seu corpo em ordem.

P: Posso curar-me de uma grave enfermidade pelo mero fato de conhecê-la?

M: Conheça a enfermidade como um todo, não apenas através dos sintomas externos. Toda doença começa na mente. Cuide da mente em primeiro lugar, achando e eliminando todas as ideias e emoções incorretas. Então viva e trabalhe sem dar atenção à enfermidade e sem pensar mais nela. Com a remoção das causas, o efeito é obrigado a se afastar de você.

O homem se transforma no que ele acredita ser. Abandone todas as ideias sobre você mesmo e você descobrirá ser a pura testemunha, além de tudo que possa acontecer para o corpo ou para a mente.

P: Se eu me transformar em qualquer coisa que pensar, e começo a pensar que sou a Realidade Suprema, não será minha Realidade Suprema uma mera ideia?

M: Primeiro alcance este estado e então faça a pergunta.

49
A MENTE CAUSA INSEGURANÇA

Pergunta: As pessoas vêm a você para aconselhamento. Como você sabe o que responder?

Maharaj: Conforme ouço a pergunta, assim ouço a resposta.

P: E como você sabe que a resposta está correta?

M: Uma vez que conheça a verdadeira fonte das respostas, não necessito duvidar delas. De uma fonte pura, apenas água pura fluirá. Não estou preocupado com os desejos e medos das pessoas. Estou afinado com os fatos, não com as opiniões. O homem toma a si mesmo por seu nome e sua forma, enquanto eu nada tomo por mim mesmo. Se eu pensasse que sou um corpo conhecido pelo nome, não teria sido capaz de responder às suas perguntas. Se eu o tomasse por um mero corpo, não haveria nenhum benefício para você em minhas respostas. Nenhum mestre verdadeiro se permite opiniões. Ele vê as coisas como elas são e as mostra como são. Se você tomar as pessoas pelo que elas pensam ser, você apenas lhes causará danos, exatamente como elas prejudicam a si mesmas tão dolorosamente todo o tempo. Mas se você as vir como elas são na realidade, fará a elas um bem enorme. Se elas lhe perguntarem o que fazer, o que praticar ou adotar, que modo de vida seguir, você responderá: 'Não façam nada, apenas sejam. Tudo acontece naturalmente no ser'.

P: Parece-me que, em suas conversas, você usa as palavras "naturalmente" e "acidentalmente" de forma indiscriminada. Sinto que há uma profunda diferença no significado das duas palavras. O natural é ordena-

do, sujeito à lei; pode-se confiar na natureza; o acidental é caótico, inesperado, imprevisível. Pode-se defender que tudo seja natural, sujeito às leis da natureza; sustentar que tudo é acidental, sem qualquer causa, é seguramente um exagero.

M: Você iria gostar mais se eu usasse a palavra 'espontâneo' em vez de 'acidental'?

P: Você pode usar a palavra 'espontâneo' ou 'natural' como opostas a 'acidental'. No acidental há o elemento de desordem, de caos. Um acidente é sempre uma ruptura das regras, uma exceção, uma surpresa.

M: A própria vida não é uma corrente de surpresas?

P: Há harmonia na natureza. O acidental é uma perturbação.

M: Você fala como uma pessoa limitada no tempo e no espaço, reduzida aos conteúdos do corpo e da mente. O que você gosta você chama 'natural', e o que lhe desagrada você chama 'acidental'.

P: Agrada-me o natural e o que está sujeito à lei, o esperado; e temo o que rompe a lei, o desordenado, o inesperado, o absurdo. O acidental é sempre monstruoso. Podem existir os chamados 'acidentes afortunados', mas eles apenas provam a regra de que, em um universo propenso ao acidente, a vida seria impossível.

M: Sinto que há um mal-entendido. Por 'acidental' quero dizer algo a que não se aplica nenhuma lei conhecida. Quando digo que tudo é acidental, sem causa, só quero dizer que as causas e as leis de acordo com as quais funcionam estão além de nosso conhecimento, ou mesmo de nossa imaginação. Se você chama natural ao que você toma por ordenado, harmonioso, previsível, então o que obedece a leis superiores e é movido pelos mais altos poderes pode ser chamado espontâneo. Assim, pois, teremos duas ordens naturais: a pessoal e previsível, e a impessoal, ou suprapessoal, e imprevisível. Chame-as natureza inferior e superior, e descarte a palavra acidental. À medida que você cresce em conhecimento e percepção, a fronteira entre a natureza inferior e a superior desaparece, mas as duas permanecem até que sejam vistas como uma. Pois, de fato, tudo é tão maravilhosamente inexplicável!

P: A ciência explica bastante.

M: A ciência trata de nomes e formas, quantidades e qualidades, padrões e leis; está tudo certo em seu lugar próprio. Mas a vida é para ser vivida; não há tempo para análise. A resposta deve ser instantânea – daí

a importância do espontâneo, do atemporal. É no desconhecido que vivemos e nos movemos. O conhecido é o passado.

P: Posso apoiar-me sobre o que sinto que sou. Sou um indivíduo, uma pessoa entre pessoas. Algumas pessoas estão integradas e harmonizadas, e algumas não estão. Outras vivem sem esforço, respondem espontaneamente a cada situação corretamente, fazendo plena justiça à necessidade do momento, enquanto outras tateiam, erram e geralmente fazem de si mesmas uma perturbação. A pessoa harmonizada pode ser chamada natural, governada pela lei, enquanto a desintegrada é caótica e sujeita a acidentes.

M: A própria ideia de caos pressupõe o sentido do ordenado, do orgânico, do inter-relacionado. O caos e cosmos são dois aspectos do mesmo estado?

P: Mas você parece dizer que tudo é caos, acidental, imprevisível.

M: Sim, no sentido de que nem todas as leis do ser são conhecidas e de que nem todos os eventos são previsíveis. Quanto mais for capaz de compreender, mais o universo se torna satisfatório, emocional e mentalmente. A realidade é boa e bela; nós criamos o caos.

P: Se você quer dizer que é o livre-arbítrio do homem que causa os acidentes, eu concordaria. Mas ainda não discutimos o livre-arbítrio.

M: Sua ordem é o que lhe dá prazer e a desordem é o que lhe dá sofrimento.

P: Pode colocar deste modo, mas não me diga que os dois são um. Fale-me em minha própria linguagem – a linguagem de um indivíduo em busca da felicidade. Eu não quero ser enganado por conversas não dualistas.

M: O que o faz acreditar que você é um indivíduo separado?

P: Eu me comporto como um indivíduo, funciono de minha própria maneira. Considero-me em primeiro lugar, e aos outros apenas em relação a mim mesmo. Em resumo, estou ocupado comigo mesmo.

M: Bem, continue ocupado com você mesmo. Para que assunto você veio aqui?

P: Para meu velho assunto de pôr-me a salvo e feliz. Confesso que não tenho sido bem sucedido. Não estou nem seguro nem feliz. Portanto, você me encontra aqui. Este lugar é novo para mim, mas a minha razão para vir aqui é velha – a busca da felicidade segura, da segurança feliz. Até agora não a achei. Você pode ajudar-me?

M: O que nunca foi perdido jamais poderá ser encontrado. Sua própria busca por segurança e alegria o mantém longe delas. Detenha a busca, pare de perder. A doença é simples e o remédio, igualmente simples. É sua mente apenas que o faz inseguro e infeliz. A antecipação o faz inseguro, a memória – infeliz. Pare de usar mal sua mente e tudo estará bem com você. Você não necessita colocá-la em ordem – ela o fará por si mesma, logo que você abandonar todo o interesse no passado e no futuro, e viva inteiramente no agora.

P: Mas o agora não tem nenhuma dimensão. Devo tornar-me um ninguém, um nada!

M: Exatamente. Como nada e ninguém, você esta seguro e feliz. Você pode ter a experiência se a pedir. Tente.

Mas voltemos ao que é acidental e ao espontâneo, ou natural. Você disse que a natureza é ordenada enquanto o acidente é um sinal de caos. Eu neguei a diferença e disse que nós chamamos acidental um evento quando suas causas não podem ser determinadas. Não há nenhum lugar para o caos na natureza. Apenas na mente do homem há caos. A mente não entende o todo – seu foco é muito estreito. Ela vê apenas fragmentos e falha em perceber o quadro. Da mesma forma que o homem que ouve sons, mas não entende a linguagem, poderá acusar o orador de falar coisas sem sentido e de estar inteiramente errado. O que para um é uma corrente caótica de sons é um belo poema para outro.

O Rei Janaka sonhou uma vez que era um mendigo. Ao acordar, ele perguntou a seu Guru – Vasishta: Sou um rei sonhando ser um mendigo, ou um mendigo sonhando ser um rei? O Guru respondeu: Você não é nem um nem outro, você é ambos. Você é, e ainda assim você não é o que você pensa ser. Você é porque você se comporta de acordo; você não é porque não dura. Você pode ser um rei ou um mendigo para sempre? Tudo deve mudar. Você é o que não muda. O que você é? Janaka disse então: Sim, não sou nem rei nem mendigo, sou a testemunha imparcial. O Guru disse: Esta é sua última ilusão, a de que é um gnani, a de que é diferente e superior ao homem comum. Você se identifica de novo com sua mente, neste caso uma mente bem-comportada e de todo modo exemplar. Enquanto você vê a menor diferença, você é um estranho à realidade. Você está no nível da mente. Quando o 'Eu sou eu mesmo' parte, o 'Eu sou tudo' vem. Quando o 'Eu sou tudo' parte, 'eu sou' vem. Quando mesmo o 'eu sou' parte, só a realidade é e, nela, todo 'eu

sou' é preservado e glorificado. A diversidade sem separatividade é o Último estado que a mente poderá tocar. Além deste, toda atividade cessa, porque nele todas as metas são alcançadas e todos os propósitos satisfeitos.

P: Uma vez que o Estado Supremo seja alcançado, poderá ser compartilhado com os demais?

M: O Estado Supremo é universal, aqui e agora; todos já o compartilham. É o estado de ser, conhecer e amar. Quem não deseja ser, ou não conhece sua própria existência? Mas não conseguimos nenhuma vantagem desta alegria de ser consciente, não entramos nela e não a purificamos de tudo o que lhe é estranho. Este trabalho de autopurificação, a limpeza da psique, é essencial. Como uma partícula no olho, ao causar inflamação, pode apagar o mundo, assim também a ideia errônea: 'Eu sou o corpo-mente' causa o egoísmo, o qual obscurece o universo. É inútil lutar contra a sensação de ser uma pessoa limitada e separada até que suas raízes sejam reveladas. O egoísmo está enraizado nas ideias errôneas de si mesmo. O esclarecimento da mente é loga.

50
A CONSCIÊNCIA DE SI É A TESTEMUNHA

Pergunta: Você me disse que posso ser considerado sob três aspectos: o pessoal (vyakti), o suprapessoal (vyakta) e o impessoal (avyakta). O Avyakta é o 'Eu' puro, universal e real; o Vyakta é seu reflexo na consciência como 'eu sou'; o Vyakti é a totalidade dos processos físico e vital. Dentro dos estreitos limites do momento presente, o suprapessoal é consciente da pessoa, tanto no espaço quanto no tempo; não apenas de uma pessoa, mas da longa série de pessoas encadeadas no fio do karma. É essencialmente a testemunha assim como o resíduo das experiências acumuladas, a sede da memória, o elo de ligação (sutratma). É o caráter do homem que a vida forma e constrói de nascimento a nascimento. O universal está além de todo nome e forma, além da consciência e do ca-

ráter, puro ser não consciente de si mesmo. Coloquei suas concepções corretamente?

Maharaj: No nível da mente – sim. Além do nível mental nenhuma palavra se aplica.

P: Posso entender que a pessoa é uma construção mental, um nome coletivo para um conjunto de memórias e hábitos. Mas, aquele a quem a pessoa acontece, o centro de testemunho, é mental também?

M: O pessoal necessita de uma base, um corpo com o qual identificar-se, da mesma forma que a cor necessita de uma superfície para aparecer. A visão da cor é independente da cor – é a mesma, seja qual for a cor. Necessita-se de um olho para ver a cor. As cores são muitas, o olho é único. O pessoal é como a luz na cor e também no olho, todavia é simples, único, indivisível e imperceptível, exceto em suas manifestações. Não incognoscível, mas imperceptível, não objetivável, inseparável. Nem material nem mental, nem objetivo nem subjetivo, é a raiz da matéria e a fonte da consciência. Além do mero viver e morrer, é a Vida toda-inclusiva, toda-exclusiva, na qual nascimento é morte e morte é nascimento.

P: O Absoluto ou a Vida de que você fala é real ou é uma mera teoria para cobrir nossa ignorância?

M: Ambos. Para a mente, uma teoria; em si mesmo – uma realidade. É realidade em sua rejeição espontânea e total do falso. Da mesma forma que a luz destrói a escuridão por sua própria presença, assim o absoluto destrói a imaginação. Ver que todo conhecimento é uma forma de ignorância é por si mesmo um movimento na realidade. A testemunha não é uma pessoa. A pessoa surge quando há uma base para ela, um organismo, um corpo. Nela o absoluto é refletido como Consciência. A pura Consciência torna-se Consciência de si mesmo. Quando há um eu, a auto-Consciência é a testemunha. Quando não há nenhum eu para testemunhar, tampouco há testemunhar. Tudo é muito simples; é a presença da pessoa que complica. Veja que não há nenhuma pessoa permanentemente separada, e tudo se tornará claro. Consciência , mente, matéria – elas são uma única realidade em seus dois aspectos como imutável e mutável, e seus três atributos de inércia, energia e harmonia.

P: O que vem primeiro: a consciência ou a Consciência?

M: A Consciência se torna consciência quando tem um objeto. O objeto muda o tempo todo. Na consciência, há movimento; a Consciência por si mesma é imóvel e atemporal, aqui e agora.

P: Há sofrimento e derramamento de sangue no leste do Paquistão no presente momento. Como você os vê? Como isto aparece para você? Como você reage a isto?

M: Nada jamais acontece na consciência pura.

P: Por favor, desça destas alturas metafísicas! De que utilidade é para o homem que sofre que se lhe diga que ninguém é consciente de seu sofrimento exceto ele mesmo? Relegar tudo à ilusão é acrescentar o insulto à injúria. O bengali do leste paquistanês é um fato e seu sofrimento é outro fato. Por favor, não os analise fora da existência! Você está lendo jornais, você ouve as pessoas falando sobre isto. Você não pode alegar ignorância. Agora, qual é sua atitude em relação ao que está acontecendo?

M: Nenhuma atitude. Nada está acontecendo.

P: Qualquer dia poderá haver um tumulto em frente de você, talvez pessoas matando umas às outras. Certamente, você não poderá dizer que nada está acontecendo, e permanecer afastado.

M: Eu nunca falei em permanecer afastado. Você pode também me ver pulando para dentro da briga para salvar alguém e ser morto. Ainda assim nada me aconteceria.

Imagine uma grande construção ruindo. Alguns quartos estão em ruínas, outros estão intactos. Mas você pode falar do espaço como em ruínas ou intacto? É apenas a estrutura que sofre, assim como as pessoas que viviam nela. Nada aconteceu para o próprio espaço. Similarmente, nada acontece à vida quando as formas entram em dissolução e os nomes são apagados. O ourives funde os velhos ornamentos para fazer novos. Algumas vezes uma peça boa vai com a má. Ele aceita isto com calma, pois sabe que nenhum ouro se perderá.

P: Não é contra a morte que me rebelo. É a maneira de morrer.

M: A morte é natural, a maneira de morrer é artificial, feita pelo homem. A separação causa medo e agressão, o que, por sua vez, causa violência. Dê um fim às separações feitas pelo homem e todo esse horror de pessoas matando umas às outras certamente terminará. Mas, na realidade, não há nenhum matar e nenhum morrer. O real não morre, o irreal nunca viveu. Coloque sua mente em ordem e tudo estará certo. Quando

você sabe que o mundo é um, que a humanidade é uma, você atuará de acordo. Mas antes de tudo você deverá prestar atenção ao modo que você sente, pensa e vive. A menos que exista ordem em você mesmo, não poderá existir nenhuma ordem no mundo.

Na realidade nada acontece. Sobre a tela da mente, o destino projeta sempre suas imagens, memórias de projeções anteriores, e assim a ilusão se renova constantemente. As imagens vêm e vão – a luz interceptada pela ignorância. Veja a luz e desconsidere a imagem.

P: Que modo insensível de ver as coisas! As pessoas estão matando e sendo mortas e aqui você fala de imagens!

M: Sem dúvida, vá e deixe-se matar – se é o que você acha que deve fazer. Ou mesmo vá e mate, se o toma por seu dever. Mas este não é o modo para acabar com o mal. O mal é a hediondez de uma mente enferma. Cure sua mente e deixará de projetar imagens distorcidas, horríveis imagens.

P: Entendo o que você diz, mas emocionalmente não posso aceitá-lo. Esta visão meramente idealista da vida causa-me profunda aversão. Não posso pensar-me como permanentemente em um estado de sonho.

M: Como você poderia estar permanentemente em um estado causado por um corpo impermanente? A incompreensão está baseada em sua ideia de que é um corpo. Examine a ideia, veja suas inerentes contradições, realize que sua existência presente é como uma chuva de fagulhas, cada fagulha durando um segundo e a própria chuva – um minuto ou dois. Certamente, uma coisa cujo começo é o fim não pode ter meio. Respeite seus termos. A realidade não pode ser momentânea. Ela é atemporal, mas a atemporalidade não é duração.

P: Admito que o mundo no qual vivo não é o mundo real. Mas há um mundo real, do qual vejo uma imagem distorcida. A distorção pode ser devida a alguma deformidade em meu corpo ou mente. Mas quando você diz que não há um mundo real, e sim, apenas, um mundo de sonhos em minha mente, não posso aceitá-lo. Eu queria acreditar que todos os horrores da existência se devam a que eu tenho um corpo. O suicídio seria a saída.

M: Enquanto você der atenção às ideias, suas ou de outros, você estará metido em confusão. Mas se você desprezar todos os ensinamentos, todos os livros, qualquer conteúdo verbal, e mergulhar profundamente dentro de você mesmo, e se encontrar, só isto resolverá todos seus pro-

blemas e o deixará no pleno domínio de todas as situações, porque você não será dominado por suas ideias sobre a situação. Tome um exemplo. Você está na companhia de uma mulher atraente. Você começa a ter ideias sobre ela e isto cria uma situação sexual. Um problema é criado e você começa a buscar livros sobre continência ou divertimento. Se você fosse um bebê, vocês dois poderiam estar nus e juntos sem que surgisse qualquer problema. Parem de pensar em vocês como corpos e os problemas do amor e do sexo perderão seu significado. Com o desaparecimento de todo sentido de limitação, medo, dor e busca pelo prazer – tudo cessa. Apenas a consciência permanece.

51
SEJA INDIFERENTE AO SOFRIMENTO E AO PRAZER

Pergunta: Sou francês de nascimento e residência, e pratico Ioga há uns dez anos.

Maharaj: Depois de dez anos de trabalho, você está de algum modo mais próximo de sua meta?

P: Um pouco mais próximo, talvez. É trabalho duro, você sabe.

M: O Ser está próximo e o caminho para ele é fácil. Tudo o que necessita fazer é não fazer nada.

P: Ainda assim acho meu sadhana muito difícil.

M: Seu sadhana é ser. O fazer acontece. Seja simplesmente vigilante. Onde está a dificuldade em relembrar o que você é? Você é todo o tempo.

P: O sentido de ser existe todo o tempo – sem dúvida. Mas o campo da atenção é frequentemente invadido por todo tipo de eventos mentais – emoções, imagens, ideias. O sentido puro de ser está habitualmente cheio de muitas coisas.

M: Qual é seu procedimento para limpar a mente do desnecessário? Quais são os seus meios, seus recursos para a purificação da mente?

P: Basicamente, o homem tem medo. Tem mais medo de si mesmo. Sinto que sou como um homem que está carregando uma bomba a ponto

de explodir. Ele não pode desarmá-la, não pode lançá-la longe. Ele está terrivelmente assustado e buscando freneticamente uma solução que não pode encontrar. Para mim, a liberação é ficar livre dessa bomba. Não sei muito sobre ela. A única coisa que eu sei provém da infância. Sinto-me como a criança assustada protestando calorosamente contra o fato de não ser amada. A criança anseia pelo amor e, porque não o obtém, está aterrorizada e colérica. Algumas vezes sinto vontade de matar alguém, ou a mim mesmo. Este desejo é tão forte que estou constantemente amedrontado. E não sei como me libertar do medo.

Você vê que há uma diferença entre uma mente hindu e uma mente europeia. A mente hindu é comparativamente simples. A europeia é muito mais complexa. O hindu é basicamente sattvico. Ele não entende a inquietação do europeu, sua infatigável procura do que pensa que necessita fazer, seu maior conhecimento geral.

M: Sua capacidade de raciocinar é tão grande que ele se considerará fora de toda razão! Sua autoafirmação é devida à sua confiança na lógica.

P: Mas pensar e raciocinar é o estado normal da mente. A mente simplesmente não pode deixar de trabalhar.

M: Pode ser seu estado habitual, mas não necessita ser o estado normal. Um estado normal não pode ser penoso, enquanto hábitos errados frequentemente conduzem ao sofrimento crônico.

P: Se não é o estado natural, ou normal, da mente, então como detê-lo? Deve existir um modo de aquietar a mente. Frequentemente, digo a mim mesmo: basta, por favor, pare, basta desta tagarelice sem fim de sentenças repetidas vezes sem conta! Mas minha mente não para. Sinto que se pode detê-la por um tempo, mas não por muito tempo. Mesmo as pessoas assim chamadas 'espirituais' usam truques para manter suas mentes quietas. Repetem fórmulas, cantam, oram, respiram forçosa ou suavemente, agitam-se, rodam, concentram-se, meditam, caçam transes, cultivam virtudes – trabalhando todo o tempo para cessar de trabalhar, de caçar, de mover-se. Se não fosse tão trágico, seria ridículo.

M: A mente existe em dois estados: como água e como mel. A água vibra à menor perturbação, enquanto o mel, por mais que seja perturbado, retorna rapidamente à imobilidade.

P: Por sua verdadeira natureza, a mente é inquieta. Pode talvez ser aquietada, mas não se aquieta por si mesma.

M: Você pode ter febre crônica e tremer o tempo todo. São os desejos e os temores que fazem a mente inquieta. A mente é tranquila quando livre de todas as emoções negativas.

P: Você não pode proteger a criança das emoções negativas. Logo que nasce, ela conhece a dor e o temor. A fome é a mestra cruel e ensina dependência e ódio. A criança ama a mãe porque ela a alimenta e a odeia porque ela está atrasada com a comida. Nossa mente inconsciente é cheia de conflitos, os quais inundam o consciente. Vivemos sobre um vulcão; estamos sempre em perigo. Concordo que a companhia de pessoas cuja mente é pacífica tem um efeito calmante, mas logo que esteja longe delas, começam os velhos problemas. É por isto que venho periodicamente à Índia para buscar a companhia de meu Guru.

M: Você pensa que está vindo e indo, passando através de vários estados e humores. Eu vejo as coisas como elas são, eventos momentâneos, apresentando-se a mim em rápida sucessão, derivando seu ser de mim, ainda assim, definitivamente, nem eu nem meu. Entre os fenômenos eu não sou um, nem sujeito de qualquer um. Sou independente, tão simples e totalmente, que sua mente, acostumada à oposição e à negação, não pode compreender. Quero dizer literalmente o que digo: Não necessito opor, ou negar, porque está claro para mim que eu não posso ser o oposto ou a negação de qualquer coisa. Estou simplesmente além, em uma dimensão totalmente diferente. Não me busque na identificação ou na oposição a alguma coisa: Eu estou onde o desejo e o temor não estão. Agora, qual é sua experiência? Você também sente que está totalmente separado de todas as coisas transitórias?

P: Sim, às vezes. Mas, imediatamente, um sentido de perigo se manifesta e me sinto isolado, fora de toda relação com os outros. Você vê, aqui está a diferença entre nossas mentalidades. Com o hindu, a emoção segue o pensamento. Dê a um hindu uma ideia e sua emoção será despertada. Com o Ocidental acontece o oposto: dê a ele uma emoção e ele produzirá uma ideia. Suas ideias são muito atrativas – intelectualmente, mas emocionalmente não me fazem reagir.

M: Ponha seu intelecto de lado. Não o use nestes assuntos.

P: Qual a utilidade de um conselho que eu não possa pôr em prática? Todos estes são ideias e você quer que eu reaja emotivamente a eles, pois sem sentimentos não pode haver ação.

M: Por que você fala em ação? Alguma vez você já agiu ? Algum poder desconhecido age e você imagina que é você que está agindo. Você está simplesmente observando o que acontece, sem ser capaz de influenciá-lo de modo algum.

P: Por que existe em mim tal resistência tremenda contra aceitar que não posso simplesmente fazer nada?

M: Mas o que você pode fazer? Você é como um paciente sob anestesia em quem um cirurgião realiza uma operação. Quando você desperta, descobre que a operação terminou; pode dizer que você fez alguma coisa?

P: Mas fui eu quem escolheu submeter-me a uma operação.

M: Certamente, não. É sua doença de um lado e a pressão de seu médico e da família do outro que o fizeram decidir. Você não teve nenhuma escolha, apenas a ilusão de tê-la.

P: Ainda assim sinto que não estou tão indefeso quanto você me faz parecer. Sinto que posso fazer tudo que possa pensar, apenas não sei como. Não é o poder que me falta, mas o conhecimento.

M: Não conhecer os meios é reconhecidamente tão mau quanto não ter o poder! Mas deixemos o assunto por um momento; depois de tudo, não importa por que nos sintamos indefesos, enquanto vemos claramente que, por enquanto, estamos fracos.

Tenho agora 74 anos. Ainda sinto que sou uma criança. Sinto claramente que, apesar de todas as mudanças, sou uma criança. Meu Guru me disse: Esta criança, a qual é você mesmo agora, é seu ser real (swarupa). Volte ao estado de puro ser, onde o 'Eu sou' ainda está em sua pureza, antes de ser contaminado pelo 'eu sou isso' ou 'eu sou aquilo'. Seu fardo são as falsas identificações - abandone todas elas. Meu Guru me disse – 'Confie em mim. Eu lhe digo: você é divino. Tome isto como a verdade absoluta. Sua alegria é divina, seu sofrimento é divino também. Tudo vem de Deus. Lembre sempre disto. Você é Deus, só sua vontade é feita'. Eu acreditei nele e logo compreendi quão maravilhosamente eram verdadeiras e precisas as suas palavras. Não condicionei minha mente pensando: 'Sou Deus, sou maravilhoso, estou além'. Segui simplesmente suas instruções que eram para focar a mente no puro ser 'eu sou' e permanecer nele. Estava acostumado a sentar por horas com nada exceto o 'eu sou' em minha mente e logo a paz, a alegria e um profundo amor universal tornaram-se meu estado normal. Nele tudo desapareceu – eu

mesmo, meu Guru, a vida que eu vivi, o mundo em torno de mim. Apenas a paz permaneceu, e um silêncio insondável.

P: Tudo isto parece muito simples e fácil, mas não é assim. Às vezes, o maravilhoso estado de jubilosa paz surge em mim e olho e surpreendo-me: quão facilmente veio e quão íntimo parece, quão totalmente meu. Onde estava a necessidade de lutar tão duramente por um estado tão à mão? Desta vez, certamente, veio para permanecer. Ainda assim, quão sem demora isto tudo se dissolve e me deixa duvidoso – era um sabor da realidade ou outra aberração. Se fosse a realidade, por que se foi? Talvez uma experiência única seja necessária para fixar-me de uma vez por todas no novo estado e, até que venha esta experiência crítica, o jogo de esconde-esconde deverá continuar.

M: Sua expectativa de algo único e dramático, de alguma explosão maravilhosa, está meramente atrapalhando e atrasando sua autorrealização. Você não deve esperar uma explosão, pois ela já aconteceu – no momento em que você nasceu, quando você se deu conta de si mesmo como existência-conhecimento-sentimento. Há apenas um equívoco que você está cometendo: você toma o interno pelo externo, e o externo pelo interno. O que está em você, você acha que é externo, e o que está fora de você, você acha que é interno. A mente e os sentimentos são externos, mas você acha que eles são íntimos. Você acredita que o mundo é objetivo, enquanto que ele é completamente uma projeção da sua psique. Esta é a confusão básica. E nenhuma nova explosão a colocará em ordem. Você deve pensar-se como fora dela. Não há outro modo.

P: Como vou pensar-me fora dela quando meus pensamentos vêm e vão como querem? A tagarelice sem fim deles me distrai e enfraquece.

M: Observe seus pensamentos como você observa o tráfego na rua. As pessoas vêm e vão; você registra sem responder. Pode não ser fácil no começo, mas com alguma prática você descobrirá que sua mente pode funcionar em muitos níveis ao mesmo tempo e você pode ser consciente de todos eles. É apenas quando você tem um interesse pessoal em qualquer nível particular que sua atenção fica presa nele, e você se apaga em outros níveis. Mesmo então, o trabalho sobre os níveis apagados continua, fora do campo da consciência. Não lute com suas lembranças e pensamentos; tente apenas incluir em seu campo de atenção as outras questões mais importantes, como 'Quem sou eu?', 'Como é que eu nasci?' 'De onde vem este universo que me rodeia?', 'O que é real e o que é

momentâneo?'. Nenhuma lembrança persistirá se você perder o interesse nela; é a ligação emocional que perpetua a escravidão. Você está sempre buscando prazer, evitando a dor, sempre a procura de felicidade e paz. Você não vê que é sua própria busca da felicidade que o faz sentir-se miserável? Tente de outro modo: indiferente ao sofrimento e ao prazer, nem pedindo, nem recusando, dê toda sua atenção ao nível sobre o qual 'eu sou' está eternamente presente. Logo você compreenderá que a paz e a felicidade estão em sua própria natureza e o que perturba é apenas buscá-las através de alguns canais particulares. Evite a perturbação, isto é tudo. Não há necessidade de buscar; você não buscaria o que já tem. Você mesmo é Deus, a Realidade Suprema. Para começar, confie em mim, confie no Mestre. Isto o habilita a dar o primeiro passo – e então sua confiança será justificada por sua própria experiência. Em cada passagem da vida, a confiança inicial é essencial; sem ela, pouco pode ser feito. Toda empreendimento é um ato de fé. Mesmo o seu pão diário você o come na base da confiança! Recordando o que eu lhe disse, você alcançará tudo. Estou lhe falando novamente: Você é o que tudo permeia, toda realidade transcendente. Comporte-se de acordo; pense, sinta e atue em harmonia com o todo, e a experiência real do que digo nascerá em você imediatamente. Nenhum esforço é necessário. Tenha fé e aja de acordo com ela. Por favor, veja que não quero nada de você. É em seu próprio interesse que eu falo, porque, acima de tudo, você ama a si mesmo, você se quer seguro e feliz. Não se envergonhe disto, não o negue. É bom e natural amar a si mesmo. Apenas você deve saber o que ama exatamente. Não é o corpo que você ama, é a Vida – perceber, sentir, pensar, fazer, amar, lutar, criar. O que você ama é essa vida, que é você, que é tudo. Compreenda-a em sua totalidade, além de todas as divisões e limitações, e todos os seus desejos se fundirão nela, pois o maior contém o menor. Portanto, descubra-se a mesmo, pois, ao descobrir isto, você encontra tudo.

Todos estão contentes em ser. Mas poucos conhecem a plenitude disto. Você chega a conhecer por fixar a atenção de sua mente no 'eu sou', 'Eu conheço', 'Eu amo' – com a vontade de alcançar o significado mais profundo destas palavras.

P: Posso pensar 'Eu sou Deus'?

M: Não se identifique com uma ideia. Se você entende por Deus o Desconhecido, então você meramente diz: 'Eu não sei o que sou'. Se

você conhece Deus como conhece seu ser, você não necessita falar. O melhor é o simples sentido 'eu sou'. More nele pacientemente. Aqui, a paciência é sabedoria; não pense no fracasso. Não pode haver fracasso nesta tarefa.

P: Meus pensamentos não me deixarão.

M: Não lhes dê atenção. Não lute contra eles. Não faça nada a respeito deles, deixe-os estar, quaisquer que sejam. Sua luta contra eles lhes dá vida. Apenas os menospreze. Olhe através deles. Lembre-se de recordar: 'o quer que aconteça – acontece porque eu sou. Tudo o lembra que você é. Aproveite-se plenamente do fato de que você deve ser para experienciar. Você não precisa parar de pensar. Apenas cesse de estar interessado. É seu desinteresse que liberta. Não se apegue, isto é tudo. O mundo é feito de anéis. Os ganchos são todos seus. Endireite seus ganchos e nada poderá enganchar-se em você. Abandone seus vícios. Não há nada mais a abandonar. Pare sua rotina de aquisição, seu hábito de buscar resultados, e a liberdade do universo será sua. Seja sem esforço.

P: A vida é esforço. Há muitas coisas a fazer.

M: Faça o que for necessário. Não resista. Seu equilíbrio deve ser dinâmico, baseado em fazer apenas a coisa certa, de momento a momento. Não seja uma criança que não quer crescer. Os gestos e as posturas estereotipadas não o ajudarão. Confie inteiramente em sua claridade de pensamento, pureza de motivo e integridade de ação. Você não pode possivelmente equivocar-se. Vá além e deixe tudo para trás.

P: Mas poderia alguma coisa ser deixada para sempre?

M: Você quer algo como um êxtase sem interrupções. Êxtases vêm e vão, necessariamente, pois o cérebro humano não pode suportar a tensão por muito tempo. Um êxtase prolongado queimará seu cérebro, a menos que ele seja extremamente puro e sutil. Na natureza nada fica parado, tudo pulsa, aparece e desaparece. Coração, respiração, digestão, sono e vigília – nascimento e morte, tudo vai e vem em ondas. O ritmo, a periodicidade, a harmoniosa alternância dos extremos é a regra. É inútil rebelar-se contra a própria estrutura da vida. Se você busca o Imutável, vá além da experiência. Quando digo: recorde o 'eu sou' todo o tempo, quero dizer que volte a ele repetidamente. O estado natural da mente é aquele em que ela não é atravessada por algum pensamento em particular, e nem mesmo a ideia do silencio, mas o silencio verdadeiro. A mente em seu estado normal recupera espontaneamente o silencio depois de

cada experiencia; ou melhor, cada experiencia acontece sobre o fundo do silencio.

Agora, o que você aprendeu aqui se torna a semente. Você poderá esquecê-la –aparentemente. Mas ela sobreviverá e, na devida estação, brotará e crescerá, e produzirá flores e frutos. Tudo acontecerá por si mesmo. Você não necessita fazer nada, apenas não o impeça.

52
SER FELIZ – E FAZER FELIZ – É O RITMO DA VIDA

Pergunta: Vim da Europa há poucos meses em uma de minhas visitas periódicas a meu Guru, próximo de Calcutá. Agora, estou de regresso para casa. Fui convidado por um amigo para encontrar você e estou contente por ter vindo.

Maharaj: O que você aprendeu de seu Guru e que prática você seguiu?

P: Ele é um venerável ancião de cerca de oitenta anos. Filosoficamente, ele é um Vedantino, e a prática que ele ensina tem muito a ver com o despertar de energias inconscientes da mente, e em trazer à consciência os obstáculos e bloqueios ocultos. Meu sadhana pessoal estava relacionado ao meu problema peculiar da infância e da juventude. Minha mãe não pôde me dar o sentimento de estar seguro e ser amado, tão importante para o desenvolvimento normal da criança. Ela era uma mulher inadequada para ser mãe; cheia de ansiedades e neuroses, insegura de si mesma, sentia-me como uma responsabilidade e uma carga além de sua capacidade de tolerar. Ela nunca quis que eu nascesse. Não queria que eu crescesse e me desenvolvesse, queria devolver-me a seu útero, que não nascesse, que não existisse. A qualquer movimento de vida em mim ela resistia, combatia ferozmente qualquer tentativa para ir além do estreito círculo de sua existência habitual. Como uma criança, eu era sensível e carinhosa. Ansiava pelo amor acima de tudo o mais, e o amor, o simples e instintivo amor de uma mãe por seu filho, foi-me negado. A busca da criança por sua mãe tornou-se o motivo condutor de minha

vida, e nunca saí disto. Uma criança feliz, uma infância feliz, tornou-se uma obsessão para mim. A gravidez, o nascimento, a infância interessavam-me apaixonadamente. Tornei-me um obstetra de algum renome e contribui para o desenvolvimento do método do parto sem dor. Um filho feliz de uma mãe feliz – este foi o ideal de toda a minha vida. Mas minha mãe estava sempre lá – ela mesma infeliz, relutante e incapaz de me ver feliz. Manifestava-se de estranhas maneiras. Toda vez que eu estava doente, ela se sentia melhor; quando eu estava em boa forma, ela estava desanimada novamente, amaldiçoando a si mesma e a mim também. Como se nunca me perdoasse pelo meu crime de ter nascido, fazia-me sentir culpado por estar vivo. 'Você vive porque você me odeia. Se você me ama – morra' era sua constante, embora silenciosa mensagem. E assim eu passei minha vida, sendo-me oferecida a morte em vez do amor. Prisioneiro, como estava, de minha mãe, a criança perene, não pude desenvolver uma relação significativa com nenhuma mulher; a imagem da mãe iria apartar-me, implacável, inflexível. Eu busquei consolo em meu trabalho e encontrei muito; mas não podia sair do buraco da infância. Finalmente, voltei-me para a busca espiritual e estou firmemente nesta linha por muitos anos. Mas, de certo modo, é a mesma velha busca pelo amor da mãe, chame-a Deus ou Atma ou Suprema Realidade. Basicamente, quero amar e ser amado; desgraçadamente, as chamadas pessoas religiosas são contra a vida e a favor da mente. Quando de frente com as necessidades e impulsos da vida, elas começam a classificar, abstrair e idealizar, fazendo então a classificação mais importante que a própria vida. Elas pedem para concentrar-se e personificar um conceito. Em vez de integração espontânea através do amor, elas recomendam a deliberada e laboriosa concentração sobre uma fórmula. Seja Deus ou Atma, o eu ou o outro, vêm a ser o mesmo! Algo para pensar sobre, não alguém para amar. Não são teorias ou sistemas que necessito; há muitos igualmente atrativos e plausíveis. Necessito um estímulo do coração, uma renovação da vida, e não um novo modo de pensar. Não há novos caminhos do pensamento, mas os sentimentos podem ser sempre novos. Quando amo alguém, medito sobre ele espontânea e poderosamente, com o calor e o vigor que minha mente não pode controlar.

As palavras são boas para dar forma aos sentimentos; palavras sem sentimento são como roupas sem nenhum corpo dentro – frias e frouxas. Minha mãe – drenou-me todos os sentimentos – minhas fontes secaram.

Posso encontrar aqui a riqueza e a abundância de emoções que tanto necessito em ampla medida como uma criança?

M: Onde está sua infância agora? E qual é seu futuro?

P: Eu nasci, cresci e deverei morrer.

M: Você pensa em seu corpo, certamente. E em sua mente. Não estou falando de sua fisiologia e psicologia. Elas são uma parte da natureza e governadas pelas leis da própria natureza. Estou falando de sua busca pelo amor. Teve um começo? Terá um fim?

P: Realmente, eu não posso dizer. Está aqui – desde o primeiro momento até o último de minha vida. Este anseio por amor – quão constante e quão desesperado!

M: Em sua busca de amor, o que você está buscando exatamente?

P: Simplesmente isto: amar e ser amado.

M: Você quer dizer uma mulher?

P: Não necessariamente. Um amigo, um mestre, um guia – desde que o sentimento seja brilhante e claro. Certamente, uma mulher é a resposta usual. Mas não necessita ser a única.

M: Dos dois, o que você preferiria, amar ou ser amado?

P: Eu preferiria ter ambos! Mas posso ver que amar é maior, mais nobre, mais profundo. Ser amado é doce, mas não faz alguém crescer.

M: Você pode amar por si mesmo, ou se deve fazê-lo amar?

P: Deve-se encontrar alguém amável, certamente. Minha mãe não só não amava como não era amável.

M: O que faz uma pessoa amável? Não é ser amada? Primeiro você ama e depois busca as razões.

P: Pode ser ao contrário. Você ama o que o faz feliz.

M: Mas o que o faz feliz?

P: Não há regras sobre isto. Todo o assunto é altamente individual e imprevisível.

M: Certo. Não importa o modo que o colocar, a menos que você ame, não haverá felicidade. Mas o amor o faz sempre feliz? Não é a associação do amor com a felicidade um estágio especialmente precoce, infantil? Quando o bem-amado sofre, você não sofre também? E você cessa de amar porque sofre? Devem o amor e a felicidade vir e ir juntos? É o amor meramente a expectativa do prazer?

P: Certamente não. Pode haver muito sofrimento no amor.

M: Então, o que é o amor? Não é um estado de ser em vez de um estado da mente? Você deve saber que você ama para amar? Não ama sua mãe sem sabê-lo? Seu anseio por seu amor, por uma oportunidade para amá-la, não é o movimento do amor? Não é o amor tanto uma parte de você quanto consciência de ser? Você buscou o amor de sua mãe porque a amava.

P: Mas ela não me permitia!

M: Ela não conseguiu impedi-lo.

P: Então, por que tenho sido infeliz por toda minha vida?

M: Porque você não se aprofundou nas próprias raízes do seu ser. É sua completa ignorância de você mesmo que encobriu seu amor e sua felicidade, e o fez buscar o que nunca perdeu. O amor é vontade, a vontade de compartilhar sua felicidade com todos. Ser feliz – fazer feliz – este é o ritmo do amor.

53
DESEJOS SATISFEITOS, MAIS DESEJOS PROCRIADOS

Pergunta: Devo confessar que vim hoje com um humor rebelde. Tive um tratamento injusto no escritório da companhia de aviação. Quando me defronto com tais situações, tudo parece duvidoso, tudo parece imprestável.

Maharaj: Este é um humor muito útil. Duvidar de tudo, recusar tudo, relutar em aprender através de outro. Este é o fruto de seu prolongado sadhana. Afinal de contas, não se estuda para sempre.

P: É o bastante. Não me levou a parte alguma.

M: Não diga 'a parte alguma'. Levou-o para onde você está – agora.

P: É novamente a criança e suas explosões de raiva. Não me movi uma polegada de onde estava.

M: Você começou como uma criança e acabará como uma criança. O que quer que tenha adquirido no ínterim você deverá perder, e começar do início.

P: Mas a criança chuta. Quando ela está infeliz ou lhe foi negado algo, ela chuta.

M: Deixe-a chutar. Só a observe chutando. E se você tiver muito medo da sociedade para chutar convincentemente, observe isto também. Sei que é um assunto penoso. Mas não há nenhum remédio – exceto um – a busca por remédios deve cessar.

Se você está irritado ou com dor, separe-se da irritação e da dor e observe-as. A exteriorização é o primeiro passo para a libertação. Afaste-se e observe. Os eventos físicos continuarão acontecendo, mas, por si mesmos, não têm nenhuma importância. É só a mente que importa. O que quer que aconteça, você não pode chutar e gritar em uma companhia de aviação ou em um Banco. A sociedade não permite isto. Se você não gosta de suas normas, ou não está preparado para suportá-las, não voe ou porte dinheiro. Caminhe e, se não puder caminhar, não viaje. Se você lida com a sociedade, deve aceitar suas normas, pois tais normas são suas. Suas necessidades e exigências as criaram. Seus desejos são tão complexos e contraditórios – nenhuma surpresa se a sociedade que você criou seja também complexa e contraditória.

P: Vejo e admito que o caos externo é meramente um reflexo de minha própria desarmonia interior. Mas qual é o remédio?

M: Não busque remédios.

P: Às vezes se está em um 'estado de graça' e a vida é feliz e harmoniosa. Mas tal estado não dura! O humor muda e tudo dá errado.

M: Se você simplesmente pudesse ficar quieto, livre de memórias e expectativas, você seria capaz de discernir a beleza da trama dos eventos. É a sua inquietação que causa o caos.

P: Durante as três horas que passei no escritório da companhia de aviação, eu estava praticando paciência e tolerância. Isto não acelerou os negócios.

M: Ao menos não os atrasou, como o seu chute teria certamente feito! Você quer resultados imediatos! Nós não distribuímos magia aqui. Todos cometem o mesmo erro: recusam os meios, mas querem os fins. Você quer paz e harmonia no mundo, mas recusa tê-las em si mesmo. Siga meu conselho implicitamente e você não será desapontado. Não posso resolver seu problema através de meras palavras. Você tem de agir de acordo com o que eu lhe falei, e perseverar. Não é o conselho correto que libera, mas a ação baseada nele. Exatamente como um médico que,

depois de dar ao paciente uma injeção, diz a ele: 'Agora, fique tranquilo. Não faça nada mais, apenas fique tranquilo'. Estou lhe dizendo: você já recebeu sua 'injeção', agora fique tranquilo, apenas mantenha-se tranquilo. Você não tem nada mais a fazer. Meu Guru me disse o mesmo. Ele me dizia alguma coisa e então me falava: 'Agora fique tranquilo. Não continue refletindo todo o tempo. Pare. Seja silencioso'.

P: Posso ficar tranquilo por uma hora durante a manhã. Mas o dia é longo e muitas coisas acontecem que me tiram do equilíbrio. É fácil dizer 'seja silencioso', mas estar silencioso quando tudo está clamando em mim e a meu redor – por favor, diga-me como isto é feito.

M: Tudo que necessita fazer pode ser feito em paz e em silêncio. Não há nenhuma necessidade de ficar transtornado.

P: Tudo é uma teoria que não concorda com os fatos. Estou retornando à Europa sem nada para fazer lá. Minha vida é totalmente vazia.

M: Se você apenas tentar manter-se tranquilo, tudo virá – o trabalho, a força para o trabalho, o motivo correto. Você deveria conhecer tudo de antemão? Não esteja ansioso sobre seu futuro – esteja tranquilo agora e tudo se colocará no lugar. O inesperado está prestes a acontecer, enquanto o esperado pode não acontecer nunca. Não me diga que você não pode controlar sua natureza. Você não necessita controlá-la. Jogue-a para fora do barco. Não tenha nenhuma natureza a combater, ou à qual submeter-se. Nenhuma experiência lhe causará dano, desde que você não a faça um hábito. Você é a causa sutil de todo o universo. Tudo é porque você é. Entenda este ponto, firme e profundamente, e insista nele repetidamente. Perceber isto como absolutamente verdadeiro é liberação.

P: Se eu sou a semente de meu universo, então devo ser uma semente apodrecida! Pelo fruto se conhece a semente.

M: O que há de errado com seu mundo para que você o amaldiçoe?

P: Ele é cheio de dor.

M: A natureza não é nem agradável nem dolorosa. É toda inteligência e beleza. O sofrimento e o prazer estão na mente. Mude sua escala de valores e tudo mudará. O prazer e o sofrimento são meras perturbações dos sentidos; trate-os igualmente, e existirá apenas felicidade. O mundo é o que você faz dele; sem dúvida, faça-o feliz. Apenas o contentamento pode fazê-lo feliz – os desejos satisfeitos procriam mais desejos. Mantenha-se à distância de todos os desejos, e o contentamento no que vem

por si mesmo será um estado fecundo – uma precondição para o estado de plenitude. Não desconfie de sua aparente esterilidade e vacuidade. Acredite em mim, é a satisfação dos desejos que gera a miséria. A liberdade dos desejos é felicidade.

P: Há coisas que nós necessitamos.

M: O que necessita virá a você se não pedir o que não necessita. Ainda assim, apenas poucas pessoas alcançam este estado de completa imparcialidade e desapego. É um estado muito elevado, o próprio limiar da liberação.

P: Tenho sido estéril durante os dois últimos anos, estive desolado e vazio e frequentemente pedi pela morte.

M: Bem, com sua vinda aqui, os acontecimentos começaram a andar. Deixe que as coisas aconteçam como elas acontecem – elas se ordenarão bem por si mesmas no fim. Não precisa esforçar-se em direção ao futuro – o futuro virá a você por si próprio. Durante algum tempo mais você permanecerá como um sonâmbulo, como você é agora, desprovido de significado e segurança; mas este período terminará e você achará seu trabalho frutífero e fácil. Haverá sempre momentos em que se sentirá vazio e estranho. Tais momentos são muito desejáveis, pois significam que a alma se desfez de suas amarras e navega para lugares distantes. Isto é o desapego – quando o velho terminou e o novo ainda não veio. Se você tem medo, o estado pode ser penoso; mas não há realmente nada a temer. Recorde a instrução: o que quer que você encontre, vá além.

P: A regra de Buda: recordar o que precisa ser recordado. Mas acho tão difícil lembrar a coisa certa no momento certo. Em meu caso o esquecimento parece ser a regra!

M: Não é fácil recordar quando cada situação cria uma tormenta de desejos e temores. O desejo nascido da memória é também o destruidor da memória.

P: Como posso combater o desejo? Não há nada mais forte.

M: As águas da vida retumbam sobre as rochas dos objetos – desejáveis ou detestáveis. Remova as rochas pelo discernimento e pelo desapego, e as mesmas águas fluirão profunda, silenciosa e rapidamente, com maior volume e poder maior. Não teorize a respeito, dê tempo ao pensamento e à consideração; se você deseja ser livre, não negligencie o passo imediato para a liberação. É como escalar uma montanha: nenhum

passo pode ser suprimido. Um passo a menos – e o cume não é alcançado.

54
O CORPO E A MENTE SÃO SINTOMAS DE IGNORÂNCIA

Pergunta: Estivemos discutindo um dia sobre a pessoa – a testemunha – e o absoluto (vyakti-vyakta-avyakta). Até o ponto em que recordo, você disse que só o absoluto é real e que a testemunha é o absoluto apenas em um dado ponto do espaço e do tempo. A pessoa é o organismo, grosseiro e sutil, iluminado pela presença da testemunha. Parece-me que não compreendi o assunto claramente; poderíamos discuti-lo novamente? Você também usa os termos mahadakash, chidakash e paramakash. Como eles estão relacionados à pessoa, à testemunha e ao absoluto?

Maharaj: Mahadakash é a natureza, o oceano das existências, o espaço físico com tudo o que pode ser contatado através dos sentidos. Chidakash é a expansão da Consciência, o espaço mental do tempo, da percepção e da cognição. Paramakash é a realidade eterna e ilimitada, sem mente, indiferenciada, a potencialidade infinita, a fonte e a origem, a substância e a essência, é matéria e consciência e, ainda assim, além de ambas. Não pode ser percebida, mas pode ser experimentada como sempre testemunhando a testemunha, percebendo o percebedor, a origem e o fim de toda a manifestação, a raiz do tempo e do espaço, a causa primeira em toda cadeia de causalidade.

P: Qual é a diferença entre vyakta e avyakta?

M: Não há nenhuma diferença. É como a luz e a luz do dia. O universo está cheio de luz que você não vê; mas você vê a mesma luz como a luz do dia. E o que a luz do dia revela é o vyakti. A pessoa é sempre o objeto, a testemunha é sempre o sujeito, e sua relação de dependência mútua é o reflexo de sua identidade absoluta. Você imagina que são estados distintos e separados.

Eles não são. Eles são a mesma consciência em repouso e em movimento, cada estado consciente do outro. Em chit, o homem conhece

Deus e Deus conhece o homem. Em chit, o homem dá forma ao mundo e o mundo dá forma ao homem. Chit é o elo, a ponte entre os extremos, o fator de equilíbrio e de união em toda experiência. A totalidade do percebido é o que você chama matéria. A totalidade de todos os percebedores é o que você chama a mente universal. A identidade dos dois, manifestando-se como perceptibilidade e percepção, harmonia e inteligência, beleza e amor, reafirma-se eternamente.

P: Os três gunas, sattva - rajas - tamas estão apenas na matéria ou estão também na mente?

M: Em ambas, certamente, porque as duas não estão separadas. Apenas o absoluto está além dos gunas. De fato, estes são apenas pontos de vista, maneiras de olhar. Existem apenas na mente. Além da mente, todas as distinções cessam.

P: O universo é um produto dos sentidos?

M: Da mesma forma que você recria seu mundo ao despertar, assim se desdobra o universo. A mente com seus cinco órgãos de percepção, cinco órgãos de ação e cinco veículos de consciência, aparece como memória, pensamento, razão e individualidade.

P: As ciências progrediram muito. Nós conhecemos o corpo e a mente muito melhor que nossos antepassados. Seu modo tradicional, descrevendo e analisando a mente e a matéria, não é mais válido.

M: Mas onde estão seus cientistas com suas ciências? Não são novamente imagens em sua própria mente?

P: Aqui está a diferença básica! Para mim, eles não são minhas próprias projeções; eles existiam antes de eu nascer e deverão estar aqui quando eu estiver morto.

M: Certamente. Uma vez que você aceite o tempo e o espaço como reais, você se considerará pequeno e de vida curta. Mas eles são reais? Eles dependem de você, ou você deles? Como corpo, você está no espaço. Como mente, você está no tempo. Mas você é um mero corpo com uma mente? Você já investigou isso alguma vez?

P: Não tinha nem o motivo nem o método.

M: Eu estou sugerindo ambos. Mas o trabalho atual de discernimento e desapego (viveka-vairagya) é seu.

P: O único motivo que posso perceber é minha própria felicidade sem causa e eterna. E qual é o método?

M: A felicidade é incidental. O motivo verdadeiro e efetivo é o amor. Você vê as pessoas sofrerem e busca a melhor maneira de ajudá-las. A resposta é óbvia – primeiro se coloque além da necessidade de ajuda. Esteja certo de que sua atitude é de pura boa vontade, livre de expectativas de qualquer tipo.

Aqueles que buscam a mera felicidade poderão acabar em uma sublime indiferença, enquanto o amor não descansará jamais.

Quanto ao método, só há um – você deve conhecer a si mesmo – tanto o que parece ser quanto o que é. A claridade e a caridade andam juntas – cada uma fortalece e necessita da outra.

P: A compaixão implica a existência de um mundo objetivo, cheio de sofrimento evitável.

M: O mundo não é objetivo e seu sofrimento não é evitável. A compaixão é apenas outra palavra para a recusa do sofrimento por razões imaginárias.

P: Se as razões são imaginárias, porque o sofrimento deve ser inevitável?

M: É sempre o falso que o faz sofrer, os falsos desejos e medos, os falsos valores e ideias, as relações falsas entre as pessoas. Abandone o falso e você estará livre do sofrimento; a verdade nos torna felizes: a verdade liberta.

P: A verdade é que sou uma mente aprisionada em um corpo e esta é uma verdade muito infeliz.

M: Você não é o corpo nem está no corpo – não há tal coisa como o corpo. Você se enganou dolorosamente; para entender corretamente – investigue.

P: Mas eu nasci como um corpo, em um corpo, e deverei morrer com o corpo, como um corpo.

M: Esta é sua concepção errônea. Indague, investigue, ponha-se em dúvida e aos demais. Para encontrar a verdade, você não deve apegar-se às suas convicções; se você estiver certo do imediato, você nunca alcançará o derradeiro. Sua ideia de que nasceu e que morrerá é absurda: a lógica e a experiência a contradizem.

P: Certo, não insistirei que sou um corpo. Você ganha aqui. Mas aqui e agora, conforme falo a você, eu estou em meu corpo – obviamente. O corpo pode não ser eu mesmo, mas é meu.

M: O universo inteiro contribui incessantemente para sua existência. Portanto, o universo inteiro é seu corpo. Neste sentido – estou de acordo.

P: Meu corpo influencia-me profundamente. Em mais de uma maneira, meu corpo é meu destino. Meu caráter, meus humores, a natureza de minhas reações, meus desejos e medos – inatos ou adquiridos – todos se baseiam no corpo. Um pouco de álcool, alguma droga ou outra e tudo muda. Até que o efeito da droga desapareça, serei outro homem.

M: Tudo isto acontece porque você pensa ser o corpo. Compreenda seu ser real e mesmo as drogas não terão poder algum sobre você.

P: Você fuma?

M: Meu corpo mantém alguns poucos hábitos que podem continuar também até que eu morra. Não há nenhum dano neles.

P: Você come carne?

M: Nasci entre pessoas que comem carne e meus filhos a comem. Como muito pouco – e não faço tempestade em copo d'água.

P: Comer carne implica em matar.

M: Evidentemente. Não reivindico coerência. Você pensa que a coerência absoluta é possível; prove-a pelo exemplo. Não pregue o que você não pratica.

Voltando à ideia de ter nascido. Você está preso com o que seus pais lhe disseram: tudo sobre a concepção, a gravidez e o nascimento, o bebê, a criança, o jovem, o adolescente, e assim por diante. Agora, despoje-se da ideia de que você é um corpo com a ajuda da ideia contrária de que você não é o corpo. É também uma ideia, não há dúvida; trate-a como algo a ser abandonado quando o trabalho estiver terminado. A ideia de que eu não sou o corpo dá realidade ao corpo, quando de fato não há nenhuma coisa tal como o corpo; é apenas um estado de mente. Você pode ter tantos corpos e tão diversos quanto queira; apenas recorde firmemente o que você quer e rejeite as incompatibilidades.

P: Sou como uma caixa dentro de uma caixa, dentro de outra caixa, onde a caixa exterior atua como o corpo e a que o segue – como a alma que o habita. Abstraia a caixa exterior e a seguinte torna-se o corpo – e a seguinte a ela, a alma. É uma série infinita, uma abertura de caixas sem fim; é a última a alma final?

M: Se você tem um corpo, você deve ter uma alma; aqui a similitude de um conjunto de caixas é válida. Mas aqui e agora, através de todos

seus corpos e almas, brilha a Consciência, a pura luz de chit. Aferre-se a ela inabalavelmente. Sem a Consciência, o corpo não duraria um segundo. Há no corpo uma corrente de energia, de afeição e de inteligência, que guia, mantém e energiza o corpo. Descubra esta corrente e permaneça com ela.

Certamente, tudo isto são maneiras de falar. As palavras são tanto uma barreira como uma ponte. Encontre a centelha de vida que tece os tecidos de seu corpo e fique com ela. Ela é a única realidade que o corpo tem.

P: Que acontece a esta centelha de vida depois da morte?

M: Ela está além do tempo. Nascimento e morte são apenas pontos no tempo. A vida tece eternamente suas muitas teias. O tecer está no tempo, mas a própria vida é atemporal. Qualquer nome e forma que você dê às suas expressões é como o oceano – nunca mudando, sempre em transformação.

P: Tudo o que você diz soa belamente convincente, mas meu sentimento de ser apenas uma pessoa em um mundo estranho e alheio, frequentemente hostil e perigoso, não cessa. Sendo uma pessoa, limitada no espaço e no tempo, como poderia possivelmente compreender-me como o oposto, como uma Consciência despersonalizada e universalizada, de nada em particular?

M: Você afirma ser o que você não é e nega ser o que você é. Você omite o elemento do conhecimento puro, da Consciência livre de todas as distorções pessoais. A menos que você admita a realidade de chit, você nunca se conhecerá.

P: O que vou fazer? Não me vejo como você me vê. Talvez você esteja certo e eu errado, mas como posso deixar de ser o que sinto que sou?

M: Um príncipe que acredita ser um mendigo pode ser convencido conclusivamente de uma única maneira: ele deve comportar-se como um príncipe e ver o que acontece. Comporte-se como se o que eu lhe disse fosse verdadeiro, e julgue pelo que realmente acontece. Tudo o que peço é a pouca fé necessária ao primeiro passo. Com a experiência, virá a confiança, e você já não me necessitará mais. Sei o que você é e eu sei o que estou lhe falando. Confie em mim por um tempo.

P: Para estar aqui e agora, necessito de meu corpo e de meus sentidos. Para entender, necessito de uma mente.

M: O corpo e a mente são apenas sintomas de ignorância, de incompreensão. Comporte-se como se você fosse pura Consciência, sem corpo e sem mente, ilimitada e atemporal, além do 'onde', do 'quando' e do 'como'. More nela, pense nela, aprenda a aceitar sua realidade. Não se oponha a ela e não a negue todo o tempo. Mantenha sua mente aberta, ao menos. Ioga é submeter o exterior ao interior. Faça com que sua mente e seu corpo expressem o real, o qual é tudo e está além de tudo. Você o alcançará fazendo, não argumentando.

P: Permita-me amavelmente voltar para minha primeira pergunta? Como se originou o erro de ser uma pessoa?

M: O absoluto precede o tempo. A Consciência vem em primeiro lugar. Um feixe de recordações e hábitos mentais atrai a atenção, a Consciência se focaliza e a pessoa aparece repentinamente. Remova a luz da Consciência, vá dormir ou desmaie – e a pessoa desaparece. A pessoa (vyakti) vacila, a Consciência (vyakta) contém todo o tempo e espaço, o absoluto (avyakta) – é.

55
ABANDONE TUDO E VOCÊ GANHA TUDO

Pergunta: Nesse exato momento, qual é seu estado?

Maharaj: Um estado de não-experiência. Nele, toda experiência está contida.

P: Você pode entrar na mente e no coração de outro homem e compartilhar sua experiência?

M: Não. Tais coisas requerem treinamento especial. Sou como um comerciante de trigo. Sei pouco sobre pães e bolos. Posso mesmo não conhecer o gosto de uma papa de trigo. Mas, sobre o grão de trigo, sei tudo, e bem. Eu conheço a fonte de toda experiência. Mas as inumeráveis formas particulares que a experiência pode tomar eu não conheço. Nem tenho necessidade de conhecer. De momento a momento, de algum modo, conheço o pouco que necessito saber para viver minha vida.

P: Sua existência particular e minha existência particular – ambas existem na mente de Brahma?

M: O universal não é consciente do particular. A existência como uma pessoa é um assunto pessoal. Uma pessoa existe no tempo e no espaço, tem nome e forma, início e fim; o universal inclui todas as pessoas, e o absoluto está na raiz de tudo e além de tudo.

P: Não estou interessado na totalidade. Minha consciência pessoal e sua consciência pessoal – qual é o elo entre as duas?

M: Qual pode ser o elo entre dois sonhadores?

P: Podem sonhar um com o outro.

M: Isto é o que as pessoas estão fazendo. Todos imaginam os 'outros' e buscam uma ligação com eles. O buscador é o elo, não há nenhum outro.

P: Seguramente, deve haver algo em comum entre os muitos pontos de consciência que nós somos.

M: Onde estão os muitos pontos? Em sua mente. Você insiste que seu mundo é independente de sua mente. Como poderia sê-lo? Seu desejo de conhecer a mente de outras pessoas deve-se ao desconhecimento de sua própria mente. Em primeiro lugar, conheça sua própria mente, e descobrirá que a questão de outras mentes não surgirá de forma alguma, pois não existem outras pessoas. Você é o fator comum, a única ligação entre as mentes. Ser é consciência; 'eu sou' aplica-se a todos.

P: A Realidade Suprema (Parabrahman) pode estar presente em todos nós. Mas qual é a utilidade dela para nós?

M: Você é como um homem que diz: 'Necessito de um lugar onde guardar minhas coisas, mas qual a utilidade do espaço para mim?' ou 'Preciso de leite, chá, café ou refrigerante, mas para a água não tenho nenhuma aplicação'. Você não vê que a Suprema Realidade é a que faz tudo possível? Mas se você perguntar qual a utilidade que ela tem para você, eu deverei responder: 'Nenhuma'. Nos assuntos da vida cotidiana, o conhecedor do real não tem vantagem alguma: pode até estar em desvantagem. Estando livre do desejo e do temor, não se protege. A própria ideia de lucro é estranha a ele; ele detesta acumulação; sua vida é constante despojar-se, compartilhar, dar.

P: Se não há vantagem em ganhar o Supremo, então por que se dar ao transtorno?

M: Há transtorno apenas quando você se apega a algo. Quando você não se apega a nada, nenhum problema surge. O abandono do menor é a conquista do maior. Abandone tudo e você ganhará tudo. Então a vida se

tornará o que ela deve ser: pura radiação de uma fonte inesgotável. Nessa luz, o mundo aparece vagamente como um sonho.

P: Se meu mundo for meramente um sonho e você uma parte dele, o que pode fazer por mim? Se o sonho não é real, se não tem existência, como pode a realidade afetá-lo?

M: Enquanto durar, o sonho tem uma existência temporária. É seu desejo de apegar-se a ele que cria o problema. Deixe-o ir. Pare de imaginar que o sonho é seu.

P: Você parece admitir como certo que pode haver um sonho sem um sonhador e que me identifico com o sonho por minha própria vontade. Mas sou o sonhador e também o sonho. Quem vai deixar de sonhar?

M: Deixe que o sonho se desdobre até seu próprio fim. Você não pode ajudá-lo. Mas você pode ver o sonho como um sonho, negando-lhe o selo de realidade.

P: Estou aqui, sentado diante de você. Estou sonhando e você está me observando falar em meu sonho. Qual a ligação entre nós?

P: Minha intenção de acordá-lo é a ligação. Meu coração quer que você desperte. Vejo-o sofrer em seu sonho e sei que você deve despertar para acabar com suas angústias. Quando você vê seu sonho como sonho, você desperta. Mas não estou interessado em seu próprio sonho. É suficiente para mim que eu saiba que você deve despertar. Você não precisa levar seu sonho a uma conclusão definida, ou torná-lo nobre, ou feliz, ou belo: tudo o que você necessita é compreender que você está sonhando. Pare de imaginar, pare de acreditar. Veja as contradições, as incongruências, a falsidade e a aflição do estado humano, a necessidade de ir além. Dentro da imensidade do espaço flutua um minúsculo átomo de consciência e, nele, o universo inteiro está contido.

P: Há sentimentos no sonho que parecem reais e duradouros. Desaparecem ao despertar?

M: No sonho, você ama alguns e não outros. Ao acordar, você descobre que é o próprio amor que a tudo abraça. O amor pessoal, quão intenso e genuíno, invariavelmente ata; amar em liberdade é amar a todos.

P: As pessoas vêm e vão. Ama-se quem se encontra, não se pode amar a todos.

M: Quando você é o próprio amor, você está além do tempo e dos números. Amando um você ama a todos, ama a cada um. Um e todos não são exclusivos.

P: Você diz que está em um estado atemporal. Isso significa que passado e futuro estão abertos para você? Você encontrou Vashistha Muni, o Guru de Rama?

M: A pergunta está no tempo e se refere ao tempo. Novamente, você está me perguntando sobre o conteúdo do sonho. A atemporalidade está além da ilusão do tempo, não é uma extensão do tempo. O que a si mesmo chamava Vashistha conheceu Vashistha. Eu estou além de todos os nome e formas. Vashistha é um sonho em seu sonho. Como eu poderia conhecê-lo? Você está muito interessado no passado e no futuro. Tudo se deve a seu desejo de continuar, de proteger-se contra a extinção. E como você quer continuar, quer que outros o acompanhem, daí seu interesse na sobrevivência deles. Mas o que você chama de sobrevivência não é senão a sobrevivência de um sonho. A morte é preferível a isto. Há uma possibilidade de despertar.

P: Você está consciente da eternidade, portanto você não está interessado na sobrevivência.

M: É ao contrário. A liberdade de todo desejo é eternidade. Todo apego implica temor, pois todas as coisas são transitórias. E o medo o faz um escravo. A liberdade do apego não vem com a prática; ela é natural, quando se conhece seu verdadeiro ser. O amor não se apega; apegar-se não é amar.

P: Assim, não há nenhuma maneira de ganhar o desapego?

M: Não há nada a ganhar. Abandone todas as imaginações e conheça-se como você é. O autoconhecimento é desapego. Todo desejo é devido a um sentido de insuficiência. Quando você sabe que não lhe falta nada, que tudo o que existe é você e seu, o desejo cessa.

P: Para conhecer-me devo praticar a Consciência?

M: Não há nada a praticar. Para conhecer a si mesmo, seja você mesmo. Para ser você mesmo, pare de se imaginar sendo isto ou aquilo. Apenas seja. Deixe sua verdadeira natureza emergir. Não perturbe sua mente com a busca.

P: Levará muito tempo se eu só me dedicar a esperar pela autorrealização.

M: O que você tem que esperar quando já está aqui e agora? Você tem apenas que olhar e ver. Olhe para seu ser, para seu próprio ser. Você sabe que você é, e você gosta disto. Abandone toda a imaginação, isto é tudo. Não confie no tempo. O tempo é morte. Quem espera – morre. A

vida existe apenas agora. Não me fale sobre o passado e sobre o futuro – eles existem apenas em sua mente.

P: Você também morrerá.

M: Eu já estou morto. A morte física não fará nenhuma diferença no meu caso. Eu sou o ser eterno. Estou livre de desejo e de medo, pois não recordo o passado, ou imagino o futuro. Onde não há nomes e formas, como poderia haver desejo e medo? Com o estado sem desejos vem a atemporalidade. Estou seguro, porque o que não é não pode tocar o que é. Você se sente inseguro porque você imagina o perigo. Certamente, seu corpo como tal é complexo e vulnerável, e necessita de proteção. Mas você não. Uma vez que você compreenda seu próprio ser inexpugnável, você estará em paz.

P: Como posso encontrar paz quando o mundo sofre?

M: O mundo sofre por muitas razões válidas. Se você quer ajudar o mundo, deve ir além da necessidade de ajuda. Então todo seu fazer, assim como seu não fazer, ajudarão o mundo mais efetivamente.

P: Como pode a não ação ser útil onde a ação é necessária?

M: Onde a ação é necessária, a ação acontece. O homem não é o ator. Sua ação é estar consciente do que acontece. Sua própria presença é ação. A janela é a ausência da parede, e oferece ar e luz porque está vazia. Seja vazio de todo conteúdo mental, de toda imaginação e esforço, e a própria ausência de obstáculos causará o irromper da realidade. Se você quiser realmente ajudar uma pessoa, afaste-se. Se você estiver emocionalmente comprometido em ajudar, você falhará nisto. Você pode estar muito ocupado e satisfeito com sua natureza caritativa, mas não muito será feito. Um homem é realmente ajudado quando não necessita mais de ajuda. Tudo o mais é apenas futilidade.

P: Não há tempo suficiente para sentar e esperar que a ajuda aconteça. Deve-se fazer alguma coisa.

M: Sem dúvida – faça. Mas o que você pode fazer é limitado; só o ser é ilimitado. Dê ilimitadamente – de você mesmo. Tudo o mais você pode dar em pequenas doses apenas. Só você é incomensurável. Ajudar é sua própria natureza. Até quando você come e bebe, você ajuda seu corpo. Para você mesmo, você não necessita de nada. Você é pura dádiva, sem começo nem fim, inesgotável. Quando você vê a aflição e o sofrimento, fique com eles. Não se precipite na atividade. Nem o aprendi-

zado nem a ação podem ajudar realmente. Fique com a aflição e descubra suas raízes – ajudar a compreender é a ajuda real.

P: Minha morte se aproxima.

M: Seu corpo é limitado no tempo, não você. Tempo e espaço estão apenas na mente. Você não é limitado. Apenas compreenda a si mesmo – isso em si é eternidade.

56
AO SURGIR A CONSCIÊNCIA, O MUNDO SURGE

Pergunta: Quando um homem comum morre, o que acontece para ele?

Maharaj: Segundo sua crença, assim acontece. Como a vida antes da morte é apenas imaginação, assim é a vida depois dela. O sonho continua.

P: E o que acontece com o gnani?

M: O gnani não morre porque ele nunca nasceu.

P: Ele aparece assim para os outros.

M: Mas não para ele mesmo. Nele mesmo ele é livre das coisas – físicas e mentais.

P: Não obstante, você deve conhecer o estado do homem que morreu. Ao menos de suas próprias vidas passadas.

M: Até encontrar meu Guru, eu sabia muitas coisas. Agora nada sei, pois todo conhecimento está apenas no sonho e não é válido. Conheço-me e não encontro nem vida nem morte em mim, apenas puro ser – não ser isto ou aquilo, mas simplesmente ser. Mas, no momento em que a mente, extraindo de seu estoque de memórias, começa a imaginar, ela preenche o espaço com objetos e o tempo com eventos. Como nem mesmo conheço este nascimento, como poderia conhecer nascimentos passados? É a mente que, em movimento, vê tudo se movendo e, tendo criado o tempo, inquieta-se sobre o passado e o futuro. Todo o universo se sustenta na consciência (maha tattva), a qual surge onde há ordem e harmonia perfeitas (maha sattva). Como todas as ondas estão no oceano,

assim todas as coisas físicas e mentais estão na Consciência. Por conseguinte, a própria Consciência é essencial, não seu conteúdo. Aprofunde-a, amplie-a e todas as bênçãos fluirão em você. Você não necessita buscar nada, tudo virá a você da maneira mais natural e sem esforço. Os cinco sentidos e as quatro funções da mente – memória, pensamento, compreensão e individualidade; os cinco elementos – terra, água, fogo, ar e éter; os dois aspectos da criação – matéria e espírito, todos estão contidos na Consciência.

P: Ainda assim, você deve acreditar que viveu antes.

M: As escrituras dizem assim, mas não sei nada sobre isto. Conheço-me como Eu sou; como eu apareci, ou aparecerei, não está dentro de minha experiência. Não é que não me lembre. De fato, não há nada a lembrar. A reencarnação implica um eu que reencarna. Não há tal coisa. O feixe de memórias e esperanças chamado o 'eu' imagina-se existindo eternamente e cria o tempo para acomodar sua falsa eternidade: para ser, não necessito nenhum passado ou futuro. Toda a experiência nasce da imaginação; eu não imagino, assim nenhum nascimento ou morte acontecem para mim. Apenas aqueles que pensam que nasceram podem pensar em renascer. Você está me acusando de ter nascido – declaro-me inocente!

Tudo existe na Consciência, e a Consciência nem morre nem renasce. É a própria realidade imutável.

Todo o universo da experiência nasce com o corpo e morre com o corpo; tem seu começo e fim na Consciência, mas a Consciência não conhece começo nem fim. Se você pensar cuidadosamente e matutar sobre isto por bastante tempo, você chegará a ver a luz da Consciência em toda sua claridade, e o mundo desaparecerá gradualmente de sua visão. É como olhar para uma vareta acesa de incenso; você verá a vareta e a fumaça em primeiro lugar; quando você perceber o ponto em brasa, você compreenderá que ele tem o poder de consumir montanhas de varetas e de encher o universo com fumaça. Atemporalmente, o eu se atualiza sem esgotar suas possibilidades infinitas. Na metáfora da vareta de incenso, a vareta é o corpo e a fumaça é a mente. Enquanto a mente estiver ocupada com suas contorções, não perceberá sua própria fonte. O Guru vem e volta sua atenção para a fagulha interior. Por sua própria natureza, a mente está voltada para fora; sempre tende a buscar a fonte das coisas entre as próprias coisas; ouvir que se deve buscar a fonte no

interior é, de alguma maneira, o início de uma nova vida. A Consciência toma o lugar da consciência; na consciência há o 'eu', o qual é consciente, enquanto a Consciência é unificada; a Consciência é ciente de si mesma. O 'eu sou' é um pensamento, enquanto a Consciência não o é; não há nenhum 'Eu sou consciente' na Consciência. A consciência é um atributo enquanto a Consciência não o é; pode-se ser cônscio de ser consciente, mas não consciente da Consciência. Deus é a totalidade da consciência, mas a Consciência está além de tudo – do ser e do não ser.

P: Eu comecei com a pergunta sobre a condição de um homem depois da morte. Quando seu corpo é destruído, o que acontece à sua consciência? Ele leva consigo seus sentidos de visão, audição, etc., ou os deixa para trás? E se ele perde seus sentidos, o que acontece a sua consciência?

M: Os sentidos são meros modos de percepção. Quando os modos mais grosseiros desaparecem, emergem estados mais finos de consciência.

P: Não há nenhuma transição para a Consciência depois da morte?

M: Não pode haver transição da consciência para a Consciência, pois a Consciência não é uma forma de consciência. A consciência pode apenas tornar-se mais sutil e refinada e é o que acontece depois da morte. À medida que os vários veículos do homem morrem, os modos de consciência induzidos por eles também desaparecem gradualmente.

P: Até que apenas reste a inconsciência?

M: Veja-se falando da inconsciência como de algo que vem e vai! Quem existe para ser consciente da inconsciência? Enquanto a janela está aberta, há luz do sol na sala. Com a janela fechada, o sol permanece, mas vê a escuridão na sala? Há escuridão para o sol? Não existe a inconsciência, pois ela não é experimentável. Nós inferimos a inconsciência quando há um lapso na memória ou na comunicação. Se eu parar de reagir, você dirá que estou inconsciente. Na realidade, posso estar mais agudamente consciente, apenas incapaz de comunicar ou de relembrar.

P: Estou fazendo uma simples pergunta: há cerca de quatro bilhões de pessoas no mundo e todas estão obrigadas a morrer. Qual será a condição delas após a morte – não fisicamente, mas psicologicamente? A consciência delas continuará? E, se continuar, em que forma? Não me diga que não estou fazendo a pergunta certa, ou que você não conhece a resposta, ou que em seu mundo minha questão não tem sentido; no mo-

mento em que você começa a falar sobre seu mundo e sobre o meu mundo como diferentes e incompatíveis, você constrói um muro entre nós. Ou nós vivemos em um mundo ou sua experiência não tem nenhuma utilidade para nós.

M: Certamente, nós vivemos em um mundo. Apenas eu o vejo como ele é, enquanto você não. Você se vê no mundo, enquanto eu vejo o mundo em mim mesmo. Para você, você nasce e morre, enquanto, para mim, o mundo aparece e desaparece. Nosso mundo é real, mas sua visão dele não o é. Não há muro nenhum entre nós, exceto o que foi construído por você. Não há nada errado com os sentidos, é sua imaginação que o leva para o caminho errado. Ela cobre o mundo como ele é com o que você imagina que o mundo seja – algo que existe independentemente de você e, ainda assim, seguindo intimamente os seus padrões herdados ou adquiridos. Há uma profunda contradição em sua atitude, a qual você não vê, e que é a causa da aflição. Você se apega à ideia de que nasceu em um mundo de dor e aflição; eu sei que o mundo é filho do amor, tendo seu começo, crescimento e realização no amor. Mas eu estou até mesmo além do amor.

P: Se você criou o mundo devido ao amor, por que ele está tão cheio de dor?

M: Tem razão – do ponto de vista do corpo. Mas você não é o corpo. Você é a imensidão e o infinitude da consciência. Não assuma o que não é verdadeiro e você verá as coisas como eu as vejo. Dor e prazer, bom e mau, certo e errado são termos relativos e não devem ser tomados absolutamente. Eles são limitados e temporários.

P: Na tradição budista se diz que um Nirvani, um Buda iluminado, tem a liberdade do universo. Ele pode conhecer e experimentar por si mesmo tudo o que existe. Pode ordenar e interferir na natureza, na cadeia de causalidade, mudando a sequência dos eventos, desfazendo inclusive o passado! O mundo ainda está com ele, mas ele está livre no mundo.

M: O que você descreve é Deus. Certamente, onde há um universo, haverá também sua contrapartida, que é Deus. Mas eu estou além de ambos. Havia um reino em busca de um rei. Eles acharam o homem certo e o fizeram rei. Ele não havia mudado de maneira alguma. Meramente lhe foram dados o título, os direitos e os deveres de um rei. Sua natureza não foi afetada, apenas suas ações. É de modo similar com o ho-

mem iluminado; o conteúdo de sua consciência experimenta uma transformação radical. Mas ele não se desencaminha. Ele conhece o imutável.

P: O imutável não pode ser consciente. A consciência é sempre de mudança. O imutável não deixa nenhum sinal na consciência.

M: Sim e não. O papel não é o escrito, ainda assim carrega o escrito. A tinta não é a mensagem, tampouco a mente do leitor o é – mas todos eles tornam possível a mensagem.

P: A consciência provém da realidade ou é um atributo da matéria?

M: A consciência como tal é a contrapartida sutil da matéria. Como a inércia (tamas) e a energia (rajas) são atributos da matéria, assim a harmonia (sattva) manifesta-se como consciência. Você pode considerá-la de certo modo como uma forma de energia muito sutil. Onde a matéria se organiza em um organismo estável, a consciência aparece espontaneamente. Com a destruição do organismo, a consciência desaparece.

P: O que sobrevive então?

M: Aquilo do qual a matéria e a consciência são apenas aspectos, o que nem nasce nem morre.

P: Se está além da matéria e da consciência, como pode ser experienciado?

M: Pode ser conhecido por seus efeitos em ambas; busque-o na beleza e na felicidade. Mas você não compreenderá nem o corpo nem a consciência, a menos que vá além de ambos.

P: Por favor, fale-nos com sinceridade: você é consciente ou inconsciente?

M: O iluminado (gnani) não é nem um nem outro. Mas, em sua iluminação (gnana), tudo está contido. A Consciência contém toda a experiência. Mas o que está ciente está além de toda a experiência. Ele está além da própria Consciência.

P: Há o fundamento da experiência, chame-a matéria. Há o experienciador, chame-a mente. O que faz a ponte entre os dois?

M: A própria abertura entre os dois é a ponte. Aquilo que em uma ponta parece matéria e, na outra, mente, é em si mesmo a ponte. Não separe a realidade em mente e corpo, e não haverá nenhuma necessidade de pontes.

Ao surgir a consciência, o mundo surge. Quando você considera a sabedoria e a beleza do mundo, você o chama Deus. Conheça a fonte de

tudo isto, a qual está em você mesmo, e notará que foram respondidas todas as suas perguntas.

P: O que vê e o visto são um ou dois?

M: Há apenas visão; o que vê e o visto estão contidos nela. Não crie diferenças onde não há nenhuma.

P: Comecei com a pergunta sobre o homem que morreu. Você disse que suas experiências se desenvolverão de acordo com suas expectativas e crenças.

M: Antes que você nascesse, você esperava viver de acordo com um plano que você mesmo havia estabelecido. Sua própria vontade foi a espinha dorsal de seu destino.

P: Certamente, o karma interferiu.

M: O karma molda as circunstâncias: as atitudes são as suas próprias. No final das contas, seu caráter dá forma à sua vida, e só você pode dar forma ao seu caráter.

P: Como se dá forma ao caráter de alguém?

M: Por vê-lo como é, e lamentando-o sinceramente. Este ver-sentir completo pode fazer milagres. É como moldar uma imagem em bronze; só o metal, ou só o fogo será inútil; nem o molde será de alguma utilidade; você tem que fundir o metal no calor do fogo e vertê-lo no molde.

57
ALÉM DA MENTE, NÃO HÁ SOFRIMENTO

Pergunta: Vejo-o sentado na casa de seu filho esperando o almoço ser servido. E me pergunto se o conteúdo de sua consciência é similar ao meu, ou parcialmente diferente, ou totalmente diferente. Você está faminto e sedento como eu estou, esperando impacientemente que o alimento seja servido, ou você está em um estado totalmente diferente de mente?

Maharaj: Não existe muita diferença na superfície, mas há muito disto em profundidade. Você se conhece apenas através dos sentidos e da mente. Você se considera ser o que eles sugerem; não tendo conhecimento direto de você mesmo, você tem simples ideias; todas são medío-

cres, de segunda mão, obtidas por rumores. O que você pensa que é você tem como verdadeiro; o hábito de imaginar-se perceptível e descritível é muito forte em você.

Vejo como você vê, ouço como você ouve, experiencio como você experiencia, alimento-me como você se alimenta. Também sinto sede e fome, e espero que o alimento seja servido na hora. Quando privado de alimento ou doente, meu corpo e minha mente ficam fracos. Percebo tudo isto bastante claramente, mas, de algum modo, não estou nisto e me sinto como se flutuasse acima disto, distante e desapegado. Mesmo assim, não distante e não desapegado. Há indiferença e desapego como há sede e fome; há também a Consciência disto tudo e um sentido de imensa distância, como se o corpo e a mente, e tudo o que acontece para eles, estivessem em algum lugar muito além do horizonte. Sou como uma tela de cinema – clara e vazia – as imagens passam sobre ela e desaparecem, deixando-a tão clara e vazia como antes. A tela não é afetada de nenhum modo pelas imagens, nem as imagens são afetadas pela tela. A tela intercepta e reflete as imagens, não as forma. Ela não tem nada a ver com os rolos de filme. Estes são como são, blocos de destino (prarabdha), mas não meu destino, os destinos das pessoas que aparecem na tela.

P: Você não quer dizer que as pessoas no filme têm destinos! Eles pertencem à história, a história não é deles.

M: O que há a seu respeito? Você dá forma à sua vida ou é ela que lhe dá forma?

P: Sim, você está certo. A história da vida desdobra a si mesma, e sou um de seus atores. Não tenho nenhuma existência fora dela, como ela não tem existência sem mim. Sou meramente uma personagem, não uma pessoa.

M: A personagem se transformará em uma pessoa quando começar a dar forma à sua vida em vez de aceitá-la como ela vem, e identificando-se com ela.

P: Quando faço uma pergunta e você responde, o que acontece exatamente?

M: A pergunta e a resposta – ambas aparecem na tela. Os lábios se movem, o corpo fala e, novamente, a tela está clara e vazia.

P: Quando você diz que a tela está clara e vazia, o que quer dizer?

M: Quero dizer livre de todo conteúdo. Para mim mesmo, eu não sou nada perceptível ou concebível, não há nada a que eu possa indicar e dizer: 'Eu sou isso'. Vocês se identificam com tudo muito facilmente; para mim isso é impossível. O sentimento 'Eu não Sou isto nem aquilo, nem nada é meu' é tão forte em mim que tão logo eu pense em uma coisa ou um pensamento apareça, imediatamente aparece também o sentimento 'eu não sou isso'.

P: Você quer dizer que passa seu tempo repetindo 'Eu não sou isto, eu não sou aquilo'?

M: Claro que não. Estou apenas verbalizando para que você entenda. Pela graça de meu Guru, realizei, de uma vez por todas, que não sou nem objeto, nem sujeito e não preciso lembrar-me disto o tempo todo.

P: Acho difícil compreender o que você exatamente quer dizer ao falar que não é nem o objeto nem o sujeito. Neste mesmo instante, à medida que falamos, não sou o objeto de sua experiência e, você, o sujeito?

M: Olhe, meu polegar toca meu indicador. Ambos tocam e são tocados. Quando minha atenção está no polegar, o polegar é o que sente e o indicador – o eu. Mude o foco da atenção e a relação é invertida. Eu percebo, de alguma forma, que por mudar o foco da atenção, converto-me na própria coisa que vejo, e experiencio o tipo de consciência que ela tem; converto-me na testemunha interior da coisa. Chamo esta capacidade de entrar em outro ponto focal da consciência – o amor; você pode dar a isto o nome que quiser. O amor diz: 'Eu sou tudo'. A sabedoria diz: 'Eu sou nada'. Entre os dois, minha vida flui. Desde que em qualquer ponto do tempo e do espaço posso ser ambos, o sujeito e o objeto da experiência, expresso-o por dizer que sou ambos e nenhum, e além deles.

P: Você faz todas estas extraordinárias declarações sobre você mesmo. O que o faz dizer estas coisas? O que você quer dizer ao afirmar que está além do tempo e do espaço?

M: Você pergunta e a resposta chega. Observo a mim mesmo – observo a resposta e não vejo nenhuma contradição. Para mim é claro que estou lhe falando a verdade. Tudo é muito simples. Apenas você deve confiar no que digo, pois eu sou muito sério a respeito. Como já lhe disse, meu Guru me mostrou minha verdadeira natureza – e a verdadeira natureza do mundo. Tendo realizado que eu sou com o mundo, e ainda assim além dele, tornei-me livre de todos os desejos e medos. Eu não ra-

cionalizei que deveria ser livre, eu simplesmente me encontrei livre, inesperadamente, sem o mínimo esforço. Esta liberdade do medo e do desejo permaneceu comigo desde então. Outra coisa que notei foi que não preciso fazer um esforço; o ato segue o pensamento, sem atraso ou fricção. Também me dei conta que os pensamentos sempre se cumpriam por si mesmos; as coisas se encaixavam em seus lugares – suave e corretamente. A mudança principal foi na mente que se tornou imóvel e silenciosa, respondendo rapidamente, mas não perpetuando a resposta. A espontaneidade se tornou um modo de vida, o real tornou-se natural e o natural tornou-se real. E acima de tudo, um afeto infinito, o amor, escuro e silencioso, irradiando em todas as direções, abraçando tudo, fazendo tudo interessante e belo, significativo e auspicioso.

P: Falaram-nos que vários poderes ióguicos surgem espontaneamente em um homem que compreendeu seu próprio ser verdadeiro. Qual é sua experiência nestes assuntos?

M: O corpo quíntuplo do homem (físico, etc.) tem poderes potenciais além de nossos sonhos mais selvagens. Não só o universo inteiro está refletido no homem, mas também o poder para controlar o universo está à espera de ser usado por ele. O homem sábio não anseia utilizar tais poderes exceto quando a situação os exige. Ele nota que os dons e habilidades da personalidade humana são totalmente adequados aos assuntos da vida diária. Alguns dos poderes podem ser desenvolvidos através de treinamento especializado, mas o homem que ostenta tais poderes ainda está em servidão. O homem sábio não considera nada como próprio. Quando, em algum momento e lugar, algum milagre é atribuído a alguma pessoa, ele não estabelecerá qualquer relação causal entre os fatos e a pessoa, nem permitirá que se tire quaisquer conclusões. Tudo aconteceu com aconteceu porque tinha que acontecer; tudo acontece como acontece porque o universo é como ele é.

P: O universo não parece ser um lugar feliz no qual viver. Por que há tanto sofrimento?

M: A dor é física; o sofrimento é mental. Além da mente não há nenhum sofrimento. A dor é apenas um sinal de que o corpo está em perigo e requer atenção. Da mesma forma, o sofrimento nos adverte que a estrutura de memórias e hábitos, que nós chamamos de pessoa (vyakti), está ameaçada pela perda ou pela mudança. A dor é essencial para a sobrevivência do corpo, mas nada obriga você a sofrer. O sofrimento se

deve inteiramente ao apego e á resistência; é um sinal da nossa falta de vontade de seguir em frente, de fluir com a vida.

Como uma vida saudável é livre da dor, assim uma santa vida é livre do sofrimento.

P: Ninguém tem sofrido tanto quanto os santos.

M: Eles lhe disseram isto, ou você diz isto por si próprio? A essência da santidade é a total aceitação do momento presente, a harmonia com as coisas como elas acontecem. Um santo não quer que as coisas sejam diferentes do que elas são; ele sabe que, considerando todos os fatores, elas são inevitáveis. Ele é amigável com o inevitável e, portanto, não sofre. Pode conhecer a dor, mas isto não o arrasará. Se ele puder, fará o necessário para restaurar o equilíbrio perdido – ou deixará que as coisas sigam seu curso.

P: Ele pode morrer.

M: O que, então? O que ele ganhará por viver e o que ele perderá por morrer? O que nasceu deve morrer; o que nunca nasceu não pode morrer. Tudo depende do que ele acredita ser.

P: Imagine que você caia mortalmente doente. Você não iria lamentar-se e ressentir-se?

M: Mas eu já estou morto, ou melhor, nem vivo nem morto. Você vê meu corpo comportando-se do modo habitual e tira suas próprias conclusões. Você não admitirá que suas conclusões não limitam ninguém exceto você. Você vê que a imagem que tem de mim pode ser totalmente errada. Sua imagem de você mesmo está errada também, mas é seu problema. Mas você não necessita me criar problemas e então me pedir que os resolva. Não estou nem criando problemas nem os resolvendo.

58
A PERFEIÇÃO É O DESTINO DE TODOS

Pergunta: Quando perguntado sobre os meios para a autorrealização, você, invariavelmente, salienta a importância da mente que permanece no sentido 'eu sou'. Onde está o fator causal? Por que este pensamento

particular deve resultar em autorrealização? Como a contemplação do 'eu sou' me afeta?

Maharaj: O próprio fato da observação altera o observador e o observado. Afinal de contas, o que impede a percepção dentro da própria natureza verdadeira é a fraqueza e a obtusidade da mente, e sua tendência a omitir o sutil e focar apenas o grosseiro. Quando você segue meu conselho e tenta manter sua mente na noção do 'eu sou' apenas, você se torna plenamente consciente de sua mente e de seus caprichos. A Consciência, sendo harmonia lúcida (sattva) em ação, dissolve o embotamento e aquieta a agitação da mente e, gentilmente, mas de forma firme, muda sua própria substância. Esta mudança não necessita ser espetacular; pode até ser imperceptível e, ainda assim, ela é uma mudança profunda e fundamental da escuridão para a luz, da inadvertência para a Consciência.

P: Tem que ser a fórmula 'eu sou'? Qualquer outra sentença não funcionará? Se eu me concentrar sobre 'há uma mesa', não servirá ao mesmo propósito?

M: Como um exercício de concentração – sim. Mas não o levará além da ideia de uma mesa. Você não está interessado em mesas, quer conhecer a si mesmo. Por esta razão, mantenha firmemente no foco da consciência a única pista que você tem: sua certeza de ser. Esteja com ela, jogue com ela, pondere sobre ela, mergulhe profundamente dentro dela, até que a casca da ignorância quebre e você venha a emergir no domínio da realidade.

P: Há qualquer ligação causal entre meu enfoque do 'eu sou' e a ruptura da casca?

M: A urgência para descobrir-se é um sinal de que você está ficando pronto. O impulso sempre vem de dentro. A menos que tenha chegado a hora, você não terá nem o desejo nem a força para começar de todo o coração a autoinvestigação.

P: A graça do Guru não é responsável pelo desejo e seu cumprimento? O rosto radiante do Guru não é a isca na qual somos pegos e arrancados deste lodo da aflição?

M: O Guru Interior (sadguru) é o que o leva para o Guru Externo, como uma mãe leva seu filho para um professor. Confie nele – e lhe obedeça – pois ele é o mensageiro de seu ser Real.

P: Como encontro um Guru em quem possa confiar?

M: Seu próprio coração dirá a você. Não há dificuldade em encontrar um Guru porque o Guru o está buscando. O Guru sempre está pronto; você não está. Você deve estar pronto para aprender; ou pode encontrar seu Guru e perder sua oportunidade por falta de atenção e teimosia. Veja meu exemplo; não havia nada em mim que prometia muito, mas, quando encontrei meu Guru, escutei, confiei e obedeci.

P: Eu não devo examinar o mestre antes de colocar-me inteiramente em suas mãos?

M: Por todos os meios, examine! Mas o que você pode descobrir? Apenas como ele aparece a você em seu próprio nível.

P: Devo observar se ele é consistente, se há harmonia entre sua vida e seu ensinamento.

M: Você pode encontrar muita desarmonia – e daí? Isto não prova nada. Apenas os motivos importam. Como você conhecerá seus motivos?

P: Deveria ao menos esperar dele que seja um homem com autocontrole, que viva uma vida justa.

M: Como esse, você encontrará muitos – e não serão úteis a você. Um Guru pode mostrar o caminho de volta para casa, para seu ser real. O que tem isto a ver com o caráter, ou com o temperamento da pessoa que ele parece ser? Ele não fala claramente a você que ele não é uma pessoa? O único modo de julgá-lo é pela mudança em você mesmo quando está em sua companhia. Se você se sente mais feliz e em paz, se você compreende a si mesmo com claridade e profundidade maiores que o usual, quer dizer que encontrou o homem certo. Ele toma seu tempo, mas, uma vez que você tenha decidido confiar nele, confie absolutamente e siga cada instrução, plena e fielmente. Não importa muito se você não o aceita como seu Guru e está satisfeito com sua companhia apenas. Só satsang pode também levá-lo à sua meta, desde que seja puro e sereno. Mas, uma vez que você aceite alguém como seu Guru, escute, relembre e obedeça. A tibieza do coração é um sério defeito e a causa de muita aflição autocriada. O engano nunca é do Guru; é sempre a obtusidade e a obstinação em relação à disciplina que são culpadas.

P: O Guru então rejeita ou desqualifica um discípulo?

M: Não seria um Guru se o fizesse! Ele aguarda sua hora e espera até que o discípulo, purificado e sóbrio, volte para ele com um ânimo mais aberto às novas ideias.

P: Qual o motivo? Por que o Guru suporta tantos problemas?

M: A aflição e o fim da aflição. Ele vê as pessoas sofrendo em seus sonhos e quer despertá-las. O amor não tolera a dor e o sofrimento. A paciência do Guru não tem limites e, portanto, não pode ser derrotada. O Guru nunca fracassa.

P: O meu primeiro Guru é também o último, ou tenho que passar de Guru a Guru?

M: O universo inteiro é seu Guru. Você aprende de tudo se estiver alerta e for inteligente. Se sua mente fosse clara e seu coração limpo, aprenderia de cada transeunte. É porque você é indolente ou inquieto que seu ser interior se manifesta como o Guru externo e o faz confiar nele e lhe obedecer.

P: É inevitável um Guru?

M: É como perguntar: 'É inevitável uma mãe?' Para elevar-se na consciência de uma dimensão à outra, você necessita de ajuda. A ajuda nem sempre pode estar na forma de um ser humano. Pode ser uma presença sutil, ou uma centelha de intuição, mas a ajuda deve chegar. O Eu interior está observando e esperando que o filho regresse a seu pai. No momento adequado, ele arranja tudo, afetuosa e efetivamente. Onde um mensageiro é necessário, ou um guia, ele envia o Guru para fazer o que é preciso.

P: Há uma coisa que não posso compreender. Você fala do ser interior como sábio, bom e bonito, e perfeito em todos os modos possíveis, e da pessoa como um mero reflexo sem uma existência própria. Por outro lado, você aceita tantos problemas para ajudar a pessoa a realizar-se. Se a pessoa fosse tão desprezível, por que se interessaria tanto pelo seu bem-estar? A quem importaria uma sombra?

M: Você introduziu a dualidade onde ela não existe. Há um corpo e há o Ser. Entre eles está a mente, na qual o Ser é refletido como 'eu sou'. Devido à imperfeição da mente, sua dureza e inquietação, falta de discernimento e percepção, ela se toma como um corpo, não como o Ser. Tudo o que é necessário é purificar a mente para que ela possa compreender sua identidade com o Ser. Quando a mente mergulha no Ser, o corpo não apresenta problemas. Permanece o que é, um instrumento de cognição e ação, a ferramenta e a expressão do fogo criativo interior. O valor supremo do corpo é que ele serve para descobrir o corpo cósmico,

o qual é o universo em sua totalidade. Quando você se compreende na manifestação, continua a descobrir que você é mais do que já imaginou.

P: Não há fim para a autodescoberta?

M: Como não há um princípio, não há nenhum fim. Mas o que descobri pela graça do Guru é que eu não sou nada que possa ser apontado; nem sou um 'isto' ou um 'aquilo'. Isto se mantém de forma absoluta.

P: Então, onde entra a descoberta sem fim, o transcender infinitamente a si mesmo para novas dimensões?

M: Tudo isto pertence ao reino da manifestação; está na própria estrutura do universo que o superior só possa ser alcançado pela libertação do inferior.

P: O que é o inferior e o que é superior?

M: Veja-os em termos de Consciência. A consciência mais ampla e mais profunda é superior. Tudo o que vive trabalha para proteger, perpetuar e expandir a consciência. Este é o único significado e proposito do mundo. É a própria essência da Ioga – elevação contínua do nível de consciência, descoberta de novas dimensões, com suas propriedades, qualidades e poderes. Nesse sentido, o universo inteiro torna-se uma escola de Ioga (yogakshetra).

P: O destino de todos os seres humanos é a perfeição?

M: De todos os seres vivos – em última instância. A possibilidade torna-se uma certeza quando a noção de iluminação aparece na mente. Uma vez que um ser vivo tenha ouvido e compreendido que a liberdade está ao seu alcance, ele nunca esquecerá isso, pois essa é a primeira mensagem da vida interior. Ela lançará raízes e crescerá e, no devido tempo, tomará a forma abençoada do Guru.

P: Assim, tudo que nos interessa é a redenção da mente?

M: O que mais? A mente se desvia, a mente retorna para casa. Mesmo a palavra 'desviar-se' não é apropriada. A mente deve conhecer-se em cada sua forma. Nada é um erro a menos que seja repetido.

59
O DESEJO E O MEDO SÃO ESTADOS AUTOCENTRADOS

Pergunta: Gostaria de voltar novamente à questão do prazer e da dor, do desejo e do temor. Entendo o medo, o qual é a memória e a antecipação da dor. Ele é essencial para a preservação do organismo e de seu padrão de vida. As necessidades, quando sentidas, são dolorosas, e sua antecipação é cheia de medo; estamos preocupados com razão de não sermos capazes de satisfazer nossas necessidades básicas. O alívio que sentimos quando satisfazemos uma necessidade, ou aliviamos uma ansiedade, deve-se inteiramente ao fim da dor. Podemos dar-lhe nomes positivos como prazer ou alegria, ou felicidade, mas, essencialmente, é o alívio da dor. É o temor à dor que mantém coesas nossas instituições sociais, econômicas e políticas.

O que me assombra é que nós encontramos prazer nas coisas e nos estados da mente, os quais não têm nada a ver com a sobrevivência. Pelo contrário, nossos prazeres são geralmente destrutivos. Eles danificam ou destroem o objeto, o instrumento e também o sujeito do prazer. De outro modo, o prazer e a busca do prazer não seriam problemas. Isto me leva ao âmago de minha pergunta: Por que o prazer é destrutivo? Por que, apesar de sua destrutividade, é desejado?

Posso acrescentar que não estou pensando no padrão prazer-dor mediante o qual a natureza nos obriga a seguir seu caminho. Penso nos prazeres criados pelo homem, sensórios e sutis, desde o mais grosseiro, como se fartar de comer, até o mais refinado. O vício do prazer a qualquer custo é tão universal que deve haver algo de significativo em sua raiz.

Certamente, nem toda a atividade do homem deve ser utilitária, planejada para satisfazer uma necessidade. Brincar, por exemplo, é natural, e o homem é o animal mais brincalhão que existe. Brincar preenche a necessidade de autodescoberta e autodesenvolvimento. Mas, mesmo em suas brincadeiras, o homem torna-se destrutivo em relação à natureza, aos outros e a ele mesmo.

Maharaj: Em resumo, você não coloca objeção ao prazer, apenas a seu preço em dor e aflição.

P: Se a própria realidade é felicidade, então o prazer deve estar relacionado com ela de alguma maneira.

M: Não prossigamos pela lógica verbal. A felicidade da realidade não exclui o sofrimento. Além do mais, você apenas conhece o prazer, não a felicidade do puro ser. Portanto, examinemos o prazer em seu próprio nível.

Se você olhar para si mesmo em seus momentos de prazer ou dor, encontrará invariavelmente que não é a coisa em si mesma que é agradável ou dolorosa, mas a situação da qual é uma parte. O prazer está na relação entre o que aprecia e o que é apreciado. E a essência disto é aceitação. Qualquer que seja a situação, se for aceitável, será agradável. Se não for aceitável, será dolorosa. O que a faz aceitável não é importante; a causa pode ser física ou psicológica, ou não pode ser rastreada; a aceitação é o fator decisivo. De uma forma reversa, o sofrimento se deve à não aceitação.

P: A dor não é aceitável.

M: Por que não? Já tentou alguma vez? Tente e você encontrará na dor uma alegria que o prazer não pode dar, pela simples razão que a aceitação da dor o leva mais profundamente que o prazer. O eu pessoal, por sua própria natureza, está continuamente perseguindo o prazer e evitando a dor. O fim deste padrão é o fim do eu. O fim do eu com seus desejos e medos lhe permite retornar à sua natureza real, à origem de toda felicidade e paz. O desejo permanente de prazer é o reflexo da harmonia interior eterna. É um fato observável que alguém se torna consciente de si mesmo apenas quando capturado pelo conflito entre prazer e dor, o qual exige escolha e decisão. É o confronto entre desejo e medo que causa raiva, a qual é a grande destruidora da sanidade da vida. Quando a dor é aceita pelo que ela é, uma lição e uma advertência, e vista profunda e atentamente, a separação entre a dor e o prazer se romperá e ambos se converterão em experiência – dolorosa quando afrontada, agradável quando aceita.

P: Você aconselha evitar o prazer e aspirar à dor?

M: Não, nem aspirar ao prazer e evitar a dor. Aceite ambos como eles chegam, aprecie-os enquanto durarem; deixe-os ir quando devem ir-se.

P: Como é possível apreciar a dor? A dor física pede ação.

M: Certamente. E assim é com a mental. A felicidade está na Consciência disto, em não se encolher ou, de qualquer modo, afastar-se dela. Toda a felicidade vem da Consciência. Quanto mais conscientes somos, mais profunda é a alegria. A aceitação da dor, a não resistência, a coragem e a paciência – estas abrem profundas e permanentes fontes de felicidade real, a verdadeira bem-aventurança.

P: Por que a dor deveria ser mais eficaz que o prazer?

M: O prazer é aceito prontamente, enquanto todos os poderes do eu rejeitam a dor. Como a aceitação da dor é a negação do eu, e o eu se interpõe no caminho da verdadeira felicidade, a aceitação total da dor libera o manancial da felicidade.

P: A aceitação do sofrimento age do mesmo modo?

M: O fato da dor é trazido facilmente ao foco da Consciência. Com o sofrimento, não é tão simples. Focar o sofrimento não é suficiente, pois a vida mental, como a conhecemos, é uma contínua corrente de sofrimento. Para alcançar as mais profundas camadas de sofrimento, você deve ir às raízes e desenterrar sua vasta rede subterrânea, onde o medo e o desejo estão intimamente entrelaçados, e as correntes de energia da vida se opõem, obstruem e destroem entre si.

P: Como posso colocar em ordem uma confusão que está inteiramente abaixo do nível de minha consciência?

M: Estando consigo mesmo, com o 'eu sou'; por observar-se em sua vida diária com um interesse desperto, com a intenção de entender em vez de julgar, na plena aceitação do que quer que possa emergir, porque está aí, você propicia que o profundo saia à superfície e enriqueça sua vida e sua consciência com suas energias cativas. Este é o grande trabalho da Consciência; ela remove obstáculos e libera energias ao compreender a natureza da vida e da mente. A inteligência é a porta para a liberdade, e a atenção alerta é a mãe da inteligência.

P: Uma pergunta mais. Por que o prazer termina em dor?

M: Tudo tem um princípio e um fim, e o prazer também. Não o antecipe e não se arrependa, e não haverá dor. São a memória e a imaginação que causam o sofrimento.

Certamente, a dor depois do prazer pode ser devida ao mau uso do corpo ou da mente. O corpo conhece suas medidas, mas a mente, não. Seus apetites são inumeráveis e não têm limites. Observe sua mente com

grande diligência, pois aí está seu cativeiro e também a chave para a liberdade.

P: Minha pergunta não foi respondida totalmente ainda: Por que são destrutivos os prazeres do homem? Por que o homem encontra tanto prazer na destruição? O interesse da vida está na proteção, perpetuação e expansão de si mesma. Nisto é guiada pelo prazer e pela dor. Em que ponto eles se tornam destrutivos?

M: Quando a mente domina, relembra e antecipa, ela exagera, distorce, negligencia. O passado é projetado no futuro e o futuro trai as expectativas. Os órgãos de sensação e ação são estimulados além de suas capacidades e, inevitavelmente, entram em colapso. Os objetos de prazer não podem dar o que se espera deles e se desgastam, ou são destruídos, pelo abuso. Isto resulta em excesso de dor onde se buscava prazer.

P: Destruímos não apenas nós mesmos, mas os outros também!

M: Naturalmente, o egoísmo é sempre destrutivo. O desejo e o medo são estados autocentrados. Entre o desejo e o medo, surge a raiva; com a raiva, o ódio; com o ódio, a paixão pela destruição. A guerra é ódio em ação, organizado e equipado com todos os instrumentos da morte.

P: Há uma maneira de acabar com estes horrores?

M: Quando mais pessoas chegarem a conhecer sua natureza real, sua influência, por sutil que seja, prevalecerá, e a atmosfera emocional do mundo será amenizada. As pessoas seguem seus líderes e quando, entre os líderes, aparece algum, grande de coração e de mente, absolutamente livre de egoísmo, seu impacto será suficiente para tornar impossíveis a crueza e os crimes da época presente. Uma nova era dourada pode vir e durar por um tempo e sucumbir à sua própria perfeição. Pois o declínio começa quando a maré está no ponto mais elevado.

P: Não existe a perfeição permanente?

M: Sim, existe, mas inclui toda imperfeição. É a perfeição de nossa própria natureza que faz tudo possível, perceptível, interessante. Ela não conhece nenhum sofrimento, pois nem gosta nem desgosta, nem aceita nem rejeita. A criação e a destruição são dois pólos entre os quais é tecido seu padrão dinâmico. Liberte-se das predileções e preferências, e a mente, com sua carga de aflições, não existirá mais.

P: Mas não sou apenas eu que sofro. Há outros.

M: Quando você vai a eles com seus desejos e medos, meramente aumenta suas aflições. Em primeiro lugar, liberte-se do sofrimento, e

apenas então pode esperar ajudar os outros. Você nem mesmo necessita esperar – sua própria existência será a maior ajuda que um homem pode dar a seus semelhantes.

60
VIVA OS FATOS, NÃO AS FANTASIAS

Pergunta: Você diz que tudo quanto vê é você mesmo. Também admite que você vê o mundo como o vemos. Aqui está o jornal de hoje com todos os horrores que estão acontecendo. Desde que o mundo é você mesmo, como pode explicar tal mau comportamento?

Maharaj: Em que mundo você está pensando?

P: Em nosso mundo comum, no qual vivemos.

M: Você tem certeza que nós vivemos no mesmo mundo? Não me refiro à natureza, ao mar ou a terra, às plantas e aos animais. Eles não são o problema, nem o espaço sem fim, ou o tempo infinito, o poder inesgotável. Não se engane por me ver comer e fumar, ler e falar. Minha mente não está aqui, minha vida não está aqui. Seu mundo feito de desejos e suas satisfações, de temores e suas fugas, definitivamente não é o meu mundo. Eu nem mesmo o percebo, exceto através do que você me fala sobre ele. É seu mundo privado de sonho, e minha única reação a ele é pedir-lhe que pare de sonhar.

P: Certamente, as guerras e revoluções não são sonhos. Mães doentes e crianças famintas não são sonhos. A riqueza obtida ilegalmente e usada mal não é um sonho.

M: O que mais?

P: Um sonho não pode ser compartilhado.

M: Nem tampouco o estado de vigília. Todos os três estados – vigília, sonhar e sono profundo –são subjetivos, pessoais, íntimos. Todos acontecem e estão contidos dentro da pequena bolha na consciência chamada 'eu'. O mundo real está além do eu.

P: Eu ou não eu, os fatos são reais.

M: Claro que os fatos são reais! Vivo entre eles. Mas você vive com fantasias, não com fatos. Os fatos nunca entram em conflito, enquanto

sua vida e seu mundo estão cheios de contradições. A contradição é a marca do falso; o real nunca se contradiz.

Por exemplo, você se queixa que as pessoas são abjetamente pobres. Ainda assim você não compartilha suas riquezas com elas. Você presta atenção à guerra no vizinho, mas dificilmente pensa nela quando for em algum país distante. Os destinos variáveis de seu ego determinam seus valores; 'Eu penso', 'Eu quero', 'Eu devo' tornam-se absolutos.

P: Todavia, o mal é real.

M: Não mais real que você. O mal está no tratamento incorreto dos problemas criados pela incompreensão e pelo abuso. É um círculo vicioso.

P: Pode-se romper o círculo vicioso?

M: Um círculo falso não precisa ser rompido. É suficiente vê-lo como é – inexistente.

P: Mas é bastante real para submeter-nos e infligir indignidades e atrocidades.

M: A insanidade é universal. A sanidade é rara. Ainda assim há esperança, porque, no momento em que percebemos nossa insanidade, estamos no caminho para a sanidade. Esta é a função do Guru – fazer-nos ver a loucura de nossa vida diária. A vida o faz consciente, mas o mestre o faz ciente.

P: Senhor, você não é o primeiro nem será o último. Desde tempos imemoriais as pessoas estão irrompendo na realidade. Ainda assim, quão pouco nossas vidas são afetadas! Os Ramas e os Krishnas, os Budas e Cristos vêm e vão e continuamos como somos, agitando-nos em suor e lágrimas. O que fizeram os grandes cujas vidas testemunhamos? O que fez você, senhor, para aliviar a escravidão do mundo?

M: Só você pode desfazer o mal que criou. Seu próprio egoísmo insensível está na raiz de todo mal. Coloque primeiro em ordem sua casa e verá que seu trabalho está feito.

P: Os homens de sabedoria e amor que nos precederam colocaram-se em ordem, frequentemente, a um custo tremendo. Qual foi o resultado? Uma estrela cadente, por mais brilhante que seja, não faz a noite menos escura.

M: Para julgá-los e a seus trabalhos você deve tornar-se um deles. Uma rã em um poço nada sabe sobre os pássaros no céu.

P: Você quer dizer que entre o bem e o mal não há barreira?

M: Não há barreira porque não há nem bem nem mal. Em cada situação concreta só há o necessário e o desnecessário. O necessário é certo, o desnecessário é errado.

P: Quem decide?

M: A situação decide. Cada situação é um desafio que exige uma resposta correta. Quando a resposta é correta, o desafio é satisfeito e o problema cessa. Se a resposta é errada, o desafio não é satisfeito, e o problema permanece sem solução. Seus problemas sem solução – isto é o que constitui o seu karma. Resolva-os corretamente e seja livre.

P: Parece que você sempre me faz retroceder para mim mesmo. Não há nenhuma solução objetiva para os problemas do mundo?

M: Os problemas do mundo foram criados por inumeráveis pessoas como você, cada uma cheia de seus próprios desejos e temores. Quem poderia libertá-lo de seu passado pessoal e social exceto você mesmo? E como o fará a menos que veja a necessidade urgente de ser primeiro livre de desejos nascidos da ilusão? Como você pode ajudar verdadeiramente enquanto você mesmo necessita de ajuda?

P: Em que modo os sábios antigos ajudaram? De que maneira você ajuda? Poucos indivíduos aproveitam, sem dúvida; sua orientação e exemplo significam bastante para eles, mas de que modo você afeta a humanidade, a totalidade da vida e da consciência? Você diz que é o mundo e que o mundo é você; que impacto você causou no mundo?

M: Que tipo de impacto você espera?

P: O homem é estúpido, egoísta, cruel.

M: O homem também é sábio, afetuoso e bom.

P: Por que a bondade não prevalece?

M: Ela prevalece – em meu mundo real. Em meu mundo, mesmo o que você chama de mal serve ao bem e, portanto, é necessário. É como as erupções e as febres que limpam o corpo das impurezas. A doença é dolorosa, mesmo perigosa, mas se tratada corretamente, ela cura.

P: Ou mata.

M: Em alguns casos, a morte é a melhor cura. Uma vida pode ser pior do que a morte, a qual é apenas raramente uma experiência desagradável, quaisquer que sejam as aparências. Portanto, tenha piedade dos vivos, nunca dos mortos. Este problema de coisas boas e más em si mesmas não existe em meu mundo. O necessário é bom e o desnecessário é mau. Em seu mundo, o agradável é bom e o doloroso é mau.

P: O que é necessário?

M: Crescer é necessário. Superar é necessário. Deixar para trás o bom visando o melhor é necessário.

P: Com que fim?

M: O fim está no princípio. Você termina onde você começa – no Absoluto.

P: Então, por que todos estes problemas? Para voltar para onde eu comecei?

M: De quem são os problemas? Quais problemas? Você tem pena da semente que deve crescer e multiplicar-se até se transformar numa imensa floresta? Você mata uma criança para salvá-la dos problemas da vida? O que está errado com a vida, mesmo com mais vida? Remova os obstáculos ao crescimento e todos os seus problemas pessoais, sociais, econômicos e políticos simplesmente se dissolverão. O universo é perfeito como um todo, e o esforço da parte para alcançar a perfeição é um caminho de alegria. Voluntariamente sacrifique o imperfeito pelo perfeito, e não haverá mais conversas sobre o bem e o mal.

P: Ainda assim, temos medo do melhor e nos apegamos ao pior.

M: Esta é nossa estupidez, na fronteira da insanidade.

61
A MATÉRIA É A PRÓPRIA CONSCIÊNCIA

Pergunta: Tive sorte de ter companhia santa durante toda minha vida. É o bastante para a autorrealização?

Maharaj: Depende do que você faz disto.

P: Falaram-me que a ação libertadora do satsang é automática. Exatamente como um rio leva alguém ao estuário, assim a sutil e silenciosa influência das pessoas boas me levará à realidade.

M: Isto o levará pelo rio, mas a travessia é coisa sua. A liberdade não pode ser ganha nem mantida sem a vontade de ser livre. Você deve lutar pela liberação; o mínimo que você pode fazer é descobrir e remover os

obstáculos diligentemente. Se você quer paz, deve lutar por ela. Não obterá paz simplesmente permanecendo quieto.

P: Uma criança simplesmente cresce. Não faz planos para crescer, nem tem um padrão; nem cresce aos pedaços, uma mão aqui, uma perna ali; cresce de forma integral e inconscientemente.

M: Porque ela é livre de imaginação. Você pode também crescer assim, mas não deve entregar-se à previsão e planos nascidos da memória e da antecipação. Uma das peculiaridades de um gnani é que ele não está interessado no futuro. Seu interesse no futuro é devido ao medo da dor e desejo de prazer; para o gnani tudo é felicidade; ele é feliz com o que quer que aconteça.

P: Seguramente, há muitas coisas que fariam miserável mesmo um gnani?

M: Um gnani pode encontrar dificuldades, mas elas não o fazem sofrer. Educar uma criança do nascimento à maturidade pode parecer uma tarefa difícil, mas, para uma mãe, as lembranças das dificuldades são uma alegria. Não há nada errado com o mundo. O que está errado é o modo em que você o vê. É sua própria imaginação que o engana. Sem imaginação, não há mundo. Sua convicção de que é consciente de um mundo é o mundo. O mundo que você percebe é feito de consciência; o que você chama matéria é a própria consciência. Você é o espaço (Akash) no qual ela se move, o tempo no qual ela perdura, o amor que lhe dá a vida. Extirpe a imaginação e o apego, e o que permanece?

P: O mundo permanecerá. Eu permanecerei.

M: Sim, mas quão diferente é quando você pode vê-lo como ele é, não através de uma tela de desejo e medo.

P: Para que servem todas estas distinções – realidade e ilusão, sabedoria e ignorância, santo e pecador? Todos estão na busca da felicidade, todos lutam desesperadamente, cada um é um logue e sua vida é uma escola de sabedoria. Cada um aprende a seu modo as lições de que necessita. A sociedade aprova uns e desaprova outros; não há regras que sejam aplicáveis em toda parte e para sempre.

M: Em meu mundo, o amor é a única lei. Não peço amor, eu o dou. Tal é minha natureza.

P: Vejo-o vivendo sua vida de acordo com um padrão. Você faz uma aula de meditação pela manhã, faz conferências e mantém discussões di-

ariamente; duas vezes ao dia, há adoração (puja), e cantos (bhajan) religiosos ao anoitecer. Parece que você segue escrupulosamente a rotina.

M: A adoração e os cantos são como eu os encontrei e não vi razão para interferir. A rotina geral está de acordo com os desejos das pessoas com quem vivo ou que vêm escutar. São pessoas trabalhadoras, com muitas obrigações, e os horários lhes são convenientes. Certa rotina repetitiva é inevitável. Mesmo animais e plantas têm seus horários.

P: Sim, vemos uma sequência regular em toda vida. Quem mantém a ordem? Há um governante interno que estabelece as leis e impõe ordem?

M: Tudo se move segundo sua natureza. Qual a necessidade de um policial? Cada ação gera uma reação, a qual equilibra e neutraliza a ação. Tudo acontece, mas há uma contínua anulação e, no final, é como se nada tivesse acontecido.

P: Não me console com harmonias finais. A descrição concorda, mas a perda é minha.

M: Espere e veja. Você pode acabar com um benefício bom o bastante para justificar os custos.

P: Há uma longa vida atrás de mim e, frequentemente, pergunto-me se seus muitos eventos aconteceram por acidente ou segundo um plano. Havia uma pauta estabelecida antes de eu nascer pela qual tive que viver minha vida? Se for sim, quem fez os planos, e quem os impôs? Poderia haver desvios e erros? Alguns dizem que o destino é imutável e que cada segundo da vida é predeterminado; outros dizem que o puro acidente decide tudo.

M: Pode entender isto como quiser. Você pode distinguir um padrão em sua vida ou ver meramente uma cadeia de acidentes. As explicações têm o propósito de agradar a mente. Não são, necessariamente, verdadeiras. A realidade é indefinível e indescritível.

P: Senhor, você está se esquivando de minha pergunta! Quero saber como você vê isto. Onde quer que olhemos, encontramos estruturas de inteligência e beleza incríveis. Como posso acreditar que o universo seja caótico e sem forma? Seu mundo, o mundo no qual você vive, pode ser sem forma, mas ele não necessita ser caótico.

M: O universo objetivo tem estrutura, é ordenado e belo. Ninguém pode negá-lo. Mas a estrutura e um padrão implicam coação e compulsão. Meu mundo é absolutamente livre; tudo nele é determinado por si

mesmo. Portanto, continuo dizendo que tudo acontece por si mesmo. Há ordem em meu mundo também, mas não é imposta de fora. Vem espontânea e imediatamente devido à sua eternidade. A perfeição não está no futuro. Ela é agora.

P: Seu mundo afeta o meu?

M: Apenas em um ponto – no ponto do agora. Ele lhe dá um ser momentâneo, um sentido efêmero de realidade. O contato é estabelecido na Consciência plena. Ele requer uma atenção não consciente e sem esforço.

P: A atenção não é uma atitude da mente?

M: Sim, quando a mente está ansiosa pela realidade, dá atenção. Não há nada errado com o mundo, é seu próprio pensamento de estar separado dele que cria desordem. O egoísmo é a fonte de todo o mal.

P: Volto à minha pergunta. Antes de nascer, meu ser interior decidiu os detalhes de minha vida, ou isto foi inteiramente acidental e à mercê da hereditariedade e das circunstâncias?

M: Aqueles que pretendem ter selecionado seu pai e sua mãe, e decidido como deveriam viver sua próxima vida, poderão sabê-lo por si mesmos. Eu sei por mim mesmo que nunca nasci.

P: Vejo-o sentado em minha frente e respondendo minhas perguntas.

M: Você vê apenas o corpo que, certamente, nasceu e morrerá.

P: Estou interessado na biografia desse corpo-mente. Foi estabelecida por você ou por algum outro, ou aconteceu acidentalmente?

M: Há um truque em sua própria pergunta. Não faço distinção entre o corpo e o universo. Um é a causa do outro; na verdade, um é o outro. Mas eu estou fora de tudo isto. Quando estou falando a você que nunca nasci, por que continua perguntando-me sobre quais foram meus preparativos para o próximo nascimento? No momento em que você permite que sua imaginação fie, ela imediatamente fia um universo. Não é de forma alguma como você imagina, e não estou limitado por suas fantasias.

P: Construir e manter um corpo vivo requerem inteligência e energia. De onde elas vêm?

M: Há apenas imaginação. A inteligência e o poder são todos consumidos por sua imaginação. Ela o absorveu tão completamente, que você simplesmente não consegue perceber o quanto você já se afastou da realidade. Não há dúvidas de que a imaginação seja altamente criativa.

Universos sobre universos são construídos sobre ela. Todos eles estão no espaço e no tempo, passado e futuro, os quais simplesmente não existem. Não há dúvida que a imaginação é ricamente criativa. Nela são construídos universos dentro de universos. Ainda assim, estão todos no espaço e no tempo, no passado e no futuro, os quais simplesmente não existem.

P: Li recentemente uma notícia sobre uma criança pequena que foi cruelmente tratada em sua infância. Foi gravemente mutilada e desfigurada, e cresceu em um orfanato, completamente afastada de sua vizinhança. A menina era tranquila e obediente, mas completamente indiferente. Uma das freiras que cuidava das crianças estava convencida de que a menina não era uma retardada mental, mas retraída, fechada em si mesma. Foi solicitado a um psicanalista que aceitasse o caso e, durante dois anos, ele a viu uma vez por semana, tentando quebrar a barreira de isolamento. Ela era dócil e bem-comportada, mas não prestava atenção ao doutor. Este lhe trouxe uma casa de brinquedo, com salas e mobiliário móvel, e bonecos representando o pai, a mãe e seus filhos. Isto produziu uma resposta, a menina ficou interessada. Um dia, as velhas feridas se avivaram e surgiram à superfície. Gradualmente, ela se recuperou, várias operações devolveram a seu rosto e corpo o aspecto normal e ela se tornou uma jovem atraente e eficiente. Isto custou ao doutor mais de cinco anos, mas o trabalho foi feito. Ele foi um Guru real! Não colocou condições nem falou sobre prontidão e elegibilidade. Sem fé, sem esperança, ele tentou e tentou novamente, devido ao amor apenas.

M: Sim, essa é a natureza de um Guru. Ele nunca desiste. Mas, para ser bem-sucedido, não deve encontrar resistência demais. A dúvida e a desobediência atrasam necessariamente. Dada a confiança e a flexibilidade, ele pode causar rapidamente uma mudança radical no discípulo. A profunda percepção do Guru e a seriedade do discípulo são necessárias. Qualquer que fosse sua condição, a moça de sua história sofreu por falta de seriedade nas pessoas. Os intelectuais são os mais difíceis. Falam bastante, mas não são sérios.

O que você chama realização é uma coisa natural. Quando você estiver pronto, seu Guru estará esperando. O sadhana é sem esforço. Quando a relação com seu mestre é correta, você cresce. Acima de tudo, confie nele. Ele não pode mostrar-lhe o caminho errado.

P: Mesmo quando ele me pedir para fazer uma coisa patentemente errada?

M: Faça-o. A um Sanyasi seu Guru pediu que se casasse. Ele lhe obedeceu e sofreu amargamente. Mas seus quatro filhos foram todos santos e sábios, os maiores no Maharashtra. Esteja feliz com o que quer que venha de seu Guru, e chegará à perfeição sem esforçar-se.

P: Senhor, você tem qualquer necessidade ou desejo? Posso fazer algo por você?

M: O que pode dar-me que eu não tenha? Coisas materiais são necessárias para estar satisfeito. Mas eu estou satisfeito comigo mesmo. De que mais necessito?

P: Certamente, quando está com fome, necessita de comida e, quando enfermo, de remédios.

M: A fome trará a comida e a enfermidade, os remédios. Tudo é uma ocupação da natureza.

P: Se trouxer algo que acredito que você necessita, você o aceitará?

M: O amor que o fez oferecê-lo me faria aceitá-lo.

P: Se alguém se oferecesse para construir para você um bonito Ashram?

M: Deixaria que o fizesse, por todos os meios. Que ele gaste uma fortuna, que empregue centenas e alimente milhares.

P: Não seria um desejo?

M: Não, de forma alguma. Apenas lhe pediria que o fizesse apropriadamente, não de maneira mesquinha, indiferentemente. Ele tornaria realidade seu próprio desejo, não o meu. Deixaria que o fizesse bem, e que fosse famoso entre os homens e os deuses.

P: Mas você o quereria?

M: Não o desejaria.

P: Você o aceitará?

M: Não necessito disto.

P: Você permaneceria nele?

M: Se fosse obrigado.

P: O que poderia obrigá-lo?

M: O amor daqueles que estão em busca da luz.

P: Sim, vejo seu ponto de vista. Agora, como posso entrar em samadhi?

M: Se você estiver no estado correto, qualquer coisa que veja o porá em samadhi. Afinal de contas, samadhi não é raro. Quando a mente está intensamente interessada, torna-se uma com o objeto de interesse – o que vê e o visto tornam-se um na visão, o que ouve e o ouvido tornam-se um na audição, o amante e o amado tornam-se um no amor. Toda experiência pode ser a base para o samadhi.

P: Você sempre está no estado de samadhi?

M: Absolutamente, não. Samadhi é um estado da mente, no final das contas. Eu estou além de toda experiência, mesmo a do samadhi. Sou o grande devorador e destruidor: o que quer que eu toque se dissolve no vazio (akash).

P: Eu necessito dos samadhis para a autorrealização.

M: Você tem toda a autorrealização que necessita, mas você não confia nela. Tenha coragem, confie em si mesmo, vá, fale, atue; dê-se uma oportunidade para provar a si mesmo. Com alguns, a realização acontece imperceptivelmente, mas, de alguma maneira, eles precisam ser convencidos. Eles mudaram, mas não se deram conta disso. Esses casos não espetaculares são frequentemente os mais confiáveis.

P: Pode alguém acreditar ser realizado e estar equivocado?

M: Certamente. A própria ideia 'Eu sou autorrealizado' é um erro. No Estado Natural, não há nenhum 'Eu sou isto', 'Eu sou aquilo'.

62
A TESTEMUNHA APARECE NO SUPREMO

Pergunta: Há cerca de quarenta anos, J. Krishnamurti disse que só há vida e que toda conversa sobre personalidades e individualidades não tem nenhum fundamento na realidade. Não tentou descrever a vida – ele meramente disse que, embora a vida não necessite e não possa ser descrita, pode ser experienciada totalmente se os obstáculos à sua experiência forem removidos. O principal obstáculo está em nossa ideia de tempo e na dependência a ele, em nosso hábito de antecipar um futuro à luz do passado. A soma total do passado se transforma no 'Eu era', o espe-

rado no futuro se transforma no 'Eu serei', e a vida é um esforço constante de passar do que 'Eu era' para o 'Eu serei'. O momento presente, o 'agora', é perdido de vista. O Maharaj fala do 'eu sou'. É uma ilusão como 'Eu era' e o 'Eu serei', ou tem algo de real? E se o 'eu sou' também é uma ilusão, como libertar-me dela? A própria noção do Eu sou livre do 'eu sou' é um absurdo. Há algo real, algo duradouro sobre o que 'eu sou' que o distinga do 'Eu era' e do 'Eu serei', os quais mudam com o tempo, como recordações adicionadas que criam novas expectativas?

Maharaj: O 'eu-sou' do presente é tão falso quanto o 'eu-era' e o 'eu-serei'. É meramente uma ideia na mente, uma impressão deixada pela memória, e a identidade separada que ela cria é falsa. Este hábito de referir-se a um centro falso deve acabar; as ideias: 'eu vejo', 'eu sinto', 'eu penso', 'eu faço' devem desaparecer do campo da consciência. O que permanece quando o falso não existe mais, é real.

P: O que é esta grande discussão sobre a eliminação do eu? Como o eu pode eliminar a si próprio? Que tipo de acrobacia metafísica poderia levar ao desaparecimento do acrobata? No fim, ele reaparecerá, vigorosamente orgulhoso de seu desaparecimento.

M: Não precisa perseguir o 'eu sou' para matá-lo. Você não pode. Tudo de que você necessita é de um anseio sincero pela realidade. Nós chamamos isso de atma-bhakti, o amor do Supremo; ou moksha-sankalpa, a determinação para libertar-se do falso. Sem amor e sem a vontade inspirada pelo amor, nada se pode fazer. Meramente falar sobre a Realidade sem fazer nada a respeito é a própria derrota. Deve haver amor na relação entre a pessoa que diz 'eu sou' e o observador deste 'eu sou'. Enquanto o observador, o eu interior, o eu 'superior' se considerar separado do observado, o eu 'inferior', desprezando-o e condenando-o, a situação será sem esperança. Só quando o observador (vyakta) aceita a pessoa (vyakti) como uma projeção ou manifestação de si mesmo e, por assim dizer, leva o eu para o Ser, a dualidade de 'Eu' e 'isto' desaparece, e a Suprema Realidade se manifesta na identidade do externo e do interno.

Esta união do que vê e do visto acontece quando o que vê se torna consciente de si mesmo como o que vê; ele não está meramente interessado no visto, o qual é ele de qualquer forma, mas também está interessado em estar interessado, dando atenção à atenção, consciente de ser

consciente. Uma Consciência amorosa é o fator crucial que coloca a Realidade em foco.

P: Segundo os teósofos e certos ocultistas, o homem consiste em três aspectos: personalidade, individualidade e espiritualidade. A divindade está além da espiritualidade. A personalidade é estritamente temporária e válida apenas para um nascimento. Ela começa com o nascimento do corpo e termina com o nascimento do próximo corpo. Uma vez terminada, acaba para sempre; nada dela permanecerá, exceto umas poucas lições doces ou amargas.

A individualidade começa com o animal-homem e termina com o homem completo. A divisão entre a personalidade e a individualidade é característica da humanidade dos dias presentes. Por um lado, a individualidade com seu anseio pelo verdadeiro, o bom e o belo; por outro lado, uma feia luta entre o hábito e a ambição, o medo e a avidez, a passividade e a violência.

O aspecto da espiritualidade está ainda em suspensão. Ela não pode manifestar-se em uma atmosfera de dualidade. Apenas quando a personalidade é reunida à individualidade e se torna sua verdadeira expressão – limitada talvez – então a luz, o amor e a beleza do espiritual surgem por si mesmos.

Você ensina sobre vyakti, vyakta, avyakta (observador, observado e o fundamento da observação). Isto concorda com o outro ponto de vista?

M: Sim, quando o vyakti compreende sua não existência na separação do vyakta, e o vyakta vê o vyakti como sua própria expressão, então surgem a paz e o silêncio do estado de avyakta. Na realidade, os três são um: o vyakta e o avyakta são inseparáveis, enquanto o vyakti é o processo de perceber, sentir e pensar baseado no corpo, constituído e alimentado pelos cinco elementos.

P: Qual é a relação entre o vyakta e o avyakta?

M: Como pode existir relação quando eles são um? Toda conversa de separação e relação se deve à influência distorcida e corrompida da ideia 'Eu sou o corpo'. O ser externo (vyakti) é meramente uma projeção sobre o corpo-mente do eu interno (vyakta), o qual novamente é apenas uma expressão do Ser Supremo (avyakta), o qual é todos e nenhum.

P: Há mestres que não falaram do eu superior e do eu inferior. Eles se dirigem ao homem como se apenas o eu inferior existisse. Nem Buda

nem Cristo mencionaram o eu superior. J. Krishnamurti também se mantém afastado de qualquer menção ao eu superior. Por que é assim?

M: Como pode haver dois eus em um corpo? O 'eu sou' é um. Não há um 'eu sou superior' e um 'eu sou inferior'. Todos os tipos de estados da mente são apresentados à Consciência e a pessoa se identifica com eles. Os objetos de observação não são o que parecem ser, e as atitudes com as quais os confrontamos não são como deveriam ser. Se você pensa que Buda, Cristo ou Krishnamurti falam para a pessoa, você está enganado. Eles conhecem bem que o vyakti, o eu externo, é apenas a sombra do vyakta, o eu interno, e eles se dirigem e estão atentos apenas ao vyakta. Eles falam para dar atenção ao eu externo, para guiá-lo e ajudá-lo, para sentir responsabilidade por ele; em resumo, ser plenamente consciente dele. A Consciência vem do Supremo e impregna o eu interior; o chamado eu externo é apenas a parte do próprio ser da qual não se está cônscio. Pode-se ser consciente, visto que todo ser é consciente, mas não se tem Consciência. O que está incluído na Consciência se transforma no interno e participa do interno. Você pode colocar isto diferentemente: o corpo define o eu externo; a consciência, o interno; e, na pura Consciência, o Supremo é contatado.

P: Você disse que o corpo define o eu externo. Desde que tenha um corpo, você tem também um eu externo?

M: Eu o teria se estivesse apegado ao corpo e o tomasse por mim mesmo.

P: Mas você está consciente disto e toma conta de suas necessidades.

M: O contrário é mais próximo da verdade – o corpo me conhece e é consciente de minhas necessidades. Mas, na realidade, não é de nenhuma das duas maneiras. É na sua mente que esse corpo aparece; na minha, não há nada.

P: Você quer dizer que é totalmente inconsciente de ter um corpo?

M: Ao contrário, eu sou consciente de não ter um corpo.

P: Vejo você fumando!

M: Exatamente. Você me vê fumando. Descubra por si mesmo como chegou a me ver fumando, e você facilmente compreenderá que é seu estado de mente 'Eu sou o corpo' que é responsável por esta ideia de 'Eu vejo você fumando'.

P: Há o corpo e há eu mesmo. Conheço o corpo. Separado dele, o que sou?

M: Não há nenhum 'Eu' separado do corpo, nem do mundo. Os três aparecem e desaparecem juntos. Na raiz está o sentido 'eu sou'. Vá além dele. A ideia 'Eu não sou o corpo' é meramente um antídoto para a ideia 'Eu sou o corpo', a qual é falsa. O que é que 'eu sou'? A menos que se conheça, que outra coisa você pode conhecer?

P: Do que você diz concluo que, sem o corpo, não pode existir a liberação. Se a ideia 'Eu não sou o corpo' leva à liberação, a presença do corpo é essencial.

M: Correto. Sem o corpo, como poderia surgir a ideia 'Eu não sou o corpo'? A ideia 'Eu sou livre' é tão falsa quanto a ideia 'Eu estou em escravidão'. Descubra o 'eu sou' comum a ambas e vá além.

P: Tudo é apenas um sonho.

M: Tudo são meras palavras, qual a utilidade delas para você? Você está embaraçado na teia das definições e formulações verbais. Vá além de seus conceitos e ideias; no silêncio do desejo e do pensamento, a verdade é encontrada.

P: Deve-se lembrar de não lembrar. Que tarefa!

M: Não pode ser feita, absolutamente. Deve acontecer. Mas acontece quando você verdadeiramente vê a necessidade dela. Novamente, a seriedade será a chave de ouro.

P: Por trás de minha mente há um zumbindo contínuo. Numerosos pensamentos débeis pululam e zunem, e esta nuvem informe sempre me acompanha. Acontece o mesmo com você? O que há por trás de sua mente?

M: Onde não há mente, nada há por trás dela. Sou todo frontal, nenhuma parte traseira! O vazio fala, o vazio permanece.

P: A memória não permanece?

M: Não resta nenhuma memória dos prazeres e das dores passadas. Cada momento nasce novamente.

P: Sem memória você não pode ser consciente.

M: Claro que sou consciente, e plenamente consciente disto. Não sou um bloco de madeira! Compare a consciência e seu conteúdo a uma nuvem. Você está dentro da nuvem, enquanto eu a olho. Você está perdido nela, dificilmente capaz de ver as pontas de seus dedos, enquanto eu vejo a nuvem e muitas outras nuvens, e o céu azul também, e o sol, a lua, as estrelas. A realidade é uma só para nós dois, mas para você ela é uma prisão e, para mim, é um lar.

P: Você falou da pessoa (vyakti), da testemunha (vyakta) e do Supremo (avyakta). Qual vem primeiro?

M: A testemunha aparece no Supremo. A testemunha cria a pessoa e pensa em si mesma como separada dela. A testemunha vê que a pessoa aparece na consciência, a qual, novamente, aparece na testemunha. Esta compreensão da unidade básica é o trabalho do Supremo. Ele é a origem da qual tudo flui, o poder por trás da testemunha. Não pode ser contatado, a menos que haja unidade, amor e solidariedade entre a pessoa e a testemunha, e a menos que o fazer esteja em harmonia com o ser e o conhecer. O Supremo é a fonte e o fruto de tal harmonia. Enquanto eu falo a você, estou no estado de Consciência desapegada, mas amorosa (turiya). Quando esta Consciência se volta para si mesma, você pode chamá-la o Estado Supremo, (turiyatita). Mas a realidade fundamental está além da Consciência, além dos três estados de vir a ser, de ser e de não ser.

P: Como é que aqui a minha mente está ocupada em tópicos elevados e acha fácil e agradável tratar deles? Quando retorno para casa percebo que esqueci tudo que aprendi aqui – preocupado e aborrecido –, incapaz de lembrar de minha natureza real mesmo por um momento. Qual pode ser a causa?

M: É sua infantilidade que está voltando para você. Você não é totalmente adulto; há níveis que ficaram sem desenvolver porque não se ocupou deles. Simplesmente, dê plena atenção ao que é, em você, cru, primitivo, irracional e intratável, totalmente infantil, e você amadurecerá. É a maturidade do coração e da mente que é essencial. Ela vem sem esforço quando o principal obstáculo é removido – a desatenção, a inconsciência. Na Consciência, você cresce.

63
A IDEIA DE SER O AGENTE É ESCRAVIDÃO

Pergunta: Passamos algum tempo no Ashram de Satya Sai Baba. Também passamos dois meses no Sri Ramanashram, em Tiruvannamalai. Agora estamos de regresso aos Estados Unidos.

Maharaj: A Índia causou alguma mudança em vocês?

P: Sentimos que deixamos cair a nossa carga. Sri Satya Sai Baba falou-nos para deixar tudo para ele e que vivêssemos o dia a dia o mais retamente possível. 'Seja bom e deixe o resto para mim', estava acostumado a nos falar.

M: O que estiveram fazendo no Sri Ramanashram?

P: Continuamos com o mantra que nos foi dado pelo Guru. Também fizemos alguma meditação. Não havia muito pensamento ou estudo; estávamos apenas tentando manter-nos quietos. Estamos no caminho de bhakti e, particularmente, pobres em filosofia. Não temos muito a pensar – apenas confiar em nosso Guru e viver nossas vidas.

M: A maioria dos bhaktas confia em seus Gurus apenas enquanto tudo está bem com eles. Quando os problemas aparecem, sentem-se desapontados e saem em busca de outro Guru.

P: Sim, fomos prevenidos contra este perigo. Estamos tentando levar o duro junto com o suave. O sentimento 'Tudo é graça' deve ser muito forte. Um sadhu estava caminhando para o leste, de onde um vento forte começou a soprar. O sadhu apenas girou e caminhou para o oeste. Nós esperamos viver deste modo, ajustando-nos às circunstâncias como nos forem enviadas pelo nosso Guru.

M: Só há vida. Não há ninguém que viva uma vida.

P: Isto nós entendemos, ainda assim constantemente tentamos viver nossas vidas em vez de apenas viver. Fazer planos para o futuro parece ser um hábito inveterado em nós.

M: Se você planeja ou não, a vida continua. Mas, na própria vida, uma pequena agitação surge na mente, a qual se entrega à fantasia e a si mesma imagina dominando e controlando a vida.

A própria vida não tem desejos. Mas o eu falso quer continuar – agradavelmente. Portanto, sempre está ocupado em garantir a própria continuidade. A vida é livre e sem medo. Enquanto você tiver a ideia de influenciar os fatos, a liberação não é para você. A própria ideia de ser o agente, de ser uma causa, é escravidão.

P: Como posso superar a dualidade do agente e do feito?

M: Contemple a vida como infinita, indivisa, sempre presente, sempre ativa, até você se entender como um com ela. Não é mesmo muito difícil, pois você estará retornando apenas à sua própria condição natural.

Uma vez que compreenda que tudo vem de dentro, que o mundo no qual vive não foi projetado em você, mas por você, seu temor acaba. Sem esta compreensão, você se identifica com as coisas externas como o corpo, a mente, sociedade, nação, humanidade, mesmo Deus e o Absoluto. Mas todos estes são fugas do medo. É apenas quando você aceita plenamente sua responsabilidade pelo pequeno mundo no qual você vive, e observa o processo de sua criação, preservação e destruição que você pode ser livre de seu cativeiro imaginário.

P: Por que deveria imaginar-me tão miserável?

M: Você o faz por hábito apenas; mude seus modos de sentir e pensar, faça o inventário deles e examine-os com atenção. Você está em escravidão por inadvertência. A atenção libera. Você toma tantas coisas como verdade absoluta. Comece a questionar. As coisas mais óbvias são as mais duvidáveis. Pergunte-se tais questões como: 'Realmente nasci?', 'Sou realmente fulano de tal?', 'Como sei que existo?', 'Quem são meus pais?', 'Eles me criaram ou eu os criei?', 'Devo acreditar em tudo que falaram de mim?', 'Quem sou eu de qualquer modo?' Você tem posto muita energia em construir uma prisão para si mesmo. Agora, gaste tanto quanto em demoli-la. De fato, a demolição é fácil, pois o falso é dissolvido quando descoberto. Tudo pende da ideia 'eu sou'; examine-a a fundo. Ela está na raiz de todos os problemas. É um tipo de pele que o separa da realidade. O real está dentro e fora da pele, mas a própria pele não é real. Esta ideia 'eu sou' não nasceu com você. Você podia ter vivido muito bem sem ela. Ela veio mais tarde devido à sua autoidentificação com o corpo. Criou uma ilusão de separação onde não havia nenhuma. Fez de você um estranho em seu próprio mundo e fez o mundo estranho e inimigo. Sem o sentido de 'eu sou', a vida continua. Existem momentos, sem o sentido de 'eu sou', em que estamos em paz e felizes. Com o retorno do 'eu sou', os problemas começam.

P: Como me libertar do sentido de 'Eu'?

M: Você deve tratar com o sentido de 'Eu' se você quer ser livre dele. Observe-o em operação e em paz, como ele começa e quando cessa, o que ele quer e como o obtém, até que o veja claramente e o compreenda por completo. Depois de tudo, todas as logas, seja qual for a fonte e o caráter delas, têm apenas uma meta: salvá-lo da calamidade da existência separada, de ser um ponto insignificante no vasto e belo quadro.

Você sofre porque se alienou da realidade e, agora, você busca uma fuga desta alienação. Você não pode escapar de suas próprias obsessões. Pode apenas cessar de nutri-las.

É porque o 'eu sou' é falso que ele quer continuar. A realidade não necessita continuar –conhecendo-se como indestrutível, é indiferente à destruição de formas e expressões. Para fortalecer e estabilizar o 'eu sou', fazemos todo tipo de coisas – tudo em vão, pois o 'eu sou' está sendo reconstruído de momento a momento. É um trabalho incessante, e a solução radical única é dissolver o sentido separativo de 'Eu sou uma pessoa assim e assado' de uma vez por todas. O ser permanece, mas não o eu pessoal.

P: Tenho ambições espirituais definidas, não devo trabalhar para realizá-las?

M: Nenhuma ambição é espiritual. Todas as ambições são para o bem do 'eu sou'. Se você quiser realmente progredir, você deve abandonar toda ideia de realização pessoal. As ambições dos assim chamados iogues são absurdas. O desejo de um homem por uma mulher é a própria inocência se comparado com a cobiça de uma bem-aventurança pessoal e eterna. A mente é uma fraude. Quanto mais piedosa parece, pior é a traição.

P: Às vezes, as pessoas vêm a você com seus problemas mundanos e pedem ajuda. Como você sabe o que dizer a elas?

M: Apenas lhes digo o que vem à minha mente no momento. Não tenho um procedimento padronizado ao tratar com as pessoas.

P: Você está seguro de si mesmo. Mas, quando as pessoas vêm para me pedir conselhos, como posso estar certo de que meu conselho é correto?

M: Observe em que estado você está, de que nível você fala. Se você falar a partir da mente, você pode estar errado. Se falar a partir do percebimento pleno da situação, com seus próprios hábitos mentais em suspensão, seu conselho pode ser a resposta verdadeira. O ponto principal é estar plenamente consciente de que nem você nem o homem em frente de você são meros corpos; se sua Consciência for clara e total, um engano será menos provável.

64
TUDO O QUE LHE AGRADA O RETÉM

Pergunta: Sou um contador aposentado e minha esposa está ocupada com trabalho social para as mulheres pobres. Nosso filho está de regresso aos Estados Unidos e viemos para vê-lo partir. Somos Panjabis, mas vivemos em Delhi. Temos um Guru da fé Radha-Soami e valorizamos muito o satsang. Sentimo-nos muito afortunados por terem nos trazido aqui. Encontramos muitas pessoas santas e nos alegramos por conhecer mais uma.

Maharaj: Vocês encontraram muitos anacoretas e ascetas, mas um homem totalmente realizado, consciente de sua divindade (swarupa) é difícil de achar. Os santos e Iogues, através de imensos esforços e sacrifícios, adquirem muitos poderes miraculosos e podem fazer muito bem ajudando as pessoas e inspirando fé, embora isso não os torne perfeitos. Não é um caminho para a realidade, mas um mero enriquecimento do falso. Todo esforço leva a mais esforço; o que for construído deve ser mantido, o que for obtido deve ser protegido contra a decadência ou a perda. O que quer que possa ser perdido não pertence realmente a alguém; e que utilidade tem para você o que não é seu? Nada é provocado no meu mundo, tudo acontece por si mesmo. Toda existência está no tempo e no espaço e é limitada e temporária. Aquele que experimenta a existência é também limitado e temporário. Eu não estou preocupado com 'o que existe' ou com 'quem existe'. Tomo minha posição além, onde sou ambos e nenhum.

As pessoas que, depois de muito esforço e penitência, preencheram suas ambições e asseguraram níveis elevados de experiência e ação, são, de modo geral, agudamente conscientes de suas posições; elas classificam as pessoas em hierarquias, dispondo em ordem do mais baixo fracassado ao mais elevado realizado. Para mim, são todos iguais. As diferenças em aparência e expressão existem, mas não importam. Do mesmo modo que a forma de um ornamento de ouro não afeta o ouro, assim a essência do homem permanece inalterável. Onde falta este sentido de igualdade, significa que a realidade não foi tocada.

O mero conhecimento não basta; o conhecedor deve ser conhecido Os Pandits e os logues podem conhecer muitas coisas, mas qual a utilidade do mero conhecimento quando o Self não é conhecido? Será certamente mal-empregado. Sem o conhecimento do conhecedor, não pode haver paz.

P: Como se conhece o conhecedor?

M: Posso apenas falar a você o que sei por experiência própria. Quando encontrei meu Guru, ele me falou: "Você não é o que acredita ser. Descubra o que você é. Observe o sentido 'eu sou', encontre seu ser real". Eu obedeci a ele porque confiei nele. E fiz como ele me disse. Passava todo meu tempo livre examinando-me em silêncio. E que diferença isso fez, e quão rápido! Levei apenas três anos para compreender minha verdadeira natureza. Meu Guru morreu logo após tê-lo encontrado, mas isto não fez nenhuma diferença. Lembrei-me do que ele me falou e perseverei. O fruto disto está aqui comigo.

P: Qual é este fruto?

M: Conheço-me como sou na realidade. Não sou nem o corpo, nem a mente, nem as faculdades mentais. Estou além deles.

P: Você é simplesmente nada?

M: Vamos, seja razoável. Absolutamente eu sou, da forma mais tangível. Apenas não sou o que você pensa que eu sou. Isto lhe diz tudo.

P: Não me diz nada.

M: Porque não pode ser dito. Você terá que ganhar sua própria experiência. Você está acostumado a lidar com coisas físicas e mentais. Eu não sou uma coisa, nem você é. Nós não somos matéria nem energia, nem corpo nem mente. Uma vez que você tenha o lampejo de seu próprio ser, não achará difícil compreender-me.

Nós acreditamos em muitas coisas por rumores. Nós acreditamos em terras e pessoas distantes, em céus e infernos, em deuses e deusas, porque nos disseram isto. Similarmente, falaram-nos de nós mesmos, de nossos pais, do nome, posição, deveres e assim por diante. Nunca tivemos o cuidado de verificar. O caminho da verdade se encontra na destruição do falso. Para destruir o falso, você deve questionar suas mais inveteradas crenças. Destas, a ideia de que você é o corpo é a pior. Com o corpo vem o mundo, com o mundo – Deus, a quem se supõe ter criado o mundo, e assim começam os temores, as religiões, as orações, os sacrifícios, todo tipo de sistemas – tudo para proteger e apoiar o homem-

criança aterrorizado com a presença dos monstros de sua própria criação. Compreenda que o que você é não pode nascer ou morrer e, com o cessar do medo, todo sofrimento termina.

O que a mente inventa, a mente destrói. Mas o real não é inventado e não pode ser destruído. Aferre-se a isto sobre o qual a mente não tem nenhum poder. Isto sobre o que estou lhe falando não está nem no passado nem no futuro. Nem tampouco está na vida diária tal como ela flui no agora. É eterno, e sua total eternidade está além da mente. Meu Guru e suas palavras 'Você é eu mesmo' estão eternamente comigo. No princípio tive que fixar minha mente nelas, mas agora isto se tornou natural e fácil. O ponto em que a mente aceita as palavras do Guru como verdadeiras e as vive espontaneamente em cada detalhe da vida diária é o limiar da realização. Em certo modo é a salvação pela fé, mas a fé deve ser intensa e duradoura.

Contudo, você não deve pensar que a fé é suficiente. A fé expressada na ação é o meio seguro para a realização. De todos os meios, é o mais eficaz. Há mestres que negam a fé e só confiam na razão. Realmente não é a fé que eles negam, mas as crenças cegas. A fé não é cega. É a disposição para tentar.

P: Falaram-nos que, de todas as formas de prática espiritual, a prática da atitude de uma mera testemunha é a mais eficaz. Como isto se compara com a fé?

M: A atitude da testemunha também é fé; é fé em si mesmo. Você acredita que não é o que você experiencia e olha para tudo como que à distância. Não há nenhum esforço em testemunhar. Você compreende que você é apenas a testemunha e a compreensão atua. Você não necessita nada mais, apenas relembrar que você é só a testemunha. Se, no estado de testemunho, você perguntar a si mesmo: 'Quem sou eu?', a resposta chega imediatamente, embora seja silenciosa e sem palavras. Cesse de ser o objeto e se transforme no sujeito de tudo que acontece; uma vez que tenha se voltado para dentro, você se descobrirá além do sujeito. Quando encontrar a si mesmo, você perceberá que está também além do objeto, que ambos – sujeito e objeto – existem em você, mas você não é nenhum deles.

P: Você fala a partir da mente, da consciência testemunha além da mente e do Supremo que está além da Consciência. Você quer dizer que mesmo a Consciência não é real?

M: Enquanto você tratar em termos tais como real e irreal, a Consciência é a única realidade que pode existir. Mas o Supremo está além de todas as distinções e, para ele, o termo 'real' não se aplica, pois nele tudo é real e, por conseguinte, não necessita ser etiquetado como tal. Ele é a própria fonte da realidade e dá realidade a tudo quanto toca. Simplesmente, não pode ser compreendido por meio de palavras. Mesmo uma experiência direta, por sublime que seja, meramente guarda seu testemunho, nada mais.

P: Mas quem cria o mundo?

M: A Mente Universal (chidakash) faz e desfaz tudo. O Supremo (paramakash) transmite realidade para o que quer que venha a ser. Dizer que é o amor universal pode ser o mais próximo que possamos chegar com palavras. Exatamente como o amor, rende tudo real, belo, desejável.

P: Porque desejável?

M: Por que não? De onde vêm todas as poderosas atrações que fazem todas as coisas criadas responder umas às outras, que unem as pessoas, senão do Supremo? Não evite o desejo; veja apenas que ele flua nos canais adequados. Sem desejo você está morto. Mas com desejos baixos você é um fantasma.

P: Que experiência se aproxima mais do Supremo?

M: Paz imensa e amor ilimitado. Compreenda que o que há de verdadeiro, nobre e belo no universo, tudo isto vem de você, que você mesmo é sua origem. Os deuses e divindades que supervisionam o mundo podem ser os seres mais belos e gloriosos; ainda assim, eles são como os criados vistosamente vestidos que proclamam o poder e as riquezas de seus senhores.

P: Como se alcança o Estado Supremo?

M: Renunciando a todos os desejos menores. Enquanto você estiver satisfeito com o mais baixo, não pode ter o mais elevado. Tudo que lhe agrada o retém. Até você compreender o caráter insatisfatório de tudo, sua impermanência e limitação, e recolha suas energias em um grande anseio, nem sequer terá dado o primeiro passo. Por outro lado, a integridade do desejo pelo Supremo é por si mesma uma chamada do Supremo. Nada físico ou mental pode lhe dar liberdade. Você é livre uma vez que entenda que sua escravidão é de sua própria fabricação, e cesse de forjar as cadeias que o atam.

P: Como se encontra a fé no Guru?

M: Encontrar o Guru e a confiança nele é uma sorte rara. Não acontece frequentemente.

P: É o destino que manda?

M: Chamá-lo destino explica pouco. Quando acontecer, você não poderá dizer por que aconteceu e meramente cobrirá a ignorância chamando-a de karma ou Graça, ou a Vontade de Deus.

P: Krishnamurti diz que o Guru não é necessário.

M: Alguém deve falar a você da Realidade Suprema e do caminho que conduz a ela. Krishnamurti não faz outra coisa. Em certo sentido, ele tem razão – a maioria dos chamados discípulos não confia em seus Gurus; eles lhes desobedecem e finalmente os abandonam. Para tais discípulos teria sido infinitamente melhor se não tivessem nenhum Guru e buscassem orientação apenas interiormente. Encontrar um Guru vivo é uma oportunidade rara e uma grande responsabilidade. Não se deve tratar ligeiramente destes assuntos. Vocês saem para comprar o céu e imaginam que o Guru o fornecerá por um preço. Buscam fazer um bom acordo ao oferecer pouco, mas pedir muito. Não enganam a ninguém exceto a si mesmos.

P: Seu Guru lhe disse que você é o Supremo e você confiou nele, e agiu de acordo. O que lhe deu esta confiança?

M: Digamos que fui apenas razoável. Teria sido um tolo ao desconfiar dele. Que interesse ele teria em mostrar-me o caminho errado?

P: Você disse a um interrogador que nós somos o mesmo, que somos iguais. Eu não posso acreditar nisto. Desde que eu não acredite, qual a utilidade de sua declaração para mim?

M: Sua descrença não interessa. Minhas palavras são verdadeiras e elas farão sua tarefa. Esta é a beleza da companhia nobre (satsang).

P: Simplesmente sentar-se perto de você pode ser considerado prática espiritual?

M: Certamente. O rio da vida está fluindo. Algo de sua água está aqui, mas muito dela já alcançou sua meta. Você só conhece o presente. Eu vejo muito mais longe no passado e no futuro, no que você é e no que pode ser. Não posso senão ver você como a mim mesmo. Não ver diferença está na própria natureza do amor.

P: Como eu poderia me ver como você me vê?

M: É suficiente que você não imagine ser o corpo. É a ideia 'Eu sou o corpo' que é tão desastrosa. Ela o cega completamente em relação à sua natureza real. Mesmo por um momento não pense que você é o corpo. Não se dê nenhum nome, nenhuma forma. Na escuridão e no silêncio, a realidade é encontrada.

P: Não devo pensar com certa convicção que não sou o corpo? Onde vou encontrar tal convicção?

M: Comporte-se como se você estivesse plenamente convencido e a confiança virá. Qual o valor de meras palavras? Uma fórmula, um padrão mental, não o ajudará. Mas a ação altruísta, livre de toda preocupação com o corpo e seus interesses, levá-lo-á para dentro do próprio coração da Realidade.

P: De onde obterei a coragem para agir sem convicção?

M: O amor lhe dará a coragem. Quando você encontrar alguém totalmente admirável, digno de amor, sublime, seu amor e sua admiração darão a você o impulso para agir nobremente.

P: Nem todos sabem admirar o admirável. A maioria das pessoas é totalmente insensível.

M: A vida os fará apreciar. O próprio peso da experiência acumulada dar-lhes-á olhos para ver. Quando você encontrar um homem digno, você o amará e confiará nele, e seguirá seu conselho. Este é o papel das pessoas realizadas – dar um exemplo de perfeição para que os outros admirem e amem. A beleza da vida e do caráter é uma contribuição enorme para o bem comum.

P: Não devemos sofrer para crescer?

M: É suficiente saber que há sofrimento, que o mundo sofre. Por si mesmos, nem prazer nem dor iluminam. Apenas a compreensão o faz. Uma vez que tenha compreendido a verdade de que o mundo está cheio de sofrimento, que nascer é uma calamidade, você encontrará a urgência e a energia para ir além dele. O prazer o põe a dormir e a dor o acorda. Se não quer sofrer, não adormeça. Você não pode conhecer a si mesmo apenas por meio da felicidade, pois esta é sua própria natureza. Você deve encarar o oposto, o que você não é, para encontrar a iluminação.

65
UMA MENTE SILENCIOSA É TUDO O QUE VOCÊ PRECISA

Pergunta: Não estou bem. Sinto-me particularmente fraco. O que faço?

Maharaj: Quem não está bem, você ou o corpo?

P: Meu corpo, certamente.

M: Ontem você se sentia bem. O que se sentia bem?

P: O corpo.

M: Você estava contente quando o corpo estava bem e está triste quando o corpo está mal. Quem está contente um dia e triste no outro?

P: A mente.

M: E quem conhece a mente que varia?

P: A mente.

M: A mente é o conhecedor. Quem conhece o conhecedor?

P: O conhecedor não se conhece a si mesmo?

M: A mente é descontínua. Repetidamente ela fica vazia, como no sono, no desmaio ou na distração. Deve existir algo contínuo para registrar a descontinuidade.

P: A mente recorda. Isso significa continuidade.

M: A memória é sempre parcial, não confiável e evanescente. Ela não explica o forte sentido de identidade impregnando a consciência, o sentido 'eu sou'. Descubra o que está na raiz disto.

P: Por mais profundamente que eu olhe, encontro apenas a mente. Suas palavras 'além da mente' não me dão nenhum indício.

M: Enquanto olhar com a mente, você não pode ir além dela. Para ir além, você deve olhar para longe da mente e de seu conteúdo.

P: Em que direção eu devo olhar?

M: Todas as direções estão dentro da mente! Não estou lhe pedindo para olhar em alguma direção particular. Apenas desvie o olhar de tudo o que acontece em sua mente e traga-a ao sentimento 'eu sou'.

O 'eu sou' não é uma direção. É a negação de toda direção. Finalmente, mesmo o 'eu sou' terá que desaparecer, pois você não necessita continuar afirmando o que é óbvio. Trazer a mente ao sentimento 'eu sou' meramente a ajuda a afastá-la de tudo mais.

P: Aonde tudo isto me levará?

M: Quando a mente se mantém afastada de suas preocupações, ela se torna serena. Se você não perturba esta calma e permanece nela, você descobre que ela está permeada com uma luz e um amor nunca antes conhecidos; e, ao mesmo tempo, você a reconhece imediatamente como sua própria natureza. Uma vez que tenha passado por esta experiência, você jamais será outra vez o mesmo homem; a mente revoltosa pode romper sua paz e destruir sua visão; mas ela está obrigada a retornar, desde que o esforço seja sustentado; até o dia em que todos os vínculos se rompem, as ilusões e apegos acabam, e a vida se torna supremamente concentrada no presente.

P: Que diferença isto fará?

M: A mente não existe mais. Há apenas amor em ação.

P: Como reconhecerei este estado quando o atingir?

M: Não haverá nenhum medo.

P: Cercado por um mundo cheio de mistérios e perigos, como permanecer sem medo?

M: Mesmo seu próprio pequeno corpo é cheio de mistérios e perigos, contudo você não tem medo dele pois você o toma como seu. O que você não sabe é que o universo inteiro é seu corpo e você não necessita temê-lo. Você pode dizer que tem dois corpos: o pessoal e o universal. O pessoal vem e vai, o universal está sempre com você. A criação inteira é seu corpo universal. Você está tão cego pelo que é pessoal que você não vê o universal. Esta cegueira não terminará por si mesma – deve ser desfeita habilidosa e deliberadamente. Quando todas as ilusões são entendidas e abandonadas, você atinge a liberdade do erro e o estado perfeito no qual todas as distinções entre o pessoal e o universal não existem mais.

P: Sou uma pessoa e, portanto, limitada em espaço e tempo. Ocupo um espaço pequeno e duro apenas uns poucos instantes; não posso conceber-me sendo o eterno e o onipenetrante.

M: Todavia, você é. À medida que você mergulhar dentro de você mesmo em busca de sua natureza verdadeira, você descobrirá que ape-

nas seu corpo é pequeno e sua memória é curta, enquanto o vasto oceano da vida é seu.

P: As próprias palavras 'eu' e 'universal' são contraditórias. Uma exclui a outra.

M: Não é assim. O sentido de identidade permeia o universal. Busque e você descobrirá a Pessoa Universal que você é, e infinitamente mais. De qualquer modo, comece por compreender que o mundo está em você, não você no mundo.

P: Como pode ser isto? Sou apenas uma parte do mundo. Como pode o mundo todo estar contido na parte exceto como um reflexo, como em um espelho?

M: O que você diz é verdadeiro. Seu corpo pessoal é uma parte no qual o todo está maravilhosamente refletido. Mas você também tem um corpo universal. Você não pode sequer dizer que você não o conhece, porque você o vê e o experiencia todo o tempo. Apenas você o chama 'o mundo' e o teme.

P: Sinto que conheço meu pequeno corpo, enquanto o outro eu não conheço, exceto através da ciência.

M: Seu pequeno corpo é cheio de mistérios e maravilhas, as quais você não conhece. Aí também a ciência é seu único guia. A anatomia e a astronomia o descrevem.

P: Mesmo se aceito sua doutrina do corpo universal como uma hipótese de trabalho, de que modo posso testá-la, e qual a utilidade dela para mim?

M: Conhecendo-se como o morador em ambos os corpos, você não renegará nada. Todo o universo será de seu interesse; você amará e ajudará, terna e sabiamente, cada coisa viva. Não existirá nenhum conflito de interesses entre você e os outros. Toda exploração cessará absolutamente. Cada ação sua será benéfica, cada movimento será uma bênção.

P: Tudo é muito tentador. Mas como progredir para compreender meu ser universal?

M: Você tem dois caminhos: pode entregar seu coração e sua mente para a descoberta de si mesmo, ou você aceita minhas palavras em confiança e age de acordo; em outras palavras, ou você se torna totalmente interessado em si mesmo, ou totalmente desinteressado. É a palavra 'totalmente' que é importante. Você deve ser extremado para alcançar o Supremo.

P: Como posso aspirar a tais alturas, pequeno e limitado que sou?

M: Compreenda-se como o oceano da consciência no qual tudo acontece. Isto não é difícil. Um pouco de atenção, um exame próximo de si mesmo, e você verá que nenhum fato está fora de sua consciência.

P: O mundo está cheio de fatos que não aparecem em minha consciência.

M: Mesmo seu corpo está cheio de fatos que não aparecem em sua consciência. Isto não o impede de reivindicar sua propriedade. Você conhece o mundo exatamente como você conhece seu corpo – através dos sentidos. É sua mente que separou o mundo externo à sua pele do mundo interior, e os pôs em oposição. Isto criou medo e ódio, e todas as misérias da vida.

P: O que eu não entendo é o que você diz sobre ir além da consciência. Entendo as palavras, mas não posso visualizar a experiência. Depois de tudo, você mesmo disse que todas as experiências estão na consciência.

M: Tem razão, não pode haver nenhuma experiência além da consciência. Ainda assim há a experiência de apenas ser. Há um estado além da consciência que não é inconsciente. Alguns o chamam supraconsciência ou consciência pura, ou consciência suprema. É a pura Consciência livre do nexo sujeito-objeto.

P: Estudei Teosofia e não achei nada familiar no que você disse. Admito que a Teosofia trata apenas da manifestação. Ela descreve o universo e seus habitantes em grande detalhe. Admite muitos níveis de matéria e correspondentes níveis de experiência, mas não parece ir além. O que você diz vai além de toda experiência. Se não é experimentável, por que falar sobre ela em absoluto?

M: A consciência é intermitente, cheia de lacunas. Ainda assim há a continuidade de identidade. A que se deve este sentido de identidade se não a algo além da consciência?

P: Se eu estou além da mente, como posso mudar a mim mesmo?

M: Onde está a necessidade de mudar algo? A mente está mudando de qualquer forma todo o tempo. Observe sua mente com isenção; isto basta para acalmá-la. Quando ela está calma, você pode ir além. Não a mantenha ocupada todo o tempo. Detenha-a – e apenas seja. Se você lhe der descanso, ela se acalmará e recuperará sua pureza e força. O pensamento constante a faz decair.

P: Se meu verdadeiro ser está sempre comigo, como eu o ignoro?

M: Porque ele é muito sutil e sua mente é grosseira, cheia de pensamentos e sentimentos toscos. Acalme e clarifique sua mente e você se conhecerá como você é.

P: Preciso da mente para me conhecer?

M: Você está além da mente, mas você conhece com sua mente. É óbvio que a extensão, a profundidade e o caráter do conhecimento dependem do instrumento que você usa. Melhore seu instrumento e seu conhecimento melhorará.

P: Para conhecer perfeitamente necessito de uma mente perfeita.

M: Uma mente silenciosa é tudo o que você precisa. Tudo o mais acontecerá adequadamente uma vez que sua mente esteja tranquila. Do mesmo modo que o sol ao levantar-se torna o mundo ativo, assim a Consciência de si mesmo afeta as mudanças na mente. Na luz da autoconsciência serena e estável são despertadas as energias interiores que produzem milagres sem qualquer esforço de sua parte.

P: Você quer dizer que o maior trabalho é feito por não trabalhar?

M: Exatamente. Compreenda que você está destinado à iluminação. Coopere com seu destino, não vá contra ele, não o frustre. Permita que se realize. Tudo o que você tem que fazer é dar atenção aos obstáculos criados pelas tolices da mente.

66
TODA A BUSCA DE FELICIDADE É MISÉRIA

Pergunta: Cheguei da Inglaterra e estou a caminho de Madras. Lá eu me encontrarei com meu pai e iremos de carro até Londres. Vou estudar psicologia, mas eu ainda não sei o que farei quando obtiver meu grau. Talvez tente psicologia industrial, ou psicoterapia. Meu pai é um clínico geral, e posso seguir a mesma linha. Mas isso não esgota meus interesses. Há certas questões que não mudam com o tempo. Entendi que você tem algumas respostas a tais questões e isto me fez vir para vê-lo.

Maharaj: Pergunto-me se eu sou o homem certo para responder às suas questões. Sei pouco sobre coisas e pessoas. Conheço apenas o que eu sou, e isto você também sabe. Somos iguais.

P: Certamente, eu sei o que eu sou. Mas não sei o que significa.

M: O que você toma como 'Eu' no 'eu sou' não é você. Saber que você é é natural; mas saber o que é você é o resultado de muita investigação. Você terá que explorar o campo inteiro da consciência e ir além dele. Para isto, você deve encontrar o mestre certo e criar as condições necessárias para a descoberta. Falando de modo geral, há dois caminhos: o externo e o interno. Ou você vive com alguém que conheça a Verdade e se submete inteiramente à sua orientação e influência modeladora, ou você busca a orientação interna e segue a luz interior para onde ela o levar. Em ambos os casos, seus desejos e medos pessoais devem ser desprezados. Você aprende pela proximidade ou pela investigação, o caminho passivo ou o ativo. Você se deixa ser levado pelo rio da vida e do amor representado pelo seu Guru, ou você faz seus próprios esforços, guiado pela estrela interior. Em ambos os casos, você deve ir adiante e deve ser sério. Raras são as pessoas que têm a sorte de encontrar alguém digno de confiança e amor. A maioria delas deve tomar o caminho difícil, o caminho da inteligência e do entendimento, da discriminação e do desapego (viveka-vairagya). Este é o caminho aberto para todos.

P: Tive a sorte de vir aqui. Embora esteja deixando o lugar amanhã, uma conversa com você pode afetar toda minha vida.

M: Sim, uma vez que você diga 'Eu quero encontrar a Verdade', toda sua vida será profundamente afetada por isso. Todos os seus hábitos mentais e físicos, sentimentos e emoções, desejos e medos, planos e decisões sofrerão a mais radical transformação.

P: Uma vez que tenha decidido encontrar a Realidade, o que farei depois?

M: Depende de seu temperamento. Se você for sério, qualquer caminho que você escolher o levará à sua meta. O fator decisivo é a seriedade.

P: Qual é a fonte da seriedade?

M: É o instinto de voltar para casa, o qual faz o pássaro voltar para seu ninho e o peixe, para a corrente da montanha onde nasceu. A semente retorna para a terra quando o fruto está maduro. Maturidade é tudo.

P: E o que me amadurecerá? Necessito de experiência?

M: Você já teve toda a experiência de que necessita, de outra forma não viria aqui. Você não precisa acumular mais, em vez disto você deve ir além da experiência. Qualquer esforço que fizer, qualquer método (sadhana) que seguir, você meramente gerará mais experiência, mas não o levará além. Nem a leitura de livros o ajudará. Eles enriquecerão sua mente, mas a pessoa que você é permanecerá intacta. Se você espera qualquer benefício de sua busca material, mental ou espiritual, você errou o alvo. A verdade não dá nenhuma vantagem. Não lhe dá um status mais elevado, nenhum poder sobre os outros; tudo o que você obtém é a verdade e a liberdade do falso.

P: Seguramente, a verdade lhe dará o poder para ajudar outros.

M: Isto é mera imaginação, de qualquer forma nobre! Na verdade, você não ajuda outros porque não há outros. Você divide as pessoas em nobres e ignóbeis e você pede ao nobre que ajude o ignóbil. Você separa, avalia, julga e condena – em nome da verdade você a destrói. Seu próprio desejo de formular a verdade a nega, porque ela não pode ser contida em palavras. A verdade só pode ser expressada pela negação do falso – em ação. Para isto você deve ver o falso como falso (viveka) e rejeitá-lo (vairagya). A renúncia do falso é libertadora e dá energia. Ela abre o caminho para a perfeição.

P: Quando saberei que descobri a verdade?

M: Quando a ideia 'isto é verdadeiro', 'aquilo é verdadeiro' não surgir. A verdade não afirma a si mesma, ela está na visão do falso como falso e em rejeitá-lo. É inútil buscar a verdade quando a mente estiver cega ao falso. Ela deverá ser purificada completamente do falso antes que a verdade possa despontar em você.

P: Mas o que é falso?

M: Certamente, o que não tem existência é falso.

P: O que você quer dizer por não ter existência? O falso existe, duro como um prego.

M: O que se contradiz não tem nenhuma existência. Ou só a tem momentaneamente, o que vem a ser o mesmo. Pois o que tem um princípio e um fim não tem nenhum meio. É um oco. Só tem um nome e uma forma dados a ele pela mente, mas ele não tem nem substância nem essência.

P: Se tudo que passa não tem existência, então o universo não tem existência tampouco.

M: Quem o negou? Certamente, o universo não tem existência.

P: O que tem?

M: Aquilo que não depende de nada para sua existência, que não surge quando surge o universo, nem se põe quando o universo se põe, que não necessita de qualquer prova, mas dá realidade a tudo que toca. A natureza do falso é parecer real por um momento. Pode-se dizer que a verdade torna-se o pai do falso. Mas o falso está limitado no tempo e no espaço e é produzido pelas circunstâncias.

P: Como me liberto do falso e obtenho o real?

M: Com que propósito?

P: Para viver uma vida melhor, mais satisfatória, integrada e feliz.

M: O que quer que seja concebido pela mente deve ser falso, pois é obrigado a ser relativo e limitado. O real é inconcebível e não pode ser usado para uma finalidade. Deve ser desejado por si mesmo.

P: Como posso querer o inconcebível?

M: O que mais é digno de desejo? Concordo, o real não pode ser desejado como uma coisa é desejada. Mas você pode ver o irreal como irreal e descartá-lo. É o descarte do falso que abre o caminho para o verdadeiro.

P: Entendo, mas como se parece na vida real diária?

M: O interesse próprio e o egocentrismo são os pontos focais do falso. Sua vida diária vibra entre o desejo e o medo. Observe-a atentamente e verá como a mente assume inumeráveis nomes e formas, como um rio espumante entre as pedras. Siga o motivo egoísta em cada ação e olhe-o atentamente até que se dissolva.

P: Para viver, deve-se cuidar de si mesmo, deve-se ganhar dinheiro para si mesmo.

M: Você não necessita ganhá-lo para si mesmo, mas pode ter que ganhá-lo para uma esposa ou um filho. Pode ser que deva seguir trabalhando para os outros. Mesmo manter-se vivo pode ser um sacrifício. Não há necessidade de ser egoísta. Descarte todo motivo egoísta logo que o veja e você não necessita buscar a verdade; a verdade o encontrará.

P: Há um mínimo de necessidades.

M: Elas não foram satisfeitas desde que você foi concebido? Abandone a escravidão do egocentrismo e seja o que é – inteligência e amor em ação.

P: Mas se deve sobreviver!

M: Você não pode evitar sobreviver! O seu ser real é atemporal e além do nascimento e morte. E o corpo sobreviverá tanto quanto necessário. Não é importante que ele viva muito. Uma vida plena é melhor do que uma vida longa.

P: Quem diz o que é uma vida plena? Depende de meu fundo cultural.

M: Se você busca a realidade, deve se libertar de todos os antecedentes, de todas as culturas, de todos os padrões de pensamento e sentimento. Mesmo a ideia de ser um homem ou uma mulher, ou mesmo humano, deve ser descartada. O oceano da vida contém tudo, não apenas os humanos. Assim, em primeiro lugar, abandone a autoidentificação, pare de pensar de si mesmo como assim e assado, esse e aquele, isto ou aquilo. Abandone todo egocentrismo, não se preocupe com seu bem-estar, material ou espiritual, abandone todo desejo grosseiro ou sutil, deixe de pensar em realizações de qualquer tipo. Você é completo aqui e agora, não necessita absolutamente de nada.

Isto não quer dizer que deva ser tolo e imprudente, imprevidente ou indiferente; apenas a ansiedade básica por si mesmo deve cessar. Você necessita algum alimento, roupa e abrigo para você e para os seus, mas este desejo não cria problemas enquanto a ambição não passar por necessidade. Viva em sintonia com as coisas como elas são e não como são imaginadas.

P: O que sou eu senão um ser humano?

M: Aquilo que o faz pensar que você é um humano não é humano. Não é senão um ponto de consciência sem dimensão, um nada consciente; tudo o que pode dizer sobre si mesmo é: 'eu sou'. Você é puro ser – Consciência – bem-aventurança. Compreenda que este é o fim de toda busca. Você chega a ele quando vê que tudo o que pensa sobre si mesmo é mera imaginação, e permanece distante, na pura consciência do transitório como transitório, do imaginário como imaginário, do irreal como irreal. Isto não é de forma alguma difícil, mas o desapego é necessário. É o apego ao falso que rende tão difícil a visão do verdadeiro. Uma vez que entenda que o falso precisa de tempo e que a necessidade de tempo é falsa, você está mais próximo da Realidade, a qual é eterna, sempre no agora. A eternidade no tempo é mera repetição, como o movimento de um relógio. Flui do passado para o futuro interminavelmente, uma perpetuidade vazia. A Realidade é que faz o presente tão vivo, tão diferente

do passado e do futuro, os quais são meramente mentais. Se você precisa de tempo para alcançar algo, este algo deve ser falso. O real está sempre com você; não precisa esperar para ser o que você é. Apenas você não deve permitir que sua mente saia de você mesmo na busca. Quando quiser algo, pergunte a si mesmo: Realmente necessito disto? E, se a resposta for não, então meramente o abandone.

P: Não devo ser feliz? Posso não necessitar de algo, mas se pode me fazer feliz não devo agarrá-lo?

M: Nada pode lhe fazer feliz mais do que é. Toda a busca da felicidade é miséria e leva a mais miséria. A única felicidade digna do nome é a felicidade natural de ser consciente.

P: Não necessito de grande experiência antes que eu possa alcançar tão elevado nível de Consciência?

M: A experiência deixa apenas recordações atrás de si e aumenta a carga, a qual é bastante pesada. Você não precisa de mais experiências. Bastam as passadas. E se sentir que necessita de mais, olhe para dentro do coração das pessoas a seu redor. Você encontrará tal variedade de experiências, as quais você não poderia passar nem em mil anos. Aprenda com as aflições dos outros e salve-se a si próprio. Não é experiência o que você necessita, mas a liberdade de toda a experiência. Não seja ávido por mais experiência, você não necessita de nenhuma.

P: Você não passa por experiências?

M: As coisas acontecem a meu redor, mas eu não tomo parte nelas. Um evento torna-se uma experiência apenas quando estou emocionalmente envolvido. Estou em um estado que é completo, que não busca melhorar-se. Para mim, qual a utilidade da experiência?

P: Necessita-se de conhecimento, educação.

M: Para tratar com as coisas é necessário o conhecimento das coisas. Para tratar com as pessoas, é necessário percepção, simpatia. Para tratar consigo mesmo, você não precisa de nada. Seja o que você é – ser consciente, e não se perca.

P: A educação universitária é muito útil.

M: Sem dúvida, ajuda-o a ganhar a vida. Mas não o ensina a viver. Você é um estudante de psicologia. Isto pode ajudá-lo em certas situações. Mas você pode viver pela psicologia? A vida é digna do nome apenas quando reflete a Realidade em ação. Nenhuma universidade o ensinará a viver de modo que, quando chegar a hora da morte, você possa

dizer: Eu vivi bem, não preciso viver de novo. A maioria de nós morre desejando viver novamente. Tantos erros cometidos, tanta coisa deixada sem fazer. A maioria das pessoas vegeta, mas não vive. Elas meramente acumulam experiência e enriquecem suas memórias. Mas a experiência é a negação da Realidade, a qual não é nem sensória nem conceitual, nem do corpo, nem da mente, embora inclua e transcenda a ambos.

P: Mas a experiência é muito útil. Pela experiência se aprende a não tocar uma chama.

M: Já disse que o conhecimento é mais útil para lidar com as coisas. Mas ele não diz a você como tratar com as pessoas e consigo mesmo, a como viver uma vida. Não estamos falando de dirigir um automóvel, ou ganhar dinheiro. Para isto você necessita de experiência. Mas, para ser uma luz dentro de si mesmo, o conhecimento material não o ajudará. Você necessita algo muito mais íntimo e mais profundo do que o conhecimento mediato, para ser seu ser no verdadeiro sentido da palavra. Sua vida externa não é importante. Você pode tornar-se um vigia noturno e viver com muita alegria. É o que você é intimamente que importa. Sua paz e alegria interiores devem ser merecidas. É muito mais difícil que ganhar dinheiro. Nenhuma universidade pode ensinar-lhe a ser você mesmo. O único modo de aprender é pela prática. Comece agora mesmo a ser você mesmo. Descarte tudo o que você não é e vá sempre mais profundamente. Como um homem que cava um poço e rejeita o que não é água até chegar ao lençol freático, igualmente você deve descartar o que não é seu até que não fique nada que possa ser rejeitado. Você perceberá que o que fica não é nada ao qual a mente possa agarrar-se. Você nem mesmo é um ser humano. Você simplesmente é – um ponto de Consciência, coextensivo com o tempo e o espaço e além de ambos, a causa última, ela mesma incausada. Se me perguntar: 'Quem sou eu?' Minha resposta seria: 'Nada em particular. Ainda assim, eu sou'.

P: Se você é nada em particular, então você deve ser o universal.

M: O que é ser universal – não como um conceito, mas como um modo de vida? Não separar, não opor, mas compreender e amar tudo quanto entra em contato com você é viver universalmente. Ser capaz de dizer verdadeiramente: Eu sou o mundo, o mundo sou eu, estou em casa no mundo, o mundo me pertence. Toda existência é minha existência, toda consciência é minha consciência, toda aflição é minha aflição e toda alegria é minha alegria – esta é a vida universal. Mesmo assim,

meu ser real – e o seu também – está além do universo e, portanto, além das categorias do particular e do universal. É o que é, totalmente autônomo e independente.

P: Acho difícil entender.

M: Você deve dar tempo a si mesmo para pensar sobre estas coisas. Os velhos sulcos em seu cérebro devem ser apagados, sem que se formem novos. Você deve realizar a si mesmo como o imóvel atrás e além do móvel, a testemunha silenciosa de tudo o que acontece.

P: Quer dizer que devo abandonar toda ideia de uma vida ativa?

M: Não, de forma alguma. Haverá casamento, haverá filhos, haverá o ganhar dinheiro para manter a família; tudo isto acontecerá no curso natural dos eventos porque o destino deve cumprir-se; você passará por isto sem resistência, enfrentando as tarefas como aparecerem, atento e meticuloso nas pequenas e nas grandes coisas. Mas a atitude geral será de carinhoso desapego, enorme boa vontade sem espectativa de retorno, dando constantemente sem pedir. No casamento, você não é nem o marido nem a esposa; você é o amor entre os dois. Você é a clareza e a gentileza que torna tudo ordenado e feliz. Pode parecer vago para você, mas, se pensar um pouco, descobrirá que o místico é mais prático, pois torna sua vida criativamente feliz. Sua consciência é elevada a uma dimensão superior, da qual vê tudo muito mais claramente e com maior intensidade. Você compreenderá que a pessoa que você se tornou no nascimento, e que cessará de ser na morte, é temporária e falsa. Você não é a pessoa sensual, emocional e intelectual, controlada por desejos e temores. Descubra seu ser real. "Quem sou eu?" é a pergunta fundamental de toda filosofia e psicologia. Mergulhe nela profundamente.

67
A EXPERIÊNCIA NÃO É A COISA REAL

Maharaj: O buscador é aquele que está em busca de si mesmo. Logo ele descobre que seu próprio corpo não pode ser ele. Uma vez que a convicção 'Eu não sou o corpo' tenha se tornado tão bem enraizada que ele não pode mais sentir, pensar e atuar por e em benefício do corpo, fa-

cilmente descobrirá que ele é o ser universal, conhecendo – e agindo em consequência – que nele e através dele o universo inteiro é real, consciente e ativo. Este é o âmago do problema; ou você é consciente do corpo e escravo das circunstâncias, ou você é a própria consciência universal – e em pleno controle de cada fato.

Ainda assim, a consciência, individual e universal, não é meu verdadeiro lar; não estou nela, ela não é minha, não há nenhum 'eu' nela. Estou além, embora não seja facilmente explicado como alguém pode ser nem consciente, nem inconsciente, mas exatamente além. Eu não posso dizer que estou em Deus ou que eu sou Deus; Deus é a luz e o amor universais, a testemunha universal; eu estou além inclusive do universal.

Pergunta: Neste caso você é sem nome e forma. Que tipo de ser você tem?

M: Sou o que sou, nem com forma nem sem forma, nem consciente nem inconsciente. Estou fora de todas estas categorias.

P: Você está empregando a abordagem do neti-neti (não isto, não aquilo).

M: Você não pode encontrar-me pela mera negação. Eu sou tanto tudo quanto nada; nem ambos, nem nenhum. Estas definições se aplicam ao Senhor do Universo, não a mim.

P: Você pretende transmitir que você é exatamente nada.

M: Oh, não! Sou completo e perfeito. Sou a existência do ser, a sabedoria do saber, a plenitude da felicidade. Você não pode me reduzir ao vazio!

P: Se você está além das palavras, sobre o que deveremos falar? Falando metafisicamente, o que você diz se mantém coeso, não há nenhuma contradição interna. Mas não há nenhum alimento para mim no que você diz. Está completamente além de minhas necessidades urgentes. Quando peço pão, você me dá joias. São bonitas, sem dúvida, mas eu estou faminto.

M: Não é assim. Estou oferecendo a você exatamente o que você necessita – o despertar. Você não está faminto e não precisa de pão. Você necessita de cessação, renúncia, desembaraço. O que você acredita necessitar não é o que você necessita. Eu conheço sua necessidade real, você não. Você necessita retornar ao estado no qual eu estou – seu estado natural. Qualquer outra coisa que você possa pensar é uma ilusão e um obstáculo. Acredite em mim, você não necessita nada exceto ser o

que é. Você imagina que aumentará seu valor pela aquisição. É como o ouro imaginando que uma adição de cobre o melhorará. A eliminação e a purificação, a renúncia de tudo o que é estranho à sua natureza é o bastante. Tudo mais é vaidade.

P: É mais fácil dizer que fazer. Um homem vem a você com uma dor de estômago e você o aconselha a vomitar seu estômago. Certamente, não haverá problema nenhum sem a mente. Mas a mente existe – de forma muito tangível.

M: É a mente que lhe diz que a mente existe. Não se deixe enganar. Todos os infindáveis argumentos sobre a mente são produzidos pela própria mente, para sua própria proteção, continuação e expansão. É a rejeição a considerar os espasmos e convulsões da mente que pode levá-lo além dela.

P: Senhor, eu sou um humilde buscador, enquanto você é a própria Realidade Suprema. Agora o buscador se aproxima do Supremo para ser iluminado. O que o Supremo faz?

M: Escute o que continuo lhe falando e não se afaste disto. Pense nisto todo o tempo e em nada mais. Tendo chegado a este ponto, abandone todos os pensamentos, não apenas do mundo, mas de você mesmo também. Permaneça além de todo pensamento, na silenciosa Consciência do ser. Isto não é progresso, pois o que vem já está em você, esperando por você.

P: Assim você diz que devo tentar a parada do pensamento e permanecer firme na ideia 'eu sou'.

M: Sim, e esvazie de todo significado qualquer pensamento que venha a você em conexão com o 'eu sou', e não lhes dê atenção.

P: Acontece que eu encontrei muitos jovens que vieram do Ocidente e percebo que há uma diferença básica quando os comparo aos indianos. Parece como se suas psiques (antahkarana) fossem diferentes. Conceitos como o Eu, Realidade, mente pura, consciência universal são compreendidos facilmente pela mente indiana. Eles soam familiares, têm sabor doce. A mente ocidental não responde, ou apenas os rejeita. Ela os concretiza e deseja para o emprego imediato a serviço dos valores aceitos. Estes valores são frequentemente pessoais: saúde, bem-estar, prosperidade; algumas vezes são sociais – uma sociedade melhor, uma vida mais feliz para todos; todos estão conectados com os problemas mundanos, pessoais ou impessoais. Outra dificuldade com a qual nos defrontamos

frequentemente nas conversas com ocidentais é que, para eles, tudo é experiência – do mesmo modo que eles querem experimentar o alimento, a bebida e as mulheres, a arte e as viagens, assim eles desejam experimentar a loga, a realização e a liberação. Para eles é como outra experiência, a ser obtida por um preço. Eles imaginam que tais experiências possam ser compradas e pechincham sobre o preço. Quando um Guru põe o preço muito alto, em termos de tempo e esforço, eles vão para outro que ofereça pagamentos a prazo, aparentemente mais acessíveis, mas cercados de condições que não possam ser cumpridas. É a velha história de não pensar em um macaco cinza quando tomar o remédio! Neste caso, são coisas como não pensar no mundo, 'abandonar toda proteção', 'extinguir todo desejo', 'tornar-se perfeitamente celibatário', etc. Naturalmente, há um enorme engano em todos os níveis, e os resultados são nulos. Alguns Gurus, em aguda desesperação, abandonam toda disciplina, não prescrevem condições, aconselham o não esforço, a naturalidade, a viver simplesmente em uma Consciência passiva, sem qualquer padrão de 'deve' ou 'não deve'. E há muitos discípulos cujas experiências passadas os levaram ao desgosto de si mesmos de tal maneira que, simplesmente, eles não querem olhar para eles mesmos. Se não estiverem aborrecidos, estarão entediados. Estão fartos do autoconhecimento, querem alguma outra coisa.

M: Permita-lhes que não pensem neles mesmos, se isso não lhes agrada. Deixe que estejam com um Guru, que o observem, que pensem nele. Logo experimentarão um tipo de felicidade, totalmente nova, nunca experimentada antes, exceto, talvez, na infância. A experiência é tão inconfundivelmente nova que atrairá sua atenção e criará interesse; uma vez despertado o interesse, ordenadamente a aplicação se seguirá.

P: Estas pessoas são muito críticas e desconfiadas. Não podem ser de outra forma, tendo passado por tanto aprendizado e tantas decepções. Por um lado elas querem a experiência, pelo outro desconfiam dela. Só Deus sabe como chegar a elas!

M: A verdadeira compreensão e o amor os alcançarão.

P: Quando elas têm alguma experiência espiritual, surge outra dificuldade. Elas se queixam de que a experiência não dura, que vem e vai de modo aleatório. Tendo agarrado o pirulito, querem sugá-lo todo o tempo.

M: A experiência, por sublime que seja, não é a coisa real. Por sua própria natureza, ela vem e vai. A autorrealização não é uma aquisição. É mais da natureza do entendimento. Uma vez alcançada, não pode ser perdida. Por outro lado, a consciência varia, é fluida e sofre transformação de momento a momento. Não se aferre à consciência e a seu conteúdo. A consciência retida cessa. Tentar a perpetuação de um momento de discernimento ou de uma explosão de felicidade é destruir o que se quer preservar. O que vem deve ir. O permanente está além de todas as idas e vindas. Vá à raiz de toda experiência, para o sentido de ser. Além do ser e do não ser está a imensidade do real. Tente-o repetidamente.

P: Para tentar, é necessário fé.

M: Primeiro deve existir o desejo. Quando o desejo for forte, a disposição para tentar virá. Você não precisa da garantia do sucesso quando o desejo for forte. Você está pronto para apostar.

P: Desejo forte, fé forte – vêm a ser o mesmo. Estas pessoas não confiam nem em seus pais ou na sociedade, nem sequer nelas mesmas. Tudo o que elas tocaram se transformou em cinzas. Dê-lhes uma experiência genuína, indubitável, além da argumentação da mente, e elas o seguirão até o fim do mundo.

M: Mas não estou fazendo outra coisa! Incansavelmente levo sua atenção ao fator incontestável – o do ser. O ser não precisa de provas – ele prova todas as outras coisas. Se eles apenas se aprofundarem no fato de ser e descobrirem a vastidão e a glória das quais o 'eu sou' é a porta, cruzando-a e indo além, suas vidas serão cheias de felicidade e de luz. Acredite em mim, o esforço necessário não é nada comparado com as descobertas a que se chega.

P: O que você diz está certo. Mas estas pessoas não têm nem confiança nem paciência. Mesmo um pequeno esforço cansa-as. É realmente patético vê-las tateando cegamente e, ainda assim, incapazes de agarrarem a mão que as ajuda. Basicamente são boas pessoas, mas estão totalmente desnorteadas. Eu lhes falo: Vocês não podem ter a verdade em seus próprios termos. Devem aceitar as condições. A isto respondem: Alguns aceitarão as condições e outros não. A aceitação e a não aceitação são superficiais e acidentais; a realidade está em tudo; deve haver um caminho que todos possam seguir – sem condições agregadas.

M: Existe um caminho aberto a todos, independentemente de seu estágio e estilo de vida. Todos estão conscientes de si mesmos. O aprofun-

damento e alargamento da autoconsciência é o caminho real. Quer você chame isso de plena consciência, testemunhar, ou apenas atenção - é para todos. Ninguém é imaturo para isso e ninguém falhará.

Mas, certamente, você não deve estar meramente alerta. Sua atenção deve incluir a mente também. Testemunhar é antes de tudo Consciência da consciência e de seus movimentos.

68
BUSQUE A ORIGEM DA CONSCIÊNCIA

Pergunta: Falamos outro dia sobre os caminhos da mente ocidental e da dificuldade que ela encontra em submeter-se à disciplina moral e intelectual do Vedanta. Um dos obstáculos está na preocupação de jovens europeus e americanos com as desastrosas condições do mundo e com a necessidade urgente de colocá-lo em ordem.

Eles não têm nenhuma paciência com pessoas como você que pregam o aperfeiçoamento pessoal como uma precondição para o melhoramento do mundo. Eles dizem que não é nem possível nem necessário. A humanidade está pronta para uma mudança de sistemas – social, econômico, político. Um governo mundial, uma polícia mundial, uma planificação mundial e a abolição de todas as barreiras físicas e ideológicas: isto é o bastante, nenhuma transformação pessoal é necessária. Sem dúvida, as pessoas moldam a sociedade, mas a sociedade molda as pessoas também. Na sociedade humana, as pessoas serão humanas; além disto, a ciência proporciona a resposta para muitas perguntas, as quais anteriormente estavam no domínio da religião.

Maharaj: Sem dúvida, lutar pelo melhoramento do mundo é a ocupação mais louvável. Feita abnegadamente, clarifica a mente e purifica o coração. Mas logo o homem compreenderá que persegue uma miragem. O melhoramento local e temporário é sempre possível e se conseguiu repetidamente sob a influência de um grande rei ou mestre; mas logo chegaria ao fim, deixando a humanidade em um novo ciclo de miséria. Está

na natureza de toda manifestação que o bem e o mal se seguem um ao outro em igual medida. O verdadeiro refúgio é somente no imanifesto.

P: Está nos aconselhando a fuga?

M: Ao contrário. O único caminho para a renovação passa pela destruição. Você deve fundir as velhas joias em ouro informe antes que possa moldar uma nova. Apenas as pessoas que foram além do mundo podem mudá-lo. Nunca aconteceu de outra forma. Os poucos cujo impacto foi muito duradouro eram todos conhecedores da realidade. Alcance o nível deles e só então fale em ajudar o mundo.

P: Não são os rios e as montanhas que queremos ajudar, mas as pessoas.

M: Não há nada errado no mundo, exceto as pessoas que o tornam mau. Vá e peça-lhes que se comportem.

P: O desejo e o medo as levam a comportar-se como o fazem.

M: Exatamente. Enquanto o comportamento humano for dominado pelo desejo e pelo medo, não haverá muita esperança. E, para saber como se aproximar efetivamente das pessoas, você mesmo deve estar livre de todo desejo e de todo medo.

P: Certos desejos e temores são inevitáveis, tais como os relacionados ao alimento, ao sexo e à morte.

M: Esses são necessidades e, como necessidades, são fáceis de satisfazer.

P: Mesmo a morte é uma necessidade?

M: Tendo vivido uma vida longa e frutífera, você sente a necessidade de morrer. Apenas quando aplicados erradamente, o desejo e o medo são destrutivos. Certamente, deseje o certo e tema o errado. Mas quando as pessoas desejam o que é errado e temem o que é certo, criam caos e desespero.

P: O que é certo e o que é errado?

M: De modo relativo, o que causa sofrimento é errado e o que o alivia é certo. Absolutamente, o que o leva de volta à realidade é certo e o que a obscurece é errado.

P: Quando falamos de ajudar a humanidade, nós queremos dizer lutar contra a desordem e o sofrimento.

M: Você meramente fala de ajudar. Você já ajudou – realmente ajudou – um simples ser humano? Você já colocou uma alma além da necessidade de ajuda? Você pode dar a um homem um caráter, baseado ao

menos na plena realização de seus deveres e oportunidades, se não lhe dá a ideia sobre seu verdadeiro ser? Quando você não sabe o que é bom para você mesmo, como pode saber o que é bom para os outros?

P: A provisão adequada dos meios de vida é boa para todos. Pode ser que você seja o próprio Deus, mas você necessita de um corpo bem alimentado par nos falar.

M: É você que necessita de meu corpo para lhe falar. Eu não sou meu corpo, nem o necessito. Sou apenas a testemunha. Não tenho nenhuma forma própria.

Vocês estão tão acostumados a pensar de vocês mesmo como corpos tendo consciência que simplesmente não podem imaginar a consciência como tendo corpos. Uma vez que você compreenda que a existência corporal é apenas um estado da mente, um movimento na consciência, que o oceano da consciência é infinito e eterno, e que, quando em contato com a consciência, você é apenas a testemunha, então você será capaz de retirar-se totalmente para além da consciência.

P: Falaram-nos que há muitos níveis de existência. Você existe e funciona em todos os níveis? Enquanto você está na terra, você está também no céu (swarga)?

M: Eu não estou em parte alguma para ser encontrado! Não sou uma coisa, para ter lugar entre outras coisas. Todas as coisas estão em mim, mas eu não estou entre as coisas.Você está me falando sobre a superestrutura enquanto eu estou interessado nas fundações. As superestruturas elevam-se e caem, mas as fundações duram. Não estou interessado no transitório, enquanto você não fala de nada mais.

P: Perdoe-me uma pergunta estranha. Se alguém com uma lâmina afiada lhe cortasse a cabeça, que diferença isto faria para você?

M: Nenhuma, seja qual for. O corpo perderá sua cabeça, certas linhas de comunicação serão cortadas, isto será tudo. Duas pessoas falam uma à outra pelo telefone e o cabo é cortado. Nada acontece para as pessoas, apenas elas devem procurar algum outro meio de comunicação. O Bhagavad Gita diz: "A espada não o corta". É literalmente assim. Na natureza da consciência está o sobreviver a seus veículos. É como o fogo. Ele queima o combustível, mas não a si mesmo. Do mesmo modo que o fogo pode durar mais que uma montanha de combustível, assim a consciência sobrevive a inumeráveis corpos.

P: O combustível afeta a chama.

M: Enquanto ela durar. Mude a natureza do combustível, e a cor e a aparência da chama mudarão.

Agora, estamos falando um ao outro. Para isto a presença é necessária; a menos que estejamos presentes, não poderemos falar. Mas a presença por si só não basta. Deve haver também o desejo de falar.

Acima de tudo, queremos permanecer conscientes. Devemos tolerar todo tipo de sofrimento e humilhação, mas devemos permanecer particularmente conscientes. A menos que nos revoltemos contra esta ânsia de experiência e abandonemos o manifesto por completo, não pode haver alívio. Permaneceremos presos.

P: Você disse que é a testemunha silenciosa e que também está além da consciência. Não há contradição nisto? Se você está além da consciência, o que você testemunha?

M: Sou consciente e inconsciente, sou ambos e nenhum deles, nem consciente nem inconsciente – de tudo isto eu sou a testemunha – mas, realmente, não há testemunha porque não há nada a ser testemunhado. Sou perfeitamente vazio de toda formação mental, destituído de mente – ainda assim plenamente consciente. Tento expressar tudo isto dizendo que estou além da mente.

P: Então como posso alcançar você?

M: Tenha consciência de ser consciente e busque a fonte da consciência. Isto é tudo. Muito pouco pode ser comunicado em palavras. Fazer o que lhe falo é o que trará a luz, não minhas palavras. Os meios não importam muito, o que conta é o desejo, o impulso, a seriedade.

69
A IMPERMANÊNCIA É A PROVA DA IRREALIDADE

Pergunta: Meu amigo é um alemão e eu nasci na Inglaterra, de pais franceses. Estou na Índia há mais de um ano, errando de Ashram em Ashram.

Maharaj: Alguma prática espiritual (sadhanas)?

P: Estudos e meditação.

M: Sobre o que você medita?

P: Sobre o que leio.

M: Bom.

P: O que você está fazendo, senhor?

M: Estou sentado.

P: E o que mais?

M: Estou falando.

P: Do que você fala?

M: Você quer uma conferência? Melhor perguntar algo que realmente toque você, sobre o qual tenha sentimentos fortes. A menos que você esteja emocionalmente envolvido, você poderá argumentar comigo, mas não haverá nenhum entendimento real entre nós. Se você disser: 'Nada me preocupa. Não tenho problemas', para mim está bem, podemos ficar calados. Mas, se algo realmente o toca, então há um sentido em falar.

Posso perguntar-lhe? Qual o propósito de seu perambular de um lugar para outro?

P: Para encontrar pessoas, para tentar entendê-las.

M: Que pessoas você está tentando entender? O que busca exatamente?

P: A integração.

M: Se você quer integração, deve conhecer a quem você quer integrar.

P: Por encontrar pessoas e observá-las, chega-se a conhecer a si mesmo também. As duas coisas vão juntas.

M: Não vão juntas necessariamente.

P: Uma melhora a outra.

M: Não funciona deste modo. O espelho reflete a imagem, mas a imagem não melhora o espelho. Você não é nem o espelho nem a imagem no espelho. Tendo aperfeiçoado o espelho para que ele reflita correta e verdadeiramente, você poderá girá-lo e ver nele um reflexo verdadeiro de você mesmo – verdadeiro na medida em que o espelho puder refletir. Mas o reflexo não é você – você é o que vê o reflexo. Entenda claramente – você não é o que você percebe, seja o que for que perceba.

P: Sou o espelho e o mundo é a imagem?

M: Você pode ver ambos, a imagem e o espelho. Você não é nenhum dos dois.

Quem é você? Não se guie por fórmulas. A resposta não está nas palavras. O mais próximo que você pode dizer com palavras é: "Eu sou aquilo que torna a percepção possível, a vida além do experimentador e sua experiência". Agora, consegue distanciar-se tanto do espelho quanto da imagem no espelho e permanecer completamente só por si mesmo?

P: Não, eu não consigo.

M: Como você sabe que não consegue? Há tantas coisas que você está fazendo sem saber como as faz. Você digere, faz circular o sangue e a linfa, move seus músculos – tudo sem saber como. Do mesmo modo, você percebe, sente, pensa sem saber o porquê e o como disto. Similarmente, você é você mesmo sem saber disto. Não há nada errado com você como o Eu; é o que é com perfeição. É o espelho que não é claro e verdadeiro e, então, dá a você imagens falsas. Você não precisa corrigir-se – apenas ponha em ordem sua ideia de si mesmo. Aprenda a separar-se da imagem e do espelho, lembre sempre: eu não sou nem a mente nem suas ideias; faça isto pacientemente e com convicção, e certamente chegará à visão direta de si mesmo como a fonte do ser, do conhecer, do amor, a qual é eterna, universal e que a tudo permeia. Você é o infinito concentrado em um corpo. Agora, você vê apenas o corpo. Tente seriamente e chegará a ver apenas o infinito.

P: A experiência da realidade, quando chegar, durará?

M: Toda experiência é necessariamente transitória. Mas a base de toda experiência é imóvel. Nada que possa ser chamado de evento durará. Mas alguns eventos purificam a mente enquanto outros a mancham. Os momentos de profundo discernimento e amor universal purificam a mente, enquanto desejos e medos, invejas e cóleras, crenças cegas e arrogância intelectual poluem e embotam a psique.

P: A autorrealização é tão importante?

M: Sem ela, você será consumido por desejos e temores, repetindo-os insignificantemente em um sofrimento interminável. A maioria das pessoas não sabe que pode haver um fim para a dor. Mas, uma vez que tenham ouvido as boas novas, obviamente, ir além de todo conflito e luta será a tarefa mais urgente que pode haver. Você sabe que pode ser livre e, agora, é capaz disto. Ou você permanece para sempre faminto e sedento, desejando, buscando, tomando à força, aferrando-se, sempre perdendo e sofrendo, ou sai sinceramente em busca do estado da eterna perfeição ao qual nada pode ser adicionado e do qual nada pode ser reti-

rado. Todos os desejos e medos estão ausentes nele, não porque foram abandonados, mas porque perderam seus significados.

P: Até aqui eu o tenho seguido. Agora, o que se espera que eu faça?

M: Não há nada a fazer. Apenas seja. Nada faça. Seja. Nada de escalar montanhas e sentar em cavernas. Nem sequer eu digo: 'Seja você mesmo', visto que não se conhece. Apenas seja. Tendo visto que você não é nem o mundo 'exterior' dos perceptíveis, nem o mundo 'interior' do que pode ser pensado, que você não é nem o corpo nem a mente – apenas seja.

P: Seguramente, há graus de realização.

M: Não há nenhum passo para a autorrealização. Não há nada gradual nela. Acontece repentinamente e é irreversível. Você se volta para uma nova dimensão desde a qual as dimensões anteriores são vistas como meras abstrações. Exatamente como ao amanhecer você vê as coisas como elas são, da mesma forma, na autorrealização, você vê tudo como é. O mundo de ilusões é deixado para trás.

P: As coisas mudam no estado de realização? Elas se tornam coloridas e cheias de significado?

M: A experiência é totalmente correta, mas não é a experiência da realidade (sadanubhav), mas da harmonia (satvanubhav) do universo.

P: Todavia, há progresso.

M: Pode haver progresso na preparação (sadhana). A Realização é súbita. O fruto amadurece devagar, mas cai repentinamente, e sem retorno.

P: Estou física e mentalmente em paz. O que mais eu necessito?

M: O seu pode não ser o estado final. Você reconhecerá que retornou a seu estado natural pela completa ausência de todo desejo e medo. Depois de tudo, na raiz de todos os desejos e medos está o sentimento de não ser o que você é. Da mesma forma que uma junta deslocada dói apenas enquanto está fora de lugar, e é esquecida logo que for colocada em ordem, assim todo interesse próprio é um sintoma de distorção mental que desaparece logo que se está no estado normal.

P: Sim, mas qual é o sadhana para alcançar o estado natural?

M: Agarre-se ao sentimento 'eu sou', excluindo todo o resto. Quando conseguir isso, a mente se tornará completamente silenciosa, brilhará com uma nova luz e vibrará com um novo conhecimento. Tudo vem espontaneamente, você necessita apenas segurar-se no 'Eu Sou'. Exata-

mente como quando sai do sono, ou de um estado de êxtase, você se sente descansado e, mesmo assim, não pode explicar porque e como chegou a sentir-se tão bem. da mesma maneira, na realização, você se sente completo, pleno, livre do complexo prazer-dor e, ainda assim, nem sempre capaz de explicar o que aconteceu, o porquê e o como. Você só pode pô-lo em termos negativos: 'Nada mais está errado comigo'. É apenas por comparação com o passado que você sabe que está fora dele. De outra forma – você é exatamente você mesmo. Não tente comunicá-lo a outros. Se puder fazê-lo, não será a coisa real. Seja silencioso e observe-o expressando-se em ação.

P: Se você pudesse dizer-me em que me converterei, poderia ajudar-me a observar meu desenvolvimento.

M: Como poderia alguém dizer a você o que você deveria tornar-se quando não há vir a ser? Você meramente descobre o que você é. Todo amoldar-se a um padrão é uma penosa perda de tempo. Não pense nem no passado nem no futuro, apenas seja.

P: Como posso apenas ser? As mudanças são inevitáveis.

M: As mudanças são inevitáveis no mutável, mas você não está sujeito a elas. Você é o fundo imutável contra o qual as mudanças são percebidas.

P: Tudo muda, o fundo também muda. Não há a necessidade de um fundo imutável para notar as mudanças. O ser é momentâneo – é meramente o ponto onde o passado encontra o futuro.

M: É certo que o ser baseado na memória é momentâneo. Mas tal eu exige uma continuidade uniforme por trás dele. Você conhece pela experiência que há intervalos em que o eu é esquecido. O que o traz de volta à vida? O que o desperta de manhã? Deve existir um fator constante unindo os intervalos na consciência. Se você observar cuidadosamente, você achará que mesmo sua consciência diária existe em lampejos, com intervalos interpondo-se todo o tempo. O que há nos intervalos? O que pode existir senão seu ser real, o qual é eterno? A mente e a vacuidade são um para ele.

P: Existe algum lugar particular que você possa aconselhar-me a ir para a realização espiritual?

M: O único lugar adequado é seu interior. O mundo exterior não pode nem ajudar nem obstruir. Nenhum sistema, nenhum padrão de ação levará você à sua meta. Abandone todo trabalho por um futuro, concen-

tre-se totalmente no agora, esteja interessado apenas em sua resposta a cada movimento da vida como ele acontecer.

P: Qual a causa do impulso de andar a esmo?

M: Não há nenhuma causa. Você meramente sonha que você anda a esmo. Em poucos anos, sua permanência na Índia parecerá como um sonho para você. Você sonhará algum outro sonho daquela época. Compreenda que não é você que se move de sonho para sonho, mas os sonhos fluem diante de você, e você é a testemunha imutável. Nenhum acontecimento afeta seu ser real – esta é a verdade absoluta.

P: Não posso mover-me fisicamente e manter-me interiormente estável?

M: Pode, mas com que propósito? Se você for sério, perceberá que, no fim, ficará cansado de andar sem rumo, e se arrependerá da perda de energia e de tempo. Para encontrar seu ser, você não necessita dar um único passo.

P: Há alguma diferença entre a experiência do Eu (atman) e do Absoluto (brahman)?

M: Não pode haver nenhuma experiência do Absoluto, pois ele está além de toda experiência. Por outro lado, o Eu é o fator que experimenta em cada experiência e, assim, de certa maneira, valida a multiplicidade de experiências. O mundo pode estar cheio de coisas de grande valor mas, se não há ninguém para comprá-las, elas não têm preço. O Absoluto contém todas as coisas que podem ser experienciadas, mas sem o experienciador elas nada são. Aquilo que faz a experiência possível é o Absoluto; o que a faz real é o Eu.

P: Nós não alcançamos o Absoluto através de uma gradação de experiências? Começando com a mais grosseira, terminamos com a mais sublime.

M: Não há experiência sem que ela seja desejada. Pode existir gradação entre desejos, mas entre o desejo mais sublime e a liberdade de todos os desejos há um abismo que deve ser cruzado. O irreal pode parecer real, mas é transitório. O real não tem medo do tempo.

P: O irreal não é a expressão do real?

M: Como pode ser? É como dizer que a verdade se expressa em sonhos. Para o real, o irreal não existe. Ele parece ser real apenas porque você acredita nele. Ponha-o em dúvida e ele cessa. Quando você está enamorado de alguém, você lhe dá realidade – você imagina que seu

amor é todo-poderoso e eterno. Quando isto termina, você diz: 'Eu pensei que era real, mas não era'. A transitoriedade é a melhor prova da irrealidade. O que é limitado no tempo e no espaço, e aplicável a apenas uma pessoa, não é real. O real é para todos e para sempre.

Acima de todas as coisas, você aprecia a si mesmo. Você não iria aceitar nada em troca de sua existência. O desejo de ser é o mais forte de todos os desejos e só desaparecerá na realização de sua verdadeira natureza.

P: Mesmo no irreal há um toque de realidade.

M: Sim, a realidade que você lhe dá tomando-o por real. Tendo-se convencido, você é limitado por sua convicção. Quando o sol brilha, as cores aparecem. Quando ele se põe, elas desaparecem. Onde estão as cores sem a luz?

P: Isto é pensar em termos de dualidade.

M: Todo pensamento está na dualidade. Na identidade nenhum pensamento sobrevive.

70
DEUS É O FIM DE TODO DESEJO E CONHECIMENTO

Maharaj: De onde você vem? Para que veio?

Resposta: Venho da América e meu amigo é da República da Irlanda. Cheguei há seis meses e viajei de Ashram em Ashram. Meu amigo veio só.

M: O que tem visto?

P: Estive no Sri Ramanashram e também visitei Rishikesh. Posso perguntar-lhe qual a sua opinião sobre Ramana Maharshi?

M: Estamos ambos no mesmo estado antigo. Mas o que você sabe do Maharshi? Você se tem por um nome e um corpo, de modo que tudo o que você percebe são nomes e corpos.

P: Se você se encontrasse com o Maharshi, o que aconteceria?

M: Provavelmente iríamos sentir-nos muito felizes. Até poderíamos trocar umas poucas palavras.

P: Mas ele o reconheceria como um homem liberado?

M: Certamente. Do mesmo modo que um homem reconhece um homem, um gnani reconhece um gnani. Você não pode apreciar o que não experienciou. Você é o que acredita ser, mas não pode pensar-se como sendo o que você não experienciou.

P: Para tornar-me um engenheiro, devo aprender engenharia. Para tornar-me Deus, o que devo aprender?

M: Você deve desaprender tudo. Deus é o fim de todo desejo e conhecimento.

P: Você quer dizer que me transformo em Deus meramente por abandonar o desejo de tornar-me Deus?

M: Deve abandonar todos os desejos porque, por desejar, você toma a forma de seus desejos. Quando nenhum desejo permanecer, você reverterá a seu estado natural.

P: Como sei que alcancei a perfeição?

M: Você não pode conhecer a perfeição, pode conhecer apenas a imperfeição. Para que haja conhecimento, deve haver separação e desarmonia. Você pode conhecer o que não é, mas não pode conhecer seu ser real. Você pode apenas ser o que é. Toda abordagem é feita através da compreensão, a qual está na visão do falso como falso. Mas, para compreender, você deve observar pelo lado de fora.

P: O conceito Vedântico de Maya, a ilusão, aplica-se ao manifesto. Portanto nosso conhecimento do manifesto não é confiável. Mas nós devemos ser capazes de confiar em nosso conhecimento do que não é manifesto.

M: Não pode haver conhecimento do que não é manifesto. O potencial é incognoscível. Apenas o real pode ser conhecido.

P: Porque o conhecedor deve permanecer desconhecido?

M: O conhecedor conhece o conhecido. Você conhece o conhecedor? Quem é o conhecedor do conhecedor? Você quer conhecer o que não é manifesto. Você pode dizer que conhece o manifesto?

P: Conheço as coisas, as ideias e suas relações. É a soma total de todas as minhas experiências.

M: Todas?

P: Bem, todas as experiências reais. Admito que não posso conhecer o que não aconteceu.

M: Se o manifesto é a soma total de todas as experiências reais, incluindo seus experienciadores, quanto do total você conhece? Uma parte muito pequena sem dúvida. E o que é o pouco que sabe?

P: Algumas experiências sensórias em relação comigo mesmo.

M: Nem mesmo isto. Você apenas sabe que reage. Quem reage e a que, você não sabe. Você sabe que existe no contato – 'eu sou'. O 'Eu sou isto' e o 'Eu sou aquilo' são imaginários.

P: Conheço o manifesto porque dele participo. Admito, minha parte é muito pequena, ainda assim ela é tão real quanto sua totalidade. E, o que é mais importante, eu lhe dou significado. O mundo é escuro e silencioso sem mim.

M: Um vagalume iluminando o mundo! Você não dá significado ao mundo, você o encontra. Mergulhe profundamente dentro de si mesmo e ache a fonte de onde flui todo significado. Seguramente, não é a mente superficial que pode dar significado.

P: O que me faz limitado e superficial?

M: O total está aberto e disponível, mas você não o levará. Você está apegado à pessoa pequena que acredita ser. Seus desejos são estreitos; suas ambições, insignificantes. Depois de tudo, sem um centro de percepção, onde estaria o manifestado? Desapercebido, o manifestado é tão bom quanto o imanifestado. E você é o ponto que percebe, a fonte não dimensional de todas as dimensões. Conheça-se como o total.

P: Como um ponto pode conter o universo?

M: Em um ponto há espaço suficiente para uma infinidade de universos. Não há nenhuma falta de capacidade. A autolimitação é o único problema. Mas você não pode escapar de si mesmo. Quão longe você for, você volta para si mesmo e para a necessidade de entender este ponto que é como nada e, ainda assim, é a fonte de tudo.

P: Vim para a Índia em busca de um professor da Ioga. Estou ainda na busca.

M: Que tipo de Ioga você quer praticar, a Ioga do obter, ou a Ioga do abandonar?

P: Eles não chegam ao mesmo no final?

M: Como poderiam? Um escraviza, o outro libera. A motivação é de suprema importância. A liberdade vem através da renúncia. Toda posse é escravidão.

P: Tenho a força e a coragem para segurar, por que deveria abandonar? E, se não a tenho, como poderia abandonar? Não compreendo esta necessidade de abandonar. Quando quero algo, por que não devo persegui-lo? A renúncia é para os fracos.

M: Se você não tem a sabedoria e a força para abandonar, simplesmente olhe para suas posses. Seu mero olhar as queimará. Se puder permanecer fora de sua mente, logo descobrirá que a renúncia total de posses e desejos é a coisa mais obviamente razoável a fazer.

Você cria o mundo e então se preocupa com ele. Tornar-se egoísta o enfraquece. Se você pensa que tem a força e a coragem para desejar, é porque você é jovem e inexperiente. Invariavelmente, o objeto de desejo destrói os meios de adquiri-lo e então ele mesmo fenece com o tempo. Tudo é para o bem, porque ele o ensina a evitar o desejo como se fosse veneno.

P: Como posso praticar o estado sem desejos?

M: Não há necessidade de nenhuma prática; nenhuma necessidade de qualquer ato de renúncia. Apenas afaste sua mente deles, isto é tudo. O desejo é meramente a fixação da mente em uma ideia. Saia de seu sulco negando-lhe a atenção.

P: Isto é tudo?

M: Sim, isto é tudo. Qualquer que possa ser o desejo ou medo, não more nele. Tente e veja por si mesmo. Pode esquecê-lo aqui e ali, não importa. Volte às suas tentativas até que todo desejo e medo sejam afastados para longe; a cada reação, tornar-se-á automático.

P: Como pode alguém viver sem emoções?

M: Você pode ter todas as emoções que quiser, mas cuide-se das reações, das emoções induzidas. Seja inteiramente autodeterminado e governado a partir do interior, não do exterior.

O mero abandonar uma coisa para assegurar uma melhor não é verdadeira renúncia. Abandone-a porque você viu sua futilidade. À medida que renuncia, você descobrirá que cresce espontaneamente em inteligência e poder, em amor e alegria inesgotáveis.

P: Por que tanta insistência na renúncia a todos os desejos e medos? Não são naturais?

M: Eles não são. São inteiramente produzidos pela mente. Você tem que abandonar tudo para saber que não necessita de nada, nem mesmo de seu corpo. Suas necessidades são irreais e seus esforços são sem sig-

nificado. Você imagina que suas posses o protegem. Na realidade, elas o fazem vulnerável. Compreenda-se como à distância de tudo que possa ser apontado como 'isto' ou 'aquilo'. Você é inalcançável por qualquer experiência sensória ou construção verbal. Afaste-se delas. Negue-se a imitar.

P: Depois de tê-lo escutado, o que devo fazer?

M: Ouvir apenas não o ajudará muito. Você deve lembrar-se e ponderar sobre isto, e tentar entender o estado da mente que me faz dizer o que lhe digo. Eu falo a partir da verdade; estenda sua mão e pegue-a. Você não é o que você pensa ser, eu lhe asseguro. A imagem que você tem de si mesmo é feita de recordações e é puramente acidental.

P: O que eu sou é resultado de meu karma.

M: Você não é o que parece ser. O karma é apenas uma palavra que você aprendeu a repetir. Você nunca foi nem deve ser uma pessoa. Recuse considerar-se como uma. Mas, enquanto você nem sequer duvida ser um Sr. Fulano de Tal, haverá pouca esperança. Quando você recusa abrir seus olhos, o que se pode mostrar a você?

P: Imagino que o karma seja um poder misterioso que me encoraja à perfeição.

M: Isto é o que as pessoas falaram a você. Você já é perfeito, aqui e agora. O perfectível não é você. Você imagina ser o que não é: pare! O importante é parar, não o que vai parar.

P: O karma não me obriga a tornar-me o que sou?

M: Nada o obriga. Você é como você acredita ser. Pare de acreditar.

P: Você está aqui sentado em seu assento e falando para mim. O que o obriga é seu karma.

M: Nada me obriga. Faço o que é preciso fazer. Mas você faz muitas coisas desnecessárias. É sua recusa a examinar que cria karma. É a indiferença ao seu próprio sofrimento que o perpetua.

P: Sim, é verdadeiro. O que pode acabar com esta indiferença?

M: O impulso deve vir de dentro como uma onda de desapego ou compaixão.

P: Posso encontrar este impulso no meio do caminho?

M: Certamente. Veja sua própria condição, veja a condição do mundo.

P: Falaram-nos do karma e da reencarnação, evolução e loga, mestres e discípulos. O que fazemos com todo este conhecimento?

M: Deixe tudo isto para trás. Esqueça. Vá adiante, aliviado de ideias e crenças. Abandone todas as estruturas verbais, todas as verdades relativas, todos os objetivos tangíveis. O Absoluto só pode ser alcançado pela devoção absoluta. Não seja irresoluto.

P: Devo começar com alguma verdade absoluta. Há alguma?

M: Sim, há o sentimento 'eu sou', Comece com isto.

P: Nada mais é verdadeiro?

M: Tudo o mais não é nem verdadeiro nem falso. Parece real quando aparece, desaparece quando é negado. Uma coisa transitória é um mistério.

P: Pensei que o real seria o mistério.

M: Como é possível? O real é simples, aberto, claro e gentil, belo e alegre. É completamente livre de contradições. É sempre novo, sempre fresco, interminavelmente criativo. Ser e não ser, vida e morte, todas as distinções se fundem nele.

P: Posso admitir que tudo é falso. Mas isto faz minha mente inexistente?

M: A mente é o que pensa. Para torná-la verdadeira, pense verdadeiro.

P: Se a forma das coisas é mera aparência, o que elas são na realidade?

M: Na realidade há apenas percepção. O percebedor e o percebido são conceituais, o fato de perceber é atual, real.

P: Onde o Absoluto entra?

M: O Absoluto é o lugar de origem do perceber. Ele torna possível a percepção.

Mas muita análise não o levará a nenhum lugar. Em você está o âmago do ser que está além da análise, além da mente. Só pode conhecê-lo na ação. Expresse-o na vida diária e sua luz ficará cada vez mais brilhante.

A função legítima da mente é dizer-lhe o que não é. Mas, se você quer conhecimento positivo, deve ir além da mente.

P: Em todo o universo há uma única coisa de valor?

M: Sim, o poder do amor.

71
AUTOCONSCIÊNCIA, VOCÊ APRENDE SOBRE SI MESMO

Pergunta: É amplamente demonstrado que os discípulos causam muito dano a seus Gurus. Eles fazem planos e os realizam sem considerar a vontade do Guru. No final, há apenas preocupação infindável para com o Guru e amargura em relação a seus condiscípulos.

Maharaj: Sim, isto acontece.

P: O que obriga o Guru a submeter-se a tais baixarias?

M: O Guru basicamente não tem desejos. Ele vê o que acontece, mas não sente a compulsão de interferir. Ele não faz escolhas, não toma decisões. Como pura testemunha, observa o que acontece e permanece não afetado.

P: Mas seu trabalho sofre.

M: No final, a vitória é sempre dele. Ele sabe que se seus discípulos não aprenderem de suas palavras, aprenderão de seus próprios erros. Internamente, ele permanece quieto e silencioso. Ele não tem o sentido de ser uma pessoa separada. Todo universo é dele, incluindo seus discípulos com seus planos mesquinhos. Nada em particular o afeta ou, o que vem a ser o mesmo, todo o universo o afeta em igual medida.

P: Não existe a graça do Guru?

M: Sua graça é constante e universal. Não é dada a um e negada a outro.

P: Como ela me afeta pessoalmente?

M: É pela graça do Guru que sua mente está engajada na busca da verdade, e é pela sua graça que você a achará. A graça trabalha invariavelmente em direção ao bem final. E é para todos.

P: Alguns discípulos estão prontos, maduros, e outros não. O Guru não deve escolher e tomar decisões?

M: O Guru conhece o Supremo e, incansavelmente, empurra o discípulo em direção a ele. O discípulo está cheio de obstáculos, que ele deve superar. O Guru não está muito interessado nas superficialidades da vida do discípulo. É como a gravitação. A fruta deve cair –quando não mais é retida.

P: Se o discípulo não conhece a meta, como pode perceber os obstáculos?

M: A meta é mostrada pelo Guru, os obstáculos são descobertos pelo discípulo. O Guru não tem preferências, mas aqueles que têm obstáculos a superar parecem ficar para trás.

Na realidade, o discípulo não é diferente do Guru. É o mesmo centro sem dimensão de percepção e amor em ação. É apenas sua imaginação e autoidentificação com o imaginado o que o confina e o converte em uma pessoa. O Guru está pouco interessado na pessoa. Sua atenção está no observador interior. É tarefa do observador entender e, através disto, eliminar a pessoa. Enquanto há graça por um lado, deve existir dedicação à tarefa pelo outro.

P: Mas a pessoa não quer ser eliminada.

M: A pessoa é meramente o resultado de um mal-entendido. Na realidade, não existe tal coisa. Sentimentos, pensamentos e ações correm ante o observador em uma sucessão sem fim, deixando traços no cérebro e criando uma ilusão de continuidade. Uma reflexão do observador na mente cria o sentido de 'Eu' e a pessoa adquire uma existência aparentemente independente. Na realidade não há nenhuma pessoa, apenas o observador identificando-se com o 'Eu' e o 'meu'. O mestre diz ao observador: você não é isto, não há nada seu nisto, exceto o pequeno ponto do 'eu sou', que é a ponte entre o observador e seu sonho. 'Eu sou isto, eu sou aquilo' é sonho, enquanto o puro 'eu sou' tem a marca da realidade nele. Você experimentou tantas coisas – tudo deu em nada. Só o sentido 'eu sou' persistiu – inalterado. Permaneça com o imutável entre o mutável, até ser capaz de ir além.

P: Quando isto acontecerá?

M: Acontecerá assim que você remover os obstáculos.

P: Quais obstáculos?

M: O desejo do falso e o temor do verdadeiro. Você, como a pessoa, imagina que o Guru está interessado em você como uma pessoa. Não, de forma alguma. Para ele você é uma perturbação e um obstáculo a ser eliminado. Ele realmente visa sua eliminação como um fator na consciência.

P: Se eu sou eliminado, o que permanece?

M: Nada permanecerá, tudo permanecerá. O sentido de identidade permanecerá, mas não mais a identificação com um corpo particular. O

ser – Consciência – amor brilhará em pleno esplendor. A libertação nunca é para a pessoa; é sempre libertação da pessoa.

P: E não permanece nenhum traço da pessoa?

M: Uma vaga memória permanece, como a memória de um sonho ou da primeira infância. Depois de tudo, o que há para lembrar? Um fluir de eventos, principalmente acidentais e sem significado. Uma seqüência de desejos e medos, e asneiras fúteis. Há qualquer coisa digna de lembrar? A pessoa é apenas uma casca que o aprisiona. Quebre a casca.

P: A quem você pede para quebrar a casca? Quem quebrará a casca?

M: Quebre os laços da memória e da autoidentificação e a casca quebrará por si mesma. Há um centro que transmite realidade a tudo que percebe. Tudo o que você necessita é entender que você é a fonte da realidade, que você dá realidade em vez de obtê-la, que você não necessita de nenhum apoio e nenhuma confirmação. As coisas são como são porque você as aceita como elas são. Pare de aceitá-las, e se dissolverão. Tudo quanto pensa com desejo ou temor aparece diante de você como real. Olhe-o sem desejo ou medo, e ele perderá substância. O prazer e a dor são momentâneos. É mais simples e mais fácil menosprezá-los que agir de acordo com eles.

P: Se todas as coisas acabam, porque aparecem de qualquer modo?

M: A criação está na própria natureza da consciência. A consciência causa as aparências. A realidade está além da consciência.

P: Enquanto nós somos conscientes das aparências, como não somos conscientes de que essas são meras aparências?

M: A mente encobre totalmente a realidade sem conhecê-la. Para conhecer a natureza da mente você necessita de inteligência, a capacidade de olhar para a mente com uma Consciência silenciosa e imparcial.

P: Se eu sou da natureza da consciência onipenetrante, como podem acontecer-me a ignorância e a ilusão?

M: Nem ignorância nem ilusão aconteceram para você. Descubra o eu ao qual você atribui a ignorância e a ilusão, e sua pergunta será respondida. Você fala como se conhecesse o eu e o visse sob o poder da ignorância e da ilusão. Mas, de fato, você não conhece o eu, nem é consciente da ignorância. Certamente, torne-se consciente – isto o levará para o eu e a compreender que não há nem ignorância nem ilusão nele. É como dizer: se há sol, como pode haver escuridão? Como haverá escuri-

dão debaixo de uma pedra, quão forte seja a luz do sol, assim, na sombra da consciência 'Eu sou o corpo', deverão existir ignorância e ilusão.

P: Mas por que veio a existir a consciência corporal?

M: Não pergunte 'por que', pergunte 'como'. Está na natureza da imaginação criativa identificar-se com suas criações. Você pode pará-la a qualquer momento ao desligá-la da atenção. Ou através da investigação.

P: A criação vem antes da investigação?

M: Primeiro você cria um mundo, então o 'eu sou' torna-se uma pessoa que não é feliz por várias razões. Ele sai em busca da felicidade, encontra um Guru que lhe diz: 'Você não é uma pessoa, descubra quem você é'. Ele faz isto e vai além.

P: Por que ele não o fez no princípio?

M: Não lhe ocorreu. Necessitou que alguém lhe falasse.

P: Isto foi suficiente?

M: Foi suficiente.

P: Por que não funciona no meu caso?

M: Você não confia em mim.

P: Por que a minha fé é fraca?

M: Os desejos e temores embotaram sua mente. Ela precisa de uma boa esfregada.

P: Como posso esclarecer minha mente?

M: Observando-a implacavelmente. A desatenção obscurece, a atenção esclarece.

P: Por que os mestres indianos defendem a inatividade?

M: Muitas das atividades das pessoas não têm valor, se não forem claramente destrutivas. Dominadas pelo desejo e pelo medo, não podem fazer nada bom. Cessar de fazer o mal precede o começo de fazer o bem. Daí a necessidade de parar todas as atividades por um tempo, para investigar os seus impulsos e seus motivos, para ver tudo o que é falso em sua própria vida, para purificar a mente de todo mal, e só então recomeçar o trabalho, começando com seus deveres óbvios. Certamente, se você tiver uma oportunidade de ajudar alguém, sem dúvida, faça isto prontamente também, não o mantenha esperando até que você seja perfeito. Mas não se torne um benfeitor profissional.

P: Não me parece que haja muitos benfeitores entre os discípulos. A maioria dos que encontrei está bastante absorvida em seus próprios conflitos mesquinhos. Não têm coração para os demais.

M: Tal egocentrismo é temporário. Seja paciente com tais pessoas. Por muitos anos, eles deram atenção a tudo exceto a si mesmas. Permita que se voltem para si mesmas, para uma mudança.

P: Quais são os frutos da autoconsciência?

M: Você fica mais inteligente. Na Consciência você aprende. Na autoconsciência você aprende sobre si mesmo. Certamente, você pode apenas aprender o que você não é. Para conhecer o que é, você deve ir além da mente.

P: A Consciência não está além da mente?

M: A Consciência é o ponto no qual a mente se expande além de si mesma para a realidade. Na Consciência você não busca o agradável, mas o que é verdadeiro.

P: Acho que a Consciência produz um estado de silêncio interior, um estado de vazio psíquico.

M: Está bem no momento, mas não é o suficiente. Você tem sentido a vacuidade universal na qual o universo flutua como uma nuvem no céu azul?

P: Senhor, deixe-me primeiro conhecer bem meu próprio espaço interior.

M: Destrua o muro que separa - a ideia "eu sou o corpo" - e o interior e o exterior se tornarão um.

P: Devo morrer?

M: A destruição física não tem significado. É o apego à vida sensorial que o ata. Se pudesse experimentar inteiramente o vazio interior, a explosão para a totalidade estaria próxima.

P: Minha própria experiência espiritual tem suas estações. Algumas vezes me sinto glorioso e então, novamente, afundo. Sou como o ascensorista – subindo, descendo, subindo, descendo.

M: Todas as mudanças na consciência são devidas à ideia 'Eu sou o corpo'. Despida desta ideia, a mente torna-se estável. Há puro ser, livre de experienciar qualquer coisa em particular. Mas, para compreendê-lo, você deve fazer o que seu mestre lhe falou. O mero escutar, mesmo memorizando, não é o bastante. Se você não luta duramente para aplicar cada palavra do mestre em sua vida diária, não se queixe de que você

não fez nenhum progresso. Todo progresso real é irreversível. Os altos e baixos meramente mostram que o ensinamento não foi levado a sério e traduzido em ação, totalmente.

P: Outro dia você nos falou que não há karma. Mesmo assim, vemos que todas as coisas têm uma causa e a soma total de todas as causas pode ser chamada karma.

M: Enquanto você acreditar que é o corpo, você atribuirá causas a tudo. Eu não digo que as coisas não têm causa. Cada coisa tem inumeráveis causas. É como é, porque o mundo é como ele é. Cada causa, em suas ramificações, cobre o universo.

Quando você compreender que é absolutamente livre para ser o que você consente ser, que você é o que parece ser devido à ignorância ou à indiferença, então você é livre para se revoltar e mudar. Você se permite ser o que não é. Está em busca das causas do ser que você não é! É uma busca fútil. Não há nenhuma causa, mas sua ignorância de seu ser real, que é perfeito e além de toda causalidade. Seja o que for que aconteça, todo o universo será responsável, e você é a origem do universo.

P: Não sei nada sobre ser a causa do universo.

M: Porque não investiga. Inquira, busque em seu interior e saberá.

P: Como pode uma partícula como eu criar o vasto universo?

M: Quando você está infectado com o vírus 'Eu sou o corpo', um universo inteiro aparece no ser. Mas quando você está farto dele, você alimenta algumas ideias fantasiosas sobre liberação e segue linhas de ação totalmente fúteis. Você se concentra, medita, tortura sua mente e seu corpo, faz todo tipo de coisas desnecessárias, mas perde o essencial que é a eliminação da pessoa.

P: No princípio, podemos ter que orar e meditar por algum tempo, antes que estejamos prontos para a autoinvestigação.

M: Se você assim acredita, continue. Para mim, todo atraso é um desperdício de tempo. Você pode omitir toda a preparação e ir diretamente para a busca interior final. De todas as logas, esta é a mais simples e a mais curta.

72
O QUE É PURO, IMACULADO E INDEPENDENTE É REAL

Maharaj: Você está de volta à Índia! Onde esteve, o que viu?

Pergunta: Vim da Suiça. Eu estive lá com um homem notável que pretende ter se realizado. No passado, fez muitas logas e teve muitas experiências que desapareceram. Agora, ele não reivindica nenhum conhecimento ou habilidades especiais; a única coisa pouco comum sobre ele está relacionada às sensações; ele é incapaz de separar o que vê do visto. Por exemplo, quando ele vê um carro precipitando-se sobre ele, ele não sabe se o carro está se precipitando sobre ele ou ele sobre o carro. Parece ser, ao mesmo tempo, tanto o que vê quanto o visto. Eles se tornam um. O que quer que ele veja, vê a si mesmo. Quando eu perguntei a ele sobre algumas questões dos Vedas, ele disse: 'Eu realmente não posso responder. Eu não sei. Tudo o que eu conheço é esta estranha identidade com tudo o que percebo. Você sabe, eu esperava qualquer coisa menos isto'.

No todo, é um homem humilde; não faz discípulos e não se coloca sobre um pedestal de modo algum. Ele está disposto a falar sobre sua estranha condição, mas isto é tudo.

M: Agora ele sabe que sabe. Tudo o mais terminou. Ao menos, ele ainda fala. Logo ele poderá parar de falar.

P: O que ele fará então?

M: A imobilidade e o silêncio não são inativos. A flor preenche o espaço com perfume; a vela, com luz. Elas não fazem nada, ainda assim mudam tudo pela mera presença. Você pode fotografar uma vela, mas não sua luz. Você pode conhecer o homem, seu nome e aparência, mas não sua influência. Sua própria presença é ação.

P: Não é natural ser ativo?

M: Todos querem ser ativos, mas de onde se originam suas ações? Não há um ponto central; cada ação produz outra, sem sentido e dolorosamente, em infindável sucessão.

Não há a alternação de trabalho e pausa. Encontre em primeiro lugar o centro imutável onde todo o movimento nasce. Exatamente como uma roda dá voltas em um eixo, assim você deverá estar sempre no centro e não girando na periferia.

P: Como posso fazê-lo na prática?

M: Sempre que um pensamento ou emoção de desejo ou medo vier à sua mente, simplesmente afaste-se dele.

P: Suprimindo meus pensamentos e sentimentos, eu provocarei uma reação.

M: Eu não estou falando de supressão. Apenas recuse atenção.

P: Não devo esforçar-me para deter os movimentos da mente?

M: Isto não tem nada a ver com esforço. Apenas afaste-se, olhe entre os pensamentos, em vez de para os pensamentos. Quando você anda na multidão, você não luta com todo homem que encontra – você apenas se desvia deles.

P: Se eu utilizar minha vontade para controlar a mente, apenas fortalecerei o ego.

M: Certamente. Quando você luta, convida à luta. Mas quando não resiste, não encontra resistência. Quando você se recusa a jogar o jogo, você está fora dele.

P: Quanto tempo eu levarei para libertar-me da mente?

M: Pode levar mil anos, mas realmente não requer nenhum tempo. Tudo o que você necessita é estar em completa seriedade. Aqui, o querer é o feito. Se você é sincero, você alcançou. Depois de tudo, é uma questão de atitude. Nada o impede de ser um gnani aqui e agora, exceto o medo. Você teme ser impessoal, teme o ser impessoal. É tudo muito simples. Afaste-se de seus desejos e temores, e dos pensamentos por eles criados, e você estará, imediatamente, em seu estado natural.

P: Nenhum problema sobre renovar, mudar ou eliminar a mente?

M: Absolutamente nenhum. Deixe sua mente só, isto é tudo. Não a siga. Depois de tudo, não há uma mente separada dos pensamentos que vêm e vão, obedecendo às suas próprias leis, não à sua. Eles o dominam apenas porque você está interessado neles. É exatamente como disse Cristo: 'Não resistais ao mal'. Por resistir ao mal você meramente o fortalece.

P: Sim, agora eu vejo. Tudo o que devo fazer é negar existência ao mal. Então, ele desaparece gradualmente. Mas isto não se reduz a algum tipo de autossugestão?

M: A autossugestão está em plena ação agora, quando você acredita ser uma pessoa aprisionada entre o bem e o mal. O que eu peço é que acabe com isto, desperte e veja as coisas como elas são.

Sobre sua permanência na Suíça com aquele seu estranho amigo: o que você ganhou em sua companhia?

P: Absolutamente nada. Sua experiência em nada me afetou. Uma coisa eu entendi: não há nada a buscar. Onde quer que eu possa ir, nada me espera ao final da viagem. A descoberta não é o resultado do transporte.

M: Sim, você está totalmente separado de qualquer coisa que possa ser ganha ou perdida.

P: Você o chama vairagya, abandono, renúncia?

M: Não há nada a renunciar. Basta que pare de adquirir. Para dar, você deve ter e, para ter, você deve tirar. É melhor não tirar. Isto é mais simples do que praticar a renúncia, a qual leva a uma forma perigosa de orgulho 'espiritual'.

Todo este decidir, selecionar, escolher, trocar – é como ir às compras em algum 'mercado' espiritual. Qual é seu assunto ali? Que negócio está determinado a descobrir? Quando você não está determinado a negociar, qual a utilidade desta interminável ansiedade pela escolha? O desassossego não o leva a lugar nenhum. Alguma coisa o impede de ver que não há nada que necessite. Descubra isto e veja sua falsidade. É como ter engolido algum veneno e sofrer de um desejo insaciável por água. Em vez de beber além da medida, por que não eliminar o veneno e libertar-se desta sede abrasadora?

P: Terei que eliminar o ego!

M: O sentido 'Eu sou uma pessoa no tempo e no espaço' é o veneno. De certo modo, o próprio tempo é veneno. No tempo, todas as coisas terminam e nascem novas para, uma após a outra, serem devoradas. Não se identifique com o tempo, não pergunte ansiosamente: 'O que vai acontecer, o que vai acontecer?' Saia do tempo e veja-o devorar o mundo. Diga: 'Bem, é a natureza do tempo pôr um fim a todas as coisas. Que seja assim. Isto não me interessa. Eu não sou combustível, nem necessito juntá-lo'.

P: A testemunha poderia existir sem coisas a testemunhar?

M: Sempre há alguma coisa a testemunhar. Se não uma coisa, então sua ausência. Testemunhar é natural e não um problema. O problema é o interesse excessivo que leva à autoidentificação. Você toma por real qualquer coisa na qual esteja absorvido.

P: O 'eu sou' é real ou irreal? O 'eu sou' é a testemunha? A testemunha é real ou irreal?

M: O que é puro, imaculado e independente é real. O que é corrompido, confuso, dependente e transitório é irreal. Não seja enganado pelas palavras – uma palavra pode transmitir diversos, e mesmo contraditórios, significados. O 'eu sou' que persegue o prazeroso e evita o desagradável é falso; o 'eu sou' que vê o prazer e a dor como inseparáveis vê corretamente. A testemunha que está enredada no que ela percebe é a pessoa; a testemunha que permanece distante, impassível e intacta, é a torre de observação do real, o ponto no qual a Consciência, inerente no imanifestado, contata o manifestado. Não pode existir nenhum universo sem a testemunha, não pode existir nenhuma testemunha sem o universo.

P: O tempo consome o mundo. Quem é a testemunha do tempo?

M: Aquele que está além do tempo – o Inominado. Uma brasa incandescente, movida rapidamente em círculo, parece um círculo incandescente. Quando o movimento cessa, a brasa permanece. Similarmente, o 'eu sou' em movimento cria o mundo. O 'eu sou' em paz torna-se o Absoluto. Você é como um homem com uma lanterna caminhando através de uma galeria. Você só pode ver apenas o que está dentro do feixe de luz. O resto está na escuridão.

P: Se eu projeto o mundo, devo ser capaz de mudá-lo.

M: Certamente, você pode. Mas você deve deixar de identificar-se com ele e ir além. Então, você terá o poder para destruir e recriar.

P: Tudo o que quero é ser livre.

M: Você deve saber duas coisas: do que vai se libertar e o que o mantém atado.

P: Por que você quer aniquilar o universo?

M: Não estou interessado no universo. Deixe-o ser ou não ser. Basta que me conheça.

P: Se você está além do mundo, então você não é de nenhuma utilidade para ele.

M: Tenha piedade do eu que é, não do mundo que não é! Absorvido no sonho, você esqueceu seu verdadeiro eu.

P: Sem o mundo não há nenhum lugar para o amor.

M: Assim é. Todos esses atributos, ser, consciência, amor e beleza, são reflexos do real no mundo. Sem o real, não há reflexo.

P: O mundo está cheio de coisas e pessoas desejáveis. Como posso imaginá-lo não existente?

M: Deixe o desejável para aqueles que desejam. Mude a corrente de seu desejo de tomar para dar. A paixão por dar, por compartilhar, naturalmente apagará a ideia de um mundo fora de sua mente, e a ideia de dar também. Apenas o puro esplendor do amor permanecerá, além do dar e do receber.

P: No amor, deve existir dualidade, o amante e o amado.

M: No amor nem sequer existe mesmo o um, como pode haver dois? O amor é a recusa a separar, a fazer distinções. Antes de você pensar na unidade, você deve primeiro criar dualidade. Quando você amar verdadeiramente, você não dirá: 'Eu te amo'; quando existe o processo de pensamento, existe dualidade.

P: O que é que me faz voltar repetidamente à Índia? Não pode ser apenas a vida comparativamente barata daqui? Nem o colorido e a variedade de impressões. Deve haver algum fator mais importante.

M: Há também o aspecto espiritual. A divisão entre o externo e o interno é menor na Índia. É mais fácil expressar o interno no externo aqui. A integração é mais fácil. A sociedade não é tão opressiva.

P: Sim, no ocidente tudo é tamas e rajas. Na Índia há mais sattva, harmonia e equilíbrio.

M: Você não pode ir além dos gunas? Por que escolher sattva? Seja o que você é, onde quer que esteja, e não se preocupe com os gunas.

P: Eu não tenho a força.

M: Isto meramente mostra que você ganhou pouco na Índia. O que você verdadeiramente tem, não pode perder. Estivesse bem assentado em seu ser, mudar de lugar não iria afetá-lo.

P: Na Índia, a vida espiritual é fácil. Não é assim no ocidente. Deve-se amoldar ao meio ambiente em muito maior extensão.

M: Por que você não cria seu próprio meio ambiente? O mundo só tem tanto poder sobre você na medida em que o dá a ele. Rebele-se. Vá além da dualidade, não faça nenhuma diferença entre oriente e ocidente.

P: O que posso fazer quando me encontrar em um meio nada espiritual?

M: Não faça nada. Seja você mesmo. Fique fora. Olhe além.

P: Pode haver confrontos em casa. Os pais raramente entendem.

M: Quando você conhece seu verdadeiro ser, você não tem problemas. Pode agradar seus pais ou não, casar ou não, ganhar bastante dinheiro ou não; é tudo o mesmo para você. Apenas aja de acordo com as circunstâncias, mas em íntimo contato com os fatos, com a realidade em cada situação.

P: Não é um estado muito elevado?

M: Oh, não, é o estado normal. Você o chama elevado porque o teme. Primeiro seja livre do medo. Veja que não há nada a temer. A coragem é a porta para o Supremo.

P: Nenhuma quantidade de esforço pode me fazer corajoso.

M: A coragem vem por si mesma quando você vê que não há nada a temer. Quando caminha em uma rua movimentada, você apenas contorna as pessoas. A alguns você vê, a outros apenas olha de relance, mas você não para. É parar que cria o gargalo. Continue caminhando! Seja indiferente aos nomes e formas, não se apegue a elas; seu apego é sua escravidão.

P: O que deverei fazer quando um homem me esbofeteia?

M: Você reagirá de acordo com seu caráter inato ou adquirido.

P: É inevitável? Estou eu, está o mundo, condenado a permanecer como nós somos?

M: Um joalheiro que quer remodelar um ornamento primeiro funde e torna informe o ouro. Similarmente, deve-se retornar ao estado original, antes que um novo nome e uma nova forma possam surgir. A morte é essencial para a renovação.

P: Você sempre salienta a necessidade de ir além, de indiferença, de solidão. Você dificilmente usa as palavras 'certo' e 'errado'. Por que é assim?

M: É certo ser o que se é, é errado não o ser. Tudo o mais é condicional. Você está ávido para separar o certo do errado porque necessita alguma base para a ação. Você sempre procura fazer uma coisa ou outra. Mas, a ação pessoalmente motivada, baseada em alguma escala de valores, objetivando algum resultado, é pior que a inação, pois seus frutos são sempre amargos.

P: A Consciência e o amor são um e o mesmo?

M: Certamente. A Consciência é dinâmica, o amor é ser. A Consciência é amor em ação. Por si mesma, a mente pode realizar quaisquer possibilidades, mas, a menos que sejam solicitadas pelo amor, serão sem valor. O amor precede a criação. Sem ele, há apenas caos.

P: Onde está a ação na Consciência?

M: Você é tão incuravelmente funcional! A menos que haja movimento, desassossego, alvoroço, você não o chama ação. O caos é o movimento pelo movimento. A verdadeira ação não desordena, mas transforma; uma mudança de lugar é mero transporte; uma mudança de coração é ação. Apenas recorde – nada perceptível é real. A atividade não é ação. A ação é secreta, desconhecida, incognoscível. Você pode apenas conhecer o fruto.

P: Não é Deus o autor de tudo?

M: Por que trazer um agente externo? O mundo se recria de si mesmo. É um processo sem fim, o transitório recriando o transitório. É seu ego que o faz pensar que deve haver um agente. Você cria um Deus à sua própria imagem, quão sombria seja esta imagem. Através do filme de sua mente, você projeta um mundo e também um Deus para dar a ele causa e propósito. É tudo imaginação – saia disto.

P: Quão difícil é ver o mundo como puramente mental! Sua realidade tangível parece tão convincente.

M: Este é o mistério da imaginação, que pareça tão real. Você pode ser celibatário ou casado, monge ou pai de família; não é esta a questão. Você é um escravo de sua imaginação, ou não? Qualquer decisão que você toma, o que quer que você faça, será invariavelmente baseada na imaginação, em suposições desfilando como fatos.

P: Estou aqui sentado em frente a você. Que parte disto é imaginação?

M: Tudo. Mesmo o espaço e o tempo são imaginados.

P: Isto significa que eu não existo?

M: Eu também não existo. Toda existência é imaginária.

P: O ser é também imaginário?

M: O puro Ser, preenchendo tudo e além, não é a existência, a qual é limitada. Toda limitação é imaginária, apenas o ilimitado é real.

P: Quando você olha para mim, o que você vê?

M: Vejo-o imaginando que você é.

P: Há muitos como eu. Mesmo assim, cada um é diferente.

M: A totalidade de todas as projeções é o que é chamado maha-maya, a Grande Ilusão.

P: Mas, quando você olha para si mesmo, o que você vê?

M: Depende de como olho. Quando olho através da mente, vejo inumeráveis pessoas. Quando olho além da mente, vejo a testemunha. Além da testemunha, há a infinita intensidade da vacuidade e do silêncio.

P: Como lidar com as pessoas?

M: Por que fazer planos e para quê? Tais perguntas mostram ansiedade. A relação é uma coisa viva. Esteja em paz em seu ser interior e estará em paz com todos.

Compreenda que você não é o senhor de tudo que acontece, você não pode controlar o futuro exceto em assuntos puramente técnicos. O relacionamento humano não pode ser planejado, é por demais rico e variado. Simplesmente seja compreensivo e compassivo, livre de todo egoísmo.

P: Seguramente, não sou o senhor do que acontece. Sou seu escravo em vez disto.

M: Não seja nem senhor nem escravo. Permaneça indiferente.

P: Isto implica em evitar a ação?

M: Você não pode evitar a ação. Ela acontece, como todas as outras coisas.

P: Minhas ações, seguramente, eu posso controlar.

M: Tente. Logo você verá que faz o que deve.

P: Posso agir de acordo com a minha vontade.

M: Você conhece sua vontade só depois de ter atuado.

P: Eu recordo meus desejos, as escolhas feitas, as decisões tomadas e atuo consequentemente.

M: Então sua memória decide, não você.

P: Onde eu entro?

M: Você o faz possível dando-lhe atenção.

P: Não existe o livre arbítrio? Não sou livre para desejar?

M: Oh, não. Você é compelido a desejar. No Hinduísmo, a própria ideia do livre arbítrio não existe. Não há nenhuma palavra para ela. A vontade é compromisso, fixação, cativeiro.

P: Sou livre para escolher minhas limitações.

M: Você deve ser livre primeiro. Para ser livre no mundo, deve ser livre do mundo. De outra forma, seu passado decide por você e por seu futuro. Você foi pego entre o que aconteceu e o que deve acontecer. Chame-o destino ou karma, mas nunca liberdade. Primeiro retorne para seu verdadeiro ser e então aja de acordo com o coração do amor.

P: No manifestado, qual é o selo do não manifestado?

M: Não há nenhum. No momento em que você começa a busca pelo selo do não manifestado, o manifestado se dissolve. Se você tenta entender o não manifestado com a mente, você imediatamente vai além da mente, exatamente como quando você atiça o fogo com uma vareta de madeira e também a queima. Use a mente para investigar o manifestado. Seja como o pinto que pica a casca do ovo. Especular sobre o exterior à casca seria de pouca utilidade, mas picar a casca a quebrará e libertará o pinto. Similarmente, rompa a mente a partir do interior pela investigação e pela revelação de suas contradições e absurdos.

P: De onde vem o desejo de romper a casca?

M: Do não manifestado.

73
A MORTE DA MENTE É O NASCIMENTO DA SABEDORIA

Pergunta: Antes de poder compreender a verdadeira natureza, não é necessário ser uma pessoa? O ego não tem o seu valor?

Maharaj: A pessoa é de pouca utilidade. Ela está profundamente envolvida em seus próprios assuntos e é completamente ignorante de seu verdadeiro ser. A menos que o testemunho da consciência comece a atuar sobre a pessoa, e que ela se transforme no objeto de observação em vez do sujeito, a realização não será possível. É a testemunha que faz a realização desejável e atingível.

P: Há um ponto na vida de uma pessoa quando ela se converte na testemunha.

M: Oh, não. A pessoa por si mesma não se transforma na testemunha. É como esperar que uma vela apagada comece a arder no curso do tem-

po. A pessoa pode permanecer na escuridão da ignorância para sempre, a menos que a chama da Consciência a toque.

P: Quem acende a vela?

M: O Guru. Suas palavras, sua presença. Na Índia é muito frequente o mantra. Uma vez acesa a vela, a chama a consumirá.

P: Por que o mantra é tão efetivo?

M: A constante repetição do mantra é alguma coisa que a pessoa não faz para si mesma. A pessoa não é a beneficiária. Exatamente como a vela que não aumenta ao queimar.

P: A pessoa pode tornar-se consciente de si mesma por si mesma?

M: Sim, isto acontece algumas vezes como um resultado de muito sofrimento. O Guru quer salvar você da dor interminável. Tal é sua graça. Mesmo quando não há um Guru externo que possa ser encontrado, sempre há o sadguru, o Guru interior que dirige e ajuda a partir de dentro. As palavras 'externo' e 'interno' são relativas ao corpo apenas; na realidade, tudo é um, sendo o externo uma mera projeção do interno. A Consciência vem como se de uma dimensão superior.

P: Qual é a diferença entre antes e depois de a chama ser acesa?

M: Antes de ser acesa a chama não há nenhuma testemunha que perceba a diferença. A pessoa pode ser consciente, mas não está ciente de ser consciente. Está completamente identificada com o que pensa, sente e experiencia. A escuridão que nela existe é de sua própria criação. Quando a escuridão é examinada ela se dissolve. O desejo de examinar é instalado pelo Guru. Em outras palavras, a diferença entre a pessoa e a testemunha é como entre não se conhecer e conhecer a si mesma. Quando há harmonia (sattva), o mundo visto na consciência é da natureza da consciência; mas, quando a atividade e a passividade (rajas e tamas) aparecem, elas obscurecem e distorcem, e você vê o falso como real.

P: O que pode a pessoa fazer para preparar-se para a vinda do Guru?

M: O próprio desejo de estar pronto significa que o Guru já chegou e a chama foi acesa. Pode ser uma palavra casual ou uma página em um livro; a graça do Guru trabalha misteriosamente.

P: Não existe a autopreparação? Nós ouvimos tanto sobre yoga sadhana?

M: Não é a pessoa que está fazendo sadhana. A pessoa está agitada e resistindo até o próprio fim. É a testemunha que trabalha sobre a pessoa, sobre a totalidade de suas ilusões, sobre o passado, presente e futuro.

P: Como sabemos que o que diz é verdadeiro? Embora esteja contido em si mesmo e livre de contradições internas, como nós podemos saber que não é um produto da imaginação fértil, nutrido e enriquecido pela constante repetição?

M: A prova da verdade está no efeito sobre o que a escuta.

P: As palavras podem ter um efeito mais poderoso. Pela audição ou repetição de palavras, pode-se experimentar vários tipos de transes. As experiências do ouvinte podem ser induzidas e não podem ser consideradas como uma prova.

M: O efeito não necessariamente necessita ser uma experiência. Pode ser uma mudança no caráter, na motivação, no relacionamento com as pessoas e consigo mesmo. Transes e visões induzidos por palavras ou drogas, ou qualquer outro meio sensório ou mental, são temporários e inconclusivos. A verdade do que aqui é dito é firme e perene. E a prova disto está no que escuta, na profundidade e nas mudanças permanentes em todo seu ser. Não é alguma coisa que ele possa duvidar, a menos que duvide de sua própria existência, o que é impensável. Quando minha experiência se converte também em sua própria experiência, que prova melhor você deseja?

P: O experienciador é a prova de sua experiência.

M: Assim é, mas o experienciador não necessita de prova. 'Eu sou e eu sei que sou'. Você não pode pedir mais provas.

P: Pode haver conhecimento verdadeiro das coisas?

M: Relativamente – sim. Absolutamente – não há coisas. Saber que nada existe é o conhecimento verdadeiro.

P: Qual o elo entre o relativo e o absoluto?

M: Eles são idênticos.

P: De que ponto de vista eles são idênticos?

M: Quando as palavras são ditas, há silêncio. Quando o relativo termina, o absoluto permanece. O silêncio que existe antes das palavras serem faladas é diferente do silêncio que vem depois? O silêncio é um e, sem ele, as palavras não poderiam ser ouvidas. Ele existe sempre – por trás das palavras. Transfira sua atenção das palavras para o silêncio e você o ouvirá. A mente anseia pela experiência, a memória da qual toma por conhecimento. O gnani está além de toda experiência e sua memória está vazia do passado. Ele está inteiramente alheio a qualquer coisa em particular. Mas a mente anseia por formulações e definições, sempre an-

siosa para espremer a realidade dentro de uma forma verbal. De tudo ela quer uma ideia, pois sem ideias a mente não existe. A realidade é essencialmente solitária, mas a mente não a deixará em paz – e no lugar dela trata com o irreal. E, ainda assim, é tudo o que a mente pode fazer – descobrir o irreal como irreal.

P: E ver o real como real?

M: Não há tal estado de visão do real. Quem existe para ver o quê? Você pode apenas ser o real, que você já é de qualquer maneira. O problema é apenas mental. Abandone as ideias falsas, isto é tudo. Não há nenhuma necessidade de ideias verdadeiras. Não há nenhuma.

P: Por que então somos encorajados a buscar o real?

M: A mente deve ter um propósito. Para encorajá-la a libertar-se do irreal, promete-se alguma coisa em troca. Na realidade, não há nenhuma necessidade de propósito. Ser livre do falso é bom por si mesmo, não precisa de recompensa. É como estar limpo – o que é sua própria recompensa.

P: O autoconhecimento não é a recompensa?

M: A recompensa do autoconhecimento é a liberdade do eu pessoal. Você não pode conhecer o conhecedor, pois você é o conhecedor. O fato de conhecer comprova o conhecedor. Você não precisa de outra prova. O conhecedor do conhecido não é cognoscível. Assim como a luz é conhecida somente nas cores, do mesmo modo o conhecedor se conhece no conhecimento.

P: O conhecedor é apenas uma inferência?

M: Você conhece seu corpo, mente e sentimentos. Você é apenas uma inferência?

P: Sou uma inferência para os outros, mas não para mim mesmo.

M: Assim eu sou. Uma inferência para você, mas não para mim mesmo. Conheço-me por ser eu mesmo. Exatamente como você sabe por si mesmo ser um homem sendo um. Você não continua lembrando a si mesmo que é um homem. É apenas quando sua humanidade é questionada que você a afirma. Similarmente, eu sei que sou tudo. Não preciso continuar repetindo: 'Eu sou tudo, Eu sou tudo'. Apenas quando você me toma por um indivíduo, uma pessoa, eu protesto. Como você é um homem todo o tempo, assim eu sou o que eu sou – todo o tempo. O que quer que você seja imutavelmente, isso é o que você é, além de toda a dúvida.

P: Quando eu pergunto como você sabe que você é um gnani, você responde: 'Não encontro nenhum desejo em mim. Isto não é uma prova?'

M: Estivesse cheio de desejos, ainda seria o que sou.

P: Eu mesmo, cheio de desejos, e você, cheio de desejos; que diferença haveria?

M: Você se identifica com seus desejos e se torna escravo deles. Para mim, os desejos são coisas entre outras coisas, meras nuvens no céu mental, e não me sinto forçado a agir sobre eles.

P: O conhecedor e seu conhecimento são um ou dois?

M: São ambos. O conhecedor é o não manifestado, o conhecido é o manifestado. O conhecido está sempre em movimento, ele muda, não tem forma própria, nenhum lugar para morar. O conhecedor é o apoio imutável de todo conhecimento. Um necessita do outro, mas a realidade está além. O gnani não pode ser conhecido porque não há ninguém para ser conhecido. Quando há uma pessoa, você pode falar algo sobre ela, mas quando não há nenhuma autoidentificação com o particular, o que pode ser dito? Você pode dizer qualquer coisa a um gnani, mas sua resposta sempre será: 'Sobre quem você está falando? Tal pessoa não existe'. Do mesmo modo que você não pode dizer nada sobre o universo porque ele inclui tudo, assim nada pode ser dito sobre o gnani, porque ele é tudo e, ainda assim, nada em particular. Você necessita de um gancho para pendurar seu quadro; quando não há gancho, em que será pendurado o quadro? Para localizar uma coisa você precisa de espaço, para estabelecer um evento você necessita de tempo; mas o eterno e ilimitado desafia todo tratamento. Faz todas as coisas perceptíveis e, ainda assim, está além da percepção. A mente não pode conhecer o que está além da mente, mas a mente é conhecida pelo que está além dela. O gnani não conhece nem nascimento nem morte; existência e não existência são a mesma para ele.

P: Quando seu corpo morre, você permanece.

M: Nada morre. O corpo apenas é imaginado. Não existe tal coisa.

P: Antes que passe outro século, você estará morto para tudo o que o rodeia. Seu corpo será coberto com flores, logo queimado e as cinzas espalhadas. Essa será nossa experiência. Qual será a sua?

M: O tempo chegará ao fim. Isto é chamado a Grande Morte (mahamrityu), a morte do tempo.

P: Quer dizer que o universo e seu conteúdo chegarão ao fim?

M: O universo é sua experiência pessoal. Como pode ser afetado? Você poderia ter estado dando uma conferência por duas horas; para onde ela foi quando terminou? Mergulhou no silêncio, onde o princípio, o meio e o fim da conferência estão todos juntos. O tempo parou, foi, mas não é mais. O silêncio depois de uma vida falando e o silêncio após uma vida de silêncio é o mesmo silêncio. A imortalidade é a liberdade do sentimento 'eu sou'. Ainda assim, não é extinção. Ao contrário, é um estado infinitamente mais real, ciente e feliz do que você possa possivelmente pensar. Apenas não existe mais a autoconsciência.

P: Por que a Grande Morte da mente coincide com a 'pequena morte' do corpo?

M: Não coincide! Você pode morrer cem mortes sem uma pausa no tumulto mental. Ou você pode manter seu corpo e morrer apenas na mente. A morte da mente é o nascimento da sabedoria.

P: A pessoa desaparece e apenas a testemunha permanece.

M: Quem permanece para dizer: 'Eu sou a testemunha'? Quando não há 'eu sou', onde está a testemunha? No estado atemporal não há eu em que se refugiar.

O homem que leva um pacote está ansioso para não perdê-lo – ele é pacote-consciente. O homem que alimenta o sentimento 'eu sou' é autoconsciente. O gnani não se apega a nada e não se pode dizer que seja consciente. Ainda assim, ele não é inconsciente. Ele é o próprio coração da Consciência. Nós o chamamos digambara, vestido de espaço, o Nu, além de toda a aparência. Não há nem nome nem forma sob a qual possa ser dito que exista, ainda assim ele é o único que verdadeiramente é.

P: Não posso compreender.

M: Quem pode? A mente tem seus limites. É o bastante levar você às próprias fronteiras do conhecimento e fazê-lo encarar a imensidão do desconhecido. Você é capaz de mergulhar nele.

P: E a respeito da testemunha? Ela é real ou irreal?

M: Ambos. O último remanescente da ilusão, o primeiro toque do real. Dizer: eu sou apenas a testemunha é, ao mesmo tempo, falso e verdadeiro; falso, por causa do 'eu sou', verdadeiro, devido à testemunha. É melhor dizer: 'Há testemunhar'. No momento que você diz 'eu sou', o universo inteiro surge juntamente com seu criador.

P: Outra pergunta: podemos visualizar a pessoa e o eu como dois irmãos, o pequeno e o grande? O irmão pequeno é perverso e egoísta, rude e inquieto, enquanto o grande é inteligente e gentil, razoável e solícito, livre da consciência do corpo com seus desejos e temores. O irmão maior conhece o pequeno, mas o pequeno ignora o grande e acredita estar inteiramente só. O Guru vem e diz ao menor: 'Você não está só, você vem de uma boa família, seu irmão é um homem extraordinário, sábio e gentil, e ele o ama muito. Lembre-se dele, pense nele, encontre-o, sirva-o, e você se tornará um com ele'. Agora, a pergunta é, há dois em nós, o pessoal e o individual, o eu falso e o eu verdadeiro, ou isto é apenas uma analogia?

M: Ambos. Eles parecem ser dois, mas ao investigar se vê que são um. A dualidade dura apenas enquanto não for examinada. A trindade de mente, eu e espírito (vyakti,vyakta, avyakta), quando investigada, torna-se unidade. Estes são apenas modos de experienciar apego, desapego e transcendência.

P: Seu pressuposto de que estamos em um sonho faz sua posição inexpugnável. A qualquer objeção que façamos, você nega sua validade. Não se pode discutir com você!

M: O desejo de discutir é também mero desejo. O desejo de conhecer, de ter o poder, mesmo o desejo de existir, são desejos apenas. Todos desejam ser, sobreviver, continuar, porque ninguém está certo de si mesmo. Mas todos são imortais. Você se faz mortal tomando-se pelo corpo.

P: Desde que você encontrou sua liberdade, não me dará um pouco dela?

M: Por que um pouco? Tome-a toda. Tome-a, existe para que a tomem. Mas você teme a liberdade!

P: Swami Ramdas teve que lidar com uma solicitação similar. Alguns devotos se reuniram em torno dele um dia e começaram a pedir a liberação. Ramdas escutou-os com um sorriso e, então, repentinamente, tornou-se sério e disse: Você pode tê-la, aqui e agora, uma liberdade absoluta e permanente. Quem a quiser que venha à frente. Ninguém se moveu. Três vezes ele repetiu a oferta. Ninguém aceitou. Então ele disse: 'A oferta está retirada'.

M: O apego destrói a coragem. O doador está sempre pronto para dar. O tomador está ausente. A liberdade significa abandonar. As pessoas não se interessam em abandonar tudo. Elas não sabem que o finito é o

preço do infinito, como a morte é o preço da imortalidade. A maturidade espiritual está na prontidão para deixar todas as coisas. Abandonar é o primeiro passo. Mas o real abandono está em perceber que não há nada para abandonar, porque nada é seu próprio. É como o sono profundo – você não abandona sua cama quando dorme – você apenas a esquece.

74
A VERDADE ESTÁ AQUI E AGORA

Pergunta: Minha pergunta é: Qual é a prova da verdade? Seguidores de cada religião, metafísica ou política, filosofia ou ética, estão convencidos de que a deles é a única verdade e que todas as outras são falsas; eles tomam, como prova da verdade, suas próprias inquebrantáveis convicções. 'Eu estou convencido, portanto deve ser verdadeiro', dizem eles. Parece-me que nenhuma filosofia ou religião, nenhuma doutrina ou ideologia, quão completa seja, e livre de contradições internas e emocionalmente atrativa, pode ser a prova de sua própria verdade. São como as roupas que o homem veste, as quais variam com o tempo e as circunstâncias, e seguem as tendências da moda.

Agora, pode haver uma religião ou filosofia que seja verdadeira e que não dependa da convicção de alguém? Nem das escrituras, pois estas também dependem da fé de alguém nelas. Há uma verdade que não dependa da confiança, que não seja subjetiva?

Maharaj: O que me diz da ciência?

P: A ciência é circular, acaba onde começa, com os sentidos. Ela lida com a experiência, e esta é subjetiva. Não há duas pessoas que possam ter a mesma experiência, embora possam expressá-la nas mesmas palavras.

M: Você deve buscar a verdade além da mente.

P: Senhor, eu estou farto de transes. Qualquer droga pode induzi-los fácil e rapidamente. Mesmo os clássicos samadhis, causados pela respiração ou exercícios mentais, não são muito diferentes. Existem samadhis de oxigênio, de dióxido de carbono e autoinduzidos, causados pela

repetição de uma fórmula ou por uma cadeia de pensamentos. A monotonia é soporífica.

Não posso aceitar o samadhi, quão glorioso seja, como uma prova da verdade.

M: O samadhi está além da experiência. É um estado sem qualidades.

P: A ausência de experiência é devida à desatenção. Ela reaparece com a atenção. Fechar os próprios olhos não refuta a luz. Atribuir realidade a estados negativos não nos levará longe. A própria negação contém uma afirmação.

M: De certo modo você está correto. Mas você não vê que pede uma prova da verdade sem explicar qual é a verdade que tem em mente e qual prova que o satisfará? Você pode provar qualquer coisa, desde que confie em sua prova. Mas o que provará que sua prova é verdadeira? Posso facilmente levá-lo a admitir que você sabe apenas que existe – que você é a única prova que pode ter de qualquer coisa. Mas eu não identifico a mera existência com a realidade. A existência é momentânea, sempre no tempo e no espaço, enquanto a realidade é imutável e universal.

P: Senhor, eu não sei o que é a verdade e o que pode prová-la. Não me lance sobre meus próprios recursos. Não tenho nenhum. Aqui você é o conhecedor da verdade, não eu.

M: Você recusa o testemunho como a prova da verdade; a experiência dos outros não serve para você, você rejeita toda inferência a partir das afirmações coincidentes de um vasto número de testemunhas independentes; desta forma, deve dizer-me qual é a prova que lhe vai satisfazer, qual é seu teste de uma prova válida?

P: Honestamente, não sei o que constitui uma prova.

M: Nem mesmo sua própria experiência?

P: Nem minha experiência, nem mesmo a existência. Elas dependem de meu ser consciente.

M: E seu ser consciente é dependente do quê?

P: Eu não sei. Anteriormente, eu diria: de meu corpo; agora posso ver que meu corpo é secundário, não primário, e não pode ser considerado como uma evidência de existência.

M: Estou contente que tenha abandonado a ideia Eu-sou-o-corpo, a principal fonte de erro e sofrimento.

P: Abandonei-a intelectualmente, mas o sentido de ser o particular, uma pessoa, está ainda comigo. Posso dizer que 'eu sou', mas o que eu sou eu não posso afirmar. Sei que existo, mas não sei o que existe. Não importa a maneira como o coloque, eu encaro o desconhecido.

M: Seu próprio ser é o real.

P: Certamente, não estamos falando da mesma coisa. Eu não sou algum ser abstrato. Sou uma pessoa limitada e consciente de suas limitações. Sou um fato, mas um fato quase insubstancial. Não há nada que eu possa construir em minha existência momentânea como pessoa.

M: Suas palavras são mais sábias que você! Como uma pessoa, sua existência é momentânea. Mas você é uma pessoa apenas? Você é, de algum modo, uma pessoa?

P: Como responder? Meu sentido de ser prova apenas que eu sou; não prova qualquer coisa que seja independente de mim. Sou relativo, criador e criatura do relativo. A prova absoluta da verdade absoluta – o que é? Onde está? O mero sentimento 'eu sou' pode ser a prova da realidade?

M: Certamente, não. 'eu sou' e 'o mundo é' estão relacionados e são condicionais. Existem devido à tendência da mente de projetar nomes e formas.

P: Nomes, formas, ideias e convicções, mas não a verdade. Se não fosse por você, eu teria aceitado a relatividade de todas as coisas, incluindo a verdade, e aprenderia a viver mediante suposições. Então o encontrei e o ouvi falando do Absoluto como dentro de meu alcance e também como supremamente desejável. Palavras como paz, felicidade, eternidade, imortalidade, captam minha atenção oferecendo a libertação da dor e do temor. Meus instintos inatos – a busca do prazer e a curiosidade – aparecem, e começo a explorar o mundo aberto por você. Tudo parece mais atrativo e, naturalmente, eu pergunto: É alcançável? É real?

M: Você é como uma criança que diz: Prove-me que o açúcar é doce e apenas então o tomarei. A prova da doçura está na boca, não no açúcar. Para saber se ele é doce, você deve prová-lo, não há outro meio. Certamente, você começa perguntando: É açúcar? É doce? E aceita minha garantia até prová-lo. Apenas então todas as dúvidas se desfazem e seu conhecimento torna-se de primeira mão e inabalável. Não lhe peço para acreditar em mim. Apenas confie o suficiente para começar. Cada passo prova ou refuta a si mesmo. Parece que você quer que a prova da verda-

de preceda a verdade. E qual será a prova da prova? Veja, você está incorrendo em regressão. Para cortá-la, deve parar de pedir provas e aceitar, por um momento apenas, alguma coisa como verdadeira. Não importa realmente o que seja. Pode ser Deus, o eu, ou seu próprio ser. Em cada caso, você aceita alguma coisa ou alguém desconhecido como verdadeiro. Agora, se você agir de acordo com a verdade que aceitou, mesmo por um momento, logo será levado ao passo seguinte. É como subir em uma árvore na escuridão – só pode agarrar-se ao galho seguinte quando estiver empoleirado no anterior. Na ciência, isto se chama acesso experimental. Para provar uma teoria, você realiza um experimento segundo as instruções operacionais deixadas por aqueles que realizaram o experimento antes de você. Na busca espiritual, a cadeia de experimentos que se deve realizar é chamada loga.

P: Há tantas logas, qual escolher?

M: Certamente, cada gnani sugerirá o caminho de sua própria realização como aquele que ele conhece mais intimamente. Mas a maioria deles é muito liberal e adapta seus conselhos às necessidades do indagador. Todos os caminhos o levam para a purificação da mente. A mente impura é opaca à verdade; a mente pura é transparente. A verdade pode ser vista através dela fácil e claramente.

P: Desculpe-me, mas pareço incapaz de transmitir minha dificuldade. Estou perguntado sobre a prova da verdade e estão me dando métodos para alcançá-la. Supondo que eu siga os métodos e atinja algum estado maravilhoso e desejável, como saberei que meu estado é verdadeiro? Cada religião começa com a fé e promete algum êxtase. É o êxtase do real ou o produto da fé? Pois, se for um estado induzido, eu não terei nada a ver com ele. Tome o Cristianismo que diz: Jesus é seu Salvador, creia e será salvo do pecado. Quando pergunto a um pecador cristão como é que ele não foi salvo do pecado apesar de sua fé em Cristo, ele me responde: Minha fé não é perfeita. Outra vez estamos em um círculo vicioso – sem uma fé perfeita – nenhuma salvação, sem salvação – nenhuma fé perfeita, por conseguinte, nenhuma salvação. São impostas condições que não se podem cumprir e então somos acusados de não cumpri-las.

M: Você não compreende que seu atual estado de vigília é um estado de ignorância. Sua pergunta sobre a prova da verdade nasce da ignorância da realidade. Você está contatando seus estados sensórios e mentais

na consciência, no ponto do 'eu sou', enquanto a realidade não é mediada, nem contatada ou experimentada. Tanto você toma a dualidade como verdade absoluta que você nem mesmo se dá conta dela, enquanto, para mim, a variedade e a diversidade não criam separação. Você imagina que a realidade está separada dos nomes e das formas, enquanto, para mim, os nomes e as formas são as expressões da realidade em constante transformação, e não algo separado dela. Você pede a prova da verdade enquanto, para mim, toda a existência é a prova. Você separa a existência do ser e o ser da realidade, enquanto, para mim, tudo é um. Por muito que esteja convencido da veracidade de seu estado de vigília, você não reivindica que ele seja permanente e imutável, como eu faço quando falo do meu. Mesmo assim, não vejo nenhuma diferença entre nós, exceto que você está imaginando coisas, enquanto eu não.

P: Primeiro você me desqualifica para perguntar sobre a verdade e logo me acusa de imaginação! O que é imaginação para você é realidade para mim.

M: Até que investigue. Não o estou acusando de nada. Só peço que pergunte sabiamente. Em vez de buscar a prova da verdade que você não conhece, examine as provas que tem do que você acredita conhecer. Você descobrirá que nada sabe com certeza – você confia em rumores. Para conhecer a verdade, você deve passar por sua própria experiência.

P: Estou mortalmente preocupado com os samadhis e outros transes, quaisquer que sejam suas causas. Uma bebida, uma fumaça, uma febre, uma droga, respiração, canto, agitação, giro, oração, sexo ou jejum, mantras ou alguma abstração vertiginosa podem desalojar-me de meu estado de vigília e dar-me alguma experiência, extraordinária por não ser familiar. Mas, quando cessa a causa, o efeito se desfaz e apenas a memória permanece, inesquecível, mas enfraquecida.

Deixemos de lado todos os meios e seus resultados, porque os resultados são limitados pelos meios; permita-nos uma pergunta novamente; a verdade pode ser encontrada?

M: Onde está a morada da verdade para que você possa entrar e buscá-la? E como você saberá que a encontrou? Que critério trará para examiná-la? Você está de volta à sua pergunta inicial: Qual é a prova da verdade? Deve existir alguma coisa errada com a própria pergunta, pois tende a repeti-la muitas vezes. Por que pergunta sobre as provas da verdade? Não é porque você não conhece a verdade em primeira mão e

teme ser enganado? Você imagina que a verdade é uma coisa que leva o nome 'verdade' e que seria vantajoso tê-la, desde que genuína. Daí o temor de ser enganado. Você está comprando a verdade, mas não confia nos comerciantes. Você teme as falsificações e imitações.

P: Não temo ser enganado. Temo enganar-me a mim mesmo.

M: Mas você está enganando a si mesmo ao ignorar seus verdadeiros motivos. Está pedindo a verdade, mas, de fato, meramente busca comodidade, a qual você quer que dure para sempre. Agora, nada, nenhum estado da mente pode durar para sempre. No tempo e no espaço sempre há um limite, pois o tempo e o espaço são limitados. E, no eterno, as palavras 'para sempre' não têm nenhum sentido. Nem tampouco 'a prova da verdade'. No domínio da não dualidade tudo é completo, sua própria prova, significado e propósito. Onde tudo é um, não é necessário apoio algum. Você imagina que a permanência é a prova da verdade, que o que dura mais é de algum modo mais verdadeiro. O tempo torna-se a medida da verdade. E, desde que o tempo está na mente, esta se torna o árbitro e busca dentro de si mesma a prova – uma tarefa totalmente impossível e sem esperança!

P: Senhor, se você dissesse que nada é verdadeiro, que tudo é relativo, eu concordaria com você. Mas você afirma que há verdade, realidade, conhecimento perfeito, portanto pergunto: O que é isto e como você o conhece? E o que me fará dizer: Sim, o Maharaj estava certo?

M: Você está se aferrando à necessidade de uma prova, um testemunho, uma autoridade. Você continua imaginando que a verdade necessita ser apontada e que digam a você: 'Olhe, aqui está a verdade'. Não é assim. A verdade não é o resultado de um esforço, o fim de um caminho. Está aqui e agora, no próprio anseio e em sua busca. Ela está mais próxima que o corpo e que a mente, mais perto que o sentido 'eu sou'. Você não a vê porque olha para muito longe de si mesmo, para fora de seu ser mais íntimo. Você objetivou a verdade e insiste em suas provas e testes estereotipados, que só se aplicam a coisas e pensamentos.

P: Tudo o que eu posso comprovar do que você diz é que a verdade está além de mim e que não estou qualificado para falar sobre ela.

M: Você não só está qualificado, como é a própria verdade. Apenas confunde o falso com o verdadeiro.

P: Você parece dizer: Não peça provas da verdade. Preocupe-se apenas com o falso.

M: A descoberta da verdade está no discernimento do falso. Você pode conhecer o que não é. O que é – você apenas pode ser. O conhecimento é relativo ao conhecido. De certo modo, ele é a contrapartida da ignorância. Onde não há ignorância, onde está a necessidade de conhecimento? Por si mesmos, nem ignorância nem conhecimento têm existência. Eles são apenas estados da mente, a qual, por sua vez, é apenas uma aparência de movimento na consciência que é, em sua essência, imutável.

P: A verdade está dentro do âmbito da mente ou além?

M: Em nenhum dos dois, e em ambos. Não pode ser posta em palavras.

P: Isto é o que eu ouço todo o tempo – o inefável (anirvachaniya). Isto não me faz mais sábio.

M: É verdade que, às vezes, o inefável abrange a pura ignorância. A mente pode operar com termos de sua própria fabricação, não pode simplesmente ir além de si mesma. Aquilo que não é sensório nem mental, e ainda assim sem o qual nem o sensório nem o mental podem existir, não pode estar contido neles. Entenda que a mente tem seus limites; para ir além, você deve permitir o silêncio.

P: Podemos dizer que a ação é a prova da verdade? Ela pode não ser verbalizada, mas pode ser demonstrada.

M: Nem ação nem inação. Ela está além de ambas.

P: Um homem pode dizer alguma vez: 'Sim, isto é verdadeiro'? Ou está limitado a negar o falso? Em outras palavras, é a verdade pura negação? Ou chega um momento em que se torna afirmação?

M: A verdade não pode ser descrita, mas pode ser experienciada.

P: A experiência é subjetiva, não pode ser compartilhada. Suas experiências me deixam onde estou.

M: A verdade pode ser experienciada, mas não é uma mera experiência. Eu a conheço e posso transmiti-la, mas apenas se você estiver aberto a ela. Estar aberto significa não querer nada mais.

P: Estou cheio de desejos e temores. Significa que não sou elegível para a verdade?

M: A verdade não é uma recompensa por bom comportamento, nem um prêmio por passar em alguns exames. Ela não pode ser produzida. É primária, é inata, a antiga origem de tudo que é. Você é elegível porque

é. Você não precisa merecer a verdade. Ela é sua. Apenas pare de afastar-se por persegui-la. Permaneça parado, esteja quieto.

P: Senhor, se você quer que meu corpo esteja parado e a mente – quieta, diga-me como isto é feito. Na Consciência, eu vejo o corpo e a mente se movimentando devido a causas além de meu controle. A hereditariedade e o meio ambiente dominam-me absolutamente. O poderoso 'eu sou', o criador do universo, pode ser apagado por uma droga, temporariamente, ou por uma gota de veneno – permanentemente.

M: Novamente, você está se tomando como o corpo.

P: Mesmo se eu dispensar este corpo de ossos, carne e sangue como não eu, ainda permanecerei com o corpo sutil feito de pensamentos e sentimentos, memórias e imaginações. Se eu dispensar estes também como não eu, ainda permanecerei com a consciência, a qual também é um tipo de corpo.

M: Você está totalmente certo, mas você não necessita parar aí. Vá além. Nem a consciência, nem o 'eu sou' no centro disto é você. Seu ser verdadeiro é inteiramente inconsciente de si mesmo, completamente livre de toda autoidentificação com o que quer que possa ser, seja grosseiro, sutil ou transcendental.

P: Posso imaginar-me além. Mas que prova eu tenho? Para ser, devo ser alguém.

M: É ao contrário. Para ser, você deve ser ninguém. Pensar-se como sendo alguma coisa, ou alguém, é morte e inferno.

P: Eu li que no Egito antigo as pessoas eram admitidas a alguns mistérios onde, sob a influência de drogas ou encantamentos, eram expelidas de seus corpos e podiam realmente experienciar o estar fora e olhar para suas formas prostradas. Isto pretendia convencê-las da realidade da existência após a morte e a criar nelas um interesse profundo por seu destino final, tão proveitoso para o estado e para o templo. A autoidentificação com a pessoa proprietária do corpo permanecia.

M: O corpo é feito de alimento, como a mente é feita de pensamentos. Veja-os como são. A não identificação, quando natural e espontânea, é a liberação. Você não precisa saber o que você é. Já é suficiente saber o que você não é. O que você é você nunca vai saber, pois cada descoberta revela novas dimensões a conquistar. O desconhecido não tem limites.

P: Isto implica uma ignorância eterna?

M: Significa que a ignorância nunca existiu. A verdade está em descobrir, não no descoberto. E, para descobrir, não há nem início nem fim. Questione os limites, vá além, imponha a si mesmo tarefas aparentemente impossíveis – este é o caminho.

75
EM PAZ E SILÊNCIO VOCÊ CRESCE

Pergunta: A tradição da Índia nos diz que o Guru é indispensável. Para que ele é indispensável? Uma mãe é indispensável para dar um corpo à criança. Mas ela não dá a alma. Seu papel é limitado. Como é com o Guru? Seu papel também é limitado e, se o é, a quê? Ou ele é via de regra indispensável, mesmo absolutamente?

Maharaj: A luz íntima, brilhando pacífica e eternamente no coração, é o Guru real. Todas as outras meramente mostram o caminho.

P: Não estou preocupado com o Guru interior, apenas com o que mostra o caminho. Há pessoas que acreditam que, sem um Guru, a Ioga é inacessível. Eles sempre estão na busca do Guru adequado, mudando de um para outro. De que valem tais Gurus?

M: Eles são apenas temporários, Gurus limitados pelo tempo. Você os encontra em todos os caminhos da vida. Você os necessita para adquirir algum conhecimento ou habilidade.

P: Uma mãe existe apenas por uma vida, ela começa no nascimento e acaba na morte. Ela não é para sempre.

M: Similarmente, o Guru limitado pelo tempo não é para sempre. Ele preenche seu propósito e cede seu lugar ao próximo. É totalmente natural e não há culpa nisto.

P: Para todo tipo de conhecimento ou habilidade, eu necessito um Guru diferente?

M: Não pode existir nenhuma regra nestes assuntos, exceto uma, 'o exterior é transitório, o mais íntimo é permanente e imutável', embora sempre seja novo em aparência e ação.

P: Qual a relação entre os Gurus interno e externo?

M: O externo representa o interno, o interno aceita o externo – por um tempo.

P: De quem é o esforço?

M: Do discípulo, certamente. O Guru externo dá as instruções, o interno envia a força; a aplicação alerta é do discípulo. Sem vontade, inteligência e energia por parte do discípulo, o Guru externo fica sem saída. O Guru interno oferece sua oportunidade. A obtusidade e as ocupações erradas produzem uma crise, e o discípulo desperta para sua própria condição. Sábio é o que não espera por um choque que pode ser muito rude.

P: É uma ameaça?

M: Não uma ameaça, uma advertência. O Guru interno não está comprometido com a não violência. Ele pode, às vezes, ser totalmente violento a ponto de destruir a personalidade obtusa ou pervertida. O sofrimento e a morte, como a vida e a felicidade, são suas ferramentas de trabalho. É apenas na dualidade que a não violência torna-se uma lei unificadora.

P: Deve-se ter medo de seu próprio eu?

M: Medo não, porque o eu significa o bem. Mas deve ser seriamente levado em consideração. Ele pede sua atenção e obediência; e, quando não é ouvido, passa da persuasão à compulsão, pois, embora possa esperar, não deverá ser negado. A dificuldade não está com o Guru, interno ou externo. O Guru sempre está disponível. O que está faltando é o discípulo maduro. Quando a pessoa não está pronta, o que pode ser feito?

P: Pronta ou disposta?

M: As duas coisas. Vêm a ser o mesmo. Na Índia, o chamamos adhikari. Significa ambas as coisas, capaz e autorizado.

P: O Guru externo pode conceder a iniciação (diksha)?

M: Ele pode dar todo tipo de iniciações, mas a iniciação à realidade deve vir de dentro.

P: Quem dá a última iniciação?

M: É autoconcedida.

P: Sinto que estamos nos movendo em círculos. Depois de tudo, só conheço um único eu, o presente, o eu empírico. O eu interior ou superior é apenas uma ideia concebida para explicar e encorajar. Falamos dele como se tivesse uma existência independente. Não a tem.

M: O eu interno e o externo são imaginados. A obsessão de ser um 'eu' necessita outra obsessão com um 'super eu' para ser curada, como se necessita outro espinho para remover um espinho, ou outro veneno para neutralizar um veneno. Toda afirmação exige uma negação, mas este é apenas o primeiro passo. O próximo é ir além de ambas.

P: Entendo que o Guru externo é necessário para chamar minha atenção para mim mesmo e para a urgente necessidade de fazer algo a meu respeito. Também compreendo quão desamparado ele está no que diz respeito a qualquer mudança profunda em mim. Mas aqui você introduz o sadguru, o Guru interior, sem princípio, imutável, a raiz do ser, a constante promessa, a meta certa. Ele é um conceito ou uma realidade?

M: Ele é a única realidade. Tudo o mais é sombra, moldada pelo corpo-mente (deha-buddhi) sobre a face do tempo. Certamente, mesmo uma sombra está relacionada com a realidade, mas por si mesma ela não é real.

P: Sou a única realidade que conheço. O sadguru existe enquanto eu pensar nele. O que ganho desviando a realidade para ele?

M: Sua perda é seu ganho. Quando a sombra é vista apenas como sombra, você para de persegui-la. Você se vira e descobre o sol que estava ali o tempo todo, atrás de suas costas!

P: O Guru interior também ensina?

M: Ele concede a convicção de que você é o eterno, o imutável, realidade-consciência-amor, dentro e além de todas as aparências.

P: Uma convicção não é o bastante. Deve haver certeza.

M: Exatamente. Mas, neste caso, a certeza toma a forma de coragem. O medo cessa absolutamente. Este estado de coragem é tão inequivocamente novo e, ainda assim, sentido tão profundamente como próprio, que não pode ser negado. É como amar o próprio filho. Quem pode duvidar disto?

P: Ouvimos falar de progresso em nossos esforços espirituais. Que tipo de progresso você tem em mente?

M: Quando você for além do progresso, você saberá o que o progresso é.

P: O que nos faz progredir?

M: O silêncio é o fator principal. Em paz e silêncio você cresce.

P: A mente é tão absolutamente inquieta. Para aquietá-la, qual é o caminho?

M: Confie no mestre. Considere meu próprio caso. Meu Guru ordenou-me que me ocupasse com o sentido 'eu sou' e a não dar atenção a nada mais. Eu apenas obedeci. Não segui nenhum curso particular de respiração ou de meditação, ou estudo das escrituras. O que quer que acontecesse, eu afastaria minha atenção e permaneceria com o sentido 'eu sou'; isto pode parecer muito simples, mesmo rude. Minha única razão para fazê-lo era que meu Guru me havia dito assim. Mas funcionou! A obediência é um poderoso solvente de todos os desejos e temores.

Apenas afaste-se de tudo que ocupa a mente; faça qualquer trabalho que tenha que completar, mas evite novas obrigações; mantenha-se vazio, disponível, não resista ao inesperado.

No final você alcançará um estado de não apreensão, de alegre desapego, de tranquilidade e liberdade interior indescritível e, ainda assim, maravilhosamente real.

P: Quando um buscador da verdade pratica seriamente suas logas, seu Guru interior o guia e ajuda ou o deixa a seus próprios recursos, simplesmente esperando o resultado?

M: Tudo acontece por si mesmo. Nem o buscador, nem o Guru fazem nada. As coisas acontecem como elas acontecem; culpa ou louvor são repartidos mais tarde, depois do aparecimento do sentido de autoria.

P: Que estranho! Seguramente o autor vem antes do ato.

M: É ao contrário; o ato é o fato, o autor, um mero conceito. Sua própria linguagem mostra que, enquanto o ato seja certo, o autor é dúbio; desviar a responsabilidade é um jogo peculiarmente humano. Considerando a interminável lista de fatores requeridos para que qualquer coisa aconteça, pode-se apenas admitir que tudo é responsável por tudo, quão remoto seja. A autoria é um mito nascido da ilusão do 'eu' e do 'meu'.

P: Quão poderosa a ilusão!

M: Sem dúvida, porque está baseada na realidade.

P: O que tem de real nela?

M: Descubra pelo discernimento e rejeitando tudo o que é irreal.

P: Não entendi bem o papel do eu interno no esforço espiritual. Quem faz o esforço? É o eu externo ou o interno?

M: Você inventou palavras tais como esforço, interno, externo, eu, etc., e busca impô-las à realidade. As coisas apenas acontecem como elas são, mas queremos construí-las dentro de um padrão estabelecido pela estrutura de nossa linguagem. Tão forte é este hábito, que tendemos

a negar realidade ao que não pode ser verbalizado. Nós apenas recusamos ver que as palavras são meros símbolos relacionados, por convenção e hábito, a experiências repetidas.

P: Qual o valor dos livros espirituais?

M: Ajudam a dissipar a ignorância. São úteis no início, mas se tornam obstáculos no fim. Deve-se saber quando descartá-los.

P: Qual é a ligação entre atma e sattva, entre o eu e a harmonia universal?

M: Como entre o sol e seus raios. A harmonia e a beleza, a compreensão e o afeto são todos expressões da realidade. O impacto do espírito sobre a matéria é a realidade em ação. Tamas obscurece, rajas distorce, sattva harmoniza. Com a maturidade de sattva acabam todos os desejos e temores. O Ser real se reflete na mente não distorcida. A matéria é redimida, o espírito, revelado. Os dois são vistos como um. Sempre foram um, mas a mente imperfeita os via como dois. A tarefa do homem é aperfeiçoar a mente, pois a matéria e o espírito se encontram nela.

P: Sinto-me como um homem diante de uma porta. Sei que a porta está aberta, mas guardada pelos cães do desejo e do medo. O que devo fazer?

M: Obedeça ao mestre e desafie os cães. Comporte-se como se eles não estivessem ali. Novamente, a obediência é a regra dourada. A liberdade é ganha pela obediência. Para escapar da prisão, deve-se obedecer inquestionavelmente às instruções enviadas por aqueles que trabalham pela libertação.

P: As palavras do Guru, quando meramente ouvidas, têm pouco poder. Deve-se ter fé para obedecê-las. O que cria tal fé?

M: Quando chega a hora, chega a fé. Tudo vem a seu tempo. O Guru está sempre pronto para compartilhar, mas não existem tomadores.

P: Sim, Sri Ramana Maharshi dizia: Gurus existem muitos, mas onde estão os discípulos?

M: Bem, no curso do tempo tudo acontece. Todos alcançarão a vitória, nem uma simples alma (jiva) será perdida.

P: Tenho muito medo de confundir a compreensão intelectual com a realização. Posso falar da verdade sem conhecê-la, e posso conhecê-la sem dizer uma única palavra.

Entendi que estas conversas serão publicadas. Qual será seu efeito sobre o leitor?

M: No leitor atento e ponderado elas amadurecerão e produzirão flores e frutos. As palavras baseadas na verdade, se totalmente examinadas, têm seu próprio poder.

76
SABER QUE VOCÊ NÃO SABE É O CONHECIMENTO VERDADEIRO

Maharaj: Há o corpo. Dentro do corpo, parece existir um observador e, fora, um mundo sob observação. O observador e sua observação, assim como o mundo observado, aparecem e desaparecem juntos. Além de tudo isto, há o vazio. Este vazio é um para todos.

Pergunta: O que você diz parece simples, mas não todos o diriam. É você, e só você, que fala dos três e do vácuo além. Eu só vejo o mundo, o qual inclui tudo.

M: Mesmo o 'eu sou'?

P: Mesmo o 'eu sou'. O 'eu sou' existe porque o mundo existe.

M: E o mundo existe porque o 'eu sou' existe.

P: Sim, é dos dois modos. Não posso separar os dois, nem ir além. Não posso dizer que alguma coisa é, a menos que a experiencie, assim como não posso dizer que algo não é, porque não o experienciei. O que é isto que você experiencia e que o faz falar com tanta segurança?

M: Conheço-me como sou – atemporal, sem limites, sem causa. Acontece que você não conhece, estando absorvido como está em outras coisas.

P: Por que estou tão absorvido?

M: Porque você está interessado.

P: O que me faz interessado?

M: O medo da dor, o desejo pelo prazer. Agradável é o fim da dor e doloroso é o fim do prazer. Eles se alternam em uma sucessão sem fim. Investigue o círculo vicioso até que você se encontre além dele.

P: Eu não preciso que sua graça me leve além?

M: A graça de sua Realidade Interior está atemporalmente com você. Seu próprio pedido de graça é um sinal dela. Não se preocupe por minha

graça, mas faça o que lhe foi falado. A prova da seriedade é o fazer, não a expectativa da graça.

P: Sobre o que devo ser sério?

M: Investigue assiduamente tudo que cruze seu campo de atenção. Com a prática, o campo se ampliará e a investigação será aprofundada, até que se convertam em espontâneos e ilimitados.

P: Você não está fazendo da realização o resultado da prática? A prática opera dentro das limitações da existência física. Como poderia dar nascimento ao ilimitado?

M: Certamente, não pode existir nenhuma conexão causal entre a prática e a sabedoria. Mas os obstáculos à sabedoria são profundamente afetados pela prática.

P: Quais são os obstáculos?

M: As ideias erradas e os desejos levam às ações incorretas, causando dissipação e fraqueza do corpo e da mente. A descoberta e o abandono do falso removem o que impede o real de entrar na mente.

P: Posso distinguir dois estados mentais: 'eu sou' e 'o mundo é'; eles surgem e declinam juntos. As pessoas dizem: 'Eu sou, porque o mundo é'. Você parece dizer: 'O mundo é, porque eu sou'. Qual é o verdadeiro?

M: Nenhum. Os dois são um e o mesmo estado, no espaço e no tempo. Além, há o atemporal.

P: Qual é a conexão entre o tempo e o atemporal?

M: O atemporal conhece o tempo, o tempo não conhece o atemporal. Toda consciência está no tempo e, para ela, o atemporal aparece como inconsciente. Ainda assim, é o que torna possível a consciência. A luz brilha na escuridão. Na luz, a escuridão não é visível. Ou você pode colocar de outro modo, no oceano infinito de luz aparecem nuvens de consciência, obscuras e limitadas, perceptíveis por contraste. Essas são meras tentativas de expressar em palavras algo muito simples, mas totalmente inefável.

P: As palavras devem servir como ponte para atravessar.

M: As palavras se referem ao estado da mente, não à realidade. O rio, as duas margens, a ponte que o cruza – todos estão na mente. Só as palavras não o podem levar além da mente. Deve existir um desejo imenso pela verdade, ou a fé absoluta no Guru. Acredite em mim, não há meta nem maneira de alcançá-la. Você é o caminho e a meta, não há nada mais a alcançar exceto a si mesmo. Tudo o que você necessita é com-

preender, e o entendimento é o florescimento da mente. A árvore é perene, mas o florescimento e a frutificação chegam com a estação. As estações mudam, mas a árvore não. Você é a árvore. Você desenvolveu inumeráveis folhas e ramos no passado e pode desenvolvê-los também no futuro – ainda assim você permanece. O que deve conhecer não é o que foi ou será, mas o que é. É seu desejo que cria o universo. Conheça o mundo como sua própria criação e seja livre.

P: Você diz que o mundo é o filho do amor. Ao conhecer os horrores dos quais o mundo está cheio, as guerras, os campos de concentração, a exploração desumana, como poderia assumi-lo como minha própria criação? Por muito limitado que seja, não poderia ter criado um mundo tão cruel.

M: Descubra a quem este mundo cruel aparece e você saberá por que parece tão cruel. Suas perguntas são perfeitamente legítimas, mas não podem ser respondidas a menos que você saiba de quem é o mundo. Para descobrir o significado de uma coisa, você deve perguntar a seu criador. Estou lhe dizendo: Você é o criador do mundo no qual você vive – só você pode mudá-lo ou desfazê-lo.

P: Como você pode dizer que eu fiz o mundo? Quase não o conheço.

M: Não há nada no mundo que você não possa conhecer quando conhece a si mesmo. Ao pensar em você mesmo como sendo o corpo, você conhece o mundo como uma coleção de coisas materiais. Quando você se conhece como o centro da consciência, o mundo aparece como o oceano da mente. Quando você se conhece como é na realidade, conhece o mundo como a si mesmo.

P: Tudo soa muito bonito, mas não responde a minha pergunta. Por que há tanto sofrimento no mundo?

M: Se você permanecer à distância, apenas como observador, não sofrerá. Você verá o mundo como um espetáculo, o mais divertido espetáculo certamente.

P: Oh, não! Não aceitarei esta teoria da lila. O sofrimento é por demais agudo e está em toda parte. Que perversão é divertir-se com o espetáculo do sofrimento! Que Deus cruel você está me oferecendo!

M: A causa do sofrimento está na identificação do percebedor com o percebido. Como resultado disto nasce o desejo e, com o desejo, a ação cega, sem consideração dos resultados. Olhe ao redor e verá – o sofrimento é algo criado pelo homem.

P: Se um homem criasse seu próprio sofrimento apenas, eu concordaria com você. Mas, em sua estupidez, ele faz com que outros sofram. Um sonhador tem seu próprio pesadelo privado e ninguém sofre exceto ele próprio. Mas que tipo de sonho é este que causa destruição nas vidas dos outros?

M: As descrições são muitas e contraditórias. A realidade é simples – tudo é um, a harmonia é a lei eterna, ninguém obriga a sofrer. É apenas quando você tenta descrever e explicar que as palavras falham.

P: Lembro que Gandhiji uma vez me disse que o Eu não está sujeito à lei da não violência (ahimsa). O Eu tem a liberdade de impor sofrimento sobre suas expressões para colocá-las em ordem.

M: No nível da dualidade pode ser que seja assim, mas, na realidade, há apenas a fonte, obscura em si mesma, fazendo tudo brilhar. Imperceptível, causa a percepção. Não sentida, causa o sentimento. Impensável, causa o pensamento. Não sendo, dá nascimento ao ser. É o fundamento imóvel do movimento. Uma vez ali, você está em casa em todo lugar.

P: Se eu sou aquilo, então o que causou meu nascimento?

M: A recordação dos desejos passados não satisfeitos arma a cilada da energia, a qual se manifesta como uma pessoa. Quando sua carga se esgota, a pessoa morre. Os desejos não preenchidos são levados para o próximo nascimento. A autoidentificação com o corpo cria desejos sempre frescos e não há fim para eles, a menos que este mecanismo de escravidão seja visto claramente. É a claridade que liberta, pois você não pode abandonar o desejo, a menos que suas causas e efeitos sejam claramente vistos. Eu não digo que a mesma pessoa renasça. Ela morre, e morre para sempre. Mas suas memórias permanecem, assim como seus desejos e temores. Eles proporcionam a energia para uma nova pessoa. O real não toma parte nisto, mas o torna possível ao dar-lhe a luz.

P: Minha dificuldade é esta. Segundo o que posso ver, cada experiência é sua própria realidade. Ela existe – experienciada. No momento em que a questiono e pergunto a quem ela acontece, quem é o observador e assim por diante, a experiência termina e tudo o que eu posso investigar é apenas sua lembrança. Simplesmente não posso investigar o momento presente – o agora. Minha Consciência é do passado, não do presente. Quando estou consciente, realmente não vivo no agora, mas apenas no passado. Pode haver realmente uma Consciência do presente?

M: O que você está descrevendo não é Consciência de modo algum, mas apenas pensamento sobre a experiência. A verdadeira Consciência (samvid) é o estado de puro testemunhar, sem a menor tentativa de fazer qualquer coisa sobre o fato testemunhado. Seus pensamentos e sentimentos, palavras e ações podem também ser uma parte do evento; você observa a tudo sem interesse, na plena luz da claridade e do entendimento. Você entende precisamente o que está acontecendo, porque isto não o afeta. Pode parecer uma atitude de frio distanciamento, mas não é realmente assim. Uma vez que você esteja nele, você descobrirá que ama o que você vê, qualquer que seja sua natureza. Este amor sem escolha é o critério da Consciência. Se ele não está ali, você está meramente interessado, por algumas razões pessoais.

P: Enquanto há dor e prazer, se é obrigado a estar interessado.

M: E, enquanto se for consciente, haverá dor e prazer. Você não pode lutar contra a dor e o prazer no nível da consciência. Para ir além deles, você deve ir além da consciência, o que só é possível quando você olhar para a consciência como algo que acontece a você, e não em você, como algo externo, alheio, sobreposto. Então, de repente você está livre da consciência, realmente sozinho, sem nada se intrometendo. E esse é o seu verdadeiro estado. A consciência é uma erupção cutânea, um comichão que faz você se coçar. Claro, você não pode sair da consciência, pois a ideia de pular fora dela acontece dentro da própria consciência. Mas se você aprender a olhar para a sua consciência como uma espécie de febre, pessoal e privada, na qual você está incluído como um pinto em seu ovo, a partir dessa atitude virá a crise que quebrará a casca.

P: Buda disse que a vida é sofrimento.

M: Ele deve ter pretendido dizer que toda consciência é dolorosa, o que é óbvio.

P: E a morte oferece a liberação?

M: O que se crê ter nascido teme muito a morte. Por outro lado, para aquele que se conhece verdadeiramente, a morte é um evento feliz.

P: A tradição hindu diz que o sofrimento é trazido pelo destino, e que o destino é merecido. Olhe para as imensas calamidades, naturais ou produzidas pelo homem, as inundações e terremotos, guerras e revoluções. Podemos atrever-nos a pensar que cada um sofre por seus próprios pecados dos quais não pode ter nenhuma ideia? Os bilhões que sofrem são todos criminosos justamente castigados?

M: Deve-se sofrer apenas pelos próprios pecados? Estamos realmente separados? Neste vasto oceano da vida sofremos pelos pecados dos outros, e fazemos que os outros sofram por nossos pecados. Certamente, a lei do equilíbrio governa suprema e a conta é acertada no fim. Mas, enquanto a vida durar, afetamos uns aos outros profundamente.

P: Sim, como diz o poeta: "Nenhum homem é uma ilha".

M: Por trás de cada experiência está o Eu e seu interesse na experiência. Chame-o desejo, chame-o amor – as palavras não importam.

P: Posso desejar o sofrimento? Posso deliberadamente pedir a dor? Não sou como o homem que fez para si mesmo uma cama macia esperando ter uma boa noite de sono, e que, então, é visitado por um pesadelo e se agita e grita no sonho? Sem dúvida, não é o amor que produz pesadelos.

M: Todo sofrimento é causado pelo isolamento egoísta, pela estreiteza de horizontes e pela ganância. Quando a causa do sofrimento for vista e removida, o sofrimento cessará.

P: Posso eliminar minhas causas da aflição, mas os outros estarão abandonados ao sofrimento.

M: Para entender o sofrimento, você deve ir além da dor e do prazer. Seus próprios desejos e medos o impedem de entender e, com isso, de ajudar os outros. Na realidade não há outros e, por ajudar a si mesmo, você ajuda todos os demais. Se você é sério a respeito do sofrimento da humanidade, você deve aperfeiçoar o único meio de ajuda que tem – você mesmo.

P: Você continua dizendo que eu sou o criador, preservador e destruidor deste mundo, onipresente, onisciente, onipotente. Quando reflito sobre o que você diz, pergunto-me: 'Como há tanto mal em meu mundo?'

M: Não há mal algum, não há sofrimento; a alegria de viver é suprema. Veja como tudo se apega à vida, quão querida é a existência.

P: Na tela de minha mente, as imagens seguem umas às outras em uma sucessão sem fim. Não há nada permanente sobre mim.

M: Olhe-se melhor para si mesmo. A tela existe – ela não muda. A luz brilha firmemente. Apenas o filme segue se movendo e causa a aparição das imagens. Você pode chamar o filme de destino (prarabdha).

P: O que cria o destino?

M: A ignorância é a causa da inevitabilidade.

P: Ignorância do quê?

M: Primariamente, a ignorância de você mesmo. Também, a ignorância da verdadeira natureza das coisas, de suas causas e efeitos. Você olha ao redor sem compreender e toma as aparências pela realidade. Você acredita que conhece o mundo e a si mesmo – mas é apenas sua ignorância que o faz dizer: Eu sei. Comece com a admissão de que não sabe e comece daí.

Não há nada que possa ajudar o mundo mais que o fim que você dá à sua ignorância. Então, você não necessita fazer nada em particular para ajudar o mundo. Seu próprio ser é uma ajuda, aja ou não.

P: Como a ignorância pode ser conhecida? Conhecer a ignorância pressupõe conhecimento.

M: Totalmente correto. A própria admissão: 'Sou ignorante' é o amanhecer do conhecimento. Um homem ignorante é ignorante de sua ignorância. Você pode dizer que a ignorância não existe, pois, no momento em que ela é vista, deixa de ser. Portanto, você pode chamá-la inconsciência ou cegueira. Tudo o que vê ao redor e dentro de você é o que você não conhece e não entende, sem mesmo saber que você não conhece nem entende. Saber que você não sabe e não entende é o conhecimento verdadeiro, o conhecimento de um coração humilde.

P: Sim, Cristo disse: Abençoados são os pobres de espírito...

M: Coloque-o como quiser; o fato é que o conhecimento é da ignorância apenas. Você sabe que não sabe.

P: A ignorância nunca terminará?

M: O que há de errado com não saber? Você não necessita saber tudo. Basta saber o que necessita saber. O resto pode cuidar de si mesmo, sem que você saiba como o faz. O importante é que seu inconsciente não trabalhe contra o consciente, que haja integração em todos os níveis. Conhecer não é muito importante.

P: O que você diz é psicologicamente correto. Mas, quando se trata de conhecer os demais, de conhecer o mundo, meu saber que não sei não ajuda muito.

M: Uma vez que esteja internamente integrado, o conhecimento externo vem espontaneamente a você. A cada momento de sua vida você sabe o que necessita saber. No oceano da mente universal está contido todo o conhecimento; de acordo com o pedido, ele será seu. A maioria dele pode não ser necessário conhecer jamais – mas é seu mesmo assim.

Como é com o conhecimento, assim é com o poder.

Qualquer coisa que você sinta que é necessário fazer acontecerá infalivelmente. Sem dúvida, Deus toma conta deste negócio de dirigir o universo; mas ele se alegra em ter alguma ajuda. Quando o ajudante for desinteressado e inteligente, todos os poderes do universo estarão à sua disposição.

P: Inclusive os cegos poderes da natureza?

M: Não há cegos poderes. A consciência é poder. Esteja consciente do que necessita ser feito e será feito. Apenas mantenha-se alerta – e quieto. Uma vez que alcance seu destino e conheça sua natureza real, sua existência tornar-se-á uma benção para todos. Você pode não saber, nem o saberá o mundo, ainda assim a ajuda irradiará. Há pessoas no mundo que fazem maior bem que todos os estadistas e filantropos juntos. Irradiam luz e paz sem intenção ou conhecimento. Quando outros lhes falam dos milagres que fizeram, elas também ficam surpresas. Ainda assim, ao não os tomar como próprios, nem se sentem orgulhosas nem anseiam por reputação. Simplesmente, são incapazes de desejar algo para si mesmas, nem sequer a alegria de ajudar os demais; sabendo que Deus é bom, elas estão em paz.

77
'EU' E 'MEU' SÃO IDEIAS FALSAS

Pergunta: Estou muito apegado a minha família e minhas posses. Como posso dominar este apego?

Maharaj: Este apego nasce junto com o sentido de 'eu' e 'meu'. Ache o verdadeiro significado destas palavras e se libertará de toda escravidão. Você tem uma mente que está estendida no tempo. Uma após outra, ocorrem-lhe todas as coisas, e a recordação permanece. Não há nada de errado nisto. O problema surge apenas quando a recordação das dores e dos prazeres passados – que são essenciais para toda vida orgânica – permanece como um reflexo, dominando o comportamento. Este reflexo toma a forma do 'eu' e usa o corpo e a mente para seus propósitos, os quais, invariavelmente, consistem em buscar o prazer ou fugir da dor.

Quando reconhecer o 'eu' tal como é, um feixe de temores e desejos, e o sentido do 'meu' como algo que abrange todas as coisas e pessoas necessárias para o propósito de evitar a dor e assegurar o prazer, você verá que 'eu' e 'meu' são ideias falsas, não fundamentadas na realidade. Criados pela mente, governam seu criador enquanto este os toma como verdadeiros; quando questionados, dissolvem-se.

O 'eu' e o 'meu', tendo nenhuma existência neles mesmos, necessitam do suporte que é encontrado no corpo. O corpo se converte em um ponto de referência. Quando você fala de 'meu' esposo e de 'meus' filhos, quer dizer esposo do corpo e filhos do corpo. Abandone a ideia de ser o corpo e encare a pergunta: Quem sou eu? Imediatamente será posto em marcha o processo que trará de volta a realidade, ou melhor, que levará a mente à realidade. Só não deve ter medo.

P: De que devo ter medo?

M: Para que a realidade seja, as ideias de 'eu' e 'meu' deverão desaparecer. Elas desaparecerão se você permitir. Então seu estado normal e natural reaparece; nele você não é nem o corpo nem a mente, nem o 'eu' nem o 'meu', mas está num estado totalmente diferente de ser. É a pura Consciência de ser, sem ser isso ou aquilo, sem qualquer autoidentificação com nada em particular ou em geral. Nesta pura luz da consciência não há nada, nem sequer a ideia de nada. Há apenas luz.

P: Há pessoas a quem amo. Eu devo abandoná-las?

M: Apenas desista de possuí-las. O resto depende delas. Elas podem perder o interesse em você ou não.

P: Como poderiam? Não me pertencem?

M: Pertencem ao seu corpo, não a você. Ou melhor, não há ninguém que não pertença a você.

P: E quanto às minhas posses?

M: Quando o 'meu' não existe mais, onde estão suas posses?

P: Por favor, diga-me, devo perder tudo ao perder o 'eu'?

M: Pode ser que sim ou que não. Para você, será tudo a mesma coisa. Sua perda será o ganho de outro. Você não vai se importar.

P: Se não me importar, perderei tudo!

M: Uma vez sem nada, você não tem problemas.

P: Permanecerei com o problema da sobrevivência.

M: É problema do corpo e o resolverá comendo, bebendo e dormindo. Há bastante para todos, desde que todos compartilhem.

P: Nossa sociedade está baseada em apropriar-se de coisas, não em compartilhar.

M: Por compartilhar, você a mudará.

P: Não sinto que queira compartilhar. De qualquer modo, estou sendo tributado além de minhas posses.

M: Isto não é o mesmo que compartilhar voluntariamente. A sociedade não mudará mediante a compulsão. Requer uma mudança de coração. Compreenda que nada é seu, que tudo pertence a todos. Só então a sociedade mudará.

P: A compreensão de um único homem não levará o mundo mais longe.

M: O mundo em que você vive será afetado profundamente. Será um mundo sadio e feliz, que irradiará e comunicará, aumentará e se estenderá. O poder do coração verdadeiro é imenso.

P: Por favor, fale-nos mais.

M: Falar não é meu passatempo predileto. Às vezes falo, outras não. Meu falar, ou não falar, é uma parte de uma dada situação e não depende de mim. Quando há uma situação em que devo falar, ouço-me falando. Em alguma outra situação, pode ser que não me ouça falando. Para mim, tudo é igual. Fale ou não, a luz e o amor de ser o que sou não são afetados, nem estão sob meu controle. Eles são e sei que são. Há uma Consciência alegre, mas não alguém que esteja alegre. Certamente, há um sentido de identidade, mas é a identidade de um vestígio de memória, como a identidade de uma sequência de imagens na tela sempre presente. Sem a luz e a tela não pode haver imagem. Conhecer a imagem como o jogo da luz sobre a tela libera da ideia de que a imagem é real. Tudo o que deve fazer é compreender que você ama o self e o self o ama, e que o sentido 'eu sou' é a conexão entre ambos, um sinal de identidade, apesar da aparente diversidade. Olhe para o 'eu sou' como um sinal de amor entre o interno e o externo, o real e o aparente. Do mesmo modo que em um sonho tudo é diferente, exceto o sentido de 'eu' que lhe permite dizer 'eu sonhei', assim o sentido de 'eu sou' lhe permite dizer 'Eu sou meu Ser real novamente. Não faço nada, nem nada fazem a mim. Eu sou o que sou e nada pode afetar-me. Parece que eu dependo de tudo, mas, de fato, tudo depende de mim'.

P: Como posso dizer que você não faz nada? Não está falando para mim?

M: Não tenho o sentimento de que estou falando. A conversa está acontecendo, isto é tudo.

P: Eu falo.

M: Você fala? Você se ouve falando e diz: Eu falo.

P: Todos dizem: 'Eu trabalho, eu chego, eu vou'.

M: Não tenho objeção às convenções de sua linguagem, mas elas distorcem e destroem a realidade. Um modo mais exato de dizer seria: 'Há conversa, trabalho, chegadas e partidas'. Para que algo aconteça, todo o universo deve coincidir. É incorreto crer que algo em particular possa causar um evento. Cada causa é universal. Seu próprio corpo não existiria sem o universo inteiro contribuindo para sua criação e sobrevivência. Sou totalmente consciente de que as coisas acontecem como acontecem porque o mundo é como é. Para afetar o curso dos eventos, devo introduzir um fator novo no mundo, e tal fator só pode ser eu mesmo, o poder do amor e da compreensão enfocados em mim.

Quando o corpo nasce, ocorre-lhe todo tipo de coisas e você toma parte nelas porque toma a si mesmo pelo corpo. Você é como o homem no cinema, rindo e chorando com as imagens, embora saiba perfeitamente bem que está todo o tempo sentado em sua poltrona, e que o filme é só o jogo de luz. Basta desviar a atenção da tela para si mesmo para romper o encanto. Quando o corpo morre, o tipo de vida que você leva agora – uma sucessão de fatos físicos e mentais – acaba. Pode mesmo acabar agora – sem esperar a morte do corpo –, basta desviar a atenção para o Eu e mantê-la lá. Tudo acontece como se houvesse um poder misterioso que cria e move todas as coisas. Compreenda que você não é o que move, só o observador, e você estará em paz.

P: Este poder está separado de mim?

M: Claro que não. Mas você deve começar sendo o observador desapaixonado. Só então compreenderá seu pleno ser como o amante e o ator universais. Enquanto estiver enredado nas tribulações de uma personalidade particular, não pode ver nada além dela. Mas, finalmente, você chegará a ver que não é nem o particular nem o universal, que você está além de ambos. Como a minúscula ponta do lápis que pode traçar inúmeras imagens, assim também o ponto sem dimensão da Consciência traça os conteúdos do vasto universo. Encontre esse ponto e seja livre.

P: De que criei este mundo?

M: De suas próprias recordações. Enquanto ignorar-se a si mesmo como criador, seu mundo será limitado e repetitivo. Uma vez que você vá além da autoidentificação com o passado, é livre para criar um mundo de harmonia e beleza. Ou você simplesmente permanece – além do ser e do não ser.

P: O que me restará se abandono minhas recordações?

M: Não restará nada.

P: Tenho medo.

M: Você terá medo até que experimente a liberdade e suas bênçãos. Certamente, algumas recordações são necessárias para identificar e guiar o corpo, e tais recordações permanecem, mas não resta apego em relação ao corpo como tal; ele já não é mais a base do desejo e do temor. Tudo isto não é muito difícil de entender e praticar, mas você deve estar interessado. Sem interesse, nada pode ser feito.

Tendo visto que você é um feixe de recordações unido pelo apego, saia e olhe-o de fora. Você pode perceber pela primeira vez algo que não é memória. Você cessa de ser o Sr. Fulano de Tal, ocupado com seus próprios assuntos. Finalmente, você está em paz. Você compreende que nunca houve nada errado com o mundo – só você estava enganado e, agora, tudo acabou. Nunca mais você será pego nas malhas do desejo nascido da ignorância.

78
TODO CONHECIMENTO É IGNORÂNCIA

Pergunta: Permite-nos pedir-lhe que nos conte como aconteceu sua realização?

Maharaj: De algum modo, foi muito simples e fácil em meu caso. Meu Guru, antes de morrer, falou-me: Acredite em mim, você é a Realidade Suprema. Não duvide de minhas palavras, não deixe de acreditar em mim, estou lhe dizendo a verdade – aja de acordo. Não pude esquecer suas palavras e, não as esquecendo – realizei-me.

P: Mas o que fez realmente?

M: Nada especial. Vivi minha vida, ocupei-me de meu comércio, cuidei de minha família, e passei cada momento livre lembrando de meu Guru e de suas palavras. Ele morreu pouco depois, e só tive a recordação para apoiar-me. Foi o suficiente.

P: Deve ter sido a graça e o poder de seu Guru.

M: Suas palavras eram verdadeiras, de modo que se realizaram. As palavras verdadeiras sempre se tornam realidade. Meu Guru não fez nada. Suas palavras atuaram porque eram verdadeiras. Tudo quanto fiz veio de dentro, sem pedir nem esperar.

P: O Guru começou um processo sem tomar alguma parte nele?

M: Coloque-o como gostar. As coisas acontecem como elas acontecem – quem pode dizer por que e como? Eu não fiz nada deliberadamente. Tudo veio por si mesmo – o desejo de abandonar, de estar só, de ir para dentro.

P: Você não fez nenhum esforço?

M: Nenhum. Acredite ou não, nem mesmo estava ansioso para entender. Ele só me disse que eu era o Supremo e então morreu. Simplesmente não poderia deixar de crer nele. O resto ocorreu por si mesmo. Percebi-me mudando – isto é tudo. De fato, eu estava atônito. Mas surgiu em mim o desejo de verificar suas palavras. Estava tão seguro de que ele não poderia ter dito uma mentira, que senti que devia entender todo o significado de suas palavras ou morrer. Senti-me bastante determinado, mas não sabia o que fazer. Passava horas pensando nele e em sua certeza, sem argumentar, simplesmente recordando o que ele havia me dito.

P: O que aconteceu para você então? Como soube que você era o Supremo?

M: Ninguém veio falar-me. Nem tampouco me foi dito internamente. De fato, foi só no princípio, quando estava fazendo esforços, que passei através de algumas experiências estranhas: via luzes, ouvia vozes, encontrava deuses e deusas e conversava com eles. Logo que o Guru me disse: 'Você é a Realidade Suprema', deixei de ter visões e transes e me tornei muito tranquilo e simples. Percebi-me desejando e conhecendo cada vez menos, até que pude dizer em total espanto: 'Não sei nada, não quero nada'.

P: Você estava genuinamente livre do desejo e do conhecimento ou personificou o gnani de acordo com a imagem dada a você pelo Guru?

M: Não me deram uma imagem, nem tinha uma. Meu Guru nunca me disse o que esperar.

P: Mais coisas podem acontecer para você. Você está no final de sua viagem?

M: Nunca houve nenhuma viagem. Eu sou como sempre fui.

P: Qual foi a Realidade Suprema que você entendeu encontrar?

M: Fui desenganado, isso é tudo. Estava acostumado a criar um mundo e a povoá-lo. Agora já não o faço mais.

P: Onde você vive então?

M: No vazio além do ser e do não ser, além da consciência. Este vazio também é plenitude; não tenha piedade de mim. É como um homem dizendo: 'Já fiz meu trabalho, não há nada mais a fazer'.

P: Você dá uma certa data para sua realização. Significa que algo lhe aconteceu nessa data. O que aconteceu?

M: A mente cessou de produzir eventos. A antiga e interminável busca parou – eu não queria nada, não esperava nada, não aceitava nada como próprio. Não havia nenhum 'eu' pelo qual lutar. Inclusive o despido 'eu sou' desapareceu. A outra coisa que notei foi que perdi todas as minhas certezas habituais. Antes eu estava seguro de muitas coisas, agora não estou seguro de nada. Mas, sinto que não perdi nada por não saber, porque todo o meu conhecimento era falso. Meu não saber era em si mesmo conhecimento do fato de que todo conhecimento é ignorância, de que 'eu não sei' é a única afirmação verdadeira que a mente pode fazer. Pegue a ideia 'eu nasci'. Você pode achar que ela é verdadeira, mas não é. Você não nasceu, nem jamais morrerá. É a ideia que nasceu e morrerá, não você. Por identificar a si mesmo com ela você se torna mortal. Do mesmo modo que no cinema tudo é luz, assim a consciência se converte no vasto mundo. Olhe mais de perto e verá que todos os nomes e todas as formas são apenas ondas transitórias no oceano da consciência, que só da consciência pode se afirmar que é, não de suas transformações.

Na imensidão da consciência, aparece uma luz, um pontinho que se move rapidamente e traça formas, pensamentos e sentimentos, conceitos e ideias, como a caneta escrevendo sobre o papel. E a tinta que deixa uma marca é a memória. Você é este pontinho e, mediante seu movimento, o mundo é sempre recriado. Pare de mover-se, e não haverá mundo. Olhe dentro de si e encontrará que o ponto de luz é o reflexo da

imensidade da luz no corpo como o sentido 'eu sou'. Só há luz, tudo o mais aparece.

P: Você conhece esta luz? Você a viu?

M: Para a mente aparece como escuridão. Só pode ser conhecida através de seus reflexos. Tudo é visto à luz do dia – exceto a luz do dia.

P: Devo entender que nossas mentes são similares?

M: Como podem ser? Você tem sua própria mente privada, tecida com recordações unidas pelos desejos e temores. Eu não tenho mente própria; o que necessito conhecer, o universo o traz a mim, do mesmo modo que proporciona o alimento que eu como.

P: Você conhece tudo o que quer conhecer?

M: Não há nada que queira conhecer. Mas o que necessito conhecer, eu o conheço.

P: Este conhecimento lhe chega de dentro ou de fora?

M: Não é questão disso. Meu interior está fora e meu exterior está dentro. Posso obter de você o conhecimento necessário neste momento, mas você não está separado de mim.

P: Que é turiya, o quarto estado de que ouvimos falar?

M: Ser o ponto de luz que traça o mundo é turiya. Ser a própria luz é turiyatita. Mas para que servem os nomes quando a realidade está tão próxima?

P: Há algum progresso em sua condição? Quando se compara a si mesmo ontem e hoje, vê-se mudando, progredindo? Sua visão da realidade cresce em amplitude e profundidade?

M: A realidade é estática e, ainda assim, está em constante movimento. É como um rio poderoso que flui e, não obstante, permanece eternamente. O que flui não é o rio com seu leito e margens, mas suas águas, assim o sattva guna, a harmonia universal, faz seu jogo contra tamas e rajas, as forças da escuridão e do desespero. Em sattva, sempre há mudança e progresso; em rajas, há mudança e regressão, enquanto tamas representa o caos. Os três gunas atuam eternamente uns contra os outros. Isto é um fato, e não pode haver discussão com fatos.

P: Devo estar sempre embotado com tamas e desesperado com rajas? O que dizer de sattva?

M: Sattva é o esplendor de sua natureza real. Sempre pode ser encontrado além da mente e de seus muitos mundos. Mas, se você quer um mundo, deve aceitar os três gunas como inseparáveis – matéria – energia

– vida – um em essência, distintos em aparência. Eles se mesclam e fluem na consciência. No tempo e no espaço, há um fluxo eterno, nascimento e morte novamente, avanço, retirada, outro avanço, novamente retirada – aparentemente sem princípio nem fim; sendo a realidade atemporal, imutável, incorpórea, a Consciência sem pensamento é felicidade.

P: Entendo que, segundo você, tudo é um estado de consciência. O mundo está cheio de coisas – um grão de areia é uma coisa, um planeta é uma coisa. Como estão relacionadas à consciência?

M: Onde a consciência não alcança, começa a matéria. Uma coisa é uma forma de ser que não compreendemos. Não muda – sempre é a mesma – parece estar ali por si mesma – algo estranho e alienígena. Certamente, está na consciência (chit), mas parece estar fora devido à sua aparente imutabilidade. O fundamento das coisas está na memória – sem memória não haveria nenhum reconhecimento. Criação – reflexão – rejeição: – Brahma – Vishnu – Shiva, este é o processo eterno. Todas as coisas são governadas por ele.

P: Não há escapatória?

M: Não faço outra coisa senão mostrar-lhe a escapatória. Compreenda que o Um inclui os Três e que você é o Um, e você se libertará do processo do mundo.

P: O que então acontece para minha consciência então?

M: Depois da etapa de criação vem a etapa de exame e reflexão e, finalmente, a etapa de abandono e esquecimento. A consciência permanece, mas em um estado latente, em quietude.

P: O estado de identidade permanece?

M: O estado de identidade é inerente à realidade e nunca desaparece. Mas a identidade não é nem a personalidade transitória (vyakti), nem a identidade limitada pelo carma (vyakta). É o que resta quando toda autoidentificação é abandonada como falsa – pura consciência, o sentido de ser tudo o que existe ou possa ser. A consciência é pura no princípio e pura no final; no intervalo, ela se contamina pela imaginação que está na raiz da criação. Em todo o tempo, a consciência permanece a mesma; conhecê-la como ela é, é realização e paz eterna.

P: O sentido 'eu sou' é real ou irreal?

M: Ambos. É irreal quando dizemos: 'Eu sou isto, eu sou aquilo'. É real quando queremos dizer: 'Eu não sou isto nem aquilo'.

O conhecedor vem e vai com o conhecido, e é transitório; mas isso que sabe que não conhece, que está livre da memória e da antecipação, é atemporal.

P: O 'eu sou' é a testemunha, ou estão separados?

M: Sem um, o outro não pode existir. Ainda assim eles não são um. É como a flor e sua cor. Sem flor, não há cor; sem cor, a flor fica invisível. Mais além está a luz que, em contato com a flor, cria a cor. Compreenda que sua verdadeira natureza é apenas esta de luz pura, e que ambos, o que percebe e o percebido, vêm e vão juntos. Isso que faz ambos possíveis, e que ainda assim não é nenhum deles, é seu ser real, o que significa que não é um 'isto' ou 'aquilo', mas pura Consciência de ser e não ser. Quando a Consciência se volta sobre si mesma, o sentimento é de não conhecer. Quando se volta para fora, o que pode ser conhecido vem a ser. Dizer 'Eu me conheço' é uma contradição em termos, porque o que é 'conhecido' não pode ser 'eu mesmo'.

P: Se o eu é para sempre o desconhecido, o que se compreenderá então na autorrealização?

M: Saber que o conhecido não pode ser eu nem meu já é suficiente liberação. A liberação da autoidentificação com um conjunto de memórias e hábitos, o estado de admiração ante as riquezas infinitas do ser, sua criatividade inexaurível e total transcendência, a absoluta valentia que nasce da percepção do ilusório e da transitoriedade de cada modo de consciência – fluem de uma fonte profunda e inesgotável. Conhecer a fonte como fonte, o aparente como aparente, e a si mesmo como apenas a fonte, é a autorrealização.

P: Em que lado está a testemunha? É real ou irreal?

M: Ninguém pode dizer: 'Eu sou a testemunha'. O 'eu sou' é sempre testemunhado. O estado de Consciência desapegada é a consciência-testemunha, a 'mente-espelho'. Por surgir e desaparecer com seu objeto ela não é plenamente real. Apesar disso, ela permanece sempre igual e, portanto, é também real. Ela compartilha de ambos, do real e do irreal e , por isso, é uma ponte entre os dois.

P: Se tudo acontece apenas ao 'eu sou', se o 'eu sou' é o conhecido, o conhecedor e o próprio conhecimento, o que faz a testemunha? Para que serve?

M: Não faz nada e não serve para nada.

P: Então, porque falamos dela?

M: Porque está aí. A ponte só serve a um propósito – atravessar. Você não constrói casas na ponte. O 'eu sou' olha as coisas, a testemunha vê através delas. Ela as vê tal como elas são – irreais e transitórias. Dizer 'não eu, não meu' é a tarefa da testemunha.

P: O manifestado (saguna) é a representação do não manifestado (nirguna)?

M: O não manifestado não está representado. Nada manifestado pode representar o não manifestado.

P: Por que você fala dele então?

M: Porque é minha pátria.

79
A PESSOA, A TESTEMUNHA E O SUPREMO

Pergunta: Temos uma longa história de uso de drogas atrás de nós, em sua maioria drogas da variedade que expande a consciência. Elas nos deram a experiência de outros estados de consciência, altos e baixos, e também a convicção de que as drogas não são confiáveis; no melhor dos casos, são transitórias e, no pior, destruidoras do organismo e da personalidade. Estamos buscando os melhores meios para desenvolver a consciência e a transcendência. Queremos que os frutos de nossa busca permaneçam conosco e enriqueçam nossas vidas em lugar de converter-se em pálidas recordações e arrependimentos sem solução. Se por espiritual entendermos a autoinvestigação e o desenvolvimento, nosso propósito ao vir à Índia definitivamente é espiritual. A etapa do hippie feliz ficou para trás; agora somos sérios e em ação. Sabemos que há a realidade a ser encontrada, mas não sabemos como encontrá-la e agarrar-nos a ela. Não necessitamos que nos convençam, só orientação. Você pode nos ajudar?

Maharaj: Você não necessita de ajuda, só de aconselhamento. O que busca já está em você. Tome meu próprio caso. Não fiz nada para realizar-me. Meu mestre me disse que a realidade está dentro de mim; olhei em meu interior e ali a encontrei, exatamente como meu mestre me dis-

sera. Ver a realidade é tão simples como ver o próprio rosto num espelho. Só que o espelho deve ser claro e verdadeiro. Para refletir a realidade, é necessária uma mente quieta, não distorcida por desejos e medos, livre de ideias e opiniões, clara em todos os níveis. Seja claro e silencioso, desapegado e atento, e tudo acontecerá por si mesmo.

P: Você teve que limpar e acalmar sua mente antes de entender a verdade. Como o fez?

M: Não fiz nada. Simplesmente aconteceu. Vivi minha vida cuidando das necessidades de minha família. Nem o fez meu Guru. Simplesmente aconteceu como ele havia me dito que aconteceria.

P: As coisas não acontecem simplesmente. Deve haver uma causa para tudo.

M: Tudo o que acontece é a causa de tudo o que acontece. As causas são inumeráveis; a ideia de uma única causa é uma ilusão.

P: Você deve ter feito algo específico – alguma meditação ou Ioga. Como pode dizer que a realização acontecerá por si mesma?

M: Nada específico. Simplesmente vivi minha vida.

P: Estou surpreso!

M: Assim estava eu. Mas de que deveríamos nos surpreender? As palavras de meu mestre tornaram-se realidade. E daí? Ele me conheceu melhor do que eu próprio me conhecia, isso é tudo. Por que buscar causas? No princípio eu dava alguma atenção e tempo ao sentido 'eu sou', mas só no princípio. Logo depois meu Guru morreu e eu segui vivendo. Suas palavras provaram ser verdadeiras. Isso é tudo. Tudo é só um processo. Você tende a separar as coisas no tempo e então busca as causas.

P: Qual é seu trabalho agora? O que você está fazendo?

M: Você imagina que o ser e o fazer são idênticos. Não é assim. A mente e o corpo se movem e mudam, e induzem outros corpos e mentes a que se movam e mudem, e a isso se chama fazer, ação. Eu vejo que está na natureza da ação criar mais ação, como o fogo que continua queimando. Eu nem atuo nem causo o atuar dos demais; sou eternamente consciente do que está ocorrendo.

P: Em sua mente, ou também em outras mentes?

M: Só há uma mente, fervilhando com ideias: 'Eu sou isto, eu sou aquilo, isto é meu, aquilo é meu'. Eu não sou a mente, nunca fui, nem serei.

P: Como surgiu a mente?

M: O mundo consiste em matéria, energia e inteligência. Elas se manifestam de muitas maneiras. O desejo e a imaginação criam o mundo, e a inteligência reconcilia os dois, causando um sentido de harmonia e paz. Para mim, tudo isto acontece: estou consciente, todavia não afetado.

P: Você não pode ser consciente e, ainda assim, não afetado. Há uma contradição nos termos. A percepção é mudança. Uma vez experimentada uma sensação, a memória não lhe permitirá regressar ao estado anterior.

M: Sim, o que se acrescenta à memória não pode ser apagado facilmente. Mas pode seguramente ser feito e, de fato, eu o estou fazendo todo o tempo. Como um pássaro voando, eu não deixo marcas.

P: A testemunha tem nome e forma, ou está além deles?

M: A testemunha é meramente um ponto na Consciência. Não tem nome nem forma. É como o reflexo do sol em uma gota de orvalho. A gota de orvalho tem nome e forma, mas o pequeno ponto de luz é causado pelo sol. A claridade e a perfeição da gota são condições necessárias, mas não suficientes por si mesmas. De modo similar, a claridade e o silêncio da mente são necessários para que o reflexo da realidade apareça na mente, mas por si mesmos não bastam. A realidade deve estar além deles. Porque a realidade está presente eternamente, a ênfase está nas condições necessárias.

P: Pode ocorrer que a mente esteja clara e quieta e ainda assim não aparecer nenhum reflexo?

M: Há o destino a considerar. O inconsciente está nas garras do destino; é o destino, de fato. Pode ser que se deva esperar. Mas, por mais pesada que seja a mão do destino, ela pode ser levantada mediante a paciência e o autocontrole. A integridade e a pureza eliminam os obstáculos, e a visão da realidade aparece na mente.

P: Como alguém ganha autocontrole? Eu sou tão fraco de espírito!

M: Compreenda primeiro que você não é a pessoa que acredita ser. O que você acredita ser é mera sugestão ou imaginação. Você não tem pais, nunca nasceu, nem nunca morrerá. Ou acredite no que lhe falo, ou chegue a isto mediante o estudo e a investigação. O caminho da fé total é rápido, o outro é lento, mas firme. Ambos devem ser comprovados na ação. Atue no que você pensa que é verdadeiro – este é o caminho da verdade.

P: É a mesma coisa merecer a verdade e o destino?

M: Sim, ambos estão no inconsciente. O mérito consciente é mera vaidade. A consciência é sempre dos obstáculos; quando não há obstáculos se vai além dela.

P: O entendimento de que não sou o corpo dar-me-á a força de caráter necessária ao autocontrole?

M: Quando você sabe que não é nem o corpo nem a mente, não será influenciado por eles. Você seguirá a verdade para onde ela o levar, e faça o que for necessário fazer, qualquer que seja o preço a pagar.

P: A ação é essencial para a autorrealização?

M: O entendimento é essencial para a realização. A ação é somente secundária. Um homem de entendimento firme não evitará a ação. A ação é o teste da verdade.

P: São necessários os testes?

M: Se você não se testar todo o tempo, não será capaz de distinguir entre a realidade e a fantasia. A observação e o raciocínio íntimo ajudam em certa medida, mas a realidade é paradoxal. Como você sabe que se realizou a menos que observe seus pensamentos e sentimentos, palavras e ações e se admire das mudanças que lhe ocorrem sem que você saiba por que e como? É exatamente porque são tão surpreendentes que você sabe que são reais. O previsto e o esperado raramente são verdadeiros.

P: Como surge a pessoa?

M: Exatamente como uma sombra aparece quando a luz é interceptada pelo corpo, assim a pessoa surge quando a pura autoconsciência é obstruída pela ideia 'Eu sou o corpo'. E, do mesmo modo que a sombra muda de forma e posição segundo a inclinação do terreno, assim também a pessoa parece alegrar-se e sofrer, descansar e trabalhar, ganhar e perder, de acordo com o padrão do destino. Quando não há mais corpo, a pessoa desaparece completamente, sem retorno; apenas a testemunha permanece e o Grande Desconhecido.

A testemunha é esta que diz 'Eu sei'. A pessoa diz 'Eu faço'. Agora, dizer 'Eu sei' não é falso – é meramente limitado. Mas dizer 'Eu faço' é totalmente falso, porque não há ninguém que faça; tudo acontece por si mesmo, incluindo a ideia de ser um agente.

P: Então, o que é ação?

M: O universo está cheio de ação, mas não há nenhum ator. Há inumeráveis pessoas pequenas, grandes e muito grandes, as quais, mediante

a identificação, imaginam-se agindo, mas isto não muda o fato de que o mundo da ação (mahadakash) seja um só todo no qual tudo dependa de tudo e tudo afete tudo. As estrelas nos afetam profundamente, e nós afetamos as estrelas. Retroceda a ação à consciência, deixe a ação ao corpo e à mente; é seu domínio. Permaneça como a pura testemunha, até que mesmo o testemunhar se dissolva no Supremo.

Imagine uma selva espessa cheia de pesados troncos. Dos troncos se molda uma tábua e um pequeno lápis para escrever sobre ela. A testemunha lê o escrito e sabe que, enquanto o lápis e a tábua estão pouco relacionados à selva, a escrita não tem nada a ver com ela. Está totalmente sobreposta, e sua desaparição simplesmente não tem importância. A dissolução da personalidade é sempre seguida por um sentimento de grande alívio, como se um fardo pesado tivesse caído.

P: Quando você diz que eu estou no estado além da testemunha, que experiência lhe faz dizer isto? De que forma difere da etapa de ser apenas a testemunha?

M: É como lavar um pano estampado. Primeiro desaparece o desenho, logo o fundo e, ao final, o pano é de novo branco. A personalidade cede lugar à testemunha, logo a testemunha desaparece, e a pura Consciência permanece. O pano era branco no princípio e será branco no final; os desenhos e as cores simplesmente ocorreram – por um tempo.

P: Pode haver Consciência sem um objeto da Consciência?

M: À Consciência com um objeto nós chamamos testemunhar. Quando também há autoidentificação com o objeto, causada pelo desejo ou pelo temor, tal estado se chama uma pessoa. Na realidade, só há um estado; quando está distorcido pela autoidentificação, ele é chamado uma pessoa, quando colorido pelo sentido de ser, é a testemunha; quando é incolor e ilimitado, é chamado o Supremo.

P: Eu me acho sempre inquieto, desejando, esperando, buscando, encontrando, gozando, abandonando e buscando de novo. O que me mantém interessado?

M: Você está realmente buscando a si mesmo sem sabê-lo. Tem ânsias de amar o que é digno de amor, o perfeitamente adorável. Devido à ignorância, você o busca no mundo dos opostos e das contradições. Quando você o achar interiormente, a busca terá acabado.

P: Sempre haverá este mundo triste para enfrentar.

M: Não antecipe. Você não sabe. É verdade que toda manifestação está nos opostos. Prazer e dor, bom e mau, alto e baixo, progresso e retrocesso, descanso e luta – todos vêm e vão juntos – e, enquanto houver um mundo, suas contradições sempre existirão. Pode haver períodos de harmonia perfeita, ou de felicidade e beleza, mas só por um tempo. O que é perfeito retorna à origem de toda perfeição, e os opostos entram em jogo.

P: Como alcançarei a perfeição?

M: Mantenha-se quieto. Faça seu trabalho no mundo, mas, internamente, mantenha-se quieto. Então tudo virá a você. Não confie em seu trabalho para realizar-se. Isto pode ser proveitoso para outros, mas não para você. Sua esperança está em manter a mente silenciosa e o coração sossegado. Os realizadas são muito quietos.

80
CONSCIÊNCIA

Pergunta: Toma tempo compreender o Eu, ou o tempo não pode ajudar a compreendê-lo? A autorrealização é só uma questão de tempo ou depende de outros fatores além do tempo?

Maharaj: Toda espera é fútil. Depender do tempo para resolver nossos problemas é autoenganar-se. O futuro, deixado a si mesmo, meramente repete o passado. A mudança só pode acontecer agora, nunca no futuro.

P: O que produz uma mudança?

M: Veja com claridade cristalina a necessidade de mudança. Isto é tudo.

P: A autorrealização acontece na matéria ou além? Não é uma experiência que depende do corpo e da mente para acontecer?

M: Toda experiência é ilusória, limitada e temporal. Não espere nada da experiência. A realização por si mesma não é uma experiência, embora possa levar a uma nova dimensão de experiências. Apesar disto, as novas experiências, por interessantes que sejam, não são mais reais que as velhas. Definitivamente, a realização não é uma nova experiência. É

o descobrimento do fator atemporal em cada experiência. É a Consciência que faz a experiência possível. Exatamente como em todas as cores a luz é o fator neutro, assim também, em cada experiência, a Consciência está presente, embora ela não seja uma experiência.

P: Se a Consciência não é uma experiência, como pode ser percebida?

M: A Consciência está sempre aí. Ela não precisa ser realizada. Abra o obturador da mente, e ela será inundada de luz.

P: O que é a matéria?

M: A matéria é o que você não entende.

P: A ciência compreende a matéria.

M: A ciência meramente empurra para trás as fronteiras de nossa ignorância.

P: E o que é a natureza?

M: A natureza é a totalidade das experiências conscientes. Como um eu consciente, você é parte da natureza. Como Consciência, você está além. Ver a natureza como mera consciência é Consciência.

P: Existem níveis de Consciência?

M: Existem níveis na consciência, mas não na Consciência. Ela é um só bloco homogêneo. Seu reflexo na mente é amor e compreensão. Há níveis de claridade na compreensão e de intensidade no amor, mas não em sua fonte. A fonte é simples e única, mas seus dons são infinitos. Apenas não tome os dons pela fonte. Entenda-se como a fonte e não como o rio; isso é tudo.

P: Eu sou o rio também.

M: Certamente o é. Como o 'eu sou', você é o rio, fluindo entre as margens do corpo. Mas também é a fonte e o oceano, e as nuvens do céu. Onde quer que haja vida e consciência, aí está você. Menor que o menor, maior que o maior, você é, enquanto tudo o mais aparece.

P: O sentido de ser e o sentido de viver são o mesmo ou são diferentes?

M: A identidade no espaço cria um, a continuidade no tempo cria o outro.

P: Você disse uma vez que o que vê, o ver e o visto, são uma só coisa, não três. Para mim, os três estão separados. Não duvido de suas palavras, apenas não as compreendo.

M: Olhe com atenção e verá que o que vê e o visto só aparecem quando há ver. São atributos do ver. Quando você diz 'eu estou vendo isto', o 'eu estou' e o 'isto' vêm com o ver, não antes. Não pode haver um 'isto' não visto nem um 'eu sou' que não veja.

P: Posso dizer: 'Eu não vejo'.

M: O 'eu estou vendo isto' converteu-se em 'eu estou vendo que não vejo' ou em 'estou vendo a escuridão'. O ver permanece. Na trilogia: o conhecido, o conhecer e o conhecedor, só o conhecer é um fato. O 'eu sou' e o 'isto' são duvidosos. Quem conhece? O que é conhecido? Não há certeza senão no fato de conhecer.

P: Por que estou certo de conhecer, mas não do conhecedor?

M: Conhecer é um reflexo de sua verdadeira natureza, junto com o ser e o amar. O conhecedor e o conhecido são acrescentados pela mente. Está na natureza da mente criar uma dualidade sujeito-objeto onde não há nenhuma.

P: Qual é a causa do temor e do desejo?

M: Obviamente, a recordação das dores e dos prazeres passados. Não há nenhum grande mistério a respeito. O conflito só surge quando o desejo e o temor se referem ao mesmo objeto.

P: Como pôr um fim à memória?

M: Isto não é necessário nem possível. Compreenda que tudo acontece na consciência e que você é a raiz, a origem, o fundamento da consciência. O mundo é apenas uma sucessão de experiências e você é o que as faz conscientes, permanecendo, ainda assim, além de toda experiência. É como o calor, a chama e a madeira que queima. O calor mantém a chama, a chama consome a madeira. Sem o calor, não haveria chama nem combustível. Similarmente, sem Consciência, não haveria nem consciência nem vida, a qual transforma a matéria em veículo da consciência.

P: Você sustenta que, sem mim, não haveria mundo, e que o mundo e meu conhecimento do mundo são idênticos. A ciência chegou a uma conclusão muito diferente: o mundo existe como algo concreto e contínuo, enquanto eu sou um subproduto da evolução biológica do sistema nervoso, o qual é, primariamente, não tanto um centro de consciência como um mecanismo de sobrevivência como indivíduo e como espécie. Sua visão é totalmente subjetiva, enquanto a ciência trata de descrever tudo em termos objetivos. É inevitável esta contradição?

M: A confusão é aparente e puramente verbal. O que é, é. Nem subjetivo nem objetivo. Mente e matéria não são separadas, são aspectos da única energia. Olhe para a mente como função da matéria e você terá a ciência; olhe para a matéria como produto da mente e você terá a religião.

P: Mas qual é a verdade? O que vem primeiro, a mente ou a matéria?

M: Nenhuma vem em primeiro lugar, pois nenhuma aparece só. A matéria é a forma, a mente é o nome. Juntas, elas fazem o mundo. Impregnando e transcendendo está a Realidade, o puro ser – Consciência – felicidade, sua própria essência.

P: Tudo o que conheço é a corrente da consciência, uma sucessão interminável de eventos. O rio do tempo flui, trazendo e retirando implacavelmente. A transformação do futuro em passado continua todo o tempo.

M: Você não é vítima de sua linguagem? Fala sobre o fluxo do tempo como se você fosse estacionário. Mas os eventos testemunhados ontem por você, outra pessoa poderá vê-los amanhã. É você o que está em movimento, não o tempo. Deixe de mover-se e o tempo cessará.

P: O que isso significa – o tempo cessará?

M: O passado e o futuro se fundirão no eterno agora.

P: Mas o que isso significa na experiência real? Como sabe que, para você, o tempo cessou?

M: Pode significar que o passado e o futuro já não importam mais. Também pode significar que tudo o que aconteceu e tudo que acontecerá se convertem em um livro aberto para ser lido à vontade.

P: Posso imaginar uma espécie de memória cósmica, acessível com algum treinamento. Mas como pode ser conhecido o futuro? O inesperado é inevitável.

M: O inesperado em um nível pode ser algo que seja certo acontecer quando visto de um nível mais alto. Depois de tudo, estamos dentro dos limites da mente. Na realidade nada acontece, não há passado nem futuro, tudo aparece e nada é.

P: O que significa, nada é? Você se torna vazio, ou vai dormir? Ou você dissolve o mundo e nos mantém a todos em expectativa até que sejamos devolvidos à vida, com a piscada seguinte de seu pensamento?

M: Oh, não. Não é tão mau assim. O mundo da mente e da matéria, dos nomes e das formas, continua, mas não me importa em absoluto. É

como ter uma sombra. Ela está ali, seguindo-me aonde vou, mas sem atrapalhar-me de modo algum. Segue sendo um mundo de experiências, mas não de nomes e formas relacionados a mim pelos desejos e temores. As experiências não têm qualidades, são puras experiências, se assim posso dizer. Chamo-as experiências por falta de uma palavra melhor. Elas são como as ondas sobre a superfície do oceano, o sempre presente, mas sem afetar o seu poder pacífico.

P: Você quer dizer que uma experiência pode ser indescritível, sem nome ou forma?

M: No princípio toda experiência é assim. São apenas o desejo e o temor, nascidos da memória, que lhe dão nome e forma e a separam das outras experiências.

Não é uma experiência consciente, pois não se opõe a outras experiências, mesmo sendo igualmente uma experiência.

P: Se não é consciente, por que falar dela?

M: A maioria de suas experiências é inconsciente. São poucas as conscientes. Você não é consciente do fato porque para você só conta as conscientes. Faça-se consciente do inconsciente.

P: Pode alguém ser consciente do inconsciente? Como seria feito?

M: O desejo e o temor são os fatores que obscurecem e distorcem. Quando a mente se libera deles, o inconsciente se torna acessível.

P: Quer dizer que o inconsciente se torna consciente?

M: É, ao invés disto, o contrário. O consciente se faz um com o inconsciente. A distinção cessa, não importando o modo como o considere.

P: Estou surpreso. Como se poderia ser consciente e ainda assim inconsciente?

M: A Consciência não se limita à consciência. Ela é tudo que é. A consciência pertence à dualidade. Não há dualidade na Consciência. É um único bloco de pura cognição. Do mesmo modo, pode-se falar do puro ser e da pura criação – sem nome, sem forma, silenciosos e, ainda assim, absolutamente reais, poderosos, efetivos. Serem indescritíveis não os afeta o mínimo. Enquanto inconscientes, são essenciais. O consciente não pode mudar fundamentalmente, só pode modificar-se. Cada coisa, para mudar, deve passar pela morte, pelo obscurecimento e pela dissolução. As joias de ouro devem ser fundidas antes de serem moldadas em outras formas. O que se nega a morrer não pode renascer.

P: Salvo a morte do corpo, como se morre?

M: Recuar, desapegar-se, abandonar-se, è morte . Para viver plenamente, a morte é essencial; cada final constitui um novo começo. Por outro lado, compreenda que só os mortos podem morrer, não os vivos. Isto que está vivo em você é imortal.

P: De onde vem a energia do desejo?

M: O nome e a forma são retirados da memória. A energia flui da fonte.

P: Alguns desejos são totalmente incorretos. Como os desejos incorretos podem fluir de uma fonte sublime?

M: A fonte não é nem correta nem incorreta. Nem o é o desejo por si mesmo certo ou errado. É apenas o esforço para ser feliz. Tendo-se identificado com a nódoa de um corpo, você se sente perdido e busca desesperadamente o sentido de plenitude e de integridade que você chama felicidade.

P: Quando a perdi? Eu nunca a tive.

M: Você a tinha antes de despertar esta manhã. Vá além de sua consciência e a encontrará.

P: Como ir além?

M: Você já sabe como: faça-o.

P: Isso é o que você diz. Não sei nada a respeito.

M: Não obstante, repito – já o sabe. Faça-o. Vá além, de volta a seu estado normal, natural, supremo.

P: Estou desorientado.

M: Uma mancha no olho o faz pensar que está cego. Lave-o e olhe.

P: Eu olho! Só vejo escuridão.

M: Elimine a mancha e seus olhos ficarão inundados de luz. A luz está aí – esperando. Os olhos estão aí – prontos. A escuridão que você vê é apenas a sombra da mancha. Livre-se dela e volte ao seu estado natural.

81
A CAUSA RAIZ DO MEDO

Pergunta: De onde você veio?

Maharaj: Sou dos Estados Unidos, mas vivo principalmente na Europa. Cheguei à Índia recentemente. Estive em Rishikesh, em dois Ashrams. Ensinaram-me meditação e respiração.

M: Quanto tempo esteve lá?

P: Oito dias em um e seis em outro. Eu não era feliz ali e saí. Então, durante três semanas, estive com os lamas tibetanos. Mas estavam todos eles inteiramente ocupados com fórmulas e rituais.

M: E qual foi o claro resultado de tudo isso?

P: Definitivamente, houve um aumento de energia. Mas, antes de ir a Rishikesh, fiz jejum e dieta em um Sanatório de Cura Natural em Pudukkotai, no sul da Índia. Fez-me um enorme bem.

M: Talvez o aumento de energia se deva a uma saúde melhor.

P: Não posso afirmar isto. Mas, como resultado de todas estas tentativas, alguns fogos começaram a arder em vários lugares de meu corpo, e ouvi cantos e vozes onde não havia nenhum.

M: E o que você busca agora?

P: Bem, o que todos buscamos? Alguma verdade, alguma certeza interior, alguma felicidade real. Nas distintas escolas de autorrealização se fala tanto da Consciência que se acaba com a impressão de que a própria Consciência é a realidade suprema. É assim? Do corpo cuida o cérebro, o qual é iluminado pela consciência; a Consciência vigia a consciência; há algo além da Consciência?

M: Como você sabe que é consciente?

P: Sinto que sou. Não posso expressá-lo de outro modo.

M: Quando você segue cuidadosamente do cérebro através da consciência para a Consciência, você se dá conta de que o sentido de dualidade persiste. Quando você vai além da Consciência, há um estado de não dualidade, no qual não há cognição, apenas ser puro, que pode ser também chamado de não ser, se por ser quisermos dizer algo em particular.

P: O que você chama ser puro é o ser universal, todo ser?

M: Tudo implica uma coleção de particulares. No ser puro, a própria ideia do particular está ausente.

P: Há alguma relação entre o ser puro e o ser particular?

M: Que relação pode existir entre o que é e o que meramente parece ser? Há alguma relação entre o oceano e as ondas? O real permite que o irreal apareça e causa sua desaparição. A sucessão de momentos transitórios cria a ilusão do tempo, mas a realidade atemporal do ser puro não está em movimento, pois todo movimento requer um fundo imóvel. Ele é o próprio fundo. Uma vez que o tenha encontrado em si mesmo, você sabe que nunca perdeu este ser independente, livre de todas as divisões e separações. Mas não o busque na consciência, não o encontrará ali. Não o busque em nenhuma parte, pois nada o contém. Pelo contrário, ele contém tudo e manifesta tudo. É como a luz do dia que faz tudo visível enquanto ela mesma permanece invisível.

P: Senhor, para que serve que me diga que a realidade não pode ser encontrada na consciência? Em que outra parte a buscarei? Como irei apreendê-la?

M: É muito simples. Se eu lhe pergunto qual o sabor de sua boca, tudo o que você pode fazer é dizer: não é nem doce nem amarga, nem ácida nem adstringente; é o que permanece quando todos estes sabores não existem. Similarmente, quando todas as distinções e reações deixam de ser, o que permanece é a realidade, simples e sólida.

P: Tudo o que compreendo é que estou nas garras de uma ilusão sem princípio. E não vejo como isto pode chegar a um fim. Se pudesse, teria acontecido há muito tempo. Devo ter tido tantas oportunidades no passado como terei no futuro. O que não pode acontecer não pode acontecer. Ou, se aconteceu, não poderá durar. Nosso próprio deplorável estado depois destes incontáveis milhões de anos leva, no melhor dos casos, à promessa da extinção final ou, o que é pior, à ameaça de uma repetição interminável e sem sentido.

M: Que prova tem você de que seu estado presente não tem princípio nem fim? Como você era antes de nascer? Como será depois da morte? E, de seu estado presente – quanto conhece? Você nem mesmo sabe qual era sua condição antes de despertar nesta manhã! Você só conhece um pouco de seu estado atual e daí retira conclusões para todos os tempos e lugares. Você pode estar apenas sonhando e imaginando que seu sonho é eterno.

P: Chamá-lo de sonho não muda a situação. Repito minha pergunta: que esperança resta quando a eternidade atrás de mim não pode satisfazê-la? Por que meu futuro deveria ser diferente de meu passado?

M: Em seu estado febril, você projeta um passado e um futuro e os toma como reais. De fato, você conhece apenas o momento presente. Por que não investigar o que é agora, em vez de questionar o passado e o futuro imaginários? Seu estado presente não é um estado sem princípio nem fim. Ele acaba em um instante. Observe cuidadosamente de onde vem e para onde vai. Você logo descobrirá a realidade atemporal por trás dele.

P: Por que não o fiz antes?

M: Da mesma forma que cada onda afunda no oceano, assim cada momento regressa para sua fonte. A realização consiste em descobrir a fonte e permanecer ali.

P: Quem descobre?

M: A mente descobre.

P: Ela encontra as respostas?

M: O que ela encontra é que se fica sem perguntas e que as respostas não são necessárias.

P: Ter nascido é um fato. Morrer é outro fato. Como eles aparecem à testemunha?

M: Uma criança nasceu, um homem morreu – simples eventos no curso do tempo.

P: Há algum progresso na testemunha? A Consciência evolui?

M: O que é visto pode sofrer muitas mudanças quando a luz da Consciência foca sobre ele, mas ele é o objeto que muda, não a luz. As plantas crescem à luz do sol, mas o sol não cresce. Por si mesmos, o corpo e a testemunha são imóveis, mas quando se juntam na mente, ambos parecem mover-se.

P: Sim, posso ver que o que se move e muda é só o 'eu sou'. De algum modo, o 'eu sou' é necessário?

M: Quem o necessita? Está aí – agora. Teve um princípio, terá um fim.

P: O que permanecerá quando o 'eu sou' desaparecer?

M: O que não vem nem vai – permanece. É a mente sempre gananciosa que cria ideias de progresso e evolução para a perfeição. Ela perturba e fala de ordem, destrói e busca segurança.

P: Há progresso no destino, no karma?

M: O karma é apenas uma reserva de energias não gastas, de desejos não realizados e temores não compreendidos. Este depósito é constantemente reabastecido com novos desejos e temores. Não necessita ser assim para sempre. Compreenda a causa raiz de seus temores – o estranhamento de si mesmo: e dos desejos – o anelo por seu ser , e o seu karma irá dissolver-se como um sonho. Entre terra e céu, a vida continua. Nada é afetado, só os corpos crescem e decaem.

P: Qual é a relação entre a pessoa e a testemunha?

M: Não pode haver relação entre elas porque elas são um. Não separe e não busque relacionamento.

P: Se o que vê e o visto são um, como ocorre a separação?

M: Fascinado pelos nomes e formas que, por sua própria natureza, são distintos e diversos, você diferencia o que é natural e separa o que é um. O mundo é rico em diversidade, mas você se sente estranho e assustado devido ao mal-entendido; é o corpo que está em perigo e não você.

P: Posso ver que a ansiedade biológica básica, o instinto de conservação, toma muitas formas e distorce meus sentimentos e pensamentos. Mas como surgiu esta ansiedade?

M: É um estado mental causado pela ideia 'Eu sou o corpo'. Ele pode ser eliminado pela ideia contrária: 'Eu não sou o corpo'. Ambas as ideias são falsas, mas uma elimina a outra. Entenda que nenhuma ideia é sua, que todas chegam de fora. Você deve refletir sobre tudo isso por si mesmo, converta-se no objeto de sua meditação. O esforço para compreender-se é loga. Seja um iogue, dedique sua vida a isso, rumine, pergunte, busque até chegar à raiz do erro e à verdade além dele.

P: Na meditação, quem medita, a pessoa ou a testemunha?

M: A meditação é uma tentativa deliberada de penetrar estados mais elevados de consciência e, finalmente, ir além deles. A arte da meditação é a arte de desviar o foco da atenção para níveis cada vez mais sutis, sem perder o controle sobre os níveis deixados para trás. De certo modo, é como ter a morte sob controle. Começa-se com os níveis mais baixos - circunstâncias sociais, costumes e hábitos; entorno físico, postura e respiração do corpo; os sentidos, suas sensações e percepções; a mente, seus pensamentos e sentimentos - até que o mecanismo inteiro da personalidade seja agarrado e segurado firmemente. A etapa final da meditação é alcançada quando o sentido de identidade vai além de "eu-sou-as-

sim-e-assim', além de 'isso sou eu', além de 'eu sou só a testemunha', além até do 'estar ai', além de todas as ideias, até alcançar o puro Ser impessoalmente pessoal. Mas você deve ser enérgico quando se dedica à meditação. Definitivamente, não é uma ocupação a tempo parcial. Limite seus interesses e atividades ao que é necessário para você e às necessidades mais basicas de seus dependentes. Guarde todas suas energias e tempo para romper o muro que a mente construiu ao redor de você. Acredite-me, você não se arrependerá.

P: Como sei que a minha experiência é universal?

M: Ao final de sua meditação, tudo é conhecido diretamente, não se pede nenhuma prova, seja qual for. Do mesmo modo que cada gota do oceano tem o sabor do oceano, assim também cada momento leva o sabor da eternidade. As definições e descrições têm seu lugar como incentivos úteis para buscar adiante, mas você deve ir além delas, para dentro do indefinível e indescritível, exceto em termos negativos.

Depois de tudo, mesmo a universalidade e a eternidade são meros conceitos, o contrário de estar limitado no espaço e no tempo. A realidade não é um conceito, nem a manifestação de um conceito. Ela não tem nada que ver com os conceitos. Preocupe-se com sua mente, elimine suas distorções e impurezas. Uma vez que tenha o sabor de seu próprio eu, encontrá-lo-á em todas as partes e em todo tempo. Portanto, é muito importante que você chegue a isso. Uma vez conhecido, nunca o perderá.

Mas você deve se dar uma oportunidade através da intensiva, mesmo árdua, meditação.

P: Que você quer exatamente que eu faça?

M: Entregue seu coração e sua mente à consideração sobre o 'eu sou', sobre o que é, como é, qual sua origem, sua vida, seu significado. É muito parecido com o cavar de um poço. Você rejeita tudo o que não é água até que alcança o manancial doador de vida.

P: Como saberei que estou me movendo na direção correta?

M: Mediante seu progresso na determinação, na claridade e devoção à tarefa.

P: Nós, europeus, achamos difícil manter-nos tranquilos. Somos demasiado mundanos.

M: Oh, não. Vocês também são sonhadores. Nós só diferimos no conteúdo de nossos sonhos. Você busca a perfeição no futuro. Nós esta-

mos decididos a encontrá-la no agora. Só o limitado pode ser aperfeiçoado. O ilimitado já é perfeito. Você é perfeito, só não o sabe. Aprenda a conhecer a si mesmo e você descobrirá maravilhas.

Tudo que você precisa já está dentro de você, você somente deve se aproximar ao seu ser com reverência e amor. A condenação e a desconfiança de si mesmo são erros graves. Sua constante fuga da dor e busca do prazer é um sintoma do amor que você dedica a si mesmo; tudo o que lhe peço é isto: torne o amor por você mesmo perfeito. Não se negue nada, conceda-se o infinito e a eternidade, e descubra que não necessita deles: você está além.

82
A PERFEIÇÃO ABSOLUTA ESTÁ AQUI E AGORA

Pergunta: Estamos em guerra (o conflito entre India e Pakistan deflagrado naquele ano). Qual sua atitude frente a ela?

Maharaj: Em algum lugar ou outro, de uma forma ou de outra, sempre há guerra. Será que já houve uma época sem guerras? Alguns dizem que é vontade de Deus. Outros dizem que é o jogo de Deus. É outra maneira de dizer que as guerras são inevitáveis e que ninguém é responsável.

P: Mas qual é sua atitude em relação a ela?'?

M: Por que me impõe atitudes? Não tenho nenhuma atitude que eu possa chamar de minha.

P: Certamente, alguém é responsável por esta horrível carnificina sem sentido. Porque as pessoas estão sempre prontas a matar umas às outras?

M: Busque o culpado dentro de você. As ideias de 'eu' e 'meu' estão na raiz de todo conflito. Liberte-se delas e você estará fora do conflito.

P: Que importância tem o fato que eu esteja fora do conflito? Isso não afetará a guerra. Se eu sou a causa da guerra, estou pronto para ser destruído. Contudo, é evidente que o desaparecimento de milhares de homens como eu não deterá as guerras. Elas não começaram com meu

nascimento nem acabarão com a minha morte. Eu não sou responsável. Quem é?

M: A disputa e a luta são uma parte da existência. Por que não investiga quem é responsável pela existência?

P: Porque você diz que a existência e o conflito são inseparáveis? Não pode haver existência sem conflito? Não preciso lutar contra os outros para ser eu mesmo.

M: Você luta contra os outros o tempo todo por sua sobrevivência como um corpo-mente separado, um nome e uma forma particulares. Para viver, você deve destruir. Desde o momento em que você foi concebido, você começou uma guerra contra tudo que o cerca – uma guerra cruel de mútuo extermínio, até que a morte o liberte.

P: Minha pergunta permanece sem resposta. Você meramente descreve o que eu conheço – a vida e suas aflições. Mas, quem é o responsável, você não diz. Quando o pressiono, lança a culpa em Deus, no karma, na minha própria avidez e medo, o que só leva a mais perguntas. Dê-me a resposta final.

M: A resposta final é esta: nada é. Tudo é uma aparição momentânea no campo da consciência universal; a continuidade como nome e forma é apenas uma elaboração mental, fácil de dissipar.

P: Eu estou perguntando sobre o imediato, o transitório, a aparência. Há aqui uma foto de uma criança assassinada pelos soldados. É um fato – encarando você. Não pode negá-lo. Agora, quem é o responsável pela morte da criança?

M: Ninguém e cada um de nos. O mundo é o que ele contém, e cada coisa afeta todas as demais. Todos nós assassinamos a criança e todos morremos com ela. Cada evento tem inumeráveis causas e produz um sem número de efeitos. É inútil manter contas, nada é rastreável .

P: Seu povo fala de karma e de retribuição.

M: É só uma aproximação grosseira: na realidade, todos somos criadores e criaturas uns dos outros, causando e tolerando a carga uns dos outros.

P: Portanto, o inocente sofre pelo culpado?

M: Em nossa ignorância, somos inocentes; em nossas ações, somos culpados. Pecamos sem saber, e sofremos sem compreender. Nossa única esperança é parar, olhar, compreender e sair das armadilhas da me-

mória. Porque a memória alimenta a imaginação, e a imaginação gera desejo e medo.

P: Por que imagino?

M: A luz da consciência atravessa o filme da memória e projeta as imagens no seu cérebro. Por causa do estado defeituoso e confuso desse último, o que você percebe está deformado e tingido por sentimentos de atração e repulsa. Ponha ordem em seu pensamento e liberte-o dos aspectos emocionais, e verá as pessoas e as coisas como são, com clareza e compaixão.

A testemunha do nascimento, da vida e da morte, é única e a mesma. Ela é a testemunha do sofrimento e do amor. Porque, embora a existência na limitação e na separação seja triste, nós a amamos. Nós a amamos e a odiamos ao mesmo tempo. Lutamos, matamos, destruímos a vida e a propriedade e, ainda assim, somos carinhosos e nos sacrificamos. Cuidamos com ternura da criança e também a tornamos órfã. Nossa vida é cheia de contradições, mas nos apegamos a ela. Este apego está na raiz de tudo. Não obstante, é inteiramente superficial. Agarramo-nos a algo ou a alguém com todas as nossas forças e, no momento seguinte, o esquecemos; como uma criança que molda suas formas de barro e as abandona alegremente. Toque nelas e ela gritará com raiva, distraia a criança e ela as esquecerá. Porque nossa vida é agora, e nosso amor por ela é agora. Amamos a variedade, o jogo de dor e prazer; estamos fascinados pelos contrastes. Para isto necessitamos dos pares de opostos e sua aparente separação. Nós os apreciamos por um tempo e logo nos cansamos e desejamos a paz e o silêncio do puro ser. O coração cósmico bate sem parar. Eu sou a testemunha e sou também o coração.

P: Posso ver o quadro, mas quem é o pintor? Quem é responsável por esta terrível e, ainda assim, adorável experiência?

M: O pintor está no quadro. Você separa o pintor do quadro e o busca. Não separe e não crie falsos problemas. As coisas são como são e ninguém em particular é responsável. A ideia da responsabilidade pessoal vem da ilusão de que há um agente. 'Alguém deve ter feito isto, alguém é responsável'. A sociedade tal como é agora, com sua estrutura de leis e costumes, está baseada na ideia de uma personalidade separada e responsável, mas esta não é a única forma que a sociedade pode tomar. Pode haver outras formas, onde o sentido de separação seja débil e a responsabilidade difusa.

P: Um indivíduo com um sentido débil de personalidade está mais próximo da autorrealização?

M: Tome o caso de uma criança pequena. O sentido do 'eu sou' ainda não está formado, a personalidade é rudimentar. Os obstáculos para o autoconhecimento são poucos, mas falta o poder e a clareza da Consciência, sua profundidade e amplitude. No curso dos anos, a Consciência se fortalecerá, mas também surgirá a personalidade latente que obscurecerá e complicará. Como quanto mais dura for a madeira mais quente será a chama, assim também, quanto mais forte for a personalidade, mais brilhante será a luz gerada pela sua destruição.

P: Você não tem problemas?

M: Eu tenho problemas. Já lhe disse. Ser, existir com um nome e uma forma é doloroso. Ainda assim amo isto.

P: Mas você ama tudo!

M: Tudo está contido na existência. Minha própria natureza é amar; até o que é doloroso é amável.

P: O que não o faz menos doloroso. Por que não permanecer no ilimitado?

M: O que me traz à existência é o instinto de exploração, o amor pelo desconhecido. Está na natureza do Ser buscar a aventura no devir, assim como está na natureza do devir buscar a paz no Ser. Essa alternância entre o Ser e o tornar-se é inevitável; mas meu lar está além.

P: Seu lar está em Deus?

M: Amar e adorar um deus também é ignorância. Meu lar está além de todos os conceitos, por mais sublimes que sejam.

P: Mas Deus não é uma noção! É a realidade além da existência.

M: Você pode usar qualquer palavra que gostar. Seja o que for que você possa pensar, eu estou além.

P: Uma vez que conheça seu lar, por que não permanecer nele? O que o retira dele?

M: Devido ao amor pela existência corporal, alguém nasce e, uma vez nascido, fica envolvido no destino. O destino é inseparável do devir. O desejo de ser o particular o converte em uma pessoa com todo seu passado e futuro pessoal. Olhe para algum grande homem, para quão maravilhoso foi! Mesmo assim, como foi perturbada sua vida e quão limitados os seus frutos. Quão totalmente dependente é a personalidade

do homem e quão indiferente é seu mundo. E, não obstante, nós o amamos e o protegemos por sua própria insignificância.

P: A guerra e o caos estão em marcha e lhe pedem que se ocupe de um centro de alimentação. O necessário lhe é dado, é só uma questão de fazer o trabalho. Você o recusaria?

M: Trabalhar ou não trabalhar é a mesma coisa para mim. Posso encarregar-me, ou não. Pode haver outros melhor capacitados que eu para tais tarefas – os provedores profissionais, por exemplo. Mas minha atitude é diferente. Eu não vejo a morte como uma calamidade, do mesmo modo que não me alegro pelo nascimento de uma criança. A criança está pronta para os problemas enquanto o morto está fora deles. O apego à vida é apego à aflição. Amamos o que nos dá dor. Tal é nossa natureza.

Para mim, o momento da morte será um momento de júbilo, não de temor. Chorei quando nasci, e morrerei rindo.

P: Que tipo de transformação ocorre consciência no momento da morte?

M: Que transformação você espera? Quando a projeção do filme acaba, tudo fica igual a quando começou. O estado anterior ao seu nascimento era também o estado depois da morte, se você lembrar.

P: Eu não lembro nada.

M: Porque você nunca tentou. É apenas questão de sintonia na mente. Certamente, requer treinamento.

P: Por que você não participa do trabalho social?

M: Mas se não faço outra coisa o tempo todo! E que trabalho social você quer que eu faça? Remendar não é para mim. Minha posição é clara: produzir para distribuir, alimentar antes de comer, dar antes de tomar, pensar nos demais antes de pensar em si mesmo. Só uma sociedade altruísta, baseada no compartilhar, pode ser estável e feliz. Esta é a única solução prática. Se você não a quiser – lute.

P: É tudo questão de gunas. Onde predominam tamas e rajas, deve haver guerra. Onde governa sattva, haverá paz.

M: Coloque isto do modo que você quiser, vem a ser o mesmo. A sociedade está construída sobre motivações. Ponha boa vontade nos fundamentos e não necessitará trabalhadores sociais especializados.

P: O mundo está melhorando.

M: O mundo teve todo o tempo para melhorar, mas não o fez. Que esperança há para o futuro? Certamente, tem havido e haverá períodos

de harmonia e paz, quando sattva estiver em ascensão, mas as coisas são destruídas pela sua própria perfeição. Uma sociedade perfeita necessariamente é estática e, portanto, estagna e decai. Do cume, todos os caminhos vão para baixo. As sociedades são como as pessoas – nascem, crescem até um ponto de relativa perfeição, e então decaem e morrem.

P: Não há um estado de perfeição absoluta que não decaia?

M: Aquilo que tem um princípio deve ter um fim. No atemporal tudo é perfeito, aqui e agora.

P: Mas alcançaremos o atemporal no tempo devido?

M: No devido tempo, voltaremos para o ponto de partida. O tempo não nos pode levar para fora do tempo, da mesma forma que o espaço não pode nos levar para fora do espaço. Tudo o que se ganha esperando é mais espera. A perfeição absoluta está aqui e agora, não no futuro, próximo ou distante. O segredo está na ação – aqui e agora. É seu comportamento que o cega a si mesmo. Desconsidere qualquer coisa que você acredite ser e atue como se você fosse absolutamente perfeito – qualquer que seja sua ideia de perfeição. Tudo o que você necessita é coragem.

P: Onde encontro tal coragem?

M: Em você mesmo, naturalmente. Olhe em seu interior.

P: A sua graça ajudará.

M: Minha graça está dizendo a você agora: olhe para dentro. Tudo o que você necessita você tem. Use-o. Comporte-se da melhor forma que você conhecer, faça o que pensa que deve fazer. Não tema os erros; sempre pode corrigi-los; apenas as intenções interessam. As formas que as coisas tomam não estão em seu poder; os motivos de suas ações estão.

P: Como pode a ação nascida da imperfeição levar à perfeição?

M: A ação não leva à perfeição; a perfeição se expressa na ação. Enquanto você julga a si mesmo por suas expressões, dê a elas a maior atenção; quando você entender seu próprio ser, seu comportamento será perfeito – espontaneamente.

P: Se eu fosse eternamente perfeito, então porque nasceria? Qual o propósito desta vida?

M: Seria como perguntar: em que se beneficia o ouro ao converter-se em uma joia? A joia toma a cor e a beleza do ouro; o ouro não se enriquece. Similarmente, a realidade expressada na ação faz a ação bela e significativa.

P: O que o real ganha através de suas expressões?

M: O que poderia ganhar? Absolutamente nada. Mas está na natureza do amor o expressar-se a si mesmo, o afirmar-se, o vencer dificuldades. Uma vez que haja entendido que o mundo é o amor em ação, você o olhará de forma muito diferente. Mas, primeiro, deve mudar sua atitude em relação ao sofrimento. O sofrimento é, primariamente, uma chamada de atenção, o que em si mesmo é um movimento de amor. Mais que felicidade, o amor quer crescimento, a ampliação e o aprofundamento da consciência e do ser. Qualquer coisa que o impeça se converte em causa de dor e o amor não a evita. Sattva, a energia que trabalha pela retidão e pelo desenvolvimento ordenado, não deve ser frustrada. Quando obstruída, volta-se contra si mesma e se torna destrutiva. Quando o amor é contido e se permite a expansão do sofrimento, a guerra se torna inevitável. Nossa indiferença à aflição de nosso vizinho traz o sofrimento para nossa porta.

83
O VERDADEIRO GURU

Pergunta: Outro dia você disse que na raiz de sua realização estava a confiança em seu Guru. Ele lhe assegurou que você já era a Realidade Absoluta e nada mais havia a fazer. Você confiou nele e deixou por isso mesmo, sem tensão, sem esforçar-se. Minha pergunta agora é: sem a confiança no Guru, você teria se realizado? Afinal de contas, o que você é, você é, confie sua mente ou não. A dúvida obstruiria a ação das palavras do Guru tornando-as inoperantes?

Maharaj: Você o disse – elas se tornariam inoperantes – por um tempo.

P: E o que aconteceria para a energia, ou para o poder das palavras do Guru?

M: Permaneceria latente, não manifestada. Mas toda a pergunta está baseada em um mal-entendido. O mestre, o discípulo, o amor e a confiança entre ambos, tudo isto é um fato, não tantos fatos independentes. Cada um é parte do outro. Sem amor e confiança, não haveria nem Guru nem discípulo, nem relação entre eles. É como pressionar um interruptor

para acender uma lâmpada elétrica. É porque a lâmpada, os fios, o interruptor, o transformador, as linhas de transmissão e a central de força formam um todo único que se obtém a luz. Se faltasse algum desses fatores, não haveria luz. Você não deve separar o inseparável. As palavras não criam fatos; elas os descrevem ou os distorcem. O fato sempre é não verbal.

P: Eu ainda não entendo; as palavras do Guru podem não se realizar ou, invariavelmente, serão provadas como verdadeiras?

M: As palavras de um homem realizado nunca fracassam em seus propósitos. Elas esperam pelas condições corretas, o que pode levar algum tempo, e isto é natural, visto que há uma estação para semear e uma estação para colher. Mas a palavra de um Guru é semente que não pode perecer. Certamente, o Guru deve ser um Guru real, alguém que esteja além do corpo e da mente, além da própria consciência, além do tempo e do espaço, além da dualidade e da unidade, além da compreensão e da descrição. As boas pessoas que leram muito e têm muito a dizer podem ensinar-lhe muitas coisas úteis, mas elas não são os Gurus reais cujas palavras invariavelmente se realizam. Elas também podem dizer-lhe que você é a própria realidade suprema, mas o que resulta disto?

P: Não obstante, se por alguma razão acontecer que neles confie e obedeça, serei eu o perdedor?

M: Se você for capaz de confiar e obedecer, logo encontrará o seu Guru verdadeiro, ou melhor, ele o encontrará.

P: Todo conhecedor do Ser se converte em um Guru, ou alguém pode ser um conhecedor da Realidade sem ser capaz de levar os outros a ela?

M: Se você sabe o que ensina, pode ensinar o que sabe. Aqui a capacidade de ver e a capacidade de ensinar são uma coisa só. Mas a Realidade Absoluta está além de ambas. Os Gurus auto-designados falam de maturidade e esforço, de méritos e realizações, de destino e graça; tudo isso são meras formações mentais, projeções de uma mente viciada. Em lugar de ajudar, obstruem.

P: Como posso decidir a quem seguir e de quem desconfiar?

M: Desconfie de todos até que esteja convencido. O verdadeiro Guru nunca o humilhará nem o afastará de você mesmo. Constantemente o levará de volta ao fato de sua perfeição inerente e lhe dará ânimo para que busque dentro de si. Ele sabe que você não necessita de nada, nem se-

quer dele, e nunca se cansa de lembrá-lo a você. Mas o Guru autodesignado está mais interessado em si mesmo que em seus discípulos.

P: Você disse que a realidade está além do conhecimento e do ensinamento do real. O conhecimento da realidade não é o próprio supremo, e o ensinamento, a prova de tê-lo alcançado?

M: O conhecimento do real, ou do eu, é um estado da mente. Ensinar outro é um movimento na dualidade. Eles dizem respeito à mente apenas. Sattva é igualmente um guna.

P: O que é real então?

M: Aquele que conhece a mente como não realizada e realizada, que conhece a ignorância e o conhecimento como estados mentais, é o real. Quando dão a você diamantes misturados com cascalho, você pode encontrar ou não os diamantes, mas o que importa é a visão. Onde estão o cinzento do cascalho e a beleza do diamante, sem o poder para ver? O conhecido é apenas uma forma e o conhecimento, apenas um nome. O conhecedor é somente um estado da mente. O real está além.

P: Certamente, o conhecimento objetivo e as ideias das coisas, e o autoconhecimento, não são um e a mesma coisa. Um necessita de um cérebro, o outro não.

M: Para o propósito de discussão, você pode arranjar palavras e dar-lhes significado, mas o fato que persiste é que todo conhecimento é uma forma de ignorância. O mais preciso mapa é ainda apenas papel. Todo conhecimento está na memória; ele é apenas reconhecimento, enquanto a realidade está além da dualidade de conhecedor e conhecido.

P: Então mediante o que se conhece a realidade?

M: Quão enganadora é a sua linguagem! Inconscientemente, você supõe que a realidade também é acessível através do conhecimento. E então você introduz um conhecedor da realidade além da realidade! Compreenda que a realidade não necessita ser conhecida para ser. A ignorância e o conhecimento estão na mente, não no real.

P: Se não existe o conhecimento do real, então como eu o alcanço?

M: Você não necessita estender a mão para o que já está com você. Seu próprio estender a mão o faz perdê-lo. Abandone a ideia de que não o encontrou e simplesmente deixe-o vir ao foco da percepção direta, aqui e agora, removendo tudo o que é da mente.

P: Quando tudo o que pode desaparecer desaparece, o que resta?

M: O vazio permanece, a Consciência permanece, a pura luz do ser consciente permanece. É como perguntar sobre o que fica em um quarto quando se retiram todos os móveis. Fica um quarto mais aproveitável. E, mesmo quando as paredes são derrubadas, o espaço permanece. Além do espaço e do tempo está o aqui e o agora da realidade.

P: A testemunha permanece?

M: Enquanto há consciência, sua testemunha também está ali. As duas aparecem e desaparecem juntas.

P: Se a testemunha também é transitória, por que se lhe dá tanta importância?

M: Simplesmente para quebrar o encanto do conhecido, a ilusão de que apenas o perceptível é real.

P: A percepção é primária, a testemunha é secundária.

M: Este é o cerne da questão. Enquanto você acredita que só o mundo exterior é real, você permanece seu escravo. Para libertar-se, sua atenção deve ser levada ao 'eu sou', a testemunha. Certamente, o conhecedor e o conhecido são um, não dois, mas, para quebrar o encanto do conhecido, o conhecedor deve ser trazido à frente. Nenhum dos dois é primário, ambos são reflexos na memória da experiência inefável, a qual é sempre nova e sempre no agora, intraduzível, mais rápida que a mente.

P: Senhor, eu sou um humilde buscador, errando de Guru em Guru em busca da liberação. Minha mente está doente, ardendo de desejo, gelada de temor. Meus dias passam rapidamente com o vermelho da dor e com o cinza do tédio. Minha idade avança, minha saúde decai, meu futuro é escuro e pavoroso. Nesse ritmo, viverei na aflição e morrerei em desesperação. Há alguma esperança para mim? Ou cheguei tarde demais?

M: Não há nada errado em você, mas as ideias que tem sobre si mesmo são totalmente incorretas. Não é você quem deseja, teme ou sofre, mas a pessoa construída sobre o alicerce de seu corpo pelas circunstâncias e influências. Você não é aquela pessoa. Isto deve ser claramente estabelecido na mente e nunca perdido de vista. Normalmente, requer um prolongado sadhana, anos de austeridades e meditação.

P: Minha mente é débil e vacilante. Não tenho nem a força nem a tenacidade para fazer o sadhana. Meu caso é sem esperança.

M: Em certo modo, o seu é um caso muito promissor. Há uma alternativa ao sadhana, que é a confiança. Se você não pode ter o convenci-

mento nascido de uma busca frutífera, então aproveite minha descoberta, a qual anseio compartilhar com você. Eu posso ver com a maior clareza que você nunca esteve, nem está, nem estará separado da realidade, que você é a plenitude da perfeição aqui e agora e que nada pode privá-lo de sua herança, do que você é. Você não é de forma alguma diferente de mim, apenas não sabe disto. Você não sabe o que você é e, portanto, imagina ser o que você não é. Daí os desejos e medos e o desespero devastador. E uma atividade insensata para escapar deles.

Confie em mim e viva mediante esta confiança. Eu não o induzirei a erro. Você é a Realidade Suprema além do mundo e de seu criador, além da consciência e de sua testemunha, além de todas as afirmações e negações. Recorde-a, pense-a, atue de acordo com ela. Abandone todo o sentido de separação, veja-se em tudo e atue em concordância. Com a ação, chegará a felicidade e, com a felicidade, a convicção. Apesar de tudo, você duvida de você mesmo porque está aflito. A felicidade natural, espontânea e duradoura, não pode ser imaginada. Ou ela existe ou não existe. Uma vez que comece a experienciar a paz, o amor e a felicidade, os quais não necessitam causas exteriores, todas as suas dúvidas se dissolverão. Somente compreenda bem o que lhe disse, e viva por isso.

P: Você está me dizendo que viva mediante a recordação?

M: Você está vivendo pela recordação de qualquer modo. Estou lhe pedindo meramente que substitua as velhas recordações pela recordação do que eu lhe disse. Do mesmo modo que agiu sobre suas velhas memórias, aja de acordo com o novo. Não tema. Durante algum tempo, é inevitável que haja conflito entre o velho e o novo, mas se você se puser resolutamente do lado do novo, a luta acabará logo e você compreenderá o estado sem esforço de ser o que é, de não ser enganado por desejos e temores nascidos da ilusão.

P: Muitos Gurus têm o costume de dar sinais de sua graça – seus panos de cabeça ou seus bastões, ou a tigela de mendigo, ou a veste, transmitindo ou confirmando assim a autorrealização de seus discípulos. Eu não vejo valor em tais práticas. O que se transmite não é a autorrealização, mas a autoimportância. De que serve que nos digam algo muito lisonjeiro, mas não verdadeiro? Por um lado você me previne contra os muitos autointitulados Gurus e, por outro, quer que confie em você. Por que você pretende ser uma exceção?

M: Não lhe peço que confie em mim. Confie em minhas palavras e recorde-as; eu quero sua felicidade, não a minha. Desconfie daqueles que colocam uma distância entre você e seu ser verdadeiro e se ofereçam como intermediários. Eu não faço nada parecido. Nem sequer faço alguma promessa. Meramente digo: se você confia em minhas palavras e as põe à prova, descobrirá por si mesmo quão absolutamente verdadeiras são. Se você pede uma prova antes de arriscar-se, só posso dizer-lhe: eu sou a prova. Eu confiei nas palavras de meu mestre e as mantive em minha mente, e achei que ele tinha razão, que eu era, sou e serei a Realidade Infinita, abarcando tudo, transcendendo tudo.

Como você disse, você não tem nem o tempo nem a energia para práticas prolongadas. Ofereço-lhe uma alternativa. Aceite minhas palavras em confiança e viva de novo, ou viva e morra na aflição.

P: Parece demasiado bom para ser verdade.

M: Não se deixe enganar pela simplicidade do conselho. Muito poucos são os que têm a coragem de confiar – os inocentes e os simples. O amanhecer da sabedoria é saber que você está prisioneiro de sua mente, que vive em um mundo imaginário de própria criação. A seriedade consiste em não querer nada dele, em estar pronto a abandoná-lo inteiramente. Só tal seriedade, nascida do verdadeiro desespero, fará você confiar em mim.

P: Não sofri o bastante?

M: O sofrimento o embotou, incapacitando-o de ver sua enormidade. Sua primeira tarefa é ver o sofrimento em você e ao seu redor; a seguinte é desejar intensamente a liberação. A própria intensidade do desejo o guiará; você não necessita nenhum outro guia.

P: O sofrimento me tornou insensível, indiferente inclusive ao próprio sofrimento.

M: Talvez não tenha sido a dor, mas o prazer que o fez insensível. Investigue.

P: Qualquer que seja a causa, eu estou embotado. Não tenho nem vontade nem energia.

M: Oh, não! Tem o suficiente para dar o primeiro passo. E cada passo gerará suficiente energia para o seguinte. A energia vem com a confiança e a confiança vem com a experiência.

P: É correto trocar de Guru?

M: Por que não trocar? Os Gurus são como marcos no caminho? É natural seguir adiante, de um a outro. Cada um indica a direção e a distância, enquanto o sadguru, o Guru eterno, é o próprio caminho. Uma vez que compreenda que o caminho é a meta e que você sempre está no caminho, não para alcançar uma meta, mas para apreciar sua beleza e sua sabedoria, então a vida deixa de ser uma tarefa e se torna natural e simples, um êxtase em si mesma.

P: Não há então necessidade de adoração, de orar, de praticar Ioga?

M: Um pouco de varredura, lavagem e banho diário não pode causar dano. A autoconsciência diz, a cada passo, o que é necessário fazer. Quando tudo está feito, a mente permanece quieta.

Agora você está em estado de vigília, uma pessoa com nome e forma, alegrias e penas. A pessoa não existia antes que você nascesse, nem existirá depois de sua morte. Em vez de lutar com a pessoa para fazê-la se tornar o que ela não é, por que não ir completamente para além desta vida pessoal?

Isso não significa a extinção da pessoa; significa apenas vê-la na perspectiva correta.

P: Mais uma pergunta. Você disse que antes de nascer eu era um com o puro ser da realidade; se foi assim, quem decidiu que eu deveria nascer?

M: Na realidade você nunca nasceu, nem nunca morrerá. Mas agora imagina que você é, ou tem um corpo, e pergunta o que produziu este estado. Dentro dos limites da ilusão, a resposta é: o desejo nascido da recordação o atrai a um corpo e o faz pensar que você é um com ele. Mas isto é verdadeiro apenas do ponto de vista relativo. De fato, não há nenhum corpo, nem um mundo para contê-lo; há apenas uma condição mental, um estado como o do sonho, fácil de dissipar pelo questionamento da realidade.

P: Depois que você morrer, voltará outra vez? Se eu viver o bastante, tornarei a encontrá-lo novamente?

M: Para você o corpo é real, para mim não há nenhum. Eu, como você me vê, existo apenas em sua imaginação. Sem dúvida, você me verá novamente se e quando necessitar de mim. Isto não me afeta, exatamente como o Sol não é afetado por amanheceres e ocasos. Porque ele não é afetado, certamente estará aí quando for necessário.

Você é propenso ao conhecimento, eu não. Não tenho esse sentido de insegurança que o faz ansiar o conhecimento. Eu sou curioso, como uma criança é curiosa. Mas não há nenhuma ansiedade que me faça buscar refúgio no conhecimento. Portanto, não estou preocupado se deverei renascer, ou quanto durará o mundo. Estas são perguntas que nascem do temor.

84
SEU GURU É SUA META

Pergunta: Você nos estava dizendo que há muitos autointitulados Gurus, mas que um verdadeiro Guru é muito raro. Há muitos gnanis que se imaginam realizados, mas tudo quanto têm é conhecimento livresco e uma alta opinião de si mesmos. Algumas vezes impressionam, inclusive fascinam, atraem discípulos e os fazem perder tempo em práticas inúteis. Depois de alguns anos, quando o discípulo avalia a si mesmo, ele não encontra nenhuma mudança. Quando se queixa ao seu mestre, ele obtém a repreensão habitual de que não tentou com suficiente afinco. Lança-se a culpa na falta de fé e de amor no coração do discípulo quando, na realidade, a culpa é do Guru que não deveria aceitar discípulos nem levantar esperanças. Como proteger-nos de tais Gurus?

M: Por que se preocupar tanto com os outros? Quem quer que seja o Guru, se ele é puro de coração e atua de boa fé, não causará dano a seus discípulos. Se não há progresso, a culpa é do discípulo, de sua preguiça e falta de autocontrole. Por outro lado, se o discípulo é sério e se aplica inteligentemente e com zelo a seu sadhana, ele estará destinado a encontrar um mestre mais qualificado que o fará avançar mais. Sua pergunta flui de três falsas suposições: que deve preocupar-se com os outros; que se pode avaliar alguém e que o progresso do discípulo é tarefa e responsabilidade de seu Guru. Na realidade, o papel de Guru é apenas instruir e encorajar; o discípulo é totalmente responsável por si mesmo.

P: Fala-se que a entrega total ao Guru é suficiente, que o Guru fará o resto.

M: Certamente, quando há entrega total, completa renúncia a todo interesse pelo próprio passado, presente e futuro, pela pró segurança física e espiritual, e a própria posição, uma nova vida amanhece, plena de amor e beleza; o Guru então não é importante porque o discípulo quebrou a carapaça da autodefesa. A completa autorrendição por si mesma é liberação.

P: Que acontecerá quando o discípulo e seu Guru são inadequados?

M: No longo prazo tudo irá bem. Afinal de contas, o Eu real de ambos não é afetado pela comédia que eles representam durante algum tempo. Eles se tornarão sensatos, amadurecerão, e mudarão para um nível mais alto de relacionamento.

P: Ou, eles podem separar-se.

M: Sim, podem separar-se. Afinal de contas, nenhum relacionamento é para sempre. A dualidade é um estado temporário.

P: Encontrei-o por acidente e por outro acidente nos separaremos para nunca voltar a encontrar-nos? Ou meu encontro com você é parte de algum padrão cósmico, um fragmento no grande drama de nossas vidas?

M: O real é significativo e o significativo está relacionado com a realidade. Se nossa relação é significativa para você e para mim, ela não pode ser acidental. O futuro afeta o presente tanto quando o passado.

P: Como distinguir quem é um verdadeiro santo e quem não é?

M: Você não pode distinguir, a menos que tenha uma clara percepção do coração do homem. As aparências são enganosas. Para ver claramente, sua mente deve ser pura e desapegada. A menos que você conheça bem a si mesmo, como você pode conhecer o outro? E quando você conhece a si mesmo, você é o outro.

Deixe os outros em paz durante algum tempo e examine-se. Há tantas coisas que você não conhece de si mesmo – o que é, quem é, como nasceu, o que faz agora e por que, aonde vai, qual é o significado e o propósito de sua vida, de sua morte, de seu futuro? Você tem um passado; tem um futuro? Como você chegou a viver na inquietude e na aflição, enquanto todo seu ser se esforça por felicidade e paz? Estes são assuntos importantes e devem ser cuidados em primeiro lugar. Você não necessita nem tem o tempo de averiguar quem é um gnani e quem não é.

P: Devo selecionar meu Guru corretamente.

M: Seja o homem certo e, seguramente, o Guru certo o encontrará.

P: Você não está respondendo à minha pergunta. Como encontrar o Guru certo?

M: Mas eu respondi sua pergunta. Não busque um Guru, nem mesmo pense em um. Faça de sua meta o seu Guru. Depois de tudo, o Guru é apenas um meio para um fim, não o próprio fim. Ele não é importante, o importante para você é o que espera dele. Agora, o que você espera?

P: Que sua graça me faça feliz, poderoso e pacífico.

M: Que ambições! Como pode uma pessoa limitada no tempo e no espaço, um mero corpo-mente, um suspiro de dor entre o nascimento e a morte, ser feliz? As próprias condições de seu surgimento tornam impossível a felicidade. A paz, o poder e a felicidade nunca são estados pessoais; ninguém pode dizer 'minha paz', 'meu poder', porque 'meu' implica exclusividade, a qual é frágil e insegura.

P: Só conheço minha existência condicionada; não há nada mais.

M: Certamente, você não pode dizer isto. No sono profundo você não está condicionado. Quão disposto e desejoso está para ir dormir, quão pacífico, livre e feliz você é quando dorme!

P: Não sei nada disso.

M: Coloque isso em termos negativos. Quando você dorme, não tem dor, não está limitado e não está inquieto.

P: Compreendo seu ponto de vista. Enquanto desperto, eu sei que eu sou, mas não sou feliz; no sono eu sou, sou feliz, mas não sei disso. Tudo o que necessito é saber que sou livre e feliz.

M: Assim é. Agora, vá para dentro, para um estado que pode se comparar com o dormir desperto, no qual você é consciente de si mesmo, mas não do mundo. Nesse estado você saberá, sem o menor traço de dúvida, que, na raiz de seu ser, você é livre e feliz. O único problema é que você está viciado na experiência e acalenta suas recordações. Na realidade, é ao contrário; o que é recordado nunca é real, o real é agora.

P: Compreendo intelectualmente tudo isto, mas não se torna parte de mim mesmo. Permanece como uma imagem para ser vista em minha mente. Não é tarefa do Guru dar vida à imagem?

M: De novo, é ao contrário. A imagem está viva; morta está a mente. Do mesmo modo que a mente é feita de palavras e imagens, assim é toda a reflexão na mente. A mente encobre a realidade com a verbalização e então se queixa. Você disse que é necessário um Guru para fazer milagres com você. Só está jogando com palavras. O Guru e o discípulo

são uma só coisa, como a vela e a chama. A menos que o discípulo seja sério, não pode ser chamado um discípulo. A menos que um Guru seja todo amor e dádiva, não pode ser chamado um Guru. Apenas a Realidade engendra realidade, não o falso.

P: Posso ver que sou falso. Quem me fará verdadeiro?

M: As próprias palavras que você disse o farão. A frase: 'Posso ver que sou falso' contém tudo o que você necessita para libertar-se. Estude-a, aprofunde nela, chegue à sua raiz; isto funcionará. O poder está na palavra, não na pessoa.

P: Não o compreendo totalmente. Por um lado você diz que é necessário um Guru; por outro, que o Guru só pode dar conselho, mas o esforço é meu. Por favor, diga-o claramente: alguém pode compreender o Eu sem um Guru, ou o encontro de um verdadeiro Guru é essencial?

M: Mais essencial é a encontro de um verdadeiro discípulo. Acredite em mim, um verdadeiro discípulo é muito raro, pois, de imediato, ele vai além da necessidade de um Guru, ao encontrar seu próprio eu. Não gaste seu tempo tentando entender se o conselho que recebeu fluiu apenas do conhecimento ou de uma experiência válida. Siga-o fielmente. A vida trará a você outro Guru, se outro Guru for necessário. Ou o privará de toda orientação exterior, deixando-o com suas próprias luzes. É muito importante compreender que o que importa é o ensinamento, não a pessoa do Guru. Você recebe uma carta que o faz rir ou chorar; não é o carteiro que fez isso. O Guru só lhe dá as boas novas sobre o Eu real e lhe mostra o caminho de volta para ele. De certo modo o Guru é o mensageiro do Eu. Haverá muitos mensageiros, mas a mensagem é uma só: seja o que você é. Ou pode expressar isto de forma diferente: até que compreenda a si mesmo, você não poderá saber quem é seu verdadeiro Guru.

Quando você compreender, descobrirá que todos os Gurus que você teve contribuíram para seu despertar. Sua realização é a prova de que seu Guru era real. Portanto, aceite o Guru como ele é, faça o que ele lhe fala, com seriedade e zelo, e confie em que seu coração o avisará se algo vai mal. Se a dúvida vem, não lute contra ela. Aferre-se ao que é certo e deixe o duvidoso em paz.

P: Eu tenho um Guru e o amo muito. Mas não sei se ele é meu verdadeiro Guru.

M: Observe-se. Se você se vê mudando, crescendo, significa que achou o homem certo. Pode ser que ele seja bonito ou feio, agradável ou desagradável, brando ou insultuoso; nada importa exceto o fato crucial do crescimento interior. Se você não cresceu, bem, pode ser que ele seja seu amigo, mas não seu Guru.

P: Quando eu me encontro com um europeu de certa educação e lhe falo sobre o Guru e seus ensinamentos, sua reação é: 'Esse homem deve estar louco para ensinar tal disparate'. O que devo falar a ele?

M: Leve-o a si mesmo. Mostre-lhe o pouco que conhece de si mesmo, de que maneira toma as mais absurdas informações sobre si mesmo como verdades santas. Disseram a ele que era o corpo, que nasceu, que morrerá, que tem pais, deveres, que aprendesse a gostar do que os outros gostam e a temer o que os outros temem. Sendo totalmente uma criatura da hereditariedade e da sociedade, vive de recordações e atua mediante hábitos. Ignorante de si mesmo e de seus verdadeiros interesses, persegue falsas metas e sempre fica frustrado. Sua vida e sua morte são dolorosas e sem sentido, e não parece haver saída. Então lhe diga que há uma saída fácil para ele, não a conversão a outro conjunto de ideias, mas a liberação de todas as ideias e padrões de vida. Não fale de Gurus e discípulos – esta forma de pensar não é para ele. O seu caminho é um caminho interior, ele é movido por um impulso interior e guiado por uma luz interior. Convide-o a rebelar-se, e ele responderá. Não trate de inculcar nele que fulano de tal é um homem realizado e pode ser aceito como Guru. Enquanto ele não confiar em si mesmo, não pode confiar em outro. E a confiança virá com a experiência.

P: Que estranho! Não posso imaginar a vida sem um Guru.

M: É uma questão de temperamento. Você também tem razão. Para você, cantar os louvores de Deus é suficiente. Não necessita desejar a realização, nem assumir um sadhana. O nome de Deus é todo o alimento que necessita. Viva nele.

P: Esta constante repetição de umas poucas palavras não é um tipo de loucura?

M: É uma loucura, mas uma loucura deliberada. Toda repetição é tamas, mas repetir o nome de Deus é sattva-tamas devido a seu elevado propósito. Devido à presença de sattva, tamas será desgastado, e tomará a forma de uma completa liberdade da paixão, desapego, abandono, dis-

tanciamento, imutabilidade. Tamas se converte no firme fundamento sobre o qual se pode viver uma vida integrada.

P: O imutável – morre?

M: O que morre é o que muda. O imutável nem vive nem morre; ele é a testemunha atemporal da vida e da morte. Você não pode dizer que ele está morto, pois é consciente. Nem se pode dizer que ele está vivo, porque não muda. É simplesmente como seu gravador. Grava, reproduz - tudo por si mesmo. Você só escuta. Similarmente, eu observo tudo que acontece, incluindo minha conversa com você. Não sou eu quem fala, as palavras aparecem em minha mente e então as ouço quando ditas.

P: Não é o caso de todos?

M: Quem disse que não? Mas você insiste que pensa e fala, enquanto para mim há pensamento, há palavra.

P: Há dois casos a considerar. Ou eu encontrei um Guru, ou não. Em cada caso, o que é correto fazer?

M: Você nunca está sem um Guru, porque ele está atemporalmente presente em seu coração. Algumas vezes ele se exterioriza e chega a você como um fator edificante que reforma sua vida, uma mãe, uma esposa, um mestre; ou ele permanece como um impulso interior para a retidão e para a perfeição. Tudo o que você deve fazer é obedecer-lhe, e fazer o que ele lhe diz. O que ele quer que você faça é simples; aprenda a autoconsciência, o autocontrole, a autorrendição. Pode parecer árduo, mas é fácil se você é sério. E impossível se você não é. A seriedade é necessária e suficiente. Tudo se rende à seriedade.

P: O que faz alguém sério?

M: A compaixão é a base da seriedade. Compaixão por si mesmo e pelos outros, nascida do sofrimento próprio e do sofrimento dos outros.

P: Devo sofrer para ser sério?

M: Não é necessário se você é sensível e responde à aflição dos outros, como fez Buda. Mas se você for insensível e impiedoso, seu próprio sofrimento o fará questionar-se inevitavelmente.

P: Encontro-me sofrendo, mas não o bastante. A vida é desagradável, mas tolerável. Meus pequenos prazeres compensam minhas pequenas dores e, no conjunto, estou melhor que a maioria das pessoas que conheço. Sei que minha condição é precária, que uma calamidade pode alcançar-me a qualquer momento. Devo esperar que uma crise me coloque no caminho da verdade?

M: No momento em que viu quão frágil é sua condição, você já está alerta. Agora, mantenha-se atento, preste atenção, pergunte, investigue, descubra seus erros mentais e corporais e abandone-os.

P: De onde vem a energia? Sou como um homem paralisado em uma casa em chamas.

M: Mesmo as pessoas paralisadas às vezes correm em momento de perigo! Mas você não está paralisado, somente imagina assim. Dê o primeiro passo e estará no seu caminho.

P: Sinto que meu apego ao corpo é tão forte que não posso abandonar a ideia de que sou o corpo. Ela estará aderida a mim enquanto o corpo durar. Há pessoas que afirmam que nenhuma realização é possível enquanto se vive, e estou inclinado a concordar com elas.

M: Antes que você concorde ou discorde, por que não investiga a própria ideia de corpo? A mente aparece no corpo ou o corpo na mente? Sem dúvida, deve haver uma mente que conceba a ideia 'Eu sou o corpo'. Um corpo sem uma mente não pode ser 'meu corpo'. 'Meu corpo' está invariavelmente ausente quando a mente está em suspensão. Também está ausente quando a mente está profundamente ocupada em pensamentos e sentimentos. Uma vez que compreenda que o corpo depende da mente, e a mente da consciência, e a consciência da Consciência e não ao contrário, sua pergunta a respeito da espera da autorrealização até o momento da morte está respondida. Não é que primeiro deva se libertar da ideia 'Eu sou o corpo' e então realizar o eu. Definitivamente, é o contrário – você se aferra ao falso porque não conhece o verdadeiro. A seriedade, não a perfeição, é a precondição para a autorrealização. As virtudes e os poderes vêm com a realização, não antes.

85
O 'EU SOU' É A FUNDAMENTO DE TODA EXPERIÊNCIA

Pergunta: Ouço-o fazendo afirmações sobre si mesmo tais como: 'Eu sou atemporal, imutável, além de todo atributo, etc.' Como você sabe dessas coisas? O que o faz falar delas?

Maharaj: Apenas estou tentando descrever o estado anterior ao surgimento do 'eu sou', mas o próprio estado, por estar além da mente e de sua linguagem, é indescritível.

P: O 'eu sou' é o fundamento de toda experiência. O que você está tentando descrever também deve ser uma experiência limitada e transitória. Você fala de si mesmo como imutável. Eu ouço o som da palavra, lembro seu significado do dicionário, mas não tenho a experiência de ser imutável. Como romper a barreira e conhecer pessoalmente, intimamente, o que significa ser imutável?

M: A própria palavra é a ponte. Recorde-a, explore-a, pense nela, fique com ela, observe-a de todos os ângulos, aprofunde-se nela com séria perseverança; suporte todas as demoras e contrariedades até que, subitamente, a mente se vira para si mesma, para longe da palavra, em direção à realidade além dela. É como tentar encontrar uma pessoa conhecendo apenas seu nome. Chega o dia em que as investigações o levam até ela, e o nome se torna realidade. As palavras são valiosas, pois entre a palavra e seu significado há uma conexão e, se investigar a palavra assiduamente, você irá além do conceito, chegando à experiência que está em sua raiz. De fato, tais tentativas repetidas de ir além das palavras são o que se chama meditação. O sadhana é apenas uma tentativa persistente de passar do verbal ao não verbal. A tarefa parece desesperada até que, de repente, tudo se torna claro e simples, e tão maravilhosamente fácil.

Mas, enquanto você estiver interessado em seu modo atual de vida, você fugirá do salto final no desconhecido.

P: Por que o desconhecido deveria me interessar? Para que serve o desconhecido?

M: Para absolutamente nada. Mas vale a pena conhecer o que o mantém dentro dos estreitos limites do conhecido. O conhecimento pleno e correto do conhecido é o que o leva ao desconhecido. Você não pode pensar nele em termos de utilidade e vantagens; estar quieto e desapegado, além do alcance de todo interesse próprio e de toda consideração egoísta, é uma condição inevitável de liberação. Você pode chamá-la morte; para mim, é viver com o máximo de intensidade e sentido, pois eu sou um com a vida em sua totalidade e plenitude, intensidade, significação e harmonia; o que mais você quer?

P: Nada mais é necessário, certamente. Mas você fala do que se pode conhecer.

M: Do incognoscível só fala o silêncio. A mente só pode falar do que conhece. Se você investiga diligentemente o cognoscível, este se dissolve, e apenas o incognoscível permanece. Mas, com o primeiro brilho da imaginação e do interesse, o incognoscível é obscurecido e o conhecido vem para o primeiro plano. O conhecido, a mudança, é o que você vive – o imutável não tem utilidade para você. É apenas quando estiver saciado da mudança e desejando o imutável, que você estará disposto a voltar-se e a entrar no que pode ser descrito, quando visto do nível da mente, como vacuidade e escuridão. Pois a mente anseia por satisfação e variedade, enquanto a realidade é, para a mente, insatisfatória e invariável.

P: Isto se parece como a morte para mim.

M: E é. Também é onipenetrante e conquistadora de tudo, intensa além das palavras. Nenhum cérebro comum pode suportá-la sem ser destroçado; daí a absoluta necessidade do sadhana. A pureza do corpo e a claridade da mente, a não violência e o altruísmo na vida são essenciais para sobreviver como uma entidade inteligente e espiritual.

P: Há entidades na Realidade?

M: A identidade é Realidade, a Realidade é identidade. A Realidade não é uma massa informe, um caos sem palavras. É algo poderoso, consciente, feliz; quando comparada a ela, sua vida é como uma vela em relação ao Sol.

P: Pela graça de Deus e de seu mestre, você perdeu todo desejo e temor e alcançou o estado imóvel. Minha pergunta é simples – como você sabe que seu estado é imóvel?

M: Só se pode pensar e falar do mutável. O imutável só pode ser compreendido no silêncio. Uma vez compreendido, afetará profundamente o mutável, permanecendo ele mesmo não afetado.

P: Como você sabe que você é a testemunha?

M: Não sei, eu sou. Eu sou porque, para ser, tudo deve ser testemunhado.

P: A existência pode também ser aceita por rumores.

M: Ainda assim, ao final você chega à necessidade de uma testemunha direta. O testemunho, se não é pessoal e real, ao menos deve ser possível e factível. A experiência direta é a prova final.

P: A experiência pode ser falha e enganosa.

M: Assim é, mas não o fato de uma experiência. Seja qual for a experiência, verdadeira ou falsa, não se pode negar o fato de que a experiên-

cia ocorreu. Ela é sua própria prova. Observe-se intimamente e verá que, seja qual for o conteúdo da consciência, o seu testemunho não depende do conteúdo. A Consciência é ela mesma e não muda com o evento. O evento pode ser agradável ou desagradável, secundário ou importante, a Consciência é a mesma. Observe a natureza peculiar da Consciência pura, sua autoidentidade natural, sem o mínimo traço de autoconsciência; vá à raiz dela e logo compreenderá que a Consciência é sua verdadeira

natureza, e que nada de que possa ser consciente você pode tomá-lo como próprio.

P: A consciência e seu conteúdo não são a mesma?

M: A consciência é como uma nuvem no céu e as gotas de água são seu conteúdo. A nuvem necessita do Sol para ser visível, e a consciência necessita estar enfocada na Consciência.

P: A Consciência não é uma forma de consciência?

M: Quando se vê o conteúdo sem agrado ou desagrado, a consciência disso é Consciência. Mas há uma diferença entre a Consciência tal como se reflete na consciência e a pura Consciência além da consciência. O reflexo da Consciência, o sentido: 'Eu sou consciente' é a testemunha, enquanto a pura Consciência é a essência da realidade. O reflexo do Sol em uma gota d'água é um reflexo do Sol, não há dúvida, não o próprio Sol. Entre a Consciência refletida na consciência como a testemunha e a pura Consciência, há uma brecha que a mente não pode cruzar.

P: Não depende da maneira que você olha para isso? A mente diz que há diferença. O coração diz que não há nenhuma.

M: Naturalmente, não há diferença. O real vê o real no irreal. É a mente que cria o irreal e que vê o falso como falso.

P: Eu entendi que a experiência do real acompanha a visão do falso como falso.

M: Não existe a experiência do real. O real está além da experiência. Toda experiência está na mente. Você conhece o real sendo real.

P: Porque falamos tanto do real se ele está além das palavras e da mente?

M: Pela alegria disto, certamente. O real é a bem-aventurança suprema. Mesmo falar dele é felicidade.

P: Eu o ouço falando do inabalável e do bem-aventurado. O que há em sua mente quando utiliza estas palavras?

M: Nada há em minha mente. Do mesmo modo que você ouve as palavras, eu também as ouço. O poder que faz com que todas as coisas aconteçam faz com que elas também aconteçam.

P: Mas é você que fala, não eu.

M: Assim é como lhe parece. Como eu vejo, dois corpos-mentes trocam ruídos simbólicos. Na realidade, nada acontece.

P: Escute, senhor. Eu venho a você porque tenho problemas. Sou uma pobre alma perdida em um mundo que não compreendo. Tenho medo da Mãe Natureza que quer que eu cresça, procrie e morra. Quando pergunto pelo significado e propósito de tudo isto, a natureza não responde. Vim a você porque me disseram que era amável e sábio. Você fala sobre o mutável como falso e transitório e eu posso entender. Mas quando você fala do imutável, sinto-me perdido. 'Não isto, não aquilo, além do conhecimento, de nenhuma utilidade' – por que falar disso tudo? Isso existe ou é apenas um conceito, o oposto verbal do mutável?

M: Ele é, só ele é. Mas em seu estado atual ele não é útil a você, do mesmo modo que não é de nenhuma utilidade o vaso de água perto de sua cama quando você sonha que está morrendo de sede em um deserto. Estou tentando acordá-lo, seja qual for seu sonho.

P: Por favor, não me diga que estou sonhando e que logo despertarei. Desejaria que assim fosse. Mas estou desperto e aflito. Você fala de um estado sem aflição, mas acrescenta que não posso tê-lo em minha presente condição. Sinto-me perdido.

M: Não se sinta perdido. Só digo que, para encontrar o imutável e o bem-aventurado, você deve desistir de seu apego ao mutável e doloroso. Você está interessado em sua própria felicidade e eu estou lhe dizendo que ela não existe. A felicidade nunca é sua, ela está onde o 'eu' não está. Não digo que esteja além de seu alcance; só tem que ir além além de si mesmo, e a encontrará.

P: Se eu tenho que ir além de mim mesmo, por que tive a ideia de 'eu sou' em primeira instância?

M: A mente necessita de um centro para traçar um círculo. O círculo pode ficar maior e a cada aumento haverá uma mudança no sentido 'eu sou'. Um homem que chegou a controlar-se, um iogue, traçará uma espiral, mas o centro permanecerá, por vasta que seja a espiral. Chega o dia em que toda a empresa é vista como falsa e é abandonada. O ponto central não existe mais, e o universo torna-se o centro.

P: Sim, pode ser. Mas o que devo fazer agora?

M: Observe assiduamente sua vida sempre em transformação, examine profundamente os motivos por trás de suas ações e logo estourará a bolha em que se acha encerrado. Um pinto necessita da casca para crescer, mas chega o dia em que a casca deve ser quebrada. Se isto não acontecer, haverá sofrimento e morte.

P: Você quer dizer que, se não adotar a loga, estou condenado à extinção?

M: Há o Guru que virá resgatá-lo. Por enquanto, contente-se em observar o fluxo de sua vida; se sua observação for profunda e firme, sempre voltada para a fonte, gradualmente ascenderá corrente acima até converter-se subitamente na fonte. Ponha sua Consciência para trabalhar, não sua mente. A mente não é o instrumento adequado para esta tarefa. O atemporal só pode ser alcançado pelo atemporal. Seu corpo e sua mente estão sujeitos ao tempo; só a Consciência é atemporal, sempre no agora. Na Consciência, você confronta os fatos, e a realidade ama os fatos.

P: Você confia inteiramente em minha Consciência para levar-me além, e não no Guru e em Deus.

M: Deus dá o corpo e a mente, e o Guru mostra o modo de usá-los. Mas retornar à fonte é sua própria tarefa.

P: Deus me criou, ele cuidará de mim.

M: Há inumeráveis deuses, cada um em seu próprio universo. Eles criam e recriam eternamente. Você vai esperar que eles o salvem? O que você necessita para salvar-se já está dentro de seu alcance. Use-o. Investigue o que você conhece até seu próprio fim e alcançará as camadas desconhecidas de seu ser. Avance ainda mais e o inesperado explodirá em você, e destruirá tudo.

P: Isso significa morrer?

M: Significa viver, finalmente.

86
O DESCONHECIDO É O LAR DO REAL

Pergunta: Quem é o Guru e quem é o Guru supremo?

Maharaj: Tudo que acontece em sua consciência é seu Guru. E a pura Consciência além da consciência é o Guru supremo.

P: Meu Guru é Sri Babaji. Qual sua opinião sobre ele?

M: Esta não é uma pergunta que se faça! Pergunta-se ao espaço em Bombaim qual é sua opinião sobre o espaço em Puna. Os nomes diferem, não o espaço. A palavra 'Babaji' é somente um endereço. Quem vive nesse endereço? Você faz perguntas quando tem problemas. Investigue quem concede os problemas e a quem.

P: Entendi que todos têm a obrigação de compreender. É seu dever, ou seu destino?

M: A realização é a do fato de que você não é uma pessoa. Portanto, não pode ser o dever da pessoa cujo destino é desaparecer. Seu destino é o dever daquele que se imagina ser a pessoa. Descubra quem ele é, e a pessoa imaginada se dissolverá. A liberdade é ser livre de algo. Do que você vai se liberar? Obviamente, deve liberar-se da pessoa que acredita ser, pois é a ideia que você tem de si mesmo que o escraviza.

P: Como a pessoa é removida?

M: Pela determinação. Entenda que ela deve desaparecer e queira que desapareça. Ela deve desaparecer se você é sério a respeito disso. Alguém – qualquer um – dirá a você que você é pura consciência, não um corpo-mente. Aceite isto como uma possibilidade e investigue seriamente.

Você pode descobrir que é não assim, que você não é uma pessoa limitada no tempo e espaço. Pense na diferença que iria fazer!

P: Se eu não sou uma pessoa, então o que sou?

M: O tecido molhado parece, é sentido e cheira diferente enquanto está molhado. Quando seco, novamente é um tecido normal. A água evaporou, e quem poderia perceber que esteve molhado? Sua natureza real não é como o que você parece ser. Abandone a ideia de ser uma pessoa, isso é tudo. Você não necessita transformar-se no que é de qualquer maneira.

Há a identidade do que você é e há a pessoa sobreposta a ela. Tudo o que você conhece é a pessoa; a identidade, a qual não é a pessoa, você não conhece, pois você nunca duvidou, nunca se perguntou sobre a questão crucial – 'Quem eu sou?'. A identidade é a testemunha da pessoa e o sadhana consiste em transferir a ênfase da pessoa superficial e variável para a imutável e sempre presente testemunha.

P: Como é que a pergunta 'Quem sou eu?' me atrai pouco? Eu prefiro passar meu tempo na doce companhia dos santos.

M: Morar em seu próprio ser também é companhia santa. Se você não tem o problema do sofrimento e de liberação do sofrimento, você não encontrará a energia e a persistência necessárias para a autoinquirição. Você não pode produzir uma crise. Ela deve ser genuína.

P: Como uma crise genuína ocorre?

M: Acontece em todo momento, mas você não está alerta o bastante. Uma sombra no rosto do seu vizinho, a imensa aflição da existência que a tudo permeia é um fator constante em sua vida, mas você recusa a tomar conhecimento. Você sofre, e vê o sofrimento nos outros, mas não reage.

P: O que você diz é verdadeiro, mas o que posso fazer a respeito? Tal, sem dúvida, é a situação. Meu desespero e embotamento são uma parte dela.

M: Bom o suficiente. Olhe-se firmemente – isso basta. A porta que o bloqueia também é a porta que o deixa sair. O 'eu sou' é a porta. Permaneça nela até que ela abra. De fato, está aberta, só que você não está ali. Você está esperando em portas pintadas não reais, as quais nunca abrirão.

P: Muitos de nós estivemos tomando drogas em algum momento e em alguma medida. Algumas pessoas nos falam para tomar drogas para passar a níveis superiores de consciência. Outros nos aconselham a praticar abundante sexo com o mesmo propósito. Qual sua opinião a respeito?

M: Sem dúvida, uma droga que pode afetar o cérebro pode afetar sua mente, e dar a você todas as estranhas experiências prometidas. Mas o que são todas as drogas comparadas à droga que lhe deu a mais rara experiência de nascer e viver em aflição e temor, na busca de felicidade, a qual não chega e não dura? Você deve investigar a natureza desta droga, e encontrar um antídoto.

Nascimento, vida e morte – eles são um. Descubra o que os causou. Antes de nascer, você já estava drogado. Que tipo de droga era? Você pode curar-se de todas as enfermidades, mas se você ainda está sob a influência da droga primordial, de que servirão as curas superficiais?

P: Não é o karma que causa o renascimento?

M: Você pode mudar o nome, mas o fato permanece. Qual é a droga que você chama karma ou destino? Ela fez você acreditar ser o que não é. O que ela é, e você pode se libertar dela? Antes de seguir adiante, você deve aceitar, ao menos como hipótese de trabalho, que você não é o que parece ser, que está sob a influência de uma droga. Só então terá a compulsão e a paciência para examinar os sintomas e buscar sua causa comum. Tudo o que um Guru pode dizer-lhe é: 'Meu querido senhor, você está muito equivocado a respeito de si mesmo. Você não é a pessoa que pensa ser'. Não confie em ninguém, nem mesmo em si mesmo. Busque, descubra, remova e rejeite cada pressuposto até que alcance as águas vivas e a rocha da verdade. Até que você esteja livre da droga, todas as suas religiões e ciências, orações e Iogas não servirão para nada, pois, ao estarem baseadas no erro, reforçam-no. Mas se você ficar com a ideia de que você não é o corpo nem a mente, nem mesmo a testemunha deles, mas algo completamente além, sua mente ficará mais clara, seus desejos, mais puros; suas ações, mais caridosas; e a purificação interna o levará a outro mundo, um mundo de verdade e de amor destemido. Resista a seus velhos hábitos de sentir e pensar, e continue dizendo a si mesmo: 'Não, não é assim, não pode ser assim; eu não sou assim, não o necessito, não o quero'; e chegará, sem dúvida, um dia em que toda a estrutura do erro e do desespero ruirá, e o fundamento estará livre para uma nova vida. Afinal de contas, você deve lembrar que todas as suas preocupações a respeito de si mesmo existem apenas durante as horas de vigília e, parcialmente, em seus os sonhos; ao dormir, tudo é deixado de lado e esquecido. Isto mostra quão pouco importante é sua vida de vigília, inclusive para você mesmo, que o meramente deitar e fechar os olhos podem acabar com ela. Cada vez que você vai dormir, o faz sem a mínima certeza de despertar e, ainda assim, você aceita o risco.

P: Quando dorme você é consciente ou inconsciente?

M: Permaneço consciente, mas não consciente de ser uma pessoa particular.

P: Você pode nos dar o sabor da experiência da autorrealização?

M: Tome-a toda! Aqui está para ser requerida. Mas você não a pede. Mesmo quando você a pede, você não a toma. Descubra o que o impede de tomá-la.

P: Sei o que me impede – meu ego.

M: Então, ocupe-se de seu ego – deixe-me em paz. Enquanto você estiver trancado em sua mente, meu estado estará além de seu alcance.

P: Acho que não tenho mais perguntas para fazer.

M: Se estivesse realmente em guerra com seu ego, iria fazer muito mais perguntas. Você tem poucas perguntas porque não está realmente interessado. No presente, você está comovido pelo princípio do prazer-dor, o qual é o ego. Você está cooperando com o ego, não o combatendo. Nem mesmo é consciente de quão totalmente está seduzido pelas considerações pessoais. Um homem deve estar sempre em rebelião contra si mesmo, porque o ego, como um espelho torto, afunila e distorce. Ele é o pior de todos os tiranos, e o domina absolutamente.

P: Quando não há 'eu', quem é livre?

M: O mundo fica livre de um poderoso incômodo. Bom o suficiente.

P: Bom para quem?

M: Bom para todos. É como uma corda estirada cruzando a rua, o que embaraça o tráfego; enrole-a, e ela lá estará, como mera identidade, útil quando necessária. A liberdade do ego-eu é o fruto da autoinquirição.

P: Houve um tempo em que eu estava muito descontente comigo. Agora, encontrei meu Guru e estou em paz, depois de ter-me rendido a ele completamente.

M: Se você observar sua vida diária, verá que não entregou nada. Somente acrescentou a palavra 'rendição' a seu vocabulário e transformou seu Guru em um gancho para pendurar seus problemas. A rendição real significa não fazer nada a menos que solicitado pelo Guru. Fica-se de lado, por assim dizer, e se deixa que a vida seja vivida pelo Guru. Você meramente observa e se maravilha de quão facilmente ele resolve os problemas, os quais, para você, pareciam insolúveis.

P: Enquanto estou aqui sentado, vejo a habitação, as pessoas, e o vejo também. Como vê de sua extremidade? O que você vê?

M: Nada. Olho, mas não vejo no sentido de criar imagens revestidas de juízos. Não descrevo nem avalio. Olho e o vejo, mas nem a atitude nem a opinião nublam minha visão. E quando afasto meus olhos, minha

mente não permite que a recordação persista, mas fica livre imediatamente, e fresca para a impressão seguinte.

P: Enquanto estou aqui, olhando-o, não posso localizar o evento no espaço e no tempo. Há algo eterno e universal sobre a transmissão da sabedoria que está acontecendo. Dez mil anos antes, ou após, não importam – o próprio evento é atemporal.

M: O homem não muda através das idades. Os problemas humanos permanecem os mesmos e pedem as mesmas respostas. Seu estar consciente do que chama transmissão da sabedoria mostra que a sabedoria ainda não foi transmitida. Quando a tem, você não é mais consciente dela. Você não é consciente do que realmente lhe pertence. Aquilo de que é consciente, nem é você nem é seu. Seu é o poder de perceber, não o que percebe. É um erro considerar o consciente como o todo do homem. O homem é o inconsciente, o consciente e o superconsciente, mas você não é o homem. Sua é a tela do cinema, a luz e também o poder de ver, mas você não é o filme.

P: Devo buscar o Guru ou devo permanecer com quem quer que tenha encontrado?

M: A própria pergunta mostra que você ainda não encontrou um. Enquanto não houver compreendido, você irá de Guru a Guru, mas, quando houver encontrado a si mesmo, a busca acabará. Um Guru é um marco indicador. Quando você está em movimento, você passa por muitos marcos. Quando chegou ao seu destino, é só o último que importa. Na realidade todos importaram em seu próprio momento, e nenhum importa agora.

P: Parece que você não dá nenhuma importância ao Guru. Ele é meramente um incidente entre outros.

M: Todos os incidentes contribuem, mas nenhum é crucial. Na estrada, cada passo o ajuda a alcançar seu destino, e cada um é tão crucial quanto os demais, pois cada passo deve ser dado, você não o pode omitir. Se você se nega a dá-lo, você está preso!

P: Todos cantam as glórias do Guru, enquanto você o compara a um marco indicador no caminho. Não necessitamos de um Guru?

M: Não necessitamos de um marco indicador? Sim e não. Sim, se não estivermos seguros; não, se conhecermos nosso caminho. Uma vez seguros de nós mesmos, o Guru já não é mais necessário, exceto no sentido técnico. Sua mente é um instrumento, afinal de contas, e você deve-

ria saber como usá-la. Como os usos do corpo lhe são ensinados, também deveria saber como utilizar sua mente.

P: O que ganho aprendendo a utilizar a mente?

M: Você ganha a liberdade do desejo e do temor, os quais são devidos inteiramente à utilização incorreta da mente. Mero conhecimento mental não é o bastante. O conhecido é acidental, o desconhecido é o lar do real. Viver no conhecido é escravidão, viver no desconhecido é liberação.

P: Compreendi que toda prática espiritual consiste na eliminação do eu pessoal. Tal prática exige uma determinação de ferro e uma aplicação incansável. Onde encontrar a integridade e a energia para tal trabalho?

M: Você as encontra na companhia dos sábios.

P: Como sei quem é sábio e quem é meramente esperto?

M: Se seus motivos são puros, se você busca a verdade e nada mais, encontrará a pessoa certa. Encontrá-los é fácil, o que é difícil é confiar neles e tirar plena vantagem de seus conselhos e direção.

P: O estado de vigília é mais importante para a prática espiritual que o sono?

M: Em geral damos demasiada importância ao estado de vigília. Sem o sono, o estado de vigília seria impossível; sem o sono se enlouquece ou morre. Por que dar tanta importância à consciência de vigília quando ela depende tão obviamente do inconsciente? Não apenas se deve cuidar do consciente, mas o inconsciente também deve ser cuidado, em nossa prática espiritual.

P: Como se cuida do inconsciente?

M: Mantenha o 'eu sou' no foco da Consciência, recorde o que você é, observe-se incessantemente, e o inconsciente fluirá ao consciente sem nenhum esforço especial de sua parte. Os temores e desejos incorretos, as falsas ideias e as inibições sociais estão bloqueando e impedindo sua interação livre com o consciente. Uma vez livre para unificar-se, os dois se tornam um e o um se torna o todo. A pessoa se funde na testemunha, a testemunha na Consciência, a Consciência no puro ser e, ainda assim, a identidade não é perdida, só se perdem suas limitações. Ela é transfigurada, e se transforma no Eu real, o sadguru, o amigo e guia eterno. Você não pode aproximar-se dele na adoração. Nenhuma atividade externa pode alcançar o eu interior; a adoração e a oração permanecem na superfície apenas; para ir mais profundamente, é essencial a meditação,

o esforço de ir além dos estados de sono, sonhar e vigília. No princípio, as tentativas são irregulares, então ocorrem mais frequentemente, tornando-se regulares, logo são contínuas e intensas, até que todos os obstáculos sejam conquistados.

P: Obstáculos a quê?

M: Ao autoesquecimento.

P: Se o culto e as orações são ineficazes, por que você adora diariamente, com canções e música, a imagem de seu Guru?

M: Aqueles que o querem o fazem. Não vejo nenhuma razão para interferir.

P: Mas você toma parte nisso.

M: Sim, assim parece. Mas por que implica tanto comigo? Dê toda sua atenção à pergunta: 'O que é o que me faz consciente?', até que sua mente se transforme na própria pergunta e não possa pensar em mais nada.

P: Toda a gente me encoraja a meditar. Eu não encontro nenhum entusiasmo na meditação, mas estou interessado em muitas outras coisas; gosto tanto de algumas que minha mente vai a elas; minhas tentativas de meditar são hesitantes. O que devo fazer?

M: Pergunte-se: 'A quem tudo isto acontece?' Utilize tudo como uma oportunidade para ir para dentro. Faça leve seu caminho queimando obstáculos na intensidade da Consciência. Quando há desejo ou temor, não é o desejo ou o temor que está errado e deve desaparecer, mas a pessoa que deseja e teme. Não é questão de lutar contra desejos e temores que podem ser perfeitamente naturais e justificados; a causa dos erros passados e futuros é a pessoa que está seduzida por eles. Esta pessoa deve ser examinada cuidadosamente, e sua falsidade percebida; então seu poder sobre você acabará. Depois de tudo, a pessoa desaparece a cada vez que você vai dormir. No sono profundo você não é uma pessoa autoconsciente, ainda que você esteja vivo. Quando você está vivo e consciente, mas não mais autoconsciente, você não é mais uma pessoa. Durante as horas de vigília, você está como se em cena, interpretando um papel, mas o que você é quando a peça termina? Você é o que é; o que você era antes do começo da peça permanece quanto ela terminar. Olhe para si mesmo como se estivesse atuando no palco da vida. A atuação pode ser esplêndida ou desajeitada, mas você não está nela, você meramente a observa; com interesse e simpatia, certamente, mas tendo

sempre em mente que você só está observando, enquanto a representação – a vida – continua.

P: Você sempre está enfatizando o aspecto cognitivo da realidade. Você dificilmente menciona alguma vez a afeição ou a vontade. Nunca o fará?

M: Vontade, afeto, felicidade, esforçar-se e apreciar estão tão profundamente manchados com o pessoal que não se pode confiar neles. Apenas a Consciência pode dar a clarificação e a purificação necessárias no próprio início da jornada. O amor e a vontade terão seu momento, mas a base deve estar preparada. O sol da Consciência deve surgir primeiro – tudo mais o seguirá.

87
MANTENHA A MENTE EM SILÊNCIO E VOCÊ DEVE DESCOBRIR

Pergunta: Uma vez tive uma estranha experiência. Eu não existia nem era o mundo, só havia luz, dentro e fora, e uma imensa paz. Isto durou quatro dias, e logo voltei à consciência cotidiana.

Agora, tenho o sentimento de que tudo quanto sei é um mero andaime que cobre e oculta o edifício em construção. O arquiteto, o projeto, os planos, o propósito – nada disso conheço; há certa atividade em marcha, acontecem coisas; isso é tudo o que posso dizer. Eu sou esse andaime, uma coisa muito frágil e de vida curta; quando a construção estiver pronta, o andaime será desmontado e removido. O 'eu sou' e 'O que eu sou' não têm importância porque, uma vez que o edifício esteja pronto, o 'eu' desaparecerá como uma questão de sequência do tempo, sem deixar perguntas a serem respondidas.

Maharaj: Você não está consciente de tudo isto? O fator constante não é a realidade da Consciência?

P: Meu sentido de permanência e identidade é devido à memória, a qual é tão evanescente e não confiável. Quão pouco eu lembro, mesmo do passado recente! Vivi o tempo de uma vida e, agora, o que me resta? Um punhado de eventos, no melhor dos casos, uma história breve.

M: Tudo isto acontece dentro de sua consciência.

P: Dentro e fora. Durante o dia, dentro; na noite, fora. A consciência não é tudo. Acontecem tantas coisas além de seu alcance. Dizer que não existe aquilo do qual não sou consciente é totalmente errado.

M: O que você diz é lógico, mas você realmente só conhece o que há em sua consciência. O que você reivindica que existe fora de sua experiência consciente é inferido.

P: Pode ser inferido e, mesmo assim, é mais real que o sensório.

M: Tenha cuidado. No momento em que você começa a falar, você cria um universo verbal, um universo de palavras, ideias, conceitos e abstrações, interligadas e interdependentes, maravilhosamente capazes de gerar-se, sustentando-se e explicando-se umas às outras e, ainda assim, desprovidas de essência ou substância, meras criações da mente. As palavras alimentam palavras, a realidade é silenciosa.

P: Quando você fala, eu o ouço. Não é um fato?

M: É um fato que você ouve. O que você ouve, não é. O fato pode ser experienciado e, nesse sentido, o som da palavra e das ondas mentais que ela causa são experienciados. Não há nenhuma outra realidade por trás disso. Seu significado é puramente convencional, para ser relembrado; uma linguagem pode ser facilmente esquecida, a menos que a pratique.

P: Se não há realidade nas palavras, por que falamos de qualquer forma?

M: Elas servem ao limitado propósito de comunicação interpessoal. As palavras não comunicam fatos, elas os sinalizam. Uma vez que você esteja além da pessoa, você não necessita de palavras.

P: O que pode levar-me além da pessoa? Como ir além da consciência?

M: Palavras e perguntas chegam da mente e o seguram ali. Para ir além da mente, você deve ser tranquilo e silencioso. Paz e silêncio, silêncio e paz – este é o caminho para ir além. Deixe de fazer perguntas.

P: Uma vez que eu desista de fazer perguntas, o que farei?

M: O que você pode fazer, exceto esperar e observar?

P: O que devo esperar?

M: Que o centro de seu ser surja na consciência. Os três estados – dormir, sonhar e vigília – estão todos na consciência, o manifestado; o que você chama inconsciência também se manifestará no devido tempo;

além da consciência, geralmente, está o não manifestado. E além de tudo, e penetrando tudo, está o coração do ser que bate firmemente – manifestado-não manifestado, manifestado-não manifestado (saguna-nirguna).

P: No nível verbal soa tudo bem. Posso visualizar-me como a semente do ser, um ponto na consciência, com meu sentido 'eu sou' pulsando, aparecendo e desaparecendo alternadamente. Mas o que fazer para compreendê-lo como um fato, para ir além, para dentro da Realidade imutável e silenciosa?

M: Você não pode fazer nada. O que o tempo trouxe, o tempo levará embora.

P: Então por que todas estas exortações à prática da Ioga e busca da realidade? Elas me fazem sentir poderoso e responsável, enquanto, de fato, é o tempo que faz tudo.

M: Este é o fim da Ioga – realizar a independência. Tudo quanto acontece, acontece na mente e para a mente, não para a fonte do 'eu sou'. Uma vez que compreenda que tudo acontece por si mesmo (chame-o destino, vontade de Deus, ou mero acidente), você permanecerá apenas como a testemunha, que compreende e aprecia, mas é imperturbável.

P: Se eu deixar de confiar completamente nas palavras, qual será minha condição?

M: Há uma estação para confiar e outra para desconfiar. Deixe que as estações façam o trabalho delas, por que se preocupar?

P: De algum modo, eu me sinto responsável pelo que acontece a meu redor.

M: Você só é responsável pelo que você pode mudar. Tudo o que você pode mudar é apenas sua atitude. Aí está sua responsabilidade.

P: Está me aconselhando a que permaneça indiferente à aflição dos outros!

M: Não é que você não seja indiferente. Todos os sofrimentos da humanidade não o impedem de apreciar sua próxima refeição. A testemunha não é indiferente. Ela é a plenitude do entendimento e da compaixão. Apenas como testemunha, você pode ajudar a outro.

P: Durante toda minha vida fui alimentado por palavras. O número de palavras que ouvi e li chega a bilhões. Isto me beneficiou? Não, de modo algum.

M: A mente molda a linguagem e a linguagem molda a mente. Ambas são ferramentas; use-as, mas não mal. As palavras podem levá-lo até seu próprio limite; para ir além, você deve abandoná-las. Permaneça apenas como a testemunha silenciosa.

P: Como fazer isto? O mundo me perturba muito.

M: Isso é porque você se pensa suficientemente grande para ser afetado pelo mundo. Não é assim. Você é tão pequeno que nada pode forçá-lo. Sua mente é que fica aprisionada, não você. Conheça-se tal como é – um mero ponto na consciência, sem dimensão e atemporal. Você é como a ponta de um lápis – pelo mero contato com você, a mente traça sua imagem do mundo. Você é único e simples, a imagem é complexa e abrangente; não seja enganado pela imagem, permaneça consciente desse pequeno ponto que está em todas as partes da imagem.

O que é pode deixar de ser; o que não é pode vir a ser; mas o que nem é nem não é, e do qual depende o ser e o não ser, é impenetrável. Saiba que você é a causa do desejo e do medo, sendo você mesmo livre de ambos.

P: Como eu sou a causa do medo?

M: Tudo depende de você. É por seu consentimento que o mundo existe. Retire a crença em sua realidade e ele se dissolverá como um sonho. O tempo pode derrubar montanhas, quanto mais você, que é a origem atemporal do tempo. Pois, sem memória e sem expectativa, não pode haver tempo.

P: O 'eu sou' é o Último?

M: Antes que você possa dizer 'eu sou', você deve existir para dizê-lo. O Ser não necessita ser autoconsciente. Você não precisa saber para ser, mas você deve ser para saber.

P: Senhor, eu estou afogado em um mar de palavras! Posso ver que tudo depende de como se juntam as palavras, mas deve haver alguém que as junte de forma significativa. Por escrever palavras aleatoriamente, o Ramayana, o Mahabharata e o Bhagavata não poderiam ser produzidos. A teoria da emergência acidental não é sustentável. A origem do significativo deve estar além disto. Qual é este poder que cria ordem do caos? Viver é mais do que ser; e a consciência é mais que viver. Quem é o ser vivo consciente?

M: Sua pergunta contém a resposta: um ser vivo consciente é um ser vivo consciente. As palavras são mais apropriadas, mas você não enten-

de seu pleno significado. Aprofunde-se no significado das palavras ser, vivo, consciente e deixará de andar em círculos, fazendo perguntas, mas perdendo as respostas. Compreenda que não pode fazer uma pergunta válida sobre si mesmo porque você não sabe sobre quem está perguntando. Na pergunta 'Quem sou eu?', o 'eu' não é conhecido, e a pergunta poderia ser assim expressa: Não sei o que quero dizer por 'eu'. Você deve descobrir o que é. Eu só posso falar o que você não é. Você não e do mundo, nem mesmo está no mundo. O mundo não existe, só você existe. Você cria o mundo em sua imaginação, como um sonho. Como você não pode separar o sonho de você mesmo, do mesmo modo você não pode ter um mundo exterior independente de você. Você é independente, não o mundo. Não tenha medo de um mundo que você mesmo criou. Cesse de buscar felicidade e realidade num sonho, e você despertará; você não necessita conhecer todos os 'porquê' e os 'como', não há fim às perguntas. Abandone todos os desejos, mantenha sua mente silenciosa e você descobrirá.

88
O VERDADEIRO CONHECIMENTO NÃO É O CONHECIMENTO OBTIDO ATRAVÉS DA MENTE

Pergunta: Você experimenta os três estados de vigília, sonho e sono profundo tal como o fazemos nós, ou é de outro modo?

Maharaj: Todos os três estados são sono profundo para mim. Meu estado de vigília está além deles. Quando eu olho para vocês, todos parecem adormecidos, sonhando com as palavras de seus próprios pais. Eu estou desperto, pois não imagino nada. Não é samadhi, que não é nada mais que outro tipo de sonho. É simplesmente um estado não influenciado pela mente, livre do passado e do futuro. No seu caso, ele é distorcido pelo desejo e pelo medo, pelas memórias e esperanças; no meu é como é, normal. Ser uma pessoa é estar adormecido.

P: Entre o corpo e a pura Consciência está o 'órgão interno', antahkarana, o 'corpo sutil', o 'corpo mental', qualquer que seja o nome. Do

mesmo modo que um espelho giratório converte a luz do sol em um padrão múltiplo de faixas e cores, assim também o corpo sutil converte a simples luz do Eu radiante em um mundo diversificado. Assim eu compreendi o seu ensinamento. O que não posso compreender é como apareceu este corpo sutil, em primeira instância?

M: Ele é criado com a emergência da ideia 'eu sou'. Os dois são um.

P: Como apareceu o 'eu sou'?

M: No seu mundo tudo deve ter um começo e um fim. Se não os tem, você o chama eterno. Sob meu ponto de vista, não existe tal coisa como o princípio e o fim – tudo isto está em relação com o tempo. O ser atemporal está eternamente no agora.

P: O antahkarana, ou o 'corpo sutil', é real ou irreal?

M: É passageiro. Real quando está presente, irreal quando termina.

P: Que tipo de realidade? É momentânea?

M: Chame-a empírica, ou atual, ou de fato. É a realidade da experiência imediata, aqui e agora, a qual não pode ser negada. Você pode questionar a descrição e o significado, mas não o próprio evento. O ser e o não ser se alternam, e suas realidades são momentâneas. A Realidade Imutável está além do espaço e do tempo. Compreenda a transitoriedade do ser e do não ser e seja livre de ambos.

P: As coisas podem ser transitórias, ainda assim elas estão muito com a gente, em uma repetição sem fim.

M: Os desejos são fortes. É o desejo que causa a repetição. Não há recorrência onde não há desejo.

P: E o medo?

M: O desejo é do passado, o medo é do futuro. A recordação do sofrimento passado e o medo de sua recorrência criam em nós a ansiedade sobre o futuro.

P: Há também o medo do desconhecido.

M: Quem não sofreu não tem medo.

P: Estamos condenados a temer?

M: Até que possamos olhar o medo e aceitá-lo como a sombra da existência pessoal, nós, como pessoas, estaremos condenados a ter medo. Abandone todas as equações pessoais, e você deve se libertar do medo. Não é difícil. A ausência de desejo chega por si mesma quando o desejo é reconhecido como falso. Você não necessita lutar contra o desejo. No final das contas, é um impulso para a felicidade, o qual resulta

natural enquanto houver aflição. Somente veja que não há felicidade no que você deseja.

P: Nós nos acomodamos com o prazer.

M: Cada prazer está envolto em dor. Logo descobrirá que não pode ter um sem o outro.

P: Há o experimentador e sua experiência. O que criou o elo entre os dois?

M: Nada o criou. Ela existe. Os dois são um.

P: Sinto que há uma armadilha em alguma parte, mas não sei onde.

M: A armadilha está em sua mente, a qual insiste em ver dualidade onde não há nenhuma.

P: Enquanto eu o escuto, minha mente está toda no agora, e estou surpreso por me achar sem perguntas.

M: Você pode conhecer a realidade apenas quanto está surpreso.

P: Posso entender que a causa da ansiedade e do temor é a memória. Quais são os meios para acabar com a memória?

M: Não fale de meios, não há meios. O que você vê como falso se dissolve. A própria natureza da ilusão é dissolver-se ao ser investigada. Investigue – isto é tudo. Você não pode destruir o falso, já que o está criando continuamente. Retire-se dele, ignore-o, vá além, e ele deixará de existir.

P: Cristo também falou de ignorar o mal e de ser como as crianças.

M: A realidade é comum a todos. Só o falso é pessoal.

P: Quando observo os sadhakas e examino as teorias mediante as quais eles vivem, percebo que meramente substituíram as ânsias materiais pelas ambições 'espirituais'. A partir do que você nos diz, parece que as palavras 'espiritual' e 'ambição' são incompatíveis. Se 'espiritualidade' implica liberdade da ambição, o que impulsionará o buscador? As logas falam do desejo de liberação como essencial. Não é a mais alta forma de ambição?

M: A ambição é pessoal e a liberação é do pessoal. Na liberação, ambos, o sujeito e o objeto da ambição deixam de ser. Seriedade não é a ânsia pelos frutos de nossos esforços, é a expressão de uma mudança interna de interesse, para longe do falso, do que não é essencial, do pessoal.

P: Outro dia você nos falou que nem mesmo podemos sonhar com a perfeição antes da realização porque o Eu, e não a mente, é a fonte de

todas as perfeições. Se ela não é a excelência em virtude, a qual é essencial à liberação, então o que é?

M: A liberação não é o resultado de alguns meios habilidosamente aplicados, nem das circunstâncias. Está além do processo causal. Nada pode forçá-la e nada pode impedi-la.

P: Então por que não somos livres aqui e agora?

M: Mas nós somos livres 'aqui e agora'. É apenas a mente que imagina a escravidão.

P: O que porá fim à imaginação?

M: Por que deveria desejar pôr um fim a ela? Uma vez que conheça sua mente e seus miraculosos poderes, e remova o que a envenena – a ideia de uma pessoa separada e isolada – você a deixará só para que faça o seu trabalho entre as coisas para as quais ela é bem dotada. Manter a mente em seu próprio lugar e em seu próprio trabalho é a liberação da mente.

P: Qual é o trabalho da mente?

M: A mente é a esposa do coração e o mundo é seu lar, o qual deve ser mantido brilhante e feliz.

P: Ainda não entendi por que, se nada se interpõe no caminho da liberação, ela não acontece aqui e agora.

M: Nada se interpõe no caminho de sua liberação e ela pode ocorrer aqui e agora, mas você está mais interessado em outras coisas. E não pode lutar com seus interesses. Você deve segui-los, ver através deles, e observá-los, o que os revela como meros erros de juízo e apreciação.

P: Não me ajudará se vou e permaneço com algum grande homem santo?

M: Os homens grandes e santos sempre estão ao seu alcance, mas você não os reconhece. Como você saberá quem é grande e santo? Pelos rumores? Pode confiar nos outros para estes assuntos, ou inclusive em si mesmo? Para convencê-lo, além da sombra da dúvida, você necessita mais do que uma recomendação, mais do que um arrebatamento momentâneo. Você pode encontrar-se com um grande homem santo ou uma mulher, e nem sequer conhecer por muito tempo sua boa sorte. O filho pequeno de um grande homem durante muitos anos não saberá nada da grandeza de seu pai. Você deve amadurecer para reconhecer a grandeza, e purificar seu coração para reconhecer a santidade. Ou gastará seu tempo e dinheiro em vão perdendo também o que a vida lhe oferece. Há

pessoas boas entre seus amigos; pode aprender muito com eles. Correr atrás de santos é somente outra partida a ser jogada. Em vez disto, recorde-se de si mesmo e observe sua vida persistentemente. Seja sério e você não falhará em quebrar os laços da falta de atenção e da imaginação.

P: Você quer que eu lute só?

M: Você nunca está só. Há poderes e presenças que o servem todo o tempo muito fielmente. Pode ser que os perceba ou não, contudo eles são reais e ativos. Quando você compreende que tudo está em sua mente e que você está além dela, que está verdadeiramente só, então você é tudo.

P: O que é onisciência? Deus é onisciente? Você é onisciente? Ouvimos a expressão – testemunha universal; o que significa? A autorrealização implica onisciência? Ou é uma questão de treinamento especializado?

M: Perder inteiramente todo interesse no conhecimento resulta em onisciência. Não é senão o presente de conhecer o que necessita ser conhecido, no momento certo, pela ação livre de erro. Apesar de tudo, o conhecimento é necessário para a ação e, se você atuar corretamente, espontaneamente, sem introduzir o consciente, tanto melhor.

P: Pode-se conhecer a mente de outra pessoa?

M: Conheça sua própria mente primeiro. Ela contém o universo inteiro e ainda sobra lugar!

P: Sua teoria de trabalho parece ser que o estado de vigília não é basicamente distinto do sonhar e do sono sem sonhos. Os três estados são essencialmente um caso de autoidentificação errônea com o corpo. Talvez seja verdade, mas sinto que não é toda verdade.

M: Não tente conhecer a verdade, pois o conhecimento obtido pela a mente não é conhecimento verdadeiro. Mas você pode conhecer o que não é verdadeiro – o que é suficiente para libertá-lo do falso. A ideia de que você sabe o que é verdadeiro é perigosa, pois o mantém prisioneiro da mente. É quando você não sabe, que você é livre para investigar. E não pode haver nenhuma salvação sem investigação, porque a causa principal da escravidão é a não investigação.

P: Você disse que a ilusão do mundo começa com o sentido 'eu sou', mas, quando pergunto sobre a origem do 'eu sou', você responde que não tem origem porque, ao investigar, ele se dissolve. O que é sólido o

bastante para construir o mundo não pode ser mera ilusão. O 'eu sou' é o único fator imutável de que sou consciente; como pode ser falso?

M: O que é falso não é o 'eu sou', mas o que você acredita ser. Posso ver, sem sombra de dúvida, que você não é o que acredita ser. Lógico ou ilógico, você não pode negar o óbvio. Você não é nada do que você está consciente. Aplique-se diligentemente no desmonte da estrutura que construiu em sua mente. O que a mente fez, a mente deverá desfazer.

P: Você não pode negar o momento presente, recorde ou não. O que é agora é. Pode questionar a aparência, não o fato. O que há na raiz do fato?

M: O 'eu sou' está na raiz de toda aparência e é a conexão permanente na sucessão de eventos que denominamos vida, mas eu estou além do 'eu sou'.

P: Dei-me conta de que as pessoas realizadas usualmente descrevem seu estado com termos emprestados de suas religiões. Acontece que você é hindu, de modo que fala de Brahma, Vishnu e Shiva, e utiliza as descrições e imagens hindus. Tenha a bondade de dizer-nos, qual é a experiência por trás de suas palavras? A que realidade eles se referem?

M: É meu modo de falar, uma linguagem que me ensinaram a usar.

P: Mas o que há por trás da linguagem?

M: Como posso colocar isto em palavras exceto negando-as? Portanto utilizo tais expressões como atemporal, ilimitado, sem causa, etc. Essas também são palavras, mas, como estão vazias de significado, convêm a meu propósito.

P: Se não têm significado, por que usá-las?

M: Porque você quer palavras onde elas não se aplicam.

P: Posso ver seu ponto de vista. Novamente, você roubou minha pergunta!

89
O PROGRESSO NA VIDA ESPIRITUAL

Pergunta: Somos duas moças inglesas visitando a Índia. Sabemos pouco da Ioga e estamos aqui porque nos disseram que os mestres espirituais desempenham um papel importante na vida da Índia.

Maharaj: Vocês são bem-vindas. Não encontrarão nada novo aqui. O trabalho que estamos fazendo é atemporal. Era o mesmo há dez mil anos e será o mesmo dez mil anos à frente. Os séculos passam, mas o problema humano não muda – o problema do sofrimento e do fim do sofrimento.

P: Outro dia, apareceram sete jovens estrangeiros pedindo um lugar para dormir algumas noites. Eles vieram para ver o Guru que estava dando conferência em Bombaim. Eu o conheci, era um homem jovem, muito agradável, aparentemente muito prosaico e eficiente, mas com uma atmosfera de silêncio e de paz ao seu redor. Seu ensinamento é tradicional, com ênfase na Karma Ioga, trabalho desinteressado, serviço ao Guru, etc. Como o Gita, ele diz que o trabalho altruísta dará como resultado a salvação. Ele está cheio de planos ambiciosos e procura trabalhadores que abrirão centros espirituais em muitos países. Parece que não só lhes dá a autoridade, mas, também, o poder para fazer o trabalho em seu nome.

M: Sim, há a transmissão do poder.

P: Quando estive com eles, tive o estranho sentimento de tornar-me invisível. Os devotos, em sua entrega ao Guru, entregaram a mim também! O que quer que eu fizesse por eles era o fazer de seu Guru e eu não seria considerada, exceto como um mero instrumento. Eu era somente uma torneira a girar para a esquerda ou para a direita. Não havia nenhum tipo de relação pessoal. Eles tentaram um pouco converter-me à sua fé; como logo sentiram resistência, simplesmente deixaram-me fora do campo de sua atenção. Mesmo entre eles não pareciam muito relacionados; era o interesse comum em seu Guru o que os mantinha juntos. Achei isto particularmente frio, quase desumano.

Considerar-se um instrumento nas mãos de Deus é uma coisa; negar a alguém toda a atenção e consideração porque 'tudo é Deus' pode levar à indiferença próxima à crueldade. Afinal de contas, todas as guerras são feitas 'em nome de Deus'. Toda a história da humanidade é uma sucessão de 'guerras santas'. Não se é nunca tão impessoal quanto na guerra!

M: Insistir e resistir estão contidos na vontade de ser. Elimine a vontade de ser, e o que permanecerá? A existência e a não existência relacionam-se com algo no tempo e no espaço; aqui e agora, ali e então, os quais de novo estão na mente. A mente realiza um jogo de adivinhação; sempre está incerta; dominada pela ansiedade e inquieta. Você se ressente por ser tratada como um mero instrumento de algum deus, ou Guru, e insiste em ser tratada como uma pessoa, porque você não está segura de sua própria existência e não quer abandonar a comodidade e segurança de uma personalidade. Você pode não ser o que você acredita ser, mas isso lhe dá continuidade, seu futuro flui para o presente e se converte no passado sem sobressaltos. Que seja negada a alguém a existência pessoal é espantoso, mas você deve encarar isto e descobrir sua identidade com a totalidade da vida. Então, já não haverá o problema de quem é usado por quem.

P: Toda a atenção que tive foi uma tentativa de converter-me à fé que professavam. Quando resisti, perderam todo interesse em mim.

M: Alguém não se torna um discípulo pela conversão ou por acidente. Há geralmente uma conexão antiga, mantida através de muitas vidas, e que floresce como amor e confiança, sem o que não há discipulado.

P: O que fez você decidir tornar-se um mestre?

M: Fizeram-me mestre por chamar-me assim. Quem eu sou para ensinar, e a quem? O que eu sou você é, e o que você é – eu sou. O 'eu sou' é comum a todos nós; além do 'eu sou' há a imensidade da luz e do amor. Não a vemos porque olhamos para outra parte; eu só posso apontar para o céu; ver a estrela é coisa sua. Alguns levam mais tempo para ver a estrela, outros menos; depende da claridade de sua visão e da sua seriedade na busca; estas duas coisas devem ser próprias – eu só posso encorajar.

P: O que se espera que eu faça quando me tornar uma discípula?

M: Cada mestre tem seu próprio método, geralmente seguindo o padrão de ensinamentos de seu Guru e do modo em que ele mesmo se rea-

lizou, e sua própria terminologia também. Dentro desta estrutura são feitos ajustes à personalidade do discípulo. Ao discípulo se dá plena liberdade de pensamento e inquirição, e é encorajado a questionar o conteúdo de seu coração. Ele deve estar absolutamente certo sobre a posição e a competência de seu Guru; de outro modo sua fé não será absoluta, nem sua ação completa. O absoluto em você é o que a leva ao absoluto além de você — verdade absoluta, amor, abnegação são os fatores decisivos na autorrealização. Com seriedade, podem ser alcançados.

P: Entendi que se deve abandonar a família e as posses para tornar-se um discípulo.

M: Isto varia com o Guru. Alguns esperam que seus discípulos maduros se convertam em ascetas e reclusos; alguns encorajam à vida e aos deveres familiares. A maioria deles considera o modelo da vida de família mais difícil que a renúncia, adequado para uma personalidade mais amadurecida e melhor equilibrada. Nas primeiras etapas, a disciplina da vida monástica pode ser aconselhável. Consequentemente, na cultura hindu se espera que os estudantes até os 25 anos vivam como monges – na pobreza, castidade e obediência –, para dar a eles a oportunidade de construir um caráter capaz de enfrentar as dificuldades e tentações da vida de casado.

P: Quem são as pessoas nesta sala? São seus discípulos?

M: Pergunte a eles. Não é no nível verbal que alguém se torna um discípulo, mas nas profundidades silenciosas de seu próprio ser. Você não se torna um discípulo por escolha; é mais questão de destino que da própria vontade. Não importa muito quem é o mestre – todos querem o seu bem. O que importa é o discípulo — sua honestidade e seriedade. O discípulo certo sempre encontrará o mestre certo.

P: Posso ver a beleza e sentir a felicidade de uma vida dedicada à busca da verdade sob um mestre competente e amoroso. Desgraçadamente, nós devemos regressar à Inglaterra.

M: A distância não importa. Se seus desejos forem ortes e vei 'a ros, eles moldarão sua vida para alcançar a realização. Semeie sua semente e deixe-a às estações.

P: Quais são os sinais de progresso na vida espiritua ?

M: Estar livre de toda ansiedade; um sentido de calma e alegria, profunda paz interior e uma abundante energia exterior.

P: Como você obteve isto?

M: Encontrei tudo na santa presença de meu Guru – não fiz nada por mim mesmo. Ele me falou para ficar quieto – e foi o que fiz – tanto quanto pude.

P: A sua presença é tão poderosa quanto a dele?

M: Como vou sabê-lo? Para mim, ele é a única presença. Se você está comigo, está com ele.

P: Cada Guru me remeterá a seu próprio Guru. Onde está o ponto de partida?

M: Há um poder no universo trabalhando pela iluminação e pela liberação. Nós o chamamos Sadashiva, o qual está sempre presente no coração dos homens. Ele é o fator unificador. A unidade libera, a liberdade une. No final das contas, nada é meu nem seu – tudo é nosso. Seja uma consigo mesma e será uma com tudo, estará em casa no universo inteiro.

P: Você quer dizer que todas estas glórias virão simplesmente por permanecer no sentimento 'eu sou'?

M: É o simples que é certo, não o complicado. De algum modo, as pessoas não confiam no simples, no fácil, no que está sempre disponível. Por que não dar um julgamento honesto para o que eu digo? Pode parecer muito pequeno e insignificante, mas é como uma semente que cresce e se transforma em uma poderosa árvore. Dê a si mesma uma oportunidade!

P: Vejo muitas pessoas sentadas aqui – tranquilamente. O que você tem para que venham?

M: Para encontrar a si mesmas. Em casa, o mundo é por demais para elas. Aqui nada as perturba; têm uma oportunidade de deixar suas preocupações diárias e contatar o essencial nelas mesmas.

P: Qual é o curso de treinamento na Consciência de si mesmo?

M: Não há necessidade de treinamento. A Consciência sempre está com você. A mesma atenção que dá ao exterior você volta para o interior. Não é necessário nenhum tipo novo ou especial de Consciência.

P: Você ajuda as pessoas pessoalmente?

M: As pessoas vêm discutir seus problemas. Aparentemente obtêm alguma ajuda, ou elas não viriam.

P: As conversas com as pessoas sempre são em público, ou fala para elas também privadamente?

M: É de acordo com o desejo delas. Pessoalmente, não faço distinções entre o público e o privado.

P: Você está sempre disponível, ou tem outro trabalho a fazer?

M: Sempre estou disponível, mas as horas da manhã e as do final da tarde são as mais convenientes.

P: Entendi que nenhum trabalho tem um grau superior ao do mestre espiritual.

M: O motivo importa supremamente.

90
RENDA-SE A SEU PRÓPRIO SER

Pergunta: Nasci nos Estados Unidos e passei os últimos catorze meses no Sri Ramanashram; agora estou de regresso aos Estados Unidos, onde minha mãe espera por mim.

Maharaj: Quais são seus planos?

P: Posso capacitar-me como enfermeira ou simplesmente casar e ter bebês.

M: O que a faz querer casar-se?

P: Proporcionar um lar espiritual é a mais alta forma de serviço social na qual posso pensar. Mas, certamente, a vida pode tomar outro rumo. Estou preparada para o que vier.

M: Esses catorze meses no Sri Ramanashram, o que lhe deram? Em que modo você é diferente do que era quando chegou lá?

P: Não tenho mais medo. Encontrei alguma paz.

M: Que tipo de paz é esta? A paz de ter o que quer, ou a de não querer o que não tem?

P: Um pouco de ambas, creio. Não foi nada fácil. Apesar de o Ashram ser um lugar muito tranquilo, interiormente eu estava em agonia.

M: Quando você compreende que a distinção entre o interno e o externo só está na mente, você deixa de ter medo.

P: Comigo, esta compreensão vai e vem. Eu ainda não alcancei a imutabilidade da absoluta perfeição.

M: Bom, enquanto você acreditar nisso, deve continuar com seu sadhana para dispersar a falsa ideia de não ser completa. O sadhana removerá as sobreposições. Quando você se perceber como algo menor que um ponto no espaço e no tempo, algo muito pequeno para ser cortado e muito breve para ser morto, então, e só então, todo medo desaparecerá. Quando você for menor que a ponta da agulha, então a agulha não poderá perfurá-la. Você perfurará a agulha!

P: Sim, assim é como me sinto algumas vezes – indomável. Sou mais que valente – sou a própria coragem.

M: O que a fez ir para o Ashram?

P: Tive um caso amoroso infeliz e sofri um inferno. Nem a bebida nem as drogas puderam ajudar-me. Eu estava tateando e me deparei com alguns livros de loga. De livro em livro, de pista em pista, cheguei ao Ramanashram.

M: Se a mesma tragédia acontecesse para você novamente, sofreria tanto quanto antes, considerando o estado atual de sua mente?

P: Oh, não! Não me permitiria sofrer de novo. Eu me mataria.

M: De modo que você não tem medo de morrer!

P: Tenho medo de morrer, não da própria morte. Imagino o processo de morrer como algo doloroso e feio.

M: Como você sabe? Não é necessário que seja assim. Pode ser belo e pacífico. Uma vez que você saiba que a morte acontece para o corpo e não para você, você apenas observa seu corpo cair como um vestuário descartado.

P: Estou plenamente consciente de que meu medo da morte é devido à apreensão e não ao conhecimento.

M: Seres humanos morrem a cada segundo, o temor e a agonia de morrer pendem sobre o mundo como uma nuvem. Não é de estranhar que você também tenha medo. Mas, uma vez que saiba que só morre o corpo, não a continuidade da memória e o sentido 'eu sou' nela refletido, você não temerá mais.

P: Bem, deixe-nos morrer e veremos.

M: Preste atenção e descobrirá que nascimento e morte são um, que a vida pulsa entre o ser e o não ser, e que um necessita do outro para sua perfeição. Você nasce para morrer e morre para renascer.

P: O desapego não para o processo?

M: Com o desapego, o temor desaparece, não o fato.

P: Serei obrigada a renascer? Quão apavorante!

M: Não há nenhuma compulsão. Você obtém o que quer. Você faz seus próprios planos e os leva a cabo.

P: Condenamos a nós mesmos ao sofrimento?

M: Crescemos através da investigação e, para investigar, necessitamos de experiência. Tendemos a repetir o que não entendemos. Se nós formos sensíveis e inteligentes, não necessitaremos sofrer. A dor é uma chamada de atenção e o castigo à negligência. O único remédio é a ação inteligente e compassiva.

P: Devido ao desenvolvimento em inteligência, não toleraria novamente meu sofrimento. Que há de errado com o suicídio?

M: Não há nada errado, se resolver o problema. Mas o que acontecerá se não o resolver? O sofrimento causado por fatores estranhos, tais como enfermidades muito dolorosas ou incuráveis, ou uma insuportável calamidade, pode dar-lhe alguma justificação, mas, onde faltam a sabedoria e a compaixão, o suicídio não ajudará. Uma morte estúpida significa um renascer na loucura. Além disso, há que considerar a questão do karma. A paciência é geralmente a conduta mais sábia.

P: Deve-se suportar o sofrimento quão agudo e desesperado seja?

M: A resistência é uma coisa e a agonia desesperada é outra. A resistência é frutífera e significativa, enquanto a agonia é inútil.

P: Por que nos preocuparmos com o karma? Ele cuida de si mesmo, de qualquer modo.

M: A maioria de nosso karma é o coletivo. Sofremos pelos pecados dos outros da mesma forma que os outros sofrem pelos nossos. A humanidade é uma. A ignorância deste fato não o muda. Nós mesmos poderíamos ser pessoas muito mais felizes, não fosse por nossa indiferença ao sofrimento dos outros.

P: Creio que me tornei muito mais compreensiva.

M: Bom. Quando você diz isto, o que você lembra? A si mesma, como uma pessoa atenciosa dentro de um corpo feminino?

P: Há um corpo e compaixão, há a memória e uma multidão de coisas e atitudes; coletivamente, eles podem ser chamados uma pessoa.

M: Incluindo a ideia do 'eu sou'?

P: O 'eu sou' é como uma cesta que guarda as muitas coisas que constituem uma pessoa.

M: Ou, melhor, é a fibra do qual a cesta foi tecida. Quando pensa em si mesma como mulher, quer dizer que você é uma mulher ou que seu corpo é descrito como feminino?

P: Depende de meu humor. Algumas vezes sinto que sou um mero centro de Consciência.

M: Ou um oceano de Consciência. Mas há momentos quando você não é nem homem nem mulher, nem o acidental ocasionado pelas circunstâncias e pelas condições?

P: Sim, há, mas sinto vergonha de falar sobre isto.

M: Uma indicação é tudo o que se pode esperar. Não necessita dizer mais.

P: Posso fumar em sua presença? Eu sei que não é costume fumar diante de um sábio, e mais ainda uma mulher.

M: Sem dúvida, fume, a ninguém importará. Compreendemos.

P: Sinto a necessidade de acalmar-me.

M: Acontece assim, frequentemente, com americanos e europeus. Depois de um período de sadhana, eles se carregam de energia e buscam freneticamente uma saída. Organizam comunidades, tornam-se professores de loga, casam-se, escrevem livros – qualquer coisa exceto permanecer tranquilos e dirigir suas energias para dentro, para encontrar a fonte da energia inesgotável e aprender a arte de mantê-la sob controle.

P: Admito que agora quero voltar e levar uma vida muito ativa porque me sinto cheia de energia.

M: Você pode fazer o que quiser, enquanto não se tomar como o corpo e a mente. Não é tanto questão de abandonar realmente o corpo e tudo o que vai com ele, como um claro entendimento de que você não é o corpo, um sentimento de distanciamento, de não estar envolvido emocionalmente.

P: Sei o que você quer dizer. Passei, há uns quatro anos, por um período de rejeição do físico; não comprava roupas para mim, comia os alimentos mais simples, dormia sobre tábuas nuas. O que importa é a aceitação das privações, não o desconforto real. Agora compreendi que dar as boas-vindas à vida tal com chega e amar tudo o que ela oferece é o melhor dela. Aceitarei com um coração alegre qualquer coisa que venha, e farei o melhor disto. Se não puder fazer nada mais que dar vida e verdadeira cultura a algumas crianças – já será o bastante; embora meu coração vá para cada criança, não posso chegar a todas.

M: Você estará casada e será mãe só quando for consciente do homem e da mulher. Quando não se tomar como o corpo, então a vida familiar dele, por intensa e interessante que seja, será vista só como um jogo na tela da mente, com a luz da Consciência como a única realidade.

P: Por que você insiste na Consciência como o único real? O objeto da Consciência não é tido como real enquanto durar?

M: Mas não dura! A realidade momentânea é secundária; depende do atemporal.

P: Você quer dizer contínua, ou permanente?

M: Na existência, não pode haver continuidade. A continuidade implica identidade no passado, no presente e no futuro. Tal identidade não é possível, já que os próprios meios de identificação flutuam e mudam. A continuidade e a permanência são ilusões criadas pela memória, meras projeções mentais de um padrão onde nenhum padrão pode existir; abandone toda a ideia de um corpo ou de uma mente, de temporário ou permanente, de homem ou mulher, e o que restará? Qual será o estado de sua mente quando toda separação for abandonada? Não estou falando de abandonar as distinções, pois sem elas não há manifestação.

P: Quando não separo, estou felizmente em paz. Mas, de alguma maneira, perco repetidamente o meu rumo e começo a buscar a felicidade nas coisas externas. Não posso compreender por que a minha paz interior não é estável.

M: A paz, depois de tudo, é também uma condição da mente.

P: Além da mente há silêncio. Não há nada a dizer a respeito.

M: Sim, toda conversa sobre o silêncio é mero ruído.

P: Por que buscamos a felicidade mundana, mesmo depois de ter saboreado a própria felicidade natural e espontânea?

M: Quando a mente se ocupa em servir ao corpo, a felicidade é perdida. Para ganhá-la novamente, busca prazer. O impulso para ser feliz é correto, mas os meios para assegurá-lo são indignos de confiança, enganosos e destruidores da verdadeira felicidade.

P: O prazer sempre é errado?

M: O bom estado e o uso correto do corpo e da mente são intensamente agradáveis. É a busca do prazer que está errada. Não tente fazer você mesmo feliz, em vez disto questione sua própria busca pela felicidade. É porque você não é feliz que quer sê-lo; descubra porque é infeliz. Porque você não é feliz, você busca a felicidade no prazer; o prazer

traz dor e, portanto, você o chama mundano; então deseja outro prazer, sem dor, que você chama divino. Na realidade, o prazer é uma pausa dada à dor. A felicidade é mundana e não-mundana, dentro e além de tudo que acontece. Não faça distinção, não separe o inseparável e não se desvie da vida.

P: Quão bem o entendo agora! Antes de minha permanência no Ramanashram, eu estava tiranizada pela consciência, sempre estabelecendo juízos sobre mim mesma. Agora estou completamente relaxada, aceitando-me totalmente como sou. Quando regressar aos Estados Unidos, tomarei a vida como ela vier, conforme a graça de Bhagavan, e apreciarei o amargo junto com o doce. Esta é uma das coisas que aprendi no Ashram – a confiar em Bhagavan. Antes não era assim. Não podia confiar.

M: Confiar em Bhagavan é confiar em si mesma. Seja consciente de que tudo o que acontece, acontece a você, mediante você, através de você, que você é a criadora, desfrutadora e destruidora de tudo quanto percebe, e não terá medo. Sem medo, não será infeliz nem buscará a felicidade.

No espelho de sua mente aparecem e desaparecem todo tipo de imagens. Sabendo que são inteiramente suas próprias criações, observe-as silenciosamente ir e vir; esteja alerta, mas não perturbado. Esta atitude de observação silenciosa é o próprio fundamento da loga. Você vê a imagem, mas você não é a imagem.

P: Vejo que o pensamento da morte me dá medo porque não quero renascer. Sei que ninguém obriga, mas a pressão dos desejos insatisfeitos é esmagadora e posso não ser capaz de resistir.

M: A questão da resistência não surge. O que nasce e renasce não é você. Deixe-o acontecer, observe-o acontecer.

P: Por que, então, ficar de alguma maneira preocupada?

M: Mas você já está preocupada! E seguirá preocupada enquanto a imagem se chocar com seu próprio sentido de verdade, amor e beleza. O desejo de harmonia e paz não pode ser suprimido. Mas, uma vez preenchido, cessa a preocupação, e a vida física transcorre sem esforço, abaixo do nível de atenção. Então, mesmo no corpo, você não nasceu. Estar encarnada ou sem corpo é o mesmo para você. Você alcança um ponto em que nada pode acontecer para você. Sem corpo, você não pode ser morta; sem posses, você não pode ser roubada; sem mente, não pode ser

enganada. Não há nenhum ponto onde se possa segurar o desejo ou o temor. Desde que nenhuma mudança possa acontecer para você, o que mais importa?

P: De algum modo não gosto da ideia de morrer.

M: É porque você é ainda tão jovem. Quanto mais conhecer a si mesma, menos estará preocupada. Certamente, a agonia de morrer nunca é agradável de ver, mas o moribundo raramente está consciente.

P: Ele regressa à consciência?

M: É muito semelhante ao sono sem sonhos. Durante um tempo a pessoa está fora de foco e logo regressa.

P: A mesma pessoa?

M: A pessoa, sendo uma criatura das circunstâncias, necessariamente muda junto com elas, como a chama que muda com o combustível. Só o processo continua sem parar, criando tempo e espaço.

P: Bom, Deus cuidará de mim. Posso deixar tudo em Suas mãos.

M: Mesmo a fé em Deus é apenas uma etapa no caminho. Finalmente, você abandona tudo porque chegou a algo tão simples que não há palavras para expressá-lo.

P: Eu só estou começando! No começo não tinha fé nem confiança. Tinha medo de deixar as coisas acontecerem. O mundo parecia ser um lugar muito perigoso e hostil. Agora, pelo menos, posso falar de confiar no Guru ou em Deus. Deixe-me crescer. Não me conduza. Deixe-me continuar no meu próprio ritmo.

M: Sem dúvida, prossiga. Mas você não o faz. Segue presa às ideias de homem e mulher, jovem e velha, vida e morte. Continue, vá além. Uma coisa reconhecida é uma coisa transcendida.

P: Senhor, onde quer que eu vá as pessoas acreditam ser seu dever encontrar faltas em mim e aguilhoar-me. Estou farta de fazer fortuna espiritual. O que há de errado em meu presente para que deva sacrificá-lo ao futuro, por glorioso que seja? Você disse que a realidade está no agora. Eu amo meu agora. Eu o quero. Não quero estar eternamente ansiosa a respeito de meu prestígio e seu futuro. Não quero ir à caça do mais e do melhor. Deixe-me amar o que tenho.

M: Você está totalmente certa; faça-o. Apenas seja honesta – ame o que amar –, sem esforço e sem tensão.

P: Isto é o que eu chamo entrega ao Guru.

M: Por que exteriorizar? Entregue-se a seu próprio eu, do qual tudo é expressão.

91
PRAZER E FELICIDADE

Pergunta: Disseram a um amigo, um jovem de uns vinte e quatro anos, que sofre de uma enfermidade incurável do coração. Ele me escreveu dizendo que, no lugar de uma morte lenta, prefere o suicídio. Eu lhe respondi que uma enfermidade incurável para a medicina ocidental talvez possa ser curada por outros meios. Há poderes ióguicos que podem produzir mudanças quase instantâneas no corpo humano. Os efeitos do jejum repetido também beiram o milagroso. Escrevi para ele dizendo que não tivesse pressa em morrer, mas que desse uma oportunidade para outros meios.

Há um iogue que vive não muito longe de Bombaim, que possui alguns poderes milagrosos. Especializou-se no controle das forças vitais que governam o corpo. Encontrei-me com alguns de seus discípulos e enviei ao iogue, por meio deles, a carta e a foto de meu amigo. Vejamos o que acontecerá.

Maharaj: Sim, os milagres frequentemente acontecem. Mas o desejo de viver deve existir. Sem ele, o milagre não acontecerá.

P: O desejo pode ser induzido?

M: Os desejos superficiais, sim. Mas serão exauridos. Fundamentalmente, ninguém pode obrigar um outro a viver. Além disso, havia culturas em que o suicídio teve seu reconhecimento e lugar respeitados.

P: Não é obrigatório viver a duração natural de nossa vida até o fim?

M: Natural, espontânea e facilmente, sim. Mas a enfermidade e o sofrimento não são naturais. Há uma nobre virtude em suportar inabalavelmente qualquer coisa que nos chegue, mas também há dignidade em recusar a tortura e a humilhação sem sentido.

P: Deram-me um livro escrito por um siddha. Ele descreve nele muitas de suas estranhas e mesmo incríveis experiências. Segundo ele, o caminho do verdadeiro sadhaka termina com o encontro do Guru e da en-

trega a ele do corpo, da mente e do coração. A partir disto, o Guru toma as rédeas e se faz responsável até do mínimo acontecimento na vida do discípulo, até que os dois se convertam em um. Poderíamos chamar a isto de realização através da identificação. O discípulo é tomado por um poder a que não pode controlar nem resistir, sentindo-se desamparado como uma folha na tempestade. A única coisa que o mantém afastado da loucura e da morte é sua fé no amor e poder de seu Guru.

M: Todos os mestres ensinam de acordo com suas próprias experiências. A experiência é modelada pela crença, e a crença é modelada pela experiência. Mesmo o Guru é modelado pelo discípulo à sua própria imagem. É o discípulo que torna grande o seu Guru. Uma vez que o Guru seja visto como o agente de um poder libertador, que trabalha dentro e fora, a entrega sincera de si se torna natural e fácil. Do mesmo modo que um homem agarrado pela dor se porá completamente nas mãos do cirurgião, assim também o discípulo se entregará sem reservas a seu Guru. É muito natural buscar ajuda quando a necessidade é agudamente sentida. Mas, por muito poderoso que seja o Guru, ele não deve impor sua vontade sobre o discípulo. Por outro lado, um discípulo que desconfia e hesita está condenado a permanecer não realizado, sem culpa alguma por parte do Guru.

P: O que acontecerá então?

M: A vida ensinará onde todas as outras coisas falharam; mas as lições da vida tardam muito a chegar. Muito atraso e problemas serão poupados se houver obediência e confiança. Mas isto só acontecerá quando a indiferença e a inquietação derem lugar à claridade e à paz. Um homem que se tem em baixa estima não será capaz de confiar em si mesmo, nem em ninguém mais. Portanto, no princípio, o mestre faz tudo o que pode para reafirmar ao discípulo sua elevada origem, sua natureza nobre e glorioso destino. Relata-lhe as experiências de alguns santos iguais às suas próprias, infundindo confiança nele mesmo e em suas infinitas possibilidades. Quando se une a segurança de si mesmo e a confiança no mestre, poderão acontecer mudanças rápidas e de amplo alcance no caráter e na vida.

P: Eu posso não querer mudar. Minha vida é bastante boa como é.

M: Você diz isto porque não viu quão dolorosa é a vida que vive. Você é como uma criança com um pirulito na boca. Você pode se sentir feliz por um momento ao estar totalmente centrado em si mesmo, mas

basta dar uma boa olhada para o rosto das pessoas para perceber a universalidade do sofrimento. Mesmo sua felicidade é muito vulnerável e breve, à mercê de uma bancarrota, ou de uma úlcera no estômago. É só um momento de pausa, um mero lapso entre dois sofrimentos. A felicidade real não é vulnerável porque não depende das circunstâncias.

P: Você fala por experiência própria? Você também é infeliz?

M: Eu não tenho problemas pessoais. Mas o mundo está cheio de seres vivos cujas vidas estão espremidas entre o temor e a ânsia. São como gado levado ao matadouro, pulando e saltando, felizes e despreocupados, embora estejam mortos e sem pele no prazo de uma hora.

Você disse que é feliz. É realmente feliz ou somente está tentando convencer-se? Olhe-se com coragem e compreenderá imediatamente que sua felicidade depende das condições e circunstâncias e que, portanto, é momentânea, não real. A felicidade real flui de dentro.

P: De que utilidade é sua felicidade para mim? Ela não me faz feliz.

M: Você pode tê-la toda e mais, apenas por pedi-la. Mas não a pede. Você parece não desejá-la.

P: Por que diz isso? Eu quero ser feliz.

M: Você está muito satisfeito com os prazeres. Não há lugar para a felicidade. Esvazie sua taça e limpe-a. De outro modo não poderá enchê-la. Os outros podem lhe dar prazer, nunca a felicidade.

P: Uma cadeia de fatos prazerosos é suficiente.

M: Logo isto termina em dor, se não em desastre. Que é a Ioga, afinal de contas, senão buscar a felicidade duradoura dentro de si mesmo?

P: Você só pode falar do Oriente. No Ocidente, as condições são diferentes e o que você diz não se aplica.

M: Não há nenhum Oriente ou Ocidente em aflição e temor. O problema é universal – o sofrimento e o fim do sofrimento. A causa do sofrimento é a dependência e o remédio é a independência. A Ioga é a ciência e a arte da autoliberação mediante a autocompreensão.

P: Não creio estar apto para a Ioga.

M: Para que outra coisa é apto? Todas as suas idas e vindas, buscando prazer, amando ou odiando – tudo isso mostra que você luta contra as limitações autoimpostas ou aceitas. Em sua ignorância, você comete erros e causa dor a si mesmo e aos demais, mas o impulso está aí e não deve ser negado. O mesmo impulso que busca o nascimento, a felicidade e a morte buscará a compreensão e a liberação. É como uma fagulha

em uma carga de algodão. Pode ser que você não saiba, mas cedo ou tarde o barco queimará em chamas. A liberação é um processo natural e, em longo prazo, inevitável. Mas está dentro de seu poder trazê-la ao agora.

P: Então, porque há tão pouca gente liberada no mundo?

M: Em uma floresta apenas algumas árvores estão em plena florescência em dado momento, mas cada uma delas terá sua vez.

Cedo ou tarde seus recursos físicos e mentais acabarão. Que fará então? Desesperar-se? Muito bem, desespere-se. Cansar-se-á de desesperar-se e começará a questionar. Nesse momento estará apto para a Ioga consciente.

P: Acho todo este buscar e ruminar totalmente não natural.

M: Sua naturalidade é a de um aleijado de nascimento. Pode ser que não seja consciente disso, mas não o faz normal. Você não sabe o que significa natural ou normal, e tampouco sabe que não sabe.

No presente momento você está à deriva e, portanto, em perigo porque, para um vagabundo, a qualquer momento, qualquer coisa pode acontecer. Seria melhor despertar e ver sua situação. Que você é, você sabe; o que você é, você não sabe. Descubra o que você é.

P: Por que há tanto sofrimento no mundo?

M: O egoísmo é a causa do sofrimento. Não há nenhuma outra causa.

P: Eu tinha entendido que o sofrimento é inerente às limitações.

M: As diferenças e distinções não são as causas da aflição. A unidade na diversidade é natural e boa. É só com a separação e a busca do interesse próprio que o sofrimento real aparece no mundo.

92
VÁ ALÉM DA IDEIA 'EU SOU O CORPO'

Pergunta: Somos como animais, correndo em vãs ocupações, e não parece que isto tenha um fim. Há alguma saída?

Maharaj: Muitos caminhos lhe serão oferecidos, mas só o farão andar em círculos e o devolverão a seu ponto de partida. Primeiro compreenda

que seu problema só existe em seu estado de vigília, o qual, por mais doloroso que seja, você é capaz de esquecer totalmente quando vai dormir. Quando você está desperto, você está consciente; quando dorme, apenas está vivo. Consciência e vida – você pode chamá-las Deus; mas você está além de ambas, além de Deus, além de ser e do não ser. O que o impede de conhecer-se como o todo e além do todo é a mente baseada na memória. Ela tem poder sobre você enquanto confiar nela; não lute com ela, simplesmente desconsidere-a. Privada da atenção, a mente se aquietará e revelará o mecanismo de seu funcionamento. Uma vez que você conheça sua natureza e seu propósito, não lhe permitirá criar problemas imaginários.

P: Seguramente, nem todos os problemas são imaginários. Há problemas reais.

M: Que problema pode existir que não seja criado pela mente? A vida e a morte não criam problemas; os prazeres e as dores vão e vêm, são experienciados e esquecidos. São a memória e a antecipação que criam problemas de obtenção ou de evitação, coloridos por preferência ou antipatia. A verdade e o amor são a real natureza do homem, e mente e coração são os meios de sua expressão.

P: Como colocar a mente sob controle? E o coração, o qual não sabe o que quer?

M: Eles não podem funcionar na escuridão. Necessitam da luz da pura Consciência para funcionar corretamente. Todo esforço para controlá-los meramente os sujeitará aos ditames da memória. A memória é um bom servo, mas um péssimo senhor. Ela efetivamente impede a descoberta. Não há lugar para o esforço na realidade. O egoísmo, devido à autoidentificação com o corpo, é o problema principal e a causa de todos os demais problemas. E o egoísmo não pode ser eliminado pelo esforço, só mediante a visão clara de suas causas e efeitos. O esforço é um sinal de conflito entre desejos incompatíveis. Eles deveriam ser vistos tais como são - só então eles se dissolvem.

P: E o que permanece?

M: Aquilo que não pode mudar permanece. A grande paz, o profundo silêncio, a beleza oculta da realidade. Embora não possa ser transmitida através de palavras, ela está lhe esperando para que você a experiencie por si mesmo.

P: Não se deve estar apto e adequado à realização? Nossa natureza é animal até o âmago. A menos que ela seja conquistada, como podemos esperar que a realidade desponte?

M: Deixe o animal consigo mesmo. Deixe-o existir. Apenas lembre-se do que você é. Use cada incidente do dia para lhe lembrar de que sem você como testemunha não haveria nem o animal nem Deus. Compreenda que você é ambos, a essência e a superfície de tudo que é, e permaneça firme na sua compreensão.

P: Basta a compreensão? Não são necessárias provas mais tangíveis?

M: É o seu entendimento que decidirá sobre a validade das provas. Mas que prova mais tangível que sua própria existência você necessita? Onde quer que você vá, você encontra a si mesmo. Por mais longe que você se estenda no tempo, você estará ali.

P: Obviamente, não sou universal nem eterno. Eu estou apenas aqui e agora.

M: Bom o suficiente. O 'aqui' está em todo lugar e o agora – sempre. Vá além da ideia 'Eu sou o corpo' e você descobrirá que tempo e espaço estão em você, e não você neles. Uma vez que haja entendido isto, o principal obstáculo à realização será removido.

P: Qual é a realização que está além do entendimento?

M: Imagine uma densa floresta cheia de tigres e você numa robusta gaiola de aço. Sabendo-se bem protegido pela gaiola, você observa destemido os tigres. Depois, os tigres estão na gaiola e você, andando a esmo pela floresta. No final, a gaiola desaparece e você cavalga sobre os tigres!

P: Assisti a uma das sessões de meditação em grupo, celebrada recentemente em Bombaim, e testemunhei o frenesi e o autoabandono dos participantes. Por que as pessoas gostam de tais coisas?

M: Tudo isso são invenções de uma mente inquieta mimando as pessoas que buscam sensações. Algumas delas ajudam o inconsciente a vomitar recordações e desejos reprimidos e, neste nível, proporcionam alívio. Mas, no final das contas, deixam o praticante onde estava – ou pior.

P: Li recentemente o livro de um logue sobre suas experiências na meditação. Está cheio de visões e sons, cores e melodias; um espetáculo total e o mais brilhante entretenimento! No final, tudo desapareceu e apenas o sentimento de total destemor restou. Não é de se estranhar, um homem que passou ileso por todas essas experiências não necessita te-

mer nada! Ainda assim eu estava me perguntando sobre a utilidade de tal livro para mim.

M: De nenhuma utilidade, provavelmente, visto que não o atraiu. Outros podem ficar impressionados. As pessoas diferem. Mas todos encaram o fato de sua própria existência. 'eu sou' é o último fato; 'Quem sou eu?' é a última pergunta para a qual todos devem encontrar uma resposta.

P: A mesma resposta?

M: A mesma em essência, mas variada em expressão.

Cada buscador aceita ou inventa um método que lhe convenha, aplica-o a si mesmo com certa seriedade e esforço, obtém resultados segundo seu temperamento e expectativas, funde-os no molde das palavras, converte-os em um sistema, estabelece uma tradição e começa a admitir os demais em sua 'escola de loga'. Tudo é construído na memória e na imaginação. Nem tal escola não tem valor, nem é indispensável; em cada uma delas pode-se progredir até o ponto onde todo desejo de progresso deve ser abandonado para tornar possível algum progresso ulterior. Então todas as escolas são abandonadas. Todo esforço cessa; na solidão e na escuridão é dado o último passo, que acaba com a ignorância e com o medo para sempre. O verdadeiro mestre, contudo, não aprisionará seu discípulo em um conjunto prescrito de ideias, sentimentos e ações; ao contrário, mostrará a ele, pacientemente, a necessidade de libertar-se de todas as ideias e padrões estabelecidos de comportamento, a ser vigilante e sério, e a seguir a vida para onde ela o levar, não para desfrutar ou sofrer, mas para compreender e aprender.

Guiado pelo verdadeiro mestre, o discípulo aprende a aprender, não a recordar e a obedecer. A nobre companhia do Satsang não molda, liberta. Cuidado com todos que o tornam dependente! A maioria das assim chamadas 'entregas ao Guru' termina em desapontamento, quando não em tragédia. Felizmente, um buscador sério se livrará em tempo, mais sábio depois da experiência.

P: Sem dúvida, a entrega de si mesmo tem o seu valor.

M: A autoentrega é a entrega de todo interesse por si mesmo. Não pode ser feita, acontece quando você realiza sua verdadeira natureza. A autoentrega verbal, inclusive acompanhada de sentimentos, tem pouco valor e se desfaz sob tensão. No melhor dos casos, mostra uma aspiração, não um fato real.

P: No Rigveda se faz menção á Adhi Ioga, a Ioga Primordial, consistindo na união de pragna com Prana, a qual, como eu entendo, significa a união da sabedoria com a vida. Você diria que também significa a união de Dharma e de Karma, retidão e ação?

M: Sim, desde que por retidão você queira dizer harmonia com sua verdadeira natureza, e por ação, apenas uma ação desinteressada e altruísta.

Na Adhi Ioga, a própria vida é o Guru, e a mente, o discípulo. A mente cuida da vida, não a dita. A vida flui de forma natural e sem esforço e a mente remove os obstáculos a seu suave fluir.

P: A vida não é por sua própria natureza repetitiva? Não seguir a vida conduzirá à estagnação?

M: Por si mesma, a vida é imensamente criativa. Uma semente, no seu devido tempo, transforma-se numa floresta. A mente é como um guarda florestal, protegendo e regulando o imenso impulso vital da existência.

P: Visto como o serviço da vida à mente, a Adhi yoga é uma democracia perfeita. Todos estão engajados em viver a vida em sua melhor capacidade e conhecimento, todos são discípulos do mesmo Guru.

M: Você pode falar dessa forma. Pode ser que seja, potencialmente. Mas, a menos que a vida seja amada e respeitada, seguida com ímpeto e entusiasmo, seria fantasioso falar de Ioga, a qual é um movimento na consciência, a Consciência em ação.

P: Uma vez, nas montanhas, observei um riacho fluindo entre as pedras. Em cada pedra, o vórtice era diferente e de acordo com a forma e o tamanho de cada uma. Toda pessoa não é um mero vórtice sobre um corpo, enquanto a vida é uma e eterna?

M: O vórtice e a água não estão separados. É a perturbação que o torna consciente da água. A consciência é sempre do movimento, da mudança. Não pode haver nenhuma consciência do imutável. A imutabilidade apaga a consciência imediatamente. Um homem privado de sensações externas e internas torna-se vazio ou vai além da consciência e da inconsciência, para dentro do estado sem nascimento e sem morte. Apenas quando o espírito e a matéria se unem, nasce a consciência.

P: Eles são um ou dois?

M: Depende das palavras que você usa: eles são um, ou dois, ou três. Ao investigar, os três se convertem em dois e os dois em um. Tome a

comparação da face–espelho–imagem. Cada par pressupõe o terceiro, que os une. Na disciplina, você vê os três como dois, até que você perceba os dois como uma unidade.

Enquanto estiver absorvido no mundo, você será incapaz de conhecer-se; para conhecer a si mesmo, afaste a atenção do mundo e volte-a para dentro.

P: Não posso destruir o mundo.

M: Não há necessidade. Apenas entenda que o que você vê não é o que é. As aparências serão dissolvidas ao serem investigadas, e a realidade subjacente virá à superfície. Você não necessita queimar a casa para sair dela. Simplesmente saia dela. Só quando não puder ir e vir livremente, a casa se tornará uma prisão. Eu me movo para dentro e para fora da consciência de forma fácil e natural e, portanto, para mim, o mundo é um lar, não uma prisão.

P: Mas, afinal de contas, há ou não um mundo?

M: O que você vê é apenas seu ser. Chame-o como quiser, não muda o fato. Através do filme do destino, sua própria luz projeta imagens sobre a tela. Você é o espectador, a luz, o filme e a tela. Mesmo o filme do destino (prarabdha) é selecionado e imposto por você mesmo. O espírito é um atleta que aprecia superar obstáculos. Quanto mais dura a tarefa, mais ampla e profunda é sua autorrealização.

93
O HOMEM NÃO É O AUTOR

Pergunta: Desde o início de minha vida sou perseguido pelo sentimento de estar incompleto. Da escola à universidade, ao trabalho, ao casamento, à riqueza, eu imaginava que a próxima coisa me daria paz, mas não houve paz. Este sentimento de insatisfação segue crescendo à medida que os anos passam.

Maharaj: Enquanto houver o corpo e o sentimento de identidade com o corpo, a frustração será inevitável. Só quando você se conhecer como inteiramente alheio e diferente do corpo, você encontrará um alívio da mistura de medo e desejo inseparável da ideia 'eu sou o corpo'. Mera-

mente apaziguar os medos e satisfazer os desejos não removerá o sentido de vazio do qual você está tentando escapar; apenas o autoconhecimento pode ajudá-lo. Por autoconhecimento quero dizer total conhecimento do que você não é. Tal conhecimento é alcançável e para sempre, enquanto que, para o descobrimento do que você é, pode não haver nenhum fim. Quanto mais você descobre, mais resta a descobrir.

P: Para isto nós deveríamos ter pais e escolas diferentes, viver em uma sociedade diferente.

M: Você não pode mudar suas circunstâncias, mas suas atitudes você pode mudar. Não necessita estar apegado ao que não é essencial. Só o necessário é bom. Só há paz no essencial.

P: É a verdade que busco, não a paz.

M: Você não pode ver a verdade a menos que esteja em paz. Uma mente serena é essencial para a correta percepção, a qual, por sua vez, é necessária para a autorrealização.

P: Tenho tanto a fazer. Não posso dar-me ao luxo de manter minha mente quieta.

M: Isto é devido à sua ilusão de que você é o autor. Na realidade as coisas são feitas para você, não por você.

P: Se apenas deixasse que as coisas acontecessem, como estaria certo de que acontecerão à minha maneira? Seguramente, devo dobrá-las ao meu desejo.

M: Seu desejo só acontece a você junto com sua satisfação ou insatisfação. Você não pode mudar nenhuma das duas coisas. Você pode crer que causa a ação, que se esforça e luta. Novamente, tudo meramente acontece, incluindo os frutos do trabalho. Nada é por você e para você. Tudo está na imagem exposta sobre a tela do cinema, nada na luz, incluindo o que você entende ser, a pessoa. Você é unicamente a luz.

P: Se eu sou apenas luz, como a esqueço?

M: Você não esqueceu. O que você esquece e então lembra está na imagem sobre a tela. Você nunca deixa de ser um homem porque sonha que é um tigre. Similarmente, você é pura luz aparecendo como uma imagem sobre a tela e, também, tornando-se um com ela.

P: Visto que tudo acontece, por que deveria me preocupar?

M: Exatamente. A liberdade é liberdade da preocupação. Tendo compreendido que você não pode influenciar os resultados, não dê atenção a

seus desejos e medos. Deixe-os vir e ir. Não os alimente com o interesse ou a atenção.

P: Se eu retirar minha atenção do que acontece, pelo que viveria?

M: Novamente, é como perguntar: 'O que deverei fazer se parar de sonhar?' Pare e veja. Não precisa estar ansioso: 'Que acontecerá?'. Sempre há o que vem depois. A vida não começa nem termina: imóvel – move-se, momentaneamente – dura. A luz não pode ser enfraquecida mesmo que inumeráveis imagens sejam projetadas por ela. Assim, a vida preenche toda a forma até a borda e retorna para sua origem, quando a forma se decompõe.

P: Se a vida é tão maravilhosa, como a ignorância pode acontecer?

M: Você quer tratar a doença sem ter visto o paciente! Antes de perguntar sobre a ignorância, por que não investiga primeiro sobre quem é o ignorante? Quando você diz que você é ignorante, não sabe que você impôs o conceito de ignorância sobre o estado atual de seus pensamentos e sentimentos. Examine-os na medida em que acontecem, dê-lhes sua plena atenção e descobrirá que não há tal ignorância, só desatenção. Preste atenção ao que o preocupa, isto é tudo. Depois de tudo, a preocupação é dor mental, e a dor é, invariavelmente, uma chamada de atenção. No momento em que lhe dá atenção, a chamada cessa e a questão da ignorância é dissolvida. Em vez de esperar por uma resposta à sua pergunta, descubra quem a está fazendo e o que o faz perguntar. Você logo descobrirá que é a mente, aguilhoada pelo medo da dor, que faz a pergunta. E, no temor, há memória e expectativa, passado e futuro. A atenção o traz de volta ao presente, para o agora, e a presença no agora é um estado sempre à mão, mas raramente notado.

P: Você está reduzindo o sadhana à simples atenção. Como é que os outros mestres ensinam em cursos demorados, completos e difíceis?

M: Os Gurus geralmente ensinam os sadhanas mediante os quais eles mesmos alcançaram suas metas, quaisquer que possam ser. Mas isto é natural, pois os conhecem intimamente. A mim ensinaram a dar atenção ao meu sentido de 'eu sou' e achei-o supremamente efetivo. Portanto, posso falar disto com plena confiança. Mas, frequentemente, as pessoas vêm com seus corpos, mentes e cérebros tão maltratados, pervertidos e fracos, que o estado de atenção sem forma está além deles. Em tais casos, o mais simples símbolo da seriedade é apropriado. A repetição de um mantra ou contemplar uma imagem preparará seu corpo e mente

para uma busca mais profunda e mais direta. Depois de tudo, é a seriedade que é indispensável, o fator crítico. O sadhana é apenas um recipiente que deve ser preenchido até a borda com a seriedade, a qual não é outra coisa que amor em ação. Pois nada pode ser feito sem amor.

P: Nós amamos apenas a nós mesmos.

M: Se fosse assim, seria esplêndido! Ame-se sabiamente, e alcançará o cume da perfeição. Todos amam seus corpos, mas poucos amam seu ser real.

P: Meu ser real necessita de meu amor?

M: Seu ser real é o próprio amor, e seus muitos amores são suas reflexões de acordo com a situação do momento.

P: Somos egoístas, só conhecemos o amor próprio.

M: Já é bom para começar. Sem dúvida, você deseja seu próprio bem. Pense, sinta profundamente o que é realmente bom para você e lute por isto seriamente. Logo você descobrirá que o real é seu único bem.

P: Ainda não entendi porque os vários Gurus insistem em prescrever complicados e difíceis sadhanas. Eles não conhecem o melhor?

M: Não é o que você faz, mas o que você deixa de fazer que importa. As pessoas que começam seu sadhana estão tão febris e inquietas, que elas têm que estar muito ocupadas para manter-se no caminho. Uma rotina absorvente é boa para elas. Depois de algum tempo, elas se aquietam e se afastam do esforço. Na paz e no silêncio, a pele do 'eu' se dissolve e o externo e o interno se tornam um. O sadhana real não apresenta dificuldade.

P: Às vezes tenho o sentimento de que o próprio espaço é meu corpo.

M: Quando você está limitado pela ilusão 'Eu sou este corpo', você é meramente um ponto no espaço e um momento no tempo. Quando a autoidentificação com o corpo deixa de existir, todo o espaço e o tempo estão em sua mente, a qual é uma mera onda na consciência que, por sua vez, é a Consciência refletida na natureza. A Consciência e a matéria são os aspectos ativo e passivo do puro ser, o qual está em ambas e além delas. O espaço e o tempo são o corpo e a mente da existência universal. Meu sentimento é que tudo que acontece no tempo e no espaço acontece para mim, que cada experiência é minha experiência, cada forma é minha forma. O que eu creio ser torna-se meu corpo, e tudo o que acontece para este corpo torna-se minha mente. Mas, na raiz do universo, há pura

Consciência, além do espaço e do tempo, aqui e agora. Saiba que ela é seu ser real e atue consequentemente.

P: Que diferença fará na ação o que acredito ser? As ações simplesmente acontecem segundo as circunstâncias.

M: As circunstâncias e as condições governam o ignorante. O conhecedor da realidade não é obrigado a nada. A única lei a que obedece é a do amor.

94
VOCÊ ESTÁ ALÉM DO ESPAÇO E DO TEMPO

Pergunta: Você continua dizendo que eu nunca nasci e que nunca morrerei. Se fosse assim, como vejo o mundo como alguém que nasceu e que, certamente, morrerá?

Maharaj: Você acredita desse modo porque você nunca questionou sua crença de que você é o corpo, o qual, obviamente, nasce e morre. Enquanto vivo, seu poder de atração é tão forte e o fascina tão completamente que raramente você percebe seu Ser real. É como ver a superfície do oceano e esquecer completamente a imensidade abaixo. O mundo é apenas a superfície da mente, e a mente é infinita. O que chamamos pensamentos são apenas ondulações na mente. Quando a mente está quieta, reflete a realidade. Quando ela está imóvel por completo, ela se dissolve e apenas a realidade permanece. Esta realidade é tão concreta, tão real, tão mais tangível que a mente e a matéria que, comparado com ela, mesmo o diamante é suave como manteiga. Esta esmagadora realidade torna o mundo surreal, nebuloso, irrelevante.

P: Com tanto sofrimento no mundo, como pode vê-lo como irrelevante? Que insensibilidade!

M: É você quem é insensível, não eu. Se seu mundo é tão cheio de sofrimento, faça algo a respeito; não acrescente mais a ele através da ambição e da indolência. Eu não estou limitado por seu mundo onírico. Em meu mundo, as sementes do sofrimento, do desejo e do medo não são semeadas, e o sofrimento não cresce. Meu mundo está livre dos

opostos, das discrepâncias mutuamente destrutivas; a harmonia o permeia; sua paz é como uma rocha; esta paz e esse silêncio são o meu corpo.

P: O que você diz lembra-me o dharmakaya de Buda.

M: Pode ser. Não precisamos afastar-nos pela terminologia. Simplesmente, veja a pessoa que você imagina ser como uma parte do mundo que você percebe dentro da sua mente, e olhe a mente pelo lado de fora, porque você não é a mente. Depois de tudo, seu único problema é a sua ânsia em se auto identificar com o que quer que você perceba. Desista desse hábito, lembre que você não é o que você percebe, utilize o seu poder de desapegada vigilância. Veja-se em tudo quanto vive e seu comportamento expressará sua visão. Uma vez que compreenda que não há nada neste mundo que você possa chamar de seu, você olhará para ele pelo lado de fora, como você olha uma peça em um palco, ou uma imagem numa tela, admirando e apreciando, mas realmente imperturbável. Enquanto você se imaginar como algo tangível e sólido, uma coisa entre outras coisas, existindo no tempo e no espaço, limitado e vulnerável, naturalmente você estará ansioso para sobreviver e crescer. Mas, quando você se conhecer como além do tempo e do espaço, em contato com eles apenas no ponto do aqui e do agora, e além disso preenchendo tudo, contendo tudo, inacessível, inatacável, invulnerável – você não terá mais medo algum. Conheça-se como você é – contra o medo não há outro remédio.

Você tem que aprender a pensar e sentir deste modo, ou permanecerá indefinidamente no nível pessoal do desejo e do medo, ganhando e perdendo, crescendo e decaindo. Um problema pessoal não pode ser resolvido em seu próprio nível. O próprio desejo de viver é o mensageiro da morte, da mesma forma que o desejo de ser feliz é a essência da aflição. O mundo é um oceano de dor e de medo, de ansiedade e desespero. Os prazeres são como os peixes, poucos e ligeiros, chegam raramente e depressa se vão. Um homem de pouca inteligência acredita, contra toda a evidência, que é uma exceção e que o mundo lhe deve felicidade. Mas o mundo não pode dar o que não tem; irreal até a medula, é de nenhuma utilidade para a felicidade real. Não pode ser de outra forma. Buscamos o real porque estamos infelizes com o irreal. A felicidade é nossa própria natureza real e não devemos descansar até que a encontremos. Mas raramente sabemos onde buscá-la. Uma vez que você tenha entendido que o

mundo é apenas uma visão errada da realidade, e não é o que parece ser, você está livre de suas obsessões. Apenas o que é compatível com seu ser real pode fazê-lo feliz, e o mundo, como você o percebe, é sua negação pura e simples.

Mantenha-se tranquilo e observe o que chega na superfície da mente. Rejeite o conhecido, dê as boas-vindas ao até agora desconhecido e rejeite-o em seu devido tempo. Assim você chega a um estado onde não há conhecimento, apenas ser, no qual o próprio ser é o conhecimento. O conhecimento pelo ser é o conhecimento direto. Está baseado na identidade do que vê e do visto. O conhecimento indireto é baseado na sensação e na memória, na proximidade do que percebe com o percebido, confinado ao contraste entre os dois. O mesmo acontece com a felicidade. Geralmente você deve estar triste para conhecer a alegria, e alegre para conhecer a tristeza. A verdadeira felicidade não tem causa e não pode desaparecer por falta de estimulo. Não é o oposto da aflição, e inclui toda aflição e todo sofrimento.

P: Como alguém pode permanecer feliz entre tanto sofrimento?

M: Não se pode evitá-lo – a felicidade interior é esmagadoramente real. Como o sol no céu, suas expressões podem estar nubladas, mas ele nunca está ausente.

P: Quando temos problemas, somos obrigados a sentir-nos desgraçados.

M: O único problema é o medo. Conheça-se como independente e você será livre do temor e de suas sombras.

P: Qual a diferença entre a felicidade e o prazer?

M: O prazer depende das coisas, a felicidade não.

P: Se a felicidade é independente, porque não estamos sempre felizes?

M: Enquanto acreditarmos que necessitamos de coisas para fazer-nos felizes, também deveremos acreditar que, na ausência delas, seremos miseráveis. A mente sempre é moldada de acordo com suas crenças. Daí a importância de convencer-se de que não se necessita ser estimulado para a felicidade; que, ao contrário, o prazer é uma distração e um incômodo, pois ele meramente aumenta a falsa convicção de que se necessita ter e fazer coisas para ser feliz, quando, na realidade, é exatamente o oposto.

Mas porque falar de felicidade afinal? Você não pensa nela exceto quando está infeliz. Um homem que diz 'Agora sou feliz' está entre duas aflições – a passada e a futura. Esta felicidade é uma mera excitação causada pelo alívio da dor. A felicidade real é absolutamente inconsciente de si mesma. Isto é expresso melhor negativamente como: 'Não há nada errado comigo; não tenho nada que me preocupe'. No final das contas, o propósito final de todo sadhana é alcançar um ponto em que esta convicção, em vez de ser apenas verbal, esteja baseada em uma experiência real e sempre presente.

P: Que experiência?

M: A experiência de estar vazio, ordenado pelas memórias e expectativas; é como a felicidade dos espaços abertos, de ser jovem, de ter toda a energia e tempo para fazer coisas, para descobrir, para a aventura.

P: O que resta por descobrir?

M: O universo exterior e a imensidade interior tal como são na realidade, na grande mente e no coração de Deus. O significado e o propósito da existência, o segredo do sofrimento, da vida redimida da ignorância.

P: Se ser feliz é o mesmo que estar livre do medo e da preocupação, não se pode dizer que a ausência de problemas é a causa da felicidade?

M: Um estado de ausência, de inexistência, não pode ser uma causa; a preexistência de uma causa está implícita na noção. Seu estado natural, no qual nada existe, não pode ser uma causa do vir a ser; as causas estão ocultas no grande poder misterioso da memória. Mas o seu verdadeiro lar está no nada, no vazio de todo conteúdo.

P: O vazio e o nada – quão apavorante!

M: Você o encara mais alegremente quando vai dormir! Descubra por você mesmo o estado de sono vigilante, e você o achará em total harmonia com sua natureza real. As palavras apenas podem lhe dar uma ideia, e a ideia não é a experiência. Tudo o que posso dizer é que a verdadeira felicidade não tem nenhuma causa e que o que não tem causa é imutável. O que não quer dizer que seja perceptível, como o prazer. O que é perceptível é dor e prazer; o estado de liberdade da aflição só pode ser descrito negativamente. Para conhecê-lo diretamente, você deve ir além da mente viciada à causalidade e à tirania do tempo.

P: Se a felicidade não é consciente e a consciência não é feliz, qual é a conexão entre as duas?

M: A consciência, sendo um produto das condições e das circunstâncias, depende delas e muda junto com elas. O que é independente, incriado, eterno e imutável, e ainda assim sempre novo e fresco, está além da mente. Quando a mente pensa nele, ela se dissolve e apenas a felicidade permanece.

P: Quando tudo desaparece, nada resta.

M: Como poderia haver nada sem alguma coisa? O nada é só uma ideia, depende da recordação de algo. O puro ser é totalmente independente da existência, a qual é definível e descritível.

P: Por favor, fale-nos: a consciência continua além da mente, ou ela termina com a mente?

M: A consciência vai e vem, a Consciência brilha imutavelmente.

P: Quem é consciente na Consciência?

M: Quando há uma pessoa, também há consciência. O 'eu sou', a mente e a consciência denotam o mesmo estado. Se você diz 'Eu sou consciente' apenas significa: 'Eu sou consciente de pensar no fato de ser consciente'. Na Consciência, não há 'eu sou'.

P: O que me diz sobre o testemunhar?

M: Testemunhar é da mente. A testemunha combina com o testemunhado. No estado de não dualidade, toda separação cessa.

P: E você? Continua na Consciência?

M: A pessoa, o 'eu sou este corpo, esta mente, esta cadeia de memórias, este amontoado de desejos e medos' desaparece, mas algo, que você pode chamar de identidade, permanece. Isso permite que eu me torne uma pessoa quando necessário. O amor cria suas próprias necessidades, mesmo a de tornar-se uma pessoa.

P: É dito que a Realidade se manifesta como existência – consciência – felicidade. Elas são absolutas ou relativas?

M: São relativas entre si e dependem uma da outra. A Realidade é independente de suas expressões.

P: Qual a relação entre a Realidade e suas expressões?

M: Nenhuma relação. Na realidade, tudo é real e idêntico. Em nossa linguagem dizemos, saguna e nirguna são um no parabrahman. Só o Supremo é: em movimento, é saguna; imóvel, é nirguna. Mas é apenas a mente que se move ou não. O Real está além, você está além. Uma vez que tenha entendido que nada perceptível ou concebível pode ser você mesmo, você é livre de suas imaginações. Ver tudo como imaginação

nascida do desejo é algo necessário para a autorrealização. Perdemos a realidade por falta de atenção, e criamos o irreal por excesso de imaginação.

Você tem que entregar seu coração e sua mente para essas coisas e remoê-las repetidamente. É como cozinhar alimentos. Deve mantê-los no fogo durante algum tempo antes que estejam prontos.

P: Não estou sob o influxo do destino, do meu karma? Que posso fazer contra ele? O que sou e o que faço estão predeterminados. Mesmo minha assim chamada 'livre escolha' é predeterminada; apenas não estou consciente disto e imagino-me livre.

M: Novamente, tudo depende de como você olhar. A ignorância é como uma febre – ela o faz ver coisas que não existem. O karma é o tratamento prescrito pelo divino. Dê a ele boas-vindas e siga as instruções fielmente, e você se curará. O paciente deixará o hospital depois de recuperar-se. Insistir na imediata liberdade de escolha e de ação meramente adiará a recuperação. Aceite seu destino e cumpra-o – este é o caminho mais curto para libertar-se do destino, embora não do amor e de suas compulsões. Atuar a partir do desejo e do medo é escravidão, atuar a partir do amor é liberdade.

95
ACEITE A VIDA COMO ELA VIER

Pergunta: Estive aqui no ano passado. Aqui estou outra vez diante de você. O que me fez vir realmente eu não sei, mas, de algum modo, não pude esquecê-lo.

Maharaj: Alguns esquecem, outros não, de acordo com seus destinos, o que pode chamar acaso, se você preferir.

P: Há uma diferença básica entre o acaso e o destino.

M: Só em sua mente. Na realidade, você não sabe o que causa o quê. Destino é apenas uma palavra encobridora para velar sua ignorância. Acaso é outra palavra.

P: Pode haver liberdade sem conhecimento das causas e de seus resultados?

M: Causas e resultados são infinitos em número e variedade. Tudo afeta tudo. Neste universo, quando uma coisa muda, tudo muda. Daí o grande poder do homem para mudar o mundo mudando a si mesmo.

P: De acordo com suas próprias palavras, você, pela graça de seu Guru, mudou radicalmente há uns quarenta anos. Mesmo assim o mundo permanece como era antes.

M: Meu mundo mudou completamente. O seu permaneceu o mesmo, porque você não mudou.

P: Como é que sua mudança não me afetou?

M: Porque não havia nenhuma comunhão entre nós. Não se considere como separado de mim e nós deveremos imediatamente compartilhar o estado comum.

P: Tenho alguma propriedade nos Estados Unidos que pretendo vender, e comprar alguma terra nos Himalaias. Construirei uma casa, projetarei um jardim, arranjarei duas ou três vacas e viverei silenciosamente. As pessoas me dizem que a propriedade e a tranquilidade não são compatíveis, que logo encontrarei problemas com funcionários, vizinhos e ladrões. É inevitável?

M: O mínimo que você pode esperar é uma interminável sucessão de visitantes que converterão sua morada em uma pousada aberta e gratuita. Melhor aceitar sua vida como ela se amoldar, volte para casa e cuide de sua esposa com amor e atenção. Ninguém mais necessita de você. Seus sonhos de glória lhe trarão mais complicações.

P: O que busco não é a glória, mas a Realidade.

M: Para isto, você necessita de uma vida bem ordenada e tranquila, paz mental e uma imensa seriedade. A cada momento, o que quer que chegue para você sem solicitação, vem de Deus e, sem dúvida, ajuda-lo-á se o utilizar ao máximo. Só aquilo pelo qual se esforça, nascido da imaginação e do desejo, é o que lhe causa problemas.

P: O destino é o mesmo que a graça?

M: Sem dúvida. Aceite a vida como ela vier e a achará uma benção.

P: Posso aceitar minha própria vida. Como posso aceitar o tipo de vida a que outras pessoas são compelidas a viver?

M: Você a está aceitando de qualquer modo. As aflições dos outros não interferem em seus prazeres. Se fosse realmente compassivo, você teria abandonado há muito tempo todo interesse próprio e teria entrado no estado no qual só você poderia realmente ajudar.

P: Se tivesse uma casa grande e bastante terra, poderia criar um Ashram, com quartos individuais, uma sala comum para a meditação, cantina, biblioteca, escritório, etc.

M: Os Ashrams não são feitos, eles acontecem. Você não pode começá-los nem impedi-los, do mesmo modo que não pode começar ou deter um rio. Muitos fatores estão envolvidos na criação de um Ashram bem-sucedido, e sua maturidade interior é apenas um deles. Certamente, se você ignorar seu ser real, qualquer coisa que fizer se converterá em cinzas. Você não pode imitar um Guru e escapar impunemente. Toda hipocrisia terminará em desastre.

P: Que está errado em comportar-se como um santo mesmo antes de sê-lo?

M: Ensaiar a santidade é um sadhana. Está perfeitamente bem desde que nenhum mérito seja reivindicado.

P: Como poderia saber se eu sou capaz de começar um Ashram a menos que eu tente?

M: Enquanto tomar-se como uma pessoa, um corpo e uma mente, separado da corrente da vida, com uma vontade própria, perseguindo seus próprios fins, você estará vivendo meramente na superfície, e qualquer coisa que fizer terá vida curta e de pouco valor, mera palha para alimentar as chamas da vaidade. Você deve colocar um verdadeiro valor antes que possa esperar algo real. Qual é seu valor?

P: Por qual medida devo medi-lo?

M: Olhe para o conteúdo de sua mente. Você é o que pensa. Não está a maior parte do tempo ocupado com sua pequena pessoa e em suas necessidades diárias?

O valor da meditação regular é o de afastá-lo da monotonia da rotina diária e recordá-lo de que você não é o que acredita ser. Mas, mesmo recordar não é o bastante – a ação deve seguir a convicção. Não seja como o homem rico que fez um testamento detalhado, mas se nega a morrer.

P: A lei da vida não é gradativa?

M: Oh, não! Só a preparação é gradual, a mudança é súbita e completa. A mudança gradual não o leva a um novo nível de ser consciente. Você necessita de coragem para abandonar.

P: Admito que é a coragem que me falta.

M: É porque você não está totalmente convencido. A convicção total gera desejo e coragem. E a meditação é a arte de alcançar a fé através do

entendimento. Na meditação, você considera o ensinamento recebido, em todos os seus aspectos e repetidamente até que, como resultado da claridade, nasça a confiança e, com a confiança, a ação. A convicção e a ação são inseparáveis. Se a ação não seguir a convicção, examine suas convicções, não se acuse de falta de coragem. A autodepreciação não o levará a nenhum lugar. Sem a claridade e o assentimento emocional, qual a utilidade da vontade?

P: O que você quer dizer por assentimento emocional? Não estarei agindo contra os meus desejos?

M: Você não age contra seus desejos. A claridade não é o bastante. A energia vem do amor – você deve amar para agir –, qualquer que seja a forma e objeto de seu amor. Sem claridade e caridade, a coragem é destrutiva. As pessoas em guerra são muitas vezes admiravelmente corajosas, mas o que resulta disto?

P: Vejo bastante claramente que tudo o que quero é uma casa em um jardim onde viverei em paz. Por que não deveria agir de acordo com meu desejo?

M: Sem dúvida, aja. Mas não esqueça o inevitável, o inesperado. Sem chuva, seu jardim não florescerá. Você necessita de coragem para a aventura.

P: Preciso tempo para juntar coragem, não me apresse. Deixe-me amadurecer para a ação.

M: Toda sua atitude está errada. A ação adiada é ação abandonada. Pode haver outra oportunidade para outras ações, mas o momento presente estará perdido – irrecuperavelmente perdido. Toda preparação é para o futuro – você não pode preparar o presente.

P: O que está errado em preparar o futuro?

M: Suas preparações não o ajudam muito a agir no agora. A claridade é agora, a ação é agora. Pensar em estar preparado impede a ação. E a ação é a pedra de toque da realidade.

P: Mesmo quando agimos sem convicção?

M: Você não pode viver sem ação, e por trás de cada ação há algum medo ou desejo. No final das contas, tudo o que você faz é baseado em sua convicção de que o mundo é real e independente de você mesmo. Estivesse convencido do contrário, seu comportamento seria muito diferente.

P: Não há nada errado em minhas convicções; minhas ações são influenciadas pelas circunstâncias.

M: Em outras palavras, você está convencido da realidade de suas circunstâncias, do mundo no qual você vive. Siga o mundo até sua origem e achará que, antes que o mundo existisse, você era e, quando o mundo não existir mais, você persistirá. Encontre seu ser eterno e sua ação dará testemunho dele. Você o achou?

P: Não, não achei.

M: Então, o que mais deve fazer? Certamente, esta é a tarefa mais urgente. Você não pode se ver como independente de todas as coisas a menos que abandone tudo e permaneça sem apoio e indefinido. Uma vez que conheça a si mesmo, será indiferente o que você fará, mas, para tornar real sua independência, deverá colocá-la à prova desistindo de tudo aquilo de que dependia. O homem realizado vive no nível dos absolutos; sua sabedoria, amor e coragem são completos, não há nada relativo a respeito dele. Portanto, ele deve provar a si mesmo mediante testes mais rigorosos, passando por experiências mais exigentes. O verificador, o verificado e o cenário para a verificação estão todos dentro; é um drama interior do qual ninguém pode fazer parte.

P: Crucificação, morte e ressurreição – estamos em terreno familiar! Tenho lido, ouvido e falado sobre isto incessantemente, mas me sinto incapaz de fazê-lo.

M: Mantenha-se tranquilo, sossegado, e a sabedoria e o poder chegarão por si mesmos. Não é necessário desejar ardentemente. Espere no silêncio do coração e da mente. É muito fácil estar tranquilo, mas a disposição para isto é rara. As pessoas querem se tornar super-homens da noite para o dia. Permaneçam sem ambição, sem o mínimo desejo, expostos, vulneráveis, desprotegidos, inseguros e sós, completamente abertos à vida e dando a ela as boas-vindas como ela acontecer, sem a convicção egoísta de que tudo deve dar-lhes prazer ou benefício, material ou supostamente espiritual.

P: Eu respondo ao que você disse, mas simplesmente não vejo como isto é feito.

M: Se souber como fazer, você não o fará. Abandone toda tentativa. Simplesmente seja. Não se esforce, não lute, deixe ir todo apoio, agarre-se ao cego sentido de ser, desprezando tudo. Isto é o bastante.

P: Como este desprezar será feito? Quanto mais desprezo, mais vem à superfície.

M: Recuse atenção, deixe as coisas virem e irem. Os desejos e os pensamentos são coisas também. Desconsidere-os. Desde os tempos imemoriais, a poeira dos fatos tem coberto o espelho de sua mente, de modo que possa ver apenas recordações. Despreze a poeira antes que tenha tempo de assentar-se; isto irá revelar as velhas camadas, até que a natureza verdadeira de sua mente seja descoberta. É tudo muito simples e comparativamente fácil; seja sério e paciente – isso é tudo. A imparcialidade, o desapego, a liberdade do desejo e do temor, de todo interesse próprio, a mera Consciência – livre da memória e da expectativa – este é o estado mental em que pode acontecer a descoberta. No final das contas, a liberação é apenas a liberdade para descobrir.

96
ABANDONE AS RECORDAÇÕES E AS ESPERANÇAS

Pergunta: Sou americano de nascimento e durante o último ano estive em um Ashram em Madhya Pradesh, estudando a loga em seus muitos aspectos. Tínhamos um professor cujo Guru reside em Monghyur, um discípulo do grande Sivananda Saraswati. Também estive no Ramanashram. Enquanto permaneci em Bombaim, frequentei um curso intensivo de meditação birmanesa dirigido por um tal de Goenka. Mesmo assim, não encontrei a paz. Há uma melhora no autocontrole e na disciplina cotidiana, mas isso é tudo. Não posso dizer exatamente o que causou o quê. Visitei muitos lugares santos. Como cada um atuou sobre mim, não posso dizer.

Maharaj: Bons resultados virão, mais cedo ou mais tarde. Obteve alguma instrução no Sri Ramanashram?

P: Sim, alguns ingleses me ensinaram e também um indiano seguidor da gnana yoga, que reside ali permanentemente, deu-me algumas lições.

M: Quais são seus planos?

P: Devo regressar aos Estados Unidos em consequência de dificuldades com meu visto. Pretendo completar meus estudos do curso de Cura Natural e fazer disto minha profissão.

M: Uma boa profissão, sem dúvida.

P: Há algum perigo em seguir o caminho da loga custe o que custar?

M: Seria perigoso um palito de fósforo quanto toda a casa está em chamas? A busca da realidade é o mais perigoso de todos os empreendimentos porque destruirá o mundo em que você vive. Mas, se sua razão for o amor à verdade e à vida, não precisará ter medo.

P: Tenho medo de minha própria mente. Ela é tão instável!

M: As imagens aparecem e desaparecem no espelho de sua mente. O espelho permanece. Aprenda a distinguir o imóvel no que muda, o imutável na mudança, até você compreender que todas as diferenças são apenas aparentes e que a unidade é um fato. A esta identidade básica você pode chamar Deus, ou Brahman, ou a matriz (Prakriti), as palavras pouco interessam – é apenas a realização de que tudo é um. Uma vez que você possa dizer, com a confiança da experiência direta, que 'Eu sou o mundo, o mundo sou eu mesmo', você é livre do desejo e do medo por um lado e, do outro, torna-se totalmente responsável pelo mundo. A aflição inconsciente da humanidade torna-se seu único interesse.

P: Mesmo assim um gnani tem seus problemas!

M: Sim, mas eles não são mais de sua própria criação. Seu sofrimento não está envenenado pelo sentimento de culpa. Não há nada errado em sofrer pelos pecados dos demais. O seu cristianismo está baseado nisto.

P: Todo o sofrimento não é autocriado?

M: Sim, enquanto houver um ser separado para criá-lo. No fim você sabe que não há pecado, nem culpa, nem retribuição, apenas a vida em suas intermináveis transformações. Com a dissolução do 'Eu' pessoal, desaparece o sofrimento pessoal. O que permanece é a grande tristeza da compaixão, o horror da dor desnecessária.

P: Há alguma coisa desnecessária no esquema das coisas?

M: Nada é necessário, nada é inevitável. O hábito e a paixão cegam e enganam. A Consciência compassiva cura e redime. Não há nada que possamos fazer, podemos apenas deixar que as coisas aconteçam de acordo com a natureza delas.

P: Você defende a passividade completa?

M: A claridade e a caridade são ação. O amor não é preguiçoso e a claridade controla. Você não precisa se preocupar com a ação, cuide de sua mente e de seu coração. A estupidez e o egoísmo são o único mal.

P: O que é melhor – a repetição do nome de Deus ou a meditação?

M: A repetição estabilizará sua respiração. Com uma respiração profunda e tranquila, a vitalidade melhorará, o que influenciará o cérebro e ajudará a mente a tornar-se pura e estável, e apta para a meditação. Sem vitalidade, pouco pode ser feito, daí a importância de sua proteção e aumento. Postura e respiração são partes da Ioga, porque o corpo deve ser sadio e estar sob controle, mas muita concentração sobre o corpo frustra seu propósito, pois no começo a mente é primária. Quando a mente é posta para descansar e não perturba mais o espaço interior (Chidakasha), o corpo adquire um novo significado, e sua transformação se torna necessária e possível.

P: Estive percorrendo toda a Índia, encontrando muitos Gurus e aprendendo em gotas diversas Iogas. É correto provar um pouco de tudo?

M: Não, isto é só uma introdução. Você encontrará um homem que o ajudará a encontrar seu próprio caminho.

P: Sinto que o Guru de minha própria escolha não pode ser meu Guru real. Para ser real, deve vir inesperadamente e ser irresistível.

M: É melhor não antecipar. O modo com que você reage é decisivo.

P: Sou o senhor de minhas respostas?

M: A discriminação e o desapego praticados agora darão seus frutos no momento oportuno. Se as raízes forem sãs e bem regadas, é certo que os frutos serão doces. Seja puro, esteja alerta, mantenha-se preparado.

P: As austeridades e as penitências servem para alguma coisa?

M: Enfrentar todas as vicissitudes da vida já é penitência suficiente! Você não precisa inventar problemas. Enfrentar alegremente o que quer que a vida traga é toda a austeridade que você necessita.

P: Que me diz do sacrifício?

M: Compartilhe, com vontade e alegria, tudo quanto tem com quem necessite – não invente crueldades autoinfligidas.

P: O que é a autoentrega?

M: Aceitar o que chega.

P: Sinto que sou demasiado débil para estar sobre minhas próprias pernas. Necessito a companhia santa de um Guru e de pessoas boas. A equanimidade está além de mim. Aceitar o que chega tal como chega me dá medo. Penso em meu retorno para os Estados Unidos com horror.

M: Volte e faça o melhor uso de suas oportunidades. Obtenha seu grau universitário primeiro. Você sempre pode retornar à Índia para seus estudos de cura natural.

P: Sou bastante consciente das oportunidades que existem nos Estados Unidos. O que me assusta é a solidão.

M: Você tem sempre a companhia de seu próprio eu – não precisa sentir-se só; afastado dele, mesmo na Índia, você se sentiria só. Toda felicidade vem de satisfazer o eu. Satisfaça-o, depois retorne aos Estados Unidos, não faça nada que seja indigno da gloriosa realidade dentro de seu coração, e você deverá ser feliz, e assim permanecerá. Mas você deve buscar o eu e, tendo-o encontrado, permaneça com ele.

P: A completa solidão é de algum benefício?

M: Depende de seu temperamento. Você pode trabalhar com outros e para outros, desperto e amistosamente, e crescer mais plenamente que na solidão, a qual pode torná-lo embotado ou deixá-lo à mercê da tagarelice interminável de sua mente. Não imagine que pode mudar através do esforço. A violência, mesmo voltada contra si mesmo, como no caso das austeridades e das penitências, permanecerá estéril.

P: Não há algum modo de perceber quem está realizado e quem não está?

M: A única prova está em você mesmo. Se você achar que você se transformou em ouro, será um sinal de que você tocou a pedra filosofal. Permaneça com a pessoa e observe o que acontece com você. Não pergunte aos outros. O homem deles pode não ser o seu Guru. Um Guru pode ser universal em essência, mas não em suas expressões. Ele pode parecer colérico ou ganancioso, ou estar excessivamente preocupado com seu Ashram ou sua família, e você pode ser enganado pela aparência, enquanto os outros não.

P: Não tenho o direito de esperar uma perfeição completa, interna e externa?

M: Interna – sim. Mas a perfeição externa depende das circunstâncias, do estado do corpo, pessoal e social, e de outros inúmeros fatores.

P: Disseram-me para encontrar um gnani, para dele aprender a arte de alcançar gnana, e agora me dizem que toda a abordagem é falsa, que não posso distinguir um gnani, e que o gnana não pode ser conquistado por meios apropriados. É tudo tão confuso!

M: Isto tudo é devido à sua completa má compreensão da realidade. Sua mente está mergulhada nos hábitos de avaliar e adquirir, e não vai admitir que o incomparável e o inalcançável estejam esperando eternamente dentro de seu próprio coração para o reconhecimento. Tudo que você tem a fazer é abandonar todas as memórias e expectativas. Mantenha-se simplesmente pronto, em total nudez e insignificância.

P: Quem realiza o abandono?

M: Deus o fará. Apenas veja a necessidade de abandono. Não resista, não se aferre à pessoa que você acredita ser. Porque você imagina ser uma pessoa, toma o gnani também como uma pessoa, apenas de algum modo diferente, melhor informado e mais poderoso. Você pode dizer que ele é eternamente consciente e feliz, mas isto está longe de expressar toda a verdade. Não confie nas definições e descrições – elas são grosseiramente enganosas.

P: A menos que me digam o que e como fazer, sinto-me perdido.

M: Sem dúvida, sinta-se perdido! Enquanto você se sentir competente e confiante, a realidade estará além de seu alcance. A menos que aceite a aventura interior como um modo de vida, o descobrimento não chegará a você.

P: Descobrimento do quê?

M: Do centro de seu ser, o qual é livre de todas as instruções, de todos os meios e fins.

P: Ser tudo, conhecer tudo, ter tudo?

M: Ser nada, não saber nada, não ter nada. Essa é a única vida digna de ser vivida, a única felicidade que vale a pena ter.

P: Posso admitir que a meta está além de minha compreensão. Ao menos, deixe-me conhecer o caminho.

M: Você deve encontrar seu próprio caminho. A menos que você o encontre, não será seu próprio caminho e não o levará a parte alguma. Viva seriamente a verdade que você encontrou – aja de acordo com o pouco que você entendeu. É a seriedade que o levará além, não sua própria habilidade ou a de outro.

P: Estou receoso dos erros. Tentei muitas coisas – nada resultou delas.

M: Você deu muito pouco de si mesmo, era meramente curioso, não sério.

P: Não conheço algo melhor.

M: Pelo menos já sabe disso. Sabendo que são superficiais, não dê valor a suas experiências, esqueça-as logo que acabarem. Viva uma vida limpa, abnegada, isso é tudo.

P: A moralidade é tão importante?

M: Não enganar, não ferir – isto não é importante? Acima de tudo, você necessita de paz interior, a qual exige harmonia entre o interior e o exterior. Faça aquilo em que acredita, e acredite no que fizer. Tudo o mais é uma perda de energia e de tempo.

97
A MENTE E O MUNDO NÃO ESTÃO SEPARADOS

Pergunta: Vejo aqui imagens de diversos santos e me disseram que são seus antepassados espirituais. Quem são eles e como tudo isto começou?

Maharaj: Somos chamados coletivamente os 'Nove Mestres'. A lenda diz que nosso primeiro mestre foi o Rishi Dattatreya, a grande encarnação da Trindade de Brahma, Vishnu e Shiva. Mesmo os 'Nove Mestres' (Navnath) são mitológicos.

P: Qual é a peculiaridade de seus ensinamentos?

M: A simplicidade, tanto em teoria como na prática.

P: Como alguém se torna um Navnath? Pela iniciação ou pela sucessão?

M: Nem uma nem outra. A tradição dos 'Nove Mestres', Navnath Parampara, é como um rio que flui para o oceano da realidade, e quem quer que entre nele será levado junto.

P: Isto implica em ser aceito por um mestre vivo pertencente à mesma tradição?

M: Aqueles que praticam o sadhana de enfocar suas mentes no 'eu sou' podem sentir-se relacionados a outros que seguiram o mesmo sadhana e foram bem-sucedidos. Eles podem decidir verbalizar seu sentido de afinidade chamando-se Navnats; isto lhes dá o prazer de pertencer a uma tradição estabelecida.

P: Eles são beneficiados de algum modo juntando-se à tradição?

M: O círculo de satsang, 'a companhia dos santos', expande-se em número à medida que o tempo passa.

P: Eles retêm assim uma fonte de poder e graça da qual teriam sido excluídos de outra forma?

M: O poder e a graça são para todos, basta pedi-los. Dar a si mesmo um nome particular não ajuda. Chame-se por qualquer nome – enquanto estiver intensamente atento a si mesmo, os acumulados obstáculos ao autoconhecimento estarão condenados a desaparecer.

P: Se eu gosto de seu ensinamento e aceito sua direção, posso chamar-me Navnath?

M: Satisfaça sua mente viciada às palavras! O nome não o mudará. No melhor dos casos, poderá lembrá-lo para que se comporte. Há uma sucessão de Gurus e seus discípulos, os quais por sua vez preparam outros discípulos, e assim a linha é mantida. Mas a continuidade da tradição é informal e voluntária. É como um nome de família, mas neste caso a família é espiritual.

P: Você deve realizar-se para unir-se a Sampradaya?

M: A Navnath Sampradaya é apenas uma tradição, um modo de ensinamento e de prática. Não denota um nível de consciência. Se você aceitar como Guru um mestre da Navnath Sampradaya, você se juntará a esta Sampradaya. Geralmente, você recebe um sinal da graça do Guru – um olhar, um toque, ou uma palavra, às vezes um sonho vívido ou uma forte recordação. Às vezes, o único sinal da graça é uma mudança rápida e significativa no caráter e no comportamento.

P: Conheço-o há alguns anos e o encontro regularmente. Sua lembrança nunca está longe de minha mente. Isto me faz pertencer a sua Sampradaya?

M: O pertencer é uma questão de seu próprio sentimento e convicção. No final das contas, tudo é verbal e formal. Na realidade, não há nem Guru nem discípulo, nem teoria nem prática, nem ignorância nem

realização. Tudo depende do que você acredita ser. Conheça-se corretamente. Não há substituto nenhum para o autoconhecimento.

P: Que prova eu terei de que me conheço corretamente?

M: Você não precisa de provas. A experiência é única e inequívoca. Aparecerá em você subitamente quando os obstáculos estiverem eliminados em certa medida. É como uma corda gasta rompendo-se. Seu esforço está nos cabos. A ruptura está destinada a acontecer. Pode ser adiada, mas não impedida.

P: Estou confuso por sua negação da causalidade. Isto quer dizer que ninguém é responsável pelo mundo como ele é?

M: A ideia de responsabilidade está em sua mente. Você pensa que deve haver algo ou alguém unicamente responsável por tudo que acontece. Há uma contradição entre um universo múltiplo e uma causa única. Ou um ou o outro deve ser falso. Ou ambos. Tal como eu o vejo, tudo é um devaneio. Não há nenhuma realidade nas ideias. O fato é que, sem você, nem o universo nem sua causa poderiam ter vindo a existir.

P: Não posso perceber se sou a criatura ou o criador do universo.

M: 'eu sou' é um fato sempre presente, enquanto 'Eu sou criado' é uma ideia. Nem Deus nem o universo vieram a você para lhe dizer que eles o criaram. A mente, obcecada pela ideia de causalidade, inventa a criação e, então, deseja saber 'quem é o criador?' A própria mente é o criador. Mesmo isto não é totalmente verdadeiro, porque o criado e seu criador são um. A mente e o mundo não estão separados. Entenda que o que você pensa ser o mundo é sua própria mente.

P: Existe um mundo além, ou fora da mente?

M: Todo o espaço e todo o tempo estão na mente. Onde você localizaria um mundo além da mente? Existem muitos níveis de mente e cada um projeta sua própria versão, mesmo assim todos estão na mente e são criados por ela.

P: Qual é sua atitude quanto ao pecado? Como você vê o pecador, alguém que rompe a lei interna ou externa? Você quer que ele mude ou apenas se compadece dele? Ou você lhe é indiferente por causa de seus pecados?

M: Não conheço nenhum pecado, nem pecador. Suas distinções e avaliações não me limitam. Todos se comportam segundo sua natureza. Não se pode evitar, nem se lamentar por isto.

P: Outros sofrem.

M: A vida vive da vida. Na natureza o processo é compulsório; na sociedade, deveria ser voluntário. Não pode haver nenhuma vida sem sacrifício. O pecador nega-se ao sacrifício e atrai a morte. Isto é como é, e não há razão para condenação ou piedade.

P: Seguramente você sente ao menos compaixão quando vê um homem mergulhado no pecado.

M: Sim, sinto que sou esse homem e seus pecados são meus pecados.

P: Certo, e depois?

M: Por tornar-me um com ele, ele se torna um comigo. Não é um processo consciente, ocorre inteiramente por si mesmo. Nenhum de nós pode evitá-lo. O que necessita mudar deverá mudar de qualquer modo; basta conhecer-se tal como se é, aqui e agora. A investigação intensa e metódica, dentro da própria mente, é a Ioga.

P: O que acontece com as cadeias do destino forjadas pelo pecado?

M: Quando a ignorância, a mãe do pecado, é dissolvida, o destino, a compulsão para pecar novamente, cessa.

P: Há retribuições a fazer.

M: Quando a ignorância chega ao fim, tudo acaba. As coisas então são vistas como são, e elas são boas.

P: Se um pecador, um infrator da lei, chegar diante de você e pedir sua graça, qual será sua resposta?

M: Ele obterá o que pede.

P: Apesar de ser um homem mau?

M: Não conheço pessoas más, só conheço a mim mesmo. Não vejo nem santos nem pecadores, só seres vivos. Eu não distribuo a graça. Não há nada que eu possa dar ou negar, que você já não tenha em igual medida. Simplesmente, seja consciente de suas riquezas e utiliza-as ao máximo. Enquanto imaginar que necessita minha graça estará em minha porta mendigando-a.

Se eu mendigasse sua graça, teria pouco sentido! Não estamos separados, o real é comum.

P: Uma mãe vem a você com uma história de infortúnio. Seu único filho entregou-se às drogas e ao sexo e vai de mal a pior. Ela pede sua graça. Qual será sua resposta?

M: Provavelmente, eu devo me ouvir dizendo a ela que tudo irá bem.

P: Isto é tudo?

M: Isto é tudo. O que mais você espera?

P: Mas o filho da mulher mudará?

M: Pode mudar ou não.

P: As pessoas que se reúnem ao redor de você, e que o conhecem há muitos anos, sustentam que, quando você diz que 'ficará tudo bem', invariavelmente, acontece como você disse.

M: Também pode ser dito que foi o coração da mãe que salvou o filho. Para tudo há inumeráveis causas.

P: Disseram-me que o homem que nada quer para si mesmo é todo-poderoso. O universo inteiro está à sua disposição.

M: Se você assim acredita, aja de acordo com isto. Abandone todo desejo pessoal e use o poder assim resgatado para mudar o mundo!

P: Todos os Budas e Rishis não foram bem sucedidos em salvar o mundo.

M: O mundo não se rende à mudança. Por sua própria natureza, é doloroso e transitório. Veja-o como ele é, e se despoje de todo o desejo e de todo o medo. Quando o mundo não o aprisiona, ou limita, converte-se em uma morada de alegria e beleza. Você pode ser feliz no mundo apenas quando é livre dele.

P: O que é certo e o que é errado?

M: Geralmente, o que causa sofrimento é errado, e o que o elimina é certo. O corpo e a mente são limitados e, portanto, vulneráveis; eles necessitam de proteção, o que dá lugar ao medo. Enquanto você se identificar com eles, estará condenado a sofrer; compreenda sua independência e fique feliz. Eu lhe digo, este é o segredo da felicidade. Acreditar que você depende de coisas e pessoas para ser feliz se deve à ignorância de sua verdadeira natureza; saber que você não necessita de nada para ser feliz, exceto o autoconhecimento, é sabedoria.

P: O que vem primeiro, o ser ou o desejo?

M: Quando o ser surge na consciência, surgem também na mente as ideias do que você é junto com as ideias do que deveria ser. Isto causa o desejo e a ação, e o processo de transformar-se começa. O vir a ser não tem, aparentemente, nenhum início e nenhum fim, porque recomeça a cada momento. Com a cessação da imaginação e do desejo, o vir a ser cessa e o ser isto ou aquilo se funde no puro ser, o qual não é descritível e apenas pode ser experienciado.

O mundo lhe parece tão esmagadoramente real porque você pensa nele o tempo todo; deixe de pensar nele, e ele se dissolverá numa névoa

sutil. Você não precisa esquecer; quando o desejo e o medo terminam, o cativeiro também termina. O que cria o cativeiro é o envolvimento emocional, o padrão estabelecido de gostos e desgostos, o que denominamos caráter e temperamento.

P: Sem desejo e medo, que motivo há para a ação?

M: Nenhum, a menos que considere motivo suficiente o amor à vida, à retidão e à beleza. Não tenha medo da liberdade do desejo e do medo. Ela permite que você viva uma vida tão diferente de tudo o que você conhece, tão muito mais intensa e interessante, que, verdadeiramente, por perder tudo você ganha tudo.

P: Desde que você conta que sua ascendência espiritual vem do Rishi Dattatreya, estou certo em acreditar que você e seus predecessores são reencarnações do Rishi?

M: Você pode acreditar no que quiser e, se agir de acordo com sua crença, você obterá seus frutos; mas, para mim, isto não tem nenhuma importância. Eu sou o que sou, e isto me basta. Não tenho o desejo de identificar-me com ninguém, por ilustre que seja. Nem necessito tomar os mitos por realidade. Estou apenas interessado na ignorância e na libertação da ignorância. O papel apropriado a um Guru é dissipar a ignorância nos corações e mentes de seus discípulos. Uma vez que o discípulo tenha entendido, a ação confirmatória dependerá dele. Ninguém pode agir por outro. E se alguém não age corretamente, apenas significa que não compreendeu e que o trabalho do Guru não terminou.

P: Deve haver também alguns casos sem esperança?

M: Nenhum caso é sem esperança. Os obstáculos podem ser superados. O que a vida não pode emendar, a morte concluirá, mas o Guru não pode falhar.

P: O que lhe dá esta segurança?

M: O Guru e a realidade interior do homem são realmente uma coisa só e trabalham juntos para a mesma meta – a redenção e salvação da mente. Eles não podem falhar. Em consequência das muitas pedras que os obstruem, eles constroem suas pontes. A consciência não é a totalidade do ser – há outros níveis nos quais o homem é muito mais cooperativo. O Guru está familiarizado com todos os níveis, e sua energia e paciência são inesgotáveis.

P: Você continua assegurando-me que estou sonhando e que já é hora de despertar. Como é que o Maharaj que veio a mim em meus sonhos

não foi bem-sucedido em despertar-me? Ele continua me encorajando e lembrando, mas o sonho continua.

M: Isto é porque você realmente não entendeu que você está sonhando. Esta é a essência do cativeiro – a mistura do real com o irreal. Em seu estado presente, só o 'eu sou' se refere à realidade; o 'que' e o 'como eu sou' são ilusões impostas pelo destino, ou por acidente.

P: Quando o sonho começou?

M: Parece ser sem começo, mas de fato é apenas agora. De momento a momento, você o está renovando. Uma vez que você tenha visto que está sonhando, você deverá acordar. Mas você não vê porque quer que o sonho continue. Virá o dia em que você ansiará pelo fim do sonho, com todo o seu coração e toda sua mente, e estará disposto a pagar qualquer preço; o preço será o desapego e o distanciamento, a perda do interesse no próprio sonho.

P: Quão desamparado estou. Enquanto o sonho da existência dura, eu quero que continue. Enquanto quero que continue, durará.

M: O querer que continue não é inevitável. Veja claramente sua condição, sua própria claridade o libertará.

P: Enquanto estou com você, tudo quanto diz parece óbvio; mas, logo que me afasto de você, fico inquieto e cheio de ansiedade.

M: Não é necessário ficar longe de mim, em sua mente pelo menos. Mas sua mente procura o bem-estar do mundo!

P: O mundo está cheio de problemas, não é de estranhar que minha mente também esteja.

M: Houve alguma vez um mundo sem problemas? Sua existência como uma pessoa depende da violência em relação aos outros. Seu próprio corpo é um campo de batalha, cheio de mortos e agonizantes. A existência implica violência.

P: Como corpo, sim. Como ser humano, definitivamente não. Para a humanidade, a não violência é a lei da vida; e a violência, a lei da morte.

M: Na natureza há pouca não violência.

P: Deus e a natureza não são humanos e não precisam ser. Estou interessado só no homem. Para ser humano, devo ser absolutamente compassivo.

M: Você compreende que, enquanto possuir [illegible] eu a defender, você deve ser violento?

P: Sim. Para ser verdadeiramente humano, devo ser sem eu. Enquanto for egoísta, serei subumano, apenas um 'humanoide'.

M: Portanto, nós todos somos subumanos e só alguns poucos são humanos. Poucos ou muitos, o que nos faz humanos é novamente a 'claridade e a caridade'. Os subumanos – os 'humanoides', são dominados por tamas e rajas, e os humanos, por sattva. Claridade e caridade são sattva no modo em que afetam a mente e a ação. Mas o real está além de sattva. Desde que eu o conheço, você parece estar sempre procurando ajudar o mundo. Quanto já o ajudou?

P: Nem um pouco. Nem o mundo mudou, nem eu. Mas o mundo sofre e eu sofro com ele. Lutar contra o sofrimento é uma reação natural. E o que são a civilização e a cultura, a filosofia e a religião, senão uma revolta contra o sofrimento? O mal e a cessação do mal – não são sua principal preocupação? Você pode chamar a isto de ignorância – vêm a dar no mesmo.

M: Bem, as palavras não importam, nem tampouco interessa a forma em que você está agora. Os nomes e as formas mudam sem cessar. Conheça a si mesmo como sendo a testemunha imutável da mente mutável. Isto é suficiente.

98
A LIBERDADE DA AUTOIDENTIFICAÇÃO

Maharaj: Você pode sentar no chão? Precisa de uma almofada? Tem qualquer pergunta a fazer? Não é que você necessite perguntar, você pode também ficar quieto. Ser, simplesmente ser, é importante. Você não precisa perguntar nem fazer nada. Tal modo aparentemente preguiçoso de passar o tempo é altamente considerado na Índia. Significa que, por enquanto, você está livre da obsessão do 'e agora o quê?'. Quando você não tem pressa e a mente está livre da ansiedade, ela se torna tranquila e, no silêncio, algo pode ser ouvido, o qual é ordinariamente muito tênue e sutil para ser percebido. A mente deve estar aberta e serena para ver. O

que estamos tentando fazer aqui é trazer nossas mentes para dentro do estado adequado ao entendimento do que é real.

P: Como podemos eliminar as preocupações?

M: Você não necessita preocupar-se com suas preocupações. Apenas seja. Não tente estar tranquilo; não faça do 'estar tranquilo' uma tarefa a ser realizada. Não se inquiete a respeito de 'estar tranquilo', miserável sobre 'ser feliz'. Simplesmente, seja consciente de que você é, e permaneça consciente – não diga 'sim, eu sou; e agora o quê?'. Não há um 'e agora o quê?' no 'eu sou'. É um estado eterno.

P: Se for um estado eterno, ele se imporá de qualquer modo.

M: Você é o que é, eternamente, mas de que isto lhe serve a menos que você o conheça e aja de acordo? Sua tigela de mendigo pode ser de puro ouro, mas, enquanto você não souber disto, será um indigente. Você deve conhecer seu valor interno e confiar nele, e expressá-lo no sacrifício diário do desejo e do medo.

P: Se eu me conhecesse, não deveria desejar ou temer?

M: Durante algum tempo, os hábitos mentais podem demorar-se apesar da nova visão – o hábito de desejar o passado conhecido e temer o futuro desconhecido. Quando você souber que estes só pertencem à mente, poderá ir além deles. Enquanto você alimentar todo tipo de ideia sobre si mesmo, você se conhecerá através da neblina dessas ideias; para se conhecer tal como você é, abra mão de todas as ideias. Você não pode imaginar o sabor da água pura, só pode descobri-lo abandonando todos os sabores.

Enquanto estiver interessado em seu modo atual de vida, você não o abandonará. O descobrimento não poderá vir, enquanto você estiver aderido ao familiar. Só quando você perceber plenamente a imensa aflição de sua vida, e se rebelar contra ela, você poderá encontrar a saída.

P: Posso ver agora que o segredo da vida eterna da Índia está nestas dimensões da existência, das quais a Índia sempre teve a custódia.

M: É um segredo aberto e sempre houve pessoas dispostas e prontas a distribuí-lo. Mestres, há muitos; discípulos corajosos, muito poucos.

P: Estou bastante disposto a aprender.

M: Aprender palavras não é o bastante. Você pode conhecer a teoria, mas, sem a experiência real de si mesmo como o impessoal e não qualificado centro de ser, amor e felicidade, o mero conhecimento verbal é estéril.

P: Então, o que faço?

M: Tente ser, apenas ser. A palavra mais importante é 'tentar'. Destine tempo suficiente todos os dias para sentar-se quietamente e tentar, apenas tentar, ir além da personalidade, com seus vícios e obsessões. Não pergunte como, não pode ser explicado. Siga tentando até ser bem-sucedido. Se você perseverar, não poderá haver nenhum fracasso. O que mais importa é a sinceridade, a seriedade; você deve estar farto de ser a pessoa que é, e ver a urgente necessidade de libertar-se desta autoidentificação desnecessária com um punhado de recordações e hábitos. Esta constante resistência contra o desnecessário é o segredo do sucesso. No final das contas, você é o que é a cada momento de sua vida, mas nunca está consciente disto, exceto, talvez, no momento de despertar do sono. Tudo quanto necessita é ser consciente do ser, não como uma afirmação verbal, mas como um fato sempre presente. A Consciência que você é abrirá os seus olhos para o que você é. É tudo muito simples. Em primeiro lugar, estabeleça um contato constante com seu ser, esteja consigo mesmo todo o tempo. Todas as bênçãos fluem na Autoconsciência. Comece como um centro de observação, de conhecimento deliberado, e torne-se um centro de amor em ação. 'eu sou' é uma pequena semente que se tornará uma poderosa árvore – de forma totalmente natural, sem um traço de esforço.

P: Vejo tanto mal em mim mesmo. Não devo mudar isto?

M: O mal é a sombra da desatenção. Na luz da Autoconsciência, ele secará e cairá.

Toda dependência de outro é fútil, pois o que os outros podem dar, outros tirarão. Apenas o que é seu no começo permanecerá seu no final. Não aceite orientação exceto de dentro e, mesmo então, examine bem todas as lembranças, pois elas o enganarão. Mesmo que desconheça totalmente os caminhos e os meios, fique quieto e olhe para dentro de si mesmo; a orientação, seguramente, virá. Você nunca é deixado sem conhecer qual próximo passo deverá dar. O problema é que você pode evitá-lo. O Guru está aí para dar-lhe coragem, devido à sua experiência e realização. Mas só aquilo que você descobre através de sua própria Consciência, seu próprio esforço, será de uso permanente para você.

Lembre-se, nada do que você percebe é seu. Nada de valor vem a você do exterior; apenas seu próprio sentimento e seu entendimento são relevantes e reveladores. Palavras ouvidas, ou lidas, apenas criarão ima-

gens em sua mente, mas você não é uma imagem mental. Você é o poder da percepção e da ação por trás e além da imagem.

P: Parece que você me aconselha a centrar-me em mim mesmo o ponto de ser egoísta. Não devo render-me ao meu interesse pelas outras pessoas?

M: Seu interesse nos outros é egoísta, em interesse próprio, orientado para si mesmo. Você não está interessado nos outros como pessoas, mas só na medida em que eles enriquecem ou enobrecem sua própria imagem de si mesmo. E o maior egoísmo é cuidar apenas da proteção, preservação e multiplicação do próprio corpo. Por corpo quero dizer tudo o que está relacionado com seu nome e forma – sua família, tribo, país, raça, etc. O egoísmo é estar apegado à forma e ao nome. Um homem que sabe que não é nem corpo nem mente não pode ser egoísta, pois não tem nada para ser egoísta. Ou, você pode dizer que ele é igualmente 'egoísta' em nome de todos que encontra; o bem-estar de todos é o seu bem-estar. O sentimento 'Eu sou o mundo, o mundo sou eu mesmo' torna-se bastante natural; uma vez que ele esteja estabelecido, não haverá modo de ser egoísta. Ser egoísta significa cobiçar, adquirir, acumular em nome da parte e contra o todo.

P: Pode-se ser rico e com muitas posses por herança ou matrimônio, ou simplesmente boa sorte.

M: Se você não se aferrar a elas, serão tiradas de você.

P: Em seu estado presente você pode amar outra pessoa como uma pessoa?

M: Eu sou a outra pessoa, a outra pessoa sou eu mesmo; no nome e na forma somos diferentes, mas não há separação. Na raiz de nosso ser, nós somos um.

P: Não é assim toda vez que há amor entre pessoas?

M: É, mas elas não são conscientes disto. Elas sentem a atração, mas não conhecem a razão.

P: Por que o amor é seletivo?

M: O Amor não é seletivo, o desejo é seletivo. No amor, não há estranhos. Quando o centro do egoísmo não existe mais, todos os desejos de prazer e medo da dor cessam; não se está mais interessado em ser feliz; além da felicidade está a pura intensidade, a energia inesgotável, o êxtase de doar atingindo a uma fonte perene.

P: Não devo começar resolvendo por mim mesmo o problema do certo e do errado?

M: O que é agradável, as pessoas tomam por bom, e o que é doloroso é tido por mau.

P: Sim, é assim para nós, pessoas comuns. Mas como é para você, no nível da unidade? O que é bom e o que é mau para você?

M: O que aumenta o sofrimento é mau e o que o remove é bom.

P: De modo que você não considera bom o sofrimento em si mesmo. Há religiões em que o sofrimento é considerado bom e nobre.

M: O karma, ou destino, é a expressão de uma lei benéfica; o universal tende ao equilíbrio, à harmonia e à unidade. A cada momento, aquilo que acontece agora é no sentido do melhor. Pode parecer doloroso ou feio, um sofrimento amargo e sem sentido, mesmo assim, considerando o passado e o futuro, é para melhor, como a única saída de uma situação desastrosa.

P: Sofre-se apenas pelos próprios pecados?

M: Sofre-se junto com o que se acredita ser. Se você se sentir um com a humanidade, você sofrerá com ela.

P: E, desde que você pretende ser um com o universo, não há limite no tempo e no espaço para seu sofrimento!

M: Ser é sofrer. Quanto mais estreito for o círculo de minha autoidentificação, mais agudo o sofrimento causado pelo desejo e pelo medo.

P: O Cristianismo aceita o sofrimento como purificador e enobrecedor, enquanto o Hinduísmo o olha com desgosto.

M: O Cristianismo é uma maneira de juntar palavras e o Hinduísmo é outra. O real é, por trás e além das palavras, incomunicável, diretamente experienciado, explosivo em seus efeitos sobre a mente. É facilmente obtido quando não se quer nada mais. O irreal é criado pela imaginação e perpetuado pelo desejo.

P: Pode haver sofrimento que seja necessário e bom?

M: A dor acidental, ou casual, é inevitável e transitória; a dor deliberada, infligida inclusive com a melhor das intenções, é absurda e cruel.

P: Você não castigaria o crime?

M: A punição é apenas crime legalizado. Na sociedade construída sobre a prevenção em vez da retaliação, haveria poucos delitos. As poucas exceções seriam tratadas medicamente, como mente e corpo enfermos.

P: Parece que você tem pouco emprego para a religião.

M: O que é a religião? Uma nuvem no céu. Eu vivo no céu, não nas nuvens, que são muitas palavras juntadas. Elimine as palavras e o que permanece? A verdade permanece. Meu lar está no imutável, que parece ser um estado de constante reconciliação e integração dos opostos. As pessoas vêm aqui para aprender sobre a existência real de tal estado, sobre os obstáculos ao seu surgimento e, uma vez percebido, sobre a arte de estabelecê-lo na consciência, de modo que não haja conflito entre o entendimento e o viver. O próprio estado está além da mente e não é necessário aprendê-lo. A mente pode apenas focalizar os obstáculos; ver um obstáculo como obstáculo é eficaz, porque é a ação da mente sobre a mente. Comece do início; preste atenção ao fato de que você é. Em nenhum momento você pode dizer "Eu não fui", tudo o que pode dizer é: "Não recordo". Você sabe quão incerta é a memória. Aceite que, absorto em mesquinhos assuntos pessoais, você esqueceu o que é; tente recuperar a memória perdida mediante a eliminação do conhecido. Não se pode falar a você sobre o que vai acontecer, nem tampouco é desejável; a antecipação criará ilusões. Na busca interior, o inesperado é inevitável; o descobrimento está invariavelmente além de toda a imaginação. Do mesmo modo que uma criança ainda não nascida não pode conhecer a vida depois do nascimento, pois não tem em sua mente nada para formar uma imagem válida, assim também a mente é incapaz de pensar no real em termos do irreal exceto mediante a negação: "Isto não, aquilo não". A aceitação do irreal como real é o obstáculo; ver o falso como falso, e abandoná-lo, traz a realidade para dentro do ser. Os estados de total claridade, amor imenso, coragem completa, são meras palavras no momento, perfis sem cor, sinais do que pode ser. Você é como um homem cego esperando ver depois de uma operação - desde que você não fuja dela! No estado em que estou, as palavras não interessam de forma alguma. Nem há qualquer dependência delas. Só importam os fatos.

P: Não pode haver nenhuma religião sem palavras.

M: As religiões documentadas não passam de um monte de verbosidade. As religiões mostram seu verdadeiro rosto na ação, na ação silenciosa. Para saber o que o homem acredita, observe como ele age. Para a maioria das pessoas, o serviço a seus corpos e mentes é sua religião. Podem ter ideias religiosas, mas não agem de acordo com elas. Brincam

com elas, muitas vezes sentem-se muito orgulhosas delas, mas não agirão de acordo com elas.

P: As palavras são necessárias para a comunicação.

M: Para a troca de informações, sim. Mas a comunicação real entre as pessoas não é verbal. Para estabelecer e manter uma relação afetuosa, requer-se uma Consciência expressa na ação direta. Não o que você diz, mas o que faz é que importa. As palavras são fabricadas pela mente e só são significativas no nível mental. Você não pode comer nem viver da palavra 'pão', a qual meramente comunica uma ideia. Ela adquire significado apenas com o comer real. No mesmo sentido, estou lhe falando que o Estado Normal não é verbal. Posso dizer que é o amor sábio expresso na ação, mas estas palavras transmitem pouco, a menos que você as experiencie em toda sua plenitude e beleza.

As palavras têm uma utilidade limitada, mas nós não botamos nenhum limite para elas colocando-nos à beira do desastre. Nossas nobres ideias estão elegantemente equilibradas por ações desprezíveis. Nós falamos de Deus, da Verdade e do Amor, mas, em lugar da experiência direta, nós temos definições. Em vez de aumentar e aprofundar a ação, nós cinzelamos nossas definições. E imaginamos que conhecemos o que podemos definir!

P: Como se pode transmitir a experiência senão por palavras?

M: A experiência não pode ser transmitida através de palavras. Vem com a ação. Um homem cuja experiência é intensa irradiará confiança e coragem. Outros também agirão, e ganharão a experiência nascida da ação. O ensinamento verbal tem sua utilidade, ele prepara a mente para esvaziar-se de suas acumulações.

Um nível de maturidade mental é alcançado quando nada externo é de algum valor e o coração está pronto para abandonar tudo. Então o real tem uma oportunidade e a aproveita. Os atrasos, se houver algum, são causados pela mente que se recusa a ver ou a descartar.

P: Estamos tão totalmente sós?

M: Oh, não! Não estamos. Aqueles que têm podem dar. E tais doadores são muitos. O próprio mundo é um presente supremo, mantido por um amoroso sacrifício. Mas, os adequados receptores, sábios e humildes, são poucos. 'Pedi e será dado' é a lei eterna.

Tantas palavras você tem aprendido, tantas você tem dito. Você conhece tudo, mas não a si mesmo. Porque o ser não é conhecido através

de palavras – apenas a percepção direta o revelará. Olhe dentro de si mesmo, busque no interior.

P: É muito difícil abandonar as palavras. Nossa vida mental é uma corrente continua de palavras.

M: Não é questão de fácil ou difícil. Você não tem alternativa. Ou você tenta, ou não. Depende de você.

P: Tentei muitas vezes e fracassei.

M: Tente novamente. Se continuar tentando, alguma coisa poderá acontecer. Mas se você não tentar, estará preso. Você pode conhecer todas as palavras certas, citar as escrituras e ser brilhante em suas discussões e, mesmo assim, continuar sendo um saco de ossos. Ou pode ser discreto e humilde, uma pessoa totalmente insignificante, todavia resplandecente de amorosa bondade e profunda sabedoria.

99
O PERCEBIDO NÃO PODE SER O QUE PERCEBE

Pergunta: Tenho estado me movendo de um lugar para outro, investigando as várias logas disponíveis para a prática, e não pude decidir qual delas seria a mais adequada para mim. Agradeceria por algum conselho competente. Neste momento, como resultado de toda esta busca, estou cansado da ideia de encontrar a verdade. Parece-me desnecessária e perturbadora. A vida é agradável como ela é, e não vejo nenhum propósito em melhorá-la.

Maharaj: Você é bem-vindo a permanecer em seu contentamento, mas você pode? A juventude, o vigor, o dinheiro – tudo desaparecerá antes do que você espera. A aflição, evitada até agora, perseguirá você. Se você quiser estar além do sofrimento deverá encontrá-lo no meio do caminho e abraçá-lo. Abandone seus hábitos e dependências, viva uma vida simples e sóbria, não fira nenhum ser vivo; esta é a base da loga. Para encontrar a realidade, você deve ser real na menor ação cotidiana; não pode haver engano na busca da verdade. Você disse que acha sua

vida agradável; talvez ela seja no presente momento. Mas quem a desfruta?

P: Confesso que não conheço nem o desfrutador nem o desfrutado. Só conheço o deleite.

M: Muito bem. Mas o deleite é um estado da mente – ele vem e vai. Sua própria impermanência o torna perceptível. Você não pode ser consciente daquilo que não muda. Toda consciência é consciência de mudança. Mas a própria percepção da mudança não necessita de um fundo imutável?

P: Não, de forma alguma. A memória do último estado, comparada com a realidade do estado presente, dá a experiência da mudança.

M: Entre o recordado e o real, há uma diferença básica que pode ser observada, momento a momento. Em nenhum ponto do tempo o real é o recordado. Entre os dois há uma diferença em espécie, não meramente em intensidade. O real é inequivocamente atual. Por nenhum esforço ou vontade, ou imaginação, você pode intercambiar os dois. Agora, o que é isto que dá esta qualidade única ao real?

P: O real é real, enquanto há muita incerteza sobre o recordado.

M: Assim é, mas por quê? Um momento atrás o recordado foi real e, em um momento, o real será o recordado. O que faz o real único? Obviamente, é seu sentido de estar presente. Na memória e na antecipação, há um claro sentimento de que é um estado mental sob observação; no real, o sentimento é, primariamente, o de estar presente e consciente.

P: Sim, posso ver. É a Consciência que estabelece a diferença entre o real e o recordado. Pensa-se no passado ou no futuro, mas se está presente no agora.

M: Para onde quer que vá, o sentido do aqui e agora continua com você por todo o tempo. Isto significa que você é independente do espaço e do tempo, que o espaço e o tempo estão em você, não você neles. É sua autoidentificação com o corpo que, certamente, é limitada no espaço e no tempo, que lhe dá o sentimento de finitude. Na realidade você é infinito e eterno.

P: Como eu conheço este meu ser infinito e eterno?

M: O ser que você quer conhecer é algum segundo ser? Você é feito de diversos seres? Seguramente, há apenas um ser e você é este ser. O único ser que há é o ser que você é. Elimine e abandone as ideias falsas

sobre si mesmo e ai está o ser, em toda sua glória. É apenas a sua mente que impede o autoconhecimento.

P: Como posso libertar-me da mente? E a vida sem mente é possível de alguma forma no nível humano?

M: Não existe a mente. Há ideias, e algumas delas estão erradas. Abandone-as porque são falsas e obstruem sua visão de si mesmo.

P: Quais ideias são erradas e quais são verdadeiras?

M: As afirmações geralmente são erradas, e as negações certas.

P: Não se pode viver negando tudo!

M: Apenas negando, pode-se viver. A afirmação é servidão. Questionar e negar são necessários; isto é a essência da revolta e, sem revolta, não pode haver liberdade.

Não existe um segundo Ser ou um Ser superior para ser buscado. Você é o Ser supremo, apenas abra mão das ideias falsas que você tem sobre si mesmo. A fé e a razão lhe dizem que você não é o corpo, nem seus desejos e temores, nem tampouco a mente com suas ideias fantásticas, nem o papel que a sociedade o obriga a interpretar, a pessoa que se supõe que você seja. Abandone o falso, e o verdadeiro virá por si mesmo.

Você diz que quer conhecer seu ser. Você é seu ser – não pode ser outra coisa senão o que é. Conhecer está separado do ser? O que quer que seja conhecido pela mente é da mente, não você; sobre si mesmo, você só pode dizer: 'Eu sou, sou consciente, gosto disto'.

P: Percebo que estar vivo é um estado doloroso.

M: Você não pode estar vivo, pois é a própria vida. É a pessoa que você imagina ser que sofre, não você. Dissolva-a na Consciência. Ela é meramente um punhado de lembranças e hábitos. Da Consciência do irreal para a Consciência de sua natureza real há um abismo que será facilmente cruzado, uma vez que tenha dominado a arte da Consciência pura.

P: Tudo o que sei é que não me conheço.

M: Como sabe que não conhece seu ser? Sua percepção direta lhe diz que conhece a si mesmo em primeiro lugar, pois nada existe para você sem que esteja ali para experienciar sua existência. Você imagina que não conhece seu ser porque não pode descrevê-lo. Você sempre pode dizer 'sei que sou', e repelirá como falsa a afirmação 'Eu não sou'. Mas o que quer que possa ser descrito não pode ser seu ser, e o que você é não

pode ser descrito. Você só pode conhecer seu ser sendo você mesmo, sem qualquer tentativa de autodefinição e autodescrição. Uma vez que tenha entendido que você não é nada perceptível ou concebível, que tudo o que aparece no campo da consciência não pode ser seu ser, então você se dedicará à erradicação de toda autoidentificação, como o único caminho que pode levá-lo à mais profunda realização de seu ser. Você literalmente progride pela rejeição – como um verdadeiro foguete. Saber que você não está nem no corpo nem na mente, embora consciente de ambos, já é autoconhecimento.

P: Se não sou o corpo nem a mente, como estou consciente deles? Como posso perceber algo estranho a mim mesmo?

M: "Nada sou eu" é o primeiro passo; "eu sou tudo" é o seguinte. Ambos dependem da ideia 'há um mundo'. Quando isto também é abandonado, você permanece o que você é – o Ser não dual. Você já o é aqui e agora, mas sua visão está obstruída pelas falsas ideias sobre você.

P: Bem, admito que sou, fui e serei; ao menos, do nascimento à morte. Não tenho nenhuma dúvida a respeito de meu ser, aqui e agora. Mas acho que não é o bastante. Falta alegria à minha vida, nascida da harmonia entre o interno e o externo. Se só eu existo e o mundo é meramente uma projeção, então por que há desarmonia?

M: Você cria desarmonia e então se queixa! Quando você deseja e teme, e se identifica com seus sentimentos, você cria aflição e cativeiro. Quando você cria com amor e sabedoria, e permanece desapegado de suas criações, o resultado é harmonia e paz. Mas, qualquer que seja a condição de sua mente, em que modo ela se reflete em você? É apenas sua autoidentificação com a mente que o faz feliz ou infeliz. Rebele-se contra sua escravidão à sua mente, veja seus laços como autocriados e quebre a cadeia do apego e reação. Lembre de sua meta de liberdade, até que fique claro para você que você já é livre, que a liberdade não é algo no distante futuro a ser merecida com dolorosos esforços, mas perenemente sua própria, para ser usada! A liberação não é uma aquisição, mas uma questão de coragem, a coragem em acreditar que você já é livre, e de agir de acordo com ela.

P: Se fizer o que quero, terei que sofrer.

M: Todavia, você é livre. As consequências de sua ação dependerão da sociedade em que você vive e de suas convenções.

P: Posso agir imprudentemente.

M: Junto com a coragem, emergirão a sabedoria e a compaixão, e a habilidade na ação. Você saberá o que fazer, e tudo o que fizer será bom para todos.

P: Percebo que os vários aspectos de mim mesmo estão em guerra entre si e não há paz em mim. Onde estão a liberdade e a coragem, a sabedoria e a compaixão? Minhas ações apenas aumentam o abismo no qual vivo.

M: Isto tudo é assim porque você acredita ser alguém, ou algo. Pare, olhe, investigue, faça as perguntas adequadas, chegue às adequadas conclusões e tenha a coragem de agir de acordo com elas, e veja o que acontece. Os primeiros passos podem fazer cair o teto sobre sua cabeça, mas logo a perturbação clareará e haverá paz e alegria. Você conhece tantas coisas sobre si mesmo, mas não conhece o conhecedor. Descubra quem você é, o conhecedor do conhecido. Olhe diligentemente dentro de si mesmo, lembre de recordar que o percebido não pode ser o que percebe. O que quer que você veja, ouça ou pense, lembre-se – você não é o que acontece, você é aquele a quem as coisas acontecem. Mergulhe profundamente dentro do sentimento do 'eu sou' e descobrirá que o centro percebedor é universal, tão universal quanto a luz que ilumina o mundo. Tudo o que acontece no universo acontece para você, a testemunha silenciosa. Por outro lado, tudo quanto é feito, é feito por você, a energia universal e inesgotável.

P: É, sem dúvida, muito gratificante ouvir que se é a testemunha silenciosa e também a energia universal. Mas como alguém pode passar de uma declaração verbal ao conhecimento direto? Ouvir não é conhecer.

M: Antes que possa conhecer diretamente, não verbalmente, você deve conhecer o conhecedor. Até agora você tomou a mente pelo conhecedor, mas não é precisamente assim. A mente o entope com imagens e ideias que deixam marcas na memória. Você toma o recordar pelo conhecimento. O verdadeiro conhecimento é sempre fresco, novo, inesperado. Ele jorra de dentro. Quando você sabe o que você é, você também é o que sabe. Não há lacuna entre o ser e o conhecer.

P: Só posso investigar a mente com a mente.

M: Claro que sim, use sua mente para conhecer sua mente. É perfeitamente legítimo e é também a melhor preparação para ir além da mente. Ser, conhecer e apreciar são seus. Primeiro compreenda seu próprio

ser. Isto é fácil porque o sentido 'eu sou' está sempre com você. Então, conheça-se como o conhecedor, separado do conhecido. Uma vez que se conheça como o puro ser, o êxtase da liberdade será seu.

P: Que loga é esta?

M: Por que se preocupar? O que o faz vir aqui é o descontentamento com sua vida como a conhece, a vida de seu corpo e de sua mente. Você pode tentar melhorá-los através do controle e guiando-os para um ideal, ou você pode cortar totalmente o nó da autoidentificação, e olhar para seu corpo e sua mente como coisas que acontecem sem comprometê-lo de qualquer modo.

P: Devo chamar o caminho do controle e da disciplina de raja yoga e o caminho do desapego de gnana yoga? E o culto de um ideal, de bhakti yoga?

M: Se isso lhe agradar. As palavras indicam, mas não explicam. O que eu ensino é o caminho antigo e simples da libertação através do entendimento. Entenda sua própria mente, e a influência dela sobre você quebrará. A mente se equivoca, o equivoco é sua própria natureza. A compreensão correta é o único remédio, qualquer que seja o nome que você der a isto. É o primeiro e, também, o último, pois lida com a mente como ela é.

Nada que fizer o mudará, porque você não precisa de nenhuma mudança. Você pode mudar sua mente ou seu corpo, mas sempre é algo externo a você o que mudou, não você. Por que se incomodar de qualquer forma em mudar? Compreenda de uma vez por todas que você não é nem seu corpo nem sua mente, nem mesmo sua consciência, e permaneça só em sua verdadeira natureza, além da consciência e da inconsciência. Nenhum esforço o pode levar ali, só a claridade do entendimento. Encontre seus mal-entendidos e abandone-os, isto é tudo. Nada há a buscar e encontrar, pois nada foi perdido. Relaxe e observe o 'eu sou'. A realidade está exatamente por trás dele. Mantenha-se tranquilo, em silêncio; ela surgirá, ou melhor, levará você para dentro dela.

P: Não devo, em primeiro lugar, libertar-me de minha mente e de meu corpo?

M: Você não pode, pois a própria ideia o ata a eles. Apenas compreenda e desconsidere-os.

P: Não sou capaz de desconsiderar, pois não estou integrado.

M: Imagine que está completamente integrado, com seus pensamentos e ações totalmente coordenados. Como isto o ajudará? Isto não o libertará de tomar-se equivocadamente como o corpo ou a mente. Veja-os corretamente como 'não você', isto é tudo.

P: Você quer lembrar-me de esquecer!

M: Sim, assim parece. Mesmo assim, não é algo desesperado. Você pode fazer isto. Apenas comece-o seriamente. Seu cego tatear é cheio de esperança. O próprio buscar é o descobrimento. Você não pode fracassar.

P: Sofremos porque estamos desintegrados.

M: Sofreremos enquanto nossas ações e pensamentos forem impulsionados pelos desejos e temores. Veja a futilidade deles, e o perigo e o caos que eles criam diminuirão. Não tente mudar a si mesmo, apenas veja a futilidade de toda mudança. O mutável continua mudando enquanto o imutável está esperando. Não espere que o mutável o leve ao imutável - isso não pode acontecer nunca. Apenas quando a ideia da mudança é vista como falsa e abandonada, é que o imutável pode vir por si mesmo.

P: Aonde vou me dizem que devo mudar profundamente antes que eu possa ver o real. A este processo de mudança deliberada, autoimposto, denomina-se loga.

M: Toda mudança só afeta a mente. Para ser o que você é, deve ir além da mente, para dentro de seu próprio ser. É insignificante a mente que você deixa para trás, desde que a deixe para sempre. Novamente, isto não é possível sem a autorrealização.

P: O que vem primeiro – o abandono da mente ou a autorrealização?

M: Definitivamente, a autorrealização vem em primeiro lugar. A mente não pode ir além de si mesma. Deve explodir.

P: Não há exploração antes da explosão?

M: O poder explosivo vem do real. Mas você está bem aconselhado a ter a mente pronta para ele. O temor sempre pode atrasá-lo, até que outra oportunidade apareça.

P: Penso que sempre há uma oportunidade.

M: Em teoria, sim. Na prática, a situação deverá surgir quando todos os fatores necessários para a autorrealização estiverem presentes. Isto não precisa desencorajá-lo. Sua insistência sobre a fato do 'eu sou' logo criará outra oportunidade; posto que a atitude atrai a oportunidade. Tudo

o que você conhece é de segunda mão. Só o 'eu sou' é de primeira mão e não precisa de provas. Permaneça com ele.

100
A COMPREENSÃO LEVA À LIBERDADE

Pergunta: Em muitos países do mundo, a polícia investigativa segue certas práticas visando extrair confissões de suas vítimas e também mudar suas personalidades, se necessário. Mediante uma escolha inteligente de privações físicas e morais, e pela persuasão, a velha personalidade é desgastada, e uma nova é estabelecida em seu lugar. O homem sob investigação ouve tantas vezes que é um inimigo do Estado e um traidor da pátria, que chega um dia quando algo se rompe nele e ele começa a sentir, com plena convicção, que é um traidor, um rebelde, alguém totalmente desprezível e merecedor do mais terrível castigo. Este processo é conhecido como lavagem cerebral.

Me surpreende ver que as práticas religiosas e ióguicas são muito similares à 'lavagem cerebral'. A mesma privação física e mental, o confinamento solitário, um poderoso sentido de pecado, desespero e desejo de escapar mediante a expiação e a conversão, pela adoção de uma nova imagem de si mesmo e a personificação desta imagem. A mesma repetição de fórmulas estabelecidas: 'Deus é bom; o Guru (o partido) sabe; a fé me salvará'. Nas chamadas práticas religiosas, ou ióguicas, opera o mesmo mecanismo. A mente é obrigada a concentrar-se em alguma ideia particular com exclusão de todas as demais, e a concentração é reforçada poderosamente por meio de uma rígida disciplina e dolorosas austeridades. Paga-se um alto preço em vida e felicidade e o que se obtém em troca parece, portanto, de grande importância. Esta conversão previamente arranjada, óbvia ou oculta, política ou religiosa, ética ou social, pode parecer genuína e duradoura, mesmo assim há um sentimento de artificialidade sobre ela.

M: Você está totalmente certo. Por submeter-se a tantas dificuldades, a mente se desloca e imobiliza. Sua condição torna-se precária; o que quer que empreenda terminará em uma limitação mais profunda.

P: Então por que se prescrevem sadhanas?

M: A menos que você faça esforços tremendos, não se convencerá de que o esforço não o levará a lugar nenhum. O eu tem tanta confiança em si mesmo que, a menos que seja totalmente desencorajado, não desistirá. A mera convicção verbal não é o bastante. Só os fatos reais podem mostrar o absoluto vazio da autoimagem.

P: A lavagem cerebral me deixa louco e o Guru me deixa sadio. A direção é similar. Ainda assim, o motivo e o propósito são totalmente diferentes. As similaridades são, talvez, meramente verbais.

M: Convidar ou obrigar a sofrer contém em si a violência; e o fruto da violência não pode ser doce.

Há certas situações na vida que são inevitavelmente dolorosas e você deve aceitá-las tranquilamente. Também há certas situações que você mesmo criou deliberadamente ou por negligência, e delas terá que aprender a lição para não repeti-las.

P: Parece que devemos sofrer para aprendermos a superar a dor.

M: A dor deve ser suportada. Não há a superação da dor, e nenhum treinamento é necessário. Preparar-se para o futuro, desenvolvendo atitudes, é um sinal de medo.

P: Uma vez que eu saiba como encarar a dor, estarei livre dela, não me preocuparei com ela e, portanto, serei feliz. Isto é o que acontece a um prisioneiro. Ele aceita sua punição como justa e apropriada e fica em paz com as autoridades da prisão e do Estado. Todas as religiões não fazem outra coisa senão pregar a aceitação e a entrega, animando-nos a declarar-nos culpados, a sentir-nos responsáveis por todos os males do mundo e a indicar-nos como a única causa deles. Meu problema é que não posso ver tanta diferença entre a lavagem cerebral e o sadhana, exceto que, no caso do sadhana, não se é coagido fisicamente. Mas o elemento da sugestão compulsiva está presente em ambos.

M: Como você disse, as similaridades são superficiais. Você não necessita repisá-las.

P: Senhor, as similaridades não são superficiais. O homem é um ser complexo e pode ser, ao mesmo tempo, o acusador e o acusado, o juiz, o carcereiro e o executor. Não há muitas coisas voluntárias em um sadha-

na 'voluntário'. Forças além do próprio controle nos movem. Posso mudar meu metabolismo mental tão pouco quanto o físico, exceto por dolorosos e prolongados esforços – o que é loga. Tudo o que estou perguntando é: o Maharaj concorda comigo que a loga implica em violência?

M: Estou de acordo que a loga, como você apresentou, significa violência, e eu nunca defendi qualquer forma de violência. Meu caminho é totalmente não violento. Quero dizer exatamente o que disse: não violento. Descubra por você mesmo o que é. Apenas digo que é não violento.

P: Não estou usando mal as palavras. Quando um Guru me pede que medite dezesseis horas por dia pelo resto de minha vida, eu não posso fazer isto a mim mesmo sem extrema violência. Tal Guru está certo ou errado?

M: Ninguém o obriga a meditar dezesseis horas por dia, a menos que você o queira. É apenas uma forma de dizer a você: 'Permaneça com você mesmo, não se perca entre os outros'. O mestre esperará, mas a mente é impaciente.

Não é o mestre, é a mente que é violenta e também teme sua própria violência. O que pertence à mente é relativo, é um erro convertê-lo em absoluto.

P: Se eu permanecer passivo, nada mudará. Se for ativo, deverei ser violento. Que posso fazer que não seja nem estéril nem violento?

M: Certamente, há um caminho que não é nem violento nem estéril e, ainda assim, bastante efetivo. Apenas olhe para você mesmo como você é, veja-se como é, aceite-se como é, vá mais profundamente para dentro do que você é. A violência e a não violência descrevem sua atitude em relação aos outros; o eu, em relação a si mesmo, não é nem violento nem não violento, ele é ou consciente ou inconsciente de si mesmo. Se o Eu conhece a si mesmo, tudo o que fizer estará certo; se não se conhecer, tudo o que fizer estará errado.

P: O que você quer dizer quando diz: Conheço-me tal como eu sou?

M: Antes da mente – Eu sou. 'eu sou' não é um pensamento na mente; a mente acontece para mim, eu não aconteço para a mente. E, posto que o tempo e o espaço estão na mente, estou além do tempo e do espaço, sou eterno e onipresente.

P: Fala sério? Quer realmente dizer que você existe em todas as partes e em todo o tempo?

M: Sim, assim é. Para mim é tão óbvio como a liberdade de movimento é para você. Imagine uma árvore perguntando a um macaco: 'Você quer dizer seriamente que pode mover-se de um lugar para outro?' E o macaco dizendo: 'Sim, é assim'.

P: Você está também livre da causalidade? Pode produzir milagres?

M: O próprio mundo é um milagre. Eu estou além dos milagres – sou absolutamente normal. Comigo tudo acontece como deve. Não interfiro com a criação. Qual a utilidade dos pequenos milagres para mim quando o maior dos milagres está acontecendo todo o tempo? O que quer que você veja é sempre seu próprio ser que você vê. Vá profundamente dentro de si mesmo, busque no interior, não há nem violência nem não violência no autodescoberta. A destruição do falso não é violência.

P: Quanto pratico a autoinquirição, ou vou para dentro com a ideia de me beneficiar de um modo ou de outro, eu estou ainda fugindo do que sou.

M: Exato. A verdadeira investigação sempre é dentro de algo, não fora de alguma coisa. Quando investigo como obter ou evitar algo, não estou realmente inquirindo. Para conhecer algo, devo aceitá-lo totalmente.

P: Sim, para conhecer Deus eu devo aceitá-lo. Quão assustador!

M: Antes que possa aceitar Deus, deve aceitar a si mesmo, o que é muito mais assustador. Os primeiros passos na autoaceitação não são de forma alguma agradáveis, pois o que se vê não é uma visão alegre. Necessita-se de toda a coragem para seguir adiante. O que ajuda é o silêncio. Olhe para si mesmo em total silêncio, não se descreva. Olhe para o ser que você acredita que é e lembre-se que você não é o que vê. 'Este não sou eu – o que eu sou?' é o movimento de autoinquirição. Não há outros meios para a libertação, todos os meios atrasam. Rejeite resolutamente o que você não é, até que o Eu real surja em seu glorioso nada, seu 'estado de não ser uma coisa'.

P: O mundo está passando por rápidas e críticas mudanças. Nós podemos vê-las claramente nos Estados Unidos, embora elas aconteçam em outros países. Há um aumento no crime de um lado e a mais genuína santidade no outro. Comunidades estão sendo formadas e algumas delas estão em um nível muito alto de integridade e austeridade. Parece-me que o mal está se destruindo por seu próprio sucesso, como um fogo que

consome seu combustível, enquanto o bem, como a vida, perpetua a si mesmo.

M: Enquanto você dividir os eventos em bons e maus, você pode estar certo. De fato, o bem se torna mal e o mal se torna bem mediante sua própria plenitude.

P: E o amor?

M: Quando se torna luxúria, torna-se destrutivo.

P: O que é luxúria?

M: Recordar – imaginar – antecipar. É sensorial e verbal; uma forma de vício.

P: É imperativa a continência (brahmacharya) na Ioga?

M: A vida de restrição e supressão não é Ioga. A mente deve ser livre de desejos e relaxada. Brahmacharya vem com a compreensão, não com a determinação, que é apenas outra forma de memória. Uma mente que entende é livre de desejos e temores.

P: Como posso chegar a compreender?

M: Por meditar, o que significa dar atenção. Torne-se plenamente consciente de seu problema, olhe para ele de todos os lados, observe como afeta sua vida. Então, deixe-o em paz. Não pode fazer mais do que isto.

P: Isto me libertará?

M: Você é livre do que compreendeu. As expressões externas da liberdade podem levar tempo para aparecer, mas elas já estão ali. Não espere perfeição. Não há nenhuma perfeição na manifestação. Os detalhes podem entrar em conflito. Nenhum problema é resolvido completamente, mas você pode retirar-se dele para um nível em que ele não opera.

101
O GNANI NÃO AGARRA NEM SEGURA

Pergunta: Como procede o gnani quando precisa que algo seja feito? Ele faz planos, decide os detalhes e os executa?

Maharaj: Um gnani compreende uma situação totalmente e sabe, imediatamente, o que necessita ser feito. Isto é tudo. O resto acontece por si mesmo, em grande parte inconscientemente. A identidade do gnani com tudo que existe é tão completa que, assim como ele responde ao universo, o universo responde a ele da mesma forma. Ele está supremamente confiante que, uma vez que a situação tenha sido conhecida, os eventos se moverão em adequada resposta. O homem comum está pessoalmente implicado, considerando seus riscos e oportunidades, enquanto o gnani permanece distante, certo que tudo acontecerá como deve acontecer; e não importa muito o que acontecer, pois, no final das contas, o retorno ao equilíbrio e à harmonia é inevitável. O coração das coisas está em paz.

P: Compreendi que a personalidade é uma ilusão, e que o desapego vigilante, sem perda de identidade, é nosso ponto de contato com a realidade. Poderia dizer-me, por favor – neste momento você é uma pessoa ou uma entidade autoconsciente?

M: Estou em ambas. Mas o eu real não pode ser descrito, exceto em termos proporcionados pela pessoa, em termos do que eu não sou. Tudo o que você pode dizer sobre a pessoa não é o eu, e não pode dizer nada sobre o eu que não se refira à pessoa, como ela é, como poderia ser, como deveria ser. Todos os atributos são pessoais. O real está além dos atributos.

P: Você às vezes é o ser e, às vezes, a pessoa?

M: Como posso sê-lo? A pessoa é o que aparento ser para as outras pessoas. Para mim mesmo, eu sou a infinita expansão da consciência na qual inumeráveis pessoas surgem e desaparecem em uma interminável sucessão.

P: Como é que a pessoa, que para você é ilusória, parece-nos real?

M: Você, o eu, sendo a raiz de todo ser, consciência e felicidade, confere sua realidade a tudo quanto percebe. Este comunicar realidade acontece invariavelmente no agora, não em outro tempo, porque o passado e o futuro estão apenas na mente. 'Ser' se aplica ao agora apenas.

P: A eternidade não é também interminável?

M: O tempo é interminável, embora limitado; a eternidade está no momento do agora. Nós a perdemos porque a mente está sempre indo e voltando entre o passado e o futuro. Não parará para focar o agora. Isto pode ser feito com relativa facilidade, se o interesse for despertado.

P: O que desperta o interesse?

M: A seriedade, o sinal da maturidade.

P: E como acontece a maturidade?

M: Mantendo a mente clara e limpa, vivendo sua vida em plena Consciência de cada momento como ele acontece, examinando e dissolvendo os próprios desejos e medos logo que eles surgem.

P: É possível tal concentração?

M: Tente. Um passo a cada vez é fácil. A energia flui da seriedade.

P: Não acho que sou sério o suficiente.

M: Trair a si mesmo é um assunto grave. Apodrece a mente como o câncer. O remédio está na clareza e na integridade do pensar. Tente compreender que você vive num mundo de ilusões, examine-as e descubra suas raízes. A própria tentativa o tornará sério, pois no esforço correto reside a bem-aventurança.

P: Aonde isto me levará?

M: Aonde poderá levá-lo exceto para sua própria perfeição? Uma vez que esteja bem estabelecido no agora, não terá outro lugar para ir. O que você é atemporalmente, você expressa eternamente.

P: Você é um ou muitos?

M: Sou um, mas apareço como muitos.

P: Por que parece um de qualquer modo?

M: É bom existir e ser consciente.

P: A vida é triste.

M: A ignorância causa aflição. A felicidade segue o entendimento.

P: Por que a ignorância deveria ser dolorosa?

M: Ela está na raiz de todos os desejos e medos, os quais são estados dolorosos e a fonte de infindáveis erros.

P: Tenho visto pessoas supostamente realizadas rindo e chorando. Isto não mostra que não são livres de desejos e medos?

M: Elas podem rir e chorar de acordo com as circunstâncias, mas internamente estarão tranquilas e lúcidas, observando desapegadamente suas próprias reações espontâneas. As aparências são enganosas e ainda mais o são no caso de um gnani.

P: Não o entendo.

M: A mente não pode compreender, pois a mente é treinada a apegar-se e a reter, enquanto o gnani não está apegado nem retém.

P: A que me apego, o que você não faz?

M: Você é uma criatura das lembranças; ao menos se imagina que é. Eu sou inteiramente não imaginado. Sou o que sou, não identificável com qualquer estado físico ou mental.

P: Um acidente destruiria sua equanimidade.

M: O fato estranho é que não o faria. Para minha própria surpresa, permaneço como sou – pura Consciência, alerta a tudo o que acontece.

P: Mesmo no momento da morte?

M: O que é para mim a morte do corpo?

P: Não o necessita para estar em contato com o mundo?

M: Eu não necessito do mundo. Nem estou em um. O mundo no qual você pensa só existe em sua mente. Posso vê-lo através de seus olhos e de sua mente, mas estou plenamente consciente de que ele é uma projeção de memórias; ele é tocado pelo real apenas no ponto da Consciência, a qual só pode existir no agora.

P: A única diferença entre nós parece ser que, enquanto eu continuo dizendo que não conheço meu eu real, você mantém que o conhece bem; há qualquer outra diferença entre nós?

M: Não há nenhuma diferença entre nós; nem posso dizer que conheço a mim mesmo. Eu sei que não sou descritível nem definível. Há uma vastidão além do mais distante alcance da mente. Essa vastidão é meu lar; essa vastidão sou eu mesmo. E essa vastidão também é amor.

P: Você vê amor em todo lugar, enquanto eu vejo ódio e sofrimento. A história da humanidade é a história do assassinato, individual e coletivo. Nenhum outro ser vivo se alegra matando.

M: Se você se aprofundar nos motivos, encontrará o amor, o amor de si mesmo e o amor do que é próprio. As pessoas lutam pelo que imaginam amar.

P: Sem dúvida, o amor das pessoas deve ser bastante real quando elas estão prontas para morrer por ele.

M: O amor é sem limites. O que é limitado a poucos não pode ser chamado amor.

P: Você conhece tal amor ilimitado?

M: Sim, conheço-o.

P: Como é sentido?

M: Tudo é amado e adorável. Nada é excluído.

P: Nem mesmo o feio e o criminoso?

M: Tudo está dentro de minha consciência; tudo é meu. É loucura dividir-se por simpatia e aversões. Estou além de ambos. Não estou alienado.

P: Estar livre de simpatias e aversões é um estado de indiferença.

M: Pode parecer e ser sentido assim no princípio. Persevere em tal indiferença e ela florescerá em um amor universal que a tudo abrange.

P: Alguém tem tais momentos em que a mente se converte em uma flor e em uma chama, mas elas não duram, e a vida reverte ao diário cinzento.

M: A descontinuidade é a lei quando você trata com o concreto. O contínuo não pode ser experienciado porque não tem fronteiras. A consciência implica alterações, mudança seguindo mudança, quando uma coisa ou estado termina e outro começa; aquilo que não tem linhas divisórias não pode ser experienciado no sentido comum da palavra. Pode-se apenas sê-lo, sem conhecê-lo, mas se pode conhecer o que não se é. Não é, definitivamente, o conteúdo inteiro da consciência, o qual está sempre mudando.

P: Se o imutável não puder ser conhecido, qual o significado e o propósito de sua realização?

M: Compreender o imutável significa tornar-se imutável. E o propósito é o bem de todos os seres vivos.

P: A vida é movimento. A imobilidade é morte. De que serve a morte para a vida?

M: Estou falando de imutabilidade, não de imobilidade. Você se faz imutável na retidão. Você se torna um poder que faz todas as coisas corretas. Isto pode ou não implicar intensa atividade externa, mas a mente permanece profunda e quieta.

P: Ao observar minha mente, encontro-a sempre mudando, humor substituindo humor em infinita variedade, enquanto você parece perpetuamente estar no mesmo humor de alegre benevolência.

M: Os humores estão na mente e não na matéria. Vá para dentro, vá além. Deixe de estar fascinado pelo conteúdo de sua consciência. Quando alcançar os níveis profundos de seu verdadeiro ser, perceberá que o jogo superficial da mente o afeta muito pouco.

P: Mesmo assim, haverá jogo?

M: Uma mente quieta não é uma mente morta.

P: A consciência está sempre em movimento – é um fato observável. A consciência imutável é uma contradição. Quando você fala de uma mente quieta, o que é isto? A mente não é a mesma que a consciência?

M: Devemos lembrar que as palavras são usadas de muitos modos, de acordo com o contexto. O fato é que há pouca diferença entre o consciente e o inconsciente – essencialmente eles são o mesmo. A vigília difere do sono profundo na presença da testemunha. Um raio de Consciência ilumina uma parte de nossa mente e aquela parte torna-se nosso sonho ou consciência desperta, enquanto a Consciência aparece como a testemunha. A testemunha geralmente conhece apenas a consciência. Sadhana consiste na testemunha voltando-se primeiro para sua consciência, e logo sobre si mesma, em sua própria Consciência. A Autoconsciência é loga.

P: Se a Consciência é universal, então um homem cego, uma vez realizado, poderá ver?

M: Você está misturando sensação com Consciência. O gnani se conhece como é. Ele é também consciente de sua incapacidade física e de sua mente privada de uma série de percepções sensoriais. Mas ele não é afetado pela disponibilidade de sua visão, nem pela sua ausência.

P: Minha pergunta é mais específica; quando um homem cego tornar-se um gnani sua visão será restaurada para ele ou não?

M: A menos que seus olhos e cérebro passem por uma renovação, como ele poderia ver?

P: Mas passariam por uma renovação?

M: Podem passar ou não. Tudo depende do destino e da graça. Mas um gnani dispõe de um modo espontâneo de percepção não sensorial que o faz conhecer as coisas diretamente, sem a intermediação dos sentidos. Ele está além do perceptual e do conceitual, além das categorias do tempo e do espaço, nome e forma. Ele não é nem o percebido nem aquele que percebe, mas o fator simples e universal que faz a percepção possível. A realidade está dentro da consciência, mas não é a consciência nem nenhum de seus conteúdos.

P: O que é falso, o mundo ou meu conhecimento do mundo?

M: Existe um mundo fora de seu conhecimento? Você pode ir além do que sabe? Você pode postular um mundo além da mente, mas ele permanecerá um conceito, não provado e improvável. Sua experiência é sua prova, e ela é válida para você apenas. Quem mais pode ter a sua experi-

ência quando a outra pessoa só é real na medida em que aparece em sua experiência?

P: Estou tão desesperadamente só?

M: Está, como pessoa. Em seu ser real você é o todo.

P: Você é uma parte do mundo que tenho na consciência, ou você é independente?

M: O que você vê é seu e o que eu vejo é meu. Os dois têm pouco em comum.

P: Deve haver algum fator comum que nos una.

M: Para encontrar o fator comum você deve abandonar todas as distinções. Só o universal é comum.

P: O que me surpreende como excessivamente estranho é que, enquanto você diz que sou um mero produto de minhas recordações e, lamentavelmente, limitado, eu crio um vasto e rico mundo no qual tudo está contido – incluindo você e seu ensinamento. Como esta vastidão é criada e contida em minha insignificância é o que acho difícil compreender. Talvez, você esteja me dando toda a verdade, mas só entendo uma pequena parte dela.

M: Ainda assim, é um fato – o pequeno projeta o todo, mas não pode conter o todo. Embora o seu mundo seja grande e completo, ele se contradiz e é transitório, e totalmente ilusório.

P: Ele pode ser ilusório, mas é maravilhoso. Quando olho e escuto, toco, cheiro e saboreio, penso e sinto, lembro e imagino, não posso senão estar surpreendido com minha milagrosa criatividade. Olho através do microscópio e do telescópio e vejo maravilhas, sigo a trilha de um átomo e ouço o sussurro das estrelas. Se eu sou o único criador de tudo isto, então, sem dúvida, sou Deus! Mas se eu sou Deus, por que pareço tão pequeno e indefeso para mim mesmo?

M: Você é Deus, mas não o sabe.

P: Se eu sou Deus, então o mundo que criei deve ser verdadeiro.

M: Ele é verdadeiro em essência, mas não em aparência. Liberte-se dos desejos e temores e imediatamente sua visão clareará, e deverá ver as coisas como elas são. Ou você pode dizer que o satoguna cria o mundo, o tamoguna obscurece-o e o rajoguna o distorce.

P: Isto não me diz muito, porque se eu perguntar o que são os gunas, a resposta será: o que cria – o que obscurece – o que distorce. O fato

permanece – algo incrível me aconteceu e não o compreendo, nem o como nem o porquê.

M: Bem, a maravilha é o amanhecer da sabedoria. Maravilhar-se firme e continuamente é sadhana.

P: Estou em um mundo que não compreendo e, portanto, o temo. Esta é a experiência de todos.

M: Você se separou do mundo, portanto o mundo o assusta e causa dor. Descubra seu erro e liberte-se do medo.

P: Você me pede que eu abandone o mundo, enquanto eu quero ser feliz no mundo.

M: Se você pede o impossível, quem pode ajudá-lo? O limitado é destinado a ser alternadamente doloroso e agradável. Se você busca a felicidade real, inexpugnável e imutável, deve deixar o mundo com suas dores e prazeres para trás.

P: Como isto é feito?

M: A mera renúncia física é só um sinal de seriedade, mas a seriedade apenas não o libera. Deve existir a compreensão que vem com a perceptividade alerta, a ávida inquirição e a profunda investigação. Você deve trabalhar incansavelmente pela sua salvação do pecado e da aflição.

P: O que é pecado?

M: Tudo que o limita.

GLOSSÁRIO

Adhar: apoio, sustento.
Adhi-yoga: A loga suprema (adhi, acima, suprema + yoga).
Ahimsa: pureza, inocência, abster-se de ferir os outros em pensamento, palavras ou ações, (a, partícula negativa + himsa, matar, ferir).
Akash: O vazio, éter como um elemento do espaço; céu, (a, advérbio; que estende a um fim, lugar ou direção + kasha, aparência).
Ananda: Bem-aventurança, felicidade, (a, adv; + nand, rejubilar-se).
Anirvachaniya: Indescritível, inefável (a, partícula negativa+vachaniya, de vach, palavra, expressão).
Antahkarana: A psiquê, a mente (antar, inferno + karana, órgão sensorial). A mente no sentido coletivo, incluindo a inteigência (buddhi), o ego (ahamkara) e a mente (manas).
Anubhava: Percepção direta, experiência, cognição (anu, depois + bhav, acontecer). A experiência que é atingida no fim de uma ação, percepção, sentimento ou pensamento e denominada anubhava. Em toda a experiência não há nenhum experimentador exceto o "eu". Assim, todo anubhava conduz ao princípio do "eu", o "eu sou".
Atma, Atman: O Ser Supremo, a alma individual (atm, pertence a si mesmo). O Atman está além dos três gunas de Prakriti. Não é o Atman que age, mas Prakriti.
Atma-Bhakti Adoração do Supremo (atman + bhakti, de bhaj, adorar, venerar).
Atma-Prakash A luz do Ser.
Atmaran O gozo do Ser, (atma, o ser + ram, raman, gozar, desfrutar, divertir-se).
Avatara: Encarnação, (ava, fora, longe de, abaixo, avataram, descer).
Avykta: O manifestado, (a, partícula negativa + vyakta, manifesto).
Bhajan: Prãtica devocional, oração (bhaj, adorar).
Bhoga, Bhogi: Experiência dos prazeres e aflições mundanas, (bhuj, gozar, suportar) "Bhogi", alguém envolvido nos prazeres e pesares

mundanos. "Bhoga Marga", o caminho das ocupações mundanas, prazeres e pesares.

Brahma: Um dos deuses da trindade hindu; Brahma, o criador; Vishnu, o conservador e Shiva, o destruidor. (brh, aumentar. Brahma cri, aumenta).

Brahmacharya: Continência, celibato mantido pelos estudiosos da religião hindu. Brahmacharya, em seu amplo sentido, não só se aplica à abstinência de práticas sexuais como à libertação da ânsia do gozo sexual.

Brahaman: O Absoluto, a Realidade Última, cujas características são: existência absoluta (sat), consciência absoluta (chit) e bem-aventurança absoluta (anada). De acordo com Shankaracharya, Brahaman, o Absoluto, tem cinco fases diferentes: Hiranyagarbha, o Ser Cósmico; Ishvara, o bem pessoal na forme de um Avatar; Jiva, a alma individual; Prakriti, a Natureza perecível; e Shakti, o poder criativo.

Brahmasmi: Eu sou o supremo, (Brahman, o Supremo + asmi, eu sou; as, ser). "Eu sou" (asmi) representa a pura Consciência da autoexistência e é, portanto, a expressão da pura consciência ou Purusha. Quando esta pura consciência fica envolvida na matéria, o puro "eu sou" muda em "Eu sou aquilo", "Eu sou tal e qual".

Buddhi: Inteligência, reflexo do real na mente, (bodati, discernir, conhecer). Buddhi é a faculdade que permite à mente perceber objetos no mundo dos fenômenos.

Enquanto Buddhi funcionar através do meio mental, a consciência pura não pode se manifestar. (Budh despertar, observar).

Chetana: Consciência, despertar interno (chit, perceber)

Chidakash: Brahman em seu aspecto de conhecimento ilimitado, o espaço da Consciência, (chit, perceber + akash, espaço, domínio, céu).

Utiliza-se indistintamente como consciência individual e consciência universal.

Chidananda: Consciência/bem-aventurança, a alegria do espírito, (chit, Perceber + ananda, alegria, gozo).

Chidaram: A alegria da consciência, (chit, perceber + ram, desfrutar).

Chit: Consciência Universal, (chit, perceber).

Chitta: Consciência individual, (chit, perceber). Chitta é danatureza da consciência, a qual é imaterial mas é afetada pela matéria. Pode ser

descrita como um produto da consciência e da matéria,, o Purusha e Prakriti. Chitta abarca todos os níveis da mente, sendo manas o mais baixo deles.

Deha: Corpo físico.

Deha-Buddhi: O intelecto, que faz alguém identificar o Ser com o corpo físico.

Digambara: Nu, alguém coberto pelo céu, "vestido de céu" (dish, dik, região ou direção do céu + ambar, roupas).

Gnana: Conhecimento, especialmente o conhecimento superior derivado da meditação, geralmente escrito "jnana" (jna, conhecer). Gnani (jnani), o conhecedor. Gnana é a realização da unidade de todas as coisas em Brahman.

Gunas: Atributos, qualidades. Na filosofia Samkhya, os três atributos da Substância Cósmica (Prakriti) são: harmonia (sattva), passividade (rajas) e paixonalidade (tamas).

Guru: Mestre espiritual, perceptor. Literalmente "aquele que remove as trevas".

Jagrat-Sushupti: Sono vigilante, estado de sono mantendo-se no estado alerta (jagri, estar desperto, atento + sushupti, sono).

Jiva, Jivatman: A alma individual, (jiv, viver). De acordo com o Vedanta, jiva chega ser como resultado da falsa identificação do atmam com o corpo, com os sentidos e com a mente. Atman + o ato de nascer é jiva.

Kalpana: Imaginação, fantasia.

Karma: Ação, especialmente a ação responsável, boa ou má, (Karma, fazer, realizar); o Karma é de três tipos: sanchita (acumulado em nascimentos anteriores), prarabdha (porção do karma passado a purgar na vida presente) e agami (o karma atual, cujo resultado frutificará no futuro).

Karana: Causa, a causa primária antecedendo invariavelmente a um resultado, a causa imanifesta potencial que, no tempo devido, toma forma do efeito visível, a causa material do universo.

Karana é a energia cósmica na forma potencial.

Lila: Representação, jogo, esporte, o cosmos visto como jogo divino. Lila não representa a verdade absoluta de Brahman. É apenas a verdade parcial, o que não se diferencia do não verdadeiro. Por exemplo, alguns

podem descrever o gelo como água e outros como vapor. Ambas são apenas parcialmente verdadeiras.

Mahadakash: A grande expansão da existência, o universo de matéria e energia, (mahat, grande + akash, céu).

Maha-Karta: O grande agente, (maha, grande + karta, agente, de kar, fazer). A mente é o grande agente pois sempre está ocupada, sempre envolta em fazer algo.

Maha-Mantra: A grande encantação. (ver Mantra).

Maha-Maya: A grande ilusão, a irrealidade, (maha, grande + maya, ilusão). Maya é o poder ilusório que oculta a realidade. A natureza de Maya é enganar. Maya é a totalidade de todas as projeções mentais.

Maha Mrityu: A dissolução final, a grande morte de toda a criação.

Maha-Sattva: A harmonia suprema, (maha, grande + sattva, ser, existência harmoniosa).

Maha-Tattva: A grande realidade, a consciência suprema, (maha, grande + tattva, realidade, verdadeira existência).

Maha-Vakya: O pronunciamento sublime, (vach, palavra, som, expressão, vakya, fala, sentença, pronunciamento). Os mahavakyas são conhecidos como quatro declarações dos Upanishades, que expressam as mais altas verdades vedânticas. São estas: Prajanam Brahman (A consciência é Brahman), Aham Brahmasmi (Eu sou Brahman), Tat tvan asi (Aquilo é tu) e Ayam Atma Brahma (o ser é Brahman).

Mana, Manas: A mente, a compreensão, (man, pensar) Manas é a faculdade do pensamento, a faculdade da discriminação. Na filosofia Nyaya considera-se manas como uma substância distinta do Atman, a alma.

Manana: Meditação, reflexão, (man, pensar).

Mantra: Encantação, hino, um instrumento do pensamento, sons ideais visualizados como letras e vocalizados como sílabas, (man, pensar + tra, sufixo de agente). Mantra é um grupo de palavras cuja repetição constante produz resultados específicos.

Marga: Caminho.

Moksha: Emancipação, liberação da existência mundana, (muc, desprender-se, liberar). Mukta, uma pessoa liberta.

Moksha-Sankalpa: Determinação de liberar-se do falso, (moksa, emancipação + sankalpa, determinação).

Mumukshattva: Desejo correto, que consistem na seriedade para conhecer o princípio último e assim alcançar a liberação. Na filosofia Vedanta, uma das quatro qualificações do buscador da verdade: discriminação correta (viveka), desapaixonamento correto (vairagya), conduta correta (sat-sampat) e desejo correto (mumukshattva). Mumukshattva é um intenso desejo de liberação.

Neti-Neti: Nem isto, nem aquilo, o processo analítico de negar progressivamente todos os nomes e formas, (namarupa), dos quais o mundo é composto, para chegar à eterna e última verdade.

Nirguna: O incondicionado, sem atributos, (nir, sem + guna, atributo).

Nirvana: Dissolução final, extinção da chama da vida (nir, fora de + vana, soprado; raiz va, soprar). Portanto, a emancipação da matéria e o reencontro com o espírito supremo (Brahman). "Nirvani", o buscador do nirvana.

Nirvikalpa: Livre de ideias, sem modificações da mente (nir, sem + vikalpa, dúvidas, ideação, fantasia).

Nisarga: Natural, inato, congênito.

Nivritti: Liberação da existência mundana, renúncia, (nir, sem + vritti, de vart, mudar, revolver o modo de vida).

Parabrahman: A suprema realidade, (para, além + Brahaman, a última realidade).

Paramakash: A grande expansão, a realidade intemporal sem espaço, (parm, o mais alto, o mais distante, o maior + akash, o vazio)... Portanto o ser absoluto.

Paramartha: A verdade sublime, (para, além + artha, propósito, conhecimento verdadeiro).

Pragna: Conhecimento inconsciente se si mesmo, consciência cognitiva, Consciência pura. Também é escrito como "prajna" (prajn, sábio, pra, alto+ jna, conhecer). Prajna é a denominação da mais elevada consciência.

Prakriti: A substância cósmica, a causa sem causa original da existência fenomênica, que não tem forma, nem limites, que é imóvel, eterna e todo penetrante, (pra, antes, primeiro, + kar, fazer) Também se denomina "Avyakta".

Prana: O alento da vida, o princípio vital, (pra, antes + ana, alento, respiração).

Prarabdha: Destino, o que começou como uma obrigação (pra, antes + abdham, addhi, depósito).
Portanto o estoque de sanchita karma (karma das vidas passadas) que se tornou o destino na vida presente.
Pravriti: Atividade continuada, predileção em relação à vida mundana, (pra, antes + vritti, modo de vida).
Premakash: O aspecto do amor ilimitado deee Brahman, (prem, amor + akash, expansão, céu). É outro nome de Chidakash, mas dá ênfase ao aspecto amor e não ao aspecto do conhecimento. O amor é a expressão do Ser através do coração. Premakash é o coração + eu sou: eu sou o coração.
Puja: Veneração, adoração (cerimônia de) (pu, puyati, puta: purificar).
Purna: Total, completo, absoluto, infinito, utilizado para Brahman.
Purusha: O espírito cósmico, a causa eterna eficiente do universo, que dá aparência de consciência a todas as manifestações da matéria (prakriti). Purusha está cativo na matéria devido à consciência do "eu", consciência nascida de Chitta- vrittis, o que causa inumeráveis desejos.
Rajas: Potência motriz, atividade, energia, (ra(n)j, estar colorido, afeta, movido). Um dos três constituintes da substância cósmica (sattva, rajas e tamas) sem as quais os outros dois não seria manifestados. Em loga egoísmo.
Sad-chit: A condição transcendental da potencialidade universal, (sat, ser + chit, consciência).
Sadanubhava: Experiência da realidade eterna (sada, sempre + anubhava, experiência).
Sadashiva: A beatitude perpétua, sempre próspera, (sad, sempre + shiva, auspiciosa, graciosa).
Sadchidananda: O último princípio com os três atributos em perfeição absoluta, (sat, ser + chit, consciência + ananda, felicidade, bem-aventurança).
Sadguru: O verdadeiro mestre espiritual (sat, ser transcendental verdadeiro + guru, mestre).
Sadhana: a prática que produz êxito, "siddhi", (sadh, ir direto para a meta, ter êxito).
Sadhu: Um asceta, (sadh, ir diretamente para a meta).
Saguna: Condição manifesta pelos três gunas (sattva, rajas e tamas).

O supremo absoluto concebido, com qualidades como o amor, a compaixão, etc., distinguindo-se do absoluto indiferenciado do Vedanta Advaita.

Samdhi: Estado superconsciente, meditação profunda, transe, absorção no êxtase, (sam, juntos + a, adv., dhi, por juntos).

Uma pratica de ioga em que o buscador (sadhaka) se torna um com o objeto de sua meditação (sadhya), obtendo assim uma bem-aventurança completa.

O samadhi éd de cinco tipos: savikalpa, visualizando um objeto com os sentidos (usualmente um ideal ou um deus) na esfera dualística; nissankalpa, todos os desejos cessam de vir na forma de "sankalpa"; nirvikalpa, além de todas as dúvidas, nomes e forma; nivritti, cessam inclusive as mentações involuntárias (vrittis); nirvasana, cessa inclusive o surgimento instintivo de "vasanas".

Samskara: Impressão mental, memória (sans, juntos + kara, ação, por juntos). Também é chamado vasana, impressão residual.

Samvid: Verdadeira consciência.

Sat: O aspecto transcendental do último princípio em condição ativa (particípio da raiz as, ser). O oposto é "asat".

Sat-Sang: Associação com pessoas sábias e verdadeiras (sat, verdadeiro, sábio + sang, associação).

Sattva: Ser, existência, essência verdadeira, (sat, ser + abstrato formativa tva).

Sattvanubhava: Experiência (anubhava) da verdadeira harmonia do universo (sattva, ser).

Satyam-Shivam-Sundaram: O verdadeiro, o bom, o belo satyam (abstrato de sat, verdadeiro), shivam (shiva, auspicioso, propício), sundaram (sundar, belo).

Satyakama: Aquele que deseja a verdade sublime, (satya, verdade, brahman + kama, kamana, desejo).

Shiva: Um dos deuses da trindade hindu Brahma, o criador; Vishnu, o preservador e Shiva, o destruidor. Shiva realmente significa auspicioso, propício. A destruição do cosmo pelo deus Shiva é um ato propício, pois a destruição antecede a criação. Shiva é amor absoluto "Eu-princípio" no homem. Como um destruidor, ele causa a total aniquilação do ego humano.

Sharavana: Audição das escrituras, o ato de ouvir.
Siddha: Uma pessoa realizada, que atingiu a perfeição, (sadh, ir diretamente para a meta, ser bem sucedido).
Smarana: Lembrança, recitação mental.
Soham: Eu sou ele (so, ele + aham, eu sou).
Sutratma: O elo de conexão entre todos os seres, (sutra, fio, cordão + atma, alma). A corrente que dá sustentação aos mundos manifestados, por conseguinte a pura consciência que é o substrato de todos os seres. Maharaj usa a palavra para o karma acumulado vida após vida.
Swarga: As regiões celestiais.
Swarupa: A própria forma, natureza, caráter, de alguém, (sva, próprio de alguém + rupa, elemento sutil da forma).
Tamas: Escuridão, inércia, passividade. Um dos três constituintes (gunas) da substância cósmica, isto é, sattva, rajas, e tamas.
Tat- Sat: Aquilo é a verdade (tat, aquilo + sat, verdade, ser, realidade). O texto sagrado é "Om Tat Sat" no qual Brahman é identificado em cada um dos três mundos.
Tattva: A verdadeira essência, realidade, (tad, tat, aquilo + tva, sufixo abstrato, isto é, o estado daquilo).
Turya: O estado superconsciente do samadhi, (turya, quarto) o quarto estado da alma no qual ela se torna um com Brahman, a mais alta Consciência.
Turiyatita: Além da mais alta Consciência (turiya + atita, ir além).
Tyaga: Renúncia. Tyaga é a renúncia aos frutos de todo trabalho, isto é, o tyagi deve cumprir o karma com desapego e com nenhum desejo de resultados.
Uparati: Descanso, repouso, tolerância e renúncia de todos os costumes sectários (upa, em direção a, abaixo de, sob + rati, descanso, repouso, da raiz ram, contentar).
No Vedanta, uma das seis aquisições (sat-sampat): a saber, sama, tranquilidade; dama, autodomínio; uprati, tolerância; titiksha, paciência; sraddha, fé e samadhana, equilíbrio.
Vairagya: Ausência de desejos mundanos (vi, à parte, fora + raga, desejo), indiferença ao irreal e transitório. Portanto, completa ausência de qualquer atração em relação a objetos que dão prazer.
Vishnu: Um do deuses da trindade hindu Brahma, Vishnu e Shiva.

Viveka: Discriminação, correta discriminação entre o verdadeiro e o falso, o real e o irreal, (vi, longe, fora + veka da raiz vic, separar, afastar, diferenciar). Viveka é uma expressão da consciência espiritual escondida atrás da mente. Viveka leva ao vairagya.

Vyakta: Matéria manifestada, a natureza desenvolvida, (vi, à parte, fora, longe + akta, particípio passivo de anj, ungir). Portanto desenvolvido, produto ungido. Oposto Avyakta.

Vyakti: Pessoa, o eu exterior.

Vyaktitva: Personalidade, a limitada auto- identificação com o corpo.

Yoga: Um dos seis sistemas da filosofia hindu (de yuj, unir ou juntar). Yoga ensina os meios pelos quais o espírito individual (jivatma) pode pode ser unido ou junto ao espírito universal (paramatma). Acredita-se que o sistema de Yoga foi fundado por Patanjali.

Yoga-Bhrashta: Alguém que caiu do elevado estado de Yoga.

Yoga-Kshetra: O campo do Yoga, o corpo físico no sentido filosófico (Kshetra, campo).

Yoga-Sadhana: Práticas espirituais do Yoga.

Yogi: Alguém que pratica Yoga.

EU SOU AQUILO

UM CLÁSSICO ESPIRITUAL MODERNO

SRI NISARGADATTA MAHARAJ

"A sabedoria me diz que não sou nada. O amor me diz que sou tudo. Entre os dois, minha vida flui."

- Sri Nisargadatta Maharaj -

EDITORA ADVAITA

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-99613-03-0
9 788599 613030